Antonio de Mello Freyre

DICCIONARIO GEOGRAPHICO

HISTORICO POLITICO E LITTERARIO

DO REINO DE

PORTUGAL E SEUS DOMINIOS

I

DICCIONARIO GEOGRAPHICO

HISTORICO POLITICO E LITTERARIO

DO REINO DE

PORTUGAL E SEUS DOMINIOS

CONTENDO

A DESCRIPÇÃO DAS SUAS PROVINCIAS, DISTRICTOS E COLONIAS,
CIDADES, VILLAS, ALDÊAS E LUGARES PRINCIPAES;
SUA POPULAÇÃO, SUPERFICIE, INDUSTRIA, COMMERCIO, AGRICULTURA, PRODUCÇÕES DOS
TRES REINOS DA NATUREZA; SEUS RIOS, MONTES,
PORTOS, LAGOS E MAIS NOTAVEIS CURIOSIDADES NATURAES E MONUMENTOS;
O RENDIMENTO, DESPEZA E DIVIDA DO ESTADO, FORÇA DE TERRA E MAR,
FORMA DE GOVERNO, DIVISÃO POLITICA, MILITAR E ECCLESIASTICA, CARACTER E COSTUMES
DOS HABITANTES, ORDENS MILITARES E A GENEALOGIA
DAS RAINHAS, PRINCIPES E PRINCEZAS QUE EM PORTUGAL TEM HAVIDO.
FINALMENTE A SUA HISTORIA LITTERARIA ATÉ O PRESENTE
NA QUAL SE DÁ NOTICIA DE PERTO DE TREZENTOS ESCRIPTORES DOS MAIS NOTAVEIS,
E FINALISA COM A SUA HISTORIA POLITICA ATÉ A ÉPOCA ACTUAL.

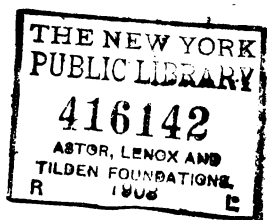
Obra colligida e composta durante muitos annos de residencia,
conhecimentos locaes e bastantes investigações no Reino, bem como
com o auxilio de numerosos manuscriptos e de obras publicadas em diversas
linguas por escriptores tanto antigos como modernos
e de muitos documentos officiaes;

POR

PAULO PERESTRELLO DA CAMARA,

Autor da Descripção geral de Lisboa e seus Arredores; da Theoria de Fracções Complexos e Proporções: do Resumo biographico d'alguns Classicos Portuguezes; das Memorias sobre a Ilha da Madeira: do Tratado de Arithmetica commercial; da Collecção de Proverbios Idiotismos e Anexins da Lingua Portugueza, &c., &c.

Tomo Primeiro

LISBOA
Á VENDA EM CASA
DOS PRINCIPAES MERCADORES DE LIVROS
1850

PROLOGO

Mui raras são as obras que modernamente tem sahido à luz sobre a geographia de Portugal, a não serem traducções ou repetições de anteriores compendios que pouco ou nada adiantão. Destacadamente porém algumas boas noticias topographicas se publicárão no *Panorama*, e outras politicas na *Revista de Lisboa:* algumas chorographias de provincias isoladas as tinhão precedido, taes como a Caboverdiana, a Açoriana, a de Moçambique, e finalmente a volumosa porém pouco selecta e noticiosa estatistica de Balbi. Estas ultimas obras, comtudo, além de não corresponderem ao designio esperado, não são de recente data. Este inconveniente, ainda que leve em certas circumstancias, prejudica essencialmente aos escriptos que tem por objecto a descripção de um paiz que, como Portugal, ha quasi meio seculo tem sido o theatro de continuas convulsões politicas, convergindo mais ou menos para a anniquilação de suas anteriores instituições, e a retrogradação ou progressos da sua civilisação. As mais exactas noções pois sobre o seu estado tem por assim dizer caducado de década em década, em virtude das frequentes borrascas que mais de uma vez lhe derribarão o edificio social pelos alicerces.

Debalde se tentaria só com as supraditas obras, seja qual fôr o seu merecimento, e com algumas outras pela maior parte de autores estrangeiros, coordenar um compendio regular do que mais notavel apresenta o nosso paiz tão mal avaliado por quem o não conhece. A

falta de um *Tratado Geographico-Historico-Politico e Litterario*, que fiel e imparcial guiasse os amadores e investigadores das cousas patrias na elucidação de tantas materias, e desmentisse as patranhas e os absurdos, filhos da ignorancia, da philaucia e do egoismo, com que a officiosa França ou Inglaterra nos mandão por esmola todas as vezes que seus escriptores fallão de Portugal, esta lacuna se fazia geralmente sentir. — Emprehendemos pois no presente escripto apresentar a maior copia de noticias que encerrar-se possa no quadro de dous volumes, a respeito da monarchia portugueza, aproveitando-nos de alguns trabalhos já existentes, do fructo de nossas indagações e informações praticas, pois grande parte das terras e cousas que descrevemos é segundo nossos conhecimentos locaes. Até mesmo a posição official que occupámos na confecção do cadastro do reino e da resenha dos espolios das extinctas communidades religiosas, nos elucidou em muitos pontos na parte estatistica, litteraria, monumental e de antiguidades.

Não faltará por ventura quem nos accuse de plagiato; — qual será porém a obra estatistica deste genero que não tenha a dizer o que outros tem dito, e estes copiado ou imitado ainda de outros copiadores ou imitadores? — Os geographos e historiadores não podem deixar de transcrever ou repetir: é porém manifesto que a diversidade, a importancia, o methodo e a escolha das materias que constituem uma estatistica, devem torna-la mais ou menos recommendavel. Esforçando-nos em preencher essa tarefa, incorremos na obrigação de não sermos ingratos, declarando as obras donde extrahimos alguns artigos e informações, bem que sempre referimos nos competentes lugares os nomes dos autores, os quaes são os seguintes: J. M. de Souza Monteiro, João Baptista de Castro, J. da Luz Soriano *(Cerco do Porto)*, Mac Gregor's Statistics, Chaumel de Stella, Ferdinand Denis *(Hist. de Port.)*, Principe de Lichnowsky *(Recordações)*, José L. Freire de Carvalho, Francisco Freire de Carvalho, A. P. Lopes de Mendonça, Adriano Balbi *(Statistique)*, Don José Urcullú, F. P. Fernandez Pereira *(Taboa estatistica)*, e finalmente o *Panorama*, *Archivo*, *Revista* e o *Bosquejo* que precede o *Parnaso Lusitano*. Bem a nosso pezar declaramos que no relativo ao commercio, agricultura, industria e producções pouco ou nada encontrámos nesses mananciaes que colher: é neste ponto a estatistica de Portugal a mais pobre talvez da Europa, não existindo um unico escripto (em nosso saber) relativo a qualquer desses assumptos.

Na parte litteraria aproveitámos muito do *Ensaio* de F. Freire de Carvalho, acrescentando-lhe alguns juizos já emittidos na nossa obra publicada em 1839, com o titulo de *Descripção Geral de Lisboa*, e outros extrahidos do *Bosquejo* do Parnaso. Na parte historica não tivemos a presumpçosa ideia de apresenta-la em todos os seus devidos aspectos, que aliás é tarefa de muito mais habil penna contemporanea : neste ramo temos em portuguez duzias de autores, bem que nenhum compendio perfeito, e á excepção de dous ou tres, nenhum trata da época moderna, da de nossos dias, da mais interessante para a geração actual: é pois por esse motivo que insistimos em narrar o mais extensamente que nos foi possivel o periodo que medea do anno de 1800 até o presente. É possivel não escaparmos á critica da malevolencia ou da inveja: seja como fôr, e a despeito de todos os obstaculos, seguimos nosso unico impulso de imparcialidade, sem prejuizos, sem odios, e até seremos insensiveis ao ressentimento que por acaso possa despertar nossas singelas linhas.

O plano pois de uma *Descripção Geographica-Politica de Portugal* está traçado: poderá por ventura ser emendado, modificado, adornado e engrandecido pelo tempo, pela emulação e pelos progressos das sciencias. Seremos os primeiros em applaudir esses aperfeiçoamentos; não poderemos comtudo deixar de sentir uma interna satisfação em havermos offerecido a nossos concidadãos um grande quadro: embora tenhão occasião de relevar o que houver de menos exacto, de fixar o que se achar incerto, e de preencher as falhas que não podem deixar de existir nelle.

Abreviaturas usadas no decurso desta obra.

Cap.	Capital.	N.	Norte.
Conc.	Concelho.	O.	Oeste *ou* Poente.
Distr.	Districto.	Pov.	Povoação.
E.	Este *ou* Oriental.	Prov.	Provincia.
Freg.	Freguezia.	Port.	Portugal.
H. *ou* Hab.	Habitantes.	S.	Sul *ou* Meio dia.
Lat.	Latitude.	Sit.	Situado *ou* Situação.
Leg.	Leguas.	Univ.	Universidade.
Long.	Longitude.	° grão.... ' minuto....	" segundo.

Por exemplo: Lisboa está situada em 38 grãos, 41 minutos e 59 segundos de latitude Norte, e 11 grãos, 32 minutos e 3 segundos de long. occidental de Paris.

Lisb. sit. 38°, 41', 59", lat. N., e 11°, 32', 3" long. Oc. de Paris.

DICCIONARIO GEOGRAPHICO

HISTORICO E POLITICO

DE PORTUGAL

E SEUS DOMINIOS EM 1850

A

Abaças, povoação do termo de Villa Real, junto ao riacho do mesmo nome, que se lança no rio Corgo, perto da sua confluencia com o Douro; 1,120 habitantes.

Abelheira. Serra sit. a meia leg. da villa de Moura, cujos cumes não excedem 1,700 pés. Fornece pastos a muito gado; abunda em caça de todo o genero, hervas medicinaes, e em *abelhas* donde lhe veio talvez o nome.

Abitueiras, villa com 990 hab., a 7 leg. de Coimbra e 28 de Lisboa.

Abiul, villa do termo de Leiria com 1,437 hab.

Aboim de Nobrega, villa e freg. a 4 leg. de Braga, 1,040 hab.; ha mais 4 pov. com o mesmo nome de Aboim, —uma no conc. de Guimarães com 500 hab.—outra no de Amarante com 200 — outra denominada das *Choças*, no de Arcos de Val-de-Vez com 362 — e outra denominada de *Codeçoso*, no de Canavezes, com 600.

Abrãa, amena aldeia vizinha de Santarém com 580 h.

Abragão, aldeia sit. a 8 leg. do Porto, no conc. de Penafiel, com 1,040 hab.

Abrantes, villa e praça de guerra importante situada na margem direita do Tejo, a 28 leg. de Lisboa, n'uma fertil e amena planicie, contém 4,650 hab. Faz importante commercio em trigo, azeite, vinho e frutas, e a sua igreja de S. Vicente é uma das mais formosas do reino. Julga-se ser esta villa a antiga *Tibucci* ou *Tivuci*, fundada pelos Celtas 308 annos antes de J. C.—É aqui que se terminou em 1808 a perigosa retirada dos Francezes que atravessarão a Beira e Estremadura apezar da forte resistencia que acharão. Napoleão em recompensa condecorou Junot, seu chefe, com o titulo de duque d'Abrantes.

Abreiro, villa e freg. do distr. de Villa-Real, na direita do Tua, com alta ponte de pedra n'um despenhadeiro; é de lanço atrevido e solido.

Abrunhosa, villa e freg. a 4 leg. de Viseu; é notavel pelo devoto e lindo sanctuario que contém; 600 hab.

Achete, freg. vizinha de Santarém com 1,060 hab.

Açor. Ha no reino duas serras deste nome, uma na Beira, a qual principia no termo de Villa-Coja e acaba na de Arganil, occupando o espaço de 7 leg. de compr. e 2 de larg.; a outra jaz no Algarve.

Açores, pov. sit. a 2 leg. da Guarda; nas suas vizinhanças se tem encontrado antiguidades; 506 hab.

Açores. Este archipelago, composto de nove ilhas e alguns ilhotes, e situado no Oceano Atlantico entre 37.° e 39.° de latitude N. e 16.° a 21.° de longitude occidental do meridiano de Lisboa, donde dista perto de 300 leguas, foi descuberto em 1432 por Gonçalo Velho Cabral, e por ter ahi encontrado muitos milhafres chamados então *açores*, lhe deu esse nome. Tambem ao principio se lhes chamou *Terceiras*, por se julgar que a deste nome e terceira na ordem da descoberta, era a maior de todas, bem como *Ilhas Flamengas*, porque alguns Hollandezes ahi aportarão quasi ao mesmo tempo

que os Portuguezes, e as povoarão em parte. Os Inglezes chamão-lhe *Western Islands* (ilhas occidentaes).

Suppõem alguns autores que este archipelago, assim como o da Madeira e Canarias, sejão restos da antiga ilha *Atlantida*, de que falla Platão e outros antigos escriptores, a qual fôra submergida por algum espantoso terremoto, cataclysma, ou revolução da natureza. Com effeito os terremotos são o unico flagello destas afortunadas ilhas, cuja natureza volcanica é attestada em toda a parte por crateras, quebradas e desabamentos, cavernas, lava, aguas-thermaes e sulfureas, e volcões em perenne elaboração.

Não são porém já tão frequentes os terremotos, e causadores de grandes revoluções physicas, como deverão ter sido os que anteriores á sua descoberta derão a estas ilhas o aspecto que hoje tem. Se exceptuarmos os de 1531 e de 1755, não tem sido geraes. Parece terem consideravelmente diminuido pelos grandes respiradouros que tem no Pico, S. Miguel e Terceira. É para notar, que só apparecem depois de grandes chuvas precedidas por longa secca, o que é raro neste paiz. São todavia espantosos os seus effeitos, quando mesmo parciaes.

Em 1668 uma erupção volcanica formou uma ilhota a 15 leg. de S. Miguel, a qual desappareceu poucos annos depois. Em 1719 houve no mesmo sitio nova erupção, e nova ilhota que se sumio em 1723, achando-se no lugar onde existira um fundo de setenta braças; um naturalista inglez calculou que a materia expellida pelo volcão, a qual formára a ilhota, excedia muito a que durante 2,000 annos tinha sido lançada pelo Etna.

Em 1811 a meia leg. de S. Miguel, houve tão formidavel explosão, que do fundo de quarenta braças fez subir turbilhões de chammas, cinzas e pedras de enorme grandeza, fluctuando na praia grande quantidade de

peixe cozido ou torrado, formando-se nesse lugar uma restinga. Alguns mezes depois houverão na ilha tres dias de repetidos tremores de terra que fizerão desabar algumas rochas e casas, e em seguida appareceu fumo na restinga; no dia 16 de Junho duas columnas de fogo que continuarão nos seguintes dias com chammas, cinza e pedras enormes, produzirão grande estrondo, e viva luz no ar. No dia 18 já a bocca da cratera era visivel, e continuava a erupção tão forte, que o convez de uma fragata ingleza que se achava a mais de uma legua, ficou cuberto de areia preta; a ilhota continuou por algum tempo até desapparecer e deixar em seu lugar um baixio. O mais recente effeito destes phenomenos é o de 1841, terremoto que destruio completamente a *Villa da Praia.* (Veja-se *Terceira.*)

«Tudo quanto ha de espantoso, extraordinario e sublime, diz o autor da *Corographia Açoriana*, tudo o que póde inspirar admiração, todos os quadros nobres, tristes ou melancolicos, que a natureza se approuve espalhar em suas composições, tudo quanto póde offerecer em suas scenas romanticas e sublimes, parece ter-se reunido neste paiz para delle fazer o paraiso mundano. Seus bosques de bellos e fructiferos arbustos, vales, montanhas cobertas de pastagens, e os rochedos e lavas dos volcões tapeçados de fortes vinhas e outras proveitosas plantas cobrindo os naturaes defeitos do terreno; esta variedade agradavel torna a sua face assaz magestosa: debalde uma habil penna ou delicado pincel traçaria suas bellezas para dellas nos dar ideia exacta. Todos os gozos da natureza são aqui realçados pela diversidade de objectos que quasi a cada passo se succedem, e em muitos e diversos sitios onde a variedade de vistas pittorescas é espantosa. É aqui que os admiradores da natureza devem viajar, e podem encontrar o culto mais innocente, a

mais ampla recompensa, e o gozo mais puro. As vistas do vasto Oceano e dos effeitos dos volcões e erupções fazem o complemento das mais serias e profundas meditações a que póde aspirar a ambição do viajante philosopho. »

Que antes dos Portuguezes descobrirem estas ilhas, forão ellas ao menos em parte conhecidas por navegantes do Norte da Europa, está provado pela estatua equestre que se achou na ilha do Corvo, segundo refere Damião de Goes e o jesuita Cordeiro. E certo porém que os Portuguezes as encontrarão deshabitadas e cubertas de frondoso arvoredo com muitas qualidades de aves, mas nenhum quadrupede. Admira-se neste archipelago uma grande vegetação, devida sem duvida á natureza do seu terreno volcanico e humido. A sua temperatura é mais benigna que a da Beira e Estremadura que estão na mesma latitude. O calor do verão é suavisado pelo vento do mar, e o inverno apenas differe por estar a atmosphera frequentemente nebulosa, chover abundantemente, e ás vezes ser tão forte o vento que se assemelha ao furacão. O terreno é geralmente fertilissimo e abundante de cereaes, legumes e carnes de porco, que de tudo se exporta para o reino, Madeira e outros paizes: os vinhos do Pico e Fayal são estimados, e as laranjas de S. Miguel são as mais apreciadas nos mercados de Inglaterra, Norte da Europa e Estados Unidos. Além disso a sua benigna temperatura consente que a par dos fructos da Europa medrem igualmente os dos tropicos. O gado vacum e lanigero tambem é muito abundante e de saborosissimo alimento; o cavallar é pequeno, porém o suino é gigantesco, e não é raro de encontrar porcos cevados pesando vinte arrobas. Ultimamente se começou a praticar a providencia governativa de ensaiar a salga das carnes na ilha de S. Jorge para exportação, e seu resultado tem

sido mùi proveitoso. Os seus queijos são igualmente muito estimados no reino e Madeira. Sabendo-se pois aproveitar os perennes mananciaes com que a natureza mimoseou este fertilissimo torrão, isolado no meio do Oceano, de clima benigno, mar piscoso, abundante de tudo, posição geographica das melhores, e producções das que hoje se considerão no Norte como de primeira necessidade, com o melhoramento e construcção de portos, e a introducção de novas especies n'um terreno susceptivel de muitas outras producções, este archipelago póde subir a grande auge de prosperidade, e dahi evitar que emigrem para terras inhospitas os habitantes de um paiz fertil, ainda cuberto de chãos baldios. É um mal bem reconhecido e urgente que a falta de um bom e espaçoso porto, centro commum, obstará sempre a que o commercio destas ilhas possa chegar a um alto grão de prosperidade, e isto em parte se poderia remediar pela recente invenção dos *pontões boiantes* de madeirame, onde quebra e amortece a onda, dando bom ancoradouro; o mar geralmente ahi é bravio e agitado por ventos geraes: todos os invernos lhe acontecem catastrophes.

Agricultura. Producções. Os terrenos visinhos do mar, de admiravel fertilidade, produzem toda a qualidade de grão: o milho e trigo se semeia quasi sempre alternadamente; o primeiro, para cuja sementeira se emprega o adubo da rama de tremoços, produz em annos abundantes oitenta alqueires por cada um de semente, e o segundo de vinte a vinte e cinco por um, bem que a sua producção seja mais devida á natureza que á arte, observando-se a mesma defeituosa e desleixada pratica rural na maior parte dos Açores. A agricultura de S. Miguel e Fayal é a mais florescente. Os terrenos pedragosos, magros e soalheiros, produzem vinhas; e nos de terra solta, areenta, humida e alcantilada, se cultiva todo o genero de

vegetaes e cereaes. Os interiores das ilhas supposto prometterem aturada fertilidade, nunca forão bem roteados: jazem cobertos de mato e urzaes; ainda nas montanhas mais estereis prosperão os pinheiros, e algumas matas delles vão já começando a povoar essas serranias. Este archipelago abunda geralmente em aguas mineraes; são muito efficazes as thermaes do *Valle das Furnas* em S. Miguel. As sulfureas e ferreas das *Caldeiras* curão radicalmente affecções cutaneas e rheumaticas. Notão-se as fontes quentes das *Furnas*, na Terceira, e outras no Pico, que petrificão qualquer páo que se lhes lance.

No reino vegetal, como já fica dito, produz todos os generos da Europa, e a maior parte dos da America, a saber: trigo, milho, centeio, cevada; fava, feijão, ervilha, lentilha, tremoço e chicharo; batatas, da ingleza e doce, inhame, cará e aipim. Toda a qualidade de plantas hortenses e de superior qualidade, avultando entre ellas delicados morangos e perrexil que prospéra sem cultura. De arvores fructiferas, além de outras muitas, a larangeira, limoeiro, cidreira, pereira, macieira, pecegueiro, damasqueiro, castanheiro, figueira, nogueira, cerejeira, nogueira, amoreira, &c., &c.; e das da America, cafezeiro, algodoeiro, canna de assucar, bananeira, coqueiro, ananás, &c.; teixo, vinhatico, til, faia e outras preciosas madeiras, assim como diversas plantas medicinaes; immensa caça do ar e do chão, como perdizes, codornizes, marreco, gallinhola, pombo torcaz, coelho, &c.; toda a casta de aves domesticas, as quaes custão baratissimo; bicho de seda e cochonilha, que de per si poderião fazer a riqueza do paiz. O seu mar abunda em delicados peixes, e entre os testaceos se nota o *caramujo*, a *craca* e a *lapa* mais saborosas que a ostra europea. O seu benigno clima e variadas producções favorecem de tal modo o augmento da população, que de continuo estão a sahir para o Brasil navios

carregados de centenares de ambos os sexos, com a mira em mais prospero futuro, porém que na grande maioria se póde dizer, trocão sua condição de homens pobres porém livres, por uma não menos trabalhosa existencia neste paiz: tambem muitos emigrão para os Estados Unidos. D'antes era o governo que se encarregava de effectuar essas emigrações; numerosos casaes de Açorianos passarão a ir povoar o Alemtejo (*Malte-Brun*, 4.° *vol.*, *p.* 244); pelos annos de 1556 o Pará e Maranhão recebêrão ambos perto de seiscentos casaes delles; Santa Catharina e Rio Grande do Sul, no ministerio do marquez de Pombal, outros oitocentos casaes; o Rio de Janeiro em 1812 mais de mil casaes, aos quaes o governo d'então prometteu grandes vantagens, e a tudo faltou, não lhes pagando até a passagem, pela paga da qual muitos se escravisarão moralmente.

A população total dos Açores, segundo o ultimo recenseamento, é de 250,000 habitantes, brancos, vigorosos e bem afeiçoados. É digno de espanto o ver como alguns ignorantes geographos dão estas ilhas habitadas por gente de côr, e nellas admittem ainda escravos, quando destes nunca chegou a ter mais que alguns servos, e a escravidão acabou no seculo passado, e as pessoas pretas ou pardas em toda a provincia não excedem a 300! A sua superficie total é de 190 leg. com pouca differença. A *Corographia Açoriana* lhe dá, detalhando ilha por ilha, 279 leguas, e em globo mais de 600, calculando que todas ellas reunidas formarião um terreno de 40 leguas de comprimento e 20 de largura, computo que julgamos muito erroneo em principios. Balbi calcula a sua superficie em 800 milhas, as quaes se fôrem das do seu paiz, isto é, de tres em legua, avultaráõ em mais de 266, que tambem julgamos excessivo, porém muito diminuto se fôrem das de 9; o Almanak de Gotha de 1848

lhe dá só 96 leguas de 20 ao gráo, e Malte-Brun pouco mais, &c., de sorte que as differenças são notaveis; porém calculando o comprimento e largura de cada ilha de per si, como adiante se verá, achamos ser 190 leguas a sua mais provavel superficie quadrada, e maior que a do Algarve. Contém o archipelago tres governos civis, o de *Angra*, *Ponta Delgada* e *Horta*, capitaes das tres divisões, central, oriental e occidental; um bispo; um general das armas de toda a provincia e uma Relação. O seu rendimento anda por 525 contos de réis, a maior parte proveniente de direitos de importação e de dizimos, que ainda ahi subsistem, assim como na Madeira, e a despeza pouco excederá 300 contos (*Mc. Cullock's Geogr.* 1841). Exporta annualmente para mais de 160,000 caixas de laranja, 25,000 moios de trigo, milho e feijão; 12 a 15,000 varas de panno de linho; carnes, legumes, &c., e 22,000 pipas de vinho e aguardente, principalmente do Pico e S. Jorge, mas com o nome de *Fayal*, e alguma urzella, cuja producção já foi abundante, assim como a de canna de assucar, pastel e linho, do qual ainda fabríca bastante para seu consumo e exporta para o Brasil alguns tecidos. O commercio externo de todos os Açores reunido occupou em 1841 o numero de 808 embarcações de todos os lotes, importando o valor de 860 contos e exportando o de 1,140, moeda forte, nas seguintes nacionalidades: Portuguezes 296; Inglezes 273; Americ. Ingl. 220; diversos 18.

Em 1431 o infante D. Henrique, animado com o descobrimento do Porto Santo e Madeira, que 11 annos antes tivera lugar, mandou tentar novas explorações maritimas para descobrir novas terras: para isso partio de Sagres Gonçalo Velho Cabral, o qual, navegando para o Poente, deu fé dos Abrolhos, a que chamou *Formigas*, por se encarreirarem muito estes rochedos, fervendo entre elles o

mar continuamente, e ás vezes rebentando na altura dos mastros dos navios. São perigosos e improprios para habitação humana, espalhados por espaço de mais de duas leguas; o mais alto surge oito braças acima do nivel do mar, está mais ao Norte separado dos outros, figurando de longe um navio á vela.

Voltou Gonçalo Velho Cabral para o reino sem noticia de melhor descoberta; porém no anno seguinte de 1432, commettendo a mesma empreza, foi mais feliz, aportando á ilha mais oriental, a qual chamou Santa Maria. Custa a crer que, distando ella só 11 leguas de S. Miguel, ficasse esta ultima por descobrir pelo espaço de 12 annos. A este respeito se contão algumas fabulas. (O mesmo aconteceu com o Porto Santo e Madeira.) O certo é que em 1444, em sua quarta viagem, a descobrio o mesmo Gonçalo Velho e a denominou S. Miguel, por duplo motivo: o de a ter avistado a 8 de Maio, dia da apparição de S. Miguel, e aborda-la em 1445 a 29 de Setembro, anniversario da dedicação do mesmo archanjo. O descobrimento da *Terceira* foi posterior e incerto, porém foi assim denominada por ser a terceira na ordem da descoberta. Da historia particular desta ilha, que, tanto no dominio dos intrusos Philippes, como em nossos dias, foi o baluarte da fidelidade nacional, se fará menção no seu artigo particular. Successivamente se forão descobrindo as outras ilhas, sem comtudo podermos positivar aqui a exactidão das datas. Na ordem de tamanho a maior deste archipelago é a do *Pico*, porém indubitavelmente a mais importante de todas é a de *S. Miguel*.

O chefe da igreja açoriana é o bispo d'*Angra*. Toda a provincia contém 133 freguezias, parochiadas por 287 ecclesiasticos, vigarios, curas, coadjutores ou beneficiados, além dos 33 que officião na sua matriz (anno de 1846). O governo geral das armas da provincia, a qual forma a

10.ª divisão militar, reside em Ponta Delgada: ha mais dous commandantes militares a elle subordinados, em Angra e Horta.

Estatistica da provincia dos Açores.

NOMES DAS ILHAS.	Maior comprimento.	Largura media.	Superficie em leguas quadradas.	População em 1849.
Açores Orientaes.				
S. Miguel.	16-1/2	2 a 5	45	97,300
Santa Maria.	3-1/2	2-1/2 a 3	7	9,240
Açores Centraes.				
Terceira.	8	3 a 5	31	43,126
Graciosa	4	2	7	15,000
S. Jorge.	11-1/3	1-1/2 a 2	14	21,900
Pico.	17	3 a 6	56	29,000
Fayal	5	3 a 4	16	25,860
Açores Occidentaes.				
Corvo.	2	1	2	1,098
Flôres.	5	2 a 2-1/2	12	11,230
			190	253,754

(*N. B.* Na divisão dos Açores Occidentaes não só se comprehendem Corvo e Flôres, que formão um grupo, mas tambem Fayal e Pico, descriptas no grupo central.)

Açores Orientaes, capital *Ponta Delgada.* Este grupo compõe-se de duas ilhas, as mais proximas da Europa, *S. Miguel* e *Santa Maria:* os rochedos denominados *Formigas* medeião entre ellas; a capital do districto dista duzentas e sessenta e cinco leguas ao Poente de Lisboa.

S. Miguel, a mais importante de todas as ilhas dos Açores, tem de comprimento 16-1/2 leg., variando na largura de 2 a 5. A sua superficie é de 45 leg. quadradas

de 20 ao gráo, e a sua população de 97,300 almas, repartidas em quarenta e tres parochias, uma cidade, cinco villas e muitas aldêas. Deriva o seu nome do dia em que foi descoberta, a 8 de Maio de 1444 (apparição do archanjo S. Miguel); tem adjacentes os tres ilheos de Villa Franca, Rosto de Cão e dos Mosteiros; é limitada em torno por baixas rochas de lava e em poucos lugares por pequenos areaes. Tem no centro alguns pequenos montes e outeiros, uns primitivos, outros produzidos por volcões. O seu clima é temperado e sadio, bem que humido; o solo fertilissimo em cereaes, frutas e vegetaes, apresentando um risonho panorama a diversidade da sua cultura.

Os volcões desta ilha, pelo grande destroço que tem causado, fazem importante objecto da sua geographia physica. A erupção de 1444 a 1445, mediante a primeira e segunda viagem dos Portuguezes, destruio a grande ponta do Poente que elles havião marcado na primeira derrota, e deixou duas grandes caldeiras que formão hoje grandes lagôas, cujo sitio se denomina *Sete Cidades*. A erupção de Villa Franca, em 1522, é talvez a mais devastadora que ahi se tem observado; o alto monte Rabaçal, ao Nordeste uma milha da mesma villa, que então era a capital da ilha, impellido pelos fogos subterraneos, desabando sobre a povoação, bem como o morro Louriçal, arrasárão-a, accrescentárão algumas braças pelo mar dentro, e submergirão perto de 4,000 pessoas. O volcão do Pico do Sapateiro, em 1563, vomitou espantosas torrentes de lava e areia, que corrêrão para o mar. Em 1652 e 1720 esta ilha soffreu terriveis terremotos, e muitos de seus campos ficárão assolados e povoações destruidas. A erupção de 1811, que formou uma ilhota, já vem descripta a paginas 3. Tambem pelas partes componentes da sua natureza, possue esta ilha preciosas aguas mineraes e caldas, que curão radicalmente as molestias a que

são applicadas, principalmente as da extincta cratera do Val das Furnas. A copiosa agua que sahe desta enxofreira com surdo ruido é tão quente, que os habitantes poem a cozer no seu vapor batatas e inhames estendidos por cima de uma camada de mato ou grelha de páo.

Encerra S. Miguel risonhas e dilatadas planicies bem cultivadas. Tem vinho e gado de todas as qualidades para consumo e até exportar, principalmente porcos de extraordinario tamanho. Os comestiveis de primeira necessidade custão baratissimo; tem poucas matas, porque forão antigamente destruidas no fabrico do assucar. É nos cereaes e fruta de espinho que consiste a sua principal riqueza: entre milho, trigo, centeio, cevada, feijão, &c., produz annualmente uns 36,000 moios; o cultivo da laranja ainda lhe é mais proveitoso, como se verá na seguinte demonstração, extrahida de *Mac Gregor's Statistics:*

Exportação da ilha de S. Miguel em 1840.

Moios de trigo 12,153, . .	Ls. st. 62,205. . . .	Rs.	273,702$000
Caixas de laranja	» 90,000. . . .	Rs.	396,000$000
	152,205 a 4$400	Rs.	669,702$000
Nesse mesmo anno importou de Inglaterra, Portugal, Estados Unidos e outros paizes. .	Ls. st. 95,312. . . .	Rs.	419,372$800
Saldo a seu favor em moeda forte.			250,329$200

Exportação da ilha de S. Miguel em 1841.

Laranja para a Inglaterra .	Ls. st. 88,146		
Dita para diversos paizes	13,073		
Trigo para Portugal 36,060 *quarters*	57,964		
Outros productos e manufacturas. .	5,060		
Dinheiro e miudezas para diversos. .	1,366		
Cada L. st. valendo 4$400 . . .	165,549. . . .	Rs.	728,415$600
Nesse mesmo anno importou de diversos paizes e de Portugal	Ls. st. 124,328. . . .	Rs.	547,043$200
			181,372$400

(Mac Gregor's Statistics, 2.ª vol., pag. 1169.)

O rendimento do districto de Ponta Delgada para o anno economico de 1846 a 1847 foi calculado no orçamento do ministerio da Fazenda em 211,131$420. A sua colheita de cereaes em 1847 excedeu a 45,000 moios, além de muitos farinaceos.

A industria dos Michaelenses foi outr'ora de alguma consideração; não só manufacturavão tecidos de lãa com que se vestião, mas tambem exportavão pannos de linho para o Brasil, onde ainda hoje são estimados. A bem montada fabrica da Ribeira Grande, que os Inglezes comprárão e queimárão, chegou a prosperar muito. As delicadas obras de linhas, de pennas e de cera, e os doces que se fazem nos conventos são dignos de elogio. Os Hollandezes antigamente tiverão no Val das Furnas uma fabrica de pedra hume que produzio avultada porção. Tem esta ilha tido suas épocas de florescencia: a primeira foi nas grandes e ricas lavouras de assucar, as quaes diminuirão tanto pelo bicho e *alforra* que subsequentemente forão dando na canna, como pela falta de lenhas para a sua manipulação; depois na cultura do pastel, que totalmente se extinguio pelos pesados tributos no tempo de D. João III e do dominio hespanhol; a terceira nas grandes lavouras de cereaes, que diminuirão pelos direitos prohibitivos, ou antes, prohibição de sua entrada no reino, o que felizmente já não tem lugar; e finalmente no regresso da abundancia do mesmo grão que tanta sahida tem para Portugal, Madeira e outros paizes, e a laranja para a Inglaterra e portos do Norte.

A praga de insectos que em 1840 se espalhou no Fayal, e que ameaça de extinguir as larangeiras, invadio esta ilha em 1843. «O corpo legislativo, considerando que a laranja de S. Miguel rende annualmente 500 contos de réis, autorisa o governo a pôr um tributo de 30 rs. nas caixas grandes, e de 20 rs. nas pequenas (o qual só vem a ser pesado

aos consumidores estrangeiros), e applicar o seu producto aos meios de extinguir essa praga. »

A ilha de S. Miguel tem sempre acompanhado Portugal em todas as suas phases politicas. Os emigrados da Terceira, com o então conde de Villa Flôr á frente, desembarcárão nella no 1.° de Agosto de 1831, em força de 1,500 homens, e depois de ganharem a renhida acção da Ladeira das Velhas, contra 3,000 miguelistas, se apoderárão della. Em 1847 tomou parte na contenda politica a favor da *patuléa*, porém sem effusão de sangue; do mesmo modo voltou ao governo estabelecido antes.

Ponta Delgada, sua capital e dos Açores orientaes, cidade vistosamente sit. n'uma bahia no lado do Sul da ilha, e por conseguinte exposta aos ventos deste quadrante, que quasi todos os annos ahi produzem catastrophes, é a mais populosa, rica, formosa e commerciante povoação de todo o archipelago, a séde do tribunal da Relação açoriana, da 10.ª divisão militar, e do 19.° districto administrativo. Tem alguns bons edificios, e entre elles o castello de S. Braz com 100 peças de artilharia de grosso calibre, e que defende o porto junto com os de S. Pedro e Rosto de Cão; as suas ruas são limpas, tem alguns chafarizes e jardins, uma grande praça (S. Francisco), boas casas apalaçadas, pertencentes á sua nobreza, que é numerosa, e proporcionalmente muito mais rica que a de Portugal; do seu passeio publico se goza uma vista magnifica. Os arredores são formosos e ferteis. A sua alfandega é a quarta maritima da monarchia: de 1846 para 1847 rendeu 64:300$000 rs. fortes. Contém 23,400 hab., Lat. N. 37°—48'. Long. O. de Paris 27°—42'.

Alagôa, villa grande e rica, sit. á beiramar em terreno plano, duas leguas ao Nascente da cidade; contém nas suas duas freguezias 3,984 hab., dados á lavoura, criação de gado e pesca.

Agua de Pdo, villa mediocre, situada quasi no centro da ilha a 1 1/2 leg. d'Alagôa, tem alguns cortumes, lenhas e abundancia de aguas; pop. 2,700 hab. O seu porto, *Val de Cabaços*, é abrigado e naturalmente defendido.

Villa Franca do Campo, a mais antiga villa dos Açores, sit. 5 leg. a E. de Ponta Delgada, já foi capital da ilha, e destruida em 1522 por um fortissimo terremoto. O seu porto offerece algum abrigo, bem como o ilhéo que lhe fica fronteiro a uma milha. Tem um forte com 10 peças e 4,300 hab. O assucar e pastel enriquecêrão esta villa em tempos antigos.

Nordeste, pequena villa na ponta da ilha, que lhe dá o nome, tem uma pequena enseada desabrigada, mas naturalmente defendida, e 2,200 hab.

Ribeira Grande, villa consideravel, populosa e abastada, erecta em 1507, sit. quasi em meio da ilha n'uma agradavel planicie, é atravessada por uma larga ribeira que lhe dá o nome. É uma deliciosa habitação para os amantes do socego do estudo e da natureza, e foi celebre pela sua grande fabrica de pannos de lãa e algodão, que não só abastecia a ilha, mas até se exportava, e que os Inglezes comprárão e destruirão no seculo passado. Os seus habitantes, que excedem a 10,000, tem grandes lavouras de cereaes e vinhos baixos, linho do melhor dos Açores, e são geralmente abastados. Esta villa é o solar da illustre casa dos Camaras, condes da Ribeira Grande, o actual herdeiro da qual, poucos annos ha, se aparentou com a casa real de Portugal, desposando a herdeira da casa de Lafões.

Rabo de Peixe, a mais consideravel aldêa de todos os Açores, sit. em terreno fertil e plano na beira-mar, contém 5,000 hab. e excede algumas das villas até principaes de Portugal, em grandeza e importancia.

Mosteiros, aldêa consideravel sit. na ponta occidental da ilha, a qual por sua população e riqueza já ha muito deveria ser villa. Seus habitantes frequentão muito a pesca e crião gado; tem um bom portinho defendido por um forte.

Ilha de Santa Maria. Esta ilha, a mais oriental de todas as dos Açores, está sit. a Sueste de S. Miguel, e em 36° 58' 45" de lat. N. — O seu nome é derivado da invocação do dia do seu descobrimento: contém 3-1/2 leguas de comprimento e 2-1/2 a 3 de largura, 7 de superficie, e 9,240 hab. em 17 freg. Os rochedos que bordão a sua costa são escalvados; quatro ilheos principaes se achão no seu circuito, e são: o dos Remedios, o da Ribeira Secca, o do Castello e o das Lagoinhas.

Esta ilha apresenta todos os vestigios de haver sido rasgada de outra terra contigua: os ilheos que a cercão e o grupo das Formigas, que lhe fica proximo, inculcão estes pontos suprajacentes ao Oceano como restos de uma grande ilha ou continente. O seu centro porém não parece ter sido revolvido por erupção volcanica; tem argila mui boa e camadas de pedra calcarea. Produz perto de 3,000 moios de trigo, milho, feijão, centeio, &c., que exporta, bem como louça de barro e cal. Foi a primeira descoberta em 1432 por Gonçalo Velho Cabral, que a recebeu em donataría. Por vezes foi assaltada de corsarios argelinos e europeos, que a roubárão e lhe fizerão infinitos estragos. A sua capital é a villa do *Porto*, sita n'uma ladeira á beiramar; dista 18 leg. de Ponta Delgada, e é a mais antiga pov. dos Açores. Tem uma diminuta alfandega e algumas fabricas da melhor louça das ilhas. O seu porto é tambem pequeno e defendido por tres fortes *fracos*: contém 2,000 hab., e na ilha ha mais tres aldêas, que são: Santo Espirito, Santa Barbara e S. Pedro; as suas povoações occupão-se na lavoura de cereaes, na

pesca e na manipulação da pedra calcarea e barro vermelho. É o ponto que geralmente vão demandar as embarcações que da America ou do Occidente navegão para o Norte da Europa ou mesmo para o Mediterraneo.

Açores Centraes, capital *Angra do Heroismo*. Comprehende este grupo as ilhas de *Terceira*, *S. Jorge*, *Graciosa*, *Pico* e *Fayal;* porém as duas ultimas fazem parte do governo dos Açores Occidentaes, cuja capital é a cidade da Horta. O departamento de que tratamos compõe-se das tres primeiras ilhas, cuja população é de 80,026 almas, com uma superficie de 52 leguas quadradas, uma cidade, sete villas e algumas consideraveis povoações.

Terceira. Esta ilha, assim chamada por derivar o seu nome pela ordem do seu descobrimento, tem 8 leg. de compr., 3 a 5 de larg., 31 de superficie, e 43,126 hab., 1 cidade cap. do distr., 2 villas e 23 freg. incluindo a matriz. Tem adjacentes alguns ilhotes e é bordada de alcantiladas e escarpadas rochas quasi em circumferencia, e os poucos pontos accessiveis que tem, estão fortificados com reductos e mais de trezentas boccas de fogo. A serra de Santa Barbara, a N. O. da cidade, é a mais alta da ilha, cuja superficie é bastante montuosa no interior. O clima é geralmente sadio e temperado, porém a grande abundancia de aguas nativas o torna humido; o solo é mui fertil quasi sem excepção, bem que pouco mais de uma terça parte esteja cultivado.

Em toda a ilha se encontrão vestigios de algum volcão extincto em tempos anteriores á descoberta; todavia já depois de povoada tem-se feito sentir terriveis tremores de terra, um dos quaes em 1614 reduzio a ruinas a maior

parte de Villa da Praia. Rebentou tambem uma erupção com espantoso furor junto ao Pico do Bagacina, e dahi sahio um rio de lava ardente que correu por mais de uma legua. No sitio chamado *Furnas de Enxofre*, o fumo e vapor ardente que sahe pelas fendas da terra e o estado de decomposição em que estão as pedras e terrenos adjacentes attestão a presença constante de fogos subterraneos. Em 1841 um terremoto parcial derrubou inteiramente a *Villa da Praia* e contornos.

O monte *Brasil*, um dos objectos mais notaveis dos Açores, é uma peninsula cujo isthmo tem de largura 260 braças; neste se acha edificada a fortaleza de S. João Baptista, que domina a cidade e lhe serve de cidadella; esta fortaleza, depois da *Graça* em Elvas, é a mais inexpugnavel da monarchia. A Terceira produz abundantemente toda a qualidade de cereaes, legumes e frutas, até das dos tropicos; exporta annualmente 6 a 8,000 moios de trigo e milho, e 22 a 26,000 caixas de laranja e limão, muita batata, alguma aguardente, &c. A colheita de cereaes do seu districto em 1847, anno que não foi dos mais favoraveis, produzio os seguintes generos: trigo 7,224 moios; cevada 1,345 ditos; milho 10,062 ditos; centeio 45 ditos; feijão, grão de bico, ervilhas, &c. 2,103 ditos. Possue tambem grande quantidade de porcos de um tamanho extraordinario e carne de excellente gosto; muito gado vaccum, com o qual fabrica boa manteiga, aves, lanigeros, &c. Para dar uma idéa da fertilidade, abundancia e recursos desta rica ilha, bastará dizer que de 1828 a 1831, depois de dous annos e meio de bloqueio, quando nella existião muitos milhares de homens de fóra só occupados nas armas, nenhuma falta se experimentou nos generos de primeira necessidade; tendo continuado a exportação de trigo, milho e laranja como antes do bloqueio. Em 1841 a Terceira exportou o valor

de Rs. 181:530$000, e importou 119:874$480 em moeda forte, segundo Mac Gregor.

Seu primeiro povoador e donatario foi Jacome de Bruges (1450). Em todas as guerras nas quaes teem tomado parte os Açores, tem a Terceira sempre sido o principal theatro. Distinguio-se muito em repellir as esquadras de Philippe II, e depois em lançar fóra do seu fortissimo castello os Hespanhóes, que nelle fizerão uma tenaz resistencia, na época da acclamação de D. João IV, e só se entregárão reduzidos á fome. No começo da usurpação castelhana, já havião os Terceirenses sustentado com valor durante dous annos a abandonada causa de D. Antonio, rival de Philippe II; é porém em nossos dias que se immortalisou este isolado ponto do Oceano, servindo de baluarte aos foragidos Portuguezes, para conquistarem a patria.

Angra do Heroismo, cidade episcopal, praça d'armas e capital dos Açôres Centraes, e antes de 1831 de todo o archipelago, é hoje vigessima administração geral civil. Acha-se situada na parte meridional da ilha, em lat. N. 38°, 44', e long. occid. de Paris 29°, 31', 15", em terreno levantado á beiramar em torno de uma calheta ou *angra* de uma milha de largura, da qual se ficou appellidando: este braço de mar está na direcção de Sueste entre a ponta de S. Sebastião, onde tem um castello com mais de cincoenta peças, e a de Santo Antonio com outro castello pouco menos forte. A cidadella, ou castello de S. João Baptista, é artilhada por trezentas e sessenta e seis boccas de grosso calibre. Já deixámos dito que era esta praça a segunda da monarchia, e foi mandada construir por Philippe II para ahi acharem um seguro asylo os numerosos galeões que da America, Africa e Asia ahi ião tomar altura, e combois para voltarem a Lisboa e portos de Hespanha, e está sit. na peninsula Brasil, a qual tem uma

legua de circuito. Aqui jazeu encerrado o infeliz rei D. Affonso VI, desde 1669 até 1675, em que foi transferido para Cintra.

Contém Angra algumas casas formosas, bons edificios e ruas mediocres, estreitas mas limpas, e fortificações capazes de emparelhar com as melhores maritimas da Europa; é rodeada por declives bem cultivados, cobertos de arvores e terminados por verdejantes serras, apresentando um pittoresco e singular amphitheatro do lado do mar, mui notavel principalmente pela alvura e variado exterior de suas casas. Tem cinco parochias. O grandioso collegio que foi dos jesuitas, serve hoje de palacio do governo; tinha mais oito conventos, e tantas ermidas filiaes, que fez se lhe chamasse a cidade das igrejas.

Aqui se acolhêrão em 1828 os fieis subditos da rainha D. Maria II, e formárão uma regencia em seu nome, apezar do bloqueio miguelista. Sahio finalmente de Lisboa uma esquadra, composta de 344 boccas de fogo e 3,400 homens de desembarque, para reduzir á obediencia do partido vencedor no reino o unico ponto dissidente da monarchia. A 11 de Agosto de 1829 fundeou em frente de Villa da Praia, guarnecida apenas de 1,269 homens e 11 peças. Tentárão com effeito os miguelistas o desembarque, porém com lastimoso resultado, apezar de seu denodo. Dos que desembarcárão, a maior parte foi metralhada pelo fogo inimigo, e entre elles o general em chefe D. Gil da Costa, ficando prisioneiros perto de 500 inimigos e algumas canhoneiras. Bem conhecido é o extraordinario desenlace da contenda liberal contra a absoluta, preparada com tão fracos meios nesta ilha e com tão dolorosos sacrificios. Depois de uma luta de defesa pessoal, tomou esse partido a offensiva; apoderou-se de todas as outras ilhas, debaixo do mando do duque da Terceira; desembarcou finalmente em Portugal, e, após uma serie de trium-

phos, firmou o throno da rainha. Por taes serviços e sacrificios condecorou o regente D. Pedro a Villa da Praia com o distinctivo de—*da Victoria*, e a Angra com o de—*do Heroismo*. A população desta cidade anda por 14,000 almas. Perto della ha uma extensa planicie chamada *Terra Chãa*, povoada de bellas quintas, arvoredo e amenos sitios; é a mais agradavel vivenda da ilha.

Villa da Praia da Victoria (veja-se o artigo antecedente), muito antiga, sit. em terreno bastante plano junto a um vasto areal que lhe dá o nome, 5 leg. ao N. E. da cidade, para onde tem boa estrada. O seu porto ou enseada, de perigoso accesso pelos baixios que tem, é bem defendido por dous fortes. Floresceu esta villa em tempos antigos pelas suas salinas, que por incuria se achão totalmente inutilisadas. Tem dous conventos de freiras, outros dous de extinctos frades, e 3,400 hab. Um terrivel terremoto a arruinou completamente a 15 de Junho de 1841; porém acha-se felizmente reparada pelos soccorros da metropoli, de innumeras subscripções e os incansaveis desvelos do governador da provincia José Silvestre Ribeiro: já em 1614 fôra victima de igual catastrophe.

S. Sebastião, outra villa, a qual foi a primeira povoação da ilha (erecta villa em 1503), sit. em terreno cercado de montes a meia leg. do mar, e 2-1/2 da cidade, contém 1,470 hab. Pelo terremoto de 1841 ficou com 33 casas derrubadas e 32 arruinadas, e foi neste sitio que elle começou. Produz o melhor barro dos Açores, e o seu porto é bem defendido. *Fontainhas*, aldêa central, que já prosperou pelo cultivo do pastel e bicho de seda, ficou inteiramente arruinada pelo terremoto de 1841. *Cabo da Praia*, outra com 1,220 hab.; *Porto Judeo* outra, onde se cultiva abundantemente o inferior vinho do paiz e cereaes, bem como nas seguintes: *Quatro Ribeiras*,

Biscoutos, *Santa Barbara* e *Villa Nova:* estas duas ultimas são bem povoadas e fartas de cereaes.

S. Jorge. Esta ilha está sit. pouco a Sudoeste da Terceira; contém pouco mais de 11 leg. de comprim. e 1-1/2 a 2 de larg., de superficie 14, e 21,900 hab., pela maior parte oriundos de raça flamenga. É limitada quasi em torno por altissimos e inaccessiveis rochedos talhados a pique, e por isso defendida de inimigos externos pela natureza. Deriva o seu nome do santo em cujo anniversario foi reconhecida; alguns ilheos a circumdão. O seu clima é o mais delicioso dos Açores, o solo nas cercanias do mar fertilissimo, e o do centro entregue a pastos.

Os volcões tem destruido grande parte da sua superficie. O de 1580 vomitou por muitos dias torrentes de lava e converteu em pedra grandes campos de lavoura. O de 1808 rebentou junto da aldêa da Ursulina, e por outros respiradouros, expellindo grande quantidade de materias por 7 ou 8 dias: toda a ilha soffreu violentos abalos: os jorros da cratera corrêrão ao mar sem interrupção, deixando o solo coberto de lava na altura de 30 pés em alguns sitios.

Todas as producções desta ilha são da melhor qualidade: o trigo andará por mais de 2,000 moios, e o milho por 4,000, muitos legumes, frutas, de que chega a exportar. O vinho, parte do qual é tido pelo melhor dos Açores, e este chegará a pouco menos de 2,000 pipas, é exportado por via da Horta; o de mais é inferior *(vinhaça)*, consome-se no paiz, e chegará a 4,000 pipas. A cultura da laranja se vai espalhando, e a da batata e inhames é consideravel. Apascenta grandes rebanhos de gado lanigero e vaccum, do qual extrahe excellentes queijos que exporta, bem como carne que salga para o mesmo fim; tem infinda caça. Os pannos de linho e lãa ahi fabricados não são máos.

Exportação { 2,100 pipas de vinho bom; 1,000 de aguardente; 1,250 moios de cereaes; carnes frescas e salgadas; queijo e manteiga.

S. Jorge encerra 3 villas e 11 parochias. A sua capital é a villa das *Vellas*, alegremente situada na beira de uma extensa enseada, entre duas pontas, onde ha uma fortaleza de 14 peças; junto á ponta oriental forma uma pequena angra onde é o ancoradouro, o qual tem o melhor cáes dos Açores, e onde abordão navios de 300 moios. O forte de Santa Cruz de 26 peças, o da Conceição de 12, e o das Eiras de 8, fazem a sua defesa maritima. Vellas tem conveniencias para vir a ser uma consideravel cidade; os seus 5,000 hab. são muito abastados de todos os generos de primeira necessidade; não tem porém agua nativa, o que se póde attribuir a falta de industria, pois na vizinhança ha muita della: o pastel, tabaco, urzella e ruiva fizerão sua antiga prosperidade. Os defensores da ilha Terceira desembarcárão aqui a 9 de Maio de 1831, e em dous dias se fizerão senhores de toda a ilha, apesar da resistencia da guarnição.

Ursulina, aldêa que produz o melhor vinho dos Açores, branco e generoso, foi destruida pelo volcão de 1808. *Calheta*, villa de 2,000 hab., tem uma abrigada abra onde se tem construido navios de pequeno lote; abunda em pescaria. *Ribeira Secca*, povoação agricola, produz os melhores inhames dos Açores, e as camponezas dos seus contornos passão geralmente por formosas. *Topo*, villa, primeiro assento da população da ilha, tem perto de 3,000 almas. *Norte Grande*, *Norte Pequeno*, aldêas consideraveis, cujos habitantes se applicão muito á criação de gado e fabricão os melhores queijos dos Açores.

Graciosa. Esta formosa ilha, assim chamada pelo plano da sua superficie, risonho dos seus contornos e aprazivel do seu clima, está sit. pouco mais ao Norte de S. Jorge e

Terceira, e entre ambas, em 39° 5' de lat. N.; tem 4 leg. de comprim. e 2 de larg.; a sua superficie é de 7, com 15,000 hab. O seu solo é o mais fertil dos Açores. O vinho que produz é inferior; anno commum anda por 6 a 8,000 pipas: trigo, milho e feijão 3,200 moios, bastante gado e plantas farinaceas; exporta annualmente 2,000 pipas de aguardente e algum trigo. Tem esta ilha 4 freg. e 2 villas. A sua capital é *Santa Cruz*, villa grande, sit. na beira-mar, com um máo porto no lado do Norte; contém 3,000 hab.; abunda em excellente peixe, carnes saborosas e muita caça. *Praia*, villa mediocre com 2,000 hab., tambem com enseada desabrida; tem mais as duas aldêas de *Guadelupe* e *Luz*, cujos habitantes se dedicão ao amanho de suas terras e criação de gados. No dia 10 de Julho de 1831 esta ilha proclamou espontaneamente o governo da rainha, ao passo que as outras ião sendo tomadas. Os corsarios barbarescos no seculo XVII derão-lhe repetidos assaltos, roubando-a e captivando muitos dos seus habitantes.

Açores Occidentaes, capital *Horta*. Comprehende este departamento o pequeno grupo de *Flôres* e *Corvo* e as duas ilhas do grupo central *Pico* e *Fayal*. A sua superficie é de 86 leg. quadradas, com 67,188 hab.; contém 1 cidade, 6 villas e 37 parochias.

Fayal, esta ilha, assim chamada pelas muitas faias que nella havia quando foi descoberta, está sit. em 38° 26' N., e mui pouco afastada para o Poente da ilha do Pico; tem 5 leg. de comprim., 3 a 4 de larg., 16 de superficie, 25,860 hab. e 13 parochias. Altos e escarpados rochedos lhe cercão a costa quasi toda. O seu clima é temperado e de benigna influencia em toda a estação; o solo, muito

fertil em cereaes, legumes, farinaceos, frutas e vinho de inferior qualidade; cria bastante gado vaccum e ovelhum; de laranja e limão abunda tanto que carrega annualmente 12 a 14 navios. Seus habitantes fabricão muita manteiga, panno de linho e louça ordinaria. O seu commercio principal consiste em vinhos do Pico e S. Jorge, cuja exportação annual anda por 12,000 pipas, e 1,000 de aguardente. A colheita de cereaes no districto da Horta, em 1847, foi de 2,420 moios de trigo; 8,073 de milho; centeio, cevada, feijão, grão, &c., 1,104; total 11,597.

O terreno ondeado e coberto de verdura se levanta no meio desta ilha, onde as montanhas ordenadas em circulo rodeião o delicioso valle da *Caldeira*, que bons fundamentos ha para se julgar abatimento de um volcão. As margens da lagôa que occupa a terça parte deste valle são verdadeiramente encantadoras. O volcão de 1672, que rebentou na Praia, unico de que haja menção que a ilha tenha soffrido, correndo ao mar, encheu de lava ferteis terras, convertendo-as n'uma superficie de pedra queimada. A receita geral do distr. da Horta foi orçada para o anno de 1846 a 1847 em 71:507$560 no Relatorio: deve porém ser muito superior.

Horta, sua capital, cidade florescente, aprazivel, commerciante, e com o melhor porto dos Açores, está sit. em amphitheatro, n'uma espaçosa bahia em lat. N. 38° 36' e 31° 12' de long. occid. de Paris. Tinha 5 conventos (3 de frades), além do sumptuoso collegio jesuitico, o mais rico que esta corporação edificou nos Açores. A sua posição geographica, uma das mais vantajosas do Oceano, faz que o seu abrigado porto seja demandado por grande numero de embarcações que da America vem para a Europa, e que desta sigão para lá ou para a Asia. Muitas balieiras americanas depositão frequentemente nesta cidade as suas cargas de azeite para serem reexpor-

tadas depois, segundo mais favoráveis circumstancias. Depois de Ponta Delgada é o porto mais frequentado por navios. A sua defesa maritima é o castello de Santa Cruz, com 72 peças de grosso calibre, e o Novo com 12. Em attenção a essa frequencia, e ás immensas vantagens que resultarião á provincia, muito se tem nestes ultimos annos ventilado o projecto de ahi estabelecer um porto franco, e para esse fim, aproveitando o que a natureza já fez, construir uma bacia ou *doca* para 60 ou 70 navios: este trabalho foi já orçado em 100 mil cruzados, somma diminuta para tão util estabelecimento, o qual deve produzir um avultado rendimento aos seus emprehendedores. Esta cidade contém alguns edificios notaveis, publicos e particulares, não tem porém agua nativa, por desmazelo de seus habitantes a não procurarem com mais efficacia. Hoje contém para cima de 12,000 almas. *Flamengos*, é a mais antiga pov. da ilha, e onde se estabelecêrão os primeiros povoadores, de quem deriva o seu nome, bem como a *Horta* o tomou de Jorge de *Hurta*, flamengo, primeiro donatario e povoador do Fayal, por alvará de 1509. Os seus moradores cultivão muito laranja, cereaes e gado. *Cedros* é a aldêa mais povoada, farta e importante da ilha, a qual não tem villa nenhuma; tem mais a *Praya*, *Pedro-Miguel*, *Capello*, *Feteira*, &c. &c., aldêas assaz aprazíveis e abastadas, cujos habitantes cultivão prosperamente cereaes, laranja e alguns vinhos ordinarios para consumo ou distillar.

Em 1840 começou nesta ilha a apparecer um insecto devorador, da especie de cochenilha, o qual, espalhando-se em innumeros bandos sobre as larangeiras, as enfranquece, e torna a sua fruta incapaz de exportação. Não nos consta que se tenha ainda deparado com efficaz remedio para destruir essa praga, que ameaça destruir tão uteis arvores. Daqui se propagárão para S. Miguel.

Pico. Esta ilha está sit. pouco a Sueste do Fayal; tem 17 leg. de comprim., e de 3 a 6 de larg., 56 de superficie, e 29,000 hab. em 3 villas e 15 parochias, além de umas 16 aldêas. É bordada em quasi toda a sua circumferencia por altos e escalvados rochedos, sem enseada ou surgidouro capaz de ancorar navio, dividida por uma alta serra que se prolonga no seu comprimento, e onde se acha o famoso *Pico*, cuja altura acima do Oceano é de 1,096 braças, podendo avistar-se em dias claros a 25 e mais leguas ao mar. Tem no cimo um respiradouro volcanico em quasi contínua elaboração e fumaça: serve elle de barometro seguro para prever o tempo. Esta soberba montanha, elevando-se isoladamente em fórma de pyramide conica acima das nuvens, mostrando ora o seu cume coberto de gelo, ora as suas encostas vestidas de uma vigorosa vegetação, apresenta ao navegante que a ella se approxima um aspecto de magestade e magnificencia impossivel de descrever: a circumferencia da sua base tem 6 leguas. Além de outras irrupções volcanicas que em diversos pontos tem havido, em 1572 houve uma junto ao sitio da Prainha, onde jorrou uma torrente de lava de meia legua de largura e 2 de comprimento, a qual correu para o mar. Em 1720 houve no volcão do Pico uma tão forte erupção, que a inundação do fogo cobrio uma legua em quadro, e cinzas e pedras forão cahir na ilha de S. Jorge, a 3 leguas.

O solo desta ilha é geralmente pedregoso e fertil, porém quasi que unicamente susceptivel da cultura das vinhas; na ponta oriental colhem-se alguns cereaes, perto de 1,000 moios de trigo, e 2,200 de milho, feijão, &c. Como não tenha porto para navios, todo o seu commercio se faz por via do Fayal, de cuja ilha sempre tem estado dependente, e donde dista pouco mais de uma legua, de sorte que das 25,000 pipas de optimo vinho

que annualmente produz, perto de metade passa para a cidade da Horta, afim de serem por essa via exportadas com o nome de Fayal. Cria muito gado lanigero, e é abundante em madeiras e lenhas, que exporta para todo o archipelago: as suas frutas, em que tambem abunda, são as mesmas das outras ilhas. Como seja em geral pedregoso o seu terreno, muitos lavradores, para melhor cultivarem as vinhas mergulhadas nas lavas, mandão vir terra do Fayal, imitando assim os habitantes de Malta, que fazem o mesmo da Sicilia.

Lages, villa povoada de 3,200 hab., é a sua capital; tem uma enseada desabrida, e nada offerece de notavel. *Ponta da Piedade*, pov. consideravel por seu numero e abastança: seus habitantes outr'ora tirárão grandes interesses da criação de abelhas; hoje cultivão cereaes e são pescadores. *S. Roque*, pequena villa no interior; *Magdalena*, outra na ponta occidental da ilha em frente da Horta, donde dista 4 milhas.

Flôres. Está sit. esta ilha em 34° de long. occid. do meridiano de Paris, e em lat. N. 39° 25'; tem 5 leg. de comprim., 2 a 2-1/2 de larg., 12 de superficie, e 11,230 hab. em 8 freg., 2 villas e 5 pequenas pov. É limitada por altas e escarpadas rochas, e deriva o seu nome das muitas flôres que cobrião o seu inculto solo quando foi aportada. Tanto ella como a sua tributaria do Corvo são as unicas do archipelago nas quaes se não achão indicios de explosões volcanicas nem de terremotos; na primeira se encontra todavia mananciaes d'aguas sulfureas. Começou a ser povoada no anno de 1460; muitos pretendem ser ella a mais bonita de todo o archipelago. Em compensação dessa excellencia, e a não ser sujeita a phenomenos volcanicos, muitas vezes os ventos impetuosos destroem as esperanças do cultivador. No seu alcantilado e montuoso interior tem florestas de cedros

seculares, e nas planicies produz cereaes (perto de 2,300 moios), batatas, inhames, e muito gado lanigero e vaccum: este ultimo é de pequena estatura; os porcos são os mais baratos das ilhas: não produz vinho algum nem milho. Os rochedos da costa estão cheios de urzella, que se colhe indo as pessoas destinadas para esse fim amarradas pela cintura, ás vezes a grandes alturas com grave perigo. Fabrica bastantes pannos de lãa e linho, que exporta.

Santa-Cruz, villa de 3,000 hab., é a sua capital; tem um porto muito desabrido, pouco frequentado e mal abrigado, e um templo da invocação do seu nome, que passa pelos melhores do archipelago. O pastel, a urzella e o tabaco, já enriquecêrão outr'ora seus habitantes. *Lages*, outra villa menor, com 1,900 hab., e *Lomba*, aldêa cuja pov. é muito dada á cultura de cereaes e gados; tem as melhores madeiras da ilha. Ha mais umas 4 aldêas insignificantes.

Corvo. Esta ilhota, sit. 3 leg. ao N. das Flôres, é a mais septentrional e pequena dos Açores, pois que tem 2 leg. de comprim. e 1 de larg., 2 de superficie, com 1,098 hab. n'uma só freg., os quaes vivem n'uma especie de communidade, exilados do resto do universo, dependendo sua diminuta administração do governo das Flôres. Produz de 80 a 100 moios de cereaes, e abunda em gado e madeira de cedro. *Porto da Casa* é o seu maior povoado e melhor desembarcadouro. Não consta ter havido nesta ilha terremotos ou erupções, nem o seu solo disso dá indicios. Conta Damião de Goes e outros que, quando se descobrio esta ilha, se achára nella uma estatua equestre apontando com a mão para o Occidente, como indicando o Novo Mundo, o qual com effeito Affonso Sanches descobrio em 1486 (veja-se *Cascaes*), e depois delle Colombo em 1492. Essa historia da estatua não é fabulosa, como muitos tem pretendido, existio com effeito. (Veja-se *Goes* na chronica

do principe D. João, a *Historia Insulana* de Cordeiro e a *Revista Litteraria* de 30 de Novembro de 1838.)

As *Formigas* são um grupo de meia duzia de rochedos sit. entre S. Miguel e Santa Maria; o mais alto tem 7 braças acima do nivel do mar, cujas vagas quebrão nestes cachopos com grande ruido e medonho aspecto, elevando-se até á altura dos mastros dos navios, os quaes porém com feição de vento podem passar entre elles sem susto, porque a sonda ahi ainda não indicou fundo.

Adaufe, pov. de 1,760 almas, perto de Braga.

Afife, aldêa do conc. de Vianna do Minho, com 1,090 habit.

Agua. Com este prefixo ha perto de uma duzia de pov. no reino; as mais importantes são: uma no conc. de Penamacor, e outra no de Sortelha. *Aguas Bellas*, villa de 1,320 hab., sit. em terreno baixo, rodeada de soutos de castanheiros e de arvores fructiferas, regada por muitas fontes que lhe amenisão a situação. Dista 2 leg. a E. de Thomar, perto da direita do Zezere. *Aguas Frias*, freg. do conc. de Monforte, 500 hab. *Aguas Santas*, freg. a 2 leg. de Braga com igual pov. Outra do mesmo nome no conc. da Maia, a 2 leg. do Porto, com 2,020 habit.

Agua de Páo, villa (veja-se *Açores*, S. Miguel).

Agueda, elevada a villa ha poucos annos, está sit. perto do rio Couto, e sobre o rio do mesmo nome, antigamente chamado, bem como a pov., *Eminio*, o qual desagua na esquerda do Vouga com pouco mais de 6 leg. de curso, e nasce na serra de Besteiros, correndo entre ferteis e amenos campos que inunda nas cheias. Pertence a villa ao distr. de Aveiro, donde dista 2-1/2 leg. ao Nascente: contém 1,360 hab. Outr'ora foi florescente. Ha outro rio do mesmo nome que divide o reino

da fronteira hespanhola pelo espaço de 3-1/2 leg., entre o Douro e o rio Tourões ou Turon, o qual, vindo do S., e servindo-lhe tambem de limite perto de igual espaço, se lança no dito Agueda, e este no Douro em frente de Castro d'Alva, ao S. de Freixo d'Espada á Cinta.

Aguiar, freg. a 4 leg. de Braga, com 400 hab. *Aguiar da Beira*, villa e freg. a 6 leg. de Vizeu, 630 hab. *Aguiar de Souza*, a 3 leg. do Porto, villa com 735 hab., e o seu conc. com 22,300. Dista pouco de Penafiel. *Aguiar da Penha* (veja-se *Villa Pouca de Aguiar*).

Aguieira, villa a 2-1/2 leg. de Viseu, 1,000 hab.

Alagoa, villa (veja-se *Açores*, S. Miguel).

Alandroal, villa e freg. a 5 leg. d'Evora, e 4 ao S. d'Elvas, 1,610 hab. Tinha um forte castello construido no tempo de D. Diniz, e que hoje se acha em ruinas.

Albardós, serra escabrosa da Estremadura, que se estende desde o conc. de Santarem até perto da villa da Batalha. É muito desabrida; dá nascença a diversas torrentes caudalosas, e produz excellente cantaria fina.

Albergaria Velha, hoje villa, distante 1 leg. da Bemposta, e 3 de Aveiro; 1,830 hab.

Albufeira, villa a 5 leg. de Faro, com porto de mar, e contendo 2,670 hab.: foi arruinada pelo terremoto de 1755, que lhe matou mais de 300 pessoas, e os miguelistas a incendiárão em 1833, assassinando 74 liberaes que se tinhão entregado por capitulação. É sit. a 3-1/2 leg. a E. de Portimão, no fundo de uma enseada abarrancada: contém algumas boas casas e um antigo castello já meio arruinado. O seu termo produz muitas oliveiras, vinhas, figueiras, &c., e o seu mar abunda em pescado, particularmente atum, para o qual se armão consideraveis almadravas.

Alcabedeche, freg. sit. 5 leg. a O. de Lisboa e 2 de Cascaes; 2,060 hab.; produz boa fruta d'espinho.

Alcacer do Sal (Salacia), importante villa sit. na margem direita do rio Sado, onde tem consideraveis salinas, cujo producto, assim como o de obras de esparto e muitos cereaes, exporta para Setubal, donde dista 8 leg. Foi tomada aos Mouros por D. Affonso Henriques em 1158, depois de 3 mezes de assedio; tornárão porém estes a senhorear-se della, até que em 1217, tendo-lhe D. Affonso II, com 20,000 Portuguezes e uma armada commandada por Guilherme, conde de Hollanda, que ia para a Terra Santa, posto cerco por mar e por terra, acudirão em soccorro da praça quatro reis mouros da Andaluzia, o de Sevilha, o de Badajoz, o de Cordova e Jaen, com 15,000 lanças e 80,000 infantes; forão comtudo completamente derrotados pelos seus contrarios em um proximo valle, ao qual a mortandade dos Mouros legou perpetuamente o titulo de *Valle da Matança.* Esta villa é patria do celebre mathematico Pedro Nunes, e contém 2,147 hab. Em 1833, forão os liberaes ahi derrotados pelos miguelistas, e bom numero delles pereceu afogado nas salinas.

Albergaria Velha, dist. 1 leg. de Pinheiro da Bemposta e 3 de Aveiro: 1,830 hab.

Alcaçovas, villa e freg. a 5 leg. ao S. O. d'Evora, com 1,613 hab. Junto a esta pov. começa a serra do mesmo nome, de consideravel altura, donde a vista se espraia extensamente pelas planicies do Alemtejo. Está cultivada em parte e abunda muito em caça.

Alcafache, lugarejo sito na margem esquerda do rio Dão, a 1-1/2 leg. de Viseu: tem excellentes aguas sulfureas, com tantas virtudes medicinaes como as de S. Pedro do Sul, até tomadas em partes distantes.

Alcaide, villa e freg. do distr. de Castello Branco, 1,140 hab. (É palavra arabe que significa *governador.*)

Alcains, freg. do distr. e conc. de Castello Branco, 1,420 h.

Alcanede, villa e freg. no termo de Santarem, 2,997 hab. Dista 4 leg. ao O. de Torres-Novas. Produz muito grão, frutas, azeite, vinho, caça e marmore.

Alcanena, freg. perto de Torres-Novas, 1,320 hab.

Alcantarilha, freg. do Algarve, a 7 leg. de Faro e 3 a E. de Silves: 1,600 hab.

Alcoba (serra de) ou *Besteiros*. Veja-se *Caramulo*.

Alcobaça, villa importante 5 leg. ao S. O. de Leiria e 18 ao N. de Lisboa, sit. sobre os dous pequenos rios *Alcoa* e *Baça*, que, juntando-se no meio da villa, tomão o nome da mesma, e este, correndo de E. a O., vai formar a lagôa de Pederneira e perder-se no mar. Hoje conta apenas 1,700 hab. Encerra o mui notavel e grandioso mosteiro de Santa Maria, onde residião os frades Bernardos: a sua esplendida e riquissima igreja tem 479 palmos de comprim. e bellissimos accessorios. Nesta Babylonia tudo era farto e gigantesco, tudo condizia com a grandeza e desmarcado do edificio, onde já houve occasião de se recolherem para mais de mil religiosos; e assim devia ser de um monumento fundado por D. Affonso Henriques, e que tinha de recordar sua memoria e a fundação do Reino depois da derrota dos cinco reis Mouros no Campo d'Ourique a 25 de julho de 1139. Em remuneração desta victoria, alcançada, no pensar do principe, pela protecção de S. Bernardo, mas principalmente em consequencia da tomada de Santarem aos mesmos Mouros em 1147, mandou o rei edificar ao Santo este mosteiro com a doação de immensas terras. (Veja-se *Tarouca.*) Consta que, conduzindo o enviado do Santo ao cimo do monte Taxo, perto de Leiria, doára á ordem dos frades Bernardos todas as terras que elle pudesse alcançar com a vista, aguas vertentes para o mar. Estes terrenos, denominados *coutos* dos abbades de Alcobaça, erão fertilissimos em cereaes, vinho e caça, e forão incorpora-

dos nos proprios nacionaes quando em 1834 se extinguirão as ordens religiosas.

Serião precisos volumes para poder descrever competentemente as particularidades que ainda encerra este decahido edificio. Hoje porém, como diz Balbi, monges, livraria e sanctuario, desapparecêrão em consequencia das guerras civis, e o venerando monumento, já em parte arruinado pelo fogo que lhe lançárão os Inglezes em 1808 (parte do convento continha uma importante fabrica de tecidos de algodão que rivalisavão com os de Inglaterra), cahirá em total ruina se o governo não cuidar na conservação de um monumento que tanto recorda os fastos da nação.

A igreja do mosteiro é de magestosa architectura, com tres elegantes naves. A primeira pedra de seus alicerces foi collocada em 1148; porém ella não foi acabada nem habitado o convento senão em 1222. O todo do seu typo architectonico indica mais grandiosidade, mais vastidão do que delicadeza. Nenhuma instituição deste genero chegou em Portugal a apresentar tanta magnificencia, e tambem nenhuma ha que mais soffresse com a suppressão, e que mais mereça despertar a attenção e sollicitude do patriotismo portuguez. Deixar cahir em ruinas o venerando asylo de todas as grandes tradições da monarchia! (Não só possuia uma bibliotheca de 25,000 volumes, senão tambem perto de 500 codices manuscriptos importantissimos.) Ahi jazem Frei Pedro Affonso, seu primeiro D. abbade, irmão de Affonso Henriques, Affonso II, Affonso III e suas esposas; e tambem se notão, o que ninguem ignora, outros dous tumulos, objecto continuo das mais poeticas recordações. Ignez de Castro e D. Pedro não repousão no mesmo sarcophago nem ao lado um do outro, mas sim em dous enormes tumulos de marmore branco de dezaseis palmos, cobertos dos mais delicados arabescos

e altos relevos: as figuras dos dous amantes estão collocadas, por ordem do mesmo rei, com os pés de uma contra os do outro, de modo que no dia do juizo universal, quando resuscitarem ao som da trombeta sagrada, sua primeira vista será a do céo, e logo se olharáõ reciprocamente com o mesmo ineffavel e eterno amor. Nesta funerea posição, bem descreveu o grande epico a « *Que depois de ser morta foi rainha* » :

> Assim como a bonina que, cortada
> Antes do tempo, foi candida e bella,
> Sendo das mãos lascivas maltratada
> Da menina que a trouxe na capella:
> O cheiro traz perdido e a côr murchada;
> Tal está morta a pallida donzella,
> Seccas do rosto as rosas, e perdida
> A branca e viva côr co'a doce vida.

Alcobaça e Batalha são dous monumentos ligados a gloriosas recordações, e a cujos nomes todo o coração portuguez se sente palpitar de nobre orgulho e enternecer de magoa. Apezar porém das grandes commemorações poeticas e politicas que encerra, a veneranda abbadia perde muito na comparação com a magestosa Batalha. Como já fica dito, foi ella erigida em memoria da victoria de Ourique e tomada de Santarem, conforme o indica na *Sala dos Reis* a noticia de sua fundação, que se acha traçada em azulejos, e a qual contém um anáthema contra aquelle de seus successores que tratasse de abolir o mosteiro. Acha-se tambem ahi o celebre documento que tem dado que pensar a diversos jurisconsultos, e pelo qual D. Affonso Henriques declara o seu reino tributario do convento de Clairvaux (*Claraval*, no depart. do Aube em França, onde havia o mosteiro cabeça da ordem bernardista ou cisterciense), em paga, segundo se pretende, da intercessão de S. Bernardo.

Os abbades de Alcobaça erão uma especie de poten-

tados, senhores de quatorze villas com seus termos, e entre ellas os portos de S. Martinho, Salir e Pederneira, abundantes de pescado. É tal a fertilidade dos seus *coutos*, que os fructos que produzem são reputados os melhores do Reino, avultando o seu rendimento em uma somma enorme. N'outro tempo forão *fronteiros-móres*, acudião com tropas pagas á sua custa, como senhores seculares; tinhão mero imperio mixto, isto é, tanto no civel como no crime, nas terras de sua jurisdicção, e em todo o senhorio real que antes da doação pertencia á corôa, e a unica *conhecença* ou pensão por onde se manifestavão dependentes della era a obrigação de darem um par de botas aos Reis quando estes visitavão a abbadia. Alcobaça é patria do chronista frei Antonio Brandão.

Alcochete, villa e freg. sobre a esquerda do Tejo, em terreno areento, a 4 leg. a E. de Lisboa, 3,000 hab. Aqui nasceu el-rei D. Manoel o Afortunado em 1469. Pouco arredado desta villa está o sitio denominado *Barroca d'Alva*, onde o benemerito Jacome Ratton, no fim do seculo passado, conseguio estabelecer uma magnifica propriedade agricola e fabril em terreno d'antes pantanoso e insalubre. Esta importante quinta, que hoje pertence ao barão d'Alcochete, contém para cima de 400,000 pés de amoreiras para sustento do bicho de seda que seu dono está tratando de criar em ponto grande.

Alcoentre, villa e freg. sit. 3 leg. ao N. d'Alemquer, perto da serra de Montejunto, e na estrada real do centro para o N., contém 1,000 hab.

Alcofra, aldêa a 4 leg. de Vizeu: 1,000 hab.

Alcoutin ou *Alcotim*, villa e freg. sit. sobre uma montanha á direita do Guadiana, o qual neste sitio tem 215 varas de largo. É povoação muito antiga e contém perto de 2,000 hab. (Veja-se o artigo *Fronteira Littoral*, &c.)

Aldêa-Gallega de Riba-Tejo, villa e freg. sit. na

margem esquerda deste rio, n'uma especie de sacco ou golfo, e planicie muito fertil. Abunda em cereaes, fruta, vinho e pinheiraes. Serve de passagem ordinaria aos que vão do Alemtejo a Lisboa, donde dista 4 leg. a S. E. Contém 4,000 hab., pela maior parte occupados na pesca e no mar. Foi neste porto que em 1834, depois da convenção de Evora-Monte, o pretendente á corôa de Hespanha, D. Carlos, se embarcou com a sua comitiva. No seu territorio se encontra o sanctuario de Nossa Senhora da Atalaia, n'um monte, lugar de muitas romarias.

Aldêa-Gallega da Merciana, villa da Estremadura, pouco distante d'Alemquer e a 9 leg. de Lisboa: 1,000 hab. Perto della está a freg. de *Aldêa-Gavinha*, com 450 hab. Tem excellentes pastos.

Aldêa de Santa Margarida, no termo de Castello Branco, e a 9 leg. da Guarda, pov. de 920 almas.

Aldêa de Paio Pires, quasi em frente de Lisboa, junto a Coina, pov. agradavel de 1,000 hab., quasi todos pescadores. Muitas outras villas, freguezias e povoações existem com o titulo de *Aldêa* e outras subdenominações, as quaes pela sua insignificancia não podem ter lugar neste resumido quadro.

Alegrete, villa e freg. com 1,130 hab. no distr. de Portalegre, donde dista 2 leg., e pouco mais de uma da raia hespanhola, sit. em vistosa altura. É banhada pelo riacho do mesmo nome, o qual se reune ao Caia. Abunda em excellente vinho, azeite, castanhas e caça.

Alemquer (*Allan-kirk*, isto é, Templo dos Allanos, por quem foi fundada quatro seculos antes de Christo), notavel e antiga villa onde se encontrão ainda restos de monumentos arabes e anteriores, sit. sobre o pequeno rio do mesmo nome, o qual neste sitio faz mover o machinismo de uma fabrica de papel, a melhor de todo o Reino. Está sit. n'um ameno valle, abundante de excel-

lente vinho e cereaes; contém 2,562 hab., e dista 8 leg. ao N. de Lisboa. Nos seus arredores goza-se de pontos de vista admiraveis. É patria do celebre escriptor Damião de Góes.

Alemtejo. * Esta provincia é assim denominada em razão de estar sit. ao S. do *Tejo*, a respeito das de mais

* Ainda que, propriamente fallando, já hoje não existão em Portugal *Provincias*, porque esta antiga divisão do paiz foi retalhada e supplantada por 17 *Districtos Administrativos*, repartição muito mais adequada para sua melhor governança civil, bem como na parte militar o foi em 8 governos continentaes, não podemos deixar de descrever essas geraes divisões, ou antes regiões homogeneas em que sempre se classificou e foi conhecido o paiz, por nos parecer mais coherente apresentar a face delle com os seus mais salientes caracteres e traços naturaes, que politicas conveniencias podem hoje ou amanhãa crismar com esta ou aquella denominação, porém nunca mudar-lhe as naturaes feições e semelhanças. A não seguirmos este systema, como haviamos, por ex., descrever em separado a provincia do Alemtejo em tres artigos differentes, porque hoje não fórma provincia, mas sim tres *Districtos Administrativos*, quando toda esta região é homogenea, semelhante, compacta? Como descrever do mesmo modo cinco provincias na região da *Beira*, porque hoje se divide em cinco districtos administrativos? A respeito desta antiga provincia, accresce ainda o haverem-lhe modernamente alienado grande parte do territorio para formar a nova provincia do *Douro*, a qual abrange até a extremidade meridional do Mondego em lat. 40.°

Não se nos leve pois a mal o descrevermos o paiz pelas suas regiões naturaes, seguindo desse modo a sua antiga divisão. Com effeito, a natureza do terreno e o caracter dos habitantes a Noroeste, constituem uma só região homogenea entre o Minho e o Douro; a notavel differença physica que apresenta a contigua região oriental a constitue naturalmente em provincia separada, por isso a denominárão nossos antigos *Tras-os-Montes*. Vem após estas a grande região da *Beira*, que naturalmente se confina entre o Douro, Mondego e ramificações da serra da Estrella, até entestar com o Alto Tejo. Dever-se-hia circumscrever a Estremadura entre este, o Zezere, o Mondego e o Oceano, não só por ser o *extremo* occidental do paiz, mas por aproveitar essas balisas que de proposito parece lhe indicára a natureza, e até se denominar *transtagana* a terra além do Tejo para o Sul; porém não aconteceu assim: boa parte desse terreno *d'além* lhe pertence, e algum tambem á Beira, e todo neste artigo sobre o Alemtejo fica descripto com toda a individualidade. De todas as provincias do reino é o Algarve a menos litigiosa em limites: a naturêsa a circumscreveu com bem notorios padrões.

que lhe ficão ao N., e forão conquistadas em primeiro lugar; porém essa classificação erronea é mais politica que natural, pois que de toda a região que banha a margem esquerda deste rio, a qual tem mais de 40 leg. de littoral, só pertence ao Alemtejo propriamente, umas 9, isto é, desde a foz do rio Sever, que o separa da Hespanha e desemboca no Tejo em frente do Ponsul, até o sitio de Garvão ou Gavião, 5-1/2 leg. a N. O. do rio Sor. Este, no seu curso de S. O., lhe serve de limites até entrar no Zatas ou Ervedal, abrangem o riacho Erra e a villa de Coruche, e seguem logo para o S. com grandes rodeios uma linha divisoria da provincia da Estremadura, porém meridional ao Tejo, a qual passa por S. Estevão, sobre o rio Almanzor, corta o Canha, passa junto de Vendas Novas, corta o Charama e o Sado, e finalmente, dirigindo-se ao Poente, vai finalisar na ponta da Pesqueira, pouco ao N. de Melides, no Oceano, o qual desse lado lhe serve de limites. Ao S. as serras de Monchique e do Caldeirão separão esta provincia do Algarve. Ao Nascente o Guadiana desde o termo d'Elvas até Castro-Marim, com pequena exclusão de algum terreno do lado opposto, o separa da Hespanha; o restante entre Tejo e Guadiana, servem-lhe de balisas os dous rios Sever e Caia, e entre elles uma linha divisoria que passa entre Marvão e Valencia d'Alcantara, parte do rio Xevora e a praça d'Ouguella.

Conforme estas demarcações, que são as verdadeiras porém irregulares, e que ainda geographo nenhum descreveu, vem a ter a provincia as seguintes dimensões, bem desviadas de formarem um quadrilatero perfeito: de N. a S. do lado da raia hespanhola, e em linha recta desde Montalvão até o rio Vascão 42 leg.; a mesma desde Coruche até a serra de Monchique 31; a mesma do lado maritimo desde a ponta da Pesqueira até Seixes 17,

abstrahindo o que pertence á Estremadura e Beira. De Nascente a Poente na corrente do Tejo 9 leg.; no centro, desde a ponta da Pesqueira até Noudar junto do rio Ardila 32, e finalmente na fronteira do Algarve entre o Guadiana e o mar 23.

Resulta pois da combinação destas diversas dimensões ter a provincia do Alemtejo uma superficie de 860 leg. quadradas de 20 ao gráo, que é a que lhe deu Balbi, geographo que com bastante conhecimento de causa escreveu sobre o paiz. Se porém é esta a provincia maior do reino, tambem é a menos povoada relativamente á sua extensão, pois que, segundo o ultimo recenseamento, que vem no Almanak de Lisboa de 1848 a 1849, as suas tres divisões contém unicamente 276,590 hab., o que não chega a 322 por cada leg. quadrada! Se esta provincia fosse povoada como os tres districtos administrativos de Vianna, Braga e Porto, que formavão a antiga provincia de Entre Douro e Minho, com os seus actuaes 772,368 hab., e 240 leg. quadradas, encerraria só ella 2,767,480 almas, que é cerca de metade de toda a monarchia portugueza.

O seu territorio é pela maior parte plano, em muitos lugares areento e pantanoso, principalmente durante a estação invernosa, e apenas interrompido nas suas vastas planicies por algumas serras, montes e alturas chatas (*platós*), e uma infinidade de rios e riachos que em todos os sentidos recortão a sua superficie. Das serranias, as mais notaveis são as de *Ossa*, pouco ao N. d'Evora; *Caldeirão* e *Monchique* no S.; *Portalegre* e *Marvão*, junto a estas povoações; as eminentes chatadas onde se achão edificadas *Beja*, *Estremoz*, &c., e finalmente a serra da *Arrabida*, fronteira a Lisboa, a mais saliente das suas elevações. De todas estas superficies montanhosas mais ou menos alcantiladas e arvorisadas, nascem fontes e rios

6

em tanta abundancia como nas outras provincias; porém mais que em nenhuma deslisão elles aqui suas aguas brandamente pela planura do solo, fertilisando as suas margens por onde naturalmente se espraião, communicando-lhes sua humidade e fructifero influxo ajudado pelo calor da atmosphera. Os principaes rios ou riachos que percorrem esta provincia são os seguintes: *Tejo*, *Guadiana*, *Sado* ou *Sadão*, *Alpiarça*, *Almansor* ou *Canha*, *Aviz*, *Caya*; *Sor*, *Degebe*, *Charrama*, *Erra*, *Ervedal*, *Sever*, *Odivor*, *Sorraia*, *Xevora*, *Zatas*, *Alvito*, *Niza*, &c.

As mais notaveis lagôas que se encontrão nesta região transtagana achão-se situadas nos districtos pertencentes á Estremadura e Beira, e são as seguintes: Ao S. de Abrantes, entre o Sor e o Tejo, nos terrenos pantanosos e recortados de pateiras e aguas quasi sempre estagnadas, os quaes outr'ora se chamavão *Cemas de Ourem*, ha 6 principaes: uma que nas grandes chuvas tem mais de 2 leg. de comprim. e quasi 1 de larg., sit. perto da villa da Erra e de Val de Negros; della sahe o riacho Sorraia, que vai desembocar no Tejo em Salvaterra de Magos; na direcção de 2 leg. a N. E. no baixo de terrenos alcantilados e perto da aldêa de Ferro de Vacas, e da nascença do rio Erra, ha outra que terá 1 leg. de superficie; 1-1/2 leg. mais ao Nascente, ha outra pouco maior, vizinha á villa de Ponte de Sor; logo ao N. ha mais duas, a 1.ª junto á villa de Axedo, e a 2.ª da villa de Carneiros: nas suas vizinhanças nasce o rio Torto; a ultima que se acha nessas paludosas Cemas de Ourem, é a denominada *Lagôa de Passo*, é quasi redonda, com pouco mais de 1 leg. em quadro; dista 1-1/2 leg. de Ulme e do Tejo. Quasi 1 leg. ao S. de Alcacer do Sal, ha uma de 2 leg. de comprim. e meia de larg., chamada *Lagôalva*, a qual desembocca as suas aguas para o Sado. Duas leg. ao Poente d'Azeitão e perto do convento da Arrabida ha a lagôa salgada de *Albufeira*,

muito piscosa; communica-se com o Oceano, e tem uma milha de comprim. A ria ou extenso braço de mar fronteiro a Setubal, fórma meia duzia de lagôas, algumas das quaes se podem considerar mais como salinas ou reservatorio d'aguas para esse mister. Na parte propriamente pertencente a esta provincia, ha 3 situadas pouco ao N. de Beja, com cerca de 1 leg. de circumferencia cada uma. Exceptuando a de Obidos e as da serra da Estrella e distr. d'Aveiro, são estas, por bem dizer, as unicas lagôas que encerra Portugal; quasi nenhuma é piscosa, navegavel, ou suas margens povoadas, pois quasi todas são pantanosas e insalubres, principalmente as do S. do Tejo, pertencentes ao distr. de Santarem.

A provincia do Alemtejo é fertil por natureza quasi em toda a parte, e abundantissima principalmente em cereaes, circumstancia que desde tempos remotos lhe grangeou o titulo de *celleiro* de Portugal, assim como a Sicilia o é ou era da Italia, na época em que Julio Cesar assim a denominou quando veio á Lusitania, e quinze seculos depois ao mesmo alludia Camões quando disse:

> E vós tambem, ó terras transtaganas,
> Afamadas com o dom da flava Ceres, &c.

Antonio de Souza de Macedo, que escrevia em 1628, nos dá alguns pormenores uteis a respeito desta fertilidade no seu tempo. « De trigo, diz elle, só a freguezia da cathedral d'Evora dá ao dizimo cada anno 700 moios, com a circumstancia de que os lavradores não cultivão todas as terras capazes de sementeira, mas só escolhem a que chamão *folhas*, para fazerem a lavoura de 3 em 3 annos, isto é, a que se semeou este anno não se torna a *afolhar* senão passados 3 annos, porque se no Alemtejo se cultivassem annualmente todas as suas dilatadas campinas e charnecas, daria cereaes para toda a Europa. »

A sua colheita annual póde regular hoje por 180,000 moios de toda a qualidade de grão; a do anno de 1847, só nos 4 seguintes generos, quasi que a igualou, nos 3 distr. da provincia, a saber:

	Trigo	Milho	Centeio	Cevada
Beja. . . .	41,690	849	1,537	10,225
Evora. . .	33,080	666	12,951	15,547
Portalegre.	27,132	3,389	13,216	11,653
	101,902	4,904	27,704	37,425

Total de cereaes, sem contar feijão, fava, ervilha, grão de bico, arroz, aveia, &c. &c., 171,935 moios, os quaes poderião ser triplicados sem difficuldade se no interior da provincia houvessem boas estradas ou faceis meios de transporte, de modo que os lavradores achassem consumo certo e lucrativo aos seus generos, em vez de os ver estagnados ou mal pagando o proprio amanho. Não é raro vender-se no terreiro publico de Lisboa trigo a 500 rs. o alqueire, ao passo que no centro e Sul da provincia regula a 200 rs. e até menos: o mesmo se póde dizer das demais producções. Além de cereaes, abunda tambem muito em boas frutas, das geraes do reino; grande quantidade de azeite e vinho: o primeiro, pelo seu máo preparo, torna-se geralmente rançoso e turvo, bem que a azeitona seja tão boa como a da Toscana, e o vinho, em consequencia de ser recolhido em vasilhas de barro quasi em toda a parte, adquire máo sabor e dura pouco. Hortaliças, batatas, castanhas e outros farinaceos, abundão em todas as povoações, bem como cêra, mel, cortiça nos escampados e outeiros. Os porcos e gado lanigero formão um dos principaes ramos de riqueza; são bem afamados os grandes montados de castanheiros, carvalhos e azinheiras desta provincia, que produzem a substancial *bolota* para a ceva do gado suino, do qual se fazem excellentes salpicões; Lisboa recebe dos

seus rebanhos grande quantidade de toucinho, lãa, carnes seccas e verdes, e queijos frescaes. Caça grossa e miuda, madeiras para construcção e queima, finissimos marmores, afamados barros abundão por toda a parte; é sem contradicção a provincia do reino a mais independente e mais solidamente rica, pois não necessita de cousa alguma que em si não contenha com abundancia, até linho e esparto nos seus terrenos alagadiços, peixe e sal nos rios Tejo e Sado, n'alguns do interior, na costa do Oceano e Guadiana.

O Alemtejo divide-se hoje em 3 districtos, a saber:

	Superficie em leg.	Concelhos.	Freguezias.	Fogos.	População.	Imposto directo predial de maneio e pessoal, de 1847, votado em 1844.
Portalegre. . .	211	19	94	22,388	86,071	94:682$388
Evora.	225	14	113	23,079	85,079	105:087$839
Beja	424	17	108	28,390	105,440	78:392$414
	860	50	215	73,857	276,580	278:162$641

O governo das armas da provincia reside na villa de Estremoz; fórma a 7.ª divisão militar do reino.

Cidades e villas mais povoadas desta Provincia.

Elvas, cidade, bispado e praça d'armas	11,600	*Villa-Viçosa*	3,840
Evora, cidade, arcebispado e capital de districto . . .	9,600	*Moura*, praça d'armas. . .	3,680
Estremoz, praça d'armas e séde da divisão militar. . . .	6,980	*Montemor o Novo*.	2,748
Portalegre, cidade, bispado e capital de districto . . .	5,712	*Castro-Verde*.	2,700
Castello de Vide, praça d'armas	5,481	*Borba*	2,636
Beja, cidade, bispado e capital de districto.	5,300	*Redondo*	2,500
Campo Maior, praça d'armas .	4,652	*Almodovar*	2,430
Serpa.	4,600	*Cuba*	2,410
		Mertola	2,400
		Ourique	2,400
		Coruche	2,350
		Odemira	2,348
		Vidigueira.	2,340

O Alemtejo, pela sua posição geographica, e natureza de suas planicies e escampados, que facilitão o transito de tropa e dominio temporario de inimigos, póde ser considerado como a chave do S. do reino. Já desde remotas eras em seus campos se decidio á força d'armas a sorte de todo o paiz, e mais de uma vez teve de soffrer os horrores de uma continuada e assoladora guerra, pois

com gente e as posições militares que possue, facilmente se póde prolongar uma duradoura contenda. Viriato, Sertorio e outros bem o provárão, mas infelizmente, contra os Romanos; D. Affonso Henriques em 1139, nas planicies de Ourique, resgatou esta bella provincia do poder dos Mouros, anniquilando-lhes suas numerosas forças: Palmella, Alcacer, Elvas, cahem successivamente em poder dos Christãos; Giraldo Sem-Pavor lhes arranca Evora por sorpresa, e finalmente em 1249, após a tomada de Faro e Albufeira por D. Affonso III, a conquista total do Alemtejo e Algarve termina aos 180 annos de guerras do Mouros em Portugal.

Mal se completára um seculo que uma guerra de nacionalidade, a exaltação ao throno de uma nova dynastia, fórma do Alemtejo vasto acampamento de dous partidos adversos; triumphou porém o da patria, e o total desbarato dos Castelhanos em Aljubarrota, pelo grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, é o complemento de mais duas terriveis lições que lhes dera nos campos de Valverde e dos Atoleiros, nesta provincia. Não são menos memoraveis nos seus fastos e nos da gloria portugueza, na prolongada guerra da restauração do throno da familia de Bragança, que durou 28 annos, os victoriosos nomes de *Ameixial, Linhas d'Elvas, Montijo, Montes Claros* e muitos outros, em que a soberba castelhana teve de humilhar-se perante os bravos Alemtejãos. Veio finalmente a infausta época da primeira revolução franceza e imperio, cujas vampireas azas espalhárão devastação e calamidades em toda a Europa. Não foi Portugal um dos paizes que menos soffrerão da sua influencia. Após uma serie de dolorosos sacrificios para com a França, vio o seu territorio invadido, primeiramente pelos Hespanhóes, instigados por esta potencia; Campo-Maior, ainda que egregiamente defendida, assim como Olivença, cahem no poder do

inimigo, a ultima para ficar incorporada na corôa catholica, com escandalosa má fé da parte das potencias signatarias do tratado de paz. (Veja-se *Olivença.*) Brevemente se lhe seguirão as tres invasões francezas, e foi ainda o Alemtejo uma das provincias que mais resistencia lhes fez, e tambem que mais soffreu de sua vandalica rapina e crueldade; consultem-se neste Diccionario os artigos *Evora, Beja, Almeida,* &c. Finalmente, foi tambem nesta provincia, na villa de Evora-Monte, que em Maio de 1834 depôz as armas o exercito miguelista, e onde seu rei assignou o termo de nunca mais se ingerir em negocios politicos de Portugal, embarcando em Sines. Na ultima desgraçada contenda entre cartistas e setembristas, pronunciou-se explicitamente quasi toda a sua população pelos ultimos, reduzindo-se as forças do governo quasi que só a Elvas e Estremoz; a defecção porém de seu chefe, conde das Antas, fez voltar tudo á legalidade. Esta provincia encerra mais praças fortes que nenhuma outra: as mais notaveis, e que se podem verificar nesta obra, são as seguintes: *Elvas, Estremoz, Campo-Maior, Marvão, Evora, Castello de Vide, Serpa, Ouguella Moura* e *Jerumenha.* (Veja-se o artigo *Fronteira Litoral,* &c.)

Alfaiates, villa e freg. com 1,500 hab., perto da raia, e 7 leg. ao S. da Guarda. Acha-se sit. n'um outeiro desabrido e frigidissimo da serra da Estrella, mas em seus arredores pastão grandes rebanhos. El-rei D. Diniz a fortificou com grossas muralhas e um castello; porém hoje tudo existe em ruinas. Sua posição central sobre a estrada real que conduz á Guarda a constitue importante ponto militar.

Alfandega da Fé, villa do distr. de Bragança, sit. a 4 leg. de Moncorvo, cujo termo contém 4,680 hab., porém a villa sómente 600. Conserva ainda vestigios de um antigo castello, o qual, é tradição, guarnecião sempre 200 homens de cavallo com esporas de prata, e delle

sahião a defendê-lo dos Mouros ou a ataca-los. Dahi lhe veio o nome semi-arabe e semi-christão: *Alfang*, significando receptaculo, e *fé*, a que elles sustentavão. Está sit. em lugar alto, e abunda em azeite, vinho e castanhas.

Alfarrobeira, aldêa de riba-Tejo, vizinha d'Alverca e d'Alhandra, 3 leg. ao N. de Lisboa: é celebre na historia das guerras civis de Portugal. O infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do Reino na minoridade de seu sobrinho D. Affonso V, tinha, apezar de sua recta e sabia administração, adquirido alguns inimigos. Subindo El-Rei ao throno, estes o malquistárão com elle, assacando que pretendia usurpar-lhe a corôa e outros alvitres. D. Affonso, por credulidade e inexperiencia, o perseguio, declarou-o traidor, e finalmente, sahindo a campo com 30,000 infantes e 4,000 cavalleiros, o veio encontrar na planicie de Alfarrobeira em 1449, onde o infante estava acampado com uma força de metade menor do que esta: travou-se a desastrosa batalha em que foi completamente desbaratado e morto o infante, tio, tutor e sogro d'El-Rei, juntamente com seu fiel companheiro, o mais esforçado cavalleiro daquelle tempo, o conde de Abranches, D. Alvaro Vaz d'Almada.

Algarve. É a provincia mais meridional, menos povoada e mais pequena do reino, e goza comtudo do titulo de reino. * Está sit. entre 36° 57' e 37° 31' de lat. N., e entre 9° 39' e 11° 19' de long. O. do meridiano de Paris. Confina a E. com o Guadiana, que lhe serve de limite do lado da Hespanha; ao N. com o Alemtejo, tendo por balisas naturaes as serras de Caldeirão e

* Verdade é que, não existindo hoje *Provincias* em Portugal, mas sim *Districtos Administrativos*, o do *Minho* lhe é inferior em extensão; todavia como descrevemos o paiz conforme as suas regiões naturaes, e antigas provincias em que é mais conhecido, tambem englobaremos a do Douro (ao N. do rio) com a do Minho por serem perfeitamente homogeneas. Veja-se a *Nota* a esse respeito que vem no artigo *Alemtejo*.

de Monchique de Nascente a Poente, seguindo sempre os limites a linha das aguas vertentes das mesmas até entestarem dos dous lados oppostos com os riachos Vascão e Seixes, e finalmente ao S. e O. confina com o Oceano, de sorte que a sua extensão de 35 leg. de costa é a mais vantajosa de todas as provincias do reino. O seu maior comprimento desde a barra de Castro Marim no Guadiana até o cabo de S. Vicente é de 28 leg., e a sua maior largura desde o cabo de Santa Maria até a aldêa de Martim Longo na serra excede 10, variando geralmente de 6 a 8. Balbi dá-lhe só de superficie 160 leg., o que julgamos inferior ao verdadeiro computo de 180, opinião que seguem muitas pessoas do reino versadas na sua geodesia. Esta provincia fórma um unico districto administrativo cuja capital é Faro, o qual é o 17° do reino, e a 8.ª divisão militar, cujo quartel ora está em Tavira, ora em Lagos. Segundo o Almanak de Lisboa do anno de 1849, contém o Algarve 130,329 hab. em 34,743 fogos, 15 conc., 62 freg., e contribuio em 1847 com 72:541$169 rs. de imposto directo predial de maneio e pessoal votado em 1844.

O *Guadiana* é o unico rio que tal nome mereça nesta provincia. Os de *Tavira*, *Faro*, *Portimão*, *Alvor*, *Lagos* e outros de igual lote, não são mais que braços de mar que se entranhão por essas povoações, recebendo dellas o nome e alguns regatos. Outros riachos, taes como o *Vascão*, *Seixes*, *Quarteira*, *Valformoso*, *Deleite*, *Lampas*, &c., que no inverno chegão a ser caudalosos e até a derrubar pontes, correm no verão ás vezes tão minguados, que dão váo. As suas aguas, que geralmente crião pouco peixe, são aproveitadas nas regas e moinhos. As principaes montanhas do paiz são os montes *Gordo*, *Figo*, *Foia* e *Picota*, todos nas serras de *Monchique* e do *Caldeirão*. Dos cabos, o de *Santa Maria*, na ilha do mesmo nome ou dos *Caens*,

é o ponto mais meridional do reino; o *Carvoeiro*, 2 leg. ao S. de Portimão; e o de *S. Vicente* ou *Promontorio Sacro* forma a ponta mais occidental da provincia e S. O. do continente europeu.

As suas praias desde o riacho Seixes até Lagos são penhascosas, com altura de 80 até 90 braças, de Lagos até o Guadiana são cheias de ilhotas, que formão o mar e rio da mesma cidade, mui chãs e areentas. O terreno que acompanha a costa do mar com legua e meia para o centro é onduloso e outeirado, cheio de arvoredo fructifero, vinhas e sementeiras: a outra parte em direcção á serra geral, e que acaba nas suas raizes, é pela maior parte charneca coberta de urzaes, espinheiros, castanheiros e sobreiros. Julga-se encerrar dentro de suas balisas minas de cobre e de prata.

A região da serra é em extremo escabrosa, inculta, e apenas de leguas em leguas se encontrão algumas aldêas isoladas. É geralmente desabrida, exposta a furiosos ventos e de terreno ingrato; produz centeio, cevada e plantas farinaceas, e encerra notavel diversidade de caça grossa e miuda.

Abunda esta provincia em todos os fructos que ha no reino, além de outros peculiares. Produz bastantes cereaes, os quaes na colheita de 1847 avultárão á consideravel quantia de 26,761 moios, a saber: trigo 14,421, cevada 6,280, milho 4,000 e centeio 2,060, e legumes, que chega a exportar; o azeite é sufficiente para o consumo, porém de inferior qualidade; o vinho tambem geralmente não é do melhor, bem que o produza. O peixe é baratissimo; as gallinhas custão 120 a 200 rs., as perdizes a 50 rs., e a mais caça á proporção. Exporta muito figo, passas, alfarroba, amendoas, fruta de espinho, castanha, sumagre e grãa para tinturaria, peixe salgado, principalmente bello atum, obra de palma e renda de linho; produz

tambem cannas de assucar e sal para seu consumo, e annos ha que delle exporta. Contém minas de cobre de ferro, outr'ora exploradas, e aguas mineraes, que no XV° seculo chegárão a adquirir grande fama, e dellas fez uso D. João II, mas veio a morrer em Alvor, sem lhes aproveitarem.

Principaes Povoações do Algarve.

	hab.		hab.
Faro, cidade capital, bispado.	7,900	*Silves*, cidade	2,400
Tavira, cidade. } Quartel general.	8,640	*Monchique*.	2,810
Lagos, cidade. } Quartel general.	8,340	*Albufeira*.	2,670
Loulé.	8,245	*Castro Marim*	2,260
Olhão.	6,000	*Villa Real de Santo Antonio* .	2,000
Portimão	3,340	*Alcoutim*	2,000
Lagôa	3,100	*Algesur*	1,860

Bosquejo historico. Algarve, derivado de *al gharb*, que é termo arabico e significa *o Occidente*, e com effeito os Mouros estendião esta denominação ás terras occidentaes da Hespanha meridional desde Almeria até o Promontorio Sacro, hoje Cabo de S. Vicente, e ás praias fronteiras d'Africa desde a bocca do Estreito de Gibraltar até Tlemecen, pelo que os Reis de Portugal, quando se assenhoreárão do Algarve, delle se intitulárão tambem reis, e quando passárão a ter dominio na Africa, isto é no *al gharb* d'além mar, accrescentárão a este o de: *d'aquem e d'além mar em Africa;* do primeiro titulo começou a usar D. Sancho I, e do segundo D. Affonso V, bem que D. João I tivera o mesmo jus.

Os povos antigos mais conhecidos desta região forão os Turdetanos, Celtas, Cuneos e Cinetas, todos dissidentes em culto e costumes; porém, sendo os primeiros mais numerosos e fortes, conservou o paiz o seu nome de *Turdetania*. A fertilidade do solo, benignidade do clima e posição geographica, convidárão successivamente os Phenicios, Tyrios, Carthaginezes e Romanos, e em seguida os Godos e Arabes, a demandarem as suas costas,

apossarem-se dellas e do résto do terreno, naturalmente defensivel ao S. e O. pelo Occano, ao N. pela serrania do Caldeirão, e a E. pelo Guadiana. O valor de seus habitantes, sua civilisação e industria merecêrão principalmente grande apreço aos Romanos.

Depois de muitos seculos e tão diversos senhorios, cahio o paiz em poder dos Arabes no principio do seculo VIII, os quaes supplantárão os Godos, e nelle dominárão durante cinco seculos. Nesse comprido lapso se augmentou a sua população e agricultura, ainda mesmo sendo retalhado como estava em varios principados ou regulos.

D. Sancho I, filho do fundador da monarchia, foi o primeiro monarcha que tentou a conquista do Algarve, e, com o auxilio de uma frota de Dinamarquezes e Hollandezes que ia em demanda da Terra Santa, tomou em 1189 a forte cidade de Silves e outras terras principaes; porém que forão recobradas um anno depois pelo proprio monarcha de Marrocos, o qual restituio tudo ao antigo estado, e só dahi a quarenta annos, em 1232 e seguintes, é que D. Sancho II, ajudado pelos cavalleiros de S. Tiago, commandados pelo illustre D. Paio Peres Corrêa, depois de conquistar quasi todo o Alemtejo, passou ao Algarve, onde submetteu a maior parte das praças. El-Rei D. Affonso III, tanto dedicou a sua attenção a esta conquista, e com tanta felicidade a proseguio, que de 1249 à 1252 havia concluido tão gloriosa empreza, dominando todo o Algarve. Pelo espaço dos tres seculos seguintes, desenvolveu-se consideravelmente a sua agricultura, o commercio de cabotagem e o trafico maritimo, não só o da pesca, mas tambem o das expedições neste elemento, para o qual todo o Algarvio tem propensão, cujo espirito aventureiro bem pudérão saciar nos reinados de D. João I, D. João II, D. Manoel e D. João III, e final-

mente na fatal jornada de D. Sebastião, que, desaferrando do Algarve com a flôr da sua mocidade, a foi sepultar em Alcacer Quivir. Já d'antes, das bahias de Sagres e Lagos, havião partido os primeiros baixeis, que, devassando «mares nunca d'antes navegados», abrirão o trilho que ao depois franqueou á nação a Africa, Asia, America e Oceania.

Com o intruso governo dos Philippes, entorpeceu-se a sua energia, diminuindo-se a sua população, já diminuida com a expulsão dos Mouros e Judeos, guerras d'Africa e colonisação dos novos dominios. Definhou a sua agricultura, a industria, e com ellas a sua pescaria, importante ramo que sustentava o paiz e se exportava.

O terremoto de 1755 veio ainda completar a desolação geral; muitas povoações ficárão completamente arruinadas, quasi todas as igrejas e edificios maiores desabárão; o mar penetrou umas poucas de vezes mais de uma legua pela terra dentro, arrastando e demolindo quanto encontrava; frequentes furacões em 1757 derrubárão o arvoredo e casaes menores: seguindo-se-lhe molestias contagiosas e seccas. Nestas calamidades perecêrão oito a dez mil pessoas.

Lutando com a adversidade, tiverão os Algarvios de supportar irremediavelmente estes desastres. Com o tempo forão pouco a pouco surgindo do lethargo, longe porém de poderem remontar ao seu primeiro esplendor.

Forão elles os primeiros que em 1808 levantárão o grito da independencia contra os Francezes em Olhão, donde tambem sahio um pequeno cahique para o Rio de Janeiro a levar a noticia da total expulsão delles, onde foi admirada a assombrosa ousadia de arrostar com tão longinquos e encapellados mares n'um baixel de pescadores coberto *. Seguindo os vaivens da fortuna e das oscilla-

* D. João VI mandou conservar o cahique para memoria e admiração da posteridade. Ao mestre, Man. Martins Garrocho, fez guarda mór da saude,

ções politicas do resto do reino, foi o Algarve ainda a provincia mais maltratada de toda a monarchia. Havendo prestado efficaz auxilio á divisão do duque da Terceira, que em 1833, a 24 de Junho, desembarcára nas suas praias, vio brevemente acabada a guerra civil pela convenção d'Evora-Monte; apparece porém em campo um dos chefes miguelistas por alcunha o *Remechido*, homem ardiloso e conhecedor dos atalhos da serra, onde andava fugitivo desde o desfecho da luta. Este bandido, acompanhado de outros descontentes, chegou a formar guerrilhas de 300 a 900 foragidos, e a percorrer livremente a serra e até as planicies, commettendo roubos e atrocidades em nome do seu rei D. Miguel, e causando tal terror, que as povoações se fortificárão, mobilisárão-se as guardas nacionaes, empregou-se a tropa de linha com apparato, suspendêrão-se as garantias, &c., sem comtudo o estorvarem, havendo contínuas escaramuças. Finalmente a 28 de Julho de 1838 foi encontrado com a guerrilha pelo capitão Cabral do 5.° de caçadores, onde esta, sendo derrotada, fugio, deixando prisioneiro o Remechido, que, passando por um conselho de guerra em Faro, foi fusilado. Desde então até á data em que escrevemos (1849) nada de geral importancia tem havido nesta provincia, a não ser o seu quasi geral pronunciamento pelos revoltosos do Porto em 1847, ajudada pela força do rebelde conde de Mello, e pela expedição que nas suas praias desembarcou commandada pelo general Sá da Bandeira. (Veja-se *Setubal.*)

Algesur ou *Aljesur*, antiga villa do Algarve, a 4 leg. ao N. E. do cabo de S. Vicente, sit. em terreno doentio e encharcado, porém abundante em cereaes; 1,860 hab.

Algodres, villa a 5 leg. de Vizeu: 630 h., e o conc. 3,900.

---

e ao piloto Man. d'Oliveira Nobre, capitão do porto de Olhão; deu o habito de Christo a ambos, patente e soldo de primeiros tenentes da armada, tenças de 200$000 e um hiate para voltarem ao reino.

Algoz, aldêa grande e rica, a 2 leg. de Silves, com 1,270 hab.

Alhadas, villa e freg. vizinhas da Figueira, e a 5 leg. de Coimbra, 3,690 hab.

Alhandra, villa sit. na margem direita do Tejo, a 5 leg. de Lisboa, com 2,300 hab., e muitas fabricas de tijolo e telha. Em frente della começão os terrenos ilhados e alagadiços denominados *Lezirias*, fertilissimos em cereaes. Junto a esta villa principiavão as linhas de defesa de Lisboa, feitas por Wellington em 1809 contra Massena, as quaes se estendião até Peniche. (Veja-se *Torres-Vedras.*) É patria do grande Affonso de Albuquerque.

Alijo', villa do distr. de Villa-Real, donde dista 4 leg.: tem 1,230 hab.

Alja, Alje ou **Also,** arrebatado riacho que nasce perto de Ancião e de Pombal, distr. de Coimbra, passa por Arega e entra no Zezere. Dá trutas e solhos excellentes.

Aljubarrota, antiga villa a 4 leg. ao S. de Leiria: contém 1,700 hab. Foi nos seus campos que em 14 de Agosto de 1385 o exercito portuguez, commandado pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e ás ordens de D. João I, Rei de Portugal, constando apenas de 6,500 homens, derrotou 33,000 Castelhanos, commandados pessoalmente pelo Rei de Castella, tambem D. João I. Em commemoração desta victoria, mandou o Rei portuguez edificar o primoroso mosteiro da Batalha. (Veja-se *Batalha**.)

---

* Como seja uma legenda muito popular no reino, e até synonymo de bravura desesperada e grotesca, o termo de — valentão, mata-castelhanos, endiabrado como a — *padeira d'Aljubarrota*, &c., — eis-aqui a sua decifração. *Brites de Almeida*, padeira e moradora nesta villa, talvez mais ardente no fogo marcial do que no exercicio da sua occupação, não podendo tolerar a invasão dos Hespanhóes na sua patria, e póde ser que na sua padaria, armada de uma pá de ferro, instrumento de seu trabalho de forneira, durante este combate arremetteu ao inimigo com temeraria furia, matou sete soldados de um troço

Aljustrel, villa do termo de Beja, com 1,400 hab.

Almada, villa fronteira a Lisboa, em terreno alcantilado sobranceiro ao Tejo, com 4,500 hab. Já teve um palacio real, cujas ruinas ainda hoje se denominão os *Paços*. Seus arredores são bem cultivados de vinhas e hortaliças, contendo boas quintas. Na *Cova da Piedade*, sitio que lhe é contiguo, derrotou o duque da Terceira, a 23 de Julho de 1832, a divisão miguelista de Telles Jordão, quasi tres vezes superior em numero á sua, com 1,200 soldados enfraquecidos, vindo este malvado carrasco a ser esquartejado no cáes de Cacilhas pelo povo e soldados quando o conhecêrão. Depois desta derrota, atravessou o Tejo e entrou triumphante na capital, cuja guarnição de 10,000 homens foi mandada retirar, tal era o panico da victoria do duque. *Cacilhas* está na margem do rio, onde tem um formoso cáes, e quasi não consta senão de uma só rua com perto de 1,368 hab. Uma car-

---

e pôz os restantes em fuga, continuando impavida na ceifa delles. Francisco Rodrigues Lobo, fallando desta façanhuda e grotesca aventura, disse:

> Celebre-se a mulher, louve-se a terra
> Onde com pá se faz tão cruel guerra.

Além da sua superioridade numerica, o exercito castelhano trazia dezaseis peças de campanha, primeiros instrumentos bellicos desse genero que se virão em Portugal. D. Nuno Alvares Pereira, que commandava a primeira ala portugueza, rompeu denodado por entre esses desconhecidos instrumentos de morte: chamavão-lhes então *Trons*, e com elles atiravão balas de pedra. Foi alludindo a isso que disse o mesmo F. R. Lobo:

> Forão do som horrisono espantados
> Muitos da primeir'ala lusitana,
> De alguns *trons* aos nossos desusados
> Que vinhão da vanguarda castelhana.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira foi o principal heróe desta victoria. Os inimigos perdêrão quasi metade do seu exercito, entre mortos, feridos e prisioneiros, toda a bagagem, trem, e até o sceptro do proprio Rei. Um gigantesco caldeirão, que dizem cozinhava mais de um moio de feijão, e que tambem foi tomado, conservou-se no mosteiro da Batalha, até 1833, anno em que desappareceu.

reira de vapores e falúas facilita aos habitantes da capital o gozarem das agradaveis cavalhadas em burrinhos, folguedos e passatempos que neste sitio abundão todos os dias santos e no verão. No sitio do *Caramujo*, a uma milha, ha grande deposito de vinhos, e contigua está a deleitavel vivenda do *Alfeite*, morada Real, muito frequentada por D. Miguel. O ponto de vista de Almada para Lisboa apresenta talvez o mais bello amphitheatro da Europa. Seu castello é de pequena importancia. Por baixo, na margem do rio, tem copiosa abundancia de excellente agua na *Fonte da Pipa*, onde se abastecem as embarcações, e grandes armazens de vinhos. Seguindo meia legua para o Poente, fica a *Torre Velha*, em frente da de Belém, fechando esta garganta do Tejo, que tem tres quartos de legua de largura; cruza o fogo com ella, porém não é defensavel por terra.

Almansor, rio. Veja-se *Canha*.

Almargem do Bispo, pov. sit. no riacho Loures, 3 leg. ao N. de Lisboa: 2,160 hab.

Almeida, villa e praça forte, a segunda do reino, sit. n'uma campina plana, porém tão elevada, que do seu castello se descobrem terrenos de onze bispados, quatro dos quaes na Hespanha. Tem um sumptuoso templo com duas altas torres. Suas fortificações são respeitaveis, com excellentes fossos, caminho coberto e armazens á prova de bomba: está sit. perto da margem direita do Rio Coa, a 4 leg. de Pinhel e 3 da fronteira: tem 1,670 hab. O seu castello foi começado por El-Rei D. Diniz, e concluido por D. Manoel. Nas tres ultimas dissensões politicas, ha sido tomada e retomada por todos os partidos; e em 1810, quando se defendia vigorosamente contra os Francezes, pegou fogo nos armazens da polvora, o que fez voar o castello, perecendo grande parte da guarnição. Eis como a este respeito se expressa o historiador Santeuil:

« Massena, querendo abrir a campanha por uma acção digna do vencedor de Souwarroff e do defensor de Genova, pôz cerco á praça forte de Almeida. Ter-se-hia sem duvida apoderado della; porém, depois de grandes sacrificios de gente e de tempo, veio um desses felizes acasos, que a victoria reservava para o seu filho predilecto, entregar-lhe mais depressa a praça. A 26 de Agosto, uma bomba lançada das baterias de ataque arrebenta junto a um rastilho de polvora que communica com o paiol ou deposito della: no mesmo instante, como por effeito de uma pavorosa magia, vôa a cidade pelos ares. Enormes pedras e rochedos são lançados até ás trincheiras francezas, peças de grosso calibre são arrebatadas de suas posições, feitas em troços, e estes arremessados a mais de 200 toezas de distancia; os baluartes e as fortificações se desmoronão, e no entretanto vê-se, como para completar essa scena infernal, alguns artilheiros portuguezes, escapados milagrosamente á explosão, continuarem com todo o sangue frio a carregar, apontar e fazer fogo com a unica peça que restára sobre as ameias, ao passo que as ruinas da praça que ainda vôão e estão desabando ameação de os sepultar debaixo de si. »

Almeida é a patria do illustre chronista e historiador frei Bernardo de Brito.

Almeirim, villa ao S. do Tejo, a 1 leg. de Santarém e 14 de Lisboa, edificada em 1411 por D. João I, e o seu arruinado castello por D. Manoel: ahi costumavão elle e seus successores passar o verão e caçar, pois os seus arredores são frescos e abundantissimos em veação e caça do ar. Tem um palacio arruinado, e 1,370 hab. Ao N. é banhada pelo rio Alpiarça, que fertilisa o seu termo, e a provê de peixe. Nella se celebrárão em 1579 as côrtes em que o decrepito Cardeal-Rei D. Henrique deixou a successão do reino a quem mais *direito* tivesse, isto é, mais *força*.

Almendra e Castello-Melhor, duas pov. que formão um conc. contendo 3,436 hab., sit. nas cercanias de Trancoso, distr. da Guarda. A primeira tomou esse nome porque no seu termo abunda muita *amendoa* (em hespanhol *almendra*); o mesmo lhe acontece com vinho, grão e peixe, por se achar sit. entre o Douro, Coa e Aguiar.

Almodovar, villa grande e freg. no Alemtejo, a 20 leg. d'Evora e 3 d'Ourique, com 2,430 hab., e um bom templo de tres naves.

Almofalla, no termo de Lamego, villa com 797 hab.

Almonda, rio. Veja-se *Azinhaga*.

Almoster, pov. de 950 hab., sit. 3 leg. a O. de Santarém, onde o marechal duque de Saldanha, por uma bem combinada estrategia, bateu completamente os miguelistas em 1834. D. Pedro, para commemorar esta victoria, mandou restituir a effigie do marquez de Pombal, avô deste general, á estatua equestre do Terreiro do Paço, donde havia sido arrancada depois da morte de D. José I.

Alpalhão, villa e freg. do distr. de Castello-Branco, a 4 leg. de Portalegre, com 1,555 hab., sit. n'uma extensa planicie, cercada de antigos muros e castello. O seu termo produz alguns cereaes; porém acha-se quasi todo destinado a pastos de ovelhas e carneiros, cujas lãas, assim como as de Niza, Tolosa, Gafete, Castello de Vide e Crato, são as mais estimadas do reino, porque, pascendo em terrenos arenosos, os gudilhões e fios se fazem mais finos e macios, e se carregão menos de materias estranhas.

Alpedrinha, villa do distr. de Castello-Branco, sit. n'um dos ramos da serra da Guardunha e em posição tão elevada, que della se avista toda a Beira-Baixa: está a 10 leg. ao S. da Guarda, tem 1,260 hab., e o seu conc. 2,258. Em Julho de 1808, havendo-se os seus hab. levantado contra o intruso governo francez, o general Charlot tornou a reduzi-la á obediencia, praticando as maiores atroci-

dades e latrocinios, e entregando a villa e demais povoações comarcans ao saque e furor dos Francezes.

Alpiarça ou **Alpiaça**, pov. abastada no termo de Santarem, ao S. do Tejo e sobre a margem direita do rio do mesmo nome; dista 15 leg. de Lisboa, e contém 2,800 hab. O rio nasce n'uma lagôa do conc. d'Ulme, e se lança na esquerda do Tejo, em frente de Vallada, com 12 leg. de curso. Corre muito manso, e abunda em fataças e barbos; tambem fertilisa muito os campos com as suas inundações. Este sitio é doentio no verão.

Alportel (S. Braz de), aldêa grande e bonita a 2 leg. de Faro: contém uma formosa igreja e boas casas. Toda a sua freg. é abundante em cereaes e frutas, e encerra 3,348 hab.

Alqueidão da Serra, freg. do districto de Santarem e perto de Torres Novas: 2,116 hab.

Alquerubim, freg. a 2 leg. de Aveiro, perto do Vouga, com 1,200 hab.

Alte, grande e rica freg. a 9 leg. de Faro e 2 de Loulé. Além de muita fruta e cereaes, tem uma abundante mina de cobre que já tem sido explorada duas vezes pelo governo: consta de 1,690 hab. Está sit. n'um profundo valle, de cujos pincaros se descobre quasi todo o Algarve. Produz muito esparto em seus arredores.

Alter do Chão, villa e freg. do distr. de Portalegre, donde dista 3 leg. ao O., e entre os rios Ervedal e Aviz. É terreno de abundantissimos pastos, e onde tanto os Reis como os fidalgos de Portugal fazião procrear e apurar as raças dos seus cavallos, cuja boa qualidade se cifrava em provar que era *raça d'Alter.* A villa contém 2,000 hab. Ha ainda outra freg. chamada *Alter Pedroso*, contigua a ella, do lado de Portalegre.

Alva, rio que nasce na serra da Estrella, passa perto

de Avó e entra na esquerda do Mondego com 10 leg. de curso; é mui rapido e abunda em trutas.

Alva, villa e freg. a 4 leg. de Vizeu, com 1,100 hab.

Alvarenga, villa a 6 leg. de Lamego, com 1,060 hab. A vizinha serra da Franqueira, que corre pelo seu distr., e o rio Paiva, que tambem a banha, lhe fornecem muita caça e muito pescado.

Alvares, pov. a 7 leg. de Coimbra, com 1,080 hab.

Alvayazere, a 3 leg. ao N. de Thomar, na estrada de Coimbra, villa e sitio de amena vivenda, com 1,508 hab. Tem de notavel esta villa uma boa casa de camara, elegante matriz de tres naves e hospital gratuito. Seus arredores são abundantes em fructos de boa qualidade, grão, legumes, azeite, e o clima é sadio. Pouco distante para N. E. fica-lhe a serra do mesmo nome, aspera, pedregosa e com 4 leg. de comprimento. Cria muito alecrim, e por isso é excellente o mel que as abelhas fabricão de sua flôr.

Alverca, villa a 4 leg. ao N. E. de Lisboa, com 1,280 hab. No vizinho sitio do Sobral, tem o duque da Terceira a sua bella quinta do *Sobralinho.*

Alvercas de Riba-Tejo. Assim se denominão ao S. deste rio, em frente de Santarem, os terrenos alagadiços, apaulados: vem do arabe *alborca*, tanque, agua pantanosa.

Alviella, rio do distr. de Santarem; nasce na serra de Minde, no sitio de *Olhos d'Agua*, e entra no Tejo pela aldêa d'Alviella, a 1 leg. ao N. E. de Santarem. E abundantissimo de peixe e de matas nas suas margens. Chamão-lhe tambem rio *Pernes*, por ahi passar.

Alvito, a 6 leg. ao S. O. d'Evora, villa com 1,570 hab. O seu termo é fertilissimo em cereaes e azeite. Seu antigo castello acha-se em ruinas. Fica-lhe vizinha a serra da *Muxagata*, abundante de caça.

Alvor, a 9 leg. de Faro, foi villa de bastante importancia até o fim do XVII° seculo, e nella morreu el-rei D. João II, onde tinha ido tomar as suas aguas sulphureas, que são excellentes, e distão 3 leg. da villa. Hoje é aldêa com 1,260 hab., que vivem de pescaria e salinas. Está sit. sobre o riacho do mesmo nome, entre Lagos e Portimão: abunda em cereaes e vinho.

Alvorninha, villa e freg. do distr. de Leiria, com 1,530 hab. Está sit. em lugar alto e saudavel; o seu termo confina com o distr. de Santarem, e encerra boas quintas, abundantes em azeite, cereaes, vinho do bom e hortaliças.

Amarante, antiga e agradavel villa a 7 leg. ao N. E. do Porto, n'uma campina amena e fertil; tem uma bella ponte de pedra sobre o rio Tamega. Possuia alguns edificios nobres, a mór parte dos quaes forão incendiados pelos Francezes na invasão de 1809, além de muitas e apraziveis quintas nos seus arredores. É importante posição militar; por isso tem sido theatro de repetidos combates, cujas consequencias são sempre a perda de vidas e a devastação das propriedades. Dista de Guimarães 5 leg. e 1 da serra do Marão; é provavel que, por se achar assim na estrada principal do Porto para Tras-os-Montes, e chegada a essa serra, adquirisse o nome romano de *Antemoranam*, o qual se corrompêra depois no que hoje goza. Dizem ter sido fundada 360 annos antes de J. Christo, porém fôra assolada e destruida pelos barbaros do Norte e Mouros, a ponto que em 1250 era um montão de ruinas. Nessa época, S. Gonçalo dito d'Amarante veio ahi habitar uma humilde ermida, onde foi enterrado. Á força de zelo e de esmolas que sollicitou, conseguio edificar a ponte que hoje existe, e attrahir moradores para esse sitio, repovoando-o, prégando a moral do Evangelho, e vivendo vida exemplar. Em 1543, mandou D. João III

edificar o convento da invocação do mesmo Santo, ficando o altar-mór da igreja por cima do lugar da sua sepultura: é obra consideravel.

Ameixial, aldêa do Alemtejo, proxima a Extremoz, onde o conde de Villa-Flôr, D. Sancho Manoel, avô do actual duque da Terceira, bateu o exercito castelhano em 8 de Junho de 1663, sendo seu general D. João d'Austria, filho natural de Philippe IV, Rei de Hespanha. Forão completamente derrotados os Castelhanos, deixando no campo 4,000 mortos e 6,000 prisioneiros, entre elles oito generaes, toda a artilharia, 1,400 cavallos, 12 bandeiras, 2,143 carros de munições e bagagem, caixa militar, secretaria e o supremo estandarte de Castella. Os Portuguezes estavão mais fortes em cavallaria; porém os inimigos tinhão dobrada infantaria.

Amora, bonita aldêa ao S. do Tejo, a 2 leg. de Lisboa; é a habitação predilecta da infanta D. Isabel Maria, que nella possue uma quinta: tem 900 hab. pescadores.

Anadia, pov. sit. a 1 leg. da serra de Besteiros e outra d'Avellans de Cima, na raiz do monte Crasto, e junto de uma lagôa onde nasce muita agua; é abundante, fertil e produz bom vinho. (Veja-se *Bairrada.*)

Ançãa, villa e freg. a 2 leg. de Coimbra: é pov. abastadissima d'aguas crystallinas e frutas. Nos seus arredores se extrahe immensa quantidade de pedra branca, azulada e rôxeada, excellente para esculptura e de facil córte. Todo o seu termo contém 5,268 hab., e a villa 1,612.

Ancians, aldêa do conc. de Gestaço, a 10 leg. de Braga. Tem na sua vizinhança excellentes caldas que nascem n'um fôjo em serra ingreme; suas aguas são sulphureas e muito applicadas á frouxidão de nervos, paralysias e vertigens: tem havido casos de um só banho curar perfeitamente.

Ancião, pov. a 6 leg. de Coimbra, com 1,240 hab.

Ancora, pequeno rio que divide o conc. de Caminha do de Vianna, e desagua no mar 1 leg. ao S. da primeira fórmando uma pequena barra com o forte da Lagarteira.

Anços, rio da Beira-Alta, que com o nome de *Arunca,* nasce na serra d'Alqueridão, perto de Leiria, passa por Pombal e *Soure* cujo nome tambem toma, e vai lançar-se na esquerda do Mondego, junto á villa d'Anços, com 8 leg. de curso: esta tem de 800 a 900 hab.

Angeja, villa e freg. a 3 leg. de Aveiro, rodeada de campos e varzeas muito ferteis, porém sezonaticas. Tem uma boa igreja, e 1,560 hab.

Angola. O vasto territorio de que se compõe este governo geral no continente da Africa occidental, é formado pelo reino de Angola, parte do de Benguella, do Congo, do de Loango, Molembo, Cabinda e outros. O seu limite septentrional é fixado em 7° 52' de lat. austral, entre os rios Sogo e Bamba, estendendo-se pela costa do S. até 18°, perto de Cabo Frio, conforme se acha estipulado no tratado de 1817 com a Inglaterra, pelo qual tambem a corôa portugueza reserva os seus direitos sobre alguns territorios em Cabinda, Molembo ou Malimba ao N. em lat. 5° até 7°, nos quaes corre o grande rio Zaire. Tem pois a sua costa mais de 200 leg. de desenvolvimento, e alguns dos seus *presidios* ou postos militares se achão em igual distancia para o interior. Os seus rios mais notaveis são ao N. o Dande e o Bengo, em que navegão embarcações de 100 toneladas, e o Cuanza, navegavel n'outro tempo para sumacas de 200 e 300 toneladas, e que fórma o porto de Calumbo; porém acha-se hoje obstruido por baixos d'areia, que só permittem passagem a barcos pequenos, e na sua foz tem mais de meia leg. de largura. O Loge ou Loze fórma o porto de Ambriz, onde já hoje não ha guarnição portugueza, e é ponto de muita escravatura; não se confunda

porém este com outro rio Ambriz, que lhe fica parallelo mais ao N. 10 leg. Na direcção do S. acha-se o rio Longo, o Cuvo perto do presidio de Novo Redondo; depois o Catumbella e o Cobal, que fórma o porto de Mossamedes, e outros de menor nota. A superficie dos territorios portuguezes em Angola, Benguela e paizes tributarios, tanto no Congo como n'outros, excede seis vezes a de Portugal, podendo-se calcular em 24 mil leguas.

Neste paiz contão-se as distancias por dias de jornada, cada um dos quaes se avalia em 5 leg. Os nomes dos principaes presidios e as suas distancias approximadas de Loanda são os seguintes: *Bihé* 180 leg.; S. José d'*Encoge*, tambem denominado *Pedras Negras*, 145; *Pongo Andongo* 85 a 90; *Cambambe* 75; *Ambaca* 72; *Muxima* 50; *Massangano* 45; *Caxillo* 40; *Golungo Alto* 32; *Golungo Baixo* 24; *Quilengues* em Benguella 15 ao S. de S. Philippe.

O paiz sujeito directamente a Portugal divide-se em districtos e presidios, além do que ha muitos chefes negros, uns feudatarios, outros alliados, os quaes em caso de guerra concorrem com os seus contingentes de homens armados. Alguns dos regulos tomão os titulos portuguezes de duques e marquezes, outros conservão os de *dembos* e de *sovas*; destes ultimos, para cima de 500 estão sujeitos a autoridades portuguezas, e nas suas desavenças intestinas, tomão por arbitro o capitão mór do presidio mais vizinho. Estes povos são geralmente gentios, porém os dos presidios e municipios são catholicos. A civilisação européa não tem feito os menores progressos nestas vastas regiões, o que é principalmente devido á inepcia e curta intelligencia dos naturaes, não menos que á tyrannia e egoismo dos capitães móres e outras autoridades que só se servem do seu poder para atormentarem os inermes pretos, afim de lhes extorquirem dadivas, tornando assim odiosos todos os brancos e suas instituições.

O paiz é pouco povoado e ainda mais mal cultivado; as aldêas a que chamão *libatas* ou *sanzalas* distão entre si de 3 e mais leguas: cada uma é governada pelo seu *goba*, o qual, segundo o seu arbitrio, administra a justiça por si ou pelo *macota*, seu delegado.

A população que está directamente sujeita a Portugal não excede 540,000 hab. Além da tropa de linha e milicias ás ordens das autoridades, os *sovas*, que governão a população indigena, são obrigados a dar para a guerra a tropa de *empacaceiros* que acima se mencionou, a qual sendo effectiva excederia 26,000 homens.

O clima é geralmente máo para os estrangeiros. Em Loanda concorre para isto a falta de boa agua de beber; a de que se usa, quasi toda tirada de poços, é salobra e tem particulas de enxofre, ou é trazida do rio Bengo a 8 leg. de distancia, e cuja corrente é immunda. Desde Novembro até Abril, e com mais força neste mez e Abril, em que cahem as grandes chuvas, mui nocivas á saude, reinão as molestias chamadas *carneiradas*, que atacão principalmente os estrangeiros. Desde Maio até Outubro o sol descobre sómente depois do meio dia, e por pouco tempo: neste periodo chamado *cacimbo*, ha grande abundancia de vegetaes; os estrangeiros então soffrem pouco, e as molestias grassão entre os naturaes do paiz. De todos os presidios os mais doentios são: S. Philippe de Benguella, Massangano e Muxima, ambos estes nas margens pantanosas do Cuanza. Em Bihé e Pungo-Andongo o clima é excellente, e faz ahi tanto frio como em Portugal. O clima de Caconda, no interior de Benguela, passa por muito sadio.

Esta vasta colonia abunda em madeiras de construcção de superior qualidade; o tabaco e anil dão espontaneamente; o algodão, igual ao de Pernambuco, vegeta até na arêa: ha matas de cannas d'assucar como em Cayena.

No districto de S. José d'Encoge ha grande quantidade de excellente café silvestre. Nos districtos pantanosos produz arroz perfeitamente, e nelles o cacáo deveria sem duvida prosperar. Plantas de chá e de camphora transplantadas da Asia, tem ahi vegetado com vigor, e no districto de Pongo Andongo cultiva-se muito trigo e outros cereaes. Produz igualmente muitos mineraes uteis e preciosos, taes como salitre, enxofre, ferro, estanho, prata e ouro em abundancia. No sitio de Golungo Alto ha uma fabrica Real de ferro, que para a cidade e o arsenal envia este metal em barras ou fabricado em pregos, machados, enxadas, &c.

Angola e Benguela importão alguns generos de agricultura, e todos os manufacturados de que necessitão. Exportão principalmente pelos portos de Loanda, S. Philippe e Novo-Redondo, cera, mel, azeite de mendobim, e palma ou *dendê*, esteiras de junco, gomma copal e marfim, que é monopolio do governo. O seu principal ramo de commercio porém é o de escravatura. Em 1820 sahirão só do porto de Loanda com despacho perto de 19,000 negros; de Novo Redondo e Benguela sahião annualmente quasi metade. Como desde 1829 este commercio se tornou illegal no Brasil, a exportação de escravos desses portos, nos annos que precedêrão esse, excedeu de muito a de 1829. Apezar dos esforços que os governos de Portugal, Brasil e Inglaterra tem empregado para a extincção deste odioso trafico, póde-se calcular que ainda actualmente, em 1849, só nas provincias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, entrão annualmente, vindos de Angola e Benguela, 16,000 escravos de ambos os sexos, afóra os tomados no mar *.

* Por mais esforços que a conhecida *philanthropia* britannica tenha praticado afim de pôr termo a esse commercio, que *hoje* considera *piratária*, *nefando trafico de carne humana*, &c., no qual os seus cruzadores apanhão

Os animaes da Europa degenerão um tanto nestas colonias. Ha mui poucos cavallos, e no interior do paiz usão para montaria de bois de raça pequena que tem uma corcova entre as espaduas, e são guiados por meio de uma argola posta entre as ventas; o seu trote porém é incommodo. Em 1839 forão para ahi mandados alguns camellos para propagarem, cuja raça póde vir a ser muito util. Entre os animaes silvestres do interior, nota-se o leão, o tigre, o javali, diversas especies de macacos, o rhinoceronte, o unicornio, zebras de rara belleza, que pastão em numerosas manadas e elephantes, um grande rebanho dos quaes n'uma occasião entrou em S. Philippe, e para fazer

---

annualmente perto de um cento de embarcações, mas que muito *odioso* se torna na *época actual*, porque os Africanos (prescindamos do principio moral) são a alma da agricultura do Brasil, a quem só faltão braços, fazendo-lhe produzir toda a qualidade de generos coloniaes e com espantoso progresso, os quaes entrão em parallelo na qualidade com os das colonias britannicas, e lhes levão a palma na barateza do preço; por mais, repetimos, que a Inglaterra tenha pretendido levar a effeito essa *philanthropoegoistica* medida, nada mais tem conseguido do que apanhar alguns escraveiros no mar, e fazer com que os traficantes da costa se aperfeiçôem na arte do contrabando. Poucos annos ha que, por motivos politicos e de interesse, não consideravão os Inglezes o *commercio* tão nefando, pois era a nação que mais o exercia: ouçamos o que diz Mac-Gregor na sua *Statistics*, vol. 2.°, pag. 321: « Em 1788 calculou-se por informações colhidas no archivo do commercio de Londres, que existião nas colonias inglezas onde se cultivava assucar 450,000 negros, os quaes, avaliados a 50 L. St., prefazião 22,500,000; as fazendas cultivadas por elles, incluindo gado, 45,000,000, e o valor de effeitos, navios, generos, &c., empregados no trafico, 32,500,000, total 100,000,000 L. St. Conforme documentos apresentados ao parlamento em 1819, o numero dos escravos importados da Africa para a America era de 100,000 annualmente, sendo pouco mais ou menos o mesmo que em 1787: este contrabando ou pirataria em grosso era então feita pelas seguintes nações, sem escandalo da parte da Inglaterra, que era quem figurava no maior algarismo:—Escravos trazidos todos os annos da Africa para a America continental e ilhas por subditos Britannicos 38,000; por Francezes 31,000; por Portuguezes 25,000; por Hollandezes 4,000; por Dinamarquezes 2,000; total 100,000, sem contar os que morrião durante a passagem!... »

despejar a cidade a tão formidaveis hospedes, foi necessario empregar nelles a artilhraia. Os rios abundão em hyppopotamos, os quaes durante a noite vem pastar a terra, e fornecem excellente marfim; os jacarés vem igualmente a terra; alguns ha que excedem 25 palmos de comprido. Nos mares de Angola ha muitissimo peixe de variadas especies, entre elles bacalháo e balêas: no interior ha grande quantidade de abelhas que produzem muita cera.

A cidade de S. Paulo de Loanda é a capital do governo geral: compõe-se de duas partes, a alta em que residem as autoridades, e a baixa onde se faz o commercio. Tem varias igrejas e edificios, e a sua população andará por 14,000 hab., dos quaes 2,000 brancos, e 2,200 pardos, afóra a guarnição. O seu porto tem de comprimento perto de 2 leg. com meia de largura, sendo formado pelo continente e a ilha de Loanda, na qual ha varias aldêas, e é defendida pelas tres fortalezas de S. Pedro, do Penedo e de S. Miguel, e mais alguns reductos. Esta ilha é baixa, tem 2 leg. de comprido e meia de largura. A sua guarnição consiste n'um regimento de infantaria de linha, composto principalmente de degradados, um esquadrão bem montado, de duas companhias de artilharia com um parque de 3, e um regimento de milicias de brancos do paiz. Os presidios são governados por capitães móres; em alguns ha companhias regulares de infantaria, além das irregulares, compostas de pretos armados de arco e frecha ou espingarda. Denominão-se, como fica acima dito, *empacaceiros*.

O terreno em que está fundada Loanda é arenoso, pouco fertil e falto d'agua. Esta é trazida para a cidade em barcos que a vão buscar ao rio Bengo ao N., assim como ao Coanza e ao Dande, tudo barra fóra, a qual não sendo pura, concorre para as molestias chamadas *carneiradas*.

Muitos dos generos para consumo da cidade vão tambem do Bengo, em cuja margem no sitio de *Quissandongo* ha um mercado do que do interior se conduz pelo mesmo rio; outros generos vão do *Coanza*, que corre 6 leg. ao S. da cidade. Esta tem alguns edificios de notavel construcção e vulto, taes como o Hospital, a Misericordia, Passeio Publico, e as fortificações que defendem o porto já mencionadas. O seu commercio é importante: é a melhor povoação de toda a costa d'Africa occidental. O seu nome por inteiro é *S. Paulo d'Assumpção de Loanda*. Está na lat. S. 8° 55', e long. E. de Paris 12° 2'. Dista em linha recta a E. do Rio de Janeiro 1,160 leg. e 940 a S. E. de Lisboa, porém perto de 1,100 de costa.

S. Philippe de Benguela, cidade edificada n'uma extensa planicie pantanosa no fundo de uma bahia. A sua população, que não excede 4,000 hab., é quasi toda composta de negros; a agua é pessima e pouca, o clima doentio. Contém um forte em máo estado de defesa, e a maior parte das suas casas são cobertas de palha. Exporta muita escravatura por contrabando. *Benguela Velha*, primitiva capital do vasto territorio assim denominado, está situada em latitude 11° perto do rio *Longo*, n'uma amena e fertil planicie.

Mossamedes, colonia fundada em 1840, n'uma bahia vasta e segura; na foz do rio das Mortes ou Cobal, navegavel, e que desagua entre Benguela e Cabo Negro: o seu clima é saudavel e o paiz vizinho fertil e abundante em gado. Tudo nella promette vir a ser um prospero estabelecimento se fôr bem governada. *Novo Redondo*, villa maritima sit. entre Loanda e Benguela, tem excellente porto, o terceiro da colonia.

Cabinda é uma antiga pov., hoje quasi abandonada por causa de seu pessimo clima; está sit. em lat. 5.° do S.; a sua bahia é a melhor de toda a costa, e os seus habitantes

excellentes maritimos. *Molembo*, outro sitio bem povoado e com bons ares, sito em lat. S. 5° 20' na costa de Loango. O *Koango* ou Zaire é o maior rio destes territorios, julga-se ter mais de 500 leg. de curso. Nos dous penultimos pontos e no baixo Zaire, não tem hoje a corôa colonia alguma, apezar de suas margens serem muito populosas e abundantes de marfim e azeite de palma; desagua com 2 leg. de largura em lat. em 6° 8'.

Na colonia d'Angola ha mais os seguintes districtos: *Barra do Dande*, *Barra do Bengo*, *Barra do Columbo* na foz do Coanza; estes são maritimos. Os seguintes são no interior: *Dande*, *Icolo* e *Bengo*, *Golungo*, *Zenza*, *Quilengues*, *Dembos*, e os presidios de *Muxima*, *Massangano* e *Cambambo*, todos tres nas margens do Coanza. *Ambaca*, *Pedras de Pundo Andongo*, *Duque de Bragança* e *S. José d'Encoge*, fundados em 1759.

A Benguela pertencem no interior os presidios de *Caconda* e *Quillangues*, e os districtos mais ou menos dependentes de *Bihé*, *Bailundo* e outros. O clima de Caconda é excellente, e o seu terreno produz os cereaes e fructos da Europa.

Para as demais colonias da costa occidental da Africa, vejão-se os seguintes artigos: *Cabo-Verde*, *Bissau* e *Cacheu*, *S. Thomé* e *Principe;* e para a oriental, *Mossambique.*

O governo portuguez, desde a restauração de 1834, começou a despertar do lethargo em que jazêra por seculos a respeito das suas ricas e extensissimas colonias d'Africa. Desde então principiárão a apparecer nas folhas publicas providencias de todo o genero para reanimar essas moribundas colonias, e para as tornar uteis a si e á mãi patria. Certo é que, faltando em grande parte noticias e apontamentos ácerca destas longinquas terras, e sendo necessario que haja a seu respeito conhecimentos locaes

e variados, tomar-se-hão ás vezes medidas erradas e pouco uteis para os intentados melhoramentos. Por outro lado, olhando-se em Portugal para esses dominios como um sumidouro de vidas, e lugar só proprio para desterro de criminosos, será difficil achar individuos probos e entendidos que queirão ir gastar a vida em paizes que geralmente são tidos na conta de pessimos, e por isso muitas vezes succederá escolherem-se empregados taes para essas colonias, que mais de damno do que de proveito lhes sirvão. Com todas estas difficuldades porém se deveria contar e sobre ellas providenciar logo que se pretendesse metter hombros a tão importante empreza, como a de crear nas adustas regiões da Africa um novo Brasil; pois ha toda a probabilidade de que ellas o virião a ser, se com tenacidade e bom senso se continuassem os encetados melhoramentos.

Angra, cidade, veja-se *Açores*.

Apulia, villa e freg. a 5 leg. de Braga, com 1,120 hab. Está sit. a freg. em lugar desabrido, areento e pouco cultivado, na beiramar junto a uma lagôa muito piscosa onde acodem continuamente immensas aves aquaticas, boas para comer.

Aradas, villa e freg. no distr. de Aveiro: 1,172 hab.

Aramenha, pov. sit. a 1-1/2 leg. de Portalegre, junto do lugar onde existio a cidade romana denominada *Armenia* (da qual é corrupção), cujos alicerces e vestigios ainda se descobrem e denotão ter sido de grande povoação. No cume da vizinha serra da Portagem ha uma cova profundissima, e nella uma grande caverna feita em pedra viva; parece ter sido mina de chumbo explorada em tempos remotos: acha-se porém já exhaurida. Contém 1,484 hab.

Arazede, villa e freg. a 4 leg. de Coimbra: 3,880 hab.

Arco do Baulhe, pov. a 8 leg. de Braga: 965 hab.

Arcos. Ha diversas pov. com esta denominação, sendo as principaes: 1.ª a 7 leg. d'Evora, com 635 hab.; 2.ª a 5 leg. de Braga, com 370 hab.; 3.ª (S. Paio), perto de Braga; 4.ª (S. Jorge), a 5 leg. da mesma, com 875 hab.; 5.ª a 6 leg. da mesma, com 400 hab.; 7.ª a 5 leg. de Aveiro, com 625 hab.; 8.ª (S. Silvestre), a 4 leg. de Lamego, 440 hab.

Arcos de Val de Vez, villa abastada e saudavel, sit. em terreno desigual, porém fertil, sobre o rio Vez, a 5 leg. de Braga, com 1,640 hab., e o seu termo com 21,405, o qual produz o melhor vinho verde da provincia e muita castanha. Quando D. Affonso Henriques chegou á idade de 18 annos, reclamou o exercicio dos seus direitos; negando-lh'os porém sua mãi D. Theresa, regente do reino, vio-se o filho obrigado a empregar a força das armas, e a batalha de S. Mamede, que teve lugar perto de Guimarães em 1128, o fez triumphar dos partidarios de sua mãi, a quem mandou prender no castello de Lanhoso. Querendo esta dar o governo do reino ao conde de Transtamara, com quem havia contrahido segundas nupcias, chamou em seu auxilio o Rei de Leão, o qual, entrando em Portugal com 30,000 combatentes, foi completamente derrotado no mesmo anno pelo joven conde D. Affonso Henriques junto á villa d'Arcos de Val de Vez, no sitio ao depois chamado *Veiga da Matança*, pela que ahi soffrêrão os Leonezes.

Arcozello, ao S. do Douro e 1 leg. e meia distante do Porto, pov. de 1,530 hab. *Arcozello das Maias*, a 6 leg. de Viseu, com 1,212 hab. Ha mais umas quatro pov. insignificantes do mesmo nome no Minho e Beira-Alta.

Arêas, pov. a 3 leg. de Thomar, com 1,608 hab.; outra a 3 leg. e meia de Braga, com 890 hab., e outra a 2 leg. de Portalegre, com 775 hab.

Arega, villa e freg. a 7 leg. de Coimbra: 1,078 hab.

O seu termo, que se compõe de terra fraca, só produz centeio e castanhas; é banhado pelo Alja ou Aiso.

Aregos, villa e freg. a 4 leg. de Lamego: 1,304 hab., e o seu conc. 5,000. Tem boas caldas.

Areosa, aldêa do termo de Vianna do Minho, pov. de 1,460 hab.

Arga ou **Agra**. Ha 3 pov. deste nome no conc. de Monção, nenhuma porém excede 600 hab.; a serra tambem assim chamada e sita no mesmo conc., é um ramo occidental da da Estrica. Tanbem ao N. de Guimarães se dá o mesmo nome á outra ramificação da de Santa Catherina onde nascem os riachos Solho e Ave.

Arganil, antiga villa sit. sobre o rio Alva, que se lança no Mondego: contém 1,875 hab., e o seu termo 3,861. O titulo de conde de Arganil anda annexo ao dos bispos de Coimbra, donde esta villa dista 7 leg. para E. Contém um grande palacio e elegante igreja de tres naves.

Argoncilhe, pov. a 3 leg. do Porto, de 1,520 hab.

Argozello, pov. do termo de Bragança com 900 hab.

Armamar, villa e freg. a 2 leg. de Lamego: 1,700 hab., e o seu termo 3,900.

Armeiro's, pov. sit. perto de Lamego, com 1,200 hab.

Arnellas, aldêa na esquerda do Douro, onde ha grandes armazens de vinho da Companhia, aos quaes serve de entreposto, assim como ao sal de Aveiro que se exporta para Trás-os-Montes e Beira-Alta.

Arnoia, pov. do conc. d'Amarante, com 1,590 hab.

Arnoia, rio. Veja-se *Obidos*.

Arões, freg. do conc. de Macieira de Cambra, com 1,180 hab.

Arouca (Ara Ducta), antiga villa sit. 7 leg. ao S. E. do Porto e outras tantas ao O. de Lamego, entre montanhas graniticas, perto do rio Paiva. Tem um rico mosteiro de freiras bernardas e 2,600 hab. O seu termo, que encerra

mais de 11,000 hab., abunda em vinho, centeio, frutas e linho, do qual se fabricão excellentes pannos que são exportados.

Arrabida, serra aspera e elevada, sit. ao S. do Tejo, junto á villa de Azeitão, e bem visivel de Lisboa: corre por espaço de 5 leg. do Nascente até acabar no cabo d'Espichel. Quasi no meio della está o convento que foi dos Arrabidos, onde viveu muitos annos S. Pedro d'Alcantara. Os Romanos lhe chamavão promontorio *Barbarico*, em razão da sua escabrosidade e das asperrimas avenidas que a ella conduzem. Parece que o seu actual nome ou se deriva por corrupção do mesmo, ou de uma antiga povoação denominada *Arrabiga* que houve situada junto desta serra: sua altura mediana é de 1,700 pés acima do nivel do mar. O duque de Palmella, que comprára o claustro e os terrenos desta propriedade, tem-lhes nestes ultimos annos mandado plantar para cima de 600,000 pés de amoreira para a criação do bicho de seda.

Arraiolos, villa sit. a 4 leg. ao N. d'Evora, na estrada central do Alemtejo e em posição elevada: contém 1,550 hab., e o seu termo 3,700. É a antiga *Calantia* dos Romanos, que já d'antes existia, e que D. Diniz reedificou, murou e acastellou em 1308. É muito sadia.

Arrentela, pov. ao S. do Tejo, contigua ao Seixal, com 800 hab. Tem de notavel a quinta chamada do *Salema*, edificada no principio do XVI° seculo pelo grande Vasco da Gama, onde se conservão ainda objectos por elle trazidos do Oriente, e cedros pelo menos plantados no seu tempo; (falleceu em 1525).

Arrifana de Santa Maria, freg. a 5 leg. ao S. do Porto, com 950 hab. *Arrifana de Poyares*, freg. a 5 leg. de Coimbra, 900 hab. *Arrifana de Souza*. (Veja-se *Penafiel.*)

Arronches, villa antiquissima, sit. na confluencia dos rios Caia e Alegrete, 4 leg. ao S. E. de Portalegre, e 2 e

meia da raia hespanhola, donde importa muitas fazendas de lãa de contrabando, 1,200 hab. É praça d'armas, porém seu antigo castello e suas fortificações achão-se muito deteriorados.

Arruda, denominada *dos vinhos*, por produzi-los excellentes, pov. rica sit. perto d'Alemquer, 1,468 hab.

Arunca, rio do distr. de Leiria. Veja-se *Anços*.

Asseiceira, valle e freg. de 1,200 hab., 4 leg. ao N. de Santarem, celebre pelo combate que ahi ganhou em Maio de 1834 o duque da Terceira aos miguelistas, onde, a despeito de uma tenaz resistencia e de sua excellente posição nas alturas, forão-lhes estas tomadas, e elles postos na mais completa debandada pelos montes e valles intermedios. Além de perto de 500 homens mortos e feridos, perdêrão 1,483 prisioneiros, inclusos 64 officiaes, 4 estandartes e toda a sua artilharia (8 peças), com parelhas, munições e reservas. Este desastre os obrigou a evacuarem Santarem na maior confusão.

Assentiz, aldêa abastada no conc. de Torres-Novas, abunda em azeite; 1,300 hab.

Assumar, villa importante sit. 3 leg. ao S. de Portalegre: 840 hab. Antigamente chamava-se *Septem Arae* ou *Summa Ara*. D. Affonso IV a acastellou e murou; mas os Hespanhóes tem-a arruinado por vezes.

Atalaia, villa e freg. sit. entre o Tejo e Thomar, a 20 leg. de Lisboa: 2,200 hab. *Atalaia do Campo*, villa e freg. no termo de Castello Branco, a 10 leg. da Guarda; 350 hab.

Athey, pov. do termo de Villa-Real: 1,120 hab.

Atoleiros, aldêa do Alemtejo, proxima á villa de Fronteira, commemorada nos annaes das victorias dos Portuguezes, por ser o sitio onde, em 1384, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira derrotou completamente o exercito castelhano, composto de 1,500 cavallos

e 7,000 infantes, commandado pelo almirante de Castella D. Fernão Sanches de Tovar. Foi esta a primeira façanha notavel do joven condestavel, obtida com uma força menor de metade da do inimigo.

Atouguia da Balêa, villa e freg. sit. a meia leg. de Peniche e 12 de Lisboa: contém 1,940 hab., e uma formosa igreja. Era condado, e o titular desse nome morreu garrotado por ter sido complice no assassinato de D. José I. *Atouguia das Cabras*, pov. do conc. d'Alemquer, a 10 leg. N. E. de Lisboa: 1,116 hab.

Ave ou **Dave**, rio que nasce na serra de Agra ou Arga perto de Fafe, passa por Guimarães e entra no Oceano, com um curso de 10 leg., junto de Villa do Conde, formando uma soffrivel barra na lat. N. 41° 24', long. O. 10° 56' de P. Antes de desemboccar, une-se ao rio Deste.

Aveiras de Baixo, villa e freg. do termo de Santarem, a 11 leg. de Lisboa e meia da Azambuja, 500 hab. *Aveiras de Cima*, outra a 12 leg. de Lisboa e 1 da Azambuja, com 1,270 hab. O termo de ambas abunda em frutas, mel, muito azeite, gado e caça.

Aveiro, cidade episcopal com 4,616 hab., uma das 17 administrações geraes do reino continental, sit. na lat. N. 40° 40', e na long. O. de P. 11°, sobre a ria do seu nome e perto da foz do rio Vouga, a 9 leg. do Porto, 11 da Figueira, e 39 ao N. de Lisboa, no meio de extensas lagunas que tem 8 leg. de compr. parallelas á costa. Esta *ria* é uma especie de lagôa salgada e de pouco fundo que communica com o mar pela barra velha, hoje quasi obstruida, e pela nova, como abaixo se verá. Nella desaguão os rios Vouga, Antuãa e outros menores. A superficie desses terrenos alagadiços, pantanosos e cobertos de ilhotas, andará por 5 leg. Parece que no tempo dos Romanos ainda não existia esse aggregado d'aguas. Abundão em sal, são muito piscosas, e produzem grande quantidade de *moliço*, herva muito

util para adubo das terras, e que se cria debaixo d'agua.

Todos os contornos de Aveiro, até boa distancia, são abundantes de optimo vinho, cereaes, azeite, fruta, gado, e suas praias muito piscosas. Ainda no reinado de D. Sebastião, era esta cidade de summa importancia maritima e mercantil, chegando alguns annos a armar 60 embarcações para a pesca do bacalháo na Terra Nova, além das de outro trafico, e contava 12,000 hab.; porém o jugo hespanhol e a irrupção que as arêas fizerão no seu porto pelo decurso de mais de dous seculos o forão atulhando e acabárão com o seu estado florescente. Em 1802, quando já a sua barra estava 3 ou 4 leg. mais para o S., apenas existia dentro 1 hiate, das 225 embarcações que outr'ora possuira, e sua população estava reduzida á terça parte do que fôra, e essa mesma achacosa. Seus ferteis campos, que em outro tempo produzião, segundo é fama, 30,000 moios de trigo, e suas marinhas que rendião igualmente por anno 18,000 moios de sal, soffrêrão as fataes consequencias do entulho de seu porto, tornando-se-lhe o terreno alagadiço, productor de miasmas que despovoárão a cidade e os arredores, fazendo o clima insalubre e o terreno adusto e areento.

Felizmente a nova barra, depois de immensos trabalhos hydraulicos, ficou aberta em 1808: o estado sanitario tem melhorado, e é de esperar que esta interessante cidade recobre ao menos parte de seu antigo esplendor. Esse consideravel trabalho hydraulico é obra do coronel L. Gomes de Carvalho, e custou ao Estado 250 mil cruzados: consta de um dique de 1,210 braças de extensão, com uma largura média de 72 palmos, elevando-se superior ás maiores marés. Por meio desta represa, conseguio-se que as proprias aguas do Vouga servissem para desimpedir a barra e levar comsigo as dunas ou baixos de arêa que lhe obstruião a foz e a communicação

com o mar. Jaz todavia em mortorio o seu commercio maritimo.

Aveiro compõe-se de 5 bairros, um dos quaes, amuralhado, é obra do infante D. Pedro, filho de D. João I. Seus arredores são amenos e povoados de quintas; seu solo é abundante d'aguas, e as chamadas da *ribeira* são conduzidas por um bello aqueducto ao chafariz da praça, de 4 bicas, e tão vizinho ao cáes, que nelle fazem aguada os maritimos. O seu districto contém 233,945 hab. em 58,193 fogos, 172 freg., 24 conc., e 121 leg. quadradas de superficie. Produz annualmente uns 33,000 moios de cereaes, e em 1847 contribuio para o imposto directo predial de maneio e pessoal com a quota de 92:313$231. Pela occasião do exterminio da familia do duque desta cidade, do marquez de Tavora e do conde d'Atouguia em 1758, em consequencia do assassinato do D. José I, subio a tanto o rancor contra essa infeliz casa, que se mudou o nome da cidade em *Nova-Bragança*, alteração que pouco durou. É patria de Ayres Barbosa, profundo polygrapho e preceptor dos dous infantes e cardeaes D. Henrique e D. Affonso.

Avellans de Cima, villa e freg. 5 leg. a E. de Aveiro: 1,150 hab.

Avintes, pov. importante e farta sit. na margem esquerda do Douro, a pouco mais de meia legua da cidade do Porto, á qual fornece pão e brôa: tem 2,475 hab.

Aviz, villa antiga, sit. n'uma eminencia, á margem direita do rio do mesmo nome, o qual nasce perto de Cabeço de Vide, e entra na direita do Zatas, no distr. de Portalegre, 8 leg. ao N. d'Evora, e pouco menos ao S. O. de Portalegre. É cercada de muros com castello e fortes. Tem um palacio onde habitavão os gran-mestres da ordem de Aviz e 3,330 hab., em terreno mui adequado para a criação de gado lanigero. O seu termo é muito abun-

dante em bom trigo, azeite, hortaliça, colmeias e caça de toda a qualidade.

Avô, villa e freg. sit. perto do rio Alva, a 9 leg. de Coimbra; o seu termo abrange 3,158 almas, e a villa 640. É patria do poeta Braz Garcia Mascarenhas.

Ayro' ou **Airo'**, serra vizinha da villa de Barcellos, não muito alta e com planicie no seu cume. Outr'ora se denominou monte *Aureo*, donde lhe veio o nome actual. Ao N. della se encontrava o convento de *Villar de Frades*, de conegos seculares de S. João Evangelista. Toda ella é abundante de pastos e de arvores, onde se dá o melhor *vinho de enforcado* que ha no reino: assim se chama o que produzem as vides arrimadas a arvores e que trepão por ellas; n'outras terras se chama de *balsume*.

Azambuja, villa e conc. do distr. de Santarem, pouco distante do Carregado, 4 leg. ao S. d'Alcoentre e meia do Tejo. A villa contém 1,600 hab., e o seu termo encerra um rico e extenso pinheiral que abastece Lisboa nas suas construcções. A 28 de Março de 1848, começou-se a abrir o canal desta villa, a cujo acto assistirão immensas pessoas interessadas em obra de tanta utilidade para a navegação interna do reino, fazendo por este meio prosperar a agricultura nas bellas campinas de Riba-Tejo, e communicando-as com Lisboa, emporio do seu grão. O marquez do Fayal é o emprezario deste canal, que deve admittir barcos chatos da lotação dos maiores que navegão até Abrantes, e pela valla nova fragatas de carga de 60 moios ou 625 quintaes até ao sitio denominado Guião, e pelas vallas confluentes á Ponte d'Asseca navegaráõ só os varinos chatos (alijos) de menor lotação.

Azeitão ou **Villa-Nogueira**, aggregado de pequenas povoações, duas das quaes tem o fôro de villas, e todas são unidas por quintas com casas elegantes, algumas com excellentes jardins e lagôas. No palacio que foi dos duques

de Aveiro, ha uma consideravel fabrica de tecidos de algodão e de tinturaria. Nos mezes de Novembro tem uma importante feira, e no seu conc. conta 2,500 hab. Dista 2 leg. de Setubal e 2-1/2 do cabo de Espichel.

Azere, 7 leg. a E. de Coimbra, villa com 1,000 hab.

Azinhaga, rio da Estremadura, que tem a sua nascente na serra d'Alqueridão, perto de Leiria, passa junto a Torres-Novas e Golegãa, e se lança no Tejo perto do lugar da Azinhaga, cujo nome toma tambem, com 7 leg. de curso. É muito piscoso e claro. Os Romanos achárão-lhe tanta semelhança com o Mondego, que lhe chamárão *Alius Munda*, donde se derivou o nome de *Almonda*, pelo qual é mais conhecido.

Azoia. Ha deste nome tres povoações de pouca monta, que são: a 1.ª a 1 leg. de Leiria, com 342 hab.; a 2.ª denominada a de *cima*, perto de Santarem, com 368 hab.; a 3.ª chamada a de *baixo*, visinha desta ultima e com igual população.

Azurara, villa e freg. 4 1/2 leg. ao N. do Porto, em frente de Villa do Conde; contém 800 hab., e uma formosa igreja fundada por El-Rei D. Manoel. Era feudataria esta freguezia do mosteiro de Villa do Conde. É patria do celebre historiador Gomes Eanes de Azurara.

Azurara da Beira. (Veja-se *Mangoalde*.)

B

Bairrada, extenso tracto de terreno nas cercanias do rio Sertema, distr. de Aveiro. Produz optimo vinho, principalmente em Anadia; mas em alguns sitios sabe a gêsso, de que abunda o terreno.

Balazar, pov. de 400 hab., sit. a 1 leg. de Braga. Ha outra do mesmo nome no conc. de Barcellos, com 630 hab.

Baldreu, villa com 850 hab. a 3 leg. de Braga.

Baleizão, 2 leg. ao N. E. de Beja, villa com 1,390 hab.

Balsemão, rio que nasce 4 leg. ao S. de Lamego, corre com estrepitosa, rapida e caudalosa corrente, atravessa esta cidade e se precipita no Douro.

Banho, villa e freg. a 3 leg. de Vizeu, sit. sobre o Vouga, onde tem uma elegante ponte de pedra, 650 hab. Já no tempo dos Romanos se fazia uso das caldas desta villa, cuja agua nasce fervendo e em tanta quantidade, que póde fazer moer um açude.

Barão de S. João, aldêa a 1 leg. de Lagos, no Algarve, e sobre o riacho do mesmo nome, o qual no inverno se torna sapal; anda annexa a *Benzafrim*. — *Barão de S. Miguel*, outra aldêa no mesmo sitio e annexa a *Budens*, tambem em sitio pantanoso. Estas quatro freguezias produzem muito figo, alfarroba, esparto e trigo, e encerrão uns 3,000 hab.

Barbacena, 2 leg. ao N. O. d'Elvas, villa de 820 hab.

Santa Barbara, aldêa do Alemtejo, 6 leg. ao S. de Beja, junto ao Campo de Ourique: 1,200 hab.

Barca ou **Ponte da Barca**. (Veja-se *Ponte*.)

Barcarena, aprazivel aldêa sit. 2-1/2 leg. a O. de Lisboa, abundantissima de laranja, frutas e cereaes, regada por um riacho do mesmo nome; contém 1,320 hab., e uma Real fabrica de polvora.

Barcellinhos, pov. do conc. de Barcellos, 1,000 hab.

Barcellos, villa das mais consideraveis do reino, com uma formosa ponte de cantaria sobre o rio Cavado, em situação aprazivel, paiz muito povoado e abundante, 3 leg. ao O. de Braga, com 3,900 hab., e a sua jurisdicção com 96,663. É villa muito antiga, e consta ter sido fun-

dada por Hamilcar, pai de Hannibal, 230 annos antes da éra christã. Ha muita caça nos seus contornos, e o Cávado lhe fornece trutas, salmões e mugens.

Barqueiros, villa sit. na direita do Douro, distr. de Villa-Real: contém 1,325 hab. Ha uma pov. do mesmo nome no conc. de Barcellos, com 690 hab.

Barrancos, villa do termo d'Evora, na raia: 1,503 hab.

Barreiro, pov. de 2,314 hab., pela mór parte pescadores, na esquerda do Tejo, em frente de Lisboa e areenta planicie. Produz bom vinho.

Barrô, pov. a 2-1/2 leg. de Lamego, 1,800 hab. *Barrô d'Aguada*, villa sit. a 3 leg. de Aveiro: 700 hab.

Barroca d'Alva. (Veja-se *Alcochete.*)

Basto. (Veja-se *Cabeceiras de Basto* e *Celorico*).

Batalha, villa sit. 2 leg. ao S. de Leiria e 19 ao N. E. de Lisboa, contém apenas 1,130 hab. e o seu termo 4,000. Antes do fim do 14.° seculo, era este sitio uma vasta charneca, onde se colhia algum azeviche e carvão de pedra, ou antes madeiras bituminosas e combustiveis. Começou pois este lugar desabrido e sezonatico a povoar-se com os empregados na edificação do mosteiro e templo de Santa Maria da *Victoria*, vulgo da Batalha, que foi de frades dominicanos, fundado por Elrei D. João I em commemoração da completa victoria que alcançou em Aljubarrota contra os Castelhanos a 14 de Agosto de 1385. Este edificio é tido por um dos melhores existentes na Europa, de architectura normando-gothica, tendo de comprimento 541 pés, e 416 de largura, todo de cantaria rija. É um eximio padrão levantado á gloria do culto, ao valor portuguez e á independencia nacional, pelo defensor da patria, pelo monarcha cavalheiro, pelo escolhido do povo. O magestoso da capella que encerra o bello mausoleu de marmore branco do mesmo Rei e da Rainha D. Philippa, rodeados de seus filhos n'outros

elegantes tumulos, corresponde perfeitamente com a memoria que a posteridade tributa a este grande monarcha. Veja-se *Aljubarrota.*

É esta capella, diz o douto frei Luiz de Souza, uma sala quadrada de 90 palmos por lado, coberta de abobada com zimborio, o qual nasce no meio della. Este grandioso recinto desdiz da simplicidade classica da edificação principal, com oito arcos e pequenos coruchеos cercando a aboboda com lavores *à jour*. Elle e as *Capellas imperfeitas*, formão um todo independente da igreja. Em cima do tumulo do fundador vê-se a sua figura com cota-d'armas, apresentando a mão direita á Rainha, que descança junto delle. As armas Reaes de Portugal, e as insignias da Jarreteira estão collocadas do lado da cabeça: entre silvas e em baixo relevo lê-se o moto do Rei — *Il me plaît pour bien*, o que allude d'algum modo á promptidão com que Moysés obedecia ás ordens do Senhor. N'outros quatro tumulos jazem seus filhos mais moços, D. Henrique o navegador, o grande duque de Viseu, apresentando-se com rosto descuberto sobre seu tumulo, como se fôra para que a sua imagem excitasse ainda hoje a emulação dos Portuguezes. No socco achava-se gravado o moto —*Talent de bien faire*—Seus tres irmãos, D. Fernando, D. João e D. Pedro repousão sobre seus escudos. D. Pedro, que foi regente durante a menoridade de D. Affonso V e succumbio na batalha de Alfarrobeira (20 de Maio 1449) combatendo contra seu Rei, sobrinho, genro e pupillo, tem o moto — *Desir.* —Na sepultura de D. João lê-se—*J'ai bien raison*, e na de D. Fernando, o infante santo que morreu martyr em Marrocos (Junho de 1443) acha-se a inscripção —*Le bien me plaît.* —Todos estes monumentos são de marmore branco, com emblemas, relevos e arabescos, porém as estatuas em si não tem grande merito artistico. O edificio da

Batalha é unicamente o triumpho da architectura. Essa mestría na arte de canteiro nobilitada é cousa que até hoje pertence propriamente aos Portuguezes, e igual proficiencia se póde observar nos edificios de Thomar, Belém, Alcobaça, &c., os quaes, a par da maior perfeição em ornatos de pedra, não apresentão uma unica estatua soffrivel ou quadros de merito.

É assumpto de controversia, diz um acreditado viajante estrangeiro, quem fosse o primeiro architecto que traçou o plano desta obra; parece comtudo que Matheus Fernandes, a quem se attribue commummente essa gloria (e como tal é designado por Murphy) apenas continuou os trabalhos e edificou a celebre casa do capitulo. D. Franc. de São Luiz conta quatro architectos antes desse, e entre elles tres Portuguezes; Murphy indica ao todo tres, dous dos quaes erão estrangeiros. Sem nos empenharmos porém nessa luta de vaidade nacional, deve conceder-se todavia ao architecto desconhecido a gloria de ter projectado uma das edificações mais perfeitas de todos os paizes e de todos os tempos, ainda que a ideia fundamental só fosse seguida na construcção da igreja durante os dous primeiros reinados (D. João I e D. Duarte), ao passo que as obras posteriormente executadas forão feitas por outros planos e em estylo diverso, em parte. A estas pertencem o edificio do convento com o seu *Claustro Real*, a mencionada casa capitular, o jazigo incompleto continuado por D. Manoel, conhecido pelo nome de *Capellas imperfeitas*, cujo plano se perdeu, e para conclusão das quaes Murphy apresentou um plano em 1793. Todas essas construcções são feitas com a pedra calcarea branca, que muito endurece depois tornando-se amarella com o contacto do ar. Ainda hoje a duas leguas da Batalha se cortão pedras nas mesmas pedreiras onde ha perto de quinhentos annos se foi procurar o primeiro material

para a sua edificação. É cousa muito notavel que a igreja em si, a mais antiga e principal parte de todo o edificio, se eleve com a mais augusta simplicidade a uma excessiva altura, conservando sempre a maxima pureza de linhas nas suas columnas, arcos e abobadas, ao passo que todas as construcções mais recentes são adornadas pela mais caprichosa phantasia, e cobertas com as mais delicadas e elegantes esculpturas, arabescos, fructos, florões bestiães e emblemas heraldicos. Compridas janellas em ogiva com formosos vidros de côres (que datão do primeiro periodo da edificação), derramão uma luz tremula sobre a nave, onde em frente do altar mór repousão Elrei D. Duarte e sua esposa. As suas figuras de grandeza mais que natural, estão voltadas para o altar. A ambas falta o nariz, sendo isso uma das immensas barbaridades commettidas pela soldadesca franceza. Foi esse soberano quem edificou a nave e a abobada do ultimo arco, segundo o plano de seu pai. Seu filho e successor D. Affonso V edificou muitas partes do mosteiro. A perturbada existencia de D. João II não lhe permittio adiantar a sua edificação. D. Manoel, seu successor, continuou o jazigo que acima fica dito, e nisso estacou, pois falleceu o mestre esculptor a cuja mão perita e poderosa phantasia tem Portugal a agradecer aquelles baixos relevos, aos quaes se não póde comparar cousa alguma do que se encontra nos outros paizes. Um amplo arco dá entrada para este jazigo, o qual bem que abandonado á invasão dos ventos e das chuvas, e apezar de todo o desleixo, conserva-se uma obra digna de admiração.

Sabemos que Mafra é por excellencia o edificio mais colossal e dispendioso de toda a monarchia; porém colloque-se esse colosso por imaginação ao pé da Batalha, e conhecer-se-ha quanto é clara e precisa a linguagem destas duas chronicas de marmore, lidas por poucos, em

que as gerações passadas escrevêrão mysteriosamente a historia do seu viver. A Batalha é grave como o vulto homerico de D. João I, poetica e altiva como os cavalleiros da ala de Mem Rodrigues, religiosa, tranquilla e santa como a Rainha D. Philippa rodeada de seus cinco filhos. As mãos que edificarão Santa Maria da Victoria, meneando as armas em Aljubarrota, devião ser vencedoras. A Batalha representa uma geração energica, moral e crente; Mafra uma geração effeminada, que se finge forte e grande. A Batalha é um poema de pedra, como diz Al. Herculano, e Mafra uma semsaboria de marmore. Ambas, echos perennes que percutem nos seculos que vão passando a expressão complexa, e todavia exacta, de duas épocas historicas do mesmo povo: sua juventude viçosa e robusta, e sua velhice decadente.

Cumpre mencionar aqui, que apezar do atrazo das finanças, se applicarão desde 1839 dous contos de réis annuaes para as reparações da Batalha, e nelles se occupão continuamente trinta operarios, e muitos pequenos arcos e torres por elles executados mostrão que a sua arte não tem degenerado em Portugal. Esta providencia que tem de conservar para a posteridade um dos mais admiraveis monumentos da idade media, é devida ao genio artistico do actual Rei D. Fernando.

Bayão, grande pov. e freg. do Douro. Actualmente deve já ter municipalidade; pertencia ha pouco ao conc. de Penafiel, e contém 11,080 hab.

Beira. Esta grande provincia é em extensão a segunda do reino, e só inferior ao Alemtejo, porém em população excede todas as outras, pois contém para cima de um milhão de habitantes. Modernamente tem havido grandes alterações na sua divisão e limites. Em 1833, foi repartida em *Beira-Alta*, tendo por capital *Viseu*, e *Beira-Baixa*, com *Castello Branco* por capital, abrangendo ambas 289

conc.; em Julho de 1835 porém, a divisão territorial soffreu nova alteração, elevando-se a 17 distr. administrativos civis o numero das 6 antigas provincias, criando-se uma nova denominada do *Douro*, para a qual se desannexou da Beira os 2 distr. de *Coimbra* e *Aveiro*, os quaes juntos com o do *Porto* a ficárão formando, reduzindo-se assim a antiga provincia aos 3 unicos distr. de *Viseu*, *Guarda* e *Castello Branco*. Não entraremos porém nesses pormenores, que relação nenhuma tem com a descripção physica do paiz que tratamos de apresentar. Encaminhamos o leitor que melhor se quizer orientar, para a *Nota* que vem no principio do artigo *Alemtejo*, onde se declarão os motivos porque nos pareceu mais util descrever o paiz pelas suas regiões naturaes, isto é, pelos limites das suas antigas provincias cujos nomes se trocárão no começo do actual reinado por novas denominações, que apresentaremos tambem no competente lugar.

Está situada esta provincia quasi no coração do reino; de N. a S., desde *Villa Nova de Gaia* no Douro até *Abrantes* no Tejo, contão-se-lhe 36 leg., e outras tantas de Nascente a Poente, desde o termo da villa de *Alfaiates* até ao cabo *Mondego*, em lat. 40° 5'. No lado da raia hespanhola, entre a foz do *Agueda* e do *Elgas*, ha 26 leg. em linha recta; do Elgas até á foz do Douro 29 tambem rectas, e dahi até á foz do mesmo Elgas, de N. O. a S. E., tem na sua maxima extensão 51 leg. transversaes, formando com tão differentes dimensões um quadrado irregular com perto de 150 leg. de circumferencia, no seguimento de cujo limite faz muitos rodeios e sinuosidades para costear a raia hespanhola e a Estremadura, alongando-se tambem um pouco para o Alemtejo, ao S. de Abrantes, no distr. de Castello Branco. A sua superficie mais provavel, calculada por Balbi, é de 720 leg. quadradas, das de 20 ao

grâo. Notaremos aqui que não pouco contribuio para engrandecê-la haver-lhe Elrei D. Diniz, em 1296, accrescentado a comarca de *Riba-Coa*, possuida até então pelos monarchas castelhanos, a qual consiste em uma lingua de terra de 17 leg. de comprido e de 2 a 5 de largo, sit. entre o Coa e a raia, e onde estão as povoações de Almeida, Alfaiates, Castello-Melhor, Villar-Maior, Sabugal, Castello-Rodrigo, &c.

Confina ao N. com o rio Douro, ao S. com o Tejo, Estremadura e parte do Alemtejo, como acaba de ficar dito; ao Poente com o Oceano e parte da Estremadura ao S. do Mondego, e finalmente a E. com a Estremadura hespanhola e reino de Leão, donde em parte é separada pelos rios Agueda e Elgas. Divide-se em duas principaes regiões: uma fica da serra da Estrella para o lado do Tejo, e se chama *Beira-Baixa;* a outra, desta mesma serra para o lado do Douro, se denomina *Beira-Alta.* Chama-se *Beira*, ou porque seus primeiros habitadores se chamavão *Berones*, como diz frei Bernardo de Brito, ou porque, respeitando-se a sua situação, que é toda cercada das aguas dos rios que acabamos de enunciar, bem como das do Zezere, Mondego, Vouga e outros muitos que a retalhão, e das do Oceano, significa o mesmo que *margem*, *borda* ou *beira.* A parte denominada *Beira-Alta*, aquella que se estende pelo litoral desde Coimbra até o Douro, tambem se chama *Beira-Mar.* Esta dilatada provincia, que muitos escriptores tem considerado mais extensa ainda que a do Alemtejo, dá o titulo de *principe* ao primogenito ou primogenita do herdeiro da corôa de Portugal desde 1734; e esse presumptivo herdeiro da corôa tinha o de principe do Brasil antes da separação deste paiz.

As tres *Beiras* apresentão geralmente uma irregular superficie, recortada e percorrida por altas montanhas,

nas quaes se originão caudalosos rios; uns vão desaguar no Oceano, outros nos dous grandes cursos que vem da Hespanha e que limitão a provincia ao N. e ao S., o *Douro* e o *Tejo*. Dos seus oriundos que desaguão no Oceano, nota-se principalmente o *Mondego* e o *Vouga*: os affluentes do primeiro são: *Soure*, *Ceira*, *Alva*, *Frio* e *Dão*; do segundo *Agueda* ou *Couto*, e outros menores. Dos que desaguão no Tejo, os mais caudalosos são o *Zezere*, *Laca*, *Ponsul* e *Elgas*, e no Douro o *Pavia* ou *Paiva*, *Coura*, *Tavora*, *Aguiar*, *Coa* e *Agueda* ou *Tourões*, afóra muitos affluentes destes. Geralmente são mui pouco aproveitados estes canaes de communicação natural, pela grande rapidez do seu curso despenhado de altas serras; entretanto, contribuem para a fertilidade, frescura e amenidade da provincia, principalmente nas suas planicies e varzeas da serrania da Estrella, de um lado até á raia hespanhola, e de outro até ás immediações de Coimbra, Leiria e Santarem. Na parte occidental, porém, não se gozão iguaes vantagens, porque os ventos vão cobrindo de arêa por algumas leguas as vizinhanças do Oceano, nas quaes existem alguns valles mui adequados para a cultura. A disposição deste terreno e a contraposição das alturas da principal serra e suas ramificações com as baixas superficies que lhe desabão para o Nascente e Sul derão origem á divisão, já indicada, de Beira Alta, Baixa e Beira-Mar.

Das serras, seria enfadonho recapitular aqui todas as que minuciosamente vão descriptas no decurso deste Diccionario; contentar-nos-hemos com citar as mais notaveis, cujos artigos, bem como os dos rios, podem ser nelle consultados. Na parte da *Beira-Mar* não se encontra elevação alguma digna de mencionar-se, a não serem as serras sit. ao N. do rio *Frio* e as vizinhas da villa da *Feira*, ambas de pouca monta, e entre as quaes e a serra *d'Alcoba*

existe a grande planicie do distr. d'Aveiro, por onde se deslisão o Vouga, o Couto e seu affluente Agueda, e se estendem numerosas salinas e terrenos encharcados. Na *Beira-Baixa* podem citar-se os montes de *Penha-Garcia* e *Penamacor*, junto ao Elgas, o de *Monsanto*, de mediana elevação no distr. de Castello Branco, e muitas ramificações da serra da Estrella. A *Beira-Alta*, porém, está cheia de altissimos montes e serras que quasi se unem sem interrupção. A mais notavel cordilheira de todo o reino, a da *Estrella*, tem seu assento principal nesta região da Beira; para todas as suas direcções lança gigantescos galhos, e encerra nas suas summidades algumas lagôas que dão nascença a rios caudalosos: os seus dous pincaros *Cantaro* grande e *Cantaro* pequeno, bem como outros situados na sua dilatada e sinuosa extensão, encerrão formosos marmores, minas de ferro, e nas correntes que delles dimanão se tem encontrado ouro e pedras preciosas. No inverno cobrem-se geralmente de neve, a qual derrete quasi toda no verão; mas em qualquer estação do anno as aguas que delles brotão, correndo despenhadas e feridas com os raios do sol, formão cataratas de portentoso e pittoresco aspecto, principalmente quando o rigor do frio gela as mesmas correntes, que então se transformão em brilhantes crystaes. A respeito da nomenclatura de serras e montanhas, além do que já fica enunciado, consultem-se os artigos *Açor*, *Alvayazere*, *Ancião*, *Besteiros* ou *Alcoba*, *Bussaco*, *Caramullo*, *Guarda*, *Guardunha*, e o artigo *Serras*.

A agricultura nesta provincia acha-se bastantemente adiantada, e se a mais não avulta, é porque, abastecendo sufficientemente seus habitantes, não encontra nella esgotos ou meios de facil transporte para espalhar os seus generos nas terras circumvizinhas. A fertilidade e boa cultura das cercanias de Lamego, de Viseu, de Castello-Branco, dos campos de Coimbra, ou, para

melhor dizer, das planicies do Mondego, merecem attenção e louvor. A sua colheita de azeite geralmente é dobrada da que se carece para consumo; de trigo só tem fartura nos distr. de Castello-Branco, Coimbra e Guarda; porém em milho abundão muito os de Aveiro, Coimbra e Viseu. De feijão ha muita abundancia no de Aveiro, do qual se exporta. Os seus vinhos da *Bairrada*, *Anadia*, de *Besteiros*, alguns dos distr. de Viseu, Castello-Branco e margens do Mondego, mas principalmente das do Douro e vizinhanças de Lamego, são excellentes, e estes ultimos entrão quasi todos como monopolio da companhia do Alto Douro e emparelhão com os seus melhores; dos outros, grande parte dos mais estimados se exporta pela barra da Figueira, com este titulo. Os seus outeiros e montes crião muitas abelhas, de cujas colmêas se extrahe mel e cera para consumo e exportação. Em todos os cantões, mesmo os mais insignificantes, as hortaliças e farinaceos abundão tanto, que se deteriorão por falta de consumo. As frutas se encontrão com a mesma abastança e deliciosas na qualidade; as de espinho, principalmente no distr. de Coimbra e Castello-Branco, podem emparelhar com as de Setubal, e as de caroço e pevide, no tamanho, gosto e producção, excedem ás que produzem as outras provincias: tambem em muitos sitios abunda em arroz e amendoa. As castanhas em geral, pela sua immensa quantidade produzida sem trabalho nos *soutos*, fartão a classe menos abastada e engordão os porcos. Em muitos lugares se colhe bastante seda, sumagre e linho, do qual se fabricão na provincia excellentes pannos: quasi que toda é propria para esta producção, e póde-se dizer que só ha falta delle nas terras onde o não semeião.

Em toda esta região se cria muitissimo gado vaccum, suino e lanigero: do primeiro, principalmente na Beira-Mar e distr. de Viseu, ha grande fartura, a carne é optima

e muito abastece os açougues de Lisboa e Porto; os porcos abundão sobretudo nos montados do distr. de Castello-Branco, e em tamanho e sabor são comparaveis aos melhores do Alemtejo. O gado lanigero apascenta-se nos escampados, escabrosidades e abas das serras, em toda a extensão da provincia: é mui numeroso, rico em excellentes carnes, e em lãa, que fórma um dos principaes ramos da riqueza de exportação e de consumo nas fabricas de Portalegre, Covilhãa, Lisboa, &c. Os seus lacticinios abundão em toda a parte e competem com os alemtejanos, particularmente os queijos da serra da Estrella. Os pescados, tanto de agua doce como salgada, são saborosos, porém escassos, por causa da posição central da provincia e da rapida corrente de seus rios, que estorvão povoarem-se de peixes; todavia, são afamadas as suas trutas e lampreias do Mondego e Tamega, e os saveis, solhos, tainhas, e outros que povoão o Douro e Alto-Tejo. As grandes marinhas de sal de Aveiro fornecem parte do paiz deste genero: para se conhecer a sua industria manufactureira e rural, consulte-se adiante o capitulo destinado a esse assumpto em geral. Passaremos a apresentar os seguintes mappas:

Mappa geral da Divisão, Superficie, População e Contribuição Predial, Pessoal e de Maneio no anno de 1847.

	Sup. em leg. quadr. de 20	Conc.	Freg.	Fogos.	População.	Imposto Directo votado em 1844, cobrado em 1847.
Distr. de *Aveiro* . .	121	24	172	58,193	233,945	92:313$231
» *Castello-Branco* .	205	17	151	32,536	128,730	68:119$895
» *Coimbra*.	110	32	193	60,283	244,203	113:538$933
» *Guarda*	177	30	344	49,946	197,430	85:593$659
» *Viseu*	107	40	344	72,647	289,038	126:396$936
	720	143	1,204	273,605	1:093,346	485:962$654

Mappa Geral da Colheita de Cereaes na Beira em 1847.

	Moios de trigo.	Moios de milho.	Moios de centeio.	Moios de cevada.
Districtos de *Aveiro* . .	1,438	27,982	1,120	649
» de *Castello-Branco*. .	4,271	6,937	18,646	1,470
» de *Coimbra*	11,818	110,585	1,485	25,743
» da *Guarda*.	7,004	13,068	35,805	2,262
» de *Viseu*.	2,057	44,729	12,950	840
	26,588	203,301	70,006	30,964

Note-se que temos descripto a provincia segundo as suas balisas naturaes, ou como sempre foi considerada, não attendendo ás recentes divisões, que nos apresentão caracter de curta estabilidade. Divide-se em dous governos militares: o da Beira-Alta reside em Viseu, e o da Baixa em Castello-Branco.

Os habitantes da Beira são geralmente robustos, valentes, laboriosos, pouco amantes de modas e de luxo estrangeiro, fieis, bons cidadãos e excellentes soldados; a infantaria da Beira-Baixa e caçadores da Alta gozão de merecida fama. Ahi nascêrão muitos homens doutos e illustres, que se encontraráõ adiante nos bosquejos litterario e historico, e grandes guerreiros. Entre estes ultimos se nota El-Rei *Wamba*, natural de Idanha a Velha, e *Sertorio*, vizinho da serra da Estrella, onde fez cruenta guerra aos Romanos e lhes disputou por muito tempo a posse desta provincia. Tambem quasi todos os afamados aventureiros que forão á Inglaterra em defesa das doze damas insultadas, como nos conta Camões, erão nascidos nessa região montanhosa; é fama igualmente que ahi morrêra, perto de Viseu, D. Rodrigo, ultimo Rei dos Godos.

Povoações principaes dos cinco Governos Civis que compoem a Provincia da Beira.

	hab.		hab.
Coimbra, cidade, bispado e		*Louriçal*	3,300
cap. de distr. e universidade.	14,500	*Mangoalde*	3,184
Ovar	11,720	*Goes*	3,150
Lamego, cidade	9,530	*Cantanhede*	3,050
Covilhãa	7,000	*Penacova*	3,030
Viseu, cid. bisp. e cap. de distr.	6,700	*Louzãa*	3,000
Ilhavo	6,700	*Villa Nova de Foz-Coa*	2,900
Castello Branco, cidade, bispa-		*Eixo*	2,900
do e capital de districto.	6,700	*Sarzedas*	2,540
Aveiro, dito, dito, dito.	4,800	*Castro-Daire*	2,500
Figueira da Foz	4,200	*Pinhel*, cidade	2,300
Guarda, cid. bisp. e c. de distr.	3,900	*Manteigas*	2,273
Souza	3,715	*Cea*	2,100
Vagos	3,400	*Oliveira d'Azemeis*	2,000
Miranda do Corvo	3,350	*Feira*	1,900
Monte-Mór o Velho	3,300	*Almeida*, praça d'armas	1,670

Beja (Pax Julia *ou* Paca *dos Romanos*), cidade episcopal, e uma das 17 administrações civís do reino, está sit. no ponto culminante de uma vasta chapada de 900 pés de altura, com arredores mui ferteis em cereaes, azeite e vinho, de ares mui saudaveis, porém sem amenidade no verão, ainda que nas suas vizinhanças possua excellentes quintas e muita vegetação. É rodeada de fortes muralhas que da parte do N. se conservão quasi inteiras, entretanto que do lado do S. estão desmoronadas, cobertas de casas e de terrados, havendo-se por elle estendido a povoação: tinha 40 torres; só restão vestigios de 30. Seu castello, edificado por El-Rei D. Diniz, é pelo engenheiro inglez Murphy reputado o mais digno de consideração de todo o reino. Tem uma torre quadrada, de 180 palmos de altura, de solida e gothica architectura, donde se goza uma dilatada perspectiva, descobrindo-se até a serra de Cintra, da qual dista 28 leg., bem como de diversas partes da cidade se desfructão muito bellas vistas, em razão de sua elevada situação.

Beja encerra muitas casas nobres, por ser terra rica e de familias illustres, porém nenhuma que se possa chamar palacio. Sua igreja de Santa Maria foi mesquita de Mouros. O collegio de S. Sisenando, onde morou este Santo, e que pertenceu aos jesuitas, é edificio incompleto, e foi continuado para residencia dos bispos e para Sé; hoje é occupado pela camara, repartições administrativas, celleiro publico, &c. Antes da extincção dos conventos, tinha tres de frades e tres de freiras; destes se extinguio o de Santa Clara, que chegou a encerrar 200 religiosas. Contém algumas fortificações modernas, ruas asseiadas, algumas antiguidades; é bem provisionada de cereaes, hortaliças e carnes, encerra 5,300 hab., e o seu distr. 105,440 n'uma superficie de 424 leg. quadradas.

A fundação desta cidade é antiquissima; muitos a

attribuem aos Gallos-Celtas, e sendo já florescente no tempo das conquistas de Julio Cesar na Peninsula, adquirio o nome de *Pax Julia* em commemoração das pazes com elle ahi firmadas. No dominio dos Visigodos e Allanos, já era Sé episcopal. Tomada, perdida e retomada por vezes aos Mouros, foi finalmente conservada por D. Affonso Henriques. Em 1808, revoltando-se Beja contra o pesado jugo dos Francezes, foi por estes entrada depois de um combate e entregue ao mais horroroso saque e incendio. O boletim de Junot dizia o seguinte: « Já não existe Beja! Seus criminosos habitantes forão passados a fio de espada, e suas casas entregues á pilhagem e ao incendio. Os rebeldes deixárão 1,200 mortos no campo. Todos os colhidos com armas forão fuzilados. » Entre os muitos homens celebres que Beja tem produzido, podem notar-se o philosopho Espinosa, judeu; o historiador Jacintho Freire de Andrade, o illustre bispo Amador Arraes; os jurisconsultos Gouvêas e o celebre poeta, philosopho e universal escriptor de nossos dias José Agostinho de Macedo. Dista 22 leg. a S. E. de Lisboa, 10 ao Sul d'Evora e 5 ao Poente do Guadiana. Lat. N. 38° 9'. Long. O. de P. 10°.

Belem. Veja-se *Lisboa.*

Bellas, villa bem sit. e amena, 2-1/2 leg. ao N. de Lisboa, com 3,218 hab.; é notavel pela formosa quinta do marquez do mesmo nome, outr'ora pertencente á casa Real, e por outras muitas que abundão em arvoredo, frescura e floridos jardins. Na sua vizinhança tem excellentes aguas ferreas, e muita fructa de caroço e de pevide. Dista 1-1/2 leg. do palacio de Queluz.

Belmonte, villa sit. 3 leg. ao S. da Guarda, no valle chamado *Cova da Beira*, na serra da Atalaia: contém 1,161 hab. O seu sitio é alegre, vistoso, e domina a planicie por onde corre o rio Zezere, pouco abaixo da sua nascença. Nessas immediações ha uma mina de cobre.

Bemfica, linda pov. contigua a Lisboa, de 3,000 a 3,500 hab., cheia de palacios, pomares, casas de campo e jardins, que dão a esse arrabalde da capital um encanto especial que só poderá reproduzir Vienna, bem que de um modo muito menos animado, pois falta ás margens do Danubio o brilho meridional, o azul do céo de Lisboa, e o resplendor da natureza, como o de um montão de pedras preciosas de todas as côres, cujo fulgir é o que dá uma graça particular aos seus arredores. A quinta de *Palhavãa*, ainda que arruinada, é uma das mais notaveis, bem como a das *Larangeiras*, pertencente ao conde do Farrobo, considerada como modelo do bom gosto e luxo moderno, com um theatrinho de summa belleza; a do marquez de Fronteira, elegantemente disposta no antigo gosto francez; a do marquez de Abrantes, a de D. Antonio de Saldanha, a da infanta D. Isabel Maria, &c. O grandioso aqueducto das *Aguas-Livres* passa por esta amena pov. no sitio de *Campolide*, assim denominado por haver sido o theatro de um combate (*campus litis*) entre os Hespanhóes e os Portuguezes no reinado de D. Fernando. (Veja-se *Lisboa*.)

Em Bemfica, junto ás *Larangeiras*, existia o convento de S. Domingos, celebre por dous monumentos historicos, e cuja elegante descripção é um dos melhores trechos do classico frei Luiz de Souza. Um desses monumentos era o mausoléo do famoso João das Regras, grande jurisconsulto e politico, cuja influencia nas côrtes de Coimbra fez proclamar Rei a D. João, Mestre d'Aviz; e o outro era a formosa capella dos Castros titulares e seu jazigo. Notava-se nella o mausoléo do vice-rei da India, o grande e heroico D. João de Castro. Debalde se procurarião hoje nesse sitio monumentos recordativos de tanta gloria para o paiz; o systematico vandalismo moderno tudo fez desapparecer com a extincção das casas religiosas. O

mesmo frei Luiz de Souza ahi viveu o resto de sua vida, e ahi foi sepultado em 1632.

Benavente, villa de 1,900 hab. no termo de Santarem, donde dista 7 leg., e sit. n'uma campina que domina uma extensa planicie para o Nascente, 1/2 leg. ao S. do Tejo, perto do rio Zatas, em posição fertil e sadia, e a 9 leg. de Lisboa. Tem uma antiga residencia Real, ha muito não habitada. Seus arredores são fertilissimos em azeite, frutas, principalmente melões e melancias, e em caça.

Benguela. Veja-se *Angola*.

Benzafrim. Veja-se *Barão de S. João*.

Berjoeira (Palacio da). Veja-se *Monção*.

Berlengas, grupo de ilhotas quasi em frente do promontorio de Peniche, habitadas por alguns pescadores. No cume da principal dellas ha um pharol que indica aos navegantes as suas restingas, cujos dentes pontiagudos sahem até fóra d'agua. São estes os mais perigosos rochedos dos mares da Europa, e só com elles se podem comparar alguns nas Antilhas e nas aguas do Archipelago austral, segundo a opinião de um perito e recente viajante. Pertencem ao distr. de Leiria, e estão em lat. N. 39° 16' a 24'. A principal tem 1 leg. de circumferencia escarpada, é plana no cume, menos a E., onde tem uma enseada defendida por um fortim, e se póde fundear em 15 braças. A approximação dellas deve ser evitada; porém o canal entre a terra firme é desassombrado, e até por elle podem esquadras passar sem perigo.

Besteiros, serra. Veja-se *Caramulo*.

Bissau e Cacheu (governo de) ou **Guiné Portugueza do Norte**. Esta extensa porção de territorio, cujo governo é subordinado ao de Cabo Verde, deve estender-se por umas 100 leg. de littoral na Senegambia ao occidente da Africa, desde o N. do rio Casamansa até ás vizinhanças do cabo das Vergas; porém estes limites não se achão

bem especificados, assim como para o interior, onde consideravelmente se prolonga o seu terreno. Os editores do *Almanak* de Gotha do anno de 1848 orção-lhe a superficie em 3,000 leg. quadradas, de 20 ao gráo; julgamos porém muito incerto e contingente este calculo, bem como o da sua população, por falta de documentos provaveis.

Contém caudalosos rios navegaveis, taes como o *Casamansa*, o de *Cacheu* ou *S. Domingos*, o de *Geba*, o *Grande* e o de *Nuno Tristão*, sendo alguns delles unidos entre si por canaes naturaes, em razão da planura do terreno, o que contribue para a communicação interna. O paiz geralmente goza da maior fertilidade, produz milho, arroz, inhame e todas as frutas tropicaes; excellentes madeiras de construcção naval, urzella, e anil que passa pelo melhor da Africa, cera e marfim. Estes territorios são em grande parte doentios; comtudo as margens do rio Casamansa e outros lugares passão por saudaveis. Para que esta antiga colonia se tornasse de alta importancia, como a vizinha franceza de S. Luiz ao N., e a ingleza da Serra Leôa ao S., só tem faltado vontade da parte do governo portuguez. Primeiro que tudo deveria proporcionar vantagens, como v. g., concessões de terrenos, isenções dos dizimos por certo prazo, alguns adiantamentos, certas regalias, &c., aos numerosos emigrados que annualmente de Portugal e das ilhas vão para o Brasil e colonia ingleza da Goyana, sendo esta sem comparação mais doentia que a Guiné portugueza, onde com sua industria e uma recta administração publica se poderião enriquecer em menos tempo e em territorio da sua nação; esta mesma medida devêra ser extensiva ás demais colonias. Seria tambem util dar a estes territorios uma administração sujeita unicamente a uma commissão residente na metropoli ou na sua capital, composta de mem-

bros de confiança; fundar alguns estabelecimentos nas situações mais saudaveis tanto no interior como na costa, numerosos se possivel fosse, e livres de commerciar com todos os povos. Nos lugares doentios porém, alguns muito importantes pela sua posição geographica, como por exemplo, as ilhas de *Bulama* e *Cacheu*, a foz do *Guinala*, do *Geba* e outros, poderião as novas colonias ser formadas pelos naturaes do paiz, oriundos de Portuguezes e *cabras* quasi todos, os quaes ahi nascidos e aclimatados nenhuns perigos novos incorrerião. Estas regiões ultramarinas, para seu interesse e da metropoli, só podem ser governadas excepcionalmente: quando essas modernas utopias ultra-liberaes nem prosperar nem fazer prosperar podem, no centro da civilisação européa, como serião ellas exequiveis ou uteis entre povos na infancia do raciocinio? Podemos confessar com gratidão que o governo portuguez desde a restauração de 1834 tem empregado alguns meios para promover o augmento desta possessão.

Cacheu, villa e ilha sit. na foz do rio do mesmo nome ou de *S. Domingos*, tem um porto soffrivel, é mais pequena que Bissau, e Malte-Brun lhe dá 9,000 hab. (*Geog.* 1841, *pag.* 610, *vol.* 5.°), julgamos comtudo exagerado. Entre Cacheu e Bissau está a ilha de *Bossis*, que abunda em excellentes madeiras de lei e palmeiras, das quaes se extrahe muito azeite. A ilha de *Bulama*, pouco ao S. defronte das boccas dos rios Geba e Grande, o qual ahi tem 2 leg. de largura, e fundo para grandes embarcações, é insalubre, porém basta em arvoredo de lei e piscosa. Defronte está o grupo das *Bujagós*, onde Portugal tem a ilha das *Gallinhas*, pouco importante, com pequeno presidio; as demais formão um risonho archipelago, rodeado de bancos d'areia, produz em abundancia arroz, gado vaccum e todas as frutas do tropico. Os *Bujagós* ou *Bissagos* são robustos, bellicosos, piratas e crueis.

Bissau é o principal dos estabelecimentos portuguezes nesta costa; tem uma fortaleza de boa construcção sit. na importante ilha do mesmo nome na foz do Geba, é aprazivel e fertil. O seu porto, que está em lat. N. 11° 29' é seguro de Maio até Novembro; no resto do anno torna-se perigoso pelas grandes correntes que fazem mudar os baixos do rio: dista 110 leg. da ilha de S. Thiago.

Os povos negros das vizinhanças são entre outros os *Biafras*, *Balandras*, *Bujagós*, *Papels* e os mestiços *Grumetes*. Todos frequentão o mercado de Bissau, são de raça vigorosa e andão armados. Cultivão muito arroz e inhame; possuem bois muito pequenos, cuja carne é excellente, porcos e aves domesticas em abundancia, colhem muita tartaruga nas praias e peixe no rio. Nos seus matos ha macacos muito grandes, cobras e onças.

Os *Biafras*, que occupão a maior parte do terreno sit. entre o Geba e Rio Grande estão quasi sempre em guerra com os *Papels*. A capital dos primeiros é *Guinala*, onde reside o regulo, e os Portuguezes tem algumas feitorias.

As mais notaveis pov. no interior são: *Geba* na margem direita deste e a 60 leg. de Bissau; é um presidio importante pela sua posição e as riquezas que poderia adquirir no commercio das suas producções agricolas e mineraes; *Fá*, outro presidio sobre o rio do mesmo nome; *Farim* sobre o Casamansa a 40 leg. da sua foz; *Zinguichor*, *Conconda* e outros presidios nas margens do mesmo rio, alguns a 100 leg. da sua foz. A pov. é toda de negros mais ou menos submissos á autoridade portugueza; entre elles ha muitos milhares de mestiços que pretendem ser descendentes dos primeiros exploradores desta nação, os quaes são activos, industriosos, e tem, assim como outros destes povos, algumas praticas de certo adiantamento em civilisação.

Na latitude N. 20° 40' pouco ao S. do cabo Branco, está a ilha e pov. d'*Arguim*, a qual por quasi tres seculos

pertenceu a Portugal, que ahi fundára um castello para proteger o commercio de ouro e marfim da costa, e onde fazião aguada as náos da India: os Hollandezes della se apoderárão e após estes os Francezes; porém foi abandonada ha perto de meio seculo, em consequencia dos bancos de rocha que a rodeião, onde muitos navios naufragavão, e entre elles a fragata franceza *Medusa*. É bastante fertil e abundante de boa agua. Julga-se ser a antiga *Cerne*, onde Hannon estabeleceu uma colonia de Carthaginezes seis ou sete seculos antes de Christo. Os bispos da Madeira intitulavão-se—Bispos do Funchal, Porto Santo e Arguim. A linguagem que ainda ahi se falla é uma mistura de portuguez e de dialectos do continente.

Bobadella, pov. de Trás-os-Montes no conc. de Montealegre, com perto de 700 hab. Ha outra no de Monforte, menos povoada, e *Bobadella*, villa da Beira Baixa, 7 leg. a O. de Linhares, na falda occidental da serra da Estrella; contém perto de 1,000 hab.: é antiquissima pov., pois nella se conserva um arco de construcção romana com varias inscripções.

Boliqueime, pov. abastada do Algarve, a 5 leg. de Faro, perto do rio Quarteira, com 2,119 almas Foi neste sitio que o infante D. Henrique mandou fazer o primeiro ensaio da plantação de cannas de assucar vindas de Chypre, donde forão transportadas para a Madeira e dahi para o Brasil.

Borba, notavel villa do Alemtejo sit. entre Villa-Viçosa e Extremoz, com 3,406 hab., no distr. d'Evora, em situação muito fertil, alcantilada e de bons ares. A sua casa da camara é um excellente edificio dos mais regulares do reino; tambem tem algumas espaçosas e boas ruas. Seus arredores produzem muita castanha, grão, azeite e máo vinho, e nelles se fabrica panno de lãa para exportação. É patria do celebre grammatico Bento Pereira. Ha mais

duas povoações do mesmo nome a 7 leg. de Braga: a 1.ª *Borba de Godim*, com 1,200 hab., a 2.ª *Borba da Montanha*, com 1,380 hab.

Bouças (de Matosinhos), villa pouco arredada ao N. E. da cidade do Porto; é patria do distincto ex-ministro Passos (Manoel). O seu termo contém perto de 9,000 hab.

Bouro, villa e freg. (Santa Maria) a 3 leg. de Braga: 1,010 hab. — *Terra do Bouro*, outra no mesmo distr. e a igual distancia, 4,000 hab. Ha ainda outra villa vizinha de ambas (*Santa Martha do Bouro*) com 900 hab.

Braga, cidade archiepiscopal antiquissima, primaz das Hespanhas (em competencia com Toledo), uma das 17 administrações civis do reino, sit. 1 leg. ao S. do rio Cávado, n'uma fertil e deliciosa planicie regada ao S. pelo riacho Deste, a 8 leg. do Porto, 30 de Bragança e 60 de Lisboa: lat. N. 41°, 33'; long. O. de P. 10°, 45', com 18,140 hab. em 6 freg. O seu distr. administrativo contém 228,705 hab., e 84 leg. quadradas de superficie.

Esta cidade é a *Bracara Augusta* dos Romanos, fundada pelos Gallos-Celtas 296 annos antes de Jesus Christo; é a antiga capital dos Suevos, e a historica séde archiepiscopal das grandes éras da primitiva independencia portugueza. Seu mais brilhante periodo durou até ao XV seculo; todavia, mesmo depois da importancia que forão adqüirindo as cidades maritimas em consequencia das grandes descobertas e conquistas que se fizerão, Braga soube alcançar tambem consideração e renome por meio da riqueza e autoridade dos seus arcebispos, que até ao tempo da erecção do patriarchado de Lisboa em 1716, forão os primeiros prelados do reino; foi igualmente um delles que em Lamego corôou o primeiro Rei de Portugal, D. Affonso Henriques, em 1143, com a grande corôa de ouro dos Reis visigodos, conservada na abbadia de Lorvão.

Nesta cidade historica, presentemente tão destituida de consideração, tudo faz lembrar as suas tres grandes épocas, tudo é animado pelo prestigio dessas recordações. Do tempo dos Romanos, póde-se ainda hoje contemplar as ruinas de um templo, de um aqueducto, de um amphitheatro e outros edificios. Encontrão-se tambem nella fragmentos de uma muralha do tempo do dominio suevo, e a *Sé* ou cathedral, com o tumulo do fundador da monarchia portugueza, rica de recordações do periodo episcopal, que se achava em intima ligação com os grandes tempos feudaes sob o governo da dynastia dos Reis *borgonhezes* ou *Henriques*, admiravel raça de heróes, de principes cavalheirosos, que tinhão por servidores homens extraordinarios como elles proprios.

Essa cathedral ou *Sé* é um edificio antiquissimo, vasto, angular, feito de cantaria, e reedificado ou melhorado pelo conde de Portugal D. Henrique, que falleceu em 1112 e ahi tem o seu jazigo, sobre o qual está o vulto do finado em armadura completa; defronte fica-lhe o tumulo de sua esposa D. Tareja ou Theresa. « Todas as pessoas, por mui pouco familiarisadas que estejão com as antiguidades da Peninsula, diz Fernando Diniz, não podem ignorar que esta cathedral disputa á de Toledo o titulo de igreja primacial das Hespanhas. A tradição reza que *Braccara Augusta* fôra a primeira cidade onde o apostolo S. Thiago, prégou o Evangelho nesta colonia romana. Possuia então esta cidade um collegio dos *archiflamines* (supremos sacerdotes ou pontifices), que governavão o espiritual de toda a Peninsula. Essa mesma tradição nos conservou os nomes dos nove discipulos do mesmo Santo que se convertêrão por sua catechese ao christianismo, e o secundárão nos seus trabalhos. Sentir-se-ha pois quanto isso reverteu de veneravel á antiga cathedral de Braga. » É sem duvida ella uma das mais consideraveis que

se podem encontrar: vasto edificio de tres naves, veneranda reliquia cuja idade se não póde ao certo classificar, porém que com probabilidade se julga reedificado pelo conde soberano D. Henrique de Borgonha. É deste tempo que datão os distinctos privilegios do arcebispado de Braga, pois que D. Affonso Henriques teve de os outorgar ao arcebispo D. Pelagio, afim de que este prelado lhe prestasse auxilio contra sua mãi, que o queria conservar em forçada tutela; e chegárão as cousas a ponto que este principe, no pacto subscripto em 1128, dirigio ao arcebispo as seguintes palavras: « *Ut tu sis adjutor meus.* » O prelado cumprio a sua palavra de principe da Igreja, e, um mez depois, D. Affonso reinou, livre do jugo de sua mãi.

Em um claustro acha-se o sarcophago do arcebispo de Braga D. Lourenço, octogesimo-sexto primaz das Hespanhas, que morreu com as armas na mão na celebrada batalha d'Aljubarrota em 1385. Na sua capella de S. Ovidio conserva-se o corpo deste martyr, que tambem foi arcebispo de Braga; na nave da parte do Evangelho está a de S. Pedro de Rates, seu primeiro prelado. A cadeira metropolitana de Braga honra-se com as virtudes, letras e santidade de muitos varões que a occupárão. Além dos já citados, póde-se enumerar: S. Torquato, S. Victor, S. Cucufate, D. João Peculiar, o papa João XXII, o cardeal D. Jorge da Costa, o cardeal-rei D. Henrique, D. Balthasar Limpo, D. frei Bartholomeu dos Martyres, canonisado ha poucos annos, &c.

O templo da *Sé* não é rico em objectos d'arte; porém seu côro, pelo contrario, é de notavel belleza: a séde do arcebispo e os assentos dos 32 conegos são de páo santo primorosamente lavrado, cobertos de riquissimos dourados, com a maior pompa e grandeza. N'uma das capellas desta cathedral ainda se officia com o rito *muzarabico* ou *mistus-arabico*, como se faz em Toledo. O seminario e o

palacio mitral são edificios sumptuosos; alguns mais tem de particulares.

Os arredores mediatos de Braga são muito amenos, cheios de excellentes quintas e campos ferteis e abundantissimos em cereaes, hortaliças, frutas e vinhas, que, enlaçadas em castanheiros e carvalhos, formão densos bardos productores de copiosas colheitas de uvas, castanhas e bolotas.

É Braga, sem contradicção, o municipio mais antigo do primitivo Portugal; por isso contém pouca área, segundo o uso da epocha, sendo esta bem aproveitada com ruas geralmente pouco largas, e nellas se achão distribuidos os officiaes dos misteres mais numerosos, taes como ourives de prata e ouro, sirgueiros, correeiros, chapeleiros, &c. Tem do lado do N. um grande rocio, rodeado de boas casas e igreja, e outro no lado do S., chamado dos Remedios, onde o arcebispo D. Rodrigo mandou collocar varias columnas miliarias trazidas das cinco estradas romanas que vinhão dar á cidade. Tem mais de 70 fontes publicas e particulares, algumas aformoseadas com adornos architectonicos. Proporcionalmente, é a pov. mais manufactureira e industriosa de todo o reino: só em chapelaria tem mais de 1,400 empregados. É fartissima, e nella se comprão muito em conta os artigos de primeira necessidade, o que não tem contribuido pouco para chamar a si grande numero de fidalgos empobrecidos, officiaes reformados e partidarios devolutos do partido de D. Miguel, que, geralmente fallando, encontrão sentimentos sympathicos nesta pov. Além das suas fabricas dos conhecidos chapéos de lãa, tem outras muitas de armas, ferragens, pannos de linho, obras de ourives, que seus industriosos hab. cultivão com perfeição, assim como fabricão excellente doce para exportar.

A perto de 3/4 de leg. desta cidade, n'uma alcan-

tilada encosta donde se goza agradavel vista de muitas leg. em roda, está o sanctuario do Senhor Bom Jesus do Monte, a mais notavel de todas as igrejas portuguezas que são visitadas por romeiros. Um caminho escabroso, adornado de capellas e cruzeiros, assombrado pelas mais bellas arvores, conduz, por entre duas balaustradas de pedra, até meia altura da montanha, onde se elevão uns sobre outros uma duzia de terrados guarnecidos de estatuas, fontes, canteiros de flôres e repuxos. Na planura da montanha existe a igreja, com seu zimborio e dous campanarios, mas sem nenhum objecto d'arte precioso: dahi se descobre, em pomposa perspectiva, Braga com seus prados verdejantes, e longinquas escarpadas cordilheiras. Quando a agua escassêa na planicie, tanto mais bellas são então as fontes que se encontrão nos terrados da montanha; é um lindo espectaculo ver tantas aguas repuxando umas sobre outras, e como as espadanas de cada repuxo alcanção ordinariamente a altura do tanque immediatamente superior, parece com a mais perfeita illusão que é uma unica massa colossal d'agua que vai trepando ao longo da montanha. Este sanctuario com seus accessorios foi começado em 1718, e na sacristia existem os retratos dos bemfeitores e padroeiros que hão contribuido para o seu estabelecimento. Antes da extincção dos conventos em 1834, tinha Braga 10 de ambos os sexos. É patria de muitos homens illustres, entre os quaes sobresahem Diogo de Teive, lente nas universidades de Bordeos e Coimbra, varão de grande nomeada; Gabriel Pereira de Castro, autor do poema epico *Ulyssea*, &c.

Bragança, cidade episcopal da provincia de Trás-os-Montes, praça d'armas, e uma das 17 administrações civis do reino, está sit. perto do pequeno rio Fervença, que entra no fôsso de suas muralhas, em amena e fertil

campina, porém com aguas insalubres, perto das ruinas da antiga *Brigantio*, cuja fundação se attribue a *Brigo*, Rei de Hespanha, 1906 annos antes da éra christãa; mas a cidade actual foi fundada por D. Sancho I em 1187. Tanto a cidade como o castello, e um forte sit. ao N. O., são de tal modo dominados pelas alturas circumvizinhas, que nenhum dos tres lugares é susceptivel de mediana defesa. Parte da muralha do castello foi demolida em 1762 pelos Hespanhóes, que tambem arruinárão o forte. Tem fabricas de velludo e seda, e faz bastante commercio de contrabando com a Hespanha. Em 1846 exportou os seguintes valores: em belbutinas, 41:500$; chitas, 42:000$; lenços de algodão, 45:000$; pannos de linho e de algodão, 80:000$; lãa bruta e chapéos da mesma, 11:000$, além de outros muitos artigos miudos de sua producção e manufacturados no paiz, ao passo que a sua importação não excedeu 13:000$. É a mais importante alfandega *secca* ou do interior de todo o reino. Tem sido tomada diversas vezes pelos Hespanhoes.

Esta cidade, outr'ora capital de toda a provincia de Trás-os-Montes, partilha hoje com Villa-Real a sua administração ou governo civil, cujo distr. contém 197 leg. de superficie, e 122,932 hab.: o governador militar reside na mesma ou em Chaves. É cabeça do ducado de Bragança, que D. Affonso V erigio em 1442; foi seu primeiro duque D. Affonso, filho de El-Rei D. João I, o qual casou com D. Beatriz, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira; e em 1640, D. João IV, seu descendente e oitavo duque de Bragança, subio ao throno em consequencia da revolução que arrancou Portugal ao dominio da Hespanha. Esta familia, hoje aparentada com quasi todos os monarchas da Europa, veio a formar actualmente as duas dynastias reinantes em Portugal e no Brasil.

Bragança contém 3,648 hab., está a 2-1/2 leg. da raia

hespanhola, 36 do Porto e 80 de Lisboa, lat. N. 41° 50', long. O. de P. 9°.

Branca, pov. de 1,800 hab., do conc. d'Estarreja.

Brava, ilha. Veja-se *Cabo-Verde*.

Briteiros. Ha 3 pov. deste nome pouco importantes, e todas vizinhas, a saber: *S. Estevão de Briteiros*, a pouco mais de 1 leg. de Braga, com 300 hab.; *Santa Leocadia de Briteiros*, pouco distante, com 800 hab.; e *S. Salvador de Briteiros*, tambem a pequena distancia, com 580 hab.

Britello, pov. do conc. de Ponte da Barca: contém 1,000 hab. Ha 1 freg. do mesmo nome no conc. de Celorico de Basto, com 1,800 hab.

Britiande ou **Britiandos**, villa sit. 1 leg. ao S. de Lamego, em ameno e delicioso valle coberto de soutos, arvores fructiferas, e vinhas que produzem o afamado vinho com o titulo de Lamego. Neste sitio começa a estrada aberta pela companhia dos vinhos do Alto Douro, a qual os conduz ao dito rio e dahi ao Porto. Tem 500 hab.

Buarcos, villa e freg. na foz do Mondego, junto a Figueira, e 7 leg. ao O. de Coimbra: contém pouco mais de 1,000 hab., e grandes minas de excellente carvão de pedra.

Bucellas, mui notavel e amena pov. da Estremadura, 4 leg. ao N. E. de Lisboa, com 1,900 hab. Produz o melhor vinho branco de Portugal, o qual, juntamente com o de *Cadafaes*, aldêa proxima d'Alemquer, é exportado para Inglaterra, onde é muito estimado.

Bueiro, freg. do conc. de Cantanhede: contém 2,600 h.

Bugio ou **Fortaleza de S. Lourenço da Barra**. Veja-se *Oeiras*.

Bunheiro, grande pov. de 3,900 almas, no conc. de Estarreja, 7-1/2 leg. ao S. do Porto.

Bussaco, sitio da serra d'Alcoba, montanha sit. 4 leg. ao N. E. de Coimbra, a qual, vista de longe do lado de

N. O., apresenta a semelhança de um tumulo. Quasi no seu cume abre uma especie de seio onde está edificado um mosteiro que era de Carmelitas descalços, os quaes nessa desabrida região formárão uma Thebaida semelhante á dos primeiros christãos no Egypto, o que tornou o sitio sobremaneira devoto, romantico e pittoresco.

Desta formosa e magica solidão nos dá uma descripção adequada o principe Lichnowski nas seguintes palavras:

« Chegámos ao celebre hospicio do Bussaco..... Foi ahi que creio ter colhido uma idéa completa dos bosques do Libano. Ao longo de veredas tortuosas, interrompidas por torrentes nascidas na montanha, caminhámos á sombra de cedros seculares que medrão aos milhares nesse abençoado canto da terra: seus elevados troncos são abraçados por espessa hera, e seus ramos vigorosos cobrem e protegem impenetraveis matas de louro. Por entre as folhas circulares dos cedros mistura-se a folhagem de gigantescos platanos, de castanheiros e de nogueiras sempre verdes; vêm-se tambem muitos pinheiros maritimos, as corôas engraçadas dos pinheiros silvestres e os grossos e nodosos troncos dos sovereiros.

« Como nunca neste sanctuario penetrou o gume de um machado, acontece que os rebentos de todas aquellas arvores surgem de um solo fecundo, formando bastas matas ao pé desses antigos troncos que magestosa e soberanamente alção sua frondente coma a grande altura por cima da nova geração. Todo este conjuncto, que se prolonga em vasta extensão, causa necessariamente a mais profunda impressão; o viandante julga-se transportado aos antiquissimos bosques do Oriente. O que é certo é que o parque ou *cerca* do Bussaco não tem outra na Europa que se lhe possa comparar. O religioso e louvavel respeito com que por tantas gerações se tem conservado intacto este bosque se explica facilmente quando, á sua entrada,

se lê esculpida em marmore branco a bulla pela qual Urbano VIII, em 1643, declarou que ficarião excommungados todos aquelles que derrubassem alguma das arvores da cerca de Bussaco. A mui pequena distancia encontra-se outra bulla, como em cartaz, fixa n'um muro, e na qual Gregorio XV (1622) prohibe a entrada de mulheres neste recinto. »

O nome de Bussaco anda ligado a um notavel episodio da historia portugueza. A 27 de Setembro de 1810, um exercito francez de 65,000 homens, ao mando de Massena, foi repellido e batido com grande perda pelo exercito luso-anglo de 40,000 homens, commandado por lord Wellington, e composto principalmente de recrutas portuguezas. Posto que não pudérão os Francezes tomar esta forte posição, conseguirão comtudo voltea-la; mas já achárão os alliados nas linhas de Torres-Vedras, em sua marcha sobre Lisboa.

Depois de ter, o mesmo viajante acima dito, fallado a respeito desta operação militar sobre Bussaco, continúa:

« Foi pois o ataque transferido para as alturas onde se achava postado o exercito anglo-portuguez, por detrás do convento. Estas alturas são tão empinadas e cobertas de tanta pedra solta e massas de rocha espalhadas, que difficil é conceber como se pôde emprehender um ataque em regra contra semelhante posição. Segundo creio, foi este o mais elevado campo de batalha europeu, e por sem duvida o mais alcantilado. Na verdade, essas alturas que Ney quiz assaltar, e a cujo cimo conseguio subir, são de tal sorte intransitaveis, que, mesmo sem haver inimigos nem fogo de artilharia, parece incrivel como pudessem massas compactas galgar esses pontos. No cume mais elevado da planura desta serra, existe um telegrapho, estação media entre Lisboa e Porto. A alguns milhares de passos dahi, ao N. E. do campo da batalha,

ha um promontorio donde se descobre o mais extenso panorama que jámais se tenha offerecido á minha vista nas muitas jornadas que tenho feito por elevados montes e serranias. Á direita, jazião a nossos pés as verdes planicies pelas quaes corre por entre arbustos o placido Mondego; Coimbra, Monte-Mór, Figueira e seu porto, parecião achar-se na circumvizinhança. Além da extensa orla da costa, occupava o Oceano a maior parte do quadro; mais perto da região montanhosa, vião-se como tocas de toupeiras centenares de collinas; depois seguião-se bosques, prados e campos que semelhavão a taboleiros de jardim; finalmente, em direcção opposta, estendia-se no horizonte a serra da Estrella, &c. »

Bustello. Ha no reino 4 pov. deste nome, a saber: uma em Trás-os-Montes, no conc. d'Ervededo, com 600 hab.; outra no conc. de Gestaço, no Minho, com 500 hab.; a terceira, *S. Miguel de Bustello*, villa proxima a Penafiel, com 1,132 hab.; e a ultima, *Bustello da Lage*, no conc. de Tendaes, a 4 leg. de Lamego.

C

Cabanas, aldêa do conc. de Oliveira do Conde, a 3 leg. de Viseu, 1,360 hab.

Cabeceiras de Basto, villa muito importante do distr. de Braga, donde dista 8 leg., com 1,200 hab., e seu termo 8,700. Está sit. junto ao Tamega e a 3/4 de leg. de Mondim de Basto.

Cabeço de Vide, villa do distr. de Portalegre, a 6 leg. d'Evora; produz muito trigo e melancias, e tem 1,050 h.

Cabo Verde. O archipelago que compõe esta provincia ultramarina portugueza consta de 10 ilhas principaes e de numerosas ilhotas deshabitadas. Deriva-se o seu nome do cabo assim chamado, sito no continente da Africa, donde distão perto de 100 leg., e este cabo tira o seu das aguas esverdeadas pelas quaes se alonga no Oceano, qualidade devida ao seu fundo hervoso e bituminoso, porém mui baixo, o qual nesta paragem assim se estende em consideravel distancia. As quatro primeiras forão descobertas em 1446 por Antonio de Nola, maritimo italiano, ao serviço do grande infante D. Henrique; porém o cabo já tinha sido explorado no anno anterior por Diniz Fernandes. A esforços do mesmo principe se forão descobrindo as demais, que formão dous grupos, a saber: o do Norte ou de *barlavento*, que se compõe das ilhas de *S. Antão*, *Santa Luzia*, *S. Vicente*, *S. Nicoláo*, *Sal*, *Boa-Vista*, e das ilhotas *Rasa* e *Branca*, e o do Sul, tambem denominado de *sotavento*, que consta das ilhas de *S. Tiago*, *Maio*, *Fogo* e *Brava*, além de muitos baixos e ilhéos nas suas proximidades. A superficie deste archipelago excede muito a do Alemtejo; mas conta apenas 80,000 hab., segundo o Almanak de Gotha de 1849, o qual igualmente lhe dá uma área quadrada de 1,223 leg. de 20 ao gráo. O geographo Flaviense T. Fernandes Pereira, em 1839, avaliava-lhe a população em 77,500 hab., dos quaes só 8,000 erão brancos, e 6,000 a 7,000 escravos.

Muito importantes serião estas ilhas, e grande lucro dellas extrahiria a mãi-patria, e com reciproco proveito, se as houvesse bem administrado e promovido o desenvolvimento de sua riqueza natural, além de sua favoravel posição geographica no Atlantico, onde póde offerecer abrigo e refresco em seus numerosos portos ás embarcações que da Europa transpoem a equinoccial e quasi sempre lhes passão em vista. Exportão annualmente uns 120 na-

vios carregados de sal; produzem excellente madeira de construcção naval, urzella da melhor qualidade que se conhece, assucar, café, tabaco, algodão, drogas medicinaes, e anil que ahi se cria espontaneamente, sendo o cultivado de superior qualidade; milho, arroz, mandioca, legumes e todos os farinaceos tropicaes e frutas da Europa, bem como côcos, bananas, tamarindos, ananazes, mamona, dragoeiro, uvas deliciosas, e n'algumas ilhas duas vezes no anno, das quaes se faz vinho não inferior ao de Tenerife; uma raça de muares muito serviçaes no paiz; todos os animaes domesticos de Portugal, macacos, muita gallinha d'Angola que serve de caça, e nenhum bicho venenoso nem mosquitos. Os seus mares abundão em peixe saborosissimo, que se poderia salgar com modica despeza, bem como em balêas e tartarugas que ahi apparecem em cardumes.

Estas ilhas, todas de origem volcanica, tem sido sempre consideradas, em razão do seu clima, como perniciosas para os Europeos; entretanto o conselheiro Lopes Lima, na sua Estatistica, explica-se do seguinte modo fallando do clima dellas: « Póde dizer-se com verdade que só a ilha de S. Tiago merece o nome de *mortifera*, e a de S. Nicoláo de *pouco salubre*, pois que só nestas duas se experimentão (na primeira sempre, na segunda de annos a annos) essas febres endemicas e malignas conhecidas pelo nome de *carneiradas*, e as dysenterias não menos perigosas para os Europeos. A ilha de Maio é sujeita a sezões, as demais são geralmente saudaveis, e as de S. Antão, S. Vicente e Brava, *mais saudaveis do que Lisboa.* » São regidas por um governador geral e um bispo, residentes na cidade da *Praia*, capital, na ilha de S. Tiago. Todo este archipelago e mesmo a parte do continente fronteira são muito sujeitos a seccas que ou inutilisão as sementes ou destroem completamente a vegetação; o

seguinte paragrapho extrahido do *Panorama* de 1839, a pag. 61, é o mais terrivel exemplo dessa calamidade. « No anno de 1831, diz o autor, faltárão as chuvas nas ilhas de Cabo-Verde durante os mezes em que ali costuma chover, e são Julho, Agosto e Setembro; o mez de Outubro, ardentissimo, acabou o que os antecedentes havião começado: fructos, cereaes, vegetaes, tudo foi queimado e reduzido a pó; principiou então a fome immediatamente a sentir-se. O governo nada providenciou: os habitantes ficárão reduzidos ao apuro. Sem soccorros, sem esperanças, os laços sociaes se rompêrão; perdeu-se o respeito á propriedade, e os homens, semelhantes a feras, devastárão tudo e fizerão desapparecer em breve as plantas e cereaes que restavão. A falta de braços, de sementes, de agua e de recursos maritimos, deu continuo alimento á mortandade, chegando a tal estado de não ser já possivel sepultar os mortos, e para consumir os cadaveres foi preciso queima-los. Virão-se nestas pyras de finados os membros de alguns meio queimados serem comidos pelos vivos esfaimados. No anno seguinte, a fome e a mortandade subirão de ponto pelas mesmas causas do anno antecedente. A sociedade Philanthropica de Philadelphia lhes enviou então varios navios com viveres, e a commissão encarregada de os distribuir apresentou uma estatistica da perda de vidas que padecêrão essas ilhas, mais ainda pelo deleixo da metropoli que pelo rigor do flagello, a qual subia a 30,500 individuos. »

Segundo o recenseamento feito em 1841, a povoação geral desta provincia era de 88,460 hab.

S. Thiago, a maior de todas estas ilhas, tem 18 leg. de comprido e 8 na sua maxima largura. A sua maior pov. é a *Praia*, que conta 3,000 hab., e é capital de todo o archipelago, sit. n'uma segura bahia. A cidade da *Ribeira-Grande* era antigamente a residencia do governa-

dor, do bispo e das mais autoridades; dista da *Praia* 3 leg. Move espanto como para capital se foi escolher tal sitio, cercado de altissimas fragas, no fundo de uma estreita quebrada, donde desabando enormes rochedos tem por vezes esmagado os edificios da povoação. Achase hoje em grande decadencia, e a sua Sé, Seminario e melhores edificios jazem derrubados. O clima desta ilha é o mais insalubre de todas e fatal aos Europeos. As suas producções consistem em laranja e outras frutas de espinho, bem como em algumas dos tropicos, e em milho, café, assucar, algodão e anil; fabricão-se nella pannos de algodão grosseiros, porém de muito uso e consideravel exportação para o continente, e principalmente cobertores de optima qualidade e muita duração. Poderá conter actualmente 20,000 hab.; é a que exporta maior quantidade de generos, e por ser geralmente muito montuosa, é avistada a grande distancia no mar: contém bastantes bahias e fundeadouros.

Ilha de Maio, encerra pouco mais de 2,000 hab., uma villa do mesmo nome, e uma só fonte de agua doce. O seu terreno é arido e esteril; contém extensas marinhas, das quaes exporta bastante sal, e as suas costas são extremamente piscosas; porém a povoação é muito pobre. Alguns dos seus montes são tão magneticos, que a agulha de marear varía continuamente nos seus arredores. Apezar da certeza de conter minas de pedra iman, até agora ninguem tem tratado de as explorar. É em geral pouco fecunda e mal cultivada; produz porém melancias excellentes e em abundancia. Tem uma salina onde o sal se crystallisa naturalmente, e na estação propria a ella vai a autoridade competente e reparte o terreno em que se verifica a crystallisação por entre os moradores segundo as forças de cada um, não tendo estes outro trabalho senão reduzir o sal a montes, no que se occupão 4 ou 5

mezes no anno. Tem dous portos, o do *Pão-Secco* e *Porto Inglez*.

S. Antão. Esta ilha é a segunda em tamanho e a mais septentrional de todo o archipelago, e como contenha alcantiladas serranias, em tempo claro póde-se avistar a 18 leg. no mar. Goza de sadio clima, e produz optima uva, e milho duas vezes no anno, anil, algodão, mantimentos e gado, com que suppre muitas embarcações que passão para o S. da linha, pois é, como se disse, a mais septentrional de todo o grupo. Os seus portos principaes são *Ponta do Sol* e *Tarrafal*, onde se póde fazer aguada excellente. *Ribeira Grande* é a sua pov. principal, perto da qual está *Ribeira do Paúl*, que se compara a Cintra pela sua verdura e amenidade. A fundação de uma cidade na ilha de *S. Vicente*, que abaixo descrevemos, póde fazer prosperar muito S. Antão pela sua proximidade e clima saudavel. Contém 24,000 hab., os mais industriosos e civilisados do archipelago. Tem fabricas de panno, muita urzella, algodão, anil e vinhas; os seus pannos são mal tecidos, porém servem para o uso da costa de Guiné. Figura nos mappas francezes e inglezes com o nome de *S. Antonio*.

S. Vicente. Tem esta ilha 4 leg. de comprido, 3 de largo e 1,600 hab.; possue um excellente ancoradouro denominado *Porto-Grande*, tão espaçoso que nelle podem fundear 300 embarcações. Junto delle está determinado, por decreto de Junho de 1838, que se funde uma cidade com o nome de *Mindello* para capital de toda a provincia, e fazendo-se esta ilha *porto franco*, como foi proposto pelo governo ás côrtes, deverá ella em poucos annos crescer em prosperidade, visto que a sua situação a fará procurada pelos navios que navegão para o Sul do Equador, e a salubridade do seu clima attrahirá gente das outras ilhas e da vizinha insalubre costa d'Africa, vindo a ser

um deposito de fazendas para o commercio. Hoje conta já perto de 200 casas. Tem agua em abundancia, salinas, bons pastos, produz urzella, e é muito piscosa, sadia e fresca.

Santa Luzia, Branca e *Rasa*, são tres das mais pequenas ilhas deste archipelago, sit. entre as de S. Vicente e S. Nicoláo; todas tres são montanhosas, aridas, quasi deshabitadas; contém gado vaccum e cabrum bravio que os habitantes de S. Nicoláo vão caçar. O desembarcadouro de Santa Luzia tem uma extensa praia muito vistosa, toda de arêa. Nelle se colhe algum ambar que o mar ahi arroja: a pesca da tartaruga tambem é abundante, bem como poderia ser o cultivo da urzella, perrexil e algodão, que em todas vigora espontaneamente.

S. Nicoláo é de fórma triangular, contém 8,000 hab., e do lado do S. uma soffrivel enseada chamada *Tarrafal*, onde se póde fazer boa aguada. Os outros dous portos são o da *Furna da Lapa* e o *Porto Velho*, que é o principal, e sitio de grande fertilidade não havendo seccas; a sua capital porém é a villa da *Ribeira Grande*, no centro da ilha, a qual geralmente produz todos os fructos dos tropicos e começa a crear a cochonilha.

Ilha do Sal. Deriva o seu nome do muito sal que ha nas suas praias. Tambem nella ha um lago salgado, sit. 20 braças acima do nivel do mar, e 6 braças abaixo do cume de um monte; delle e das suas calhetas maritimas se extrahe abundantemente esse precioso mineral quasi que sem ajuda do braço humano, e o mesmo acontece em *Boa Vista*, *Maio* e n'outras ilhas deste grupo. O seu terreno é muito esteril; apenas produz alguns arbustos para combustivel. A bahia da *Mordeira*, sit. na sua costa de S. O., é uma das melhores do archipelago. Esta ilha, que apenas continha alguns poucos habitantes occupados na manipulação do unico genero que produz, foi defini-

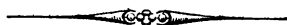
tivamente apossada pelo governador da provincia em 1837, o qual fundou nella uma alfandega, e a fez entrar na categoria das outras ilhas. É actualmente o unico ponto da monarchia onde existe um caminho de ferro, feito para transportar sal com brevidade e pouco custo, pelo proprietario M. J. Martins.

Boa Vista, assim denominada pela bella apparencia que mostrou aos descobridores, é montuosa, quasi esteril, tem más aguas, 3,000 hab., clima soffrivel, um porto ao S. E. chamado *Curralinho*, além de mais alguns ancoradouros. O sal é o unico objecto de seu commercio.

Fogo. Esta ilha, sit. em 15° de lat. N. e 27° de long. Oc. de Paris, é notavel pelo seu elevado pico, que tem 1,348 braças acima do nivel do mar. No seu cume ha um volcão que tem tido varias erupções, sendo a ultima em 1817; a de 1799, começando por um estrondo subterraneo ás 8 horas da manhãa, abrio uma grande cratéra na falda do monte pela qual expulsou uma nuvem de cinza e sedimentos arenosos que toldou completamente a atmosphera. Meia hora depois, principiou a chover uma arêa negra e fetida, que cobrio com altura de palmo e meio a superficie da terra em quasi toda a ilha, e chegou até a ilha de Maio, distante perto de 30 leg. Em seguida, jorrárão da mesma abertura durante 27 dias sem interrupção torrentes de lava, que, correndo para o mar, encheu a ribeira chamada *Palha Carga*, convertendo-a depois de esfriar n'um monte oblongo, destruindo ao mesmo passo casas, arvores, gado, penetrando 40 braças pelo mar, e formando uma bahia onde rebentárão duas abundantes nascentes d'agua doce, que ainda existem. Apezar de muito quente, é esta ilha a mais saudavel de todas. Nella prospera tudo quanto nas outras se cria, e melhor ainda o vinho, tabaco, milho e hortaliças. Contém 12,000 hab. A sua capital é *S. Philipe*, villa assaz consideravel para estas paragens, com 5,000

almas, ruas direitas, boas casas, e uma Misericordia, a unica do archipelago.

Brava. É uma das pequenas ilhas desta provincia, porém uma das mais ferteis, se não é a mais, muito cultivada, e das que gozão melhor clima, sendo a que geralmente preferem os Europeos para habitação. A sua fertilidade é tal, que em annos bons um alqueire de milho lançado á terra tem produzido 400. Abunda em frutas, gado, arroz; porém só exporta milho, vinho e sal, pelo seu unico porto que fica a N. E. É a ilha mais meridional de todo o archipelago, e contém 8,000 a 9,000 hab.

Em 1842 aportárão ás *Ilhas de Cabo Verde* 78 embarcações com perto de 190 contos de réis fortes que importárão, das quaes 32 portuguezas, 28 inglezas, e 16 americanas, e sahirão 76 com igual valor de exportação, quasi tudo de sal, afóra mais umas 80 ou 90 que chegárão em lastro e carregárão o mesmo genero, ahi de diminuto valor.

Cabos e **Pontas** principaes no litoral de Portugal. — Começando pelo N. O.: Ponta da *Insua* é o lado mais occidental desta ilhota; fica em lat. 41° 50'.—Cabo *Esposende* é o que dista quasi 1/2 leg. ao N. O. da mesma villa, em lat. 41° 34'.—Ponta da *Atalaia* fica 1/2 leg. ao N. da barra de Aveiro em lat. 40° 42'.—Cabo *Mondego*, tambem chamado ponta de *Buarcos*, é o extremo do promontorio que se estende 1 leg. a N. O. da foz do mesmo rio em lat. 40° 5'.—Ponta de *Paredes* fica a 1 milha da foz do rio Liz em lat. 39° 43'.—Cabo *Feisirão*, *Alfeisirão* ou *Peniche*, é o que fica mais ao Poente desta peninsula em lat. 39° 20'.—Cabo da *Roca*, chamado pelos Inglezes *Rock of Lisbon*, pelos Hollandezes *Cape Roxent*, e pelos antigos *Magnum Promontorium*, está sit. 6-1/2 leg. ao Poente de Lisboa,

em lat. 38° 46', e long. O. de Paris 11° 51'; é o ponto mais occidental do continente da Europa: ponta de *Cascaes* fica quasi 1 leg. ao S. E. deste.—Cabo do *Espichel* ou *Spichel*, fica a S. O. da foz do Tejo e na mesma distancia de Lisboa que o da Roca: lat. 38° 24', long. O. de Paris 11° 35'.—Ponta da *Pesqueira*, sit. a O. das lagôas formadas pela ria de Setubal em lat. 38° 14'.—*Cabeço* ou ponta da *Perceveira*, a O. da barra de Sines em lat. 37° 42'.—Cabo de *S. Vicente*: é o antigo *Promontorium Sacrum*; fórma a ponta S. O. de Portugal e da Europa, na provincia do Algarve; lat. 37° 3', long. O. de Paris 11° 19'. Aqui finalisa a costa occidental do reino, segue-se a meridional do Algarve, e logo ao voltar, se depara na direcção do Nascente em long. 11° 17' O. de Paris a ponta de *Sagres*, ao S. da villa do mesmo nome; dahi a 5 leg. a ponta da *Piedade* e a 3-1/2 desta o cabo *Carvoeiro*. Finalmente em lat. 37° 55' e long. O. de Paris 11° 8', na ilhota dos *Caens*, está sit. o cabo de *Santa Maria*, ponta mais meridional do todo o reino.

Cabrão, rio e valle do Minho. Veja-se *Vez*.

Cabreiro, pov. do conc. d'Arcos de Val de Vez, sit. 7 leg. a E. de Braga: 1,220 hab.

Cabrella, villa sit. perto de um riacho do mesmo nome, o qual se lança no Sado, junto da bahia de Setubal, 9 leg. a O. d'Evora: 680 hab.

Cacella, aldêa arruinada, pobre e doentia, de 1,070 hab., outr'ora villa importante, na costa S. do Algarve, perto de Tavira. Foi neste sitio que o eximio duque da Terceira desembarcou a sua aventureira expedição de 2,500 homens em 24 de Junho de 1833, illudio o general miguelista Molellos, que em Beja o esperava com 6,000 combatentes, tomou Setubal, derrotou os brigadeiros Freitas e Telles Jordão, e a 24 de Julho entrava na capital do reino.

Cacem. Veja-se *S. Tiago de Cacem*.

Cacia, pov. do conc. da Esgueira, a 1 leg. de Aveiro; está sit. na esquerda do Vouga : 1,880 hab.

Cacilhas, pov. fronteira a Lisboa e contigua á villa d'Almada, a cujo conc. pertence; contém perto de 1,900 hab. Consiste o seu assento n'uma comprida rua, algumas travessas, muitas quintas de recreio e producção nos seus arrabaldes, e um bello cáes de cantaria junto a um fortim, na margem esquerda do Tejo, servindo de porto a Almada. Neste mesmo cáes onde foi esquartejado o tyranno Telles Jordão (veja-se *Almada*), aportão os vapores e mais embarcações da capital, com quem tem animada communicação, e da qual dista quasi 1 leg. Os seus arredores são sitios agradaveis e de frequente recreio para os Lisbonenses.

Cadafaes, aldêa de 900 hab. Veja-se *Bucellas*.

Cadaval, villa insignificante de 600 almas, sit. junto ao riacho Mongota ou Maceira, e 3 leg. ao N. E. de Torres Vedras, cabeça do ducado do mesmo nome, de quem foi primeiro duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello, creado por D. João IV, em recompensa dos serviços por elle prestados na revolução de 1640, sendo já o mesmo quarto marquez de Ferreira e quinto conde de Tentugal: é familia consanguinea á de Bragança, e ás titulares francezas de Lorena e Luxemburgo. É patria do historiador Duarte Ribeiro de Macedo.

Cadima, villa sit. perto da serra d'Alcoba e da Figueira, 5-1/2 leg. a O. de Coimbra : 2,600 hab. Veja-se *Tentugal*.

Caia, pequeno rio que nasce ao N. d'Alegrete no Alemtejo, na serra de Mamede, vizinha de Portalegre, e se lança no Guadiana a 1-1/2 leg. d'Elvas, com um curso de 9 leg., e neste sitio principia a servir de limites á raia hespanhola. Sobre elle está a povoação do mesmo nome.

Caima, pequeno rio tributario do Vouga, na Beira.

Caiola ou **Urra**, 980 hab., sit. a 1 leg. de Portalegre.

Caldas do Gerez, aldêa sit. na serra do mesmo nome, ao N. E. do Minho, e que vai tomando incremento em consequencia do grande numero de pessoas que a ella afflue de Junho a Setembro para fazer uso das suas aguas thermaes e mineraes, que são muito virtuosas.

Caldas da Rainha, importante villa sit. no declive de um outeiro. Nos mezes de Junho a Setembro este lugar é muito frequentado por pessoas de toda a parte do reino, e mesmo do exterior, para aproveitarem os seus banhos sulphureos quentes, que são de grande proveito em muitas molestias. O hospital e estabelecimento destas são excellentes e obra da Rainha D. Leonor, mulher d'El-Rei D. João II, augmentados e enriquecidos por D. João V. Os arredores da villa das Caldas são amenos, arvorisados e abundantes de perdizes e caça do chão. Fica a 2 horas de caminho d'Obidos e 15 leg. ao N. de Lisboa. Sua população permanente é de 1,600 hab.

Caldas de Vizella. Ha 2 pov. deste nome, a 1.ª da invocação de S. Miguel, onde nasceu o celebre historiador Manoel de Faria e Souza, com 888 hab., e a 2.ª da invocação de S. João e com 492 hab.; ambas a 4 leg. de Braga, com algumas nascentes d'aguas thermaes, cuja efficacia não é todavia comparavel com a das da *Rainha.*

Caldeirão (Serra do), cordilheira oriental que, juntamente com a de Monchique occidental, separa o Algarve do Alemtejo. Este grupo differe de todos os outros do reino pela sua constituição physica; abunda por toda a parte em rochedos de lava, amontoados, assemelhando-se a *caldeirões*, donde talvez lhe veio o nome. Os dous cumes mais altos da primeira são o da *Foia*, massa consideravel de granito com 3,830 pés: é o mais occidental, e está em lat. N. 37° 23', e long. O. de P. 10° 40'; e o segundo é o da *Picota* a 1-1/2 leg. deste, com 3,690 pés, ambos cobertos de grandes penhascos. Suas ramificações

a E. tomão os nomes das freguezias onde estão sit., *v. g.*, S. Marcos, S. Bartholomeu, &c. Nestas serras nascem os rios Quarteira, Valfermoso, Vascão, Oeiras, Odemira, Sado, S. Romão, Seixes, &c.

Camara de Lobos, villa. Veja-se *Madeira*, ilha.

Camarate, amena pov. sit. 2 leg. a N. E. de Lisboa, interior, com boas quintas e 800 hab.

Cambra, freg. a 4 leg. de Viseu, com 1,360 hab. Veja-se *Macieira de Cambra.*

Cambres, pov. vizinha de Lamego, com 2,000 hab.

Caminha, villa fortificada na margem esquerda do rio Minho a 1/2 leg. de sua embocadura, no sitio em que desagua o riacho Coura ou Ancora e em frente de *Insua*, que antigamente era peninsula na maré baixa. Suas fortificações são consideraveis, bem que irregulares e dominadas pelo monte Santa Tecla, porém a defesa dellas exige numerosa guarnição. O forte da Insua, 1/2 leg. abaixo de Caminha, é a chave da entrada do Minho, cujas margens domina; suas fortificações, que são modernas, achão-se em bom estado. Fica 4 leg. ao N. de Vianna, e nesta direcção é o primeiro porto do reino. A villa contém 1,300 hab., e o seu termo 11,000: produz sal, e nos seus arredores abunda muito o peixe. No Minho e no Coura colhem-se lampreias, salmões e saveis. O que porém mais avulta ahi é a sua matriz, templo de magnifica architectura, grandiosas dimensões e ricos arabescos, relevos e florões de boa gravura. Durou a sua construcção 68 annos, desde 1448 até 1516; occupa uma área de 260 braças quadradas, e tem de comprimento, incluindo a capella-mór, 208 palmos: a sua torre, de 110 pés de altura e perfeitamente quadrada, remata em fórma de castello, com ameias. Venera-se muito nesta matriz a imagem de Christo que em 1539 foi encontrada dentro de um caixão no mar, com dous calices de prata e paramentos para officiar, que parece ainda hoje existem,

e se julga fôra tudo lançado ás ondas para não soffrerem a profanação de mãos impias. Esta villa é patria do famoso jurisconsulto Pedro Barbosa e do grande musico João Soares Rebello.

Campanhãa, pov. arruada contigua á cidade do Porto, que contém 3,550 hab.

Campean, villa farta de milho, e que tem minas de prata e cobre nas suas vizinhanças, na falda do Marão: 1,200 hab., 4 leg. a E. d'Amarante.

Campello, pov. sit. a 5 leg. de Coimbra, no conc. de Miranda do Corvo, contém 1,600 hab.; ha outra do mesmo nome no de Bayão com 1,250 hab.

Campia, aldêa do conc. de Lafões a 5 leg. de Viseu, tem 1,700 hab.

Campo de Gestaço, grande aldêa do conc. de Bayão, sit. a 11 leg. do Porto, com 1,200 hab.

Campo-Grande, lindissimo arrabalde de Lisboa, donde dista 1 leg., n'uma planicie excellentemente arvorisada, cheia de quintas e quintaes. Sua população permanente será de 2,200 almas. Este passeio é muito frequentado no verão pelos hab. de Lisboa; nelle se fazem as corridas de cavallos, e uma importante feira annual que dura o mez de Outubro.

Campolide. Veja-se *Bemfica* e *Lisboa*.

Campo-Maior, praça d'armas, villa bem fortificada no Alemtejo, distr. d'Evora, a 3-1/2 horas de caminho militar da praça de Badajoz. Suas ruas são mal calçadas, desiguaes e sujas, e contém 4,652 hab. Esta praça fórma, com Elvas e Badajoz, um triangulo, tendo cada lado 3 leg. Um raio que em 1732 cahio no paiol da polvora fez voar a parte principal do castello, e na villa ficárão arruinadas 823 casas, e para cima de 1,500 pessoas mortas e contusas. Entre alguns assedios que tem sustentado, é notavel o de 1712 pelo marquez de Bai com 33 batalhões

castelhanos e 70 esquadrões. Depois de ter aberto trincheira e lançado na praça 1,870 balas e 1,300 bombas, com grande perda de gente sua, retirou-se sem a tomar. É igualmente notavel o de 1811, no qual se defendeu valorosamente por bastante tempo, só com 200 homens, contra o marechal Victor. As suas cercanias produzem muito grão, hortaliças e afamada carne de porco, e na villa se manufactura algodão, de cujos tecidos se exportão annualmente uns 20 contos de réis.

Campo de Ourique. Veja-se *Ourique* e *Castro Verde*.

Campo-Pequeno, escampado mais pequeno que o *Campo-Grande*, vizinho e antes de a elle se chegar indo de Lisboa, onde vai ás vezes a tropa manejar; nos seus arredores ha formosas quintas e jardins, e toda a estrada que dahi conduz á capital é povoada de excellentes casas, algumas das quaes arruinadas ou abandonadas em consequencia do fogo que se lhes largou em 1834 durante o cerco de Lisboa.

Campos Elysios. Veja-se *Entre Douro e Minho e Lima*.

Canaris, monte. Veja-se *Serra da Estrella*.

Canas das Duas Igrejas, perto de Penafiel, 950 hab.

Canas de Sabugosa, villa de 1,152 hab. a 2 leg. de Viseu.

Canas de Senhorim, a 3 leg. de Viseu, villa e freg. com 2,019 hab.

Canavezes, villa sit. junto á direita do Tamega, onde tem uma grandiosa ponte, e a 1-1/2 leg. do Douro e outro tanto d'Amarante, em aprazivel e salutifera situação: contém 800 hab., está 8-1/2 leg. a E. do Porto. O seu termo é abundantissimo em castanha, milho, centeio, vinho verde e gado.

Candosa (S. Facundo da), pov. abastada e fertil do distr. de Leiria, a 8 leg. de Coimbra, ao S. do Mondego: 900 hab.

Canedo, rica freg., 3 leg. ao S. do Porto, perto da

Feira, 2,020 hab. Ha mais duas do mesmo nome, que são: uma no conc. do Montalegre, com 736 hab., e a outra no de Celorico de Basto, com 600 hab.

Canha, rio que nasce nas vizinhanças de Monte-Mór o Novo, 5 leg. a O. d'Evora, segue ao N. O., recebe o Laure perto da Mata do Duque; toma então o nome de *Almansor*, e desagua na esquerda do Tejo, ao N. E. de Samora Corrêa com um curso de 11-1/2 leg., depois de haver fertilisado os terrenos que rega. Sobre o Canha ha uma villa do mesmo nome, 8-1/2 leg. a E. de Lisboa: 680 hab.

Cano, villa do distr. de Portalegre, e a 7 leg. d'Evora: 1,000 hab.

Cantanhede, villa e freg. 5-1/2 leg. a O. de Coimbra: é importante e encerra 3,060 hab., e o seu termo 13,626.

Cantaro. Veja-se *Estrella*, serra.

Capareiros, villa e freg. com 1,120 hab. no distr. de Braga e vizinha de Barcellos.

Caparica, grande freg. fronteira a Lisboa, entre Almada e a Trafaria: contém 4,480 hab.

Caparrosa, pov. agricola a 3 leg. de Viseu: 1,100 hab.

Caramulo, serra sit. 5 leg. a O. de Viseu, á qual se dá tambem o nome de serra de *Alcoba* ou de *Besteiros* em alguns sitios. No seu mais alto cume, composto de penedos uns sobre os outros a modo de columnas, está uma grande planicie donde se avista o mar de Aveiro, que lhe fica na distancia de 8 leg. A altura mediana desta serra é 1,760 pés acima do nivel do mar.

Caria, villa e freg. sit. perto do riacho Coura, 5 leg. ao S. de Lamego: contém 3,400 hab., mas a villa só 800.

Carnaxide e **Carnide**, são duas aprazíveis aldêas sit. n'uma campina muito fertil e saudavel ao pé de Pedrouços e 1-1/2 leg. ao N. O. de Lisboa. Entre ellas, junto a um ribeiro no sitio chamado da *Senhora Apparecida*, está

a celebre *furna* ou *covil* onde, em 1821, appareceu a pretendida milagrosa imagem de *Nossa Senhora do Buraco* ou *da Rocha*, hoje conservada na Sé de Lisboa, e que tanto contribuio na época para ser o partido liberal anathematisado na opinião do vulgo, e preparar a catastrophe que derrubou o systema constitucional. A população da primeira aldêa é de 2,180 hab., e a da segunda de 1,360. Estes sitios, bem como os vizinhos de Linda Pastora, Linda Velha, Argeis, &c., são da maior amenidade.

Carrazeda d'Anciães, villa e grande pov. de 7,000 almas, 2 leg. ao N. do Douro, a igual distancia dos rios Sabor e Tua, e a 11 de Villa-Real, a cujo distr. pertence.

Carrazedo, pov. do conc. de Chaves, contém 1,200 hab. Ha mais duas pov. do mesmo nome: uma no conc. de Bragança com 350 hab., e outra no de Amares, a 1-1/2 leg. de Braga, com 550.

Carregosa, aldêa do conc. d'Oliveira d'Azemeis: tem 1,200 hab.

Cartaxo, villa do distr. de Santarem, donde dista 2 leg. e 12 de Lisboa: contém 3,600 hab., e o seu conc. 6,320. Tem por duas vezes servido de quartel-general ao marechal Saldanha: a primeira em 1834, sitiando os miguelistas em Santarem, e a segunda em 1847, fazendo o mesmo aos setembristas. Os vinhos tintos do seu termo são tidos como dos melhores do reino.

Carvalhaes, pov. abundante e industriosa de 1,680 almas, mas muito fria, sit. n'uma aba da serra da Estrella, a 4 leg. de Viseu.

Carvoeira. Ha duas pov. deste nome junto a Torres-Vedras: a 1.ª tem 1,200 hab., e dista 7 leg. de Lisboa; a 2.ª tem 608, e dista 6 para o N.

Carvoeiro, cabo junto a Peniche. Lat. N. 39° 20'.

Casa-Branca, pov. do conc. d'Aviz, a 3 leg.: 1,280 h.

Casal, villa do conc. de Cea, com 1,300 hab. — *Casal*

Comba, outra a 3 leg. de Coimbra, 1,768 hab. Ha mais meia duzia de pov. com o prefixo de *Casal* no reino, quasi todas na Beira, porém insignificantes.

Cascaes, villa consideravel sit. 5-1/2 leg. a O. de Lisboa sobre o Oceano: contém 2,100 hab., e 2 fortes bem guarnecidos para defenderem a approximação da barra. Aqui nasceu o celebre piloto Affonso Sanches, o qual, navegando n'uma caravella, foi arrojado por temporal, em 1486, a uma remota longitude occidental, onde avistou terra até então desconhecida, que hoje se julga ser a America do Norte. Arribando depois á ilha da Madeira com mais 3 ou 4 marinheiros desfallecidos pelos trabalhos das tormentas e privações, todos ahi morrêrão em casa de Christovão Colombo, Genovez, que tinha casado na mesma ilha com uma filha do donatario de Porto-Santo, Bartholomeu Perestrello. O diario nautico de Sanches ficou em poder de Colombo, do qual sem duvida se aproveitou para descobrir, ou antes reachar a America em 1492, trilhando a estrada do navegante portuguez. Na distancia de quasi 1-1/2 leg. de Cascaes, perto do cabo da Roca, está o *Pharol da Guia*, atalaia dos maritimos. Junto a esta villa, na quinta do *Estoril*, ha excellentes caldas para curar paralysias, rheumatismos e convulsões. Os contornos desta pov. são muitissimo saudaveis, e seus hab. chegão geralmente a longa idade. Suas aguas são excellentes para o mal de pedra, e seu solo produz abundantemente toda a casta de cereaes, fornecendo igualmente peixe em quantidade as suas praias, a cujo ramo muito se applicão seus habitantes. A villa é atravessada por um riacho do seu mesmo nome e que desce da serra de Cintra.

Castanheira, villa sit. a 1-1/2 leg. de Villa Franca de Xira, sobre o Tejo, a 8 leg. de Lisboa, em fertil planicie: 1,000 hab. Ha uma aldêa do mesmo nome no conc. de

Monção, com 526 hab.; outra no de Trancoso, perto de Jermello, com 412; outra no de Pedrogão Grande, a 6 leg. de Coimbra, com 2,840; outra no de Moreira de Rei, com 370; outra no de Moncorvo, com o mesmo numero de hab.; outra no de Monforte, com pouco mais; e finalmente ha *Castanheira do Vouga*, villa do distr. de Aveiro, com 1,168 hab.

Castellejo, villa de 1,000 hab., sit. perto do Zezere, 9 leg. ao S. da Guarda.

Castello. Com este titulo prefixo ha diversas pov. no reino além das que abaixo vão designadas; muitas são insignificantes, e as de mais nota são as seguintes: 1.ª no conc. da Certãa com 800 hab.; 2.ª villa a 3 leg. de Lamego com 792 hab., produz excellente vinho; 3.ª no conc. de Villa-Real, contém 1,362 hab. e algumas antiguidades nos seus arredores; 4.ª *Cast. Bom*, villa dist. 6 leg. de Pinhel, cujo conc. contém 1,937 hab., 5.ª *Cast. Melhor*, aldêota do conc. d'Almendra a 13 leg. de Lamego 600 hab.; 6.ª *Cast. Mendo*, villa na esquerda do rio Coa com muros antigos; chegou a ser importante pov.; hoje porém apenas encerra 358 hab. em 3 freg., e o seu conc. 4,000; 7.ª *Cast.* de *Penalva*, no conc. de Penalva do Castello, a 4 leg. de Viseu, contém 1,640 hab. Veja-se a nota no artigo *Castro Vicente*.

Castello-Branco, cidade episcopal, fundada pelos Templarios n'uma eminencia, pouco mais de 3 leg. ao N. do Tejo e junto ao rio Lacca (que nesse sitio tem o nome de Vereza e dista 3 leg. do Ponsul), sobre as ruinas de *Castraleucus*, na lat. N. 39° 49', e long. O. de P. 9° 50'. É uma das 17 administrações civis do reino, contém 6,800 hab., o seu distr. 128,730 em 32,536 fogos, 151 freg. e 17 conc., e a sua superficie é de 180 leg. quadradas de 20 ao grão; dista 14 leg. ao S. O. da Guarda, e 36 de Lisboa. Esta cidade é cercada de muros antigos,

com um castello meio arruinado que domina todos os arredores; possue uma cathedral moderna, sit. fóra do seu recinto, muito formosa e elegante, posto que com torres pouco elevadas, e um notavel palacio episcopal com excellente jardim. Em geral, a cidade é limpa, bem alinhada, e tem bons edificios particulares; nella se fabricão bastantes tecidos de algodão e linho, cuja exportação annual anda por 10:000$000.

Castello de Neiva, pov. maritima sit. na foz do riacho Neiva, que desagua no Oceano ao S. e parallelo com o rio Lima: 1,145 hab.

Castello Rodrigo, villa e freg. do distr. da Guarda, 3 leg. ao N. E. de Pinhel e ao S. do Douro, sit. em alta collina isolada, cercada de muros com tres torres e castello. Esta pov. foi outr'ora importante, tanto como forte posição militar como pela fertilidade de seus campos: hoje contém o seu termo 6,000 hab., porém os da villa não excedem a 200. Em 1664, o duque de Ossuna a sitiou com uma divisão de 4,000 infantes, 700 cavallos e 9 peças. Achando-se já a praça, que só contava 150 homens de guarnição, reduzida a grande aperto, acudio-lhe o general portuguez Pedro Jacques de Magalhães com 2,500 infantes e 500 cavallos, acommetteu os Hespanhóes, destroçou-os completamente, ficando quasi todos os inimigos mortos ou feridos, e fugindo o proprio Ossuna disfarçado de frade.

Castello de Vide, villa importante do distr. de Portalegre, donde dista 3 leg. para o N.: é edificada em terreno alcantilado e sitio saudavel, e contém 5,481 hab. Os terrenos do seu termo são abundantissimos de gado e caça, encerrão mais de 300 fontes de excellente agua, e fornecem para consumo mais de 7,000 porcos annualmente, tão bons como os do distr. d'Evora; fabríca igualmente muitos pannos de linho e lãa.

Castellões, pov. do conc. de Toudella, a 4 leg. de Viseu: toda a freg. contém 2,260 hab. Ha outra no conc. d'Estarreja ou de Macieira de Cambra, com 2,830 hab.; outra a 3 leg. de Braga com 400, e outra no conc. de Amarante com 500.

Castendo, villa sit. 3 leg. a E. de Viseu, na direita do rio Tavares: contém 1,112 hab., e o seu termo, chamado *Penalva do Castello*, 9,260.

Castro Daire, villa 4-1/2 leg. ao S. de Lamego e em igual distancia ao N de Viseu, a cujo distr. pertence: contém 2,500 hab.; está sit. no alto de um monte cujas faldas banha o rio Paiva, onde ha uma ponte de um só arco muito elevado.

Castro Laboreiro, villa e freg. sit. junto ao riacho Folia, n'um ramo da serra do Gerez, 1-1/2 leg. a S. E. de Melgaço e na raia hespanhola, em terreno montanhoso, desabrido e totalmente destituido de arvores; tem um antigo castello deshabitado e arruinado. Desta pov., que é em extremo fria, sahem no inverno alguns centenares de homens para Tras-os-Montes e Minho, afim de construirem e reedificarem as paredes dos campos que as muitas aguas derrubão. É uma das pov. portuguezas mais septentrionaes, distando 71 leg. de Lisboa. Este ponto seria importante para a defesa da provincia do Minho, se não ficasse inutilisado pela facilidade com que póde ser volteado da parte do N.: só poderá servir de posto avançado.

Castro Marim, villa e freg. do Algarve, sit. na margem direita do Guadiana, quasi defronte de Ayamonte na Hespanha, na falda de dous montes, com um castello e dous fortes, onde esteve a séde da Ordem de Christo desde o seu estabelecimento em Portugal no anno de 1318, a quem a doou El-Rei D. Diniz, e ahi se conservárão o seu gran-mestre e freires até ser transferida pa

Thomar. A pov. está algum tanto apartada do rio; mas, por via de um pequeno canal ou esteiro, sobem até a ella as embarcações. Seus moradores em grande parte se occupão de pesca e de contrabando com a Hespanha, introduzindo nella tabaco em rolo e manufacturado na mesma villa, que vão buscar furtivamente a Gibraltar, e que passão para a margem opposta do Guadiana na barca distante 1 leg. acima; o que é prejudicial para ambos os governos, mas que quasi se não póde impedir, ainda que por vezes se tenha destruido as officinas dos contraventores. Exporta sal, azeite e pescado; está a 3 leg. de Tavira e 47 de Lisboa, contém 2,260 hab., e com o conc. 5,000.

Castro Verde, villa e freg. do Alemtejo, a 1-1/2 leg. de Ourique, fundada perto do sitio em que se deu a famosa batalha de Campo d'Ourique em 1139. Esta gloriosa façanha do primeiro Rei portuguez D. Affonso Henriques não teve lugar no proprio sitio da villa, como muitos pretendem, mas sim dahi a perto de 1/2 leg. entre o rio Corbes e o riacho Terpes, em terreno onduloso e de serrania. Veja-se *Ourique*. Em commemoração desta victoria, mandou D. Sebastião, em 1573, edificar duas igrejas na pov., e n'uma dellas gravar este acontecimento n'uma lapide que ainda lá se conserva: contém 2,700 hab.

Castro Vicente, conc. do distr. de Bragança, perto de Moncorvo, com 3,300 hab. É abundantissimo em caça de todas as qualidades, azeite, vinho e seda. (*N. B.* Geralmente em Portugal, todas as povoações chamadas *Castello*, *Castro* ou *Crasto*, tem algum castello antigo ou restos delles: vem do latim *castra*, forte, castello, &c.)

Santa Catharina, grande ramificação de serras na provincia de Entre-Douro e Minho, no distr. de Braga. Corre na direcção de N. a S. entre Guimarães e Ama-

rante; occupa uma superficie de mais de 14 leg., mas é em grande parte cultivada e muito abundante de caça e gado: seus cumes sobem a 1,462 pés acima do nivel do mar.

Santa Catharina, villa e freg. contendo 2,700 hab., e a pouca distancia de Leiria. Ha outra pov. do mesmo nome e vizinha a esta, com 800 hab.

Cávado (antigo *Cavus*), rio que nasce na serra de S. Mamede, na Galliza, 4 leg. ao N. de Montalegre, entra em Trás-os-Montes, e cortando a serra do Gerez, penetra na prov. do Minho perto de Ruivães, passa 1/2 leg. ao N. de Braga, rega Prado e Barcellos, onde tem duas excellentes pontes, e vai desaguar no Oceano, entre Fão e Esposende, n'uma abra pouco importante, tendo de curso 19 leg. É muito piscoso em salmão e lampreias, e, entre as pontes que o atravessão, a de Perozello ou Prozello é a mais notavel, pois tem 12 arcos e é obra dos Romanos.

Cea, villa e freg. sit. nas fragosidades da serra da Estrella, 4-1/2 leg. ao S. do Mondego e 7-1/2 a O. da Guarda. O seu termo, que é extenso e encerra numerosa população, é mui farto de gado e da melhor carne do reino, de azeite, milho e caça de veação, mas muito frio. A villa consta de 2,100 hab.

Ceiça ou **Ceice**, pov. do conc. d'Ourem, distr. de Leiria: 1,200 hab.

Ceira, pov. arredada 2 leg. de Coimbra, sit. perto da confluencia do rio do mesmo nome, com o Mondego na margem esquerda, tem 1,310 hab. Este rio, tambem denominado *Elnas*, nasce nas abas da serra da Estrella, perto de Midoens e pouco ao S. da villa de Cea, recebe á esquerda o Dueça, e se lança em frente de Coimbra com um curso de 14 leg. Ha outro riacho *Ceira*, que entra na direita do Douro, perto de Galafura, junto ao Pinhão.

Cella, villa do distr. de Leiria, com 1,600 hab.

Celorico de Basto, grande conc., porém não arruado, sit. 2 leg. ao N. de Amarante, nas margens do Tamega. Todo elle é muito fertil, abundante, e contém 24.000 hab.

Celorico da Beira, villa sit. 3 leg. ao N. O. da Guarda, nas vertentes da serra da Estrella, em terreno fertilissimo e saudavel, onde se conserva frequentemente uma longevidade rara: é pov. muito antiga e chegou a ser praça bem murada e acastellada. Ao S., junto do Mondego, cujo rio possue ahi tres pontes, sendo uma de pedra, tem-se descoberto antiguidades romanas. A villa contém 1,984 hab. em 3 freg., e o seu termo 8,000.

Certãa, villa do distr. de Castello-Branco, donde dista 8 leg. para o Poente, sit. perto de um riacho do mesmo nome, e tambem chamado *Pera*, o qual se lança na esquerda do Zezere: é abundante em azeite, cereaes e vinho, e encerra as ruinas de uma fortaleza construida por Sertorio. Perto, no sitio de Bomjardim, nasceu o grande D. Nuno Alvares Pereira em 1360. A villa tem 2,336 hab. e o conc. 10,115.

Certema, riacho. Veja-se *Sertema.*

Cerva, villa do distr. de Villa-Real, perto da esquerda do Tamega e a 10 leg. a E. de Braga: 2,324 hab.

Cervães, villa do distr. de Braga, donde dista 2 leg., perto da esquerda do Tamega: 2,328 hab.

Cezimbra, villa sit. n'uma altura, com pequeno porto e um forte, 2-1/2 leg. a O. de Setubal, e 6 ao S. de Lisboa: contém 4,310 hab., pela maior parte pescadores. A pouco mais de 1 leg. a O., no espinhaço do cabo de Espichel, se encontra a ermida de *Nossa Senhora do Cabo*, com casas de romeiros, onde annualmente concorrem grandes e devotas romarias. Tendo D. Affonso Henriques tomado Cezimbra em 1165, derrotou junto a seus muros o Rei mouro de Badajoz, que a vinha soccorrer.

Chamusca, grande villa e freg. sit. 3 leg. a E. de San-

tarem, n'um esteiro de 500 braças ao S. da esquerda do Tejo, quasi em frente do rio Alviella, n'uma planicie fertil em trigo e em excellente vinho, azeite, frutas, melões e melancias, reputadas as melhores do reino; nos seus montados se cria muito gado suino e abundão colmeias.

Chança, rio da pov. do Alemtejo, nasce na Hespanha perto de Aroche, e forma a raia de Portugal até entrar na esquerda do Guadiana, acima d'Alcoutim, tendo 14 leg. de curso.

Chão de Couce, villa do distr. de Santarem, sit. 3 leg. ao Oriente de Pombal e 7 ao S. E. de Coimbra, a cujo distr. pertence. Sua posição é naturalmente fria por se achar nas abas da serra d'Alvayazere. A villa contém 1,200 hab., e tem um bonito palacete particular.

Charrama ou **Encharrama**, nasce com o nome de rio de *Moinhos*, ao S. d'Evora, recebe o Alvito e se lança no Sadão ou Sado, junto a Porto-d'El-Rei, já engrossado com as aguas do rio Alvito pela esquerda.

Chaves (*Aguas Flavias* dos Romanos), importante villa e praça d'armas sit. no fertil e ameno valle de seu nome, que fórma uma chapada de 2,000 pés de altura acima do nivel do mar sobre a direita do rio Tamega, onde tem uma grandiosa ponte de cantaria com 16 arcos, 70 braças de comprimento e 2-1/2 de largura, obra dos Romanos. É a mais importante pov. de Trás-os-Montes depois de Bragança, bem que seja mais povoada, pois contém 4,782 hab. Dista 2 leg. da raia hespanhola, 12 de Braga e 68 de Lisboa. Em 1811, após um renhido combate, Soult se apoderou de Chaves; e em 1837, depois de derrotados os cartistas pelo conde das Antas, ahi se assignou a *convenção* do mesmo nome, depondo estes as armas. Entre a muralha desta praça e o Tamega existem as melhores caldas de todo o reino para achaques frios de nervos; procedem de mi-

neraes de enxofre, salitre e pedra hume: já no tempo dos Romanos erão muito frequentadas, e dellas veio o nome á povoação, cujos habitantes se denominão *Flavienses*. Seus campos produzem muita e excellente seda, que é enviada em rama para o Porto; fabrica-se tambem ahi estimado panninho branco e estampado de linho, do qual se exportão annualmente mais de 10:000$000 Rs.

Esta praça é cingida de dupla muralha, parte da qual se mandou derrubar afim de nella se deixar circular livremente o ar, inconveniente que em quasi todos os verões era mui nocivo á salubridade dos habitantes e da guarnição; todavia, ainda merecem ser mencionadas as suas fortificações externas. O forte de Nossa Senhora do Rosario ou de S. Francisco lhe serve de cidadella: além deste, tem outro, o de S. Neutel, composto de quatro antigos baluartes, e edificado n'uma altura á direita do Tamega; o de Santa Magdalena, em fórma de revelim, defende o suburbio do mesmo nome. Todas estas obras militares, que forão augmentadas em 1762, achão-se hoje em estado de deterioração. Veja-se o artigo *Fronteira*, *Litoral*, &c.

Chaviães, freg. do conc. de Melgaço, donde dista quasi 1 leg. ao N. E.: é o ponto mais septentrional de todo o reino. Dahi até ao cabo de Santa Maria no Algarve, contão-se 103 leg. em linha recta, 73 até Lisboa e 12 até Braga. Está sit. sobre o rio Minho, e contém perto de 1,000 hab. Dista pois de Lisboa quasi o dobro que desta capital ao dito cabo. Lat. N. 42° 7'.

Cintra, villa notavel de 4,300 hab., a 4-1/2 leg. ao N. O. de Lisboa, sit. em terreno fertil e delicioso, junto de uma elevada e pittoresca montanha granitica (1,800 pés acima do nivel do mar) que parece estar desabando sobre a povoação. Esta serra não se limita só aos pincaros vizinhos da villa de Cintra; tem diversas outras ramifi-

cações, e por vezes 3,000 pés de altura: chega até ao cabo da Roca, e é uma das mais famosas do reino pela caprichosa maneira de que é composta, isto é, de immensos escalvados penedos lançados uns sobre outros, parecendo estarem por toda a parte ameaçando desabamento. Os Romanos lhe chamárão *Promontorio da Lua*, e do nome de Cynthia, com que o paganismo adorava aquelle astro, veio o de Cintra que ao depois:

> De *Cynthia* tomou *Cintra* celebrada
> O nome que em rochedos é famosa.
> (Cam.)

Acha-se a villa edificada na encosta desta serrania, que bem se póde dizer cheia de encantos, cercada das arvores mais gigantescas de que se ufana a Estremadura, banhada por mil torrentes, no meio de viçosos pomares, o que a tem feito denominar *Edem*. A natureza e a arte derão-se aqui as mãos, e combinadas, reunirão em um sitio tantas bellezas, que difficilmente se poderáõ descrever: só isso conseguiria a penna de Milton ou o pincel de Claudio Lorrain.

Esta cordilheira limita o horizonte da capital e prolonga-se escarpada e alterosa, com selvaticos e extravagantes contornos, de N. O. para S. O. Do lado do S., o seu solo é arido e requeimado; penedos de lava e pincaros esburgados e acastellados dão ao todo uma apparencia sombria e de pavorosa belleza. Comtudo, como debaixo desse céo tudo prospera até sem assiduos desvelos, ahi se encontrão prados de animada vegetação, searas de trigo e milho, mas poucas arvores, que pela maior parte são oliveiras inteiriçadas e sobreiros; piteiras gigantescas acompanhão a orla das estradas.

Na região do Nascente, escassamente arvorisada, existe o Real palacio de *Queluz*, semelhante a um pequeno *oasis*, e mais adiante a *Charneca*, cantão des-

habitado e inculto, cuja denominação bem quadra á sua natureza; porém, apenas se chega ao *Ramalhão*, muda-se inteiramente o quadro: a descida para a villa é suave e enramada de frondifero arvoredo; agradaveis quintas resplandecem na planicie e nas encostas entre jardins, abundantes relvas e massas espalhadas de fragmentos graniticos. Em torno das habitações accumulão-se em espessas massas carvalhos, pinheiros, limoeiros, laranjeiras, figueiras, &c. Sobre os muros e terraços ostentão-se sombrias romeiras, vides carregadas de cachos, rosas, dalias e flôres de toda a especie; por toda a parte susurrão regatos limpidos que sahem das fendas das montanhas e serpêão por entre tapetes de verdura; nos jardins medrão arbustos tropicaes até alcançarem a corpulencia de arvores.

Não nos podemos eximir ao prazer de aqui transcrever os bellissimos versos do distincto poeta Almeida Garrett sobre este lusitano Edem:

Oh Cintra, oh saudosissimo retiro
Onde s'esquecem magoas, onde folga
De s'olvidar no seio á Natureza
Pensamento que embala adormecido
O susurro das folhas, co'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
Quem descansando á sombra fresca tua
Sonhou senão venturas? Quem sentado
No musgo de tuas rochas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Não sentio arroubar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida!......

Sobre os dous cabeços mais elevados da serra existem o edificio da *Penha* ou *Penna*, e as ruinas de um castello mourisco com uma cisterna de abundante agua e bem

conservada. A *Penna*, antigamente hospicio filial dos Jeronymos de Belem, o qual por vezes servio como de lugar de penitencia, foi edificado por El-Rei D. Manoel, no cume do pinaculo da montanha, onde muitas vezes subira para ver se lobrigava o regresso de Vasco da Gama, e donde effectivamente foi elle o primeiro que descobrio a sua frota. Quando esse hospicio foi secularisado, cahio em poder de um particular, a quem o actual Rei D. Fernando o comprou, já muito arruinado, e o transformou com o maior engenho e diligencia em um castello feudal. O genero de architectura que ahi se empregou é da categoria do moderno normando-gothico que floresceu no seculo XII. Um torreão, varias torres lateraes, muralhas corôadas de ameias e um pateo descoberto cingem os dous edificios principaes. Tudo isto é construido e como enclausurado entre elevadissimos cabeços da serra e massas colossaes de basalto. Os restos do antigo edificio forão escrupulosamente conservados e restaurados. Os aposentos interiores são ornados com grande simplicidade, ainda que contém grande numero de antigos moveis, cousa de que Portugal é tão rico, e a que hoje se dá tanto apreço na Europa. Um largo caminho, em parte murado, em parte aberto na rocha, conduz, depois de muitas circumvoluções, a uma ponte levadiça que dá para a porta principal do castello, sobre a qual estão collocadas as armas Reaes de Portugal e Saxonia em esculptura, e com tanta solidez, que resistiráõ de certo a todas as tempestades dessa elevada região, e reunidas contempláráõ desse pinaculo, por uma eternidade de seculos, como do coração devem desejar todos os bons Portuguezes, o Oceano e as dilatadas terras subjacentes, imperando nellas a gloriosa dynastia de Bragança.

Na parte inferior, entre a montanha e o valle, está

edificado o palacio Real com duas chaminés singulares, semelhantes a minaretes, cheias de recordações christãas e mouriscas. Parece incontestavel que esta habitação fosse anteriormente a Alhambra dos Reis mouros de Lisboa, como o indica a architectura arabe de algumas de suas partes, taes como as chaminés, os repuxos e aguas correntes repartidas por todo o edificio, e mais particularmente os nomes arabes que ainda conservão alguns aposentos do palacio. A irregularidade de toda a architectura mostra que diversos forão os seus constructores e em épocas differentes. Cada passo que se dá neste palacio, cheio de reminiscencias historicas, faz lembrar esses edificadores Reaes e o tempo em que vivêrão. D. Duarte ahi residia ordinariamente, e concedeu á villa toda a especie de privilegios. Nesse palacio veio ao mundo e falleceu D. Affonso V; seu filho D. João II o continuou, e D. Manoel concluio o que seus predecessores havião começado. Dahi partio D. Sebastião para a sua ominosa expedição d'Africa. O palacio dos Reis mouros e da dynastia de Aviz permaneceu abandonado durante a usurpação castelhana; e depois, reinando a casa de Bragança, adquirio uma triste celebridade, existindo ahi encarcerado D. Affonso VI pelo espaço de oito annos. Seus muros presenciárão as agonias da desesperação e as maldições e imprecações de raiva que sem duvida vociferára um Rei ultrajado na sua honra como homem e esposo, e na sua dignidade como monarcha. Nota-se ainda hoje o mesquinho aposento dentro do qual o infeliz passeou tanto de um para outro lado, que no ladrilho do pavimento se achão impressos os vestigios de seus passos.

A *sala das armas* ou *dos cervos*, assim chamada pelas cabeças de veados enfileiradas que ahi se vêm, mandada edificar por D. Manoel, contém os brasões das familias nobres portuguezas em numero de 74 escudos. Para cano-

nisar tão venerando receptaculo, acha-se escripta em letras de ouro na parte superior das quatro paredes a singular inscripção:

Pois com esforços e leaes
Serviços forão ganhados,
Com estes e outros taes
Devem de ser conservados.

As casas nobres portuguezas dão ainda hoje grande apreço a terem os seus brazões na sala de Cintra, e vale isso como prova completa de antiga e pura linhagem, tanto mais que fôra D. Manoel muito avaro e escrupuloso em conceder tal honra.

Neste antigo palacio é tudo uma singular mistura dos tempos cavalheirosos, tanto mouriscos como christãos; tudo recorda a grandiosa historia dos seculos guerreadores e aventureiros. Além dessas impressões, o murmurio e o decorrer das aguas que se encontrão por toda a parte convidão a um sentimento de mui especial melancolia; levantão-se em differentes andares numerosos terraços, e no meio destes jardins suspensos repuxa a agua de tanques de marmore, descrevendo arrojadas curvas até ao vertice do edificio, e, cahindo depois em espadanas, percorre todos os porticos, pateos e salas desta fantastica habitação, enche no primeiro andar um espaçoso tanque onde póde vogar um bote, e reparte-se em varios reservatorios; n'um dos gabinetes por onde corre encanado produz uma chuva admiravel através de crivos imperceptiveis que á vontade se podem pôr em acção. A parte do palacio onde hoje habita a Soberana, julga-se ser aquella destinada ao Monarcha mouro: as janellas abobadadas, ornadas de arabescos de granito e divididas por delgados columnellos, porticos, torres arabes, &c., é tudo ainda hoje conservado no mais puro estylo da mesma architectura. Em conclusão, a propria

cozinha, semelhante a uma sala d'armas, é alta, espaçosa e abobadada, com uma enorme bateria de seus accessorios, tudo mantido na melhor ordem. As chaminés, singulares, em fórma de pão d'assucar, são de altura disforme e o que de longe mais avulta no edificio.

Mas o que verdadeiramente dá a Cintra encantos que se não encontrão em lugar nenhum do mundo, é a perpetua frescura de suas alamedas e bosques, e o suave bafejo de uma atmosphera tão deliciosamente temperada, mesmo nos dias de maior calma. Por isso se tem tornado este lusitano *Edem*, como lhe chama lord Byron, o *Brighton* das pessoas abastadas ou de gosto da capital, que, attrahidas pelos seus numerosos encantos naturaes e pela côrte, tem ahi edificado palacios e quintas mesmo entre os rochedos, com o maximo aproveitamento possivel do terreno e das perspectivas. Citaremos como principaes as seguintes: a de *Penha Verde*, fabricada pelo grande vice-rei da India D. João de Castro, e por elle deixada a seus descendentes com a condição de a cultivarem sómente para recreio; possue ainda algumas antiguidades indianas. Vem depois a mui formosa e apalaçada de *Sitiaes*, pertencente á casa de Louriçal, onde em 1808 se assignou a celebre *convenção*, dita *de Cintra*, para a evacuação dos Francezes de todo o reino: é o predilecto passeio da tarde; della se goza uma perspectiva grandiosa e encantadora. A fundação do palacio e quinta é de moderna data, e executada no reinado de D. José por um negociante hollandez chamado Devisme, o qual tambem edificou o palacete de Bemfica, hoje pertencente á infanta D. Isabel Maria. A quinta da *Regaleira*, de amenissima fresquidão e abundantes aguas; *Monserrate*, hoje arruinada; as dos marquezes de Pombal e do Fayal, conde de Redondo, e duques de Cadaval e de Lafões, a de A. Maximo dos Reis, &c.

Os arredores de Cintra tem sido muitas vezes descriptos e justamente preconisados pelos seus innumeros attractivos. Entre os muitos objectos dignos de nota que offerecem, é celebre o *Convento de cortiça*, que o grande D. João de Castro mandou edificar, em 1542, entre os mais elevados pincaros da serra. Este pobre mosteiro, entalhado nas rochas, e cujas paredes são forradas de cortiça para evitar a humidade, é digna obra do seu fundador, o piedoso e pobre heróe que á hora da morte dizia ao seu amigo, o apostolo das Indias, S. Francisco Xavier: « O vice-rei da India morre tão pobre, que nem dinheiro tem para comprar uma gallinha. » Foi este preclaro varão sepultado com effeito em Goa á custa da fazenda publica, pois que não deixou real, em 6 de Junho de 1547. Seus ossos forão depois trasladados para a sua capella de S. Domingos de Bemfica.

Modernamente, grande numero de formosas quintas se tem edificado nas cercanias da villa, e ha muito tempo estarião já as suas varzeas arruadas se não fossem terrenos de coutada real destinados á caça, o que felizmente acabou em 1834. Finalmente, muito nos resta ainda que descrever, ou antes nunca acabariamos se pretendessemos debuxar um quadro fiel das bellezas naturaes com que o Céo mimoseou esta encantadora Cintra. Todos os estrangeiros que aportão a Lisboa apressão-se, sendo-lhes possivel, em visita-la, e todos são unisonos em lhe tecer encomios. Finalisaremos este longo artigo com o seguinte formoso trecho que a seu respeito cantou lord Byron no *Childe Harold*; é extrahido da excellente traducção ainda inedita do mesmo poema do Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães, que teve a bondade de no-la confiar:

. . . .

Navega o barco, desparece a terra,
E da Biscaya na bahia inquieta

Crescem os ventos! Quatro dias passão
Té que o quinto descobre novas praias
E os corações alegra. Eis já de Cintra
Alta serra saúda o viajante
E o Tejo, que, curvando-se ao Oceano,
Lhe paga o fabuloso aureo tributo.
O' Christo, como é bello contemplar-se
Quanto por essa terra de delicias
O Céo fizera! Que fragrantes fructos
De rubicunda côr as arv'res pejão!
Sobre as collinas que formosas scenas!...
. . . .
O' de Cintra radiante paraiso,
De montes e de valles matisado,
Que mão póde guiar pincel e penna
Para traçar o quanto alcança a vista
Das scenas tuas, que inda mais deslumbrão
Os olhos dos mortaes que essas, que o vate
Descrevêra, de assombro enchendo o mundo,
Quando lhe abrio as portas dos Elysios!

Altos penedos, que um convento c'rôa,
Velhos sobreiros, que o escarpado cobrem
Musgo queimado pelos sóes ardentes:
No valle arbustos, que por elles chorão,
O terno azul do acalmado Oceano,
As laranjas doirando os verdes ramos,
As torrentes das rochas despenhadas,
Os salgueiros embaixo, emcima as vinhas,
Tudo em brilhantes scenas reunido
Dá ao pincel bellezas variadas.
Ide agora subindo vagaroso
Pelos frequentes sinuosos trilhos,
Voltando o rosto, os olhos espraiando
Dessa eminencia sobre encantos novos.
Da Senhora da Pena entrai no templo,
Onde monges frugaes reliquias mostrão,
E ao estrangeiro varias lendas contão.
Muitos impios tem sido aqui punidos;
Eis a funda caverna em que vivêra
Honorio, muito tempo esperançado
No céo—fazendo deste mundo inferno.

No declivio das rocas, ou nos valles
Ha castellos—dos Reis retiro antigo—
Hoje cercados só de agrestes flôres,
Cujo esplendor as ruinas inda attestão.

. . . .

Coa, rio da Beira-Alta, nasce perto de Sortelha, no distr. de Castello-Branco, ao S. do Sabugal, passa a O. d'Almeida e desagua na esquerda do Douro, acima de Villa-Nova da Foz-Coa, com 13 leg. de rapido curso, recebendo á direita 4 regatos e á esquerda os rios Tamegal e Pinhel. Suas aguas tem particulas de cobre e são nocivas á saude. Ha outro rio *Coa* ou *Alcoa*, veja-se *Alcobaça.*

Codal, pov. do Minho no distr. de Vianna, donde dista 4 leg. e 9 de Braga: conta 2,000 hab. bons agricultores.

Coja, villa e freg. do distr. de Coimbra, donde dista 8 leg. a E.: a villa contém 1,350 hab., e o seu conc. 5,678.

Coimbra, cidade episcopal, celebre universidade, antiga capital da Beira, e hoje uma das 17 administrações geraes do reino, está aprazivelmente situada sobre a encosta de um monte, donde desce em fórma de amphitheatro até ao Mondego. Este rio, atravessado por uma grande ponte de pedra, serpêa junto ás faldas da montanha, sobre cujo lado septentrional assenta metade da cidade, derramando-se a outra metade pelo valle. O grande mosteiro de Santa Clara sobre a collina opposta, os conventos de Santa Anna, dos Bentos e dos Mariannos, um bello aqueducto, o palacio da universidade, tantos edificios grandiosos apinhados em tão limitado espaço, e em derredor as verdes planicies tão afamadas pelo nome de *campos de Coimbra*, cortadas por alamedas e repartidas em jardins onde prosperão espontaneamente o pecegueiro, a romeira, a larangeira, o limoeiro e mil outras arvores fructiferas, tudo isto dá á cidade e seus arredores um

colorido tão poetico, tão meridional e de tanta singularidade e amenidade, que a cada passo julga-se o observador transportado a romanticas scenas, muitas vezes descriptas, mas poucas vistas.

O primeiro momento da entrada em Coimbra não desfaz tão pouco esta illusão: o interior da cidade contrasta sensivelmente com a sua apparencia distante; o seu cunho geral taciturno mal se compadece com o genio folgasão de seus habitantes. As ruas estreitas e sinuosas, as praças irregulares e as ingremes calçadas, dão testemunho, mesmo com a sua tristeza, da antiga fortificação e da importancia militar desta povoação. Quando as suas muralhas a protegião ainda contra os ataques dos Romanos, dos Allanos e dos Sarracenos, todos os seus moradores se mantinhão sobre a collina: então o espaço era precioso. Foi sómente quando mais tarde se acabou a sua importancia bellica, para ser substituida pela influencia das musas, que a cidade se espraiou pela planicie em compridas ruas. Comtudo, ainda hoje as familias distinctas conservão o habito de morar na cidade alta, para o que podem tambem contribuir as inundações e esgotamento do Mondego, cujas exhalações insalubres impregnão a atmosphera da planicie.

Na base deste outeiro fica a *Quinta das lagrimas*, onde, segundo a tradição, foi assassinada a formosa Ignez de Castro. Esta deliciosa habitação está cheia de arbustos e flôres de toda a especie. No extremo de uma alameda de loureiros deslisa-se susurrando a *Fonte dos amores*, cantada por Camões, e na face de uma pedra acha-se esculpida a bella estancia dos *Lusiadas* que a immortalisou:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memorárão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformárão.

O nome lhe puzerão que inda dura
Dos amores d'Ignez que ali passárão:
Vêde que fresca fonte rega as flôres
Que *lagrimas* são agua e o nome *amores!*

Altos e venerandos cedros achão-se em torno desta fonte, cujo murmurio semelha a um pensamento de amor dito em segredo. Os laranjaes desta e de outras quintas que se continuão entremeadas com algumas casas nobres e outras de certa elegancia, e com os chopos, salgueiros e chorões que se debrução sobre o rio, terminão por esta parte o painel ao qual do lado esquerdo correspondem os vergeis de S. Martinho e o passeio do Almegue, terminado pela volta que faz o novo encanamento do Mondego: os mais arredores de Coimbra condizem com o que acabamos de descrever e com a celebrada fama de que gozão.

Esta cidade é em tudo farta, e os generos necessarios á vida não só frugal senão commoda, ahi affluem abundantemente e se obtem por preços muito moderados, ao mesmo tempo que são da melhor qualidade.

Entre os muitos edificios notaveis de Coimbra, além dos da universidade ou *Collegio das Artes*, outr'ora paços Reaes, ditos de *Alcaçovas*, vasto edificio, posto que irregular e de architectura pesada, e de outros já mencionados, notar-se-ha a *Sé* ou cathedral que era igreja dos jesuitas, a qual foi augmentada e é hoje talvez a melhor das cathedraes do reino. O collegio contiguo era um dos maiores edificios de Portugal, e chegou a conter mais de 200 jesuitas. A *Sé antiga*, cheia de primores de obra de esculptura da idade media, e construida pelos Godos, é o patriarcha dos nossos edificios religiosos. Edificado todo de cantaria, hoje carcomida pelo embate das tempestades, e tisnada pela mão abrasadora dos seculos, mostra ainda em seus massiços paredões e nas ameias que os adornão

o padrão que attesta o espirito religioso e guerreiro dessa nação de quem descendemos. Davão geralmente a seus templos a fórma de castellos, porque do alto dessas abobadas sagradas pugnavão muitas vezes em defesa da patria e da religião. O interior é espaçoso, sua estructura nobre e simples, mas respirando antiguidade: é de tres naves divididas por duas ordens de densas columnas; contém alguns reparos e adornos de épocas mui posteriores, pois que o primitivo e venerando templo já fôra erigido em cathedral por D. Fernando I de Castella no meiado do seculo XI, logo que tomou Coimbra aos Mouros, os quaes havião delle feito sua principal mesquita. Passados mais de 700 annos, pela extincção dos jesuitas, transferio-se para a igreja delles, que acima mencionámos, a séde episcopal em 1772, ficando a *Sé velha* servindo de parochia de S. Christovão. A famosissima Quinta de *Santa Cruz*, que continha convento, templo, terras riquissimas e rio, foi vendida, em 1835, como bens nacionaes, pela quinta parte do que valia.

O aqueducto de Coimbra é um dos melhores do reino; fornece agua a diversos bairros, e foi feito á custa do povo no reinado de D. Sebastião. A ponte lançada sobre o Mondego foi construida por D. Manoel, havendo as arêas sepultado a que edificára D. Affonso Henriques. Fallando da sua celebre ponte, diz o Dr. Minhano o seguinte: « É obra que por suas circumstancias se torna uma das mais notaveis da Europa, pois que, arrastando o Mondego sobre ella em remotas éras grande quantidade de arêas, e sendo mui lento o seu curso, chegou a obstruir de tal sorte os seus arcos, que os que agora se lhe notão correspondem a outros tantos já submergidos abaixo do alveo do rio, os quaes por ventura não terão sido os primeiros! » O hospital, fundou-o o mesmo Rei D. Manoel e lhe deu de renda cinco mil cruzados, somma avultada para a época:

a Misericordia foi a segunda que houve no reino; do antigo castello, que foi demolido, poucos signaes restão.

Por todas as circumstancias apontadas, e por estar quasi no centro do reino, bem se vê que nenhuma situação era mais apropriada para nella se estabelecer a universidade. Não escapou isto á sabedoria d'El-Rei D. Diniz, que para ali transferio, em 1308, os *estudos* ou *escolas geraes* que em 1290 se tinhão estabelecido em Lisboa (n'Alfama, onde ainda existe o edificio), para onde se mudárão novamente nos reinados de D. Affonso IV e D. Fernando, até que em 1537 os fez El-Rei D. João III estabelecer definitivamente naquella cidade, onde ainda hoje continuão, supposto que em mui differente estado daquelle em que os pôz a reforma d'El-Rei D. José I, habilmente melhorado por seus successores, notavelmente em 1837, em que os estudos superiores recebêrão nova organisação. É esta universidade o unico estabelecimento deste genero em Portugal, e sem duvida um dos mais importantes da Europa. Póde-se regularmente calcular o numero dos estudantes que a frequentão annualmente em 1,740, incluindo os dos preparatorios. A sua livraria conta perto de 35,000 volumes; a do mosteiro de S. Bento contava 16,000, a de Santa Cruz 41,000, a de Santa Rita 14,000, e a da Graça 34,000: estas numerosas collecções e outras, desde a suppressão dos conventos, achão-se desordenadamente atulhados nas salas adjacentes á bibliotheca da universidade. O seu *museo de historia natural*, o *gabinete de physica*, o *jardim botanico*, o *observatorio* e o *theatro de anatomia*, são todos estabelecimentos de primeira ordem no seu genero, e, póde dizer-se, quasi tudo quanto ha de melhor na universidade é obra desse dedo gigante que imprimio grandeza onde quer que tocou: — é obra do marquez de Pombal, que em Coimbra teve a fortuna de encontrar para o

coadjuvar o illustre bispo-conde-reformador-reitor D. Francisco de Lemos.

Esta cidade parece ter sido fundada primeiramente em Condeixa pelos povos *Colimbrios* que vierão com os Gallos-Celtas 300 a 308 annos antes da éra christãa, segundo Plinio; servio por muito tempo de capital e residencia a Reis visigodos, mouros e christãos, até D. João I, que transferio a séde do governo e morada para Lisboa, e na igreja de Santa Cruz está sepultado o primeiro Rei D. Affonso Henriques, n'um sumptuoso mausoléo erigido por D. Manoel. É patria do illustre poeta Francisco de Sá e Miranda, do bem conhecido polygrapho Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, de Jorge Ferreira de Vasconcellos e de outros muitos escriptores que tem ennobrecido as sciencias, a lingua patria e latina.

A sua população permanente não excede 14,500 hab. Continha 26 conventos ou casas religiosas antes da sua extincção em 1834. A superficie do seu distr. administrativo é de 110 leg. e encerra 244,203 hab. em 60,283 fogos, 193 freg. e 32 conc. O seu contingente monetario em 1847 no imposto predil, pessoal e de maneio votado em 1844 foi de réis 113:538$933. Os seus bispos tem o titulo de condes de Arganil. Lat. N. 40°, 12'; long. O. de P. 11°, 45'. Dista 18 leg. ao S. do Porto e 34 ao N. de Lisboa.

Collares, villa e freg. da Estremadura, 5 leg. ao N. O. de Lisboa, e 1 ao S. de Cintra, nas faldas de cuja serra está edificada: contém 2,319 hab. O termo desta pov. produz muita e excellente laranja e fruta de caroço, e o afamado vinho tinto do seu nome, muito semelhante ao melhor de Borgonha. A *Varzea* desde Sitiaes em Cintra até á planicie de Collares é encantadora. Na sua base se deslisa o rio das *Maçãas* por entre viçosos pomares, n'um continuo toldo de verdura, até reunir suas aguas n'uma presa chamada *Tanque da Varzea.* O doce murmurio de

suas aguas, o susurro das frondosas arvores embaladas pelo vento, e a lisa superficie da lagôa que formão, na qual se espelhão o firmamento e os arvoredos, a multidão de passaros que ahi disputão ao rouxinol seus melodiosos gorgeios; ao longe a serra, rica de vegetação; todas estas bellezas fazem da Varzea de Collares um lugar de delicias onde a primavera nunca depõe seu sceptro de flôres, verdadeiros campos elysios. A população deste sitio durante o verão e o outono augmenta prodigiosamente com as muitas familias que de Lisboa ahi vão residir. Tambem o denso bosque de castanheiros denominado *Mata*, sobranceiro á villa, offerece sitios encantadores, e as magnificas quintas que adornão as suas vizinhanças patentêão os progressos da mão do homem a par das bellezas da natureza.

A praia das *Maçãas*, banhada pelo mar, é um ameno passeio muito frequentado no tempo dos banhos. Na distancia de quasi 1 leg. da villa ha dous sitios de grande concurrencia pelas suas curiosidades naturaes, e são: o *Fojo* e a *Pedra d'Alvidar*. O primeiro é uma aberta ou abysmo na rocha, perpendicular e estreitadiça a modo de um funil, onde penetra o mar subterraneamente com medonho estampido, e se acoutão aves aquaticas e outras que os habitantes tem por agoureiras, e que com seus agudos gritos tem espavorido mais de um viajante. O segundo é uma immensa pedra inteiriça com a superficie lisa, cuja posição é quasi perpendicular sobre o Oceano. Um espectaculo curioso e assustador é ver os rapazes da vizinhança treparem e descerem por ella sem o menor ponto de apoio, com as costas para o mar, com toda a firmeza nos dedos grandes dos pés e nos das mãos, pois que, se assentassem o calcanhar, perderião todo o equilibrio e rolarião até ás ondas. A 1 leg. ao S. de Collares fica a *Penninha*, ermida sit. no mais alto pincaro da serra

sobranceiro ao mar, perto do cabo da Roca, e lugar de grande romaria. É Collares patria do profundo antiquario e litterato D. Jeronymo Contador d'Argote.

Santa Comba. Ha diversas pov. deste nome; as principaes são: 1.ª, na Beira-Alta, perto de Trancoso, com 740 hab.; 2.ª, perto de Moncorvo, com 420; 3.ª, a 6 leg. de Braga, 300; 4.ª, perto de Cea, 580, e *Santa Comba-Dão*, villa e freg. perto de Tondella, 8 leg. ao N. de Coimbra, 1,000 hab.

Combates e **Convenios** de guerra que em Portugal tem havido, veja-se: *Victorias e Derrotas*, &c.

Comieira, pov. do termo de Santa Martha de Penaguião, com 1,150 hab. Ha outra no conc. de Penella e a 6 leg. de Coimbra, com 1,325 hab.

Condeixa a Velha, villa sit. a 1-1/2 leg. ao S. de Coimbra, no sitio onde se começou a edificar esta cidade; conta 1,200 hab. Da antiga Conimbrica dos Romanos já não existem ha seculos mais que informes ruinas em Condeixa. Nos seus arredores se extrahem excellentes pedras de cantaria e de afiar. —*Condeixa a Nova*, pouco arredada, freg. de 900 almas.

Congo, paiz africano. Veja-se *Angola.*

Corbes, pequeno rio que nasce no Baixo Alemtejo, perto de Ourique, corre de Poente a Nascente, sinuoso, sem fertilisar o terreno que banha, quasi todo areento, e desagua no Guadiana com 10 leg. de curso.

Corgo, rio que nasce pouco ao N. de Villa-Pouca d'Aguiar, no distr. de Villa-Real, e desagua na direita do Douro, acima da Regoa, com 8 leg. de curso. Os vinhos mais cobertos, cheirosos e encorpados, chamados do Douro, se colhem nas suas immediações, principalmente no sitio do *Pinhão* e arrabaldes. Não se confundão todavia os desta superior qualidade com os produzidos no paiz chamado *Baixo-Corgo*, o qual abrange

toda a assentada da Regoa, de uma e outra margem do rio Veiga, de Jogueiros, &c., porque, ainda que estes ultimos vinhos tenhão alguns predicamentos dos primeiros, carecem comtudo de côr e madureza.

Correlhãa, villa do distr. de Vianna, a 6 leg. de Braga: contém 1,830 hab.

Cortegaça, villa sit. 4 leg. ao S. do Porto e 1/2 ao N. de Ovar, contém 1,000 hab. Ha outra pov. no conc. de Mortagua com o mesmo nome e 500 hab.

Coruche, villa importante do Alemtejo, sit. sobre o riacho Erra, que se lança no Zatas, 12 leg. ao N. O. de Evora e 10 de Lisboa, com alguns bons edificios, formada de duas ruas muito compridas e com 2,350 hab. O seu termo produz muito grão, vinho e melancias. Ha outra pov. do mesmo nome no conc. de Aguiar da Beira, a 6 leg. de Viseu, celebre pela victoria que o conde de Villa-Flor (hoje duque da Terceira), alcançou em Janeiro de 1826 com uns 7,000 ou 8,000 homens contra as forças absolutistas reunidas, muito superiores em numero, dos tres generaes, Magessi, Telles Jordão e visconde de Monte Alegre, as quaes, depois de derrotadas, tiverão que se acolher á Hespanha.

Corvo, ilha. Veja-se *Açores*.

S. Cosmado, villa a 3 leg. de Lamego: 700 hab.

Costa, populosa aldêa de pescadores pertencente ao conc. d'Almada e sit. pouco mais de 1/2 leg. ao S. da Trafaria, ou antes na sua contracosta, sobre o Oceano, na extremidade de uma das vertentes da serra da Arrabida, onde o mar bate quasi sempre furioso, impellido pelo vento do Poente. Consta esta pov. de mais de 100 cabanas e algumas casas de telha com 1,600 hab., todos pescadores, excellentes maritimos, porém no primitivo estado de ignorancia e rudeza, bem que apenas afastados 2-1/2 leg. da capital. O sacco ou valle que habitão, cercado

por todos os lados, menos pelo que lhes dá ingresso, nada produz; é um continuo areal.

Côta, pov. sit. n'uma serra, 3 leg. ao N. de Viseu: contém optimas aguas ferreas e 1,014 hab.

Coura ou **Ancora**, pequeno rio que corre no distr. de Vianna de Nascente a Poente, e desemboca no Minho junto a Caminha. Veja-se *Ancora*. Ha um riacho tambem denominado *Coura*, que desemboca no Cavado ao N. de Braga, com 4 leg. de curso.

Coura, villa e freg. do distr. de Braga, donde dista 7 leg., na direcção de Monção: contém 510 hab., e o seu conc. 9,668, e está sit. perto do riacho Coura, que entra na esquerda do Minho, junto a Caminha, com 7 leg. de curso; nasce na serra da Estrica.

Couto, rio do Alemtejo, affluente do Lamarosa, que desemboca no Alpiaça.

Cova (S. Pedro da), pov. distante 2 leg. a E. do Porto, perto de Vallongo: contém cerca de 1,000 hab. e uma notavel mina de carvão de pedra que ahi se descobrio em 1802, e que produz annualmente perto de 12,000 carros de bom carvão, cuja importancia não é menor de 36 contos de réis.

Covas. Assim se denominão no reino varias aldêas e freg. cujas principaes são: 1.ª, no conc. de Cea, a 9 leg. a E. de Coimbra, com 1,348 hab.; 2.ª, a 3 leg. ao N. de Braga, 440; 3.ª, a 8 leg. da mesma cidade, perto de Monção, 1,180; 4.ª, *Covas de Barroso*, a 10 leg. da mesma, no conc. de Chaves, 900; 5.ª, *Covas do Douro*, no distr. de Villa-Real, produz excellente vinho, e contém 1,000 hab.; 6.ª, *Covas do Rio*, a 6 leg. de Viseu, 580.

Covilhãa, uma das mais importantes villas de todo o reino, está sit. 4-1/2 leg. a S. O. da Guarda, na serra da Estrella, e 1/2 ao N. do Zezere, elevando-se em amphitheatro sobre a mesma, de modo que as suas casas

parecem um grupo de ninhos de andorinhas, n'uma encosta de bastissimo arvoredo. No bairro superior tem um antigo castello, hoje sem defesa ou valor. Nella se fabricão muitos pannos de lãa de grande solidez, para o que possue mais de 140 teares. O inverno ahi é sempre rigoroso, e o verão bastante quente; porém o paiz é muito sadio: tem mais de 7,000 hab., e o seu conc. perto de 24,000, muito industriosos. Em todas as pov. das abas da serra da Estrella existem bastantes judeos e christãos novos, oriundos dos que para ahi se acoutárão no exterminio que lhes fulminára El-Rei D. Manoel. Perto desta villa, em Unhães, ha caldas sulphureas, presentaneas para achaques frios de juntas e nervos. O seu termo abunda em milho, centeio, plantas farinaceas, azeite, gostosas frutas e muito gado lanigero e vaccum. É patria do sabio theologo e lente de Coimbra Fr. Heitor Pinto.

Covões, pov. de 2,330 hab., perto de Cantanhede e a 5 leg. de Coimbra.

Crato, importante villa do Alemtejo, sit. 2 leg. a O. de Portalegre, n'uma eminencia perto do rio Ervedal: encerra 1,260 hab. Tem antigos muros e um castello arruinado. Esta villa era a séde do gran-prior do Crato, isto é, a maior dignidade da Ordem de Malta em Portugal.

Creixomil, freg. do conc. de Guimarães, a 3 leg. de Braga, 1,400 hab.

Santa-Cruz, villa. Veja-se *Madeira*.

Santa-Cruz. As principaes povoações desta invocação no reino são as seguintes: uma no distr. de Beja e conc. d'Almodavar, perto de Ourique, com 1,400 hab.; *Santa-Cruz do Bispo*, a 2 leg. do Porto, 600; *Santa-Cruz do Douro*, pov. do conc. de Penafiel, perto de Bayão e a 10 leg. do Porto, 1,090; e *Santa-Cruz de Riba-Tamega*, grande freg. do conc. d'Amarante, a 8 leg. de Braga,

que contém 11,200 hab., mas que não é arruada em povoação junta.

Cuba, villa sit. 3 leg. ao N. de Beja, n'uma extensa e fertil planicie, junto ao cruzeiro que fórma o caminho de Evora a Serpa, e o que passa de Lisboa a Sevilha: contém boas ruas, asseiados edificios e 2,500 hab. O seu termo é das melhores lavouras da provincia em cereaes e azeite.

Currellos, villa e freg. a 4 leg. de Viseu, 1,305 hab.

D

Damin ou **Domin**, pequeno rio do Alemtejo, que desagua na esquerda do Sado, acima do Charama e em frente de Porto de El-Rei, com 5 leg. de curso: nasce nos montes Azues, 1-1/2 leg. a E. de Melides.

Dão, rio da pov. da Beira; nasce perto de Penalva do Castello ou da pov. de Servães, no distr. de Vizeu, e se lança na direita do Mondego, 8 leg. ao N. E. de Coimbra, com um curso rapido de 8 leg.

Dave, rio, alteração de *Ave.* (Veja-se.)

Degebe ou **Odegebe**, rio do Alemtejo: nasce na serra d'Alpedreira, 2 leg. ao N. E. d'Evora, corre de N. a S. recebendo 3 affluentes, e se lança no Guadiana 1/2 leg ao N. de Moura, com um curso de 6. No verão corre pouco, e conserva só a agua em pégos ou poços; por isso os Mouros lhe derão o nome que tem, o qual em arabe significa fosso, cisterna.

Deleite, rio e pov. Veja-se *Odeleite.*

Deste, rio. Veja-se *Este.*

Diaxere ou **Odiaxere**, freg. do conc. de Lagos no Algarve, a 10 leg. de Faro, 880 hab.

Dornellas. Algumas povoações de pouca monta ha deste nome; as principaes são: 1.ª, no conc. do Fundão,

distr. da Guarda, com 600 hab.; 2.ª, a 5 leg. de Vizeu, com 620; 3.ª, a 2 leg. de Braga, 483; 4.ª, perto de Chaves, villa com 480 hab.

Dornes, villa e freg. do distr. de Leiria, 9 leg. ao S. de Coimbra, 700 hab., e o seu conc. 2,092.

Douro, o mais comprido e caudaloso rio de toda a peninsula hispano-portugueza, depois do Tejo. Nasce na provincia de Soria, em Hespanha, 3 leg. acima de Aranda del Duero, serve de limite a Portugal desde a aldêa de Quintelo 1-1/2 leg. a N. E. de Miranda, correndo a S. O., até entrar de todo no mesmo reino acima da *Barca d'Alva*, na confluencia do Agueda, que por espaço de algumas leg. serve de limite á Beira-Alta. No territorio portuguez recebe á direita o *Sabor*, *Tua*, *Pinhão*, *Corgo*, *Tamega* e *Souza*, e á esquerda o *Agueda*, *Coa*, *Tavora*, *Paiva* e outros de menor monta; porém no territorio hespanhol recebe á direita o Esla, Valderaduez ou Sequilho, Pisuerga, &c., e á esquerda o Yetes, Tormes, Zapardiel, Duralon e Riazo. Corre no solo portuguez primeiramente ao N. O. até á sua juncção com o Agueda, e depois de Nascente a Poente rapido pelo espaço de umas 50 leg., e vai desaguar no Oceano, 1 leg. abaixo do Porto, em S. João da Foz. O seu curso total é de 140 leg., umas 30 das quaes são navegaveis em Portugal, correndo continuamente por leito apertado e montanhoso, excepto na Villariça, em cujos campos sobe algumas vezes.

Douro (Provincia do). Veja-se *Entre-Douro* e *Minho*, em cujo artigo englobámos esta pov. com a do Minho, como o era até 1835. Todavia, o paiz que desde essa época ficou constituindo essencialmente a provincia do Douro, abrange o distr. do Porto ao N. do rio desse nome, com 361,648 hab., e ao S. do mesmo, os dous distr.: o de Aveiro, com 233,945 hab., e o de Coimbra, com 244,203. Estes dous ultimos forão desannexados da Beira.

Seus limites são: ao N., uma linha quasi recta de Villa do Conde até ao Tamega, passando por Guimarães, e ao S., o Mondego, Beira Baixa e Alta: comprim. N. a S. 29 leg., larg. 13 a 10, e superficie de todos tres 315. Veja-se *Entre-Douro e Minho* e *Beira*.

Dous Portos, pov. da Estremadura perto de Torres Vedras, 6 leg. ao N. de Lisboa: 2,500 hab.

E

Ega, pequena villa sit. 2-1/2 leg. ao S. de Coimbra e 4 a E. da foz do Mondego, junto de um outeiro que domina o fructifero valle de Condeixa a Velha, regado pelo riacho Arrifana ou Egua: 1,400 hab.

Eixo, villa e freg. do distr. de Aveiro, donde dista pouco mais de 1 leg., sit. perto da esquerda do Vouga: seu conc. contém 4,550 hab., que se occupão muito em fabricar obras de cobre.

Elgas, Elja ou **Erjas**, rio que nasce na Hespanha e forma a raia a Portugal na Beira-Baixa desde Monfortinho, nas cercanias do conc. d'Alfaiates, até entrar no Tejo, 2 leg. a O. d'Alcantara. Suas margens escarpadas e alcantiladas servem de defesa ás praças fronteiras do reino, Penamacor, Penha-Garcia, Zibreira e Rosmaninhal.

Elvas, cidade episcopal, primeira praça d'armas de todo o reino, e uma das mais fortes da Europa, sit. na prov. do Alemtejo a quasi 2 leg. da raia hespanhola, fazendo frente á de Badajoz, da qual dista 3, e servindo de baluarte á estrada central construida pelos Romanos. A parte mais alta da praça é occupada por um castello antiquissimo, cercado de muralhas ainda hoje mui solidas e flanqueadas por torres e ameias. Ficão-lhe porém sobranceiras as collinas que a circumdão: ao N., a da

Graça, onde se construio o forte do mesmo nome, sendo o ponto mais elevado de todos e distante da praça 570 braças; ao S., a de *Santa Luzia*, onde se erigio o forte da mesma invocação, e os outeiros do O. estão coroãdos de alguns fortins. Tem pois esta praça no seu circuito 7 baluartes, 4 meios baluartes e 1 redente, os quaes, ligados entre si pelas competentes cortinas, constituem as suas 12 frentes.

O forte da *Graça*, sit. no ponto culminante, é a principal defesa desta praça; o seu polygono pouco differe de um quadrado de 70 braças exteriores. No centro tem um reducto circular com 3 ordens de baterias casamatadas com artilharia de grosso calibre, e por baixo uma abundante e vasta cisterna. Para preservar este forte de algum ataque em regra da *alta-chãa* do lado de N. O. que lhe faz frente, augmentárão-se-lhe os meios de defesa, bem como se lhe accrescentou uma obra cornea exterior, com cortaduras no terrapleno, tudo casamatado e contraminado. A grande altura de suas muralhas, suas galerias séteiradas, suas escarpas e contra-escarpas, seus caminhos cobertos, lhe asseguräo morosa resistencia; para guarnição sua e das 80 boccas de fogo de que deve constar, exige pelo menos 1,000 a 1,200 infantes, 200 artilheiros e 100 mineiros. Esta fortaleza, chamada tambem de *Lippe*, por ser este quem a delineou, foi continuada pelo general Valéré: nella se desenvolve com extremo aperfeiçoamento todo o systema de Vauban; começou-se em 1763 e se concluio em 1792, custando 768 contos de réis, afóra os materiaes do Estado e a mão d'obra de serviço ordinario.

O forte de *Santa Luzia* fica 240 braças ao S. da praça, e o seu polygono é de 78 braças exteriores de lado, tambem fortificado segundo Vauban, com 3 revelins, tudo cercado de estrada aberta, de esplanada, e 3 ordens de fossos, muitos cortados em rocha viva. O seu ornamento

de sitio deve constar de 25 boccas de grosso calibre e pelo menos uns 400 homens. Em 1658 já estavão concluidos os seus 4 baluartes.

O armamento da praça e fortes d'Elvas, que em diversos tempos tem variado, era em 1800 de 257 boccas de *fogo*. A sua guarnição em tempo de sitio deve ser pelo menos de 7,000 homens, incluindo 600 artilheiros, 150 sapadores e mineiros e 2 a 3 esquadrões de cavallaria. Para toda esta força tem mais que sufficientes quarteis á prova de bomba.

Elvas tem um aqueducto de 3 ordens de arcos de cantaria que lhe conduz agua de 1 leg. de distancia, além da sua vasta cisterna, que póde abastecer por mais de 6 mezes a guarnição e o povo; tem mais uma fonte publica e muitos poços particulares. Entre os edificios notaveis desta cidade, deve apontar-se a sua cathedral, templo vasto e de elegante architectura. Nunca foi esta praça tomada por inimigos de Portugal, e junto a ella ganhou o conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, depois marquez de Marialva, a celebre batalha chamada das *linhas d'Elvas*, na qual derrotou a 14 de Janeiro de 1659 o general castelhano D. Luiz de Haro, que cercava a praça, perdendo os inimigos 10,000 homens entre mortos e prisioneiros, toda a sua bagagem, 25 peças de campanha, &c. É rodeada de ferteis e abundantes campinas, e nella se faz muito commercio de contrabando com a Hespanha. Continha 7 conventos antes da sua extincção. Dista 1 leg. ao N. do Guadiana e outro tanto a E. do Caia, 13 ao N. E. d'Evora, e 33 a E. de Lisboa : pop. 11,600 hab.

Entr'ambos os Rios, freg. do conc. de Ponte da Barca, a 5 leg. de Braga: contém 700 hab. Ha outra do mesmo nome na confluencia do Tamega com o Douro, em frente do rio Paiva, pertencente ao conc. de Penafiel.

Entre-Douro e Minho. Com esta denominação se comprehende a actual prov. do *Minho*, cujas capitaes são *Braga* e *Vianna*, e a parte da do *Douro* que está sit. ao N. deste rio, tendo por capital a cidade do *Porto*. Quanto ao restante della, que abrange os dous districtos de *Coimbra* e *Aveiro*, que se lhe encorporárão em 1835, vai descripto no artigo *Douro* e no da prov. da *Beira*, a cuja região naturalmente pertence, e sempre formou parte integrante até á época acima. Veja-se a *Nota* appensa ao artigo *Alemtejo*, na qual se mostra o motivo de preferirmos descrever o paiz pelas suas regiões naturaes.

Esta prov. é a mais septentrional do reino e se estende de N. a S. no seu maior comprimento, que é desde Melgaço ao Douro, na foz do Souza, 20 leg. de 20 ao grão, ao passo que desde Caminha ao Porto, só tem 14; a sua largura média é de 12, apresentando uma superficie de 240, segundo Balbi, Minhano e outros. É separada da Galliza ao N. pelo rio Minho e ao N. E. em parte pelo riacho Fulia, e da Beira, ao S. pelo Douro; ao Poente limita-a o Oceano, e ao Nascente as serras do Gerez e Marão a separão de Tras-os-Montes. As suas demarcações naturaes entre os rios *Douro* e *Minho* lhe grangeárão o titulo que tem, adjectivado por alguns escriptores em prov. *duriminea*. Ainda que uma das mais pequenas do reino, é proporcionalmente a mais povoada, pois conta perto de 800,000 hab. n'uma tão diminuta area que vem a competir quasi 3,333 por leg. quadrada. A feliz situação desta prov., defendida pela parte do Nascente, por altas serranias, das influencias malignas que os ventos deste quadrante causão na vizinha prov., refrescada pelos demais lados pelas aragens do Oceano e vertentes dos seus numerosos rios, que, ora nascidos na Hespanha, ora na sua região montanhosa, formão diversos valles e outeiros de indizivel amenidade, aos quaes embellezão as immensas fontes

que rebentão a cada passo, e cujo numero fazem alguns autores mesmo de boa nota subir a 25,000, parecem ser a principal causa da sua fertilidade, das numerosas producções em que abunda, de sua salubridade e da superabundancia de sua população.

De outro lado (acha-se sit. a prov. entre 41° a 42° de lat. N.), o seu clima, ainda que humido, não deixa de ser benigno e saudavel em todas as estações, pois que o não inficionão os miasmas e vapores que exhalão as aguas retidas em charcos e lagôas, nem o abrasão as exhalações ardentes que se reflectem de solitarios areaes e extensas charnecas, como acontece em Trás-os-Montes. Portanto, a vida dos habitantes das planicies e varzeas desta provincia, retirados do contagio e insalubridade das grandes cidades, é longa, e nesses principios tem chegado a tanto o enthusiasmo dos nacionaes por esta região, que pretendêrão attribuir-lhe a bem conhecida descripção de Homero, na qual, segundo as opiniões dos tempos fabulosos, deduzem que os Campos Elysios, onde reinava uma perpetua primavera, erão situados nesse extremo Occidente. Quando todavia não tenhão lugar os sonhos poeticos de Homero e seus interpretadores, deveremos convir que esta prov. em todos os tempos foi preconisada por viajantes estrangeiros como o Eden das Hespanhas, e, bem que excessivamente povoada, produzindo além do seu consumo.

Já no tempo dos Romanos era Braga a chancellaria desta divisão occidental do imperio, e na sua jurisdicção habitavão diversos povos, cujos nomes barbaros são hoje apenas recordados dos antiquarios. Aos Romanos succedêrão os Suevos, os quaes tiverão a sua côrte por algum tempo na mesma cidade, tambem então metropoli ecclesiastica do paiz. Em seguida se apoderárão della os Godos, e destes se póde dizer que quasi immediatamente passou

ao dominio dos Reis de Leão, porque os Mouros nunca estiverão em pacifica posse dos terrenos entre os dous grandes rios ao Poente do Marão e Gerez, pois que desde os primeiros monarchas dessa dynastia christãa, começárão os infieis a sentir os valentes esforços de seu braço, de sorte que, quando D. Affonso VI concedeu sua filha e essa prov. com o titulo de condado feudatario a D. Henrique de Borgonha, já se achava ella livre ou quasi, das luas agarenas, e por isso pôde elle estabelecer a sua côrte na villa de Guimarães, onde nasceu seu filho D. Affonso Henriques, o qual depois, aproveitando-se do feliz exito que as suas armas tiverão no campo de Ourique, e da piedosa credulidade e amor dos seus vassallos, conseguio proclamar-se Rei de Portugal e romper o vinculo que o tornava dependente do Leonez.

Como já fica dito, limitão esta próv. ao N. e S. os dous caudalosos rios *Minho* e *Douro*, e correm pelo seu interior: o *Coura*, que se une ao primeiro a E. de Caminha; o *Lima*, que tem a sua nascença na Galliza, e, depois de haver regado Ponte da Barca e Ponte do Lima, desemboca pouco abaixo de Vianna; o *Neiva*, que entra no mar junto ao castello do mesmo nome, entre Vianna e Esposende, depois de haver fertilisado as veigas dos seus termos. O *Cávado* tem a sua origem na serra de S. Mamede na Galliza, entra em Portugal com o nome de rio de *Montalegre*, porém o seu mais forte manancial é na serra do Marão; recebe o riacho *Homem*, avizinha-se 1/2 leg. ao N. de Braga, e se lança no Oceano junto a Esposende. O *Ave* ou *Dave* nasce na serra d'Arga, banha Guimarães, e tendo recebido alguns affluentes, desemboca junto de Villa do Conde e de Azurara; o *Vizella* é seu affluente. O placido *Leça* nasce na serra d'Azora ou do Corvo e desemboca pelo porto de Matosinhos. São estes os principaes que correm do Nascente a Poente. O

Tamega, com origem na Hespanha, atravessa de N. a S. Trás-os-Montes, e entra nesta prov. perto de Mondim, banha Amarante, Canavezes e entra no Douro. O *Souza*, que lhe fica parallelo 2-1/2 leg. para O., desagua no mesmo; o riacho *Ferreira*, tambem parallelo e a igual distancia deste e do Porto, passa por Ponte Ferreira e desemboca no mesmo. O *Vez*, ao qual tambem chamão *Cabrão*, que desagua no Lima, o *Este* ou *Deste* no Ave e outros muitos de menor consideração se diffundem nos principaes, e em todas as direcções regão e fertilisão a provincia. Todos estes rios abundão em variedade de peixes que se internão por toda ella, taes como salmão, lampreias, savel, salmonetes, mugens, &c., introduzindo-se e subindo muitas leguas até aos menores riachos, e abastecendo pov. distantes do mar. As pontes de pedra que nella ha excedem a 200. É muito notavel a de ferro e suspensão que atravessa o *Douro* entre o Porto e Villa-Nova, terminada em 1844: é obra primorosa e a melhor do reino: a de *Villa do Conde*, construida no principio deste seculo; a do *Cavez*, mui larga e alta com 5 arcos de pedra bem lavrada e todas do mesmo tamanho; a de *Canavezes*, a de *Mondim* com 6 arcos, a de *Amarante* feita por diligencias de S. Gonçalo, a de *Ponte da Barca*, a de *Ponte do Lima*, muito extensa e com 24 arcos de pedra, 16 dos quaes são de construcção gothica ou romana, e outras muitas. Os seus principaes portos, começando pelo N., são: *Caminha*, *Vianna*, *Esposende*, *Leça*, *Villa do Conde* e *Porto*. Das suas serras, além das já citadas do *Marão* e *Gerez*, ha as de *Santa Catharina*, de *Ayró*, da *Gavieira*, da *Estrica* e de *Soajo*, que é ramo della, da *Falperra* e outras cujos artigos se podem consultar neste Diccionario.

Poucos paizes da Europa se achão tão vantajosamente sit. para, no caso de necessidade, poder resistir effi-

cazmente a um inimigo estranho, contando tão sómente com os recursos proprios e da natureza. Do lado oriental, uma continuada cordilheira, muitas vezes com mais de 5,000 pés de altura, a qual caprichosamente discorre de N. a S. entre os seus dous caudalosos rios; accrescendo que o do S., além de a limitar de territorio portuguez, é em demasia rapido e defendido do lado do Oceano para se temer invasão forçada, e do da Hespanha ainda com muito menor probabilidade. No do N., quando mesmo os inimigos pudessem galgar as escarpadas margens da esquerda do Minho, e assenhorearem-se das suas fortes praças de *Melgaço*, *Monção*, *Valença*, *Villa Nova da Cerveira* e *Caminha*, terião apenas dado o alarma á sua guerreira população, que póde no decurso de tres dias apresentar em qualquer ponto da sua pequena prov. 50,000 soldados, com recursos extrahidos do mesmo paiz, e com a vantagem de poderem immediatamente isolar os aggressores, derrubando as pontes dos rios que a percorrem de E. a O., taes como o *Lima*, *Cavado*, *Ave* e outros menores parallelos, e bem assim o *Tamega*, e mais alguns que nelles desaguão, e cujo rapido curso e fundo raramente permittem váo. Este mesmo systema de defesa serviria para pôr a coberto o lado occidental, alem de que se ache eriçado de praças artilhadas e fortes, e que as bravias ondas do Oceano com difficuldade e escassamente permittão um facil desembarque quando de terra se lhe queira fazer alguma resistencia. Para mais illustrarmos o conhecimento desta prov., citaremos algumas linhas do que sobre o presente assumpto escreveu o illustre viajante principe de Lichnowsky em 1842.

« De Vigo em diante (vinha de Inglat.), o litoral portuguez está sempre á vista. Offereceu-se então aos nossos olhos a antiga prov. de Entre-Douro e Minho extraordinariamente pittoresca, entre rapidas encostas e valles

risonhos. Vimos Vianna, assentada n'uma magestosa planicie; depois Villa do Conde com uma agasalhada abra, importante aqueducto e um espaçoso edificio, que D. João V, esse Rei edificador, construio para as religiosas carmelitas. — Mais além elevão-se a pequena distancia castellos e torres de vigia edificados pelos Mouros contra as invasões salteadoras dos Normandos, e que em parte forão aproveitados ha poucos annos por D. Miguel, quando este quiz impedir o desembarque de seu irmão.—Muitos delles existem abandonados e em ruinas; outros tem sómente pequenas guarnições de veteranos. Comtudo, desenhão-se ainda na sua caducidade com aquelle pensamento poetico que é proprio de todas as edificações dos Arabes, que ainda nas cousas mais vulgares nunca offendião as regras da belleza. Estas torres, como os castellos de *vigia* allemães, e semelhantes a ninhos de aguias, pendem em summa elevação sobre o vertice de rochedos, e denominão-se arabicamente — *atalaias* — ou elevão-se sómente sobre linguas de terra pouco salientes, e então recordão as torres de Carlos Martel ao longo das costas da Provença e da Corsega; restos de milhares de annos de antiguidade, e de um poder desapparecido, os quaes, como nova invenção, com grande dispendio de erudição e de ouro, se fazem surgir actualmente em diversos paizes da Europa, &c. »

Nesta prov. se acha a agricultura em florescente estado, porque a bem adequada symetria da sua povoação, geralmente espalhada em pequenas villas, aldêas e herdades destacadas, facilita o aproveitamento das mais vantajosas situações para a lavoura, e o das muitas aguas que não só brotão naturalmente, mas que a industria tambem sabe arrancar ao seio da terra por meio de noras e outros engenhos hydraulicos. As suas producções mais abundantes e uteis são: em cereaes, milho, centeio e trigo,

porém deste se cultiva menos; legumes, hortaliças de toda a qualidade, e muita batata, cujo cultivo se acha hoje muito introduzido e suppre o trigo. O linho tambem é uma das suas principaes producções, bem como o vinho, que se colhe quasi sem trabalho, pois, plantadas as sepas e as arvores por onde tem de trepar, ou junto a ellas (geralmente são carvalhos e castanheiros), nas encostas ou no meio das fazendas, desfructão dos mesmos adubos e amanho dellas. A romantica e continuada arvorisação desta prov. já desde ha muito é proverbial; ouçamos o que no seculo passado a esse respeito dizia J. B. de Castro, no *Map.* 1.° vol., pag. 46: « O seu temperado clima, summa fertilidade, benignidade de ares, affluencia de rios e delicias de seus campos, fizerão dizer a Manoel de Faria que, se no mundo houve Campos Elysios, existirão nesta provincia; e se os não houve, merecia que sómente os houvesse nella. E assim o vemos, porque a maior parte della está sempre cheia de arvoredo que organisa um continuado bosque perpetuo e aprazivel, composto de loureiros, azinheiros, pinheiros, murtas e cyprestes que nem de inverno perdem a folha, além de castanheiros, carvalhos, nogueiras e outras arvores que produzem excellentes madeiras, e tão abundantes, que ha castanheiro que dá 60 alqueires de castanha e 40 almudes de vinho de uma só sepa que nelle está entrelaçada ou em latada; pé de nogueira que dá 60 alqueires de nozes, larangeira que dá 5 carros de laranjas, carvalho meio moio de bolota, e algum tão grande que o não abrangem quatro homens, &c. »

Além destas frutas e outras producções que geralmente abundão no reino, notaremos que a laranja das cercanias de Braga é tão boa como a de Setubal; que o vinho colhido na prov., em geral denominado *verde*, é de inferior qualidade, porém que o dos termos de Monção, Mel-

gaço e das margens do Lima, é maduro e algum póde emparelhar com o bom de Trás-os-Montes. O azeite que produz é melhor que o do Alemtejo, e tanto deste como de azeitona exporta boa quantidade, e o mesmo acontece á sua excellente fruta de caroço e espinho. São os gados um dos productos naturaes da prov., cujos hab., ainda que tenha ella poucos prados e pastos devolutos, sabem tirar todo o partido possivel das proprias terras destinadas á lavoura, para fornecerem o alimento áquelles que se occupão no amanho dellas; nos montes cultivados, para os que nelles se apascentão, e dos fructos dos seus carvalhos, robles, sovereiros e castanheiros, para os que podem criar nos cercados e palheiros. A canna do milho, a palha do outro grão, os nabos e a herva que produzem as terras com auxilio de regaduras entre a colheita do milho e a sementeira de centeio, o rastolho e a folha da vinha e de outras arvores, constituem o alimento do gado vaccum destinado á lavoura; a herva e os arbustos que espontaneamente medrão nos montes e nas veigas ás margens dos rios e regatos, o do cavallar, cabrum e lanigero; e finalmente a bolota, a castanha e algumas plantas tuberosas fornecem succulenta ceva ao suino. O autor da *Topographia do Porto* faz subir o gado cavallar e vaccum desta prov. a 400,000 cabeças, e o menor a 200,000; porém o Dr. Minhano (*Dicc. Geog. de Hesp. e Port.*, 1826, vol. 3.°, pag. 357), o qual nesta materia é pessoa de muito criterio e saber, julga este calculo exagerado, ou pelo menos que boa parte do primeiro é introduzido furtivamente pela raia da Gallisa. Adiante, nos artigos Agricultura, Producções, Industria, &c., tornaremos a recapitular todas estas materias, tratadas *ad hoc*.

Mappa geral da Divisão, Superficie, População e Contribuição Predial, Pessoal e de Maneio, da provincia de Entre Douro e Minho, *no anno de* 1847.

Districtos de	Superficie em leguas quadr.	Concelhos.	Freguesias.	Fogos.	População.	Total dos Impostos Directos cobrados em 1847.
Vianna	73	13	271	44,144	182,015	96,523 $ 166
Braga	83	19	514	71,607	228,705	175,114 $ 156
Porto	84	21	371	93,250	361,648	265,526 $ 445
Total	240	53	1,156	209,001	772,368	537,163 $ 767

Mappa geral da colheita de cereaes na provincia de Entre Douro e Minho *em* 1847.

Districtos de	Moios de trigo.	Moios de milho.	Moios de centeio.	Moios de cevada.
Vianna	1,684	46,852	4,291	26
Braga	454	71,033	12,595	16
Porto	3,278	59,688	8,941	254
Total	5,416	177,573	25,827	296

Para se conhecer a estatistica dos objectos acima, pertencentes á moderna provincia do *Douro*, accrescentem-se-lhe os dos deus districtos de *Coimbra* e *Aveiro* que vem descriptos no artigo *Beira*.

Os naturaes desta prov. são geralmente robustos, bem conformados, um tanto morenos, porque os continuos trabalhos campestres os expoem á influencia do sol e do ar, sobrios e parcos em seus alimentos, que pela maior parte consistem em pão de milho (*broa*), caldo de unto com hortaliça, e ás vezes com toucinho e fêbra, fumado ou salgado, peixe do *tempo* (salgado), carnes de vacca fresca e de porco secca, nabos, batatas, couves, feijão, &c., que temperão alternadamente com azeite, toucinho ou unto, artigos que ahi são excellentes; castanhas e outras frutas. São phlegmaticos, vagarosos, pacificos, soffredores de trabalhos, constantes e muito industriosos; fieis ao culto e á opinião politica em que forão educados, respeitosos e obedientes para com seus superiores, hospitaleiros e pouco affectos a innovações e modas. No exercito a sua infantaria é considerada a melhor do reino. O caracter

dos Portuenses differe comtudo destes traços geraes: veja-se *Porto.* Na carreira das letras tem sido consideravel e conspicuo o numero de seus filhos, e muitos se occupão na do commercio, contribuindo para isso a posição em que se acha o paiz na proximidade do Porto, centro das transacções mercantis das tres prov. do Norte, e a opportunidade dos portos abrigados do seu litoral, assim como das muitas fabricas e misteres industriosos e manufactureiros tanto dessa cidade como de Braga e Guimarães. Ao passo que esta honrosa carreira enriquece ao particular, vai diminuindo a população da provincia, pelos muitos individuos que passão a empregar-se nesses ramos, ou no do commercio e nos que emigrão para fóra della, principalmente para o Brasil, onde se calculou que chegárão em 1848 só d'Entre-Douro e Minho para cima de dous mil rapazes (tendo havido annos em que este numero se tem triplicado), quatro quintas partes dos quaes ahi ficão para sempre.

Povoações principaes dos tres Governos Civis da Provincia de Entre-Douro e Minho.

	Hab.		Hab.
Porto, cid. episcop., cap. de distr. e da 3.ª div. milit.; com o suburbio de Villa-Nova contém	75,000	*Penafiel*, cidade	3,030
Braga, cid. arceb., cap. de distr. e da 4.ª div. milit.	18,140	*S. Salvador*	2,380
Vianna, cid. cap. de distr.	9,000	*Ponte do Lima*	2,3 0
Guimarães	8,600	*Valença*, praça d'armas	1,900
Povoa de Varzim	6,200	*Arcos de Val de Vez*	1,640
S. João da Foz	4,000	*Amarante*	1,600
Barcellos	3,900	*Prado*	1,300
Villa do Conde	3,200	*Caminha*, praça d'armas	1,300
		Espozende	1,280
		Monção, praça d'armas	1,200
		Villa Nova da Cerveira	1,200
		Melgaço, praça d'armas	1,200

N. B. As povoações principaes pertencentes aos dous districtos de Aveiro e Coimbra, e que fazem parte da nova Provincia do *Douro*, por se acharem encravadas na região da Beira, ahi se achão descriptas. Veja-se a *Nota* no artigo *Alemtejo* e o da *Beira*.

Enxara dos Cavalleiros e Enxara do Bispo, são duas medianas pov. pouco distantes, sit. 5-1/2 leg. ao N. de Lisboa e 1-1/2 ao S. de Torres-Vedras, em campina

fertil e abundantissima em vinho, trigo, fruta, hortaliça e caça, bem que sezonatica no verão: a primeira, que é villa, contém 1,500 hab., e a segunda, aldêa, é menos povoada. A palavra *enxara* é Arabe e significa *charneca*.

Encharrama. Veja-se *Charrama*.

Ericeira, villa e freg. sit. n'uma pequena abra do Oceano, 6-1/2 leg. ao N. O. de Lisboa, e pouco mais de 1 a O. de Mafra: contém 3,000 hab. quasi todos pescadores. Em documentos antigos é conhecida por *Eyriceira* ou *Ouriceira*, e dahi vem serem as armas do conc. um ouriço. O numero de suas embarcações de cabotagem, pesca do alto e da Terra-Nova, é de 100. Ainda existem restos do palacio dos illustres senhorios desta villa, os condes do mesmo nome. Abunda muito em peixe, mariscos e *ouriços* do mar, sendo a sua costa muito bravia. Tem um forte artilhado.

Ermello, uma das mais altas montanhas da prov. de Trás-os-Montes, serra do Marão. No seu cume ainda apparecem vestigios da antiga cidade *Maronis* ou Marão, a qual por muito tempo aquartelou as legiões de Decio Bruto. Na falda da mesma serra ha *Ermello*, villa e freg com 2,000 hab.

Ermida do Paiva, villa e freg. a 6 leg. de Lamego: 1,838 hab.

Erra, villa do distr. de Santarem, donde dista 6 leg. para o S. do Tejo e sobre o riacho do mesmo nome que se lança no Zatas: está em sitio alagadiço e insalubre, onde as sezões são frequentes. É comtudo muito abundante de grão e fruta, e contém 840 hab.

Ervedal, villa do Alemtejo, distr. de Portalegre, perto do riacho do mesmo nome que se lança na direita do Zatas: 450 hab. Ha outra villa e freg. na Beira com o mesmo nome, a 10 leg. de Coimbra e 40 de Lisboa: 1,800 hab.

Ervedoza do Douro, villa 6 leg. a E. de Lamego, ao S. do Douro, em frente da confluencia do Tua: 845 hab.

Escalhão, villa e freg. da Beira-Alta, perto de Trancoso e a 4 leg. de Pinhel: 1,690 hab.

Escura, lagôa. Veja-se *Estrella* (Serra da).

Esgueira, villa sit. perto de Aveiro: contém 1,560 hab., e o seu termo 4,866.

Espichel (antigo *Promontorium barbaricum*), cabo ao S. da foz do Tejo, donde dista 4-1/2 leg., bem como da foz do Sado: está sit. em lat. N. 38°, 24', e long. O. de P. 11°, 35'.

Espinhal, pov. 4 leg. ao S. de Coimbra, no conc. de Penella: 1,520 hab.

Espinhel, pov. a 2 leg. de Aveiro: 1,300 hab.

Espozende, villa e freg. do distr. de Vianna, donde dista 4 leg. para o S. e 5 para O. de Braga, sit. na direita da foz do Cavado, com pequeno porto e 1,280 hab., e o seu conc. 4,918, muito dados á pesca.

Estarreja, villa do distr. de Aveiro, sobre a direita do riacho Antuã, 7 leg. ao S. do Porto, e 1-1/2 ao S. E. d'Ovar: contém 2,035 hab.

Este ou **Deste**, rio que nasce nas cercanias de Braga e entra na direita do Ave, perto do mar, com um curso de 6 leg. Sobre elle ha duas pov. do mesmo nome, a de S. Mamede com 542 hab., e a de S. Pedro com 460.

S. Estevão da Facha, villa do distr. de Braga, donde dista 4 leg., perto da de Ponte do Lima: 1,000 hab.

Estoi, notavel pov. do Algarve, a 1 leg. de Faro, a qual se julga ser a antiga *Ossonoba*, e nella se tem encontrado mosaicos, tumulos, columnas e outros restos de edificios carthaginezes ou romanos: contém um bello templo e 2,570 hab.

Estombar, aldêa do Algarve a 9 leg. de Faro: 1,670 h.

Estrella (Serra da, o *Herminius Major* dos antigos), notavel cordilheira granitica que percorre a Beira-Baixa desde a raia hespanhola até pouco ao N. de Thomar, abrindo em toda a sua extensão muitos ferteis valles regados por abundantes torrentes que descem da mesma e dão nascença a muitos rios. Do meio da altura da serra para baixo, encontra-se muita fertilidade, muito gado lanigero e bovino, queijos afamados, milho, centeio, pastos gordos e linda paisagem.

Na parte mais eminente desta serrania ha 3 lagos em pequena distancia um do outro, situados no termo da villa de Cea: o maior não excede 1/3 de leg. de circumferencia; os seus arredores são destituidos de vegetação, com apparencia de catastrophes volcanicas, e em certos mezes as suas aguas sobem e descem periodicamente sem que isso se possa attribuir ás neves ou aguas influentes. Não contém peixe algum, e annuncia com bastante antecipação as tempestades pelo estrepito de suas aguas, roncos e bramidos que dá e se ouvem a leguas de distancia, o que se póde attribuir a cavernas interiores que por ventura encerre. As neves que ahi residem constantemente só os deixão ser accessiveis em Agosto e Setembro. Perto destes tres lagos nascem os rios Mondego, Alva e Zezere, e em um ponto contiguo se divisa o pincaro de *Cantaro-Delgado*, um dos pontos mais elevados de Portugal, que tem 7,200 pés de altura.

As escabrosidades e eminencias desta serrania tem sido mui pouco exploradas; por isso a seu respeito gyrão legendas maravilhosas e mysterios. O conselheiro Alexandre Abreu Castanheira, que ha pouco se deu a esse trabalho, esclarece-nos com a seguinte succinta narração: — « A serra da Estrella, que é a prolongação das da Gata e outras na Hespanha, que dividem as aguas do Douro das do Tejo e Mondego, entra na Beira de Nascente a

Poente, formando naturalmente a sua divisão em Alta e Baixa, e vai estendendo um braço para o mar com varias ondulações, sendo uma destas a de *Monte-junto*, e em seguida á foz do Tejo o promontorio da *Lua* ou de Cintra, até acabar na ponta mais occidental da Europa, o cabo da Roca. — Na maior parte do anno (na Beira), está ella coberta de neve, e com o degelo serve de manancial a muitas torrentes e ás celebres *lagôas* que alguns nimiamente credulos ou amantes do maravilhoso admittem ter communicação com o mar... mui altos deveria o Oceano ter os seus respiradouros! A lagôa *Secca*, assim chamada porque no verão se esvae e pasta gado no seu alveo, é quasi plana e de bordas pouco altas. Mais ao Nascente (serrania que medeia entre a cidade da Guarda e Manteigas, junto ao *pincaro* ou *cantaro* Canaris), está a lagôa *Redonda*, quasi circular, que dá a primeira nascente ao rio Alva: terá 2,800 passos de circumferencia e 20 palmos de fundo; a sua agua é limpida. — Na vertente do mesmo Canaris, para o lado do N., ainda ha outra denominada *Escura*, de difficil accesso, e assim se chamára porque, rodeada de penedia denegrida, esta lhe dá um semelhante aspecto ás suas aguas. Parece que desta é que se contão estupendas maravilhas; entretanto o seu ambito pouco excederá o da *Redonda*, e despeja o excedente das suas aguas para a *Comprida*, que fica no mesmo valle, e é com razão assim chamada porque occupa uma longa extensão, de longe semelhante a um rio. Pela sua localidade inferior, reune as aguas que escorrem das outras e as torrentes que se despenhão de quasi todo o Canaris.

« Este monte é o mais ingreme e difficultoso de trepar de toda a Estrella. No seu cimo se encontrão umas taes ou quaes planicies de rochedo esburgado, pois as continuas neves e chuvas, arrastando comsigo sempre terra,

tem descarnado o seu assento, ficando-lhe só os ossos da montanha, de maneira que, ou por sua elevação ou attracção hydraulica, estes picarotos ou agulhas electricas, attrahindo as humidades que gyrão na sua vizinhança, estão quasi sempre envoltos em nevoeiros. Depara-se ahi com uma enorme bacia praticada na pedra, denominada *tanque* ou chafariz d'El-Rei, contendo crystallinas aguas, e de fundo 10 a 12 palmos. É esta obra da natureza digna de tal nome, porque não será facil ao mais poderoso dos Reis fazer de uma só pedra um vaso de tal capacidade.— Mais abaixo ficão as lagôas de Manteigas, pouco importantes, e apparecem mais distinctos os dous montes *Cantaros*, o *Magro* e o *Gordo*, duas ramificações da serra onde se reune grande massa de gelo que dá nascença ao rio Zezere. O segundo é menor que o primeiro, do qual parece um fragmento desabado, todo cavernoso e alcantilado, já não apresentando mais que a ossadura mutilada, jorrada pelas aguas que são o verdadeiro cinzel com que Saturno talhou, e vai destacando da montanha estes monstruosos gigantes. O *Cantaro Gordo* póde-se difficilmente subir até ao cume: do lado de N. E. é perpendicular; porém o *Magro* é inaccessivel. Não se póde dar razão dos nomes que lhes impuzerão; talvez que, considerados debaixo de outro ponto de vista, se ache fundamento para taes denominações. E mais naturalmente a imaginação, abalada á vista de tão portentoso quadro, representaria o genio do rio Zezere vasando a sua corrente daquellas duas grandes urnas ou *cantaros!*... Este pensamento poetico é natural ao contemplar as Hyades tristes, banhando em copioso pranto os denegridos e descarnados membros que descobrem as roturas do nevado manto. Este melancolico e grandioso painel da natureza impressiona fortemente a imaginação do espectador. »

Estremadura. Esta provincia, que fórma o ponto mais

occidental de Portugal e do continente da Europa, compõe-se de uma facha de terra que corre desde a foz do rio Mondego até o Tejo, e continúa para o S. pela antiga comarca de Setubal até entestar com a ponta ou cabo chamado da *Pesqueira* em lat. N. 38° 15'. Alguns escriptores dão-lhe comtudo maior extensão maritima, fazendo-a chegar até S. Tiago de Cacem, umas 7 leg. mais ao S.; é todavia esse tracto de terreno, conforme as antigas demarcações, usurpado á provincia do Alemtejo. Comprehende esta longitude 35 leguas em linha recta e 46 seguindo as sinuosidades do litoral. A sua largura é muito variada. Ao S. desde o dito cabo da Pesqueira até o termo de Porto d'El-Rei sobre o Sado na vizinhança do Charrama tem 10 leg.; ao N. desde a foz do Mondego até o termo de Pampilhosa tem 17, e no centro desde o cabo da Roca até á confluencia do Zezere ha 25; a sua superficie, segundo Balbi e outros geographos acreditados, é de 830 leg. quadradas de 20 ao gráo, pouco inferior á do Alemtejo, que é a maior do reino. Os seus limites são todavia mais ou menos incertos, tanto pela falta de uma boa planta geodesica do paiz, corroborada pela assistencia das autoridades locaes, como pela differença que tanto nesta provincia como nas outras se encontra, segundo se considere militar ou civilmente. No sentido geographico são as que deixamos ditas, ficando assim encravada ao N., a E. e ao S. pela Beira e Alemtejo, a O. limita-a o Oceano.

Segundo a opinião dos nossos melhores classicos, chamou-se a esta região *Ex* ou *Estremadura*, por serem antigamente as terras de que se compunha, e ainda hoje, o ultimo limite ou *extremo* com que se dividião os territorios dos Mouros, e que os Christãos possuião á proporção que ião recuperando o reino e lançando fóra os Infieis. E como na lingua lusitana daquelle tempo, por limitar ou dividir

se dizia — *extremar* —, e porque estas terras *extremavão* ou separavão os Mouros dos Christãos, se lhes ficou chamando *Estremadura*, principalmente ás que os Reis de Leão ganhárão do rio *Douro* para esse lado do Sul, em razão das ditas comarcas christãas ou novas conquistas se avizinharem ás margens do mesmo rio, que por esse motivo se denominárão *Extrema Durii*. Do mesmo modo D. Affonso III o magno, Rei de Leão, quando povoou as terras d'entre Douro e Minho, chamou a essa comarca *Extrema Minii*, por se demarcar com a margem deste rio. A tres comarcas ou provincias se dá o nome de *Estremadura*, naturalmente originado pelo mesmo principio, á de Portugal, á de Leão e á de Castella.

O aspecto geral do seu solo é montuoso, na região central principalmente, onde um forte ramo da serra da Estrella o percorre no seu maior comprimento, penetrando pelas vizinhanças da Louzãa pouco ao Sul do rio Ceira, e segue em direcção ao cabo da Roca, espalhando diversos galhos ora para Noroeste, ora para Sudoeste, e tomando diversas denominações taes como as serras de *Montejunto*, de *Cintra*, de *Alqueridão*, de *Albardós*, &c. As da *Louzãa* e de *Alvayazere*, que, seguindo na direcção da da Estrella, conduzem á de *Anciãas* e de *Albardós*, as quaes, *começando* a elevar-se na esquerda do Mondego, seguem até perto de Rio-Maior, são cortadas por um barranco donde torcem para S. O. e se prolongão até Montejunto, elevado cabeço que sobresahe ao resto da cordilheira, donde continuão outros inferiores, os quaes, já approximando-se ou afastando-se do Tejo, se dirigem ao termo de Lisboa, formando a serra chamada *Cabeça de Montachique*. Daqui com menos elevação, e por conseguinte mais aptidão para a cultura, se communica com a serra de *Cintra*, a qual, tanto pela sua conformação como altura, parece não ter connexão alguma com as

antecedentes. São pela maior parte as primeiras compostas de pedra calcarea de primitiva formação; em seus cumes se encontrão petrificações marinhas que dão prova da superior existencia das aguas nos seus terrenos. O interior destes montes contém veios de ferro e de pedra iman, segundo pretende Minhano, sendo prova do primeiro uma copiosa fonte de aguas ferreas que brota na sua falda.

Pelo contrario, é a serra de Cintra um enorme montão de granito mais ou menos compacto, e cuja parte mais exposta ás influencias da atmosphera se acha dividida em varios grupos e cabeços de gigantescas pedras que formão pontos de vista pittorescos e variados, servindo nesse sitio o mais saliente e elevado de assento ao ex-mosteiro de Jeronymos, hoje palacio d'El-Rei D. Fernando: veja-se *Cintra.* O comprimento desta serra pouco excederá 3 leg., contando desde o lugar de S. Pedro, sit. no barranco donde se separa da cadeia anterior até o cabo da Roca, que é o seu extremo occidental, e a sua largura, se se medisse pela base, alcançaria pouco mais de meia legua desde o riacho das Maçãas que a limita ao N. até Cascaes que serve de limite ás suas faldas. Estas offerecem á vista um aspecto pouco agradavel, aridas, seccas, eriçadas de penhas, entre as quaes vegetão poucos arbustos, e fazem notavel contraste com as do N. arvorisadas de frondosos castanheiros, sobreiros, &c., deliciosas quintas, nas quaes a arte, ajudada de crystallinos regatos, tem sabido tirar partido da natureza do terreno. No curto espaço que medeia na parte superior entre um e outro declive, são mais abundantes e de maior tamanho as arvores e matas; nos seus terrenos graniticos e escalvados abundão principalmente brejos, tojos e carquejas. Goza esta região de merecida celebridade pelas quintas, bosques, poma-

res e jardins que aformosêão as suas faldas nas cercanias de Cintra e Collares.—Vejão-se.

São estes os principaes montes da Estremadura, e todos parecem ir humilhando a altiva cerviz á proporção que vão avistando as veneraveis cãas do padre Tejo, rastejando submissos ao se approximarem das suas margens septentrionaes; apenas porém lhe transpoem o caudaloso alveo, que, esquecidos do respeito que lhes impôz, tornão a levantar orgulhosa frente. É assim que desde Abrantes, onde corre este rio mais rapido entre penhascos e margens escabrosas, começão a separar-se as cadeias que as formão, deixando tanto á da direita como da esquerda dilatadas e ferteis planicies, sobre as quaes se esparge o rio no inverno e as enriquece com o limo que deposita nos seus campos.

Entre as immensas vantagens que da natureza poderia aproveitar esta rica provincia sabendo utilisar os seus dons, seria sem duvida a formação de um systema de canalisação fluvial, abastecendo-o com as aguas dos seus tres principaes rios do lado do N., a saber: o *Mondego*, o *Zezere* e o *Tejo*, e que neste ultimo viesse communicar. Do lado do S. ainda mais facilmente se poderia canalisar o *Sado* com os seus numerosos affluentes, que se deslisão por vastas planicies, e por ventura communica-lo até com o *Guadiana*, bem como com o Tejo pela especie de isthmo que do mesmo Sado medeia entre os esteiros ou riachos d'Alcochete, da Moita ou d'Aldêa-Gallega, onde parece já existira em épocas remotas identico canal, formando dessa região da Arrabida uma ilha, o que muito havia de favorecer a communicação interna de ambas as provincias. Veja-se o que a esse respeito se diz no artigo *Setubal*. Todavia, como pensar na execução de tão portentosas emprezas quando ainda neste paiz não ha por

assim dizer uma estrada boa central e soffriveis vias de carro que communiquem as provincias entre si? Bem que Portugal tenha consideravelmente augmentado em riqueza e industria nestes ultimos 15 annos, carece ainda de tempo, meios e abnegação de questões politicas para realisar tão uteis emprezas: a maldita politica principalmente é quem mais tem transtornado; foi ella que em 1846 paralysou a industriosa administração de A. B. Costa Cabral, por inveja ou maldade motivada pelo seu patriotico estabelecimento de boas estradas centraes no N. do reino, a qual produzio uma sanguinolenta revolução que pôz todo o paiz em completa anarchia e o throno na borda do abysmo!

Alguns trabalhos hydraulicos comtudo se tem já ensaiado no reino; alguns projectos e mesmo propostas se tem ultimamente até feito por companhias para a canalisação do Tejo, e é de suppôr que no actual movimento de prosperidade e de progresso da nação se venhão a aproveitar brevemente as vias que a natureza lhe proporcionou para a sua communicação natural. (Consultem-se os dous artigos *Azambuja* e *Tejo.*) Além dos rios acima apontados, os mais dignos de menção que contém a Estremadura são os seguintes: *Alpiaça*, *Alviella*, *Arunca* ou *Anços* ou *Soure*, *Cambra*, *Canha* ou *Almansor*, *Laca*, *Lena*, *Liz*, *Nabão*, *Rio-Maior*, *Sizandro*, *Zatas*, e outros de menor nota que se acharáõ não só no artigo *Rios*, mas alphabeticamente descriptos neste Diccionario.

É com razão considerada esta provincia a principal do reino, não só por nella estar situada a grande cidade capital de toda a monarchia, mas tambem pela sua riqueza, população, extensão, numero de portos, situação central, variadas producções e as mais abundantes salinas de toda a Europa. Se a de Trás os Montes unicamente a excede na superioridade de seus vinhos, e o

Alemtejo na quantidade de cereaes, não deixa todavia a Estremadura de produzir os excellentes e afamados vinhos de Bucellas, Barra á Barra, Carcavellos, Collares, Cadafaes, termo de Lisboa, Cartaxo, Chamusca, e outros muitos justamente apreciados. Quanto a cereaes, se a provincia não produz sufficientes para a subsistencia da sua população permanente, que excede 760,000 almas, é tambem de todas a que produz mais farinaceos, legumes, frutas, azeite e peixe. Considere-se igualmente que, além de uma forte guarnição de tropa de linha, de todo o corpo da armada e de mais de 2,400 operarios dos arsenaes da marinha e do exercito que residem em Lisboa, e dos estrangeiros que entrão no movimento de sua população ambulante, concorrem annualmente ao seu porto de 1,800 a 1,900 embarcações, e a Setubal umas 500, as quaes pela maior parte se aprovisionão de artigos de consumo diario, o que de certo vem a influir sobre a abastança dos habitantes da provincia; apezar de tudo isso, muitos mil moios de trigo portuguez, em parte fornecidos pelo Alemtejo, tem nestes ultimos annos sido exportados pela barra de Lisboa, assim como muitos mil quintaes de batata. Consultem-se no competente lugar os artigos *Agricultura*, *Producções* e *Commercio*.

É o clima desta região o mais saudavel e temperado de todo o reino, como diz J. B. de Castro, porque a benignidade da sua atmosphera torna insensiveis aquellas estações do tempo que gradualmente succedem umas ás outras com mudança suave; e assim participando quasi sempre de ar puro e céo sereno, produz nella a natureza com abundancia frutas de todos os generos, entre as quaes sobresahem as laranjas de Setubal, de gosto delicado e particular sainete que as faz preferir na Inglaterra até ás de S. Miguel, e são conhecidas pelo nome de *Saint-Ubes*; as de Cintra, Collares, e geralmente todas as frutas das

cercanias de Lisboa são excellentes, taes como: maçãas, ameixas, pecegos, figos da *outra banda* (termo d'Almada), pêras da estação e do inverno, morangos doces como torrões de assucar candi, cerejas e ginjas de extraordinario tamanho e gosto particular.

São innumeras as qualidades de peixe que abundão não só nas costas da Estremadura, que possue mais litoral maritimo e fluvial que nenhuma outra provincia, mas tambem nos seus rios. É este um dos mais interessantes ramos de sua riqueza, o qual abastece a provincia e fornece avultadas remessas para exportação maritima, principalmente para o Brasil, sendo este quasi todo do denominado pescada, cavalla, congro e tainha. De azeite, produz muito mais do que necessita para seu consumo, e essa superabundancia é exportada tambem por via de Lisboa e Setubal, pela maior parte para o Brasil, enviando tambem algum para os paizes do N. da Europa e Estados-Unidos. As vastas planicies de Santarem principalmente são abundantissimas neste genero, o qual é reputado o melhor de todo o paiz. Nos reinos mineral e animal, o que esta prov. contém mais digno de attenção vem notado nesses mesmos artigos. Accrescentemos tambem que nenhuma tirou mais vantagens com a extincção das ordens monasticas de homens, nem della se tem mais bem sabido aproveitar. Sem fallarmos já dos dizimos que pagava ao governo, pois que agora são substituidos por outros impostos, era exorbitante o imposto sobre o seu pescado além do que lhe extorquião no mesmo genero quasi todas as communidades religiosas. Tambem as immensas coutadas e tapadas que mal entendidos privilegios destinavão a jazer incultas, lhe empecião a sua prosperidade, e hoje se achão pela maior parte roteadas, habitadas e produzindo vantajosa cultura. Os denominados *coutos* d'Alcobaça, pertencentes ao dito mosteiro,

as *Lizirias* do Tejo e outros vastos terrenos e bens de *mão-morta* tornados Proprios nacionaes e vendidos ao maior lanço, achão-se retalhados em pequenas porções e em poder de proprietarios particulares e industriosos que os comprárão para os fazer prosperar, o que d'antes não acontecia, sendo herdados ou andando annexos a corporações inertes ou a grandes proprietarios taes como o *Infantado* e a *Patriarchal.* Embora houvesse pouco zelo e até mesmo fraude nas transmissões e liquidações dessas vendas, em prejuizo da fazenda publica; o essencial foi beneficiar ou fazer render essas propriedades e espalhar a sua riqueza na nação. Dos 160 conventos e hospicios de ambos os sexos que continha a Estremadura, mais de metade se secularisou, e desta, sem exageração, tres quartas partes forão utilisadas em diversos misteres. Só em Lisboa, dos 80 que continha, 46 forão secularisados, e se muitos delles não tem podido alcançar lanço proporcionado ao seu merecimento, alguns se tem destinado para estabelecimentos uteis ou do governo, as suas propriedades ruraes e mais haveres se tem liquidado, e finalmente dos muitos sobre os quaes se tem edificado officinas, formosos quarteirões e até palacios, bastará citar os seguintes: S. José de Riba-Mar, Janellas-Verdes, Beato Antonio, Xabregas, S. Domingos, Sacramento, Torneiros, S. Camillo, Espirito Santo, &c.

Os habitantes desta provincia, que se denominão *Estremenhos*, passão pelos mais civilisados de todo o reino, geralmente fallando, sobre o que não pouco terá influido a vizinhança da capital, centro da riqueza, da illustração, do commercio, da séde do governo, de estabelecimentos scientificos em continua communicação com a civilisação européa. É tambem esta a provincia onde mais pura se falla a lingua portugueza, distinguindo-se principalmente o accento lisbonense de agradavel e engraçado chiste e

garrida ledice. O sexo feminino possue grandemente os distinctivos da familia portugueza: olhos pretos e vivos, cabello da mesma côr em extrema abundancia, dentes perfeitos e alvos como nacar, vivacidade e espirito penetrante: são de estatura mediana porém elegante, de gentis feições e caracter cheio de urbanidade. Os homens partilhão mais ou menos destas qualidades; são mais altos e corpulentos que os da região do Norte, laboriosos, valentes e soffredores de rigorosas privações. O soldado estremenho em todas as épocas tem sabido honrar a sua nobre profissão e a reputação dos seus conterrancos por valentia e subordinação a toda a prova, e a marinha militar é em grande parte fornecida pela mocidade de Lisboa, Setubal e Ribatejo. Tem esta provincia de per si produzido mais homens celebres em todos os ramos de illustração que todas as outras juntas. Para estes e outros pormenores, que fastidioso seria narrar aqui isoladamente, consultem-se os artigos que nesta obra consagramos ao seu desenvolvimento geral sobre a industria, commercio, producções, agricultura, população e costumes, litteratura e historia.

Mappa geral da Superficie, Divisão, População e Contribuição Predial, Pessoal e de Maneio da Provincia da Estremadura em 1847.

	Superficie em leg. quadrad. de 20.	Conc.	Freg.	Fogos.	População.	Imposto Directo cobrado em 1847.
Distr. de Lisboa	303	39	212	101,666	477,000	785:565 $ 150
» » Leiria	111	16	110	30,523	132,895	79:601 $ 923
» » Santarem	194	22	142	40,250	152,990	140:695 $ 387
Total. . . .	608	77	464	172,439	762,885	1,005:862 $ 460

Mappa geral da Colheita de Cereaes na Estremadura em 1847.

	Moios de trigo.	Moios de milho.	Moios de centeio.	Moios de cevada.
Districto de Lisboa	14,175	18,1:6	2,560	14,038
» » Leiria	6,852	31,413	373	1,948
» » Santarem	22,654	23,115	3,155	5,469
Total.	43,681	72,654	6,088	21,455

Povoações principaes dos tres Governos Civis da provincia da Estremadura. As marcadas com † estão situadas na região do Alemtejo, mas pertencem á mesma provincia.

	Hab.
Lisboa, cid. patriarch., cap. do reino, de distr., e de divisão militar	260,000
† Setubal	17,000
Santarem, cap. de distr.	8,000
Villa Franca de Xira	5,000
Abrantes	4,650
Torres-Novas	4,600
Almada	4,500
† Cezimbra	4,310
Cintra	4,300
Thomar	4,300
† Moita *ou* Mouta	4,000
† Aldêa Gal. de Riba-Tejo	4,000
Ourem	3,840
Pombal	3,760
Soure	3,700
Torres-Vedras	3,600
Oeiras	3,600
Obidos	3,600
Cartaxo	3,600
† Palmella	3,400
Peniche, praça d'armas	3,300
Louriçal	3,280
Leiria, cid., bisp. e cap. de distr.	3,270
Mafra	3,250
Bellas	3,218
Sardoal	3,200
Ericeira	3,200
Figueiró dos Vinhos	3,150
Porto de Moz	3,100
† Chamusca	3,000
† Alcochete	3,000
Alcanede	2,997
Alemquer	2,562
Pedrogão-Grande	2,640
Sobreira-Formosa	2,492
Pampilhosa	2,500
Seixal	2,400
Collares	2,349
† Barreiro	2,314
Villa de Rei	2,300
Golegãa	2,260
Lourinhãa	2,250
Atalaia	2,200
† Grandola	2,200
Mação	2,180
† Alcacer do Sal	2,147
† Salvaterra de Magos	2,140
Cascaes, praça d'armas	2,100

Estremoz, notavel villa do Alemtejo, sit. n'uma eminencia em terreno fertil e salutifero, com um castello antigo ou citadella com boas fortificações, pelo que se considera a 4.ª ou 5.ª praça d'armas do reino; dista 6 leg. ao N. E. d'Evora, 4 a O. d'Elvas e 24 a E. de Lisboa, e conta 6,980 hab. No seu termo se fabrica immensa quantidade de bilhas e cantaros de um barro particular, o qual pela sua grande porosidade faz conservar a agua fresca, e são mui procurados em Portugal e Hespanha. A villa, que se divide em alta e baixa, tem geralmente as ruas estreitas e tortuosas; porém é muito sadia, aprazivel e abundante de excellentes aguas, bem como os seus arredores muito ferteis e arvorisados, assemelhando-se a um cantão da prov. do Minho. Na contenda politica de 1847,

sustentou firmemente o partido da Rainha, e em frente de seus muros soffrêrão grande revez as forças setembristas que tentárão ataca-los. Antes da extincção dos frades, continha 6 conventos. O seu territorio encerra pedreiras de excellente marmore. É notavel perto desta villa, no lugar do Ervedal, uma fonte que sécca no inverno e se converte em riacho no verão, a ponto de fazer moer azenhas e serras, e tanto mais copiosa quanto mais quente é o estio, prova de que o seu manancial se acha n'alguma montanha que encerre neve, a qual só a póde alimentar no verão, derretendo-se com o calor da atmosphera; além disso, é muito nitrosa e se petrifica facilmente.

Estrica, serra. Veja-se *Soajo*.

Santa Eulalia. Ha em todo o reino 13 pov. desta invocação, cujas principaes são: 1.ª, no conc. d'Arouca, com 920 hab.; 2.ª, a 5 leg. do Porto, 900 hab.; 3.ª, a 4 leg. de Viseu, 632 hab.; 4.ª, a 2 leg. d'Elvas, 1,144 hab.; 5.ª, a 1 leg. de Viseu, 1,410 hab.; e 6.ª, denominada de *Refoios*, a 5 leg. de Braga e perto de Ponte de Lima, com 412 hab.

Evora, cidade archiepiscopal, antiga capital do Alemtejo, e hoje uma das 17 administrações civis do reino, servio de residencia a muitos Reis Mouros, assim como a Portuguezes, razão pela qual goza do titulo de *côrte e sempre leal:* fórma uma extensa povoação situada sobre um outeiro rodeado de campinas ferteis em cereaes, vinho e azeite. Foi sempre considerada a segunda cidade do reino, posto que inferior a outras em população, e conserva ainda muitos edificios e antiguidades notaveis. Entre os primeiros, são dignas de menção a cathedral ou Sé, cuja capella-mór, de finissimos marmores, é um primor de obra de architectura moderna, e a igreja de S. Francisco, templo vasto, de uma só nave, de atrevido ou antes temerario lanço, e que tem junto uma curiosa casa d'ossos: é uma capella subterranea de tres naves, cujas paredes e

columnas são formadas d'ossos e de caveiras em tão grande quantidade e dispostos com tal arte, que todos os estrangeiros curiosos que a tem visitado affirmão não terem visto outra igual na Europa. (Na ilha da Madeira havia outra no convento de S. Francisco, hoje demolida.) Sobre um dos arcos que sustentão a sua abobada existe a seguinte inscripção:

Nós os ossos que aqui estamos
Pelos vossos esperamos.

São igualmente dignos de memoria o templo de Santo Antão e outros muitos dos 28 conventos que encerrava. O quartel que a cidade fez á sua custa, e que póde alojar commodamente tres regimentos de infantaria e dous de cavallaria, é edificio de cantaria solida, elegantemente construido e o melhor de todo o reino.

Possue Evora muitas antiguidades romanas e arabes; das romanas são as principaes o *aqueducto de Sertorio*, que ainda hoje condus para a cidade as aguas chamadas da *prata*: o pavilhão circular de tijolo que lhe serve de deposito é de curiosa elegancia e póde ser considerado como um dos mais bellos monumentos de architectura antiga conservados em Portugal. Este aqueducto foi mandado construir por Sertorio, o que attesta a inscripção latina que nelle se acha esculpida. O seu total comprimento é de 12,000 passos. « Pena é, diz Balbi, que outro monumento, fundado tambem por Sertorio, o *templo de Diana*, seja profanado pelos Eborenses a ponto de lhes servir de matadouro. A elegancia que se admira nos restos deste templo, induzio a julgar-se que seu architecto fôra grego ou phenicio, suppondo-se que Roma, no tempo de Sertorio, não possuisse artistas capazes de conceber e executar um monumento tão perfeito. » A sua columnata de granito e o corpo do edificio se conservão ainda em bom estado, apezar dos seus 1,900 annos de existencia

provavel. Das antiguidades arabes se vê ainda a torre chamada de *Giraldo sem pavor*, junto ao convento de S. Bento, bem como alguns casarões, hoje abastardados em vivendas ordinarias. A livraria do arcebispo contém 25,000 volumes.

Póde-se considerar esta cidade como praça aberta, porque o forte de Santo Antonio com 4 baluartes e o forte de Santa Barbara se achão arruinados e pouco defensaveis serião; apezar disso, sustentou-se galhardamente em 1847 a favor dos setembristas contra o governo da Rainha, sob o commando do conde de Mello. Antes da extincção das ordens regulares no reino em 1834, continha esta cidade, como fica dito, 28 conventos e recolhimentos de ambos os sexos dentro e fóra de seus muros; no de S. João Evangelista admirão-se dous formosos sarcophagos de marmore. É notavel igualmente o antigo palacio da inquisição, o do duque de Cadaval e muitas outras casas nobres pertencentes a fidalgos alemtejanos, algumas meio arruinadas e de veneranda idade. A sua universidade, fundada pelo cardeal-Rei D. Henrique, foi abolida juntamente com os jesuitas que a região; tem porém um seminario archiepiscopal, aulas de latim, geometria, philosophia, rhetorica, &c.

É fama que fôra edificada pelos Phenicios ou pelos Celtas-Eborenses quasi ao mesmo tempo que Roma, 759 annos antes de Christo; porém a sua historia não começa a apparecer com caracter de verdade senão nos ultimos tempos da republica romana, em que Viriato e Sertorio lhe derão grande nome, o primeiro ganhando á sua vista uma assignalada victoria contra os Romanos, e o segundo cercando-a de muralhas e ennobrecendo-a de edificios, perto de 80 annos antes da éra christãa. Vindo Julio Cesar á Lusitania, restituio a Evora o fôro de municipio latino, e lhe fez outras concessões, pelo que tomou

a cidade o nome de *Liberalitas Julia.* Decahido o imperio romano, apoderárão-se da Lusitania os Godos e os Allanos, e em seu dominio abraçou Evora a fé christãa pela prégação de S. Marcos, seu primeiro arcebispo. Após estes, seguio-se a dominação dos Mouros em 715, depois da era christãa, a qual durou por mais de 400 annos, até ao tempo de D. Affonso Henriques, quando em 1166 a tomou por sorpresa *Giraldo sem pavor.* Em 1638, levantou-se ahi o primeiro grito contra a usurpação castelhana, e, ainda que abafado com o sangue de seus moradores, não deixou de ser o precursor da revolução de 1640. Em 1663, foi esta cidade tomada pelos Hespanhóes commandados por D. João d'Austria; mas nem as suas grandes forças e talento pudérão conservar a conquista e resistir ao valor portuguez, pois desta feita a derrota foi espantosa. Veja-se *Ameixial.* Evora em breve capitulou, deixando o inimigo mais de 18 peças de campanha. Em 1808, foi tambem uma das primeiras povoações a sacudir o jugo francez, attendendo mais aos seus brios do que ás suas forças, e bem lastimoso foi o resultado. Depois de curta resistencia, entrou nella a divisão commandada por Loison, e a cidade foi entregue ao saque, ao fogo e sangue. A rapacidade franceza nada poupou de sagrado ou profano para se saciar; perto de 1,000 victimas forão a sangue frio assassinadas, entre ellas muitos ecclesiasticos, e um delles, o bispo do Maranhão, e algumas mulheres. Poucos dias porém erão passados, e outra vez em Evora tremulava o estandarte das Quinas. Perto della, em Evora-Monte, em 1834, deu o ultimo arranco o partido miguelista. Veja-se *Evora-Monte.*

Encerra esta antiga cidade uma extensa área occupada por numerosa casaria e algumas praças de pouca monta; conserva ainda parte das muralhas com que a cingio Sertorio, reparadas por D. João III: nas que lhe fez

D. Fernando, existem arruinadas algumas torres e 7 portas, bem como os 12 baluartes e 2 meios, atados aos sobreditos muros. A sua posição é superior a uma dilatada campina de terras fertilissimas rodeada por todos os lados de serras na distancia de algumas leguas, entre as quaes sobresahem as de Ossa, Alpedreira, Portel, Vianna e Monte de Muro, as quaes lhe fornecem abundantes e excellentes aguas. Não só estas serras lhe fertilisão os campos com as aguas que de continuo estão jorrando e os abrigão dos impetuosos ventos que tanto estrago fazem nas grandes planicies, como tambem nas suas faldas e gargantas offerecem pingues e abundantes pastos aos rebanhos de gado lanigero, e nos seus soutos de carvalhos e sovereiros alimento ás manadas de porcos, que tanto abundão neste districto, onde pasce igualmente gado vaccum e cavallar, do qual se fornece em parte o exercito.

Evora está sit. na long. occid. 10° 12' do merid. de P., e em 38° 30' de lat. N., e ainda que esta posição contribua para o calor da sua temperatura, todavia, refrescada por continua viração, antes pecca mais por fria de inverno do que por quente no verão. Em dia de S. João e nos seguintes de cada anno, tem uma das mais frequentadas e ricas feiras de Portugal. Entre os numerosos escriptores de primeira classe de que tem sido patria, com muita razão se póde ufanar do judicioso historiador e grammatico Duarte Nunes de Leão; do chronista e secretario de D. João II, Duarte Galvão, e dos dous Rezendes, André e Garcia: o 1.° considerado com justa razão o mais profundo antiquario de Portugal, e o 2.° bom historiador. Contém 11,284 hab. em 5 freg., e o seu distr. 85,079 e 225 leg. quadradas de superficie. Dista 20 leg. a E. de Lisboa, 9 ao N. de Beja e 3 ao S. d'Arrayolos.

Evora, villa do distr. de Leiria, sit. a 1 leg. d'Alcobaça;

pertencia aos coutos desta abbadia: contém 1,670 hab., e muito boas quintas nas suas vizinhanças, as quaes são abundantes em cereaes, vinho, azeite, fruta e caça. Parece ser a antiga *Eburobritio* dos Romanos.

Evora-Monte, villa do Alemtejo, assim denominada por estar sit. em paiz montanhoso 4 leg. ao N. E. d'Evora e 2 d'Estremoz: é murada, tem um castello e 940 hab. O seu termo, que contém 1,200 hab., é muito abundante em trigo, azeite, caça e gado lanigero, para o qual tem bons pastos, assim como soutos de carvalhos e sovereiros, que se estendem pela serra d'Ossa, para criação de porcos. No fim de Maio de 1834, o exercito miguelista, forte ainda de 16,000 homens e encerrado nesta villa, além dos que ainda se achavão de guarnição em diversas praças, se rendeu aos constitucionaes, e D. Miguel dahi sahio escoltado para embarcar em Sines. Chama-se a este convenio *Convenção d'Evora-Monte.*

F

Fafe, pov. do Minho, creada villa ha poucos annos: dista 5 leg. de Braga e tem 1,430 hab.

Faiões, pov. do conc. de Chaves, donde dista 1 milha, com 1,430 hab.

Falperra. Ha duas serras deste nome no reino: a 1.ª dista 2 leg. ao N. de Villa Real, e é um dos mais consideraveis ramos da do Marão; estende-se entre os rios Corgo e Pinhão, e n'uma das suas vertentes do N. está sit. Villa-Pouca d'Aguiar, em terreno fertil e ameno: tem alguns cumes que excedem 2,000 pés de altura. A 2.ª serra da *Falperra* dista 1-1/2 leg. ao S. de Braga; é desabrida e

muito agreste, ainda que pouco alta: é frequente valhacouto de facinorosos, e como esteja n'uma situação muito frequentada por viandantes, tem-se nella commettido numerosos roubos e latrocinios, o que a tem feito denominar *Pinhal da Azambuja do Norte.*

Famalicão (Villa Nova de), sit. 3 leg. ao S. de Braga e 2-1/2 a O. de Guimarães em terreno elevado: 1,000 hab. Ha outra pov. do mesmo nome sit. 1-1/2 leg. a O. da Guarda, não longe da celebre lagôa *Escura*, com 900 hab., e outra no distr. de Leiria, perto de Pederneira, com igual população.

Fanzeres ou **Fanzes**, pov. de 1,325 hab. sit. a 1 leg. do Porto, no conc. de Gondomar.

Fão, freg. do Minho, sit. na esquerda do rio Cavado, defronte de Espozende, e 5 leg. a O. de Braga: 1,450 hab. Julga-se ser a antiga *Acquas-Celenas* dos Romanos. O seu porto soffre continua invasão de arêa; em frente ha uns ilhotes denominados *Cavallos de Fão.* Vej. *Ilhas.*

Faro, cidade episcopal, uma das 17 administrações civis do reino, capital do Algarve, sit. na vizinhança da antiga *Ossonoba*, e perto da embocadura do pequeno rio *Val-Formoso*, cuja barra se acha obstruida com um banco de arêa que forma a ilha de Santa Maria, por entre a qual e outras ao S. e O. entrão as embarcações por um canal formado pelo rio, cuja barra dista 1-1/2 leg. da cidade; é bem construida, e tem arredores amenos e povoados de excellentes quintas bem cultivadas de hortaliças e frutas. Faz consideravel commercio de exportação, consistindo em figos, passas, vinho, amendoas, azeite, alfarroba, laranjas, sumagre e cortiça, obra de palma e de esparto e peixe salgado. Tem alguns bons edificios, entre elles a *Sé*, espaçoso templo de tres naves, antiga mesquita dos Mouros, a quem foi finalmente tomada a cidade, pela terceira e ultima vez, em 1260, por D. Af-

fonso III. Pelo terremoto de 1755 desabou quasi toda, e perecêrão nella muitos habitantes. O seu bispado, que começára a residir em Silves, onde esteve por muitos seculos, foi transferido para esta cidade em 1580, e nelle governou o sabio e virtuoso prelado D. Jeronymo Osorio.

A povoação não é bem ventilada, para o que tambem não concorrem pouco os muros da cidade; é mal abastecida d'agua, e essa mesma salobra, o que se poderia remediar encanando a de Estoi, que fica a 1 leg. e é boa; as suas casas parecem todas novas ou pelo menos renovadas, pois são geralmente bem caiadas, regulares e de simples architectura, como quasi todos os edificios do Algarve. Tem um antigo castello mourisco, onde ha bom aquartelamento. As suas ruas são espaçosas, limpas, e a praça principal é extensa e ornada com a estatua de S. Thomaz de Aquino. Em 1596 tomárão os Inglezes esta cidade, entregando-a ao saque e ao incendio, e levando comsigo a preciosa livraria do bispo Osorio.

A antiguidade de Faro é coeva com a invasão dos Mouros nas Hespanhas, em cuja occasião, destruida *Ossonoba*, distante cerca de 1 leg. ao N. da costa, se foi formando esta nova pov., já com os habitantes que se havião retirado dessa antiga cidade, e já com outros que attrahia a commodidade do seu porto. É visitada annualmente por perto de 60 embarcações estrangeiras que vão carregar os seus generos de exportação, e por mais de 120 nacionaes, e contém 7,900 hab.; o seu distr., que é todo o Algarve, encerra 130,330 em 34,743 fogos e 160 leg. quadradas de superficie, 15 conc. e 62 freg. A sua quota na contribuição directa predial pessoal e de maneio em 1847 foi de 72:541$169 réis, e a sua colheita de cereaes no mesmo anno chegou a 14,422 moios de trigo, 6,281 de cevada, 4,000 de milho e 2,060 de centeio. Está sit. 17 leg. ao S. de Beja e 40 de Lisboa. Lat. N. 37° 59'; long. O. de

P. 10° 6'. Em frente estão situadas umas ilhotas muitissimo piscosas, e entre ellas a dos *Cães*, com o cabo de Santa Maria, que é o ponto mais meridional do reino.

Fataunços, pov. da Beira-Alta a 3 leg. de Viseu, sit. na raiz do alto e penhascoso monte de Crasto: 1,226 hab.

Fatima, pov. sit. a 3 leg. de Leiria, no conc. d'Ourem; produz muito azeite e grão, pop. 1,200 hab.

Favaios (antig. **Flavias** ou **Flaviobriga**), villa e freg. de Trás-os-Montes no distr. de Villa-Real donde dista 4-1/2 leg. e 1/2 a O. do rio Tua, sit. ao S. e junto de uma alcantilada serra de excellente granito. Encerra uma bella igreja, formoso chafariz, algumas antiguidades e 1,130 hab. Nas suas vizinhanças ha excellentes aguas ferreas, nas quaes os habitantes achão virtudes para todas as molestias. Produzem tambem excellente vinho.

Fayal, ilha. Veja-se *Açores*.

Feira (antiga **Lancobriga** dos Romanos), villa e freg. sit. n'um valle risonho e fertil, do distr. de Aveiro, 4 leg. ao S. do Porto, 2 do mar, e ao pé de um monte assaz alto: 1,820 hab.; a sua comarca continha 68,762 antes da divisão de 1835. O seu velho castello, romano ou mourisco, é uma das mais perfeitas antiguidades existentes em Portugal: suas torres, terminadas por corucheos pontiagudos com cimos de tulipas graniticas (algumas ainda perfeitas); as heras annosas que pelo andar dos tempos tem adquirido espantosa grossura, de modo que, subindo ás summidades das torres, das ameias e das muralhas, apresentão uma perspectiva melancolica, porém maravilhosa e pittoresca, e outras plantas parasitas, inseparaveis companheiras das ruinas solitarias que nestes deshabitados sitios formão brenhas e asylo a animaes habitadores da solidão; as sétteiras abertas no centro das ameias, nas quadrellas dos muros e torreões, tornão interessante este monumento aos olhos do homem clas-

sico ou do curioso. O todo da sua perspectiva assemelha-se a uma mesquita; é de cantaria granitica, e pertence á familia dos Pereiras Forjazes.

Feira (Campo da), descampada planicie sit. entre Aljubarrota e Molianos no distr. de Leiria, onde em Setembro de 1837 teve lugar o combate do mesmo nome, tambem chamado dos Carvalhos, entre as forças cartistas commandadas pelo marquez de Saldanha e as setembristas pelo conde de Bom-Fim. Apezar dos primeiros serem indubitavelmente os vencedores, conveio-se n'um armisticio até o governo de Lisboa resolver o desenlace final; entretanto porém acudio o barão d'Almargem do lado do Sul com uma forte divisão não esperada, a reforçar os segundos, o que obrigou os cartistas a retirarem-se precipitadamente para o Norte, havendo perdido no combate uns 160 homens, entre os quaes o habil inspector geral de cavallaria brigadeiro barão de S. Cosme. Os contrarios tiverão em numero triplicada perda, causada pela cavallaria inimiga, que se achava forte nessa arma.

Felgar ou **Folgar**, freg. do conc. de Torre de Moncorvo, donde dista 2 leg. ao N., sit. na vertente da serra de Reboredo: produz em abundancia seda e amendoas que os habitantes cobrem delicadamente; tem olarias de boa louça, e uma extensa mata publica de pinheiros, pop. 1,000 almas.

Felgueiras, conc. vizinho d'Amarante, sit. a 6 leg. de Braga: contém 11,109 hab. pouco arruados. Na sua principal povoação nasceu o celebre polygrapho Manoel de Faria e Souza, cujas numerosas obras forão quasi todas publicadas em Hespanha. Ha outra freg. do mesmo nome a 2 leg. de Lamego, com 600 hab., e outra no conc. de Moncorvo com 520, onde nasceu o famoso chimico Thomé Rodrigues do Sobral.

Fermedo, villa e freg. 6 leg. ao S. do Porto, perto da

Feira, com 1,535 hab. Ultimamente encontrou-se junto desta pov. uma porção de medalhas romanas, 72 das quaes forão remettidas para o archivo da torre do Tombo de Lisboa; existem igualmente no mesmo sitio vestigios de antigos edificios.

Fermelã, freg. do conc. de Pinheiro da Bemposta a 2-1/2 leg. de Aveiro: 1,535 hab.

Fermentellos, freg. do conc. d'Oys da Ribeira, a 1-1/2 leg. de Aveiro e junto á lagôa do mesmo nome, que tambem chamão Pateira, e tem quasi 1 leg. de comprimento e 1/2 de largura: pop. 1,050 hab.

Ferragudo, pov. do Algarve sit. perto de Lagos, e a 9 leg. de Faro: 800 hab.

Ferreira. Muitas são no reino as povoações desta denominação, sendo as principaes: 1.ª, no distr. de Vianna, perto de Monção, com 800 hab.; 2.ª, sit. perto de Figueira *da Foz* e 4 leg. a O. de Coimbra, com 1,476; 3.ª, villa da prov. da Beira-Baixa, sit. 3 leg. ao N. E. de Thomar, perto do Zezere, em campina muito aprazivel e fertil em azeite e frutas, 1,835 hab.; 4.ª, villa e freg. do Alemtejo, 3 leg. a O. de Beja e 21 de Lisboa, com 2,224 hab., estende-se em sitio plano, mas elevado, e seus arredores são mui ferteis e abundantes em caça: esta villa é o solar dos illustres marquezes de Ferreira, hoje duques de Cadaval. Veja-se *Cadaval*. 5.ª, *Ferreira d'Aves* ou villa do *Castello*, na Beira-Alta, a 4 leg. de Viseu, 2,010 hab.; 6.ª, villa da mesma denominação e no mesmo distr. com 1,800 hab., e no seu conc. está, junto do Vouga, o extincto convento da *Fraga* (Capuchos), no qual residio, escreveu e jaz sepultado o celebre antiquario frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Ferreiros. Entre as povoações deste nome que contém o reino no continente europeu, notão-se as seguintes: 1.ª, a 2-1/2 leg. de Braga, com 700 hab.; 2.ª, a 1 leg. da

mesma, com 655; 3.ª, a 3 leg. de Aveiro, com 1,418; 4.ª, *Ferreiros de Tendaes*, villa e freg. a 4 leg. de Lamego, 1,644 hab., contendo o seu conc. 4,410.

Fervença, rio que nasce na serra de Cabrera na Galliza, entra em Trás-os-Montes, passa pouco ao Nascente de Bragança, e recebendo á esquerda o Maçãas e outros, forma o caudaloso rio Sabor. Veja-se *Tentugal.*

Figo ou **Serro de S. Miguel**, monte do Algarve perto de Tavira, que tem 2,000 pés de altura, e uma ermida no seu cume: está em lat. N. 37° 9', e 10° long. O. de P.

Figueira da Foz, villa importante sit. na direita da foz do Mondego, com porto fortificado, mas nem sempre accessivel: dista pelo rio abaixo 2-1/2 leg. de Montemor e 7 a O. de Coimbra a cujo distr. pertence. Os seus habitantes, que sobem a 4,200, fazem um importante commercio de exportação, principalmente em excellentes vinhos da *Bairrada*, de *Besteiros* e outros pontos, assim como em sal, azeite e frutas. Em 1845, exportou 2,080 pipas de vinho, e importou para cima de 200 contos; porém em 1847 a sua exportação em vinho chegou a 5,612 pipas: este artigo vai-se acreditando consideravelmente em paizes estrangeiros, e até algum do alambreado ou branco póde passar pelo melhor de Lisboa, e o tinto pelo de segunda qualidade do Alto-Douro. Esta villa é patria de Manoel Fernandes Thomaz.

Figueira de Lorvão, pov. sit. a 2 leg. de Coimbra, 1,382 hab.; dista pouco de Lorvão.

Figueiró. De algumas povoações que ha no reino com este nome, as mais notaveis são: 1.ª, no conc. de Santa Cruz de Riba-Tamega, não longe de Amarante e a 7 leg. de Braga, com 1,300 hab.; 2.ª, *S. Thiago de Figueiró*, sit. no mesmo conc. e a 6 leg. de Braga, 1,630 hab.; 3.ª, denominada do *Campo*, no conc. de Montemor e a 8 leg. de Coimbra, 1,150 hab.; 4.ª, denominada da

Granja, no conc. de Trancoso e 1 leg. a O. de Celorico, villa com 660 hab.; 5.ª, finalmente, *Figueiró dos Vinhos*, villa e freg. sit. 6-1/2 leg. ao N. de Thomar, junto ao rio Aizo ou Alja, em terreno plano. A sua denominação provém da abundancia dos excellentes vinhos que produz. A este genero se póde accrescentar o de immensos figueiraes e outras frutas, cereaes, legumes, caça, gado e até pesca do rio Zezere, o qual fertilisa o seu termo: contém 3,150 hab. Mandou povoa-la pelo anno de 1164 o infante D. Pedro, irmão bastardo de D. Affonso Henriques; achando-se porém já deteriorada em 1187, D. Sancho I° a reedificou e lhe deu o foral de villa com muitos privilegios.

São Fins. Algumas povoações ha deste nome, sendo as principaes: 1.ª, no conc. de Monforte, com 450 hab.; 2.ª, villa e freg. perto de Monção, com 2,373; 3.ª, extenso conc. da Beira-Alta, 6 leg. a O. de Lamego, com 6,748 hab.; 4.ª, no distr. de Villa-Real, a 1/2 leg. de Favaios, 1,200 hab.; 5.ª, no conc. da Feira e 5 leg. ao S. do Porto, 400 hab.

Fogo (ilha do). Veja-se *Cabo-Verde*.

Foia e Picota, dous picos bem distinctos do Algarve, onde se termina a serra de Monchique na do Caldeirão: são duas massas de granito e schisto que parece forão arrojadas pela natureza como destacadas e sem homogeneidade com as outras serras. O *Foia*, mais occidental e mais consideravel, tem 3,830 pés acima do nivel do mar, e o *Picota* fica-lhe a 4 milhas e tem 3,700 pés.

Folgar, pov. de Trás-os-Montes. Veja-se *Felgar*.

Folia ou **Fulia**, riacho que tem a sua nascente na serra de Gamão na Galliza, e em parte separa esta prov. da do Minho ao Nascente; a raia de ambas segue com pequenos rodeios de S. a N. as suas sinuosidades até se lançar no rio Minho, perto de Chaviães, no termo de

Melgaço, com 5-1/2 leg. de curso. Os Hespanhóes tambem lhe chamão *Varea* ou *Barja.*

Folques, pov. do conc. d'Arganil a 7 leg. de Coimbra: 1,286 hab.

Fonte Arcada, villa sit. 6 leg. ao S. E. de Lamego, contém 555 hab., e o seu termo 2,588. Ha outra do mesmo nome a 3 leg. de Braga, na direcção de Guimarães, com 1,259 hab., e outra perto de Penafiel e a 4 leg. do Porto, com 900.

Fonte do Bispo, pov. do conc. de Tavira, no Algarve, a 4 leg. de Faro: 1,280 hab. Ha no reino umas poucas de aldêas e freg. com o prefixo de *Fonte*, porém de nenhuma consideração.

Fontello, villa vizinha de Lamego, com 685 hab.

Fontes, villa e freg. do distr. de Villa-Real, 15 leg. a E. do Porto: a villa contém 1,600 hab., e o seu termo é muito fertil e cultivado.

Fontoura, pov. do distr. de Vianna e conc. de Valença, com 1,250 hab. Ha outra a 2 leg. de Lamego, com 1,000.

Fornellos. Deste nome ha diversas povoações cujas principaes são: duas a 4 leg. de Braga, cada uma com perto de 440 hab.; uma perto de Ponte de Lima, com 840; outra a 7 leg. de Lamego com 770; e outra no termo de Villa-Real, com 450.

Fornos. Entre as povoações deste nome, o qual indica possuirem ou terem possuido essas estufas de fazer cal, notão-se as seguintes: 1.ª, no conc. de Paiva, perto do Douro, com 840 hab.; 2.ª, perto de Penafiel, com 500; e outra no conc. de Moncorvo, com 450.

Fornos d'Algodres, villa e freg. sit. 6 leg. a S. E. de Viseu, 1/4 ao N. do Mondego e 5 a S. O. de Trancoso: contém 1,220 hab. Aqui nasceu o actual ex-ministro A. Bernardo da Costa Cabral, 1.º conde de Thomar, em 1803.

Fornos de Maceira-Dão, a 2 leg. de Viseu: 1,140 h.

Fornotilheiro, villa sit. a 3 leg. da Guarda, com 428 h.

Foz. Veja-se *S. João da Foz.*

Foz d'Arouce, pov. sit. 3 leg. a E. de Coimbra e ao S. do Mondego e da serra do Açor: 1,004 hab.

Foz-Coa. Veja-se *Villa Nova de Foz-Coa.*

Foz de Souza, freg. do conc. de Gondomar, sit. na confluencia do riacho Souza com o Douro, ao S. da prov. d'Entre-Douro e Minho: contém 1,000 hab.

Frazão, villa e freg. sit. a 4 leg. do Porto, contendo ambas 1,825 hab.

Freiria, pov. do conc. de Torres-Vedras, 6 leg. ao N. de Lisboa: 1,150 hab.

Freixiendas, freg. do conc. d'Ourem, a 5 leg. de Leiria: tem 1,580 hab.

Freixo. Ha diversas povoações no reino com este prefixo, a saber: uma junto a Castello-Mendo, com 300 hab.; outra no conc. d'Evora-Monte, com 420; outra no de Barcellos, com 800; outra no de Penafiel, com 540; outra no de Celorio de Basto, denominada *Baixo*, com 430; e outra no mesmo, denominada de *Cima*, com 460.

Freixo d'Espada á Cinta, villa e freg. no distr. de Villa-Real donde dista 16 leg. a E. e 4 de Moncorvo, a 1 leg. da direita do Douro, junto á raia hespanhola: é pov. murada e acastellada com 3 torres, porém tudo dominado por alturas circumvizinhas e em estado de ruinas. O seu territorio produz azeite, muita seda, amendoas, excellentes queijos e manteiga; tem 1,220 hab., e com o conc. 3,324. Faz avultado negocio de contrabando com a Hespanha. O seu termo é pouco saudavel, em razão de não ser ventilado do quadrante do N., e de ser o seu clima destemperado tanto no verão como no inverno. Sobre a origem do seu singular nome não estão concordes os autores. O historiador João de Barros pretende que um cavalleiro hespanhol, primo de

S. Rosendo e chamado Feijoo, o qual tinha por armas dous freixos com uma espada pendente no meio, fôra o fundador desta pov., dando-lhe por armas as de que usava e por nome o que hoje conserva. Pretendem porém outros que, chegando ahi um rei ou guerreiro de grande nomeada cansado de um combate, e chamado Spad Cingid, o que facilmente se convertêra em *espada á cinta* ou cingida, se sentára para descansar debaixo de um freixo que ainda se conserva junto á igreja matriz (*Minhano, Dicc. 4.° vol., pag.* 192), e pendurando nelle a espada, com isso lhe dera nome e insignia. De taes etymologias, porém, faça cada um o apreço que merecem legendas populares sem apoio verosimil.

Fresno, pequeno rio que atravessa Miranda do Douro e se lança neste.

Friellas, aldêa 2 leg. ao N. de Lisboa, sit. ao pé do riacho do mesmo nome que entra na direita do Tejo, onde tem uma excellente ponte de ferro de abrir acabada em 1841, e nella passa a estrada central do N. Fica no valle de Sacavem; mas a pov. de Friellas acha-se mais para o centro, pelo rio acima, e consta de 950 hab.

Frio, rio que nasce junto de Cadima e de Zambujal, faz um semicirculo para N. E. e lança-se, a 1 leg. de Coimbra e de Tentugal, na direita do Mondego, com um placido curso de 6-1/2 leg.

Fronteira, Litoral e Fortificações arraianas e maritimas de Portugal. — Debaixo destes tres importantes artigos, temos impreterivelmente de repetir nomes, e por ventura até paragraphos topographicos que em seu competente lugar vão apontados neste Diccionario; é comtudo tão vantajoso e necessario o conhecimento destes tres pontos colligados na relação que entre si naturalmente tem, que nos não podemos eximir á necessidade de aqui os tratar, bem que o mais succintamente possivel.

Começando pelo litoral Noroeste do reino, na barra do rio *Minho*, segue a costa por espaço de 1 leg. até ao riacho *Ancora*, em frente de cuja desembocadura ha um pequeno forte do mesmo nome, ao qual tambem chamão *Lagarteira*. Quasi outra leg. mais ao S. acha-se o do *Porto de Cão*, o qual defende a entrada de outro riacho; a este se segue o de *Carreso*, e logo depois o de *S. Thiago*, que protege a foz do rio Lima; e quasi 1/2 leg. acima da foz deste, está assentada a cidade de Vianna, distante 3-1/2 leg. ao S. da villa de Caminha e 10-1/2 ao N. do Porto. Acha-se esta cidade sit. n'uma fresca planicie, junto ás faldas de um consideravel outeiro que a domina do lado do N.; é murada, defende-lhe a entrada do rio o dito castello de *S. Thiago*, e em frente uma platafórma, o do *Cão*, o da *Insua* e mais dous na costa. (Veja-se *Vianna*.) Seguindo a costa para o S., acha-se a 1-1/2 leg. a barra do rio *Neiva*, defendida por um castello do mesmo nome. Quasi duas legoas mais adiante, está a villa de *Espozende*, sit. na barra do rio *Cavado*, do lado direito defendida igualmente por um forte do mesmo nome; o seu surgidouro tem apenas 2 braças. Em frente desta villa está a pov. de *Fão*, da qual tomárão o nome umas ilhotas afastadas 1/2 leg. da costa, por onde se póde navegar com fundo de 5 braças.

O rio Cavado, que baixa das serras do Marão e Gerez, depois de haver o seu mais extenso ramo banhado Montalegre, corre 1 leg. ao N. de Braga, passa por Barcellos e desagua em Espozende, de cujo sitio se trata de o tornar navegavel até Braga, como parece já o fôra em remota época. Desde a sua foz até á do rio *Ave*, corre a costa perto de 3 leg., e nella com pouco fundo e estreiteza se acha *Villa do Conde*, defendida do lado do mar por um forte chamado da *Povoa*, composto de 5 baluartes; quasi em frente, do lado esquerdo, fica a pov. de *Azurara*. O rio

Ave, ou *Dave*, compõe-se de 2 braços que se unem 1/2 leg. acima da villa: o do N. se chama *Deste*, passa perto de Braga, e o outro, que é o *Ave*, nasce na serra de Agra e banha Guimarães. Desde Villa do Conde segue a costa para o S. 3-1/2 leg. até ao pequeno rio *Leça* (veja-se este nome no Dicc.), na foz do qual está o porto de *Matosinhos* com um forte de pouca consideração. Daqui continúa o litoral por espaço de mais 1 leg. até á entrada do *Douro*, em cuja barra se deixa á esquerda, entrando, um fortim chamado *Leixões*, e mais adiante o de *S. João da Foz*, obra solida, antiga e composta de 4 baluartes que defendem um quadrado com fosso aberto em rocha viva, com entrada por parte da terra, coberta com um revelim.

O rio *Douro*, descripto em seu competente lugar, separa no territorio portuguez as duas prov. de *Tras-os-Montes* e *Entre-Douro e Minho* da *Beira*, e vem a misturar as suas aguas com as do Oceano ao S. deste castello. A sua barra se estreita e difficulta com duas enormes pedras ou *lages* encobertas, uma do lado do N. e outra do do S., por entre as quaes é o canal de entrar e sahir das embarcações; porém ha de ser pelo menos com tres quartos de preamar e tempo bonançoso para as que demandarem mais de 16 pés d'agua. No inverno, costuma mudar-se este esteiro, augmentando-se as arêas que o obstruem, e não deve então ser entrado sem que do mesmo castello se faça signal de não haver perigo. Tres quartos de leg. pelo rio acima, onde tem 120 braças de larg., está a famosa cidade do *Porto*. (Veja-se o seu artigo.) Aqui se termina a região d'Entre-Douro e Minho.

Seguindo para o S. a costa da prov. da Beira, encontra-se, na distancia de 10 leg. do Porto, a barra de *Aveiro*, mais de 1 leg. ao Poente da cidade do mesmo nome, a cuja direita e esquerda se estendem as aguas dos rios Vouga e Agueda, formando canaes e rias que

rodeião varias ilhas, algumas das quaes tem salinas que já forão de grande producção. (Veja-se o art. *Aveiro.*) Desde esta cidade até á ponta de *Buarcos*, tambem chamada *Cabo Mondego*, forma a costa uma curvatura, e, bem que limpa de recifes, é pouco accessivel pelo espaço de quasi 11 leg., e só no porto de *Mira*, que se acha no primeiro terço desta distancia, ha fundeadouro para pequenas embarcações. Do *Cabo Mondego* até á barra do rio do mesmo nome, por espaço de 1 leg., corre a costa a S. E., e do lado do N. fórma o porto de *Buarcos*, cuja entrada defende o forte de *Santa Catharina.* Quasi 1 leg. para o centro, encontra-se o porto da *Figueira*, a 6 leg. rectas de Coimbra; porém, navegando-se pelo rio acima, ha mais de 8. Desde esta barra segue a costa, descrevendo uma curva irregular com inclinação ao S. O. por perto de 15 leg., até ao porto, villa e praça de *Peniche*; porém antes, e aos 2/3 desta distancia, acha-se o portinho da *Pederneira*, formado pelas vertentes que baixão das campinas d'Alcobaça, e pouco mais de 1 leg. ao S. está o de *S. Martinho*, ambos de pouca consideração, ainda que este ultimo já foi um dos principaes do reino. Acha-se sit. a praça de *Peniche* n'uma peninsula, e a sua entrada é defendida por fortificações respeitaveis. (Veja-se o seu art. no *Dicc.*) Nas ilhas *Berlengas* que lhe ficão fronteiras, tambem ha um forte na principal dellas, e mais meia duzia de outros pouco consideraveis espalhados pela costa do continente, dependentes do governador militar de Peniche. Desde esta peninsula segue o litoral com alguma inclinação para S. O. até ao cabo da *Rocca*, o qual dahi dista umas 11 leg. Nesse espaço ha alguns portos, por exemplo, o de *Maceira*, 2 leg. ao S. de Peniche, o da *Ericeira*, 1 leg. a O. de Mafra, &c., porém só frequentados por barcos de pesca. Em toda ella tambem se encontrão diversas atalaias e fortins, taes como os da *Ericeira*, *Mon-*

gota, *Rocca*, *Guincho*, *S. Jorge*, *Senhora da Guia*, &c.: este ultimo tem um pharol. Tanto estes como os acima citados ao S. de Peniche dependem do governador militar de *Cascaes*; o intuito da sua edificação, nos seculos passados, foi o de defender os povos comarcãos das incursões barbarescas e normandas.

O cabo da *Rocca* é o ponto mais occidental da Europa continental e da sèrra de *Cintra*, o qual se acha distante de Lisboa pouco mais de 4 leg. ao N. O. Apenas se monta este promontorio, segue a costa ao S. E. por espaço de 1-1/2 leg., e, dando volta a outro pequeno cabo, depara-se logo com a villa de *Cascaes*, consideravelmente fortificada; della dependem mais meia duzia de fortes que se avizinhão ao promontorio e ao rio Tejo. Desde esta praça até á fortaleza de *S. Julião*, a qual defende a barra de Lisboa, forma-se uma enseada de 2 leg. de extensão com 18 a 20 braças de fundo, e logo depois um grande espraiado, cujo centro occupa n'uma restinga de pedra uma bateria com fosso e 8 peças, chamada *Santo Antonio*. — *S. Julião* denominado da *Barra*, por dominar a do Tejo, está fundado sobre uma ponta ou recife de pedra viva, a qual se adianta pelo mar e estreita bastante o canal. Para sua melhor descripção, bem como do forte do *Bugio*, consulte-se o artigo *Oeiras*. A entrada pelo meio destes dous fortes é dividida em dous canaes por um baixo a que chamão *Cachopos*: ao 1.° se chama *Barra Pequena*; ao do S., que é o mais seguro por ter 9 braças de fundo e 500 de larg., *Carreira d'Alcaçova*. Ha finalmente entre o *Bugio* e a *Trafaria* outro canal, menos fundo e estreito, só frequentado por barcos de pescadores e caboteiros. Correndo rio acima pouco mais de 2 leg., começa a famosa cidade de *Lisboa*, para cujo conhecimento se póde consultar o seu artigo neste Dicc. O Tejo, desde essas duas atalaias que lhe guardão a entrada, é guarnecido, em ambas as suas margens até

ao coração de Lisboa, de immensos fortes, reductos, baluartes, &c.; nota-se principalmente a veneranda *Torre de Belem*, obra d'El-Rei D. Manoel, que cruza os seus fogos com a *Torre Velha*, na margem opposta. Se todas as suas immensas fortificações estivessem bem guarnecidas e manejadas as suas 1,000 boccas de fogo, a foz do Tejo nunca poderia ser forçada sem metter a pique immensas embarcações.

Desde a ponta da Trafaria, que é a mais meridional do rio, segue a costa pelo espaço de 5 leg. até ao cabo de *Espichel*, outr'ora *Promontorio Barbarico*, quasi sempre com bravio e encapellado litoral. Junto ao cabo ha um sanctuario de grande romagem, para o que tem um forte e vasto edificio, e n'uma das pontas um pharol. Desde o cabo até ao rio de Setubal, volta a costa para N. E. pelo espaço de 4 leg., no meio das quaes se acha o portinho de *Cezimbra*, defendido por um forte composto de 2 baluartes unidos por uma cortina. A pov. está sit. n'um barranco rodeado de montes; pela maior parte é composta de pescadores e dominada por um antigo castello no qual está a sua matriz. Antes de se chegar a Cezimbra indo do cabo, encontra-se outro forte chamado do *Cavallo*; e seguindo a costa, que ahi é muito ingreme, a 1-1/2 leg. ha o pequeno surgidouro da *Arrabida*, defendido por outro fortim do mesmo nome. Mais adiante 1/2 leg. está a famosa *Torre de Outão*, sit. n'uma ponta da margem direita do rio *Sado*, o qual forma o porto de Setubal. Esta torre defende perfeitamente a entrada da sua barra, porém é dominada por um elevado monte que se prolonga até á villa de Setubal, 1 leg. mais para o centro: entre ella e Outão ha mais 2 fortes, o da *Ajuda* e de *Albarquel*. No arrabalde occidental da mesma, campêa n'uma altura o castello de S. Philippe, fundado por Philippe III. É obra muito regular, porém dominada

pelo lado da terra, e para o mar pouco damno póde fazer ás embarcações, por se achar afastado e alto.

As fortificações de Setubal ficárão desmanteladas pelo terremoto de 1755: o seu porto é excellente, tem mais de 2 leg. de compr. e 1/2 de larg., 5 braças de fundo de arêa na preamar e 2-1/3 na baixamar; com pratico portanto é accessivel a vasos de todo o lote, bem que a sua entrada tenha bancos. Da sua ponta fronteira corre a costa para o S. por espaço de 10 leg. até á abertura que communica a lagôa de *Pera* ou de *S. Tiago de Cacem* com o Oceano, muito abundante de peixe e caça. (Veja-se *S. Tiago de Cacem.*) Toda esta costa é um continuo areal, e o terreno superior uma planicie cuberta de estevaes, tojo e carqueja, na qual apenas se depara com a pov. de *Melides.* Desde a dita sangradura, dirige-se o terreno mais para S. O. por espaço de 3 a 4 leg. até á ponta da *Perceveira*, por trás da qual está sit. *Sines*, n'uma costa mui bravia, com um portinho de pouco fundo, defendido por uma bateria de 12 peças e outro pequeno reducto. Pouco ao S., há outro fortim chamado de *Santa Catharina*, com 4 canhões fóra de serviço. Na mesma costa e 1 leg. ao S. de Sines se acha a ilha do *Pecegueiro*, na qual existem vestigios de antigas fortificações. Entre ella e a terra o fundeadouro é bom e defendido por um forte sit. na terra firme, bem construido, com 2 baluartes unidos por uma cortina e fosso. Seguindo mais para o S. 2 leg., se encontra a espaçosa bahia de *Odemira* ou do rio *Mira* que baixa das planicies do distr. maritimo de Beja, e é navegavel 5 leg. até á villa do mesmo nome. Deixando o pequeno porto de *Serdão* n'uma enseada, a meio caminho, chega-se finalmente, na distancia de 6 leg. do Odemira, ao rio *Odesseixe*, *Seixe* ou *Seixes*, que divide o Alemtejo do Algarve, e, bem que estreito, só se póde passar por barco, pela sua profundidade. Da sua foz á do *Algesur*

ha 1 leg., e outra á do *Carrapateira*, em frente do qual se acha a ilhota d'*Arrifana*, formando um canal com 14 a 15 braças de fundo. Segue então a costa bastantemente escabrosa e bravia para S. O. na distancia de 4-1/2 leg. até ao cabo de *S. Vicente*, em cujo extremo se conserva ainda um arruinado forte com fosso por parte de terra, e pela do mar é cortado a prumo.

Na parte do S. deste cabo, ao qual os antigos chamavão *Sacrum Promontorium*, ha um farilhão muito immediato á terra; daqui até á praça de *Sagres*, que dista 1 leg., rodeia a costa para o S., e ainda que não seja de facil desembarque, acha-se defendida por um forte chamado *Boliche*. Esta praça está sit. n'uma peninsula de rocha viva, escarpada em todo o seu recinto, menos pela garganta ou isthmo, que é defendido por 2 baluartes unidos por uma cortina e revelim; as suas baterias podem montar 50 boccas de fogo. Foi neste sitio desabrido e quasi incommunicavel com o resto do mundo, menos com o Oceano, que o sabio infante D. Henrique estabeleceu a sua celebre academia nautica. (Veja-se *Sagres*.) Daqui segue o litoral para O. com algumas sinuosidades até á ponta da *Piedade*, a 5 leg., e nas desembocaduras de alguns riachos que dimanão das alturas da serra de Monchique se encontrão os fortes de *Balieira*, *Figueira*, *Almadra* ou *Almadena*, *Senhora da Luz*, e as baterias de *Borgau*, *Porto de Moz* e *Piedade*. Desde esta ponta até á de *João de Ourem*, que distará 2 leg., se abre a grande bahia de *Lagos*, na qual desembocão 2 riachos. É esta a segunda cidade e por ventura a mais consideravel do Algarve, e ainda que se ache edificada em dous barrancos que descem dos montes que a dominão, é defendida com 9 baluartes do lado de terra, os quaes dominão as cercanias, e 5 reductos no lado maritimo. Na sua bahia podem fundear numerosas esquadras em sonda de 7 a 8

braças, e além das fortificações de terra, é defendida tambem pelo *Castello-Pinhão*, *Bandeira* e outro forte de 10 peças, á barbeta, quadrado, sit. na praia que conduz a *Alvor*, cuja villa nada tem de notavel, restando-l'e ainda um antigo castello meio arruinado. Pouco mais de 1 leg. a E. fica *Villa Nova de Portimão*, sit. em paiz bem plantado de vinhas, olivaes e figueiras, n'uma ria bastantemente abrigada com 14 ou 15 pés de fundo na preamar e 8 na baixamar. É defendida por 2 fortes, o de *Santa Catharina* e o de *S. João*.

Daqui segue a costa até o cabo *Carvoeiro* ao S. E. por 1-1/2 leg., deixando á esquerda as pequenas pov. de *Ferragudo* e da *Encarnação*. Na ponta do cabo ha um fortim do mesmo nome, e outro com o de *Rocha*, e, seguindo para E., se acha a 2 leg. de distancia o forte de *Pera*, assim chamado por defender o areal da pov. do mesmo nome. A esta se segue a de *Albufeira*, quasi 1 leg. no mesmo rumo, dominada por um castello antigo que a defende e á sua enseada, onde arribão os barcos fruteiros da costa. Em seguimento da mesma se vão encontrando os fortes de *Perchel*, *Vallongo* e *Quarteira*, na distancia de 6 leg. até chegar a *Faro*, capital da provincia. (Veja-se o seu artigo.) No seu porto podem entrar navios de mediano porte, bem que seja de perigosa barra. Defendem-o a fortaleza de *S. Lourenço*, e da parte de terra os fortes de *Loulé* e de *Alfarrovilhas*. Ao S. fica a importante villa de *Olhão*, cujos hab. passão pelos melhores maritimos do reino. Percorrendo mais 5 leg., toma a costa uma direcção mais a N. E., e se encontra *Tavira* sit. sobre o riacho *Seca* ou *Sequa*, que a divide em duas partes, e cuja entrada se acha igualmente obstruida como a de Faro, com 3 ilhotas de arêa. É cercada de uma fortificação antiga que se está quasi desmoronando, bem como o seu castello. Os seus contornos são cobertos de olivaes, vinhas e amendoeiras,

e sobre o rio tem uma boa ponte de 7 arcos que a une com o arrabalde, desde o qual segue o litoral a E. N. E., por espaço de umas 4 leg., até á barra do *Guadiana.*

Ao sahir da barra de Tavira, a qual tem 5 braças de fundo na preamar, encontrão-se 2 castellos que a defendem, e 2 leg. mais adiante está a villa de *Cacella* na beiramar, com mais 2, um do seu nome e outro chamado *Torre-Velha.* Em frente do Guadiana ha a ilhota denominada *Canellas,* cortada de varios esteiros, entre as duas margens do rio, porém quasi toda do lado da Hespanha a quem pertence. Subindo-se este rio, encontra-se na margem direita a pov. de *Villa Real de Santo Antonio (veja-se)*, estabelecida pelo marquez de Pombal, tomando por pretexto reunir nella os numerosos pescadores ambulantes das cercanias e formar um estabelecimento capaz de supprir com a sua industria os productos das pescarias hespanholas; sabe-se porém hoje que o projecto do marquez não era só esse, mas sim assegurar-se tambem, em caso de rompimento, da bocca do Guadiana, impedir a navegação vizinha e assenhorear-se dos seus caboteiros e pescadores que frequentavão o dito rio: nesse intuito, tinha já mandado levantar 4 baterias, sufficientes para o caso, e os Hespanhóes, em opposição a ellas, edificárão uma insignificante atalaia na ilha acima dita, chamada *Torre Canella.*

Castro-Marim, sit. em frente da praça hespanhola d'*Ayamonte,* a menos de 1 milha, tem 2 antigos castellos collocados n'uma elevação, unidos com 2 cortinas e 1 revelim e dominando a villa e arredores. A 5 leg. desta antiga pov., Guadiana acima, está a villa de Alcoutim, a qual, por algumas desmanteladas fortificações que tem, ainda conserva o titulo de praça; é porém dominada pela de *S. Lucar* no lado hespanhol. Quasi 2 leg. ao N. entra na esquerda do Guadiana o rio *Chança,* e 1 mais acima da sua foz

entra na direita o *Vascão*, que separa o Algarve do Alemtejo. Arredado deste quasi 3 leg. para N. O. está sit. a villa de *Mertola*, tambem na direita do Guadiana, e cortada pelo riacho *Oeiras*. Entre o Guadiana e a foz do *Chança*, começa a demarcação do territorio portuguez, que se estende ao Nascente do 1.° rio e segue para N. com a distancia de 21 leg. até á foz do rio *Frogamandes*, contando as sinuosidades do Guadiana e finalisando no termo da villa de *Olivença*. (*Veja-se.*) A sua largura media póde regular 5 leg., ainda que chegue a attingir 8 desde o extremo do termo de Ficalho até o de Serpa. Este terreno acha-se pois encravado entre o Guadiana e a Hespanha, e as praças que nelle possue a corôa portugueza lhe servem de defesa e facilitão as suas incursões sobre o territorio opposto, que por esse lado é muito indefeso. Ficárão pertencendo a Portugal estas terras *transguadianas*, desde o anno de 1297 pelo tratado de Alcaniças que fez El-Rei D. Diniz de Portugal com D. Fernando IV de Castella. A primeira destas praças é a villa de *Serpa*, sit. 1 leg. á esquerda do Guadiana, rodeada de muros antigos, com um castello e alguns baluartes modernos. Rio acima 3-1/2 leg., está *Moura*, villa sit. perto do *Ardila*, que corre da Hespanha; dista 3/4 de leg. do Guadiana. Teve um castello muito defensivel que os Hespanhóes arruinárão no principio do seculo passado; conserva de obra moderna 5 baluartes, 3 meios e 5 revelins. Pouco mais de 7 leg. a E., na raia e junto aos rios Ardila e Murtiga, em alta serra, está a pov. e castello de *Noudar*. Subindo o Guadiana, encontra-se a 6 leg. de Moura a praça de *Mourão*, distante do mesmo rio quasi 1 leg. a E., com antigo castello, rodeada de muros cahindo em ruinas e algumas fortificações modernas. Quasi em frente do lado opposto acha-se sit. *Monsaraz* n'uma altura, cingida de muros antigos e alguns baluartes

á moderna. Ao N. de Mourão 2 leg., segue a raia de Hespanha de E. a O., servindo-lhe de limites os riachos *Taliga* e *Frogamandes*, deixando comprehendida *Olivença* no territorio do reino vizinho, a quem pertence desde 1801. (Veja-se este art. no *Dicc.*)

Jerumenha acha-se collocada n'uma altura do lado opposto do rio; é praça d'armas com pouca pov.; tem 1 antigo castello fortificado com muitas torres e 2 reductos modernos. A 3 leg. N. E. de Jerumenha separa o rio *Caia* o territorio portuguez da demarcação natural do Guadiana, sendo *Elvas* a sua primeira praça fronteira, donde dista 1-1/2 leg. e 3 de Badajoz. É sem contradicção a principal praça d'armas do reino. (Consulte-se o seu art. neste *Dicc.*) Do lado do N. destas duas cidades a quasi 3 leg., e com ellas formando um perfeito triangulo, está sit. *Campo-Maior*, separada da Estremadura hespanhola pelo rio *Xevora* ou *Gevora*, que entra no Guadiana em frente de Badajoz. É tambem uma das melhores praças do reino e fortificada com 4 baluartes, 5 meios e 6 revelins, com bom castello, o qual, posto soffresse grande estrago pela explosão que houve em 1732, por lhe cahir um raio no paiol da polvora, acha-se reparado, e o mesmo se praticou logo com as demais fortificações: contém perto de 5,000 hab. Seguindo o rio Xevora 1 leg. ao N. está *Ouguella*, pouco consideravel; por aqui passa a demarcação dos dous reinos em direcção ao N. até ás cabeceiras do rio *Sever*, que vai desaguar no Tejo. *Arronches*, que fica 5 leg. a O. de Ouguella e 2-1/2 da raia, sit. na confluencia do Caia e Alegrete, é villa muito antiga, com algumas fortificações e 1 castello em excellente posição; e *Alegrete*, que lhe fica 2 leg. ao N. e outras tantas a S. E. de Portalegre, contém outro castello arruinado e pouco mais de 1,000 hab. *Portalegre* é cidade consideravel e capital de distr.; foi fortificada á antiga com torres,

ameias, &c.; porém a sua situação na falda de uma serra a fará sempre pouco defensivel. *Marvão*, sit. 2-1/2 leg. a N. E. e 1/2 da raia, e em frente da pov. hespanhola *Valencia de Alcantara*, é praça forte sit. no cume de uma asperrima serra que tem quasi 1 leg. de subida. Rodeião-a pelo lado de Portugal uns penhascos escarpados sobre os quaes tem 1 castello, ameias e esplanada, e como o seu recinto seja cortado quasi perpendicularmente, só pelo lado de E. é accessivel por uma ingreme calçada mui sinuosa. A pouco mais de 1 leg. a N. O. de Marvão acha-se *Castello de Vide*, com a citadella de *S. Roque* e cercada de forte muralha em excellente posição militar para defender a raia; domina-a porém uma altura a pouca distancia. Contém 5,500 hab.

Por este lado finalisa a prov. do Alemtejo 5 leg. mais ao N., na confluencia do rio Sever com o Tejo, perto da villa de Montalvão. A prov. da Beira começa ao N. deste mesmo rio, porém adianta-se mais 6-1/2 leg. para E. da confluencia do Sever até o termo da villa de *Rosmaninhal*, separada do territorio hespanhol pelo rio *Elgas*; as suas fortificações consistem em pouco mais do que as que lhe fornece a sua posição entre os 2 rios. Seguindo a raia na margem direita do Elgas, encontra-se 1-1/2 leg. ao N. de Rosmaninhal, a pequena praça de *Segura*: dahi a igual distancia está *Salvaterra da Beira* ou do *Extremo*, com algumas obras militares de defesa; *Penha-Garcia*, 2 leg. ao N., sit. n'um penhasco, com castello; e para o centro quasi 2 leg., *Idanha a Velha* com antigas muralhas; *Monsanto*, com antigo castello, afastado 1 leg. da raia, sit. n'um monte das mais raras asperezas e altura que ha em toda a peninsula, e despenhando-se de todos os lados por mais de 1/2 leg. (Veja-se o seu art. no *Dicc.*); *Penamacor*, 1 leg a N. E. junto ao Elgas: tanto a villa como o castello achão-se tambem sit. em eminente penhasco.

lfaiates, 3-1/2 leg. a N., sit. junto de uma das cabeceiras do rio *Coa* e a 1/2 leg. da raia, é bem murada e acastellada: pouco mais de 1 leg. para o centro está a villa de *Sabugal*, tambem acastellada, e em seguida *Villar Maior*, *Castello Mendo*, *Almendra*, *Pinhel*, *Castello Bom*, &c., que pouca importancia militar merecem, o que nos prova o nenhum cuidado que tem tido o governo vizinho em fortificar-lhes as praças fronteiras.

Almeida é a segunda praça militar do reino, e se acha sit. na margem direita do rio *Coa*. A villa em si é de pouca consideração, pois apenas contém 1,700 hab., sem contar com a guarnição; porém as suas fortificações podem ser consideradas como iguaes ás das melhores praças de segunda ordem da Europa. Contém 6 baluartes e 6 revelins com outra fortificação de padrasto ou a cavalleiro que domina toda a cercania, bons fossos, caminho coberto, esplanadas, armazens á prova de bomba, muitas cisternas, &c. Está edificada n'uma campina raza que se descobre horizontalmente em grande distancia, e ainda que seja terra chan, della se avistão terrenos de 11 bispados, a saber: Lamego, Guarda, Coimbra, Viseu, Braga, Miranda, Porto, Castello-Branco; e na Hespanha, Ciudad Rodrigo, Placencia e Salamanca. (Veja-se o seu art. no *Dicc.*) O forte da *Conceição*, sit. 1-1/2 leg. a E. sobre a direita do rio Tourões, é considerado como a obra mais perfeita desta fronteira. *Castello Rodrigo* é a ultima praça septentrional da Beira, 2 leg. ao S. do Douro e do Agueda, o qual serve de linha divisoria entre os dous reinos; está sit. n'uma altura fortificada e amuralhada.

As praças de segunda força desta prov. são: *Castello-Branco*, sit. 4 leg. ao N. do Tejo e 8 a O. da raia, cercada de muros flanqueados de 7 torres e um alto castello de antiga edificação; acha-se n'uma excellente posição militar, não tem porém artilharia, e os seus

muros são aportilhados. *Guarda*, cidade distante 6 leg. a O. da fronteira e outras tantas ao S. O. de Almeida, está rodeada de uma fortificação antiga flanqueada de torres. A sua situação elevada na serra da Estrella, cheia de quebradas, valles e barrancos, e superior ás pov. comarcans; o seu clima frio, mas saudavel, a abundancia de aguas e de mantimentos, a tornão uma das mais interessantes terras para della se fazer a principal praça d'armas da prov. No seu mais alto sitio tem um antigo castello. Veja-se o seu artigo neste Dicc.

Ao N. e E. do Douro começa a prov. de Trás-os-Montes; ainda que, segundo a opinião de muitos que a conhecem bem, deva esta prov. ser considerada como nulla para operações militares, citaremos não obstante as praças que contém. *Miranda* é a primeira, sit. sobre o Douro, com muros altos e fortes, castello antigo e fossos, plata-fórma, artilharia grossa, &c., e outro forte contiguo, defensivel por natureza. Apezar de tudo isto, porém, é esta praça dominada, e por esse motivo incapaz de longa defesa. Subindo o rio 2 leg. a N. O., começa a raia secca, na qual, em distancia de 6 leg., se acha *Outeiro*; ainda que hoje lugar de pouca consideração, é um dos pontos mais importantes da fronteira. *Bragança*, na mesma direcção, a 3 leg. d'Outeiro e 2 da raia, sit. em espaçosa planicie, é rodeada de antigos muros com 5 baluartes, e dentro tem um castello com torres e 2 redentes, e no monte do *Carrascal* vizinho outro forte em fórma de quadrilongo. Pouco ao N., em direcção á Galliza, corre a alta serra de Padornelo, estendendo os seus ramos em ambos os paizes; as suas escabrosidades e os profundos barrancos que formão os rios *Fervença*, *Tua*, *Tuela*, *Rabaça*, *Ragua* e *Tamega*, constituem a principal defesa da fronteira; por isso entre as 11 leg. que medeião de Bragança a *Monforte de Rio Livre* não ha fortificação alguma. O castello

de *Chaves* está sit. a alguma distancia da villa deste nome, n'uma eminencia, rodeado de antigas muralhas romanas. Pelo contrario, a pov. jaz no valle ou chapada da mesma denominação, na margem direita do Tamega, tendo do lado opposto um arrabalde fortificado e uma ponte de 16 arcos, obra dos Romanos, e a 2 leg. ao S. da fronteira. A villa contém 4,800 hab., e é cercada de antigas muralhas com 3 baluartes e 2 meios ditos construidos á moderna; e na estrada para o N., na distancia de umas 250 braças, se acha o forte de *S. Neutel*, sit. n'um padrasto que domina a praça, e fórma um quadrilongo fortificado com 4 baluartes. Todavia a principal defesa de Chaves consiste na insalubridade do paiz adjacente e do vizinho valle de Monterez na Galliza. Dahi continúa uma cadêa de montes que serve de defesa a ambas as raias, e a 5 leg. a O. está a praça de Montalegre, a 1 leg. da Galliza, com castello antigo de pouca importancia. Na distancia de mais 1-1/2 leg. para O. começa a raia da prov. de Entre-Douro e Minho n'uma fragosa e alta serra chamada ao principio *Gerez*, e á proporção que se approxima do Douro, *Marão*. Nas suas ramificações e varzeas existem alguns antigos castellos, como o de *Lanhoso*, o de *Nobrega*, o de *Lindoso*, o de *Castro Laboreiro*, que tem por opposto o de *Lobeira* e outros insignificantes.

Na extremidade septentrional do reino, em lat. 42° 6', está *Melgaço* sobre o Minho com 1 castello, 3 meios baluartes e outras obras irregulares acommodadas á natureza do terreno penhascoso. Na mesma margem esquerda, 3 leg. mais a S. O., se acha *Monção*, tambem praça forte por natureza, bem murada e acastellada, fronteira á praça hespanhola de *Salvaterra*. Perto de 2 leg. seguindo a mesma corrente, está *Valença do Minho*, que é a terceira praça forte do reino. Consta de 7 baluartes com outros 3 interiores a cavalleiro, 3 revelins e uma

tenalha com falsa braga, e n'um outeiro vizinho que a domina mais 3 baluartes, 2 meios e 2 revelins. A sua posição é muito importante, e fica a tiro de bala de fusil da fronteira cidade de *Tuy*. Continuando a descer o Minho, se encontra a pouco mais de 2 leg. a pequena praça de *Villa Nova da Cerveira;* é bem murada, com baluartes, castello e o forte de S. Francisco em fórma de pentagono; tem fronteira a pov. hespanhola de *Goyão*. Finalmente pouco mais de 2 leg. abaixo e perto da esquerda do rio Coura a 1/2 leg. do Oceano, está a pequena praça de *Caminha*, rodeada de 3 recintos fortificados á moderna, que a tornarião bem defensivel se não fosse dominada por um monte em cuja falda corre o caudaloso Minho; na sua frente tem elle mais de 1/2 leg. de larg.

Fronteira, villa e freg. do Alemtejo, no distr. de Portalegre, 9 leg. ao N. d'Evora e 4 d'Estremoz, sit. perto do rio Zatas ou Ervedal em sitio alto, porém mui plano, com um castello e restos de antigos muros. Abunda o seu termo em todas as producções do Alemtejo, e em peixe do rio, no qual tem uma bella ponte. Foi fundada pelos cavalleiros de Aviz no lugar que se chama ainda hoje *Villa Velha*, onde havia uma forte atalaia contra os Mouros. D. Diniz a mudou para o sitio onde hoje se acha e destruio a antiga pov. Contém 2,000 hab.

Funchal, cidade. Veja-se *Madeira*.

Fundão, villa da Beira-Baixa no distr. de Castello-Branco, donde dista 6 leg. para o N., outras tantas ao S. da Guarda e 3 ao S. E. da Covilhãa: contém 2,110 hab., e o seu conc. 15,826. Está sit. perto do Zezere, n'uma deliciosa posição, rodeada de pomares, vinhas e bosques de castanheiros. A sua temperatura é frigida.

Fuzeta, pov. do Algarve no conc. de Tavira: 1,000 h.

G

Gaia ou **Gaya** (Villa Nova de), villa e freg. do distr. do Porto, do qual a separa o Douro, onde tem uma bellissima ponte de suspensão completada em 1843. Servem os immensos armazens desta villa de deposito aos vinhos de embarque do Alto Douro, dos quaes póde conter 90,000 pipas. Dos sitios mais elevados de Villa Nova se goza um formoso panorama do lado da cidade e seus arrabaldes. Durante o cerco dos miguelistas em 1832 e 1833, muito soffreu esta povoação do lado de ambos os partidos, e a galharda defesa do seu convento da *Serra do Pillar* por um punhado de liberaes fará época nos gloriosos annaes da nação, bem como ao partido contrario imprimirá execrando e vandalico stigma a atroz medida de incendiar os armazens da villa na sua retirada della, entregando ás chammas 15,000 a 16,000 pipas de vinho generoso e de aguardente, perdendo-se assim em poucas horas o valor de mais de 5 milhões de cruzados!

Esta villa, que contém 5,390 hab., chamava-se, segundo alguns autores, *Porto-Gallo* (francez), e fôra onde desembarcára e se estabelecêra o conde D. Henrique com seus companheiros; segundo outros, existíra na foz do Douro uma aldêa chamada *Cale*, e hoje *Gaia*, em frente da qual se edificou uma cidade, servindo-lhe *Cale* de suburbio, donde se originaria *Porto Cale*, e por corrupção Portugal, nome que genericamente se começou a dar ao primitivo condado que abrangia as terras entre os rios Minho e Douro. O mais antigo titulo onde vem mencionado o nome de Portugal é de 1069. Por julgarmos interessante

a etymologia deste vocabulo, com o qual se ficou appellidando todo o paiz que d'antes se chamava *Lusitania*, accrescentaremos mais algumas annotações extrahidas da *Illustração*, jornal publicado em Lisboa. « A origem desta povoação ou castello, perde-se na noite dos tempos; existíra já antes do dominio romano, e no Itinerario do imperador Antonino vem mencionada com o nome de *Cale*, termo que em linguagem visigoda significava *altura*, o que não é desaccordado, pois estava situada no mais alto da margem do Douro. Pelo tempo adiante, isto é, no 5.° ou 6.° seculo, fundou-se a povoação do *Porto*, de cujo nome e do de *Cale* se compôz o de Portugal.

Nesta etymologia do nome do reino concordão quasi todos os historiadores, porquanto á povoação *Cale* chamárão os Romanos, por ficar vizinha da barra do Douro, *Portus-Cale*. Esta denominação porém ainda se alterou em *Gaia* na parte meridional do rio, e *Porto* chamou-se á cidade da margem fronteira. Em consequencia da importancia geographica deste castello ou pov., foi a sua posse durante seculos materia de renhidos combates entre Christãos e Mouros. Em tempos posteriores, foi uma das mais importantes fortalezas que sustentárão o partido do infante D. Affonso, filho de D. Diniz; nas guerras que se seguirão á morte de D. Fernando e elevação de D. João I, teve o castello de Gaia uma bem triste celebridade, e após ella a sua anniquilação, com a qual acabou para sempre, deixando apenas o seu nome no morro elevadissimo que domina o alto de Gaia, designado com o antigo nome de castello. Eis como relata esse dramatico desfecho o chronista Fernam Lopes:

« Depois que por diligencias e grandes partidos que se offerecêrão pelo concelho do Porto ao conde D. Gonçalo Tello, irmão da Rainha D. Leonor Telles, se ganhou este para a causa do mestre de Aviz, com Coimbra e

outras terras que este fidalgo senhoreava, partio elle para a cidade fronteira, onde recebeu grandes indemnisações, deixando no castello de Gaia por governador outro fidalgo chamado Ayres Gonçalves de Figueiredo, o qual tambem, indo-se incorporar com as forças do mestre de Aviz, deixou a fortaleza encommendada a sua mulher, a qual, vendo-se com o poder na mão, entrou a exigir e a extorquir toda a casta de vitualhas dos vizinhos e habitantes do aro daquelle districto, mandando por seus escudeiros tomar-lhes generos, gados, roupas e até dinheiro, a titulo de municiar o castello contra Castelhanos. Estas repetidas extorsões exasperárão o animo de seus briosos moradores, cujos clamores chegárão aos ouvidos dos seus vizinhos fronteiros do Porto. Uns e outros, por um daquelles accordos rapidos que por vezes temos visto excitar a paciencia dos povos, se forão uma madrugada ao castello de Gaia com tal valentia e dedicação, que, apoderando-se de todo elle, o demolirão inteiramente d'alto a baixo, reduzindo-o a um montão confuso de pedras soltas. Ou a razão ou a politica dissimulou o arrojo; ninguem mais fallou no successo, e o castello pereceu ali. »

Galveias, villa do distr. de Portalegre, 10 leg. ao N. de Evora perto da esquerda do Sor: 1,100 hab.

Gandara. Entre as povoações deste nome notão-se: 1.ª, no conc. de Valença do Minho, com 950 hab.; 2.ª, no de Ponte do Lima, 628; 3.ª, no de Oliveira d'Azemeis, 1,200; e 4.ª, no de Penafiel, a 3 leg. do Porto, 1,035.

Ganfei, pov. do conc. de Valença, contém 1,750 hab.

Gavião, villa e freg. da Beira-Baixa, no distr. de Castello-Branco, pouco ao S. do Tejo: 1,234 hab.

Gaviara ou **Gavieira**, notavel serrania, ramo da do *Marão*, na prov. do Minho, conc. de Soajo: o seu mais

alto pincaro tem, segundo Balbi, perto de 7,380 pés acima do nivel do mar. É sujeita aos dous extremos: no verão, o calor é excessivo por ser desabrida, e no inverno, faz-se nella sentir descommunal frio, e conserva neve por 7 ou 8 mezes no anno.

Gaya, veja-se *Gaia.*

S. Gens, pov. do conc. de Guimarães, a 5 leg. de Braga, 1,260 hab. Ha outra no conc. de Montemor o Novo, a 5 leg. d'Evora. Ambas estas povoações ficão contiguas a duas serras do mesmo nome: a 1.ª começa pouco distante de Braga, e ao pé se acha o notavel extincto mosteiro benedictino de Tibães, não longe da villa do mesmo nome; a 2.ª serra de *S. Gens*, está sit. no Alemtejo, e é uma ramificação da de Ossa.

Geraz do Lima, conc. de 1,688 hab., perto de Ponte do Lima. Ha outro *Geraz*, a 2 leg. de Braga, com 600 hab.; outro, a 4 leg. da mesma com 800, e outro, a 5 leg. da mesma com 400.

Gerez, alta serrania, ramo da do Marão, sit. ao N. E. da prov. do Minho, a qual divide de Trás-os-Montes. O seu mais alto cume, segundo Balbi, attinge 7,318 pés acima do mar. É geralmente tão fragosa e selvatica, que se torna quasi intransitavel. Em diversos lugares della ha caldas sulphureas mui proveitosas para frouxidão de nervos, principalmente as da freguezia de Santa Anna de Villar da Veiga, conhecidas ha mais de tres seculos. Contém rebanhos de cabras montezes, de cuja carne fazem uso os habitantes, assemelhando-se á do veado; aguias de colossal estatura, cujos filhotes vão nas suas escarpas roubar aos ninhos homens amarrados pela cintura ou mettidos em cestos: produz tambem arvores mui corpulentas e de genero estranho, e que não perdem a folha em estação alguma do anno. O decantado galeão *Santa Theresa*, que acabou abrasado na batalha naval junto ás

Dunas, entre os Hespanhóes e os Hollandezes, foi fabricado com madeira destas arvores. Admirado da fortaleza desta madeira, que cuspia para fóra as balas dos inimigos, escreveu o seu commandante a Philippe IV « que as montanhas do Gerez devião ter-se em grande estimação, pois produzião madeirame mais rijo e precioso que Campeche, Brasil, India, &c. »

Goa ou Estados da India Portugueza. Esta provincia, outr'ora poderoso vice-reinado, compõe-se hoje do territorio das *velhas* e *novas Conquistas*. Debaixo do nome de antigas, designa-se a comarca de Goa propriamente dita, as provincias de Salsete e de Bardez. A comarca de Goa se compõe de 12 ilhas, e se divide em 38 povoações, das quaes Pangim é a capital; Salsete contém 64, sendo a sua capital Margão, e Bardez encerra 40, com Mapuçá por capital.

As *novas Conquistas* comprehendem 10 provincias com 281 aldêas e uma *jurisdicção*, a saber: Pondá, Canacona, Bicholim, Satary, Pernem, Astragar, Bally, Embarbaxem, Chondrarady e Cacorá; finalmente a *jurisdicção* é designada com o nome de Cabo de Rama. Todos estes territorios estendem-se umas 23 leg. desde a fortaleza de *Tiracol* ao Norte até além do cabo da *Rama* ao Sul, e umas 18 desde a costa occidental do Indostão até ás serranias dos *Gates*, confinando com as possessões britannicas, e com a costa do Malabar, afóra Damão e Diu em separada posição. A seguinte estatistica é extrahida do acreditado Almanak de Gotha, do anno de 1849, a pag. 550:

	Superficie em leg. de 20 ao grão.	Parochias.	Fogos.	Habitantes.
Ilha de Goa.	48	34	9,450	48,236
Salsete	104	25	19,899	94,838
Bardez	72	26	22,394	90,010
Novas conquistas	117	10	20,431	110,968
Dependencias de Goa. . . .	....	3	70	875
Cidades de Damão e Diu. . .	10	2		36,803
	351	100	72,244	381,720

Os habitantes das *velhas conquistas*, os quaes se denominão *Canarins*, são todos christãos, exceptuando duas quintas partes que são mahometanos, gentios e judeos. A ilha de *Tissuari*, em que está Goa, é a principal do grupo que constitue a sua comarca, e fórma com o continente dous grandes portos capazes de receberem náos de linha. O do N. entre a ilha e o territorio do Bardez tem á entrada da barra a fortaleza da *Aguada*; o do S., formado pelo territorio de Salsete, tem o forte de *Mormugão*. *Goa*, tomada ao Hidalcão em 1510 pelo grande D. Affonso d'Albuquerque, está em 15 gráos e meio de latitude N., e acha-se sit. na parte N. da ilha, a qual tem 3 leg. de comprido, 1 de largo e dista 2 do mar. Nella fundárão os Portuguezes, logo depois de tomada, a primeira cidade, hoje denominada *Goa-Velha*. Molestias contagiosas os obrigárão depois a fundar n'outro sitio mais benigno a *Goa-Nova*, a qual, outr'ora emporio da riqueza e commercio da Asia, começou a decahir pela perseguição que a inquisição exercêra contra os Judeos, seus mais ricos capitalistas; e tornando-se depois insalubre pelos miasmas das proximas pateiras, começou a ser desamparada pelos seus habitadores, e até pelas repartições publicas, que todas se mudárão para *Pangim*, que agora é a capital, e por isso tambem chamada *Goa-Novissima*. Na antiga cidade apenas residem algumas freiras, os forçados das galés e mendigos. São notaveis na sua deserta agglomeração de edificios, meia duzia de gigantescos conventos, um dos quaes, o de S. Domingos, era o paço da inquisição; a admiravel Sé primaz da India, o magnifico templo do Bom Jesus, onde está o sumptuoso mausoleo de prata de S. Francisco Xavier; um grandioso hospital, o vasto arsenal da marinha e outros muitos edificios em ruinas que advertem com pungente magoa ao viandante a magnificencia e riqueza que em tempos mais felizes ahi residirão!

Pangim, como fica dito, é a capital da provincia, residencia do arcebispo, o qual toma o titulo de primaz do Oriente e tem numeroso cabido; do governador geral e da Relação. Está sit. no mesmo lado da ilha, porém mais proxima do mar, edificada com bastante regularidade: entre ella e a antiga cidade estão os bairros habitados de Ribandar e de Penelim, onde se acha o palacio do arcebispo. Tem-se ido aformoseando á custa de Goa-Nova, a ponto de ser hoje uma elegante e sadia cidade, por se terem aterrado os pantanos; possue bons edificios modernos, uma academia militar, algumas aulas publicas e particulares, ruas bem alinhadas e limpas, um vasto quartel e boa alfandega; a sua população junta com a da antiga capital não excede 16,000 hab. Entre Pangim e Ribandar ha uma ponte de cantaria de um quarto de legua de extensão, edificada no dominio dos intrusos Philippes. As demais ilhas do grupo são: *Piedade*, *Chorão*, *S. Estevão*, *Combarjua* e outras insignificantes.

A capital da provincia de Salsete é *Margão*, villa regular e florescente, que contém 10,000 a 12,000 hab., os quaes fabricão tecidos de algodão; a de Bardez é *Margão*; poderá conter 10,000, porém menos industria. As ilhas *Anchedivas* fazem parte desta provincia.

As *novas Conquistas* são as que accrescêrão ao Estado em 1763, e depois, por herança ou força d'armas: são continentaes e constão de 10 districtos. Nellas ha boas matas virgens, nas quaes se encontrão tigres, bufalos, javalis e cobras. A sua população anda por 125,000 hab., ainda que só notada no mappa em 110.958, pela maior parte brahmenes, gentios, mahometanos e mui poucos christãos. As ilhotas de Anchediva ou Angediva formão ao S. de Goa, na mesma costa de Malabar, um grupo com pequeno numero de habitantes indigenas; é nellas todavia

que se formou o primeiro estabelecimento portuguez na Asia pelos annos de 1499.

Damão, cidade sit. na costa do Decan, 70 leg. ao N. de Goa em lat. N. 21° assente nas margens do rio do mesmo nome, e quasi 2 gráos ao N. de Bombaim, tem um excellente porto com estaleiros onde se tem construido fragatas de primeira ordem para a marinha portugueza, com a melhor madeira que se conhece para a construcção naval, denominada *teca*, de que abundão os seus bosques. A cidade é pequena, cercada de muralha bem artilhada, com duas portas de ferro, bom cáes, commoda alfandega e palacio do governo. Encerra perto de 7,000, hab. em grande parte Canarins e Mascates, que fazem algum commercio com a costa oriental d'Africa e Goa. A sua alfandega chegou a ser rendosa quando no séu porto se embarcava grande porção de amphião para a China, commercio que os Inglezes tem inteiramente empolgado.

O seu territorio, que ao N. confina com o rio Coileque e ao S. com o Callem, acha-se encravado entre possessões inglezas e o mar indico; divide-se em 3 distr. que são: *Coloum-Paoary* ao N., *Nayer* ao S. e *Nagar-Avelly* a E. No primeiro está Damão, de quem acabamos de fallar, e foi tomada pelo vice-Rei D. Constantino de Bragança em 1559, e debalde atacada pelos Mogoles em 1639. Pouco arredado desta praça ha uma aldêa chamada *Damão-Grande*, habitada principalmente por gentio e mahometanos. Na margem opposta do rio se acha outro Damão por alcunha o *pequeno*, com uma fortaleza e habitada por Banianos, gentios que tem horror de comer carne e acreditão na metempsycose ou transmigração das almas. A população do distr. de Damão não é menor de 45,000 hab., ainda que no mappa acima citado só figurem 36,803.

O rio de Damão, bem que de consideravel curso, é

pouco navegavel, em razão do ingreme declive e força da corrente que lhe dão os montes Gates, onde tem sua nascença; é comtudo nelle que se achão fundados os celebres estaleiros acima mencionados: nas suas margens ha excellentes madeiras.

Diu, cidade sit. n'uma ilha que tem 3 leg. de comprido, na costa de Guzurate, possue um excellente porto para náos do maior lote. No continente, em frente da mesma, existe uma meia legua de terreno que lhe pertence, cercado com muralha, chamado *Praia de Gogolā.* Na ilha se acha a celebre praça tomada pelos Portuguezes em 1537 ao sultão Badur, o qual ahi foi morto, e tão valorosamente defendida em 1546. Foi nesta occasião que, faltando numerario para a prover de mantimentos e reparar as suas desmoronadas fortificações, e nada tendo que hypothecar o seu governador D. João de Castro, cortou elle uma das barbas, e sobre este penhor mandou pedir emprestados 20,000 pardáos (6,000 pesos) á camara da cidade de Goa, que lh'os remetteu.

A situação de *Diu*, entre a costa occidental da India, o golfo Persico e o Mar vermelho póde ser importante para o commercio, e effectivamente algum tem com estas paragens e com a costa africana.

A praça conserva ainda as suas grossas muralhas com baluartes e torre, formidaveis fortificações, artilharia de calibre grosso, uma enorme cisterna que póde conter mais de 30,000 pipas d'agua, e uma profunda cava e mina: tudo neste canto solitario recorda os feitos de valor e lealdade dos antigos Portuguezes, de que foi o theatro. Em consequencia da insalubridade da cidade, apenas nella reside a guarnição e pequeno numero de familias menos abastadas, e o resto dos habitantes, que chegão a 10,000, pela maior parte Baneanos e Mahometanos, vivem espalhados nas *hortas*, onde cultivão arroz, especiarias e

amphião, e fabricão estimadas toalhas adamascadas, cobertas arrendadas, lençaria de algodão chamada *canequim*, &c.

N'um dos cercos desta praça foi tomada pelo general Nuno da Cunha a celebre peça ou *canhão de Diu*, que se acha na Real fundição de Lisboa; tem 28 palmos de comprimento e atira balas de 110 libras de peso. Foi esta monstruosa bocca de fogo até o fim do seculo passado a de maior calibre e comprimento que na Europa se conheceu.

Eis aqui em resumo os dados estatistico-geographicos mais provaveis do que ainda resta a Portugal dos seus Estados da India. Quanto ás suas outras possessões na Oceania e na China veja-se o artigo *Macáu*.

O nome de *Goa* é tão pouco repetido hoje na Europa, e tão inesperada é a circumstancia que possa pôr em relação o historiador ou o publico com a antiga metropoli das Indias, que de bom grado lhe consagrámos estas linhas. Lisongeiros quizeramos ser na sua descripção e revesti-la das pomposas galas que a adornavão nos bons seculos da sua passada prosperidade; é porém o primeiro dever do historiador a verdade, além de que o seu estado de decadencia só póde imspirar magoa e não louvores. Na Geographia de Santa Anna Costa, impressa em Macáu em 1842, se vê ser o commercio da capital já tão limitado, que se lhe acontecesse o mesmo que nos paizes onde a principal riqueza provém das alfandegas, teria já o Estado succumbido ao peso de 1:878,506 xerafins (615,000 pesos hespanhóes) de despezas annuaes; todavia o rendimento territorial excede esta quantia. Quanto ás suas manufacturas, são igualmente de pouca monta, e consistem n'algumas obras de prata, ouro e ferro; tecidos de algodão, linho e obras de canhamo: os seus pannos adamascados não conhecem superiores até nas fabricas da Inglaterra. As

producções consistem principalmente em arroz, assucar, especiarias, café, algodão, linho, amphião, madeiras de lei, sal, e geralmente toda a qualidade de frutas dos tropicos, consideradas as melhores da India.

O clero, outr'ora tão rico e numeroso neste arcebispado, tem visto sensivelmente diminuir a sua influencia; todavia ainda conta com alguma, pois que além da cathedral contém 101 igrejas parochiaes com 654 ecclesiasticos (anno de 1845). O arcebispo de Goa continúa sempre a intitular-se primaz das regiões orientaes e tolera todos os cultos. Os Brahmenes tem um pagode em Pangim, os Mahometanos algumas mesquitas, e os Judeos duas synagogas fóra da cidade.

Quanto á população de 381,720 hab., que, segundo o Almanak citado démos a esta provincia, julgamos ser inferior á realidade. Existe ahi como no reino grande confusão nos dados do recenseamento; em Portugal, quando era pelos róes de confissões e desobrigas que se calculava o numero de almas, podia-se ainda admittir uma tal ou qual proporção nas que não davão obediencia á igreja: porém nesta provincia, onde avulta o numero de mahometanos, brahmenes, banianos, gentios, israelitas, &c., muito mais difficuldade deverá apresentar o recensear uma população nem arrolada nem arruada. Julgamos exceder ella a 430,000 almas, não contando a guarnição das diversas fortalezas e dos presidios centraes, que pouco excederáõ 4,000 soldados de linha. Se dermos credito ao padre Cottineau de Kloguen, que de certo o merece, irá ainda mais longe esse calculo: eis suas formaes palavras: — «Fallando dessas ruinas (*de Goa*), esses escriptores parecem esquecer-se que uma população de meio milhão de habitantes, na qual se póde contar 300,000 christãos, habita ainda os territorios circumvizinhos e reconhece o dominio portuguez.» *Ferdin. Denis, Port. pag.* 421.

Godim, villa e freg. do distr. de Villa-Real: 1,650 h.

Goes, villa e freg. 5 leg. a E. de Coimbra, sit. n'um profundo valle sobre o rio Ceira, perto de Cea: contém 3,150 hab., e o seu conc. 5,238.

Goja, villa e freg. sit. a 3 leg. de Viseu: 951 hab.

Golegãa, notavel villa e freg. da Estremadura, no distr. de Santarem, donde dista 4-1/2 leg. a E. e 18 de Lisboa, sit. junto da direita do Tejo, n'uma extensa campina abundantissima em azeite, trigo e vinho, cujas cepas se tornárão a plantar depois do governo do marquez de Pombal, o qual as tinha mandado arrancar desde Sacavem até Golegãa, para reduzir o terreno a cereaes. Tem 2,260 hab., e uma grande feira de 3 dias a 11 de Novembro, onde não só concorrem negociantes de toda a parte do reino, mas tambem da Hespanha, com grande quantidade de fazendas de lãa.

Gondar, pov. do conc. de Gestaço, sit. a 9 leg. do Porto, com 1,180 hab.

Gondomar (S. Cosme de), villa e freg. do distr. do Porto, donde dista 1 leg.: tem 2,833 hab. e o seu conc. 7,763.

Gondoriz, pov. do conc. d'Arcos de Val de Vez, com 1,075 hab. Ha outra sit. a 2 leg. de Braga, com 400.

Gordo, é um dos mais altos pincaros da serra de Monchique, no Algarve: a sua constituição é granitica schistosa; é coberto de denso arvoredo e eleva-se 2,100 pés acima do nivel do mar, segundo Balbi; dá-se o mesmo nome de *Monte-Gordo* ao descampado entre o Guadiana e Cacella.

Gouvêa, villa da Beira-Baixa no distr. da Guarda e na falda occidental da serra da Estrella, em paiz frigido e elevado, mas fertil, sit. 5 leg. a O. da sua capital: contém 1,740 hab. e o conc. 7,213. Ha outra *Gouvêa*, villa, perto d'Amarante, com 950 hab., e o conc. com 4,170.

Graciosa, ilha. Veja-se *Açores*.

Gradil, villa derramada em amena e fertil situação, perto de Torres Vedras, e 6 leg. ao N. de Lisboa: tem 900 hab., muita caça e aguas ferreas.

Gramido, aldêa do conc. do Porto, donde dista quasi 2 leg. para O. É lugar celebre pelo convenio nella assignado a 28 de Junho de 1847, de uma parte pelos delegados da junta setembrista estabelecida nessa cidade, e da outra pelo general hespanhol D. Manuel Concha, vindo em auxilio da Rainha Fidelissima, no qual, segundo o protocollo assignado em Londres pelos representantes das quatro potencias que formão a quadrupla alliança, a junta se obrigou a depôr as armas, apossando-se logo o mesmo general da cidade, immediações e trem militar, e logo depois entregando tudo ao duque de Saldanha, commandante em chefe das forças legaes.

Gralheira, elevada serra da Beira-Alta, que principia na freg. do mesmo nome e segue por O. de Lafões até ás Talhadas; é uma ramificação da da Estrella.

Grandola, villa da Estremadura transtagana, no distr. d'Evora, donde dista 13 leg. a O. e 5 ao S. d'Alcacer do Sal, sit. n'uma planicie ao pé da serra do mesmo nome: 2,000 hab. É rodeada de olivaes, vinhas e terras de pão. A villa consta de 5 ruas bem alinhadas e algumas travessas e casas nobres, e o seu termo é abundante em frutas, gado, linho, e muito principalmente em colmêas.

Grijo', villa e freg. sit. 3 leg. ao S. do Porto, 2,110 hab. Ha outro *Grijó* no distr. de Bragança, com 230 hab.; e outro no mesmo, com 480.

Guadiana, um dos maiores rios da Peninsula, primitivamente chamado *Anas* (dahi se derivou o seu nome arabe *Oued* ou *Ouadi-Anas*, e por corrupção em hespanhol e portuguez *Guadiana*), nasce nas pateiras ou lagôa de Ruidera na prov. da Mancha 2 leg. ao N. E. d'Alhambra, espraia-se totalmente, ou antes desapparece debaixo

da terra dahi a 6 leg., e torna a surgir 5 leg. mais ao Poente perto da pov. de Villana, pouco afastada de Villa-Rubia, 24 leg. ao S. de Madrid e 3 N. E. de Ciudad-Real. O sitio em que reapparece chama-se *Ojos de lo Guadiana.* Pouco a O. de Badajoz, na foz do Caia, principia a servir de limite a Portugal, e de todo entra neste reino 2 leg. ao N. de Mourão. Torna a tocar a raia hespanhola desde a confluencia do Chança até entrar no mar, entre Ayamonte e Villa Real de Santo Antonio. Seus principaes affluentes em Portugal são: o *Caia*, *Degebe*, *Corbes* e *Oeiras*, á direita, e *Valverde*, *Alcaraz*, *Ardila* e *Chança*, na margem esquerda fronteira. Pouco abaixo de Serpa fórma uma cachoeira chamada *Salto do Lobo*, precipitando-se ahi as aguas entre rochas amontoadas n'um passo tão estreito, que quasi póde ser franqueado de um salto. A pouca distancia torna a alargar e passa por Mertola, onde começa a ser navegavel por espaço de 12 leg. até Castro-Marin, em frente d'Ayamonte na Hespanha, e ahi desagua no Oceano com um curso de 150 leg., e 40 do Caia para baixo, em Portugal. Veja-se *Fronteira*, *Litoral*, &c.

Guarda, cidade episcopal da Beira-Baixa, uma das 17 administrações geraes do reino: a primitiva pov. é muito antiga, e julga-se ser a antiga *Lancia Opidania* dos Romanos; foi porém reedificada por D. Sancho I em 1197, povoando-a e fortificando-a com muralhas, torres e castello para defender os seus estados das invasões dos Mouros, e dahi adquirio o nome que tem. Está sit. na falda da serra da Estrella, perto da nascença do Mondego, em terreno elevado, porém plano. Os seus campos são ferteis, abundantes e regados de copiosas aguas: o clima é sadio, porém frio. As suas fortificações deterioradas são pouco susceptiveis de aturada defesa; na parte mais elevada, entretanto, a forte posição militar desta cidade merece que a fortifiquem de novo á moderna: tem uma velha

citadella, e a sua cathedral é de bella architectura. A situação desta cidade n'uma altura desabrida, 4,460 pés portuguezes acima do nivel do mar, a torna ao mesmo tempo frigida no inverno, ardente no verão e forte por natureza. A má symetria e pouca limpeza de suas ruas e edificios lhe dão desagradavel aspecto. É pois com razão que, alludindo a estes quatro predicados, é ella geralmente conhecida pelo nome de *cidade dos quatro ff*, isto é, *fria*, *forte*, *farta* e *feia*. Contém 3,900 hab. e o seu distr. administrativo 197,430 em 49,946 fogos, 344 freg. e 30 conc., e a superficie que o compõe é de 177 leg. quadradas de 20 ao gráo. Dista 50 leg. ao N. E. de Lisboa e 11 de Viseu. É patria de um dos mais celebres historiadores portuguezes, Ruy de Pina, chronista mór do Reino e guarda-mór da Torre do Tombo. Lat. N. 40°, 24'; long. O. de P. 10°, 40'.

Guardunha, serra da Beira-Baixa, sit. a 5 leg. da da Estrella e 7 de Idanha a Velha, é cercada de muitas pov. e campinas bem cultivadas de fructos deliciosos, milho e centeio. *Guardunha*, segundo J. B. de Castro, é palavra arabe e significa refugio ou *guarda da Idanha*, porque, sendo os moradores desta povoação expulsos pelos Mouros, se forão refugiar a esta serra.

Guimarães (antiga *Araduca* e *Vuimaranes*), mui notavel e importante villa da prov. do Minho, no distr. administrativo de Braga, donde dista 3 leg. ao S. E., foi a primitiva capital da monarchia portugueza, residencia de seus primeiros Reis, e onde nasceu D. Affonso Henriques. Quando D. Affonso VI de Castella casou sua filha D. Theresa com o conde D. Henrique, deu-lhe em dote todas as terras que em Portugal estavão isentas de Mouros, e nellas entrou Guimarães, bem como as mais que pudesse ganhar-lhes: foi pois ahi que elle estabeleceu a sua côrte. Na igreja collegiada da villa, *Santa Maria da Oliveira*,

vê-se ainda a pia onde foi baptisado D. Affonso Henriques, para ahi trazida da ermida onde estava, pois a collegiada foi mandada construir por D. João I, por motivo da victoria d'Aljubarrota. (Veja-se *Batalha.*) Adorna a sacristia desta Real abbadia canonical o rico thesouro de alfaias do culto divino e de veneraveis reliquias: nota-se principalmente o altar de prata tomado ao Rei castelhano e doado a Santa Maria da Oliveira, bem como o pellote que o mesmo monarcha portuguez trazia vestido no dia memoravel para a independencia da nação e gloria de suas armas. A um canto da igreja, uma gradaria dá entrada para uma rotunda meio afastada que contém o mausoléo de D. Maria Pinheira, heroina portugueza, que, apezar de não estar canonisada, é venerada na terra como Santa. Na famosa batalha d'Aljubarrota, precipitou-se sobre os inimigos á frente das tropas nacionaes, com a espada na mão direita e com um ramo de palmeira na esquerda.

O interior do templo é vasto, alto, arejado, com abobadas e de arrojado lançamento, como era natural que fosse uma edificação feita por um Rei para tal commemoração, e n'uma época em que tanto floresceia a architectura. O altar é rico em boas esculpturas e dourados, e o côro de páo santo é trabalhado com grande primor e adornado de curiosa marchetaria. Esta collegiada é a mais distincta do reino, com um D. Prior de jurisdicção quasi episcopal e 28 conegos, todos revestidos das prerogativas de capellães de Sua Magestade, e tem além destes mais uns 50 clerigos com dignidades.

A villa está sit. em deliciosa e fertil planicie, regada pelo rio Dave ou Ave, e o seu termo é banhado tambem pelo Vizella e Solho. Junto ao extincto convento da Costa, admira-se um Nestor dos carvalhos, coevo com o estabelecimento da monarchia, contando mais de 7 seculos de idade; o seu tronco excede 28 pés portuguezes de cir-

cumferencia. Estando D. Affonso Henriques sitiado na villa pelo Rei de Leão, foi salvo pelo seu fiel aio D. Egas Moniz: illustre dedicação esta que fórma um dos mais bellos episodios da immortal epopéa de Camões no canto III. D. Diniz a cercou de uma muralha de 3,685 passos geometricos de circumferencia com 7 torres.

Guimarães é muito industriosa, porém suas fabricas de ferragens, linhas e pannos de linho tem decahido desde o tratado de 1810 e independencia do Brasil por outro lado; mas tem progredido suas manufacturas de couros e pelles, de que se manipulão annualmente perto de 40,000; de papel, de que tem 2 fabricas na sua vizinhança, assim como de doce de ameixas e figos que se exporta principalmente para Inglaterra. Esta villa foi fundada pelos Gallos-Celtas 1,500 annos antes da éra christãa; contém 8,600 hab. Seus arredores são deliciosos, tem formosas quintas, entre as quaes a de Villa-Pouca e a do Senhor da Arrochella; a 1 leg. ficão-lhe as *caldas da Vizela*, e a pouca distancia as das *Taipas*, ambas muito frequentadas. Ainda no recinto da villa se vêm os famosos restos dos antigos paços da primitiva côrte portugueza e da torre onde diz a tradição ter D. Theresa, mãi de D. Affonso Henriques, estado retida por mandado deste seu filho. Entre os muitos homens celebres que tem produzido citaremos Gil Vicente com justo titulo denominado o *Plauto* portuguez; o papa S. Damaso; o poeta Manoel Thomaz; o theologo bispo Agostinho Barbosa, e Frei Rafael de Jesus, chronista mór do reino, autor de muitos escriptos historicos, aos quaes sobresahe o *Castrioto Lusitano* ou expulsão dos Hollandezes do Brasil.

H

Herminio. Veja-se *Estrella* e *Marvão*, serras.

Homem, riacho que nasce na serra do Gerez e se lança na direita do Cavado 1-1/2 leg. a N. E. de Braga com 6 leg. de curso.

Horta, cidade. Veja-se *Açores*.

I

Idães, freg. do conc. de Felgueiras, sit. a 5 leg. de Braga, perto d'Amarante, com 1,100 hab.

Idanha-Nova, villa e freg. do distr. de Castello-Branco, donde dista 5 leg. para E., em situação eminente e desigual sobre um affluente do rio Ponsul: contém a villa 1,900 hab. e todo o conc. 3,180. Fabríca bastante panno de linho que exporta; abunda em trigo, vinho, azeite e caça. Quasi 1 leg. para o N. fica *Idanha-Velha*, tambem villa, porém de pouca importancia, que se julga ser a antiga cidade *Egitania*, onde nasceu Wamba, o qual de simples pastor foi, em 672, elevado a Rei dos Godos ou Visigodos da Hespanha. Contém uma bella matriz de tres naves, e 500 hab.

Igreja. Ha meia duzia de povoações no reino com esta denominação; as principaes são: *Igreja-Nova*, no conc. de Cintra, sit. a 5 leg. de Lisboa, com 1,238 hab.; outra no de Torres-Novas, com 600, e a ultima no de Prado, a pouco mais de 2 leg. de Braga, com 300.

Ilhas. Com esta denominação se confundem ordina-

riamente em Portugal e no Brasil os dous archipelagos dos *Açores* e da *Madeira*, distantes 150 leg. um do outro. Veja-se cada um de per si.

Ilhas adjacentes a Portugal. Erradamente se classificão em geral nesse numero os Açores e a Madeira, até em denominações governativas. Com effeito, como póde o archipelago açoriano estar *adjacente*, isto é contiguo, junto á costa do reino, quando della dista mais de 300 leg., e a Madeira 200? As ilhas propriamente adjacentes ao reino são de pouca consideração, e as seguintes:—Começando pelo N. O. a *Insua* na foz do Minho, veja-se.—Em frente de Espozende ha uns 4 ilhotes insignificantes denominados *Cavallos de Fão*, formados pelo rio Cavado. Ao N. da enseada de Matosinhos se encontrão outros semelhantes chamados *Leichões*. Seguem-se as extensas ilhas quasi rasas formadas pelo rio Vouga, e por elle encravadas na vasta ria d'Aveiro. São 8 as principaes, algumas quasi como bancos ou restingas alagadiças, outras bem cultivadas e abundantes de sal, porém todas sezonaticas, mal providas d'agua doce e pouco povoadas; veja-se *Aveiro*. O rio Mondego antes de desembocar no Oceano fórma um meio circulo em frente da Figueira, e nelle 2 ilhotas que produzem bastante sal. Em lat. 39° 20' está o grupo das *Berlengas*, veja-se. As fertilissimas e extensas ilhas que fórma o Tejo são as mais consideraveis adjacentes ou encravadas no reino, veja-se *Lezirias*. Na ria de Setubal existem 2 cabeços ou ilheos rasos que produzem sal. *Pecegueiro* é uma ilhota sit. na costa do Alemtejo em lat. 37° 38', veja-se. Mais para o S., na bahia do Serdão, ha outras 3 de menor importancia. Em lat. 37° 10' em frente de Carrapateira no Algarve, ha outra chamada *Arrifana*, tambem insignificante. Ao dobrar o cabo de S. Vicente e parallela a Sagres, na ponta mais occidental da Europa, encontra-se outra mais extensa, porém deshabitada e conti-

nuamente açoutada por desabrido e impetuoso vento. Finalmente na costa do Algarve está o grupo de ilhas assaz extensas denominadas geralmente de *Santa Maria* e do *Sul*, em numero de 6 principaes. Achão-se sit. entre Cacella e o riacho Quarteira, n'uma distancia de 11 leg. E. O. Na dos *Cães*, que é a maior, a mais meridional e sit. em frente da barra de Faro, está o cabo de Santa Maria. Veja-se *Fronteira*, *Litoral*, &c. e *Faro*.

Ilhavo, villa e freg. sita na margem da ria ao S. e perto de Aveiro: contém 6,740 hab. É pov. muito abundante de pesca que se colhe na sua costa e salinas no seu termo, o qual tambem produz grão, legumes, fruta, vinho e caça; é porém sezonatico.

India Portugueza, **Estados da India** ou **Asia Portugueza**. Veja-se *Goa* e *Macau*.

Insua, ilhota sit. em frente de Caminha, com uma fortaleza e pouca povoação. Produz algum sal. Veja-se *Caminha* e *Fronteira*, *Litoral*, &c.

Iria (Santa), freg. do termo de Lisboa, donde dista 2-1/2 leg.: 950 hab.

Isidoro (S.), pov. sit. no conc. de Mafra, com 1,300 h.

J

Jermello, villa da Beira-Alta, distr. da Guarda, donde dista 2 leg.: contém 1,086 hab. e o seu conc. 2,760. É muito abundante em gado e em excellentes queijos, e está sit. n'uma aba da serra da Estrella.

Jeromenha ou **Jurumenha**, praça d'armas, rodeada de muros, com um castello, n'uma eminencia escarpada da parte do Guadiana, que a separa da Hespanha; é fortificada á moderna; está sit. 3 leg. ao S. d'Elvas e 33 a E.

de Lisboa: contém apenas 600 hab.; porém deve ser considerada como importante atalaia de defesa do Alemtejo da parte da Hespanha, tanto pela sua favoravel e forte situação por natureza, como pelo bom estado das suas fortificações. Veja-se *Fronteira*, *Litoral*, &c.

João (S.). Ha no reino muitas povoações desta invocação; porém as principaes são as seguintes: 1.ª, aldêa do distr. de Coimbra, perto da Figueira, com 1,100 hab.; 2.ª, *S. João d'Arêas*, villa e freg. sit. a 5 leg. de Viseu, a cujo distr. pertence, com 2,000; 3.ª, *S. João da Carvoeira*, perto de Chaves, 600 hab.; 4.ª, *S. João da Foz*, villa sit. a menos de 1 leg. do Porto, na foz do Douro, lugar mui frequentado na estação dos banhos. Tem um castello que defende a barra, o qual, juntamente com as casas da povoação, soffreu grandes estragos das baterias inimigas durante o cerco de 1832 e 1833: a sua população é de 4,000 hab. Dahi perto e sobre uma eminencia está o pharol de Nossa Senhora da Luz, e ao pé o monte do Crasto, memoravel durante o sitio pelas formidaveis fortificações que nelle fizerão os miguelistas: 5.ª, *S. João das Lampas*, sit. 5 leg. ao N. de Lisboa, perto de Torres-Vedras, aldêa de 3,350 hab.; 6.ª, *S. João de Loure*, outra a 1-1/2 leg. de Aveiro, sobre a direita do Vouga, com 1,400 hab.; 7.ª, *S. João do Monte*, villa no distr. de Viseu, donde dista 5 leg., sit. na encosta do monte Caramulo, 931 hab.; 8.º, *S. João dos Montes*, freg. do conc. d'Alemquer, a 5 leg. de Lisboa, 1,330 hab.; 9.ª, *S. João de Rei*, villa e freg. sit. a 2 leg. de Braga, cujo conc. tem 1,193 hab.; e 10.ª, *S. João de Ver*, pov. do conc. da Feira, 4 leg. ao S. do Porto, 1,060 hab. *S. João da Pesqueira*. Veja-se *Pesqueira*.

Julião (S.), abundante freg. do distr. de Portalegre, donde dista 2 leg.: 900 hab.

Julião (S.) **da Barra**, fortaleza. Veja-se *Oeiras*.

Juncal, pov. sit. a 4 leg. de Leiria, do lado de Porto de Moz: 1,000 hab.

L

Labruge ou **Labruja**, que em antigo dialecto significa *laboriosa* pelo incommodo que aos viandantes causão suas sinuosas veredas e atalhos, é serra do Minho junto da qual segue a estrada Real que conduz de Ponte do Lima a Valença, e em cuja vizinhança ha uma pov. do mesmo nome com 800 hab., sit. a 6 leg. de Braga. Ha outra pov. do mesmo nome no conc. da Maia, 3 leg. ao S. do Porto, com 450 hab.

Laca, rio da Beira-Baixa, que nasce perto de Lordosa, corre a O. de Castello-Branco e desagua na direita do Tejo com 10 leg. de curso, havendo recebido á direita o Alvito e o Almaceda. Tambem lhe chamão *Vereza*.

Lafões ou **Alafões**, grande, fertil e abundante conc. sit. ao Nascente da serra da Gralheira e ao Poente da de Arada, começa pouco mais de 1 leg. a N. E. de Viseu, e contém duas pov. arruadas, que são: *Vouzella* e *S. Pedro do Sul*. Esta conta 1,700 hab. e está sit. entre os rios Vouga e Sul, que nella se juntão. Produz o seu distr. muito azeite, vinho e fruta; tem minas de estanho, e as suas mulheres passão pelas mais formosas do reino: veja-se *S. Pedro do Sul*. A outra, que é cabeça do conc., é a villa de *Vouzella*; dista 3 leg. ao N. de Viseu, na confluencia do Vouga e do riacho Zella, junto a uma serra; abunda em castanhas, gado e caça, e contém uns 790 hab. Ambas estas pov. encerrão boas pontes de pedra sobre o Vouga. Todo este conc. de Lafões consta de 29,000 hab. e 43 freg.; é geralmente fertil e cultivado,

e é o solar da illustre casa ducal do mesmo nome; mui proxima consanguinea com os monarchas do Brasil e de Portugal.

Lagares, pov. do conc. de Penafiel, 4 leg. ao N. E. do Porto, com 1,200 hab.

Lagares, villa e freg. da Beira-Baixa no conc. de Cea: 1,125 hab. Ha outra freg. no de Amarante com 600 hab.

Lage, sit. a 1-1/2 leg. de Braga, aldêa de 1,300 hab. Ha outra do mesmo nome no conc. de Penafiel com 760 hab.

Lageosa, pov. do conc. e distr. de Viseu, donde dista 2 leg.: 1,130 hab. No areal do rio Dão que nella corre se acha em qualquer parte agua tepida e sulphurea, mui presentanea em banhos para frouxidão de nervos. Ha outra aldêa do mesmo nome, sit. a 2 leg. da Guarda, com 500 hab.; outra no conc. de Oliveira do Hospital com igual numero, e outra no do Sabugal com 600.

Lagôa, villa e freg. do Algarve sit. 1 leg. ao S. de Silves, 8 a O. de Faro e 1/2 do mar, em uma fertil planicie: o seu termo produz muito azeite, vinho e figos, que tudo exporta pelo porto de Mixilhoeirinha: contém 5,500 hab. e a villa 3,100. Deu-lhe nome uma antiga pateira que hoje se acha esgotada e reduzida a cultura. O seu arruamento de casas é moderno e de boa apparencia: o seu termo encerrava 5 conventos.

Lagos e **Lagôas de Portugal**. Apezar deste reino ser geralmente montanhoso e atravessado em todos os sentidos por um sem numero de rios e riachos, são todavia insignificantes e poucos os lagos que encerra; a maior parte desses mesmos merecem mais o nome de lagôas e de *pateiras*, como usualmente lhes chama o vulgo.

Ao N. do Douro, nenhuma se encontra que mereça menção. As da provincia da Beira, denominadas *Escura*, *Redonda* e *Secca*, vem amplamente descriptas no artigo

Estrella (Serra da). Para a ria e pateiras que fórma o *Vouga*, veja-se o mesmo e *Aveiro*. Na Estremadura ha a consideravel lagôa d'*Obidos*, da qual se trata na descripção da villa do mesmo nome. As demais, que só se encontrão na provincia do Alemtejo, taes como as sit. ao Poente da ria de Setubal, a *Lagoalva*, a *Albufeira*, as sit. ao S. do Tejo nos terrenos alagadiços denominados *Semas d'Ourem*, as sit. ao N. de Beja, &c., todas vem descriptas no artigo *Alemtejo*. Veja-se igualmente *Lamarosa*, *Lagôa* e *S. Tiago de Cacem*.

Lagos (antigamente *Lacobriga*), pov. do Algarve fundada pelos Carthaginezes tres e meio seculos antes da éra christãa, e creada cidade por El-Rei D. Sebastião, quando na sua bahia foi juntar a armada em que acarretou a flôr do reino para com ella ir sepultar-se nos areaes da Africa, na fatal jornada d'Alcacer-Quivir. Tomou parte mui activa nos descobrimentos transatlanticos dos Portuguezes, e era já uma praça de primeira ordem do reino quando o terremoto de 1755 a reduzio a um montão de ruinas. Hoje é rodeada de novos e altos muros com 9 baluartes e alguns soffriveis edificios, entre elles a ponte de pedra de 12 arcos sobre o rio, a fortaleza da Bandeira, bem artilhada, que defende o porto, e a do Pinhão á entrada da barra; a elegante igreja da Misericordia e o bello aqueducto de 410 braças de extensão; porém suas aguas, além de escassas, não são saudaveis. Occupa muita gente na cabotagem e na pescaria, a qual outr'ora chegou a ser de grande importancia; exporta annualmente 12 a 15 contos de réis de peixe salgado para fóra do paiz. O que lhe falta em grão nativo suppre-o com usura em peixe, não só fresco das praias vizinhas para seu consumo, mas tambem abastece de salgado a vizinha provincia do Alemtejo.

Os seus arredores são fertilissimos em grão, azeite,

figos e vinho inferior. A cidade contém 8,340 hab., e é circumdada de varios outeiros revestidos de viçosa verdura de vinhas e arvores fructiferas que muito aformosêão o seu contorno, na margem direita do riacho Lagos, que na preamar se espraia bastante, formando um esteiro. Esta vantajosa situação, lhe proporciona immediata communicação abrigada com o Oceano, porém é pouco defensivel pelo lado da terra, por ser dominada em diversos pontos. O seu termo abunda em figos, vinho, legumes e frutas proprias da sua latitude; é comtudo escasso em cereaes, que recebe do Alemtejo em troca de suas outras variadas producções. Dista 12 leg. a O. de Faro, 6-1/2 a E. do cabo de S. Vicente e 38 a S. S. E. de Lisboa. Lat. N. 37°, 6'; long. O. de P. 10°, 58'. Seu clima é temperado e sadio, e são muito baratos seus generos de primeira necessidade. É uma das mais agradaveis vivendas do reino tanto pela amenidade do seu clima como pela extrema urbanidade dos seus habitantes, e se Faro a excede em importancia como capital da prov., leva-lhe esta a primasia em muitos accessorios.

Lagos da Beira, villa e freg. da Beira-Baixa perto de Cea, sit. 7 leg. a E. de Coimbra, com 600 hab. e o seu conc. com 3,000.

Lamarosa, pov. de 1,000 almas do conc. de Coimbra. Ha outra villa do mesmo nome, 4 leg. ao S. do Tejo e 14 a E. de Lisboa. Existe perto della uma lagôa ou antes pateira do mesmo nome, a qual tem quasi 2 leg. de comprimento e 1 de largura na estação chuvosa: das suas cercanias, ou antes serras do lado do N., sahe um riacho do mesmo nome que desagua no Couto. Esses terrenos pantanosos chamão-se *Semas de Ourem*.

Lamas. Ha no reino diversas povoações deste nome; as mais notaveis são: 1.ª, no conc. de Cadavel, perto de Torres-Vedras, com 1,460 hab.; 2.ª, no da Feira, sit.

3 leg. ao S. do Porto, 555 hab.; 3.ª, a 3 leg. de Coimbra, no de Miranda do Corvo, 900 hab. *Lamas d'Orelhão*, villa cujo conc. contém 3,010 hab., perto de Chaves.

Lamegal, rio da Beira-Baixa, o qual nasce perto de Panoyas, 1 leg. ao Nascente da Guarda, segue com um curso em extremo sinuoso de S. a N., engrossado pelas aguas do ramo da serra da Estrella, que se prolonga até ao Rabaçal, e tendo percorrido o espaço de 9 leg., lança-se no Coa, 4-1/2 leg. antes de este desaguar no Douro. A villa do *Lamegal*, sit. junto ao seu alveo e 2 leg. a O. de Pinhel, contém 500 hab.

Lamego, cidade episcopal sit. na Beira-Alta, junto do monte Penude e do rio Balsemão e 1 leg. ao S. do Douro, corresponde á antiga *Lama*, *Lacommurgo* ou *Lamacoenorum*, a qual foi côrte de Reis mouros até 1038, em que lhes foi tomada por D. Fernando Magno, Rei de Castella. Tem esta cidade de notavel a sua cathedral de estylo gothico, construida ou reedificada pelo conde D. Henrique, e outra (Almacave) que foi antigamente mesquita arabe, algumas casas particulares elegantes e o palacio do bispo, que é vasto. As campinas adjacentes são muitissimo ferteis e abundantes em carnes e frutas, mas principalmente no famoso vinho do Alto-Douro, vulgarmente chamado do Porto; os presuntos e salpicões de Lamego são tambem de delicado sabor e os mais afamados do reino. Se a disposição em que se acha assentado o seu termo o torna incommodo para o viajante, compensa-o por outro lado a natureza com a excellencia de seus fructos e vinhos, produzidos nos barrancos e nas escabrosidades do terreno que se multiplicão caprichosamente em continuas arvorisadas ondulações.

Esta antiga cidade, fundada pelos Celtas 360 annos antes da éra christãa, torna-se igualmente memoravel por ser opinião geral (e materia de fé politica) que na sua

igreja d'Almacave se celebrára a primeira reunião de Côrtes portuguezas em 1143 a 1144, presidida pelo recem-creado Rei D. Affonso Henriques, na qual se estabelecêrão as leis fundamentaes da monarchia. Contém 9,530 hab.; dista 3 leg. ao S. de Villa Real, 13 a E. do Porto e 55 a N. E. de Lisboa. Lat. N. 41°, 5'; long. O. de P. 10° 3'.

Lampas, riacho que nasce no Algarve, na serra do Caldeirão, e passa para o Alemtejo, onde se reune ao Careiras; e este, engrossado com o Vascão, se lança no Guadiana, separando as duas prov. no limite oriental.

Landim ou **Povoa de Landim**, villa e freg. sit. a 3 leg. de Braga e perto de Barcellos, contendo ambas 2,416 hab.

Langroiva, veja-se *Longroiva.*

Lanhezes, villa e freg. sit. entre Braga e Ponte do Lima: contém 1,750 hab.

Lanhoso, veja-se *Povoa de Lanhoso.* Ha outra freg. do mesmo nome e no mesmo conc. a 1-1/2 leg. de Braga com 900 hab.

Lavos, villa e freg. sit. na esquerda do Mondego, 7 leg. a O. de Coimbra e em frente da Figueira: contém ambas 3,188 hab. As arêas da praia, impellidas pelo vento, tem-se apoderado de muita superficie de terreno desde o Mondego até ao Liz, e Lavos é um dos concelhos que mais tem padecido com esta invasão, a qual se poderia ter ha muito atalhado semeando pinheiros, como se praticou em Ovar.

Lavra, freg. do conc. da Maia, 3 leg. ao N. do Porto, com 1,000 hab. Em *Arnosa*, sitio da praia desta freg., perto da do *Mindello*, desembarcou a 8 de Julho de 1832 o exercito liberal de 7,500 homens, commandado por D. Pedro, o qual conseguio restabelecer a Rainha actual, depois de porfiada contenda contra o partido miguelista.

Lavradio, freg. sit. ao S. do Tejo, a 2 leg. de Lisboa e

1 da Mouta, produz afamado vinho tinto em terreno areento e secco: 840 hab.

Lavre, villa sit. 3-1/2 leg. ao N. O. de Montemor o Novo, sobre o riacho do mesmo nome que se lança no Canha: contém 1,150 hab.

Leça, placido e ameno rio que desagua no Oceano entre Leça da Palmeira e Matosinhos com 6 leg. de sereno curso, 1-1/2 leg. ao N. do Porto. É o antigo *Celando* ou *Lethes*. A placidez de suas limpidas aguas e o romantico e pittoresco das suas margens e varzeas, que lhe fizerão merecer dos antigos, bem como o Lima, o titulo de *Lethes* ou rio do esquecimento, inspirárão ao poeta Sá de Miranda as seguintes delicadas e maviosas lyras:

Oh rio de Leça,
Como corres manso!
Se eu tiver descanso
Em ti se começa.

Sempre socegados
Vão teus movimentos:
Não te turbão ventos
Nem tempos mudados.

Não te turbão rios
Nem fontes alheias;
Corres por areias
E bosques sombrios.

A aurora nascendo
Quando estás mais liso,
Com alegre riso,
Em ti se está vendo.

Quando o mar não sôa
E passão mil velas,
Fórma em si capellas
Com que te corôa.

D'alamos cercado
E viçosa hera,
Sempre a Primavera
Corôa teus prados.

Por ti cantão aves,
Só por te ver quedo,
Em gorgeio ledo
Mil canções suaves.

Seguras no seio
De teu bosque umbroso,
De laço insidioso
Crião sem receio.

Dê-te a noite somno,
E com larga mão
Flôres o verão
E fructos o outono;

Sombra no estio,
Ar embalsamado;
Neves dê ao prado
O inverno frio.

Por ti cante Abril
Quanto cuida ou sonha,
Ora com sanfonha,
Ora com rabil.

Quando se levante,
Quando o sol mais tarde,
Assim cante á tarde,
A' noite assim cante.

P'ra que são em Maio
Tantas alegrias?
Pois seus longos dias
Passão como raio!

Para que te gabão
Fugazes amores?
Para que são flôres,
Se tão cedo acabão?

Em espaço breve
Chega ao mar o Douro,
E os cabellos d'ouro
Se fazem de neve!

Oh rio de Leça,
Fructos em Janeiro
Nasceráõ primeiro
Que eu de ti me esqueça!

Primeiro em Agosto
Nevará com calma,
Que o tempo desta alma
Aparte o teu rosto!

Deslisa-te manso,
Deos o ordene assi,
P'ra que volte a ti
A gozar descanso!

Leça de Balio, villa e freg. 1 leg. ao N. do Porto, tem 1,180 hab. e o seu conc. 3,404.

Leça da Palmeira, na direita do rio Leça, junto a Matosinhos, aldêa com 1,450 hab.

Leiria, cidade episcopal e uma das 17 administrações geraes do reino, fundada, segundo se suppõe, sobre as ruinas da antiga *Callipo*, junto ao rio Liz, em fertil e bem cultivado valle; é farta, saudavel, amena e alegre, bem que as suas ruas sejão estreitas e pouco limpas. Tem de notavel a *Sé*, de elegante architectura, sit. no castello onde existíra a igreja da Penha de França, e o *palacio episcopal:* ambos estes edificios são de antiga data, bem como o seu castello, edificado ou pelo menos reedificado por D. Affonso Henriques, fundador da mesma igreja, e do qual se goza um ponto de vista admiravel. Ainda ahi se vê cahindo em ruinas o palacio onde habitava de preferencia El-Rei D. Diniz, e nas suas vizinhanças o *pinhal Real*, chamado de *Leiria*, mandado plantar pelo mesmo monarcha, e que é peça de grande valor, não só pela sua extensão, como tambem pela boa qualidade de suas madeiras; julga-se que não só fôra este o seu fim, mas igualmente o de impedir que o vento transportasse as arêas do litoral para a fertil região do interior. D. Affonso Henriques tomou esta cidade aos Mouros em 1145, e

passou todos os habitantes á espada por causa da grande resistencia que nella encontrou.

Em Julho de 1806, havendo-se revoltado contra o intruso governo francez, sahio de Lisboa o general Margaron com uma divisão de soldados que brevemente se apoderárão della, assassinárão seus inermes moradores e a entregárão ao mais horroroso saque e mortandade. O castello de Leiria, hoje em ruinas e sem importancia alguma, era, nos tempos dos Suevos, dos Visigodos e dos Mouros, uma posição muito consideravel, e figurou notavelmente no começo da monarchia. A cidade foi por largo tempo a séde de um proconsul romano. Esquecida por muitos seculos apezar da sua categoria governativa e de ser Sé episcopal, obteve de novo consideração em 1808 durante a guerra peninsular. Já se não falla nas fabricas de vidro e de branqueamento de tecidos que ahi existião, e que entretanto chegárão a ser de bastante importancia. Dista 12 leg. ao S. de Coimbra, 22 ao N. de Lisboa e outras tantas a O. de Castello-Branco, e encerra 3,270 hab. Cabe a esta cidade a particular gloria de ter possuido a primeira typographia que houve nas Hespanhas. Foi esta erigida em Portugal 9 annos depois da edição do *Psalterio* de Moguncia em 1457, pois que foi Leiria a quarta cidade na Europa que usára desta nova descoberta, publicando-se nella em 1466 as *Coplas* do infante D. Pedro (obra rarissima). No rocio desta cidade brotão duas nascentes d'agua, uma fria e outra quente, das quaes se formão suas caldas. É patria do classico e polygrapho poeta Francisco Rodriguez Lobo e de outros autores de nomeada. O seu distr. administrativo contém 132,895 hab., em 30,523 fogos, 110 freg. e 16 conc., e 150 leg. quadradas de superficie de 20 ao gráo. Produz annualmente mais de 40,000 moios de cereaes. Lat. N. 39°, 40'; long. O. de P. 11°, 20'.

Leomil, villa e freg. da Beira-Alta, sit. a 3 leg. de Lamego, ambas com 1,687 hab.

Lezirias ou **Lizirias**, ilhas muito baixas, á flôr d'agua, sit. no Tejo, onde começão em frente de Alhandra e se estendem até á foz do Zatas. São 6 as principaes; pertencião quasi todas á casa do infantado e á patriarchal, e, revertendo á corôa, forão vendidas em 1838 por 2 mil contos de réis: são abundantissimas em grãos e pastos. O Tejo, nas suas enchentes, as cobre em parte, e os nateiros que nellas deposita as fertilisão muito; são porém sezonaticas e pouco povoadas, sendo seus cultivadores os moradores de ambas as margens: terão 20 leg. de superficie. Dellas disse o judicioso A. Carvalho da Costa: « Cincoenta dias depois de se ter semeado nas Lizirias, se colhe o trigo, e logo se lança á terra o milho que com pouca cultura vinga e produz, além do immenso gado que abundantemente apascenta, &c. » A companhia que fez esta importante acquisição tem obtido pingues dividendos. As acções que representavão 240$000 réis achão-se cotadas em 380$000 e são procuradas, porque é a associação independente de vicissitudes politicas, e offerece quasi sempre a perspectiva de um dividendo regular: o seu grão é de superior qualidade.

Lima, rio que tem a sua nascença na pateira de Beon, formada pelas vertentes da serra de S. Mamede na Galliza, perto da Puebla de Tribes, atravessa a prov. do Minho, onde penetra pelo conc. de Castello de Lindoso, recebe o Cabrão ou Vez, passa por Ponte da Barca e Ponte do Lima e desemboca abaixo de Vianna, que em outro tempo foi um dos portos mais commerciantes do reino, porém que hoje, em razão das arêas que o obstruem, não admitte senão embarcações de pequena lotação. Este formoso rio, cujas margens são fertilissimas e aprazi veis, é sem duvida o mais pittoresco e ameno do reino, e mereceu dar titulo

á collecção das poesias de Diogo Bernardes, um dos melhores lyricos portuguezes. O seu curso total não excede 21 leg. Os antigos lhe chamavão *Lethes*, bem como ao Leça, e ao paiz da sua direita *Campos Elysios*, como diz o mesmo Bernardes na ecloga que assim começa:

> Junto do Lima, claro e fresco rio,
> Que Lethes se chamou antigamente.

O certo é que tão ameno e placidamente corre, que aos olhos do observador parece não ter movimento e esquecer a lembrança de que vai correndo para a sua foz, donde talvez seja derivada a palavra *Lethes*, que na fabula era o rio do esquecimento. Veja-se *Vianna*, *Ponte da Barca* e *Ponte do Lima*. Duas leg. acima desta ultima já é navegavel, e abunda em salmão, trutas, barbos, &c., e ao approximar-se do Oceano, em linguados, lampreias e moreias.

Limas ou **Limoas**, rio que nasce no distr. de Beja a E. do Guadiana, perto de Valdevargo, junto á raia da Andaluzia, e desagua na esquerda do Guadiana, quasi em frente de Mertola, com perto de 12 leg. de curso.

Lindoso (Castello de), villa acastellada do Minho, sit. 7 leg. ao N. E. de Braga e 5 ao S. de Melgaço, junto á raia da Galliza e sobre o Lima, perto do lugar em que este rio entra na prov. do Minho. Ainda que as suas fortificações se achem em máo estado e sejão dominadas por alturas do lado do S., conviria muito repara-las, por causa da importancia de sua posição. Contém 750 hab. Foi obra de El-Rei D. Diniz, o qual, quando vio o seu castello concluido e tão formoso, lhe deu o nome que ainda conserva.

Linhares, villa e freg. do distr. da Guarda, donde dista 4 leg. a N. O., sit. em alta posição na falda da serra da Estrella, pouco ao S. do Mondego; contém 1,000 hab.,

e todo o seu conc. 5,620. Tem um antigo e forte castello com duas torres sit. na parte superior de um penhasco. É terra de muita e excellente agua, e na villa corre um canal que lhe lava as ruas, e no verão rega as fazendas circumvizinhas, mui productoras de milho, castanha, fruta de toda a especie e caça. Ha outra pov. do mesmo nome no conc. de Carrazeda, perto de Moncorvo, com 1,100 hab.

Lis ou **Liz**, rio da Estremadura, nasce no conc. de Ourem, passa junto de Leiria, e, incorporando-se com o Lena, que nasce perto de Porto de Mós e passa pela Batalha, entra no Oceano abaixo do Porto de Paredes, com 6 leg. de placido curso.

Lisboa, cidade patriarchal, capital de toda a monarchia portugueza, uma das 17 administrações civis do reino, séde do governo, da 1.ª divisão militar, de uma Relação e dos supremos tribunaes civis e militares, antiga, magnifica, bella, rica e populosa, edificada em amphitheatro sobre 7 montes principaes e na margem direita do Tejo, cujo aspecto apresenta, já visto do lado da barra, já da parte do N., já da margem esquerda, uma perspectiva grandiosa e risonha. Ouçamos o que a tal respeito diz o talentoso viajante, principe de Lichnowsky:

« Ao partir do cabo da Roca, substitue-se ao primeiro quadro outro igualmente encantador. Pharóes, castellos, quintas e aldêas coalhão o litoral; vem depois as duas torres de S. Julião e Bugio, semelhantes a duas vedetas avançadas para guardarem o Tejo, e em poucos minutos se entra na corrente deste grande rio.—Essa magestade e pompa excedem toda a expectação.—A sua entrada é mais propria de uma capital do mundo do que da côrte de um pequeno reino! Tem-se vulgarmente comparado a vista gozada pelo ingresso no Tejo com a dos portos de

Napoles, Constantinopla e Genova; devo porém confessar que não acho fundamento algum para semelhante paridade. Estas tres cidades mostrão repentinamente tudo quanto tem a offerecer, como um panorama ou decoração de theatro; em Lisboa trocão-se os quadros, cresce o interesse, e finalmente no ultimo plano é corôada a expectação. Logo ao entrar, a mais larga torrente d'agua do antigo continente, o mar verde, o rio azul, torres, aldêas, pharóes, castellos; á esquerda, Cascaes, Oeiras e cem outras povoações; campos ora viçosos de verdura, ora dourados com frutas e cereaes, e os gigantescos e fantasticos montes de Cintra; á direita, a serra da Arrabida, que se prolonga pelo mar em remotissimo horizonte. Segue-se depois Belem com a sua velha torre de apparencia mourisca, tenebrosa prisão de Estado dos governos absolutos: em um elevado outeiro as colossaes dimensões do palacio da Ajuda, e como *pendant* ou correspondendo-lhe o castello e monte d'Almada; finalmente por terceira apparição, Lisboa, tão grande e tão sombria, tão nobre e tão negligente, como formosa mulher que se tivesse esquecido de que... porém não quero progredir neste pensamento..... »

« Á primeira vista desta regular e grandiosa praça (Terreiro do Paço), das ruas que della decorrem parallelamente entre si, e geralmente da moderna parte da cidade, acredita-se poder-se assegurar que é Lisboa a mais brilhante das capitaes da Europa, mesmo em relação á elegancia. Imaginem-se 30 a 40 mil casas edificadas sobre a encosta do Sul de 7 risonhas collinas, e que como uma orla bordão o Tejo desde Belem até Xabregas, n'um comprimento de 2 leg. (não fallando no mais litoral do Tejo arruado, nas duas extremidades), formosas praças, grandes e bellos edificios publicos, um aqueducto igual ás mais estupendas obras dos Romanos, o branco zim-

borio e torres da Estrella, o gothico convento de Belem e o agradavel terraço de S. Pedro d'Alcantara, &c., tal é a vista que apresenta Lisboa: da velha e angulosa cidade que existia antes do terremoto de 1755 já pouco se encontra, principalmente nos bairros baixos, &c. »

Desde o Beato Antonio até Pedrouços, tem Lisboa perto de 3 leg. de comprimento e varía de 1 a 1/3 na largura. Os sete montes principaes sobre que está edificada (semelhante a Roma) são: Castello, Santa Anna, S. Roque, Chagas, Santa Catharina, e as duas chapadas de *Buenos-Ayres*, e a formada pelos de *S. Vicente*, *Graça* e *Penha de França*, além de outros menores. Este bello amphitheatro, coberto de casaria até ao seu cume, estende-se em figura prolongada de Nascente a Poente, ficando a sua face principal para o Sul sobre o rio a 3 leg. da foz, o qual, unido já com as aguas do Oceano, fórma um ancoradouro seguro e vasto, capaz de receber todas as esquadras do mundo, e defendido por muitas fortalezas cujos fogos se cruzão, de maneira que, fazendo os defensores o seu dever, não poderá ser entrada a garganta que forma o seu porto sem gravissimo perigo de qualquer esquadra que intente esta empreza. Veja-se o artigo *Fronteira* e *Litoral* a pag. 207.

Lisboa está edificada na parte mais occidental do continente europeu e no mais adequado sitio para ser a Rainha dos mares e do commercio, debaixo de um clima temperado e sadio, na lat. N. 38°, 42', e long. O. de P. 11°, 32', distando em linha recta 51 leg. ao S. do Porto, 123 a O. de Madrid, 375 a S. O. de Paris, 390 de Londres, e 1,750 a N. E. do Rio de Janeiro. A sua fundação perde-se no cháos da antiguidade. Os apaixonados do maravilhoso querem que fosse começada 3,259 annos antes da éra christãa por um bisneto de Abrahão chamado *Elis*, do qual o paiz todo tomára o titulo de *Elis*—ou *Lusi-*

tania. Passados 9 seculos sepultados no esquecimento, pretendem outros que tivesse Lisboa por restaurador (outros por edificador) a *Ulysses*, o qual, depois da destruição de Troia, a esse sitio aportára arrojado por temporaes, e dahi inferem o seu nome de *Ulysséa* ou *Olisipo* de que sempre gozou anterior á conquista dos Romanos. Os seus primeiros habitadores, segundo Plinio, forão os Turdulos, raça valente e bellicosa. Pertenceu successivamente aos Phenicios, Gregos, Carthaginezes e Romanos, em cuja época, sendo já uma povoação das mais consideraveis do Imperio, Cesar a condecorou com o titulo de *Felicitas Julia* e com o fôro municipal. Proseguio o dominio romano até 409, em que os Allanos, Vandalos e Suevos se derramárão por toda a Peninsula, e aos primeiros coube em sorte a Lusitania; porém supplantárão-os os Godos, commandados por Theodorico Subsistio o dominio dos Godos até seu ultimo Rei D. Rodrigo, e deste passou ao dos Mouros, até que finalmente D. Affonso VI de Leão a tomou a estes em 1093; porém apenas meio seculo se lhe conservou tributaria. Com a doação de Portugal feita ao conde D. Henrique pelo mesmo D. Affonso, lhe passou tambem o direito sobre a mesma cidade; como porém já antes se havião della apoderado os Mouros, coube ao fundador da monarchia reduzi-la afinal á obediencia em 1147, auxiliado por uma armada de Cruzados. (Veja-se a Parte Historica.)

Permaneceu pois Lisboa durante 433 annos na posse de seus legitimos monarchas, augmentando em riqueza e prosperidade, até que em 1580 passou juntamente com todo o reino ao dominio castelhano, o qual durou 60 annos, e nella teve lugar, no palacio do conde d'Almada junto ao seu rocio, a celebre conjuração que restituio o throno de Portugal ao seu legitimo Rei D. João IV, oitavo duque de Bragança. Livre portanto do pesado jugo estra-

nho, reassumio esta capital a sua dignidade e ia attingindo a sua maxima prosperidade, quando no 1.º de Novembro de 1755 veio um espantoso terremoto fazer no espaço de poucos minutos desabar os seus mais nobres edificios, sepultando debaixo das ruinas 35 a 40,000 pessoas, e a conflagração que logo se lhe seguio completou a destruição da « outr'ora opulenta Lisboa. » A perda deste calamitoso dia foi calculada no seguinte modo: 1.º, edificios particulares (não admittindo templos e conventos), 1,120 contos; 2.º, mobilia esmagada ou devorada pelas chammas, 1,920; 3.º, vasos sagrados, paramentos, imagens, paineis, &c., enterrados nas ruinas dos templos, queimados, 5,120; 4.º, diamantes e outras pedras preciosas, 12,800; 5.º, capitaes em barra e outros valores, 38,400: total 59,360 contos em moeda forte, cerca de 20 milhões de libras esterlinas. * Para mais pormenores ácerca das oscillações politicas por que tem passado esta cidade, consulte-se o bosquejo historico que vem na 2.ª parte desta obra, o que não caberia neste pequeno artigo.

---

* O Sul de Portugal, mas principalmente a região de Lisboa, é sujeito a este flagello, que o mais das vezes tem lugar de Outubro a Março, depois de grande secca e das primeiras chuvas; eis a lista dos mais notaveis de que haja menção:

Em 370 e 377, antes da era christã, muito violentos.

Em 1009, 1117 e 1146, produzirão muitas ruinas.

Em 1356, intervallados por quasi um anno, mas poucos estragos.

Em 1531, grandes abalos e estragos durante oito dias.

Em 25 de Julho de 1579, derrubou tres ruas no monte de Santa Catharina e separou este monte pelo meio.

Em 1699, violento, mas horizontal; poucos estragos.

Em 1724, a 12 de Outubro, da mesma fórma.

Em 1755, veja-se acima. Quasi meia cidade derrubada e alagada pelas aguas do Tejo que sahirão de seu leito, e que, ao retirarem-se, submergirão muitas embarcações e pessoas como n'um sorvedouro.

Finalmente, os de 30 de Abril de 1761, de 10 de Janeiro de 1796 e 6 de Junho de 1807, com violentos abalos horizontaes, e por conseguinte menos perigosos e funestos que os perpendiculares.

Lisboa contém actualmente perto de 275,000 hab., repartidos em 47,831 fogos, espalhados em 39 freguezias, incluindo Belem, 354 ruas, 216 travessas, 65 calçadas, 119 beccos, 12 praças ou largos grandes, 48 menores, 5 passeios publicos, 5 theatros e 34 chafarizes. As suas praças principaes são: o *Terreiro do Paço* ou *Praça do Commercio*, que, quer no seu tamanho, quer na formosura e regularidade dos edificios que a formão e que servem para secretarias de Estado, tribunaes, alfandega, casa da India, praça, &c., não encontra por certo nenhuma na Europa que a iguale, accrescendo a tudo isto o ter do lado do Sul um grandioso cáes de cantaria sobre o Tejo, e no centro a estatua equestre em bronze de El-Rei D. José, a qual não tem igual nas de Londres, Roma, Paris ou Petersburgo, nem que se lhe possa comparar em solidez, grandioso, atrevido lanço, e tudo fundido de um só jacto ha perto de um seculo. A area desta praça é de 585 pés de comprimento de Nascente a Poente, e 536 de largura. Antes do terremoto de 1755, existia tambem neste sitio uma praça denominada *Terreiro do Paço*, porque fazia frente ao palacio Real edificado por El-Rei D. Manoel, mais conhecido pelo nome de *Paços da Ribeira*: subsiste pois ainda a antiga denominação, apezar de sua verdadeira de *Praça do Commercio.* Duas longas arcadas que sustentão duas galerias com 28 grandes janellas cada uma, e de dous andares rematados por dous torreões quadrados e salientes, formão os lados de Nascente e Poente. Do lado do rio termina em um formoso cáes com duas grandes columnas de marmore inteiriças; da parte do Norte desembocão as tres mais formosas ruas da cidade, a *Aurea*, a *Augusta* e a da *Prata*. O ultimo torreão dos dous que fazem frente para o rio foi acabado em 1845.

A estatua equestre que, como dissemos, occupa o

centro desta praça, é um monumento que faria honra a qualquer nação de primeira ordem; por isso, muito nos apraz consagrar-lhe aqui algumas linhas. No *Diario* de Lisboa de 27 de Julho de 1844 vem transcripto um artigo relativo á estatua equestre ultimamente erguida a Wellington pelo corpo do commercio em Londres, e nelle se emitte um juizo inteiramente falso quanto á sua supposta singularidade e grandeza á vista de sua comparação com a de Lisboa, da qual foi fundidor Bartholomeu da Costa, e esculptor Joaquim Machado de Castro, erigida ao Rei em satisfação aos habitantes da sua capital, gratos á grande obra da reedificação da cidade depois do terremoto que a arrasára, e inaugurada em 1775 na mais bella praça da Europa, o que não deve admirar sendo obra do grande marquez de Pombal. Diz o tal artigo que a estatua de Londres importára em 45 mil duros (mão d'obra), além do metal dado pelo governo, e orçado em 7,500 duros (6:750$000). A do Terreiro do Paço tem 80,640 arrateis de metal, que, á razão de 296 réis, perfazem 23:869$440; por consequencia, mais 17:119$440. Quanto á mão d'obra, tendo sido paga pelo Estado no arsenal da fundição, não ha idéa exacta da sua importancia, porém deve corresponder ao grande excesso do valor do metal. Diz mais o artigo que a estatua ingleza tem 14 pés de alto desde a cabeça do duque até ás ferraduras do cavallo, e que o pedestal é da mesma altura: a portugueza tem 31-1/2 palmos de alto (quasi 25 pés ingl.), assente sobre um pedestal tambem de marmore de 32 palmos de altura, 27 de comprimento e 18 de largura; por consequencia, é mais alta 10-1/2 palmos e o pedestal 11. Conclue o artigo sobre a estatua de Wellington dizendo ser a maior que ha no mundo e a primeira erigida a um homem durante a sua vida. Quanto á primeira parte, está demonstrada a superioridade da por-

tugueza em todo o sentido, sendo bem verificadas as dimensões aqui descriptas; e quanto á segunda, pelo menos não foi a primeira relativamente á de El-Rei D. José, pois este morreu dous annos depois de lhe ter ella sido inaugurada: *suum cuique.*

A praça do *Rocio*, tambem formosa, é central, mais pequena que a do Commercio, e a ella vem entestar as duas ruas Augusta e Aurea: consta de um quadrado mais comprido que largo rodeado de elegante casaria symetrica, com espaçosas ruas de cada lado, e o centro cercado por pilares acorrentados. No lado do Norte está situado o novo e primoroso theatro denominado de *Maria Segunda*, acabado em 1846, no local do antigo palacio da *inquisição*, que ardeu em 1836.—Seguem-se depois a praça ou largo do *Pelourinho*, onde se admira uma formosa e singular columna de marmore em fórma de rosca, ouca, furada de um lado a outro e *travaillée à jour*;—o largo de *S. Paulo*, mais pequeno que o Rocio, e como elle tambem regular com boa casaria e guarnecido de pilares ou frades acorrentados;—a praça da *Figueira*, que serve de mercado de hortaliças, contigua ao Rocio;—o campo de *Santa Anna*, vasto terreno situado n'uma altura, junto ao palacio da Bemposta;—o da *Junqueira*, mui comprido e arborisado na margem do Tejo;—o largo do cáes do Sodré, tambem beira-Tejo; assim como os de *Belem*, do *Rato*, das *Amoreiras*, da *Alegria*, &c.

Dos templos, os principaes são:—O do *Coração de Jesus* (vulgo *Estrella*), contiguo ao vasto convento das freiras Bernardas, ambos construidos pela Rainha D. Maria I: é o mais bello e sumptuoso da capital; deu origem á sua fundação um voto para obter successão á corôa. A sua famosa cupula ou zimborio, que se eleva com tanto garbo e magestade, e que attrahe as vistas do viajante apenas entra no Tejo, é o melhor ornato de todo o edificio; um

immenso globo de metal sustentando uma cruz colossal de ferro remata este elegante zimborio, que um raio damnificou em 1829. A sumptuosidade interior desta basilica, demasiadamente sobrecarregada de alvenaria, e pouco abrilhantada por seu architecto, condiz tambem com o seu exterior em elegancia. A profusão dos mais ricos marmores de variadas côres, cinzelados ora com delicado lavor, ora afigurando lustrosos espelhos, adornão todo o templo, cuja capella mór encerra o soberbo mausoléo de marmore branco e preto da Real fundadora, a qual desperdiçou neste monumento de luxo e no contiguo mosteiro 16 milhões de cruzados, desde o seu começo em 1779 até 1790, em que foi sagrado. A maior parte desta somma havia sido destinada para a canalisação e limpeza da cidade. — O templo e convento de *Belem* ou de *S. Jeronymo*, obra primorosa d'El-Rei D. Manoel, construidos no sitio onde embarcou Vasco da Gama para a descoberta da India, afim de commemorar essa empreza; hoje serve o mosteiro de *Casa pia*, onde se recolhem umas 1,000 crianças. O templo é um modelo de architectura gothico-arabica, e pela sua vastidão e altura dá uma prova insigne da elegante ousadia dos architectos do XV.° seculo. A frente deste mosteiro tem 850 pés de comprimento e o templo 283. O architecto real francez, Frezier, depois de haver descripto os seus accessorios componentes, accrescenta: « Encontramos nos antigos templos e mosteiros uma admiravel variedade de elementos bem proporcionados; porém tudo quanto tenho visto de mais bello e melhor executado neste genero é sem duvida no templo dos Jeronymos. » Esta lisongeira opinião é corroborada pela de um illustre viajante moderno, estrangeiro, condição esta que sempre preferimos á de nacional, quando esse se acha habilitado para poder ajuizar sem parcialidade e com conhecimento de causa.

O principe de Lichnowsky, que já temos citado, considera este o mais notavel edificio religioso de Lisboa:

« O mosteiro, continúa elle, é edificado em um estylo semi-mourisco-bysantino e semi-normando-gothico; é uma mistura confusa da qual surge aqui e ali com primitiva pureza uma peça das mencionadas architecturas como triumphando completamente do contagio de liga estranha. No mosteiro se encontrão os mais formosos lavores, delicadamente arrendados e feitos com a fecundidade da mais caprichosa fantasia; e o claustro particularmente é magestoso, coberto de elegantissimas esculpturas que parecerãõ inimitaveis a quem não tiver visto Santa Maria da Batalha. Na capella mór da igreja achão-se quatro mausoléos: os tumulos de marmore vermelho descansão sobre elephantes cinzentos da mesma pedra. Ahi se acha sepultado o seu grande e afortunado fundador, que agradeceu a Deos por meio dessa piedosa e grandiloqua edificação o descobrimento e conquista do Oriente. Sua esposa, seu filho D. João III, que proseguio a obra de seu pai, e a Rainha D. Catharina sua mulher, repousão nos outros tres mausoléos. Essa época tão brilhante, tão rica em maravilhas e celebrada por Camões, acha-se caracterisada grandiosa e perfeitamente na inscripção que se lê sobre o tumulo de D. Manoel:

« Littore ab occiduo qui primi ablumina solis
« Extendit cultum notitiamque Dei;
« Tot reges domiti cui submissere thiaras,
« Conditor hoc tumulo maximus Emmanuel.

« Grande numero de altares sobrecarregados de dourados, ornatos, imagens, &c., occupão a parte antiga da igreja, cujo tecto é sustentado por 6 corpulentos e altissimos pilares de mais de 100 pés de elevação e de estylo mourisco, cobertos com os baixos-relevos mais extravagantes que semelhão aos sonhos fantasticos de Pantagruel

ou ás visões de Hoffmann. Vêm-se crianças núas montadas em dragões, aos quaes abrem violentamente a bocca com as mãos, e debaixo desses animaes pendem sapos presos pela cauda; aqui e ali grupos no mesmo gosto e ainda mais difficeis de descrever.

« A *Sé* ou *basilica de Santa Maria*, que alguns pretendem ter sido mesquita, prosegue o mesmo viajante, é sufficientemente vasta, e poderia talvez chamar-se pomposa; comtudo, pareceu-me muito triste e sombria, e foi esta a principal impressão que em mim produzio. As suas duas torres por acabar dão-lhe uma apparencia de imperfeição que é ainda augmentada por muitos vestigios do terremoto de 1755, cujas devastações forão incongruentemente restauradas no estylo moderno. Tambem é de máo gosto o uso que nella e em outras igrejas domina de lhes sobrecarregarem o interior de adereços e de as forrarem de panno: os antigos templos ostentão mais gravidade e pompa com os seus austeros e frios ornatos de pedra do que com os emprestados andrajos de multicôres alcatifas e bordadas tapeçarias. A sua riqueza, porém, semi-arabe e gothica architectura, semelhante a Santa Sophia de Constantinopla, a farão sempre olhar com admiração. Hoje nella se encerra a maior parte do riquissimo thesouro patriarchal de alfaias e moveis: o seu lado do Poente acha-se por reedificar. »

A igreja de *Santo Antonio de Lisboa*, em frente da Sé, e construida no lugar onde n'uma cocheira nasceu este Santo portuguez em 1195, é de moderna edificação de gosto e elegancia. — A de *S. Vicente de Fóra*, jazigo da familia Real de Bragança, é de elegante estructura. Este magnifico edificio foi primitivamente erguido por D. Affonso Henriques para commemorar a tomada de Lisboa em 1147, e, por ser em sitio extra-muros della, se denominou de *Fóra*, dedicando-a esse Rei ao martyr S. Vi-

cente, que desde então ficou sendo o patrono de Lisboa, e dando-lhe por armas uma náo e dous corvos, &c., veja-se *S. Vicente* (Cabo de). Em 1582, achando-se já o templo e mosteiro damnificados, mandou Philippe II demolir tudo, e no mesmo local edificar o grandioso edificio actual, para cuja reedificação forão necessarios 47 annos, empregando-se nella a cantaria e marmore já promptos que D. Sebastião mandára preparar para levantar um templo ao Santo do seu nome no Terreiro do Paço. A fachada da igreja de S. Vicente tem 100 pés de largura, 97 de altura até á balaustrada, e 147 do pavimento ao cume das torres; o seu interior corresponde á magnificencia exterior: é de uma só nave, tem 222 pés de comprimento e 82 de largura. A abobada é toda construida de marmore azul e branco, o altar-mór ergue-se no centro da capella-mór como na basilica de Roma. Á esquerda está o Real jazigo da familia de Bragança: é este pantheon uma escura, comprida e mesquinha sala, a qual forma singular contraste com as reliquias das finadas grandezas ahi depositadas. No fundo desta casa avulta o tumulo de D. João IV, primeiro Rei desta familia; seguem depois muitos outros sarcophagos de seus descendentes, entre os quaes se nota o do Imperador D. Pedro. Na igreja, para o altar de S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, mandou S. M. a Rainha actual trasladar os restos mortaes de D. Nuno Alvares Pereira, seu illustre progenitor, os quaes se achavão no templo do Carmo, por elle edificado. Este tumulo tem por cima a estatua do esforçado varão, deitado ao comprido, e vestido de carmelita, e ao lado a de um escudeiro. Apezar dos estragos do tempo e do terremoto, notão-se ainda riquissimas pinturas de Baccarelli no templo. O mosteiro é sumptuoso e o mais vasto e regular da capital, de tres andares e em vistosa situação; a sua

livraria, antes de 1834, contava perto de 25,000 volumes de obras pela maior parte escolhidas; julgamos achar-se ainda intacta. Em 1773, estabeleceu-se a patriarchal neste mosteiro e templo, e os seus habitadores, conegos regulares de Santo Agostinho, se passárão para Mafra. Em 1792, tornárão a habita-lo até á total extincção das ordens religiosas em 1834, época em que para ahi se passou a curia e residencia patriarchal. O seu orgão e carrilhão são os melhores de Lisboa.

S. Domingos é o mais vasto templo de Lisboa, com soberba columnata de marmore de côr, e só excedido em comprimento pelo de *S. Francisco*, enorme montão de marmore ricamente trabalhado, porém que se não chegou a completar, apezar dos milhões procedidos de esmolas que nelle gastárão seus piedosos edificadores, mendicantes franciscanos denominados *da Cidade*. — A igreja de *S. Roque*, que pertenceu aos Jesuitas, tem só de notavel a esplendida capella de *S. João Baptista*. Entre os materiaes de que é decorada, encontra-se com profusão granito oriental, porphyro, alabastro, amethystas, corallinas, &c. Os seus tres quadros em mosaico representando o Baptismo do Redemptor, a Annunciação e a Descida do Espirito Santo, são considerados como obras primas sahidas dos melhores artistas italianos. O seu pavimento é tambem de mosaico e o altar de prata massiça. D. João V mandou fabricar esta capella em Roma pelos melhores artifices da época, adornou-a de riquissimas preciosidades, afóra as quaes, é voz publica, nella despendeu para cima de dous milhões de cruzados, e de lá veio desmantelada e encaixotada, depois de nella ter officiado o Papa o serviço divino. Em 1751 é que foi patenteada ao publico.

O magnifico templo dos *Martyres* foi primitivamente fundado no sitio onde D. Affonso Henriques descarregou

o golpe mortal sobre os Mouros quando lhes tomou Lisboa. A sua reedificação actual é moderna, e, bem que pouco vasto, é primorosa em architectura e pinturas. É a mais antiga parochia da cidade, e por isso a todas precede nos festejos e solemnidades. — A igreja da *Encarnação*, que mui vizinha lhe fica, é sem contradicção uma das mais espaçosas e elegantes desta capital; a sua capella-mór e a do Sacramento são perfeições que nada deixão a desejar; porém geralmente a pintura deste templo é de máo gosto e acanhado pincel. O seu frontispicio está por acabar. — Fronteira lhe fica a igreja do *Loretto*, séde de uma parochia destinada para os Italianos que a erigirão em 1518; mas um incendio a abrasou em 1651, com a perda de mais de 400 mil cruzados; depois de reedificada, tornou a arder em 1755 pelo incendio que se seguio ao terremoto, com a perda de preciosos retabulos e da sua grandiosa columnata, que toda estalou, e esta perda excedeu muito a antecedente. Com o auxilio real e pontificio, tornou a surgir de suas ruinas com toda a sumptuosidade e perfeição, e hoje é tida por um dos mais notaveis templos de Lisboa, tanto pela sua architectura como pelos seus ricos ornatos e optimas pinturas. — A igreja da *Graça*, contigua ao convento que foi dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e que domina uma das mais pittorescas alturas donde se desfruta um magnifico ponto de vista da cidade, contém de notavel um orgão, talvez o melhor do reino, e na sua sacristia o tumulo do inclyto D. Affonso de Albuquerque, vice-Rei da India.

O convento e templo do Carmo ficão sobranceiros ao Rocio, e forão ambos fundados em 1389 pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. O primeiro serve hoje de quartel, e o segundo, arruinado pelo terremoto de 1755, nunca pôde recuperar as immensas preciosidades que o fogo lhe consumio: contém apenas as naves e os muros, de ele-

gante architectura gothica. — A igreja de *Jesus*, sita nos *Cardaes*, condiz com a sumptuosidade do seu convento contiguo, onde hoje se achão estabelecidos o *Museu*, a *Academia Real das Sciencias* e a sua excellente e selecta livraria de 47,000 volumes. — A dos *Paulistas* ou do *Sacramento*, que lhe fica vizinha e junta ao extincto convento do mesmo nome, é magestosa e rica em antigos ornatos. No claustro, de gigantescas dimensões, se acha installada a *Sociedade Promotora da Industria Nacional*, a qual faz publica annualmente a exhibição de seus productos de maior transcendencia. — O edificio de *Santa Engracia*, vizinho a S. Vicente *extra-muros*, é de fórma orbicular e gigantesca; nunca se completou, apezar das enormes sommas nelle despendidas, o que deu lugar ao bem conhecido proverbio: « *Interminavel* ou *eterno como as obras de Santa Engracia.* » Se porém se concluisse segundo o risco, viria a ser a mais esplendida *rotunda* conhecida, com um unico altar no centro. É construida de boa cantaria, mas com tão extraordinarias proporções, que os architectos se arreceiárão de lhe sobrepôr as abobadas quando chegárão á cimalha real, temendo que não as supportasse.

A igreja parochial de *S. Paulo*, ainda que pequena, é comtudo muito formosa, de gosto moderno, com boa architectura e pintura, e com o melhor carrilhão do reino, depois do de Mafra. A sua capella do *Sacramento* é mui digna de menção. — Ha mais as igrejas de *S. Bento*, *Magdalena*, *S. Francisco de Paula*, *Necessidades*, *Xabregas*, *S. Luiz Rei de França*, parochia dos Francezes; a das *Inglezinhas* na calçada da Estrella, e a do *Corpo Santo*, ambas pertencentes aos Inglezes catholicos, além das quaes possuem um convento e o seminario de *S. Patricio*. A *Conceição Velha* que foi synagoga, a *Conceição Nova* que se acha quasi acabada, de bellissima architectura, e

muitas outras bem dignas de menção, entre as quaes se póde citar a do *collegio dos Nobres* e a da *Memoria*, edificada por D. José I, em commemoração do assassinato contra elle tentado no mesmo sitio em 1758. Nenhuma porém das acima citadas se póde comparar em magnificencia á antiga patriarchal sita na *Cotovia*, que o fogo consumio. D. João V, durante o seu longo reinado (1707 a 1750), applicou-se constantemente em edificar e engrandecer os edificios religiosos da sua capital, despendendo sommas enormes, das quaes se poderá fazer idéa só pela parcella de 188 milhões de cruzados que successivamente fez passar de Portugal para Roma em troca de bullas, do esteril titulo de *Fidelissimo* concedido aos Monarchas portuguezes, de honras sacerdotaes, e muito principalmente da monstruosa *patriarchal*, supra-summo de uma piedade mal entendida. O seu rendimento excedia 408 contos de réis, e o privativo do patriarcha era de 100 contos. Grande parte das Lezirias lhe pertencia. Hoje acha-se muito resumida esta verba, porém ainda o principe da igreja lusitana conserva a mesma primazia que d'antes; tem as honras de infante, é cardeal nato ou logo nomeado na sua elevação, é capellão-mór do Monarcha portuguez, membro do conselho d'Estado, &c. É o mais distincto emprego de todo o reino, e só concedido ao intrinseco merecimento: o actual é o eminentissimo cardeal D. Guilherme Henriques de Carvalho, e o antepenultimo era o muito illustre varão, insigne em letras e virtudes, D. Frei Francisco de S. Luiz, d'antes bispo-conde d'Arganil, resignatario de Coimbra.

Dos palacios Reaes que encerra Lisboa, só o da *Ajuda*, por sua vastidão e sumptuosidade, é digno de especial menção; e, concluido que seja, comquanto em sitio desabrido e solitario, será uma das Regias residencias mais magnificas da Europa. Os outros palacios de *Belem*,

das *Necessidades* e da *Bemposta*, apezar de decentes, pouco offerecem de admiravel; os de Belem, que são 3 casas de campo, tem contiguo um formoso picadeiro. Digamos entretanto algumas palavras a respeito destes edificios Reaes.

A colossal *Ajuda* é fundada sobre as ruinas produzidas pelo incendio que no principio do seculo actual devorou aquella parte do antigo *barracão*, edificado provisoriamente depois do terremoto de 1755 para habitação da familia Real. Este novo edificio deve, segundo o seu plano, vir a occupar toda a extensão do barracão que escapou ás chammas, em consequencia do que apenas se acha em pé só uma terça parte delle, contendo todavia numerosas salas decoradas com excellentes pinturas a fresco, quasi todas historicas e do insigne Luiz da Cunha Taborda. Na sala oval se admira a perfeição do marmore bem trabalhado nas suas dez columnas compositas que rematão em soberbos capiteis. No lado do Nascente do palacio, que é o mais proximo da sua conclusão, lhe dá ingresso um bellissimo atrio flanqueado de tres porticos com columnas e formosas estatuas allegoricas: nessa frontaria se achão concluidos os dous pavilhões, e terminão a cimalha um grande numero de magnificos e bem imaginados trophéos. Este grandioso edificio contém muitos quadros de merecimento de alguns artistas nacionaes, taes como Sequeira, Vieira Portuense, Taborda, Cyrillo, &c. A *Tapada* ou parque Real de caça lhe fica contiguo.

O palacio das *Necessidades* foi começado a edificar em 1743 por D. João V, que o destinou para habitação dos principes estrangeiros que aportassem a Lisboa, porém sem o menor gosto em architectura nem regularidade. Contiguo lhe fundou tambem um vasto convento para os congregados de S. Philippe Neri, o qual se acha hoje aggregado ao mesmo palacio, todo refundido e embelle-

zado á moderna: neste convento tiverão as suas sessões as côrtes de 1821 a 1823. Fica sobranceiro ao bairro d'Alcantara e ao Tejo; contém bellos jardins e cerca, e é a residencia ordinaria da côrte.

Palacio de *Belem* ou *Quinta de baixo*. Neste bairro comprou D. João V, por grandes quantias, diversas casas de campo, algumas já de mui decente condição, para de todas formar uma Regia residencia. Com effeito, pelo artefacto da principal, sita no largo de Belem, se deprehende haver sido irregularmente edificada por elle e seus successores: entretanto, contém mui bellos salões e a melhor collecção de pinturas de todo o reino, assim como um espaçoso jardim bem arvorisado e uma formosa e vasta sala de manejo de cavallos ou dos *picadores* da casa Real. Do lado do Sul, tem o largo e o bello cáes de Belem. Tambem continha o conhecido *pateo dos bichos* ou receptaculo de feras vivas, pertencentes ao estabelecimento do Museu de historia natural. Ao Norte fica-lhe o *Jardim Botanico* e a *Quinta de cima* ou do *Pateo das Vaccas*, outra habitação Real das que comprou D. João V, e no cume do monte fronteiro ao rio e ao paço da Ajuda está o *barracão*, temporaria residencia Real construida depois do terremoto, cuja maior parte ardeu, como já fica dito.

O palacio da *Bemposta* foi edificado pela Rainha viuva de Carlos II de Inglaterra, pelos annos de 1697. Nada offerece de notavel em architectura, adornos ou situação, dando começo á estrada de Arroios junto ao escampado de Santa Anna. Quando D. João VI vinha de Queluz ou Mafra, nelle costumava residir, e nelle morreu a 10 de Março de 1826. Foi occupado por algum tempo pelo corpo legislativo durante o reinado do mesmo Soberano. Tem um dilatado jardim com extensa lagôa, e no reverso outra casaria denominada *Quinta Velha*, porém mais

moderna que o palacio. Quanto ás residencias Regias de *Queluz* e *Cintra*, vejão-se estes nomes; para a de *Cachias* veja-se *Paço d'Arcos*; para a do *Ramalhão*, o mesmo artigo; e para a do *Alfeite*, o de *Almada*.

Taes são as habitações Reaes que encerra Lisboa e seus contornos. Dos palacios particulares, merecem notavel menção os dos condes do *Farrobo* e *Bandeira*, do marquez de *Borba*, do barão de *Barcellinhos* (M. José de Oliveira), o do marquez de *Abrantes*, residencia que foi da Imperatriz viuva do Brasil; o do marquez de *Niza*, em Xabregas, fundado pela Rainha D. Luiza, mulher de D. João II, de magestosa apparencia; o da condessa da *Ribeira*, na Junqueira: quasi em frente, e guarnecendo o lado do rio, onde tem a sua mais nobre fachada, está o edificio da *Cordoaria*, obra magnifica de 2,400 pés de comprimento, edificada pela Rainha D. Maria I; o da familia *Pinto Bastos*, tambem na Junqueira, e o do filho, no *Loretto*; o da casa de *Bragança*, no Thesouro Velho de recente reedificação; os dous do marquez de *Pombal*; muito principalmente sobresahe a todos o do duque de *Palmella*, no Bairro-Alto, modernamente reedificado, engrandecido e aformoseado; o do marquez de *Castello-Melhor*, ao Passeio; o denominado do conde da *Povoa*, ao Rato, e perto o do conde de *Cea* e muitos outros cuja relação não póde este rascunho abranger.

Entre as principaes *ruas* desta cidade avultão as seguintes: a *Aurea* ou do *Ouro*, onde se achão arruados os ourives deste metal, e a da *Prata* os dest'outro, mediando entre ambas a *Augusta*, destinada exclusivamente para os mercadores de pannos de lãa, e parallela ás mesmas a dos *Fanqueiros*, onde se achão arruadas as lojas de fazendas de algodão. Das travessas que cortão estas quatro ruas principaes, a dos *Capellistas* é toda occupada por casas de modas, sedas, quinquilharias, &c., a dos

Aljubebes por armazens de fato feito e a dos *Retrozeiros* pelo negocio de sirgueiro, retroz, sedas, lãas, &c. A rua do *Arsenal da marinha*, onde se acha esse grandioso edificio, contém diversas officinas de obra de cobre e communica o terreiro do Paço com o cáes do Sodré passando pelos dous largos do Pelourinho e do Corpo Santo, onde começa então a de *S. Paulo*, a qual correndo na direcção do rio, seguem-se-lhe as da *Boa Vista*, *Janellas Verdes*, *Junqueira* e *Belem* até *Pedrouços*, cuja extensão recta se approxima a 1-1/2 legua. A rua do *Chiado*, que já faz parte da cidade alta, é hoje uma das mais elegantes, com formosas casas de moderna edificação e lojas de quinquilharia e modas, continuando-se até o largo das duas igrejas Encarnação e Loretto; daqui segue á direita a de *S. Roque*, tambem recentemente aformoseada com novas construcções até o passeio de S. Pedro d'Alcantara: pela esquerda vai a do *Correio* dar ao antigo edificio desse uso, passando pelo largo do Calhariz onde se acha o palacio do duque de Palmella; ambas terminão os limites do Sul e do Nascente da velha cidade denominada *Bairro-Alto*. Vizinhas a estas, em direcção ao rio, estão a do *Alecrim* e a das *Flôres* e no alto a da *Emenda*, contendo todas tres formosas casas de gosto moderno. A de *S. Francisco*, sobranceira á cidade nova, tambem se conta por uma das suas mais regulares: ahi se acha a bibliotheca publica, a academia das bellas artes e o gigantesco templo de primoroso lavor, da mesma invocação, que se não chegou a completar. Para o lado do Poente se acha a de *S. Bento*, com uma milha de comprido; as de *S. Domingos*, *Sacramento* e *Buenos-Ayres*, cujo bairro, assim denominado pelos *bons ares* de que goza e magnifica vista sobre a cidade por lhe ficar sobranceiro, é de preferencia habitado pelos estrangeiros. Para o lado do Nascente, desde a alfandega das Sete-Casas *(Consulado)* segue pa-

rallela ao rio outra rua direita, a qual com diversas denominações, passa pelo Terreiro do Trigo, Arsenal do Exercito, &c., até o Beato Antonio, com mais de uma legoa de comprimento: em alguns sitios é aprazivel, porém menos edificada que as da parte occidental.

O costume tem conservado a esta cidade a sua divisão em treze bairros principaes que são: *Alfama*, *Andaluz*, *Bairro-Alto*, *Belem*, *Buenos-Ayres*, *Castello*, *Limoeiro*, *Mocambo*, *Mouraria*, *Ribeira-Nova* ou *Romulares*, *Ribeira-Velha*, *Santa Catharina* e *Santa Isabel*.

O *Passeio Publico* desta capital até 1836 constava unicamente de um bosque de 800 pés de comprimento, cercado de grossos muros. Nessa época porém emprehendeu a camara municipal embellecê-lo cingindo-o de uma elegante gradaria de ferro entremeada de pilares, com 2 grandiosos chafarizes em cada extremidade, bacias ou grandes tanques com figuras de marmore allegoricas, entre ellas as colossaes do Tejo e Douro, vistosos portões de ferro, &c., estendendo-se muito além do primitivo, de sorte que hoje o comprimento do bosque e jardins excede 1,100 pés. O Passeio e Jardim de *S. Pedro d'Alcantara*, no Bairro-Alto, além de muito bem arvorisado e adornado de plantas e de bustos de homens celebres (cousa bem estranha e impropria do lugar, e mui principalmente de serem quasi todos Gregos e Romanos), goza de um grandioso e pittoresco ponto de vista sobre o lado septentrional da cidade.

O passeio da *Junqueira* é formado de um extenso tracto de terreno á beira do Tejo, contendo bom arvoredo; com o andar dos tempos é provavel venha a ser o 1.° ou o 2.° da capital, bem que se ache n'um sitio afastado do centro da povoação, porém com proporções para muito se embellezar e estender sobre o rio. O *Jardim botanico*, sit. em Belem perto da Ajuda, é bastantemente formoso e ameno,

ainda que pouco rico em plantas. Entre os muitos repuchos e bacias d'agua que contém é notavel a do centro, adornada de bem trabalhadas figuras de marmore. O *Jardim das Necessidades*, contiguo ao palacio deste nome, consta de um dilatado terreno bem arvorisado, com jardins e adornado com grande copia de flôres, estatuas, bustos, repuchos, &c., que formão o sitio mais deleitavel desse suburbio da capital, sendo d'antes agreste por natureza. O pequeno jardim no passeio de S. Pedro d'Alcantara tambem merece ser mencionado, ainda que alguns particulares haja de mais vulto.

A *Alfandega* é uma das mais bellas, commodas e solidas da Europa, e são notaveis as suas duas vastas salas de abertura, sem columnas; o *Arsenal da Marinha*, vastissimo edificio de elegante architectura, encerra a immensa sala do *Risco* com um brigue apparelhado onde se aprende a manobra: ambos são obra do marquez de Pombal. O palacio das *Côrtes*, antes mosteiro de S. Bento, é um vasto edificio onde as duas camaras tem commodos sufficientes e elegantes para as suas funcções. A *Cordoaria* na Junqueira, de que acima fallámos, os dous arsenaes do *Exercito* e da *Fundição*, o *Terreiro do Trigo*, o edificio do *Limoeiro*, antigamente palacio Real e ha muito servindo de prisão; o *Castello de S. Jorge*, que domina a cidade, e onde tem seu quartel este Santo, que é generalissimo do exercito portuguez, e como tal recebe soldo e goza das suas honras, são edificios dignos de consideração. Meia milha a O. do mosteiro de S. Jeronymo fica a *Torre de Belem*, edificio solido de 100 pés de altura com bateria á flôr d'agua, hoje servindo de registro do porto. Foi construida n'um banco de arêa do Tejo, isolado da praia, por El-Rei D. Manoel; mas hoje está unida: o seu unico merecimento é ser um perfeito modelo de architectura militar mourisca, que os progressos da estrategia moderna

tem inutilisado, ou pelo menos lhe tem diminuido a importancia. Comtudo, a sua posição na ponta de uma garganta que ahi fórma o rio e a correspondencia de seus fogos com a *Torre Velha de Caparica*, no lado esquerdo, tornão defensivel e arriscada essa passagem para os navios que a quizessem forçar. Desde os Philippes tem servido de prisão de Estado, hoje porém vasia.

Outros muitos edificios ha credores de menção; porém o mais grandioso de todos é o que abastece de agua a cidade, e do qual disse um talentoso viajante que « mais parecia uma obra dos gigantes que restára ainda dos tempos heroicos, e que, qualquer que seja a grandeza da expectação com que se vá prevenido, excede-a inevitavelmente á primeira impressão. » O *Aqueducto das Aguas-Livres* principia em Caneças, a mais de 2 leg. de Lisboa, atravessa diversos valles sobre 91 arcos de cantaria até chegar á capital. Neste sitio denominado Monsanto, n'uma extensão de 2,857 pés, atravessa o profundo valle de Alcantara sobre mais 36 arcos, alguns dos quaes são os mais altos que se conhece; as suas extraordinarias dimensões são: o arco principal, desde o leito do riacho até fechar, 231 palmos; dahi até aos passeios, 10 ditos (exclusive os parapeitos); dos passeios até á extremidade dos ventiladores, 23 e 4 pollegadas: total, 264 palmos e 4 pollegadas e 127 arcos. A largura do principal arco, de base a base, é de 107 ditos, de maneira que uma náo do maior tamanho poderia com panno solto navegar por baixo deste arco á vontade! De ambos os lados tem passeios de cantaria, e todo o centro é occupado por uma galeria abobadada, bem ventilada e com duas calhas. As suas aguas, entrando na cidade, se depositão no immenso tanque de marmore das Amoreiras, chamado *Mãi d'Agua*, e dahi se distribuem por todos os chafarizes.

A sua fórma externa é uma torre quadrangular, abobadada. Os fortissimos muros deste tanque marmoreo e gigantesco, completado e conductado em 1834, porém quasi feito de todo por D. João V, tem 25 palmos de espessura, afóra o muro externo, 125 de comprimento, 107 de largura e 37 de altura. Do fundo erguem-se 4 pilastras que sustentão as abobadas. O colossal aqueducto, monumento de uma passada grandeza, iguala ou excede tudo quanto os Romanos ou nação alguma moderna tenhão feito de mais grandioso, na opinião de Balbi e outros: é obra de Manoel da Maia; custou muitos milhões a D. João V, e levou a construir desde 1729 até 1748. É tal a solidez de sua construcção, que lhe não fez damno o devastador terremoto de 1755; apenas 3 dos 16 torreões que lhe servem de ventiladores soffrêrão algum estrago. Quando em sitios eminentes prosegue soterrado, tem de espaço a espaço iguaes torreões de ventilação, e ao atravessar os valles, caminha sobre elegante arcaria sem em seu curso desviar do nivelamento geral, o que faz que suas aguas tenhão depositado todo o sedimento durante tão longo transito nas suas calhas, picadas e limpas em épocas certas do cascão em fórma de grossa telha, que pouco a pouco as vai obstruindo e que picadas desapparecem.

Não é esta cidade tão rica em palacios e edificios profanos apparatosos como em templos, alguns de summa belleza, como fica dito, e em conventos vastos e numerosos, dos quaes em 1834, anno em que forão supprimidos, contava perto de 80 com os sub'urbanos, sendo 52 de frades: muitos destes formão hoje elegantes quarteirões de casaria, outros servem de fabricas ou estão aproveitados em uteis misteres. Entre igrejas e ermidas contava igualmente perto de 250 em si e seus arredores; algumas tambem se secularisárão. Verdade é que pelo

terremoto de 1755 ficárão reduzidos a ruinas alguns edificios respeitaveis que ao depois se não reedificárão, e que, pelo hoje existente, não podemos ajuizar do que d'antes avultava esta cidade. Até, segundo o seu novo plano mandado adoptar pelo marquez de Pombal, em diversos bairros da baixa, forão demolidas diversas casas de primeira ordem para alinhamento e abertura de novas ruas. Tendo essa catastrophe damnificado principalmente os edificios mais elevados, infundio tal terror no povo em geral, que, além de quasi tudo o que desde então se tem construido, levar primeiramente entre as paredes uma armação completa de travejamento, se exceptuarmos a mesma cidade nova, onde todas as casas, por ordem do Senado, devem exceder a tres andares, no geral é de menor elevação que d'antes e em estylo menos elegante. No seguinte paragrapho transcreveremos as épocas da fundação de varios edificios, dos quaes já alguns não existem por effeito de terremotos e curso do tempo: d'outros já fica levemente tratado.

D. Affonso Henriques edificou o mosteiro e templo de S. Vicente de Fóra, e presume-se ter reedificado a Sé. —D. Affonso III foi o primeiro Monarcha que firmou a sua residencia em Lisboa; fundou o palacio das Alcaçovas, no qual havia tribuna para a igreja de S. Bartholomeu: julga-se ter sido edificado este paço no largo do *Contador-mór*, no lugar em que ainda hoje se vêm dous antigos casarões, um dos quaes tem por baixo o *Arco das Damas*, que vai sahir em frente do sitio do arruinado hospital de S. Paulo, fundado no reinado de D. Diniz pelo bispo de Lisboa D. Domingos Eanes Jardo, do qual se apossárão os conegos de S. João Evangelista e fundárão o convento chamado dos *Loyos* que era cabeça de sua ordem: nas suas ruinas está hoje uma das estancias da guarda municipal. —El-Rei D. Diniz fundou em Lis-

boa, no anno de 1290, uma universidade nas casas da Moeda-Velha, cujas ruinas permanecem ainda dentro do pateo dos *Quintalinhos*, nas Escolas-geraes em Alfama. Fez a rua Nova de Lisboa, que era situada no mesmo ou quasi no mesmo lugar da dos Capellistas, e por isso talvez chamada ainda hoje rua Nova d'El-Rei. Em 1307 transferio a universidade para Coimbra. — D. Pedro I° edificou os Paços de Bellas, hoje pertencentes ao marquez do mesmo nome. — D. Fernando cercou Lisboa de nova, forte e ampla muralha pelo anno de 1375; havião nella 36 portas e 77 torreões. — D. João I° edificou os palacios d'Almeirim, Santarem, Almada, outro em Lisboa, cujo sitio se ignora; deu o de Bemfica para convento de Dominicanos e reedificou o mourisco palacio de Cintra, muito deteriorado com o tempo, e nelle fez morada de preferencia. — No reinado de D. Affonso V foi fundado no Rocio de Lisboa o *Paço dos Estáus*, no qual depois esteve a Inquisição, a Regencia, e hoje está o theatro de D. Maria II. — D. João II fundou tambem no mesmo Rocio o hospital Real de Todos os Santos, em 1482. Em 1494, mandou levantar a fortaleza de Cascaes e a torre chamada do *Bugio*. A Rainha D. Leonor, sua esposa, fundou o convento da Madre de Deos, e contiguo a elle o Paço das *Enxobregas* (hoje Xabregas), que se communicava com o convento e pertence ao marquez de Niza. — El-Rei D. Manoel edificou os *Paços da Ribeira*, edificio grandioso que occupava parte do assento do Terreiro do Paço, do arsenal da marinha, até perto do cáes do Sodré, do alinhamento actual. Além deste palacio, que o terremoto de 1755 destruio completamente, construio outros em Coimbra e Muge; as antigas casas da Relação e da India; completou as fortalezas de S. Vicente de Belem e outras nas duas margens do rio e entrada da barra; reedificou e purificou a synagoga, hoje chamada Conceição Velha,

e edificou a maior parte do edificio de S. Jeronymo em Belem. — D. João III edificou a Alfandega Velha, as Tercenas, o antigo Terreiro do Trigo e a Torre do Tombo, que então era dentro do castello. — Na minoridade de D. Sebastião fundou-se a fortaleza de S. Julião da Barra, a universidade de Evora, e se reconstruio o antigo palacio dos Arcos; julga-se ter sido no largo da Abeguaria, no sitio em que ainda hoje existe um resto de antigo paredão. — D. Catharina, filha de D. João IV, Rainha viuva de Inglaterra, edificou o Real palacio da Bemposta, por isso denominado *Paço da Rainha.* — D. João V fundou a basilica, palacio e convento de Mafra, o aqueducto das Aguas Livres, a Patriarchal, que depois ardeu, e de cujo sino grande se fez parte da estatua equestre, o palacio e convento das Necessidades, os Paços Reaes de Vendas-Novas e Pegões; reedificou o palacio de Bragança em Lisboa, comprou as quintas de Belem, fez a Casa da Moeda, a Fabrica da polvora em Alcantara, o novo hospital da villa das Caldas da Rainha, os banhos das Alcaçarias em Lisboa, o cáes de Belem, o arsenal do exercito e outro de construcção naval; reedificou os quarteis e a cadêa do Castello e Limoeiro, e em diversos lugares do reino fundou conventos e igrejas. — D. José levantou Lisboa das ruinas do terremoto, e a maior parte dos melhores edificios modernos que nella se encontrão forão feitos ou começados no seu reinado, bem como a inexpugnavel fortaleza da *Graça* em Elvas, outras nas fronteiras e no Tejo. — O que mais avulta no reinado de D. Maria I é a basilica e convento do Coração de Jesus, vulgo *Estrella*, a Real Cordoaria na Junqueira, e os diques do arsenal. Seu esposo D. Pedro III edificou o palacio de Queluz, que ao depois tem sido augmentado. Neste reinado se começou o da Ajuda. — D. Carlota Joaquina comprou a quinta do *Ramalhão*, e nella edificou o apra-

zivel palacete do mesmo nome, junto a Cintra. Immensas outras edificações importantes, mesmo de indubitavel origem, era e fundador, tanto nesta capital como em todo o reino, poderiamos aqui recapitular, o que muito nos alongaria este artigo: refirão-se os curiosos á descripção topographica.

Ignora-se a época da fundação dos antigos paços do Limoeiro; sabe-se porém com certeza que nelles residira já D. Pedro I (falleceu em 1367), e n'uma de suas salas D. João I, em 1383, matára o conde de Ourem, João Fernandes Andeiro.

Dos *theatros* de Lisboa é sem duvida o de *S. Carlos* o principal, e até um dos melhores da Europa, construido pelo modêlo do da *Scala* de Milão, e no curto espaço de 6 mezes para a primeira representação que nelle teve lugar a 29 de Abril de 1793, dia do nascimento da princeza da Beira D. Maria Theresa, primeira filha de D. João VI, porém as suas obras não se achavão ainda concluidas. A sua sala de espectaculo é oval: os camarotes são em numero de 120, espaçosos e distribuidos em 5 ordens a 12 por lado, não entrando neste numero os 2 de S. Magestade em dias ordinarios, e outros 2 fronteiros, tambem juntos ao tablado, do conde do Farrobo, a quem pertencem, bem como a tribuna Real, grandiosa e primorosamente adornada, fronteira ao palco, sustentada por columnas, e que alcança até á cimalha do tecto desde a 1.ª ordem. É destinado quasi que exclusivamente para a opera italiana, da qual tem tido companhias das melhores que na Italia se póde contractar por grandes estipendios, tanto que anda annexa a sua sustentação como onus ao contracto do tabaco e sabão. Este magnifico edificio é todo construido de boa cantaria lavrada, á prova de fogo; todos os corredores são de abobada, assim como as escadas que conduzem aos camarotes. —As sahidas são tão bem dis-

tribuidas, que póde n'um momento despejar-se. O palco tem grande comprimento, e já nelle trabalhárão de uma só vez 80 cavallos.

Vem após este o não menos importante theatro de *D. Maria II*, acabado em 1847, sit. no Rocio, no chão do antigo palacio da Inquisição, que ardeu em 1836 e para essa substituição se demolio. As bellas estatuas, delicadas pinturas, galeria exterior, &c., e mil outros accessorios de bom gosto que o adornão, e mais adaptados á moda e modernas conveniencias que S. Carlos, o tornão preferivel a muitos amadores. O certo é que no geral lhe é muito superior em formosura e bom gosto, ainda que mais pequeno: sem contradicção é o mais notavel edificio construido no reinado actual. Muito se tem recentemente dito a seu respeito pró e contra, pois o rancor dos partidos politicos de tudo lança mão para exaltar ou denegrir. É comtudo evidente que, sendo este theatro o *normal* para declamação portugueza, tem excessiva altura (e só 4 ordens de camarotes), para que a vibração da voz possa fortemente espalhar-se para o tablado e recinto dos espectadores, accrescendo que o seu tecto de zinco tem o inconveniente de causar tal ruido quando chove, que nada deixa ouvir aos actores. Ambos estes theatros tem uma dotação annual do governo (20 ou 24 contos de réis cada um, segundo suppomos.)

O theatro do *Salitre* está inteiramente abandonado e fechado; o seu habil e infatigavel director Emilio Doux foi estabelecer outro mais pequeno, porém tão excellentemente manejado, que faz as delicias da capital: chama-se *Atheneu*, é de mui recente data, e está adjacente ao templo do Loretto. O theatro da rua dos *Condes* tambem trabalha, porém muito tem perdido com a concurrencia dos seus dous novos rivaes. Todos estes são muito inferiores a S. Carlos e de Maria II, em edificio

e adornos, bem como o outro denominado do *Bairro-Alto*, desde ha muito tempo fechado. Tambem perto do palacio da Ajuda, no casarão onde esteve a patriarchal, ha uma grande sala elliptica destinada para a musica, e os restos do paço velho edificado por D. José I° comprehendem um bem construido theatro, onde se representou pela primeira vez a opera italiana em Portugal, ao qual excede porém muito em perfeição e gosto o theatrinho das *Larangeiras* em Bemfica, pertencente ao conde do Farrobo. Dos 3 *circos* para touros e jogos olympicos que encerra esta capital nenhum merece notavel consideração.

Contém Lisboa diversos estabelecimentos de beneficencia e asylos de caridade particulares, alguns com pingues rendimentos certos; além desses, possue os seguintes publicos: — O hospital de *S. José*, fundado pelo Rei do mesmo nome no vasto edificio ex-jesuitico de S. Antão; nelle ha uma celebre escola medico-cirurgica muito frequentada, possuindo um rico armamentario cirurgico e boa livraria. Entrão, anno commum, neste hospital 15,000 doentes, e possue de rendimento uns 150 contos de réis, além de muitos donativos. — O hospital da *Marinha*, vulgo de *Santa Clara*, fundado por D. João VI, tem optima casa de banhos; é delle que se ministrão os instrumentos, rouparias e medicamentos aos navios de guerra; o seu movimento annual de enfermos andará por 2,000. — O hospital *militar* ou da *Estrellinha* é de recente fundação no mosteiro de Benedictinos no alto da calçada da Estrella: nelle entrão annualmente perto de 3,200 doentes, e serve como de deposito geral de medicamentos e outros objectos para os demais hospitaes regimentaes. — A *Misericordia* é destinada a recolhimento de donzellas orphãas, com roda de expostos, tem de rendimento para cima de 165 contos de réis,

provindos em grande parte dos 12 por 100 sobre as loterias. — A *Casa Pia* é o maior estabelecimento deste genero no reino, e fundado pelo regente D. Pedro IV no vasto mosteiro de Belem. Encerra perto de 1,000 alumnos de ambos os sexos, que ahi recebem uma excellente educação dirigida pelo melhor methodo adoptado em França, tornando-se conspicuo o dos surdos-mudos. Tem de rendimento uns 50 contos de réis, porém são muito pingues os seus donativos adventicios.

Entre os estabelecimentos scientificos de Lisboa, citaremos os seguintes mais notaveis:

A *Academia Real das Sciencias*, fundada em 1779 pelo duque de Lafões, tio da Rainha D. Maria Iª. São importantissimos os numerosos trabalhos que esta corporação tem publicado sobre a historia, lingua e litteratura portuguezas, as sciencias naturaes, exactas, bellas-letras, agricultura, navegação, &c., os volumosos tomos das suas *Memorias* são um inexhausto thesouro de sciencia. Esta academia acha-se estabelecida no convento dos Cardaes ou de Jesus, onde tem uma escolhida bibliotheca sua privativa, de uns 15,000 volumes, e outra de 32,000 que pertencia ao mesmo convento: é seu presidente El-Rei D. Fernando. — A antiga *Academia Real de Historia Portugueza* foi estabelecida debaixo dos auspicios de D. João V em 1720 nos paços dos duques de Bragança, por esforços de seu eximio fundador o conde da Ericeira, e de outros muitos abalisados litteratos. Os seus trabalhos academicos se reduzirão quasi que só ao ajuntamento de memorias e documentos relativos ao objecto da sua instituição, que se publicárão em 14 volumes e alcanção desde 1721 a 1734. Além destes, escrevêrão differentes academicos mais outros 50, contendo bons artigos de historia patria. Todavia no decurso do tempo foi decahindo de seu primitivo brilho, ou pela ausencia de seus

membros ou tibieza de outros, a ponto que, restando já poucos vestigios da sua instituição, a Rainha D. Maria Iª, aconselhada pelo duque de Lafões, a substituio pela academia das sciencias de que acima se falla. Mais algumas ha, taes como a das *Bellas-Artes*, da *Marinha*, a de *Fortificação* e *Desenho*, &c.; as aulas regias de *Architectura naval*, do *Commercio*, &c.; o *Collegio militar* denominado da *Luz*, hoje existente no edificio de Mafra; o dos *Nobres*, hoje *Escola polytechnica*, e muitos outros estabelecimentos mantidos na melhor ordem e systema de ensino, pela maior parte de recente fundação, e dos quaes mui proficientes resultados tem sortido em todos os ramos das sciencias e artes na mocidade portugueza actual.

De algumas collecções scientificas e valiosas se póde igualmente fazer menção como pouco inferiores ás das principaes capitaes da Europa, taes como: — a *Bibliotheca publica*, situada no convento de S. Francisco, contendo perto de 100,000 volumes, cerca de 6,000 manuscriptos, e 32,235 medalhas. No mesmo edificio se acha tambem o deposito das livrarias da maior parte das casas religiosas supprimidas, cujo total não será inferior a 550,000 volumes ainda não classificados. Na sala dos manuscriptos se admira a soberba estatua de marmore da Rainha D. Maria Iª, elegante modelo de esculptura que muito honra seu autor Joaquim Machado de Castro. — A 2.ª livraria com 32,000 volumes e a academica com 15,000 se achão no convento dos Cardaes, de que atrás se fallou. Nella existe hoje a famosa *Biblia* manuscripta, que o Papa Julio IIº offereceu a El-Rei D. Manoel em agradecimento do primeiro ouro da India que lhe mandára. As preciosas miniaturas que a adornão, julga-se serem feitas por Julio Romano. Tendo-a Junot subtrahido do convento de Belem, onde estava depositada, e achando-se depois da restauração dos

Bourbons em poder dos herdeiros do mesmo general, Luiz XVIII a comprou por avultada somma e a restituio, acompanhando a generosa acção uma attenciosa carta. — Neste mesmo convento se acha hoje bem collocado o *Museu de Historia natural*, bastantemente desfalcado de preciosidades desde que os Francezes lh'as espoliárão em 1808. — O *Museu militar* ou collecção de instrumentos bellicos se acha sito no arsenal do exercito e fundição. Contém um numeroso deposito de artilharia, machinismos de guerra, para cima de 70,000 espingardas, algumas armas antigas, &c., e nas suas officinas se trabalha com a maior perfeição todas as qualidades de metaes e armas. — Algumas livrarias particulares encerra igualmente Lisboa. Todos os seus conventos as tinhão mais ou menos importantes, e entr'outros o de S. Francisco uma de 20,000 volumes, o dos Jeronymos de 14,000, o das Necessidades 28,000, o de S. Domingos 22,000, &c. Finalmente a de S. Vicente de Fóra, pertencente ao Patriarcha, contém perto de 24,000 volumes de obras escolhidas em sciencia e litteratura, todos os classicos gregos e latinos, muitas biblias manuscriptas, algumas do XII seculo, e outros manuscriptos preciosos que pertencião aos conegos regrantes de Santo Agostinho, a mais scientifica corporação do reino. É opinião geral que a livraria do palacio da Ajuda, de que é digno director o illustre litterato Alexandre Herculano, contém para cima de 20,000 volumes de obras escolhidas. Quanto aos estabelecimentos industriosos que encerra, consultem-se os artigos sobre a *Industria* e *Commercio* do reino, na 2.ª parte desta obra.

Esta immensa cidade não tem fortificações permanentes do lado de terra, ainda que El-Rei D. Fernando a cingisse de grossos muros guarnecidos de 77 torres, nos quaes davão ingresso 36 portas. Todavia abrangia ella então um ambito muito mais pequeno do que hoje, e

com o seu progressivo augmento se forão derrubando ou aproveitando esses muros para construcções de modo que só parte dos que ainda restão servem mais de *barreiras* para a cobrança dos direitos municipaes que de defesa, e as duas portas extremas parallelas ao rio se achão, uma em *Santa Apollonia* a E. e a outra em *Alcantara* a O. Poder-se-hia comtudo facilmente fortifica-la pela natureza, unindo o rio de Friellas ao de Alcantara (veja-se o artigo *Sacavem*). Os montes e boas posições de que é rodeada sendo aproveitados, tambem muito contribuem para a sua defesa, pois que dos 275,000 hab. que encerra (com os suburbios), em caso urgente os poderião defender 50 a 60,000 homens. Em 1833 o partido liberal lançou mão dessas posições, formando uma tão forte linha de circumvallação quasi que improvisada, que os miguelistas, fortes de 25 a 30,000 homens de 1.ª linha aguerridos, a não podérão entrar, mas pelo contrario soffrêrão consideravel perda nos assaltos que lhe derão, e tiverão afinal de retirarem-se derrotados sobre Santarem. As fortissimas linhas de defesa desta capital formadas por lord Wellington, com as quaes a defendeu dos Francezes na guerra peninsular, erão muito extensas. (Consultem-se a esse respeito os artigos *Torres-Vedras*, *Alhandra*, e a parte historica desta obra.) Quanto ás suas fortificações do lado do rio, são importantes, o que se poderá ver a pag. 206 e no artigo *Oeiras*.

Rigorosamente fallando, póde-se dizer que Lisboa não tem porto propriamente dito, mas sim um dos mais vastos e melhores ancoradouros do mundo. Todos os navios, por maiores que sejão, fundeião em frente da cidade no rio, o que os expõe algumas vezes a avarias durante o inverno, principalmente quando ha o vento de *travessia* e o *palmellão*, que correspondem a S. E. e S. O. Póde-se calcular o numero dos que ahi aportão annualmente em 1,800, nacionaes e estrangeiros, o que amplamente se in-

dividualisará no artigo *Commercio;* donde se deduz que, exceptuando as 5 principaes cidades maritimas da Inglaterra, Amsterdam e S. Petersburgo, emparelha Lisboa com as que mais embarcações recebem na Europa taes como: Hamburgo, Genova, Dublin, Marselha, Napoles, &c.

A policia desta cidade que até o principio do seculo actual era tão má, tanto a respeito da salubridade publica como da segurança pessoal, o que excitou muitos estrangeiros a escreverem talvez com demasiada acrimonia sobre esse assumpto, tem desde então feito rapidos progressos no seu melhoramento, e hoje se acha em ambos os ramos a par das primeiras capitaes, e a algumas excede. Os incendios, que tanto atormentão as grandes cidades, nella fazem pouco estrago em razão dos bons regulamentos para os extinguir sem demora: além de se acharem promptas ao primeiro aviso 20 bombas com 6 carros de escadas e 560 aguadeiros, ha mais 2,570 divididos em 100 companhias com patrões. A sua guarda municipal consta de 200 homens de cavallaria e 1,000 de infantaria.

É Lisboa a séde da 1.ª divisão militar, das 8 em que se divide o reino. O seu districto administrativo, que é o maior e o mais povoado de todos, tem de superficie 284 leg. e 477,000 hab. em 39 concelhos, 212 freg. e 101,166 fogos. Em 1847 produzio em cereaes o seguinte: trigo 14,174 moios, centeio 2,560, milho 18,126, cevada 14,038, e contribuio no mesmo anno com 785:565$150 réis de imposto predial, pessoal e de maneio. A sua alfandega grande rendeu de 1846 a 1847 a quantia de 2,215 contos de réis, e a das Sete-Casas quasi 855. Pelas barreiras da terra entrárão para consumo desta capital, de Janeiro a Dezembro de 1848, os seguintes generos em numeros redondos: vinho 11,386 pipas, aguardente 504, vinagre 853, trigo 103 moios, farinha do mesmo 36,214,

milho 143, cevada 1,007; pão cozido 201,307 arrobas; bois 22,433, vitellas 2,765, carneiros 17,462, porcos 969, gallinhas 100,494, perús 9,962, ovos 227,410 duzias, e leite 40,017 almudes. Nesta resenha se não incluem os artigos que tem despacho na alfandega das Sete-Casas *(Consulado)* para consumo, taes como azeite, toucinho, carnes salgadas e ensacadas, frutas, etc., e o vinho e aguardente que por via da mesma entrão, por não ter sido possivel alcançar dados estatisticos satisfactorios. Sendo as margens do Tejo o local do desembarque e introducção de grande parte dos generos de quotidiano consumo chamados *da terra* por serem produzidos no reino, só se poderia apresentar um resultado completo com esses documentos; e pelo que respeita aos cereaes transportados pelo rio, seria igualmente necessario attender ao movimento da venda no mercado privativo deste genero, que é o Terreiro-Publico, o qual é tão consideravel que produz annualmente em direitos a favor do Thesouro perto de 200 contos de réis, e os do pescado de consumo na cidade 32 ditos.

É prodigioso o numero de pessoas illustres que tem produzido esta grande cidade em todas as épocas e em todos os ramos da humana illustração. Tedioso seria recapitular aqui uma tão longa nomenclatura, e mencionando sómente a alguns incorreriamos a nota de parciaes ou remissos não mencionando a outros: isso exigiria maior espaço que se não compadece com os limites deste artigo, já grande em demasia. Na parte *historica* e na *litteraria* desta obra, viráõ seus nomes citados nos competentes lugares.

Lobão, freg. do conc. da Feira, sit. 4 leg. ao S. do Porto, com 1,000 hab. Ha outra na Beira-Alta, conc. de Tondella, a 3 leg. de Viseu, com 1,280 hab.

Lobeira, pov. do conc. de Guimarães, sit. a 3 leg. de

Braga. Pretendem alguns que aqui nascêra o antigo romancista D. Vasco de Lobeira, autor do *Amadis de Gaula* ou *Gallia;* ha porém mais probabilidade de que fosse natural do Porto.

Lobrigos (S. João de), freg. do distr. de Villa-Real, no conc. de Santa Martha de Penaguião: contém 1,200 hab. Foi a mais rendosa abbadia de todo o reino, pois que só em vinho houve annos em que produzio 50 mil cruzados. — *S. Miguel de Lobrigos*, outra freg. do mesmo conc., com 500 hab.

Lomba ou *Terra da*, veja-se *Villar* e *Tua.*

Longos-Valles, freg. do conc. de Monção, 1,230 hab.

Longroiva, villa e freg. da Beira-Alta, no distr. da Guarda, perto da direita do rio Lamegal e 3-1/2 ao S. do Douro, em situação baixa e pouco saudavel por se achar no meio de 4 montes que lhe impedem o ser bem ventilada; é porém abundante o seu termo em milho, azeite e gado, e contém uma afamada mina de chumbo pouco explorada, e descripta pelo naturalista J. Botelho de Lucena: encerra 1,680 hab., e com o termo 3,000. As caldas que ha na sua vizinhança são propicias para achaques nervosos.

Lordello. As principaes povoações deste nome no reino são: 1.ª, no distr. de Villa-Real, com 628 hab.; 2.ª, freg. perto do Porto, com 2,414; 3.ª, no conc. de Barcellos, a 3-1/2 leg. de Braga, com 870; 4.ª, no de Penafiel, a 4 leg. do Porto, com 1,160.

Lordosa, freg. sit. a 1-1/2 leg. de Viseu, patria do celebre pintor Vasco, tem 1,355 hab. Ha outra freg. do mesmo nome, 3 leg. ao N. de Castello Branco, com 800 hab.

Loriga, villa sit. perto de Cea; 930 hab.

Lorvão, freg. sit. a 2 leg. de Coimbra, com 1,724 hab.: tem um celebre e muito antigo mosteiro de freiras. Nesta

pov. se fabricão annualmente uns 2 contos de réis de palitos para consumo e exportação.

Loulé, villa e freg. do Algarve, sit. 2 leg. ao N. de Faro, 4-1/2 a O. de Tavira, e 38 ao S. de Lisboa, edificada n'um frondoso e ameno outeiro, com velhas muralhas e um castello arruinado, em igual distancia dos rios Quarteira e Valformoso; os seus campos produzem muito trigo e alfarroba. Foi tomada aos Mouros em 1249 por D. Paio Perez Corrêa. Contém 8,245 hab., e o seu termo 15,326.

Louredo, villa e freg. perto de Penafiel, a 5 leg. do Porto, ambas com 1,320 hab. Do mesmo nome ha mais 8 pov. insignificantes no reino.

Loureiro, pov. do conc. de Santa Martha de Penaguião, a 1-1/2 leg. de Villa-Real, 1,120 hab. Ha uma freg. do mesmo nome no conc. de Pinheiro da Bemposta, 6 leg. ao S. do Porto, no distr. de Aveiro, com 2,080 hab.: é patria do illustre arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão.

Lourenço (S.) do Bairro, villa e freg. do distr. de Aveiro, 1,200 hab.

Loures, agradavel pov. de 4,200 almas, sit. 2 leg. ao N. de Lisboa. Seus arredores produzem muita e excellente laranja e limão, e na estrada que dahi conduz por Lumiar a Lisboa ha deliciosas quintas. Veja-se *Sacavem*.

Louriçal, villa e freg. do distr. de Leiria, sit. 6 leg. ao S. de Coimbra, com 3,280 hab., e todo o termo com 4,500. Ha outro *Louriçal* no distr. de Castello-Branco, conc. de S. Vicente da Beira, o qual conta 680 hab.

Lourinhãa, villa antiga, sit. 10 leg. ao N. de Lisboa, a cujo distr. pertence, a 1 do mar e 3 de Torres Vedras; é de 2,250 hab., e muito abundante de caça, grão, fruta, e principalmente de afamadas maçãas.

Louro (Ponte do), pov. do conc. de Barcellos, sit. a 3 leg. de Braga, 1,000 hab.

Lourosa, villa do distr. da Guarda, sit. 2 leg. ao N. E. de Arganil, perto de Cea, com 840 hab. Ha outra pov. do mesmo nome, perto de Viseu, com 1,569 hab., e outra a 3 leg. do Porto com 820.

Louzãa, villa e freg. do distr. de Coimbra, donde dista 4 leg. a S. E., edificada junto á serra do mesmo nome, cuja altura neste sitio excede 2,300 pés: possue a melhor fabrica de papel de todo o reino, encerra 3,000 hab., e o seu termo 6,016. Desta serra se colhe a maior parte do gelo que se gasta em Lisboa.

Louzada, freg. perto de Penafiel com 4,228 hab. Há mais duas no mesmo termo e do mesmo nome (S. Miguel e Santa Margarida), menos povoadas.

Luiz (S.), pov. do distr. de Beja e do conc. de Odemira, no Alemtejo, 2,100 hab.

Lumiar, aprazivel pov. de 2,400 hab., 1-1/2 leg. ao N. de Lisboa; é notavel pelas quintas e bellos jardins dos marquezes d'Angeja e d'Olhão, e outras de particulares: no verão têm grande concurso de familias da capital.

Lumiares, villa a 2 leg. de Lamego, 900 hab.

Lusitania ou **Luzitania**, veja-se a parte historica no 2.° volume desta obra e o artigo *Lisboa*.

Lustosa, freg. do conc. de Barcellos, a 4-1/2 de Braga: 1,215 hab.

Luz, agradavel aldêa sit. 3 leg. ao N. de Lisboa e onde existia a escola militar, que em 1834 passou para Rilhafolles em Lisboa, e em 1848 para Mafra: contém um antigo convento da ordem de Christo, outro de frades, e a bella quinta e jardim do visconde de Mesquitella; é de 2,300 hab., tem grande feira no mez de Setembro, e é muito frequentada no verão pelos Lisbonenses, que ahi vão tomar ares.

Luzo, pov. abastada do conc. da Vacariça, sit. a 3 leg. de Coimbra, 1,000 hab.

M

Maçãas, rio que nasce na Hespanha, na serra de Culebra, serve por algum tempo de raia aos dous reinos, e entra na esquerda do Sabor, no distr. de Bragança.

Maçãas de D. Maria, villa e freg. do distr. de Leiria, donde dista umas 6 leg., com 1,730 hab.; e *Maçãas de Caminho*, 4 leg. ao N. de Thomar, perto d'Alvayazere, com 460.

Mação, villa e freg. do distr. de Leiria, sit. perto do Nabão, com 2,180 hab. É patria do insigne latinista e theologo Antonio Pereira de Figueiredo.

Macario (S.), alta e ingreme montanha, ramo da Gralheira, que se estende na Beira-Alta, conc. de Lafões.

Macáu (governo geral de). Debaixo deste artigo comprehenderemos a cidade do mesmo nome, na China, os seus bispados suffraganeos, e os territorios da corôa portugueza da Oceania nas ilhas de *Timor*, *Solor-Velho*, *Solor-Novo*, *Sabrão*, *Flores*, *Allor*, &c.

Macáu.—Esta cidade está edificada n'uma pequena peninsula de pouco mais de 1 leg. de comprido que faz parte de uma ilha situada na entrada do vasto golfo de Cantão, pouco abaixo do rio Si-Kiang no Sul da China em lat. N. 22°, e long. E. de Paris 110°, 46', a 2,400 leg. em linha recta de Lisboa, e mais de 3,500 de roteiro. Os Portuguezes, depois de terem estabelecido as suas feitorias de commercio em Liampó e Tchongtcheu mais ao Sul, as abandonárão e forão fundar Macáu em 1557 pela superior salubridade do lugar, e com licença especial do Imperador, a quem

ainda hoje pagão pelo seu territorio o fôro de 600$000 rs. annuaes. Não foi porém esse onus o que mais contribuio para que os Chinas deixassem e deixem ainda subsistir esta possessão estrangeira nos seus dominios, mas sim os relevantes serviços que aquelles lhes prestárão no XVI° seculo contra os piratas que infestavão esses mares, fazendo-se em seu favor tão insigne e singular excepção na politica do *celeste* Imperio. O viajante D'Urville assim se expressa a este respeito: « Quando o Imperador Kiang-Hi, pelo meiado do seculo XVI° consentio em dar aos Portuguezes onde puzessem um pé no seu territorio, em recompensa dos serviços prestados por elles no exterminio dos piratas, soube-o combinar de tal sorte com a politica que, sem faltar aos deveres de gratidão, prejudicasse com a admissão dos novos hospedes a immunidade do territorio vizinho; e assim, em lugar de dar-lhes uma ilha inteira, cedeu-lhes sómente parte della, tirada logo uma linha de demarcação que assignava os limites de uns e outros. » Com effeito, no isthmo da peninsula ha uma muralha que communica com o dominio chinez por uma porta chamada do *Cêrco*, que os Europeos não podem transpôr.

A população portugueza da cidade anda por 6,000 a 6,500 almas, e a chineza por 26,000, sendo esta governada por mandarins. O seu distinctivo politico é de *Cidade do Santo Nome de Deos de Macáu:* está sit. em amphitheatro, e o primeiro objecto que sobresahe ao approximar-se-lhe do mar, são uma bateria portugueza que a domina, e o convento da Guia, notavel por suas altas muralhas e copadas arvores. Por cima tem outro mosteiro no cimo da rocha, e pela encosta da collina vem descendo as suas casas á maneira de degráos até á praia. Tem alguns edificios espaçosos e de boa architectura européa, mas as ruas são estreitas e pouco asseiadas.

Quatro fortalezas a defendem: n'uma dellas que tem cisterna, 4 fontes d'agua nativa e quarteis para 1,000 homens, existião ainda ha pouco tempo 40 peças de grosso calibre. Outra mais pequena, com 30 peças iguaes, e uma fonte perenne, não póde acommodar mais de 300 homens. Ainda que seja tão acanhado o territorio desta colonia que em 2 horas se possa dar-lhe volta, não deixa de conter, além da cathedral e do acastellado convento da Guia, a residencia do bispo e dos 12 conegos seus vigarios, umas 10 igrejas ou conventos, assim como 3 hospitaes. A sua diocese comprehende as duas provincias de Kuang-tong *(Cantão)*, Kuang-Si e a ilha de Hainan. Póde hoje calcular-se em 50,000 o numero de christãos desta diocese, pois que é agora o ponto de asylo e de partida dos sacerdotes europeos *propagadores da fé*, os quaes em Macáu occupão dous conventos e tem conseguido numerosos proselytos. — «A corôa de Portugal, por direito do padroado Real concedido por differentes Papas, nomeia tambem bispos para Pekim e Nankim, assim como na India o arcebispo de Cranganor e os bispos de Cochim, Meliapor *(Madras)* e o de Malaca, cujas dioceses são mui vastas em terras pertencentes a varios potentados, e principalmente á Gran-Bretanha.» *(E. A. Monteverde.)*

O porto de Macáu é excellente, nelle se faz consideravel commercio maritimo, e chegou a ser de grande importancia por mais de dous seculos emquanto foi a unica praça da China franqueada a Europeus, e onde os Portuguezes erão os unicos agentes nas suas transacções. Com o decurso do tempo faltando-lhe o apoio e recursos da mãi-patria, e franqueando os Chinas o porto de Cantão aos Europeos, foi diminuindo a sua prosperidade, mui principalmente na ultima guerra de 1842, em que os Inglezes dictárão a lei á China e começárão a negociar livremente com ella. Igualmente se forão os Chinas intro-

duzindo na cidade, onde hoje se achão em triplice numero dos Portuguezes, entre os quaes por vezes tem havido serias questões: em caso de desintelligencia com os *mandarins*, impedem estes de entrar do continente mantimentos na cidade, donde todos lhe vem, afim de conseguirem seus intentos, pondo em apertada crise os Portuguezes, os quaes não podem passar do seu territorio. A cidade é guarnecida por um batalhão da terra, alguns Sipaes e Europeos. As relações dos habitantes e autoridades de Macáu com os Chinas tornão o seu systema governativo de um genero particular e diverso das outras colonias portuguezas. Ha nesta peninsula a celebre gruta denominada de *Camões*, onde o principe dos poetas portuguezes ia matar as saudades da patria, compondo parte do seu immortal poema.

Oceania Portugueza.

Está sit. umas 600 leg. ao S. de Macáu — *Timor* — ilha da quinta parte do mundo e das da Sunda a mais oriental, entre 8° e 10° de lat. austral e 121° a 124° e 26' de long. E. de Paris. Foi descoberta em 1522 por Fernando de Magalhães, Portuguez ao serviço da Hespanha: tem perto de 70 leg. de comprido com irregular largura de 8 a 25. É atravessada por uma grande serrania que a divide em duas partes, e bem que geralmente montuosa, é muito fertil. Contém ouro e outros metaes, marinhas de sal e petroleo. Abunda em sandalo, cuja madeira se exporta para a China e India, e outras boas para construcção maritima; produz em ponto pequeno todas as especiarias das Molucas, e as forneceria em grande se seu fertilissimo solo fosse cultivado: a cera é muita, o gado vaccum e cavallar é pequeno, porém os macacos, bufalos, morcegos e serpentes attingem um tamanho enorme. Nella houve, segundo parece, um grande volcão, o qual desappareceu

deixando pantanos na extincta cratera, e, ao dizer de Hogendorp e outros viajantes, existe n'uma das suas altas montanhas uma abertura ou caverna, da qual durante 6 mezes do anno sopra um vento tão furioso, que não é possivel approximar della.

O seu governador portuguez, o qual é nomeado pelo de Macáu, reside em *Delli* no lado do Norte: é elle quem arrecada os tributos que os regulos pagão a Portugal. Os Hollandezes possuem na parte occidental a florescente colonia de *Copang*, que tomárão aos primeiros em 1613. A maior parte desta ilha, com mais de 50 regulos, reconhecião ainda ha poucos annos a autoridade do governador portuguez e usavão da sua bandeira; outros usão da hollandeza, e outros são independentes. Os sujeitos pagão um pequeno tributo ou fornecem gente para a guerra. Nas desavenças entre os regulos serve muitas vezes o governador de conciliador. Ha mais na colonia um ouvidor para a administração da justiça e um vigario para o culto catholico. Os indigenas são todos de raça malaia e papúa, e passão de 500,000, geralmente doceis, porém mui pouco civilisados.

Solor-Novo e *Flores*, distão 20 leg. a O. de Timor; a 2.ª ilha póde ter de comprimento 60 leg. sobre 20; a parte occidental pertence aos Hollandezes; na oriental ha a pov. de *Larantuca*, onde se achão alguns Portuguezes, bem como na outra. *Solor-Velho* e *Sabrão*, que se achão no mesmo archipelago, são menos consideraveis: na 1.ª tiverão os Portuguezes uma grande fortaleza. Vem aqui mencionadas estas ilhas, não pelo que avultão de importante para a monarchia portugueza, mas só para commemorar que já nellas a sua bandeira dominou com gloria e prosperidade; que foi ella quem as descobrio e introduzio o christianismo; pouco lhe resta hoje nestes longinquos paizes, e o pouco que dahi se cobra apenas chega para a despeza. *Solor*, entre Timor e Flores, é pequena,

porém muito fertil. Apezar de não haver nella feitoria portugueza, na povoação de Bancubá existem bastantes fuscos e mascates desta nação, da qual geralmente os habitantes por tradição e costume se reconhecem subditos. O mesmo se poderá dizer de *Sabrão*, vizinha de Solor, e d'outras ilhotas do mesmo grupo, onde os missionarios portuguezes tem convertido grande parte da população ao christianismo e obedecem ao bispo de Malaca. Finalmente *Flores* ou *Ende* com uma superficie de mais de 1,000 leg. em lat. 9° e long. 120°, de uma extrema fertilidade, produz em abundancia canella, sandalo, algodão e arroz, e tem um volcão. Os Hollandezes possuem quasi todo o litoral; os indigenas são malaios, porém ha bom numero de Portuguezes *bastardos*, mescla de Europeos com Canarins e sangue mestiço indio, e descendentes de christãos nativos que se considerão subditos da corôa portugueza e obedecem aos missionarios da mesma nação e ao bispo de Malaca.

O *Almanak de Gotha* para o anno de 1849 a 1850, a pag. 550, dá de superficie ás ilhas de *Timor*, *Solor*, *Flores*, &c., 52,600 leg. quadradas de 20 ao gráo, e uma população de 218,510 hab. tributarios da corôa portugueza, e que della reconhecem vassallagem, e sendo a de *Macáu* 6,500, será o total 225,010, não contando com os 26,000 Chinas de Macáu.

Transcreveremos agora algumas excellentes observações sobre estas longinquas paragens, de uma *Noticia* sobre ellas, do Sr. J. C. N. C., inserta no Panorama de 1842, a pag. 402 e 414:

«Ninguem supponha, diz o autor, que somos os possuidores de todas estas ilhas. Ainda em tempos mais felizes não eramos nós tão abundantes de gente e meios com que dominassemos paragens afastadas das nossas possessões indianas, onde era mais certa e commoda a

ganancia. Até certa época pouco remota dos nossos dias eramos ainda uns como moderadores dellas, occupavamos seus melhores portos, fortes, feitorias com palacio do governo, igrejas, conventos, &c. A séde do dominio era Cupang, onde residia o governador geral de todas com um batalhão, cuja fôrça era sufficiente para conter os 45 regulos do interior e cobrar os tributos que os chefes remissos demoravão. A colonia não florescia, porém era só nossa. Assim ião correndo as cousas quando os Hollandezes se forão pouco a pouco furtivamente introduzindo nesses estabelecimentos, expulsando-nos delles. Foi-nos forçoso abandonar-lhes nossa capital e ir estabelecer outra, *Dille*, na costa N. O. de Timor. Em Solor nos tomárão toda a costa occidental; e passámos para a oriental, onde estabelecêmos a povoação de *Larantuca*. Todavia os regulos tem sempre mostrado preferencia de submissão ao governo portuguez, e os Hollandezes, apezar da sua força, não tem podido esquivar-se á mortificação de presenciar a nossa conservação e sympathias populares. Talvez seja isso devido aos costumes cavalleirosos dos primeiros e seus usos realengos mais analogos á indole dos habitantes e constituição do paiz, do que ás feições cupidas e democraticas dos traficantes de uma companhia commercial — talvez maior suavidade e brandura de nossa administração colonial, e effeitos das catecheses dos nossos missionarios catholicos — ou talvez por um resto de respeito aos grandes nomes e feitos dos antigos vice-Reis da India? — talvez um pouco de tudo.

Estas ilhas são pouco visitadas de viajantes, que encontrão na proxima Batavia todas as commodidades européas. — O seu clima é excellente, as producções variadas e ricas, as mesmas que no vizinho archipelago das Molucas, porém em muito atraso, e nos estabelecimentos portuguezes, apenas o sandalo é o artigo de riqueza

commercial de exportação. Esta arvore indigena cresce ahi até o tamanho de um castanheiro: a sua odorifera madeira é muito apreciada pelos Chinas, que della se servem como de incenso e mirrha, e para obras delicadas, como leques, cofresinhos, &c., pelo suave aroma que exhala.—A sua canella é igual á melhor de Ceylão. Porém os costumes malaios e suas preoccupações de fidalguia, impedem os trabalhos agricolas, vivendo os pobres camponezes debaixo de uma pesada servidão.

Pelas acquisições modernamente feitas entre 1812 e 1815 pelo governador Victorino Freire de Gusmão, temos mais dous estabelecimentos nestas ilhas, a saber, *Allor Grande* e *Allor Pequeno*, cujos regulos reconhecem vassallagem á corôa portugueza, e pela maior parte obedecem ao governo geral de Gôa. Do auto de posse dado por este governador ao seu successor em 1815 na praça de Dille, além do mais lhe entregou as: « chaves do castello e munições de guerra, os cofres da Real fazenda e do dinheiro a gyro, e 4 presidios, a saber: *Batugade*, *Maubese*, *Fidlara* e *Cailaco*, além dos 45 reinos sujeitos a S. M. Fidelissima, em paz com a praça, e novamente reduzidos á obediencia, e bem assim os de *Larantuca*, *Bure*, *Sud* e *Numbá*, tambem de novo reduzidos, e finalmente os de *Panclaìs*, *Sumbe*, *Allor Grande* e *Allor Pequeno* com todas as suas jurisdicções.»—N'um mappa official da mesma época vem assim descriptas as acquisições feitas pelo mesmo governador Victorino no triennio do seu governo, dos regulos que prestárão homenagem á corôa portugueza.

Na ilha de *Timor*. O reino de *Fidlara*, de que são Reis D. Antonio Hornay de Mattos e D. Manoel Ignacio Banhete, os quaes jurárão e derão homenagem.—Reino de *Cailaco*, Rei *Samalelo*.

Na ilha de *Solor*. Reino de *Larantuca*, de que é Rainha *D. Lourença Gonçalves*, que mandou prestar homenagem

por procurador. Reino de *Aldonasa* e *Torom*, do qual é coronel e Rei *D. José*. —Reino de *Sica*, do qual é coronel e Rei *D. Domingos da Cunha*. Reino de Numbá, do qual é Rei *D. Thomé Fernandes*.

Ilhas *d'Allor*. Reino de *Panday*, Rei *Manhola*; dito de *Allor*, e seu Rei *Cabibd*.

Mais *Timor*, *provincia de Servijão*. Reino d'*Ambino*, do qual é coronel e Rei *D. Domingos da Cruz e Hornay*, e os de *Olupe*, *Imana* e *Reiboque*, dos quaes é conservador, capitão-mór e Rei *D. José Hornay*.

Mais *Timor*, *provincia dos Bellos*; e reino de *Maubese*, do qual é Rei *D. José Muniz Mdu*.

Todos estes reinos não são mais que districtos, em que dominão absolutos desde o tempo da colonisação os primeiros chefes povoadores, e aos quaes por descendencia ou por conquista succedêrão outros, os quaes, levados de suas idéas e costumes despotico-feudaes, por orgulho e ostentação se sujeitão ao soberano portuguez, de quem fazem o conceito engrandecido pela fama antiga do nosso poderio no Oriente, e a troco de um diminuto tributo annual ou de certo contingente de soldados para guarnecer os presidios, recebem com a investidura do seu mesmo dominio, os nomes portuguezes e titulos pomposos que deixamos referidos, bem como bandeiras portuguezas; são isso deferencias e lisongerías de boa industria e politica para melhor ganhar e conservar a sujeição destes Indios, que ao todo formão 53 *reinos* feudatarios da nossa corôa.

Quanto ao *cofre* do *gyro*, de que acima se fallou, póde-se considerar uma excellente instituição commercial, sendo certa especie de banco do Estado, onde entrão alguns rendimentos, privativamente destinados a serem emprestados com o juro de 10 por 100 aos particulares, cousa que faz honra á administração colonial, a qual é geralmente muito simples, e com pouquissimos empregados de

fazenda e de guerra: é por assim dizer um governo patriarchal militar, uma justiça rapida, porém paternal, e, segundo os utopistas modernos, talvez *feudal*.

Macedo, pov. do conc. da Feira, 4 leg. ao S. do Porto: 1,020 hab.

Maceira ou Mongota, pequeno rio que rega o valle de Vimeiro, no distr. de Leiria.

Maceira, pov. sit. a 1 leg. de Leiria, com 1,140 hab.; é porto de mar. — *Maceira Dão*, villa sit. a 2 leg. de Viseu, perto da esquerda do Dão, 400 hab.

Machede, freg. sit. a 2 leg. d'Evora, com 900 hab.; e *S. Miguel de Machede*, a 3 da mesma cidade, com 1,070.

Machico, villa, veja-se *Madeira*.

Macieira de Cambra ou Caimbra, villa e freg. do distr. de Aveiro, 1,255 hab. Ha no reino outras pov. com o mesmo nome de *Macieira*, porém de pequena importancia.

Macinhata de Ceiça, freg. do conc. de Oliveira d'Azemeis, sit. a 5 leg. de Aveiro, com 560 hab. — *Macinhata do Vouga*, sit. a 3 leg. da mesma cidade e perto da esquerda do Vouga, contém 1,300 hab.: é freg. mui fertil em grão e produz optima laranja.

Madeira (S. João da), pov. do conc. de Estarreja, 5 leg. ao S. do Porto, com 1,323 hab.

Madeira. O archipelago assim denominado comprehende a ilha do mesmo nome, a do *Porto Santo*, e as *Desertas*, formando um triangulo irregular com o cabo de S. Vicente no Algarve e os Açores, distando perto de 180 leg. de cada um dos pontos, sendo porém a Madeira o mais meridional. Foi descoberta em 1419 por João Gonçalves Zargo e Tristão Vaz Teixeira, porém o Porto Santo, que lhe fica 9 leg. ao N. E., o fôra quasi 2 annos antes. A capital deste pequeno grupo, sit. no Oceano Atlantico, é a cidade do *Funchal*, sit. em lat. N. 32°, 38', long.

O. de Paris 19°, 16'; e 7°, 48' a S. O. do meridiano de Lisboa, sendo as Canarias a terra que mais vizinha lhe fica (perto de 90 leg. ao S.), afóra as *Desertas* e a *Selvagem*.

O maior comprimento desta ilha é de 16 leg. de 20 ao gráo, e a sua largura varía de 2-1/2 a 5 com uma superficie de perto de 50. O seu lado de O. entre as pontas do *Pargo* e de *Tristão*, tem 3 leg. de larg., seguindo dahi para E. até á villa de S. Vicente no N., e a da *Ribeira Brava* no S., cujas extremidades distão 7 leg. das ditas pontas, continúa quasi que a mesma larg. de 3 leg.; porém seguindo sempre na direcção do Nascente, vai augmentando, de sorte que entre a ponta de *S. Jorge* no N. e a da *Cruz* no S. tem a ilha um pouco mais de 5 leg., as quaes vão tambem logo diminuindo, pois que entre o *Porto da Cruz* no N., e a ponta da *Oliveira* no S. já tem só 3 leg., e dahi até acabar na de *S. Lourenço* seu extremo oriental, vai sensivelmente estreitando até finalisar n'uma restinga ou aguda ponta denominada *Caniçal*, e logo em ilhotes. A sua configuração póde-se assemelhar á de uma canôa com prôa muito esguia e de fundo voltado.

O nome de *Madeira*, que desde o seu descobrimento tomou, proveio das espessas matas que a cobrião quando foi descoberta, ás quaes ainda virgens e resequidas, derrubadas e em putrefacção, largárão fogo os seus primeiros exploradores, temendo que encerrassem animaes nocivos: parece que andou ateado pelo espaço de 7 annos, o que decerto muito contribuira para lhe fertilisar o solo. Consistião essas madeiras em gigantescos tis, cedros, loureiros, urzes e vinhaticos, e com algumas que escapárão á conflagração, se construirão ao depois em Portugal embarcações de alto bordo, provando serem de excellente qualidade. Hoje esta ilha poucas contém de grandes dimensões, á excepção de castanheiros, nogueiras, alimos, pinheiros e vinhaticos; acha-se roteada e cultivada com

todos os vegetaes e plantas uteis da Europa e bom numero das dos tropicos, porém só de 1 a 1-1/2 leg. do litoral para o centro, pois encerrando um alto espinhaço de montanhas em quasi todo o seu comprimento, as quaes se ramificão, e cujas vertentes não podem sustentar as aguas, vem estas só a fertilisar as abas menos despenhadas e as *fujãas* ou planicies do litoral. O seu centro é inteiramente inculto e deshabitado, composto de terreno fraco por se achar em grande altura, frequentemente coberto de nevoeiro e productor de feiteiraes, giesteiras, arvores pouco corpulentas e arbustos que servem para pastos, combustivel e adubos das terras mais proximas ás vertentes, á excepção de alguns sitios abarrancados, e nos algares das ribeiras do Norte, onde se encontrão tis e vinhaticos de pasmosa corpulencia. Nessa serrania central sobresahem de quando em quando picos e cumiadas que determinão a partilha das aguas entre a costa do S. e a do N. — É ella profundamente cortada da maneira mais caprichosa e variada, apresentando a cada passo precipicios profundos e formando uma especie de parede divisoria das duas regiões. As unicas planicies um pouco extensas que se encontrão no seu centro e vertentes são: a denominada *Paúl da Serra* com cerca de 3 leg. de extensão e a 5,159 pés inglezes de altura acima do nivel do mar; a de *Santo Antonio da Serra*, menos extensa e alta, e meio cultivada; as *Achadas* no termo da villa de Porto do Moniz, não fallando n'outras de menos nota sit. para o lado do Poente.

Abordada pelo N., apresenta esta ilha um aspecto em extremo magestoso, e de uma horrorosa belleza, desenvolvendo ao longo da extensão da sua costa gigantescas escarpas de côr bronzeada á maneira de uma muralha immensa na base da qual rebentão com pavoroso ruido as ondas de um mar quasi sempre revolto, e coroada nas suas

alturas por copada vegetação, devida á frescura e methodo de cultivo adoptado nessa parte, cuja producção principal provém das vinhas de comprida cêpa sustentadas sobre arvoredo á maneira do Minho, ao que no paiz chamão *balsume*. Acima desta cinta inferior apparecem as alturas successivas do terreno subindo até os cumes centraes, calvos, descarnados e cobertos de um sem numero de escavações e barrancos onde frequentemente peneira uma densa nevoa até meia montanha, e verificando por entre ella a paizagem, uma côr ora denegrida, ora bronzeada, devida á natureza das suas rochas pyrogeneas e á verdura de uma vegetação abrilhantada pelo ardor de um sol meridional. Toda esta montuosa e elevada região é de espaço a espaço rasgada até quasi ao nivel do mar pelas aguas que, reunidas no inverno em caudalosas ribeiras, se precipitão do alto das serras em direcção ao litoral.

Para a parte do Sul, a serrania decliva mais suavemente; por isso os seus terrenos são mais assentes, as escarpas maritimas mais baixas, e possue mais valles no centro e litoral e desembarcadouros menos desabridos. Cortão-a igualmente amiudadas ribeiras, as quaes engrossando na estação chuvosa e confluindo umas nas outras, descem com rapidez ao mar, rasgando a superficie do terreno, e communicando-lhe uma aspereza que torna o transito enfadonho.

Se por uma parte todavia estes profundos e escabrosos córtes e algares empecem o caminho ao viandante, por outra apresentão a seus olhos as paizagens mais pittorescas e romanticas, descobrindo-lhe umas vezes escarpas e precipicios de magestade assombrosa, e de outra valles e retiros de amena belleza e graça variada, que difficilmente podem ser igualadas, mas nunca excedidas. Se o braço imprevidente do animal pensador não tivesse des-

pojado a quasi totalidade da sua superficie do vastissimo arvoredo que a cobria quando foi descoberta, seria toda esta ilha hoje sem duvida um dos sitios mais aprazíveis do Universo!

Quando deixadas as sinuosidades dos valles, se sobe aos cumes mais elevados da sua serrania, descortina-se a cada passo vistas extensas e variadas, cuja descripção excede a força da eloquencia, e das quaes nem o pincel do paizagista poderia traçar mais que uma approximada idéa. Assim é mister, para aprecia-las, trepar as alturas do *Arrebentão* por trás da igreja do Monte, as gargantas dos *Picos* sobre o Corral das Freiras, as *Torrinhas* e os desfiladeiros que conduzem ao *Jardim da Serra*, o alto da *Portella*, os despenhadeiros de *Santa Maria Magdalena* e *Quebrada dos Ferreiros* no Porto do Moniz, e os sobranceiros ao *Jardim do Mar*, *Paul*, *S. Jorge*, *Campanario*, &c., e finalmente o *Pico do Ruivo*, alto de 6,237 pés inglezes acima do nivel do mar, donde é visivel a 25 leg. em tempo claro, o qual centralisa a longa cordilheira que atravessa a ilha de Nascente a Poente. Estas e outras posições singulares pagão sobejamente a qualquer amante das bellezas naturaes a fadiga necessaria para a ellas chegar. Referindo-nos a um artigo publicado pelo Dr. Macauley na *Revista de Edimburgo*, encontramos as seguintes veridicas linhas: « Mui poucos são os sitios onde nesta ilha permanecem ainda alguns restos de sua virgem arvorisação, e isso só no lado do Norte e centro..... Diversos viajantes dão testemunho de que canto nenhum do universo póde blasonar de tantas combinações de objectos tão pittorescos e causadores de impressões de tão sublime magestade, e superior a tudo quanto pinta a poesia ou póde phantasiar a imaginação relativo aos grandiosos quadros da natureza, como se encontra nesta ilha. Esses dotes naturaes pois, a salubridade conhecida

do seu clima e o seu estado de uma adiantada civilisação, contribuem ainda mais que a sua producção e commercio de generosos vinhos para torna-la celebre. Não nos permitte o curto espaço deste artigo enumerar tudo quanto este formoso torrão portuguez — *Flor do Oceano* — como nessa nação lhe chamão, contém de notavel. Os negociantes britannicos, que no Funchal possuem magnificas casas com jardins e fortes estabelecimentos mercantis, são mui bemquistos dos habitantes, e todos os invernos ahi vão passar centenares de familias da Grãa-Bretanha para restabelecer sua saude e gozar seu aprazivel clima. »

A peculiar feição da sua configuração deve necessariamente influir no physico da ilha. Com uma curta ascensão ás serras, se póde experimentar mui grande variedade de temperatura, e em poucas horas passar do verão, pelo meio da primavera e do outono para o inverno rigido na summidade das montanhas, onde por semanas inteiras permanece a neve. — « Os que se não quizerem alongar das praias do Funchal, continúa o mesmo autor, podem dahi, onde é perenne e immarcessivel a vegetação dos tropicos, contemplar sobre as alturas a cavalleiro da cidade, a reapparição das folhas novas e todos os phenomenos da primavera: assim no declinar do anno, quando junto á costa se vê inalteravel a verdura, e a influencia do sol do verão pouco tem diminuido, as eminencias do paiz apresentão a variegada tintura e a folhagem murcha do outono. O ar da ilha é tão refrigerante, puro e balsamico, que o simples acto de respirar é um goso desconhecido em climas menos favorecidos, &c. » — O autor espraia-se em elogios sobre a excellencia desta atmosphera, sobre os attractivos dos passeios na ilha, e descreve os modos por que de ordinario se fazem, já em brilhante cavalgada, que se póde chamar á moda européa, em maca ou rede, ao uso americano, ou em palan-

im, que faz lembrar o luxo asiatico. O fragoso terreno o interior não admitte carruagens, e os transportes na idade e vizinhanças são feitos por via de zorras, puxadas por 2 ou 4 bois; no paiz chamão-lhes *côrças*.

Em seguimento ás curiosidades naturaes desta ilha, pôr-lhe-hemos remate transcrevendo do mesmo doutor Macaulay a descripção de uma obra publica inserta no *Atheneu*, e que por conta do governo se está fazendo na Madeira, e tal que elle não duvida chamar-lhe «*obra portentosa e que faria honra a qualquer nação e a qualquer seculo.*» Eis suas formaes palavras; apraz-nos citar autores estrangeiros de inquestionavel nomeada em preferencia aos naturaes, ou emittir nossa opinião quando a achamos tão corroborada por estranhos, afim de não sermos tachados de parcialidade: « Na testada de um profundo barranco no começo do valle da Ribeira da Janella, levanta-se uma rocha perpendicular com 1,000 pés de altura; grande copia de aguas mana desta penha; parte em abundante cascata sacudidas da summidade do rochedo, e parte em fios innumeraveis que rebentão das fendas da sua superficie e costado vertical, gottejando por entre innumeros arbustos. Todo este manancial era perdido, precipitando-se n'um abysmo, donde corria para o mar. Observou-se que, se se interceptassem essas nascentes na descida, e por arte se desviassem da carreira que lhes assignára a natureza, seria consideravel o proveito conduzindo-as para campos agricultados, e em 1836 se deu principio á obra. — Esta agua, até então inutil no fundo da ribeira onde se despenha, tornar-se-hia da maior utilidade na altura de 300 pés mais acima. Resolveu com effeito o governador da provincia Mousinho d'Albuquerque encana-la, e para se conseguir esse fim, praticou-se na rocha uma cortadura em partes de 20 a 30 palmos para dentro, a qual acaba em meio arco, e faz com que a agua, encos-

tada sempre á parede da meia abobada, se vá lançar n'uma levada que dali a mais de 2 leguas passa por uma galeria subterranea do comprimento de 150 braças cortada atravéz de um elevado pincaro.

Como seja inaccessivel a rocha onde primeiro se traçou tão atrevida obra, foi preciso para lhe dar começo que do alto descesse um homem por meio de uma corda á mencionada altura de 700 pés, e assim seguro, em varias partes, brocasse a rocha, carregasse as minas e lhe désse fogo. Para conseguir sem perigo esta ultima operação, era necessario que, quando elle tivesse 3 minas carregadas e lhes chegasse o fogo, désse immediatamente um balanço pendurado em sua corda de 700 pés e se fosse segurar dahi a boa distancia em algum ramo até se effectuar a explosão, acabada a qual largava o abrigo, e de novo voltava ao mesmo trabalho. — Esta parte da levada praticada na rocha vertical pelos homens assim pendurados, tem 600 pés de extensão, e dahi por diante corre um bello caminho feito nas faldas de continuados montes, e passando pela galeria subterranea para o lado do Sul da ilha, onde ha falta de aguas, irá regar 5 bellas freguezias que pela maior parte tem sido até ao presente pouco cultivadas pela escassez deste elemento. Tão bem são aproveitadas as nascentes da mencionada rocha vertical, que para baixo da levada, que fica 300 pés acima do fundo do abysmo, não se verá correr uma gotta d'agua, quando dahi para cima, que são 700 pés, é tudo uma torrente de cachoeiras. Desta portentosa obra não se póde dar nem approximada descripção; só vendo-se é que se póde admirar.»

No recenseamento feito em 1835 pelo governador Mousinho d'Albuquerque achou-se conter esta ilha 115,446 hab.; hoje juntamente com a do Porto Santo, que andará por 3,200, póde esta provincia encerrar

120,000: fórma a 9ª divisão militar, e o 18º districto administrativo civil, sujeita no judicial ao tribunal da Relação de Lisboa. A sua posição geographica, assaz proxima da zona tropical e a grande altura das suas montanhas, a tornão susceptivel de aclimatisar quasi todos os vegetaes: assim as plantas que prosperão com o calor dos tropicos ou as que o frio glacial acanha, ahi fructificão e se aperfeiçoão. Junto da maçãa, do morango, da pêra, da batata do Norte, brilha em todo o seu viço a laranja, o limão, o pecego e todas as demais frutas das regiões temperadas promiscuamente com as da zona torrida, taes como a banana, o maracujá, a pitanga, o ananaz, o café, a canna de assucar, o inhame, a batata doce, &c. O seu café é igual ao melhor de Moka, tanto que nella se gasta o do Brasil, e o seu vai para Londres e Lisboa, como especial. Esta cultura já chegou a ser consideravel, mas hoje se acha muito diminuida. O mesmo aconteceu á do sumagre, pastel e urzella, de que se chegou a exportar em quantidade. A da seda foi igualmente lucrativa, principalmente nas terras dos Jesuitas. A mesma decadencia soffreu o interessante cultivo do assucar, donde se transportou depois para o Brasil. Chegou a ter para cima de 120 engenhos, e o quinto do rendimento que pagava á ordem de Christo passou de 30 mil arrobas, donde se deduz que a colheita annual excedia 600,000 arrobas. Os cereaes que produz não excedem 4,500 moios; por conseguinte, apenas chegão para 3 ou 4 mezes de sustento da povoação; de outros farinaceos produzirá uns 200,000 saccos; porém a batata ingleza, que ahi chamão *semilha*, partilhou do recente contagio que na Inglaterra e Irlanda a atacou, e a fallencia do seu producto produzio em toda a ilha uma extraordinaria escassez.

É todavia aos seus preciosos vinhos a Madeira deve

toda a sua prosperidade, bem que multissimo diminuida do auge a que chegou. A sua colheita annual regula por 22,000 pipas, das quaes se exportão de 7,000 a 9,000, tendo chegado esse algarismo nos felizes tempos da guerra continental a mais do dobro, pelo que se via a ilha precisada de importar aguardente estrangeira para seu preparo. O preço de embarque geral para o vinho *secco*, é de 44 libras esterlinas; porém o *sercial*, o *boal*, a *malvazia* e a *tinta*, que são as qualidades superiores, custão perto do dobro. Ha porém vinhos estufados inferiores do Norte e até do Sul que deixão interesse pondo-os a bordo por 14 libras, e ainda menos; estes geralmente vão para os Estados-Unidos, Indias e Russia.

Do sercial se poderá colher annualmente apenas 200 pipas, e só se considera perfeito com mais de 8 annos de idade; o boal ainda mais raro é e não excede 100 pipas; é excellente mesmo de um anno, e o mais balsamico de todos os vinhos; a colheita da malvazia mesmo em anno abundante não passa de 240 pipas, e a tinta chega a umas 800, porém da melhor não excede 300 pipas. Esta denominação se deriva da sua côr natural preta scintillante, a qual começa a perder desde o 2.° anno, e ao 6.° se acha já palhete quasi como o topazio. É muito astringente emquanto nova; goza de virtudes medicinaes e é recommendada nas diarrhéas e hemorrhagias. As primeiras cepas destes vidonhos e de outros que possue a Madeira, lh'as mandou transportar o infante D. Henrique pelos annos de 1430 da ilha de Chypre, e algumas do reino, taes como o *bastardo*, *negrinho*, *verdelho* e *peringó*.

O commercio de exportação desta ilha quasi que exclusivamente é feito por casas inglezas estabelecidas no Funchal, algumas das quaes são milhonarias. A sua riqueza, como fica dito, chegou a um florescente auge. Pelo mappa estatistico de J. P. Casado Giraldes se vê que em

1813 produzio em vinho 2,231:490$000 rs., a 100$000 por pipa; em trigo 233:744$400 a 1$200 o alqueire; em centeio 13:088$250 a 450 por dito, e em cevada 12:778$000 a 450 por dito, total 2,491:100$650. O rendimento do Estado era então proporcionado a uma tal riqueza territorial, pois que, cobrando o dizimo de todo elle, só em vinho e grão devia de chegar a perto de 250 contos, além do da alfandega, que orçava pelo mesmo, e de outros rendimentos menores. Actualmente todos os ramos se achão decahidos. Pelo orçamento do ministerio para o anno de 1846 a 1847 se calculou o seu rendimento liquido em 76:080$914, a saber:

Impostos Directos.	54:055$000
» Indirectos	118:019$525
Proprios Nacionaes e Diversos.	15;999$125
	188:073$650
Despeza	111:992$736
	76:080$914

Na verba dos impostos indirectos vai incluido o rendimento da alfandega orçado em 85:359$000 réis; é pois a quarta da monarchia, isto é, depois da de Lisboa, Sete-Casas e Porto.

Julgamos porém em extremo diminutas essas verbas da receita, ao passo que exageradas as da despeza, o que plausivelmente se póde attribuir a conveniencias ministeriaes no manejo economico das finanças, ou talvez para fazer sobresahir esta ou aquella administração, &c. O acreditado estadista M[c]. Gregor, estranho á politica do paiz, classificou o seu rendimento em 1840 da maneira seguinte:

Direitos de importação.	16,449	Lib. sterl.
» » exportação.	13,804	»
Dizimos de vinho, grão, &c. . . .	15,437	»
Impostos indirectos e Bens Nacionaes	8,383	»
Multas, real d'agua, imposição, finta, subsidio litterario, barcos de pesca e outros menores	5,104	»
	59,177	

Valendo cada libra sterl. na Madeira 6$000, total 355:062$000 rs. (moeda do paiz que é pesos hespanhoes).

Em 1839 não passou este rendimento de 55,753 lib. st. Do mesmo autor extrahimos os seguintes dados: Os artigos ahi importados para consumo em 1840 a 1841 perfizerão 62,762 lib. sterl., das quaes 38,276 erão de Inglaterra, e 10,302 dos Estados-Unidos, porém nesta conta se não inclue farinha e grão. As importações de Portugal e de outros dominios da nação que não pagão direitos são consideraveis, e nesse anno excedêrão 90,000 lib. sterl. —No de 1842 a 1843 entrárão 3,538 barris de farinha e 61,091 *quarters* de grão (perto de 8,145 moios). No anno findo em 31 de Dezembro de 1843, entrárão no seu porto 272 navios, 124 dos quaes erão britannicos, com o valor de 40,550 lib. sterl., e sahirão 122 com o valor de 166,550 lib. sterl.; 76 portuguezes com 34,080, e sahirão 84 com 22,360; 18 americanos levando 11,980, e 17 sardos com 11,550. —Um dos bons annos do seu commercio foi o de 1825, em que exportou 12,604 pipas de vinho, o qual a 40 lib. um por outro faz 504,160; nesse mesmo anno o consumo de vinho Madeira só em Londres foi de 400,476 gallões imperiaes (perto de 4,440 pipas).

A cidade do *Funchal*, capital da ilha e da provincia, está sit. no lado do S. á beira-mar, em meio de uma bahia abrigada de todos os ventos menos o do S., o qual, quando acontece soprar, todos os navios que nella se

achão fundeados, mesmo na distancia de meia leg. da terra, devem evitar, fazendo-se ao largo, quando não, correm perigo de encalhar, pois o vagalhão é sempre alteroso e o fundo de máo ancoradouro. Tem quasi em frente o rochedo denominado *Ilheo*, artilhado, e que serve de registo do porto, ao abrigo do qual podem fundear á vontade 10 ou 12 navios; porém esse abrigo se torna muito perigoso havendo tempo Sul, porque então não achão ensejo de sahir, e o vaivem das aguas desse poção muitas vezes é mais encapellado, e acaba por arrebentar os argolões e correntes presas ao rochedo: frequentes catastrophes tem acontecido a incautos mareantes, tanto ao seu abrigo como fóra, o que felizmente se póde evitar, porque a atmosphera e as aguas costumão apresentar aos conhecedores signaes indubitaveis quando o vento vai virar para o quadrante do Sul. Com 200 mil cruzados de despeza se póde solidamente unir este ilhote á *Pontinha*, peninsula distante dahi 100 braças, fechar mais a bocca da intermedia bacia com um cáes da parte da cidade, e ter-se-hia então um excellente abrigo para 3 ou 4 duzias de embarcações. Já o governador Dom M. de Portugal e Castro começou outra util empreza deste genero junto ao forte de S. Tiago em 1826; porém as vicissitudes politicas tudo transtornárão. O numero de navios que frequentão annualmente o porto do Funchal anda por 300, pela maior parte inglezes.

O assento da cidade está no declive de ladeiras que conduzem a altas serras, e vista de distancia apresenta um singular aspecto que todos os viajantes celebrão; não se encontra nella a fumaça ou pesada atmosphera que de ordinario paira sobre as grandes povoações: encerra 48 ruas, 17 travessas e beccos, 6 calçadas, 3 mercados, 6 passeios arvorisados, 8 pontes e 10 igrejas. As suas casas são geralmente de brilhante alvura, o que mais so-

bressahe, em razão do escuro solo e profundos barrancos que lhe ficão nas costas. Entre ellas merecem menção as do rico proprietario A. Camara de Carvalhal Esmeraldo em S. Pedro, a da companhia das Indias Inglezas ao Collegio, a de Blackburns contigua á alfandega e a quinta do Palheiro, todas cinco pertencentes tambem ao mesmo; a da familia Vasconcellos na rua do Pinheiro, a de Rego, a do visconde de Torre Bella, e outras muitas dentro da cidade. Os seus arredores são igualmente adornados de bellissimas quintas de recreio, pela maior parte habitadas ou pertencentes a Inglezes, e todas no primoroso gosto dos *cottages* de Inglaterra. O paço episcopal é vasto, porém destituido de architectura e adornos; o palacio do governo é irregular e embellezado á moderna; a Sé póde emparelhar com os bons templos do reino: é de tres elegantes naves, e construida toda de cedro odorifero da ilha. Os templos do ex-Collegio dos Jesuitas e do Carmo merecem menção, bem como o dos Inglezes. No ex-convento dos Franciscanos existia uma curiosa capella, murada e adornada de caveiras, que muitos estrangeiros celebrárão. Contém a cidade 3 mosteiros de freiras e 2 recolhimentos. O seu theatro, que era o 2.° ou 3.° da monarchia, mandou-o derrubar o governador D. Alvaro em 1831, bem como ao arvoredo do seu passeio publico; por isso o de hoje ainda se acha pouco copado: em compensação tem os formosos passeios do *Til* e das margens da Ribeira da *Praça*, o da praça de *S. João* ou mercado de fruta, e o da *Praça Academica*, mais moderno. Esta cidade com os suburbios contém 22,000 hab. As ruas, apezar de geralmente estreitas, são canalisadas com regatos d'agua, cobertos, que servem a fertilisar os seus jardins e quintaes, e gozão de uma limpeza que raramente se encontra nas cidades meridionaes da Europa: são todas calçadas com pedra miuda oblonga,

sem passeios de lagedo, pois os não carece, sendo o usual transporte das pessoas a cavallo ou em palanquim, e o dos generos em *côrças* sem rodas; as casas são geralmente de 2 a 3 andares, e de pedra. Não tem defesa alguma do lado de terra, á excepção do castello do *Pico*, que a domina completamente; é bem artilhado, porém acha-se dominado por outra altura a N. O. Do lado maritimo consistem as suas fortificações n'uma cortina de varias baterias artilhadas com muralha e quasi á flôr d'agua, além da fortaleza do Ilheo.

Esta cidade foi tomada e saqueada em 1566 por uma expedição de huguenotes francezes, piratas da Rochella, roubando-lhe para cima de 500 mil cruzados. Em consequencia da sua situação n'um val maritimo onde vão desaguar diversas ribeiras, caudalosas na occasião das chuvas, tem soffrido por diversas alluviões, causadoras de grandes estragos, entre as quaes são notaveis as de 1803 e 1842. Ainda que a ilha apresente vestigios de haver sido volcanica, não consta ter soffrido grandes estragos causados por terremotos; o maior de todos, o de 1748, foi bem sensivel na cidade, porém não causou notaveis ruinas, e o de 1816 ainda muito menos. Tambem não encerra animal algum venenoso, excepto aranhas; os proprios mosquitos são raros.

Os bispos da Madeira se intitulão — do *Funchal* e *Arguim*; hoje recebem só 2:400$ rs., porém antes de 1834 tinhão um rendimento na sua jerarchia só inferior ao do patriarcha de Lisboa, pois constava de 101 pipas de vinho, quasi todo do melhor, 51 moios de trigo, alguns de centeio e cevada, e 706$000 rs., além de muitas propinas em generos e dinheiro, tanto que D. Frei Joaquim de Menezes e Ataide, que só foi seu vigario capitular, e como tal só recebia a terça parte do rendimento, chegou á liquidar pelos annos de 1819 perto de 18 contos de réis.

As suas dignidades cathedraes igualão as das principaes Sés do reino, e entre ellas contém 11 conegos e 10 capellães. Divide-se toda a ilha em 45 parochias, 8 das quaes tem collegiadas com beneficiados. No civil é governada por 9 camaras municipaes ou villas, e 1 cidade elevada a essa categoria em 1508, e pouco depois á de arcebispado primaz do Oriente, dignidade que conservou até 1547.

Entre os homens illustres que tem produzido esta ilha, citaremos o celebre patriota João Fernandes Vieira, denominado *Castrioto Lusitano*, que expulsou os Hollandezes de Pernambuco; Affonso da Costa, mais conhecido pelo nome de *Frei Affonso da Ilha*, profundo theologo, autor do *Thesouro de Virtudes*, traduzido em varias linguas; Luiz Gonçalves da Camara, preceptor e conselheiro d'El-rei D. Sebastião, jesuita de grande saber e influencia; Balthasar Dias, poeta comico, autor de diversas comedias e autos que farião honra a Gil Vicente; Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, excellente poeta, autor do poema *Zargueida*, ou Descobrimento da Madeira, no qual se encontrão bellissimas oitavas; escreveu mais a *Jorgeida*; Manoel Caetano Pimenta de Aguiar, autor de algumas tragedias das melhores que possue a nossa litteratura, originaes, e deputado ás côrtes, &c.

Santa Cruz é a mais bonita villa de toda a ilha; está edificada n'um delicioso val maritimo do S. 3 leg. a E. do Funchal: encerra excellentes quintas, um convento que foi de franciscanos, e junta com a sua freg. perto de 3,500 hab., produz boa tinta. —*Machico*, outra villa tambem maritima, sit. 1 leg. a E. de Santa Cruz, sit. n'uma estreita planicie rodeada de morros, onde desemboca uma caudalosa ribeira, que já derrubou parte da povoação n'uma enchente. É neste sitio que aportou em 1344 o Inglez *Machim*, donde lhe veio o nome, e que adiante se verá. A villa e a freg. contém 4,000 hab.; esta é muito arvori-

sada e contém sitios amenos donde se desfruta agradaveis pontos de vista; do lado do N. fica o vasto e aprazivel descampado de *Santo Antonio da Serra*, lugar de frequentes caçadas e passatempos dos habitantes do Funchal; tem um hospicio gratuito para os visitantes, e a pequena distancia se acha a *lagôa* ou terreno aprofundado de uma milha de circumferencia que se enche d'agua de chuvas, e se julga ser a extincta cratera de algum volcão, bem que arvorisado de frondosa vegetação. —*Porto da Cruz*, freg. de 3,400 hab. no lado do N. E., produz excellentes vinhos brancos e contém uma escabrosa e alta montanha isolada, cujas abas são talhadas a prumo; vista de longe parece uma ilha, e pela sua despenhada configuração se denomina *Penha d'Aguia.* —*Santa Anna* é outra villa moderna pouco arruada; a pop. da freg. excede a 3,000, e é nella que está sit. o celebre *Pico do Ruivo.* —*Ponta Delgada* é igualmente villa recente com desabrido porto, e nesse lado do N. é a freg. mais abastada, bem como *S. Vicente*, que tambem é villa e antiga, mas sit. n'um barranco de hedionda apparencia; ambas são fartas de legumes, frutas e vinhos, porém de inferior qualidade; a freg. da 1.ª contém perto de 3,000 hab., e a da 2.ª 4,400. —Na mesma costa 4-1/2 leg. para O. se creou igualmente em 1840 a nova villa do *Porto do Moniz*; acha-se sit. n'uma amena planicie maritima ou antes restinga na base de alcantilados terrenos chãos: é a pov. mais arruada e importante de toda a costa, contendo boas e bastantes casas, um forte meio arruinado e um cáes com abrigado fundeadouro; produz afamada *tinta* e contém perto de 3,000 hab. —As antigas villas da *Calheta* e *Ponta do Sol* nada tem de notavel; a 1.ª está sit. n'um medonho varadouro junto a uma ribeira por baixo de um despenhadeiro; comtudo nas campinas superiores do seu termo contém bellas quintas e sitios amenos de apreciavel

vivenda; tinha um convento de frades. — *Ribeira Brava*, outra villa moderna e sit. n'uma chapada maritima junto á caudalosa ribeira do mesmo nome, é assaz arruada e tinha um hospicio de Franciscanos. — *Camara de Lobos* finalmente goza da mesma categoria desde 1840. É pov. bem arruada, sit. em planicie, com um excellente portinho em fórma de lapa ou *camara* de rocha viva, e fortificado, onde chegando João Gonçalves Zargo em 1419, descobrio um magote de lobos marinhos, dos quaes matou muitos e tomou para si o appellido de *Camara* em troca de *Zargo*. Esta freg. produz do vinho mais apreciado e contém perto de 4,000 hab.; tinha 1 convento.

A Madeira era inteiramente deshabitada no seu descobrimento e desconhecida dos antigos; alguns são de opinião que formasse parte da grande ilha *Atlanta*, submergida em remotas éras por catastrophes da natureza. A sua descoberta deve-se a um fortuito acontecimento, o qual, se não estivesse bem comprovado, passaria por maravilhoso. — Um mancebo inglez chamado *Mackim*, raptara a donzella *Arfet* em Bristol pelos annos de 1344, e com ella se embarcou com destino para a França; porém, por impericia ou ventos contrarios, foi arrojado á bahia do S. da Madeira, que delle tomou o nome de *Machico*, onde desembarcou. Tres dias depois soprou tão rijo vento do Poente, que a embarcação desappareceu, levando alguns companheiros, o que causou tal dôr á dama, que em pouco expirou e o amante lhe não sobreviveu por muitos dias. Os restantes foragidos, depois de os haver sepultado, recolhêrão os mantimentos que pudérão e se embarcárão no lanchão do navio, que ficára varado, a tentar se encontravão alguma terra habitada, e em breve forão parar á costa da Barberia, onde sendo feitos escravos forão levados para Marrocos. Existira ahi entre os captivos christãos um piloto João de Morales, o

qual colheu destes aventureiros todos os pormenores relativos á terra que havião descoberto, e apenas foi resgatado, os communicou a João Gonçalvez Zargo, fidalgo da casa do infante D. Henrique. Este principe, por antonomasia o *descobridor* e *navegador*, os encarregou, junto com outro fidalgo Tristão Vaz Teixeira, de irem descobrir essa terra. Fizerão-se pois á vela em Junho de 1419, e em breve chegárão á ilha do Porto Santo, já descoberta havia quasi 2 annos, e a qual D. João I dera em donataria a Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do infante D. João seu filho.

Divisava-se daqui a grande distancia um continuo negrume que nada deixava enxergar, e a superstição do tempo figurava como objecto sobrenatural, que ninguem tentava investigar: os dous nautas comtudo a 2 de Julho do mesmo anno acommettêrão contra a dita cerração, bem que com grande temor, e já cercados della forão descobrindo altos picos cobertos de bastissimo arvoredo na base dos quaes forão surgir. Na manhãa seguinte separárão-se para colher informações dessa terra virgem, e brevemente deparárão com as sepulturas dos dous Inglezes e se identificárão na certeza de que se achavão n'uma grande ilha. Voltando pois para o reino e dando parte de tão importante descoberta ao infante D. Henrique, este os remunerou dividindo a ilha em duas capitanias, e dando-lh'as em titulo de donatarias: a parte meridional coube a Zargo, o qual, como fica dito, mudando este nome no de *Camara*, foi o tronco das illustres familias do mesmo nome desta ilha, dos marquezes de Castello-Melhor, condes da Ribeira Grande, da Taipa, marqueza de Ponta-Delgada, &c., e quasi toda a parte do N. com pequena porção da do S. coube a Tristão Vaz Teixeira.

Continuou a 1.ª donataria nos primogenitos da mesma familia até o 6.° successor, o qual já era o 2.° conde da

Calheta, titulo que El-Rei D. Sebastião dera a seu pai em 1576. Logo porém que Philippe II usurpou o throno portuguez, mandou governar a Madeira por um magistrado com alçada só dependente da corôa, e os que se lhe seguirão continuárão com as attribuições militares e civis reunidas. A donataria de *Machico* conservou-se tambem até o 4.° primogenito em 1540, e não deixando este varonia, vagou ella para a corôa, e D. João III a doou a D. Antonio da Silveira de Menezes, donde passou para a casa dos condes de Vimioso.

A Madeira tem seguido Portugal em todas as suas prosperidades e vicissitudes politicas, obedecendo sempre de bom ou de máo grado ao reclamo da mãi-patria, e pelas mais das vezes servindo infelizmente de pasto aos afilhados dos homens do poder. As utopias liberaes propaladas no reino lhe tem sido em extremo fataes. Em 1823 uma sanguinaria alçada mandada syndicar sobre opiniões politicas tratou a ilha como a um paiz conquistado, prendendo e degradando muitos de seus mais illustres filhos. Póde-se comtudo considerar esse primeiro passo como um ensaio para o que em 1828 praticou outra mais cruel e atroz alçada mandada por D. Miguel, afim de syndicar ou antes condemnar previamente os infelizes que tinhão sido fieis aos seus juramentos. Essa cafila de togados tigres, ajudada pelo seu condigno governador o ferino José Maria Monteiro, lançou o luto e a consternação em quasi todas as familias. Ficárão pronunciados nessa alçada mais de 300 individuos dos principaes, seus bens confiscados, e a maior parte delles presos no Limoeiro e castello de Lisboa, além dos que forão retidos ou conservados com homenagem na ilha por suspeitos, e uns 800 que emigrárão para paizes estrangeiros, e os que sahirão degradados para a costa da Africa, &c.

Conforme as condições da entrega desta ilha em 1807 pelo governo portuguez aos Inglezes, cujas forças a guarnecêrão para impedir algum desembarque dos Francezes, obedecendo porém ao governador portuguez, aquelles a restituirão em 1816 ao governo de Lisboa.

Porto Santo. Esta ilha, na qual os Portuguezes estabelecêrão a sua primeira colonia maritima, está sit. em 33°, 5' de lat. N., e 18°, 37' de long. O. de Paris, e 11 leg. a N. E. da Madeira. A sua configuração é triangular com perto de 3 leg. de comprim., 1 de larg. e 7 de circuito; tem alguns ilhotes vizinhos, os quaes fornecem a unica pedra calcarea de que se faz uso na Madeira. Apezar desta ilha ser geralmente plana, quasi no centro encerra um pico escarpado com platafórma no cume e uma arruinada fortificação onde os hab. se recolhião e defendião em occasião de rebate, pois a fraqueza da pov. por vezes excitou os Mouros e Hespanhóes a ataca-la e rouba-la.

O seu solo é areento e pouco apto para vegetação de arbustos; contém poucas fontes, e apenas algumas figueiras, amoreiras e zimbreiros; igualmente é pouco arvorisada, e o combustivel lhe vai da Madeira. Em recompensa abunda em cereaes de excellente qualidade e vinho: a sua colheita annual póde-se calcular do modo seguinte: Vinho 1,000 pipas; trigo 200 moios, 650 de cevada, 50 de lentilhas, e uns 20 de milho, centeio, &c., melões, melancias, algum gado e burros. O vinho, ainda que de inferior qualidade, produz boa aguardente na proporção de 1 pipa della por 5 de vinho: os 3,200 hab. de que se compõe a sua população são regidos por uma camara municipal e um governador militar dependente do do Funchal: a sua bahia dá seguro fundeadouro.

Esta ilha foi descoberta em 1417 ou 1418, porém como e por quem não se sabe ao justo. Pretendem autores que nella aportassem em 1402 os Francezes que passárão á

conquista das Canarías com J. de Betencourt, os quaes, achando-a deserta, não a presidiárão, o que sabendo o infante D. Henrique, a mandou povoar por Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do infante D. João, seu irmão. Dizem outros que o mesmo Perestrello a descobrira, e outros que fôra J. Gonçalves Zargo em 1418, e por nella arribar com temporal, lhe pôz o nome de *Porto Santo* ou da salvação. O certo porém é que D. João I fez a B. Perestrello mercê desta donataria de juro e herdade para si e seus descendentes, nos quaes se conservou até o 8.° e ultimo donatario Estevão de Betencourt Perestrello, que morreu em Lisboa andando requerendo a El-Rei D. José I indemnisações pela extincção que dessas instituições feudaes fizera, compensando-as com titulos, mercês, &c., porém que não chegou a conseguir, e revertendo para a corôa, foi esta ilha provida de magistrados regios, como acontecêra á Madeira e outras capitanias.

Ilhas Desertas. São estas em numero de tres, e sit. 8 leg. a S. E. do Funchal. A do meio, que é a maior, tem pouco mais de 1 leg. de comprim. e 1/8 de larg.; chama-se grande Deserta ou do *Norte.* A 2.ª que lhe fica ao S. chama-se *Bugio* ou do *Sul;* tem 1 milha de comprim., e 1/4 de larg., e a do N., que pouco mais é que uma restinga de algumas braças de altura, se denomina *Ilheo Chão*, e tem a pequena distancia um rochedo pyramidal bastante alto, que de longe se toma facilmente por uma embarcação á vella. São estas ilhotas alcantiladas, escabrosas e destituidas de vegetação por falta de terra e agua. Produzem apenas urzella e apascentão algum gado cabrum. Servem de receptaculo a innumeraveis cardumes de *cagarras*, especie de gaivotas, que na estação propria vão homens da Madeira apanhar para comer salgadas, e aproveita-se-lhes as pennas para flôres. Pertencem estes rochedos ao conde da Taipa, Dom Gastão da Camara.

Mafamude, freg. do conc. de Gaia ao S. do Douro, contém 2,600 hab. e uma fabrica de vidros.

Mafra, villa e freg. 6 leg. ao N. O. de Lisboa e a pouco mais de 3-1/2 de Cintra, encerra 3,250 hab. É nesta pov. que avulta o soberbo edificio construido por D. João V, contendo palacio, basilica e mosteiro, monumento este que no seu genero é incontestavelmente não só o mais grandioso e esplendido de todo o reino, como tambem um dos mais consideraveis da Europa moderna. O plano desta gigantesca fabrica é um quadrado de 1,150 palmos na frente da igreja; a frontaria principal é do lado do Poente olhando para o Oceano, com espaçoso terreiro e apresentando tres grandes corpos: no centro, o frontispicio do *templo;* para o Sul, a parte do palacio denominada *residencia da Rainha*, e ao Norte a outra chamada *residencia de El-Rei*, ambas de 4 pavimentos corôados de espaçosos terraços, e rematando cada angulo um magnifico torreão de 100 palmos de altura acima dos terraços. São de excellente cantaria primorosamente trabalhada: suas paredes começão com 20 palmos de grossura do alicerce para cima.

Contão-se 120 palmos até ao friso dos terraços, e os corpos que se erguem acima destes nesta frontaria, além dos dous torreões, são o zimborio e as duas torres lateraes. Estas ultimas, que são de formosa fabrica e ousada projecção, excedem 194 palmos acima dos terraços, e terminão cada uma com sua cruz de ferro, que sobe 33 palmos além da ultima pedra da cupula, e cada cruz com os seus ornatos pesa 226 arrobas. É espantosa a quantidade de metal que encerrão estas duas torres: o sino das horas tem de peso 800 arrobas; dos dous que lhe ficão por baixo e marcão os quartos, e que são bem proporcionados, só o badalo de cada um pesa 20 arrobas; abaixo destes estão collocados mais 6, e todos os 9 deste

andar superior de cada torre, juntos á cruz da cupula, chapas, cachorros e porcas de bronze, pesão juntamente 4,500 arrobas de metal. O segundo andar é um complicado labyrintho de sinos, badalos e arames: são ao todo 48 sinos, e o maior pesa 668 arrobas, afóra as ferragens; todos os demais diminuem gradualmente em volume e peso, afim de produzirem por musica a consonancia com que tocão os relogios e carrilhões debaixo, correspondendo-se por 144 martellos e mais de 200 arames que vem prender nos papagaios ou teclas dos relogios que assentão no nivel dos terraços. O metal de cada andar destes pesa 7,000 arrobas. Todo o machinismo é movido por tres enormes pesos de chumbo puxados por calabres; cada uma das torres, finalmente, encerra 14,500 arrobas de metal! O relogio da do Sul marca as horas á portugueza, e o da do Norte á romana, isto é, só com seis divisões. Estes dous carrilhões são de singular e dispendioso artificio: antes de darem as horas, tocão peças de musica por solfa de agradavel effeito: forão fabricados em Liège, e importárão, depois de collocados, em 3 milhões de cruzados. Eis a descripção material deste edificio; ouçamos agora a opinião moral que a seu respeito dá em 1843 o illustre viajante principe de Lichnowsky.

« É tão descommunal, tão fria e tão melancolica a primeira impressão que se experimenta ao encarar neste colosso, que o espectador sente-se involuntariamente assaltado por um sentimento de desconsolo. É a sensação que de certo se deverá experimentar quando se percorrem os desertos do Egypto para contemplar as pyramides. Só a D. João V, esse Rei edificador e meio frade, podia occorrer a lembrança de naquella solidão desperdiçar os milhões do Brasil em uma creação que na sua propria origem tinha o germen de uma proxima decadencia. Como todas as edificações Reaes portuguezas,

foi Mafra emprehendida com a magnificencia propria de um dos maiores reinos do globo terrestre, e, como se se quizesse fazer uma obra para a eternidade, começou-se de um modo gigantesco; porém as revoluções posteriores, empobrecendo o paiz, fizerão-a apparecer de uma grandeza desproporcional. Ácerca desta fundação diz-se que D. João V, ou durante uma perigosa enfermidade, ou, o que é mais provavel, para que o céo lhe concedesse um herdeiro, fizera voto de levantar uma abbadia no lugar onde existisse o mais pobre convento do reino. Desde o nascimento do herdeiro D. José, indagou-se da clausula e achou-se, no lugar de Mafra, um hospicio ou cabana habitada por alguns monges arrabidos: foi ahi que o Monarcha cumprio o seu voto. No seu plano seguio-se o pensamento do Escurial de Philippe II. Tanto n'um como n'outro edificio, a igreja acha-se no centro, e o convento, dividido em 300 cellas, occupa a parte posterior ao côro; em ambos existem os aposentos Reaes nos dous lados da igreja. A posição porém do edificio portuguez é inferior á outra: Mafra acha-se n'uma planicie escalvada e quasi deserta. Do portal da basilica vê-se a miseravel villa que jaz aos pés do colosso de pedra, como se fôra aggregado de cellas de pygmeus, e só da elevação do terraço se espraia a vista sobre as campinas da Estremadura. Contém 5,200 janellas e portas, 866 salas e quartos, duas torres principaes, cada uma de 320 palmos de altura, segundo Balbi, e um elegantissimo zimborio. A importanciade todas as despesas que ahi se fizerão nunca foi determinada com exactidão, pois que D. João V nunca quiz que disso se fizesse uma conta geral, talvez por desejar illudir-se a si proprio ácerca de sua importancia: fazem alguns subir a despesa total a 19 milhões de cruzados. Nesta fabrica gigantesca trabalhou-se incessàntemente durante 13 annos (de 1717 a 1730); segundo alguns

registros, occupavão-se na sua obra, termo medio 14,700 operarios, uns por salario, outros por *corvéas* ou *rodas*. A sua basilica corresponde perfeitamente, em grandioso, elegancia e perfeição, ao resto do edificio; as capellas são immensas e adornadas de marmore preto, vermelho e jaspeado, fornecido pelas vizinhas pedreiras de Pero Pinheiro, todo da maior belleza, de qualidade muito fina e sem veios. A bibliotheca, que se acha estabelecida n'uma sala abobadada de 404 palmos de comprido, consta de 35 a 40,000 volumes, entre os quaes bastantes obras raras; é mantida com ordem exemplar.

« No templo admirão seis colossaes columnas inteiriças de marmore vermelho que adornão os tres principaes altares, hombreiras e vergas de enormes pedaços de marmore negro como azeviche, sem a menor pinta ou veio de outra côr. No vestibulo, que se chama Gallilèa, e n'outras capellas, achão-se collocadas 58 estatuas de marmore de Carrara, algumas de primoroso trabalho. Os retabulos das capellas forão substituidos por baixos-relevos de marmore executados por artistas portuguezes, dos quaes o Italiano Giusti formou a escola, pois que essas pinturas, feitas por Francezes, Italianos e Hollandezes que D. João V mandára recrutar, sahirão más. As pedras que se empregárão forão tiradas dos montes de Cintra e das escavações de Pero Pinheiro, onde tambem se encontra o marmore preto perfeito. Não se póde formar idéa da multidão de capellas filiaes que se achão no interior desta vasta mole: uma para os defuntos com revestimento de marmore negro, destinada para o officio de corpo presente; a da enfermaria é cercada de alcovas azulejadas, onde se achavão as camas. Além destas, as capellas para os presos, para os que vivião em reclusão, para o abbade, para o sequito Real e para a côrte. No corpo do palacio, uma para o Rei; outras, destinadas

para certos dias festivos, collocadas ou antes perdidas neste monstruoso edificio, &c., todas adornadas com profusão de estatuas e baixos-relevos de marmore branco, &c. Os ornatos do culto forão todos fabricados em Lyão, e de seda pura, porque a austeridade dos monges arrabidos, para quem forão primitivamente destinados, lhes não permittia o uso de metaes preciosos. Finalmente, tantas magnificencias, tão superfluo esplendor, um multiforme composto de partes algumas das quaes se considerão viciosas, nunca poderáõ deixar de excitar a admiração e de parecer grandioso; e se se passar a examinar os pormenores, cada vez parecerá mais incrivel como, apezar do tempo e dos milhões empregados, se pôde chegar a concluir uma edificação tão descommunal durante o espaço de um só reinado e com os recursos materiaes de um unico paiz! »

Daremos finalmente remate a este já bastante extenso artigo com um trecho do Sr. Alexandre Herculano, que muito condiz com a nossa opinião a tal respeito, porém exarada em linguagem digna do seu grandioso assumpto e do proprio autor.

« D. João V, diz elle, teve, como Luiz XIV, o seu Versalhes, porém em harmonia com o caracter não tanto religioso como beato e hypocrita do seu paiz naquella época. Mafra ficou duvidosa no desenho entre o mosteiro e o palacio. A purpura está ahi remendada de burel; o burel, alindado com a purpura e o sceptro de Rei, enlaça-se com a corda d'esparto, ao passo que a alpargata do monge ousa pisar os degráos do throno. Os que sabem quão corrompidos forão os costumes em Portugal no principio do seculo passado e quão esplendido e ostentoso foi o culto divino, quão brilhante a côrte portugueza, e por quão frouxas mãos andou o leme do Estado, não precisão ver Mafra: é a imagem de tudo isto. »

Na vizinha *Tapada Real* deste inutil edificio mandou a Rainha actual fundar uma *granja-modêlo*, estabelecimento agricola do qual com justa razão se esperão felizes resultados. Concedêrão-se terrenos aos habitantes vizinhos, mandárão-se vir da Inglaterra instrumentos aratorios de commoda e adequada applicação; grandes tractos de terrenos, ha pouco incultos ou só productores de sarças e arbustos nocivos, se achão já roteados e supplantados por uteis sementeiras e fructifero arvoredo.

Maia, villa e freg. sit. 2-1/2 leg. ao N. do Porto. O seu grande termo, denominado *Castello* ou *Concelho da Maia*, contém 32,000 hab.; porém a villa só tem 600.

Maio, (Ilha de) veja-se *Cabo Verde*.

Maiorca ou **Mayorga**, villa e freg. sit. na direita do Mondego, 5 leg. a O. de Coimbra, em planicie risonha, fertil e bem cultivada, 3,000 hab.

Malpica, freg. sit. 2 leg. ao S. de Castello Branco e a 1 do Tejo e do Aravil, com 1,218 hab.

Mamarosa, pov. de 1,900 hab., 3 leg. ao S. de Aveiro, perto da villa d'Esgueira.

S. Mamede de Riba-Tua, villa do distr. de Villa-Real, perto da direita e da foz do Tua, produz as melhores laranjas de Portugal e encerra 1,220 hab.

Mancellos, villa e freg. perto de Amarante, 2,180 h.

Mangoalde ou **Azurara da Beira**, villa e freg. sit. 3 leg. ao S. de Vizeu, perto do Mondego; contém 3,184 hab. e o seu conc. 16,300. Nella ha o notavel palacio dos Paes, e a um quarto de leg., no cume de um escarpado monte, o elegante e magnifico templo de *Nossa Senhora do Castello*, fundado pela mesma illustre familia. É um dos mais notaveis do reino, com torre de 138 palmos de altura, donde se goza dilatada vista; para elle se sobe por uma escadaria de 163 degráos, contendo 4 capellas. Nas suas vizinhanças ha ruinas de uma antiga

mesquita e de um *castello* mouro, donde veio o nome á hermida.

Mangoalde da Serra, pov. sit. em terreno alcantilado, frio e pouco fertil, mas muito abundante em aguas, perto de Gouvêa: terá 600 hab.

Manique do Intendente, pov. do conc. d'Alemquer, em sitio abundante de bom vinho, 970 hab.

Mansores, freg. do conc. d'Oliveira d'Azemeis, 5 leg. ao S. do Porto, com 760 hab.

Manteigas, villa edificada nas fragosidades da serra da Estrella, 4 leg. a O. da Guarda e 2 ao N. da Covilhãa, contém 2,273 hab. Perto della ha uma bella tijuca das mais pittorescas do reino. Esta povoação deve o seu nome á abundancia de manteiga que se faz do leite que produz o immenso gado que anda a pastar no seu termo; tem fabricas de pannos de lãa e baeta e mais de 120 teares. É patria do escriptor ascetico Heitor Pinto, autor da *Imagem da vida christãa*, obra traduzida em quasi todas as linguas vivas; alguns porém o fazem natural da Covilhãa.

Marão, notavel cordilheira granitica, em partes arvorisada, e n'outras sem vegetação, sit. a O. da prov. de Trás-os-Montes, que em parte separa da do Minho no distr. de Villa-Real, e com diversas denominações se estende desde o rio Douro até á Galliza. A parte que entesta com o mesmo rio, ou antes a que este corta, continúa depois na Beira, prolongando-se nella com as ramificações do *Teixeira*, *Entrilho* e outros ramos, até ir entestar com a serra da Estrella. A altura do Marão propriamente dito é de 4,400 pés acima do mar, segundo Balbi. Veja-se porém *Gaviara* e *Gerez*, que são pontos consideravelmente mais elevados.

As arvores mais communs nos valles e encostas do Marão e Gerez são: castanheiros, robles e carvalhos de

extraordinaria altura, amieiros e outras fructiferas, as quaes, ao mesmo tempo que alimentão com seus productos e fornecem combustivel, servem para sustentar as frondosas vides das parreiras e guarnecem os limites das herdades. Os arbustos que povôão os seus cumes, são varias especies de brejos, carqueja, tojo e urzes, e o formoso azereiro, tão semelhante ao loureiro ceraso, cujos cachos de brancas flôres fazem agradavel contraste com suas folhas de um continuo verde brilhantismo. É esta arvore propria do Marão, donde se tem transplantado para outras partes do reino afim de servir de adorno aos seus jardins e quintaes.

Marateca, rio que nasce pouco ao S. de Vendas-Novas no Alemtejo; corre para O., passando pela pov. do mesmo nome e a de Cabrella, e se lança no Sado com um sinuoso curso de 8 leg. e 5 a E. de Setubal.

Maria (Santa), ilha. Veja-se *Açores.*

Maria (Santa), cabo e ponta mais meridional do reino, no Algarve, na ilhota do mesmo nome, a qual tambem chamão dos *Cães*, em frente de Faro: lat. N. 36°, 55', long. O. de P. 10°, 10'.

Marialva, villa da Beira-Alta, distr. de Lamego, donde dista 9 leg. a S. E., e pouco mais de 2 a O. do rio Coa. O seu termo contém 2,420 hab. e notaveis antiguidades.

Marinha. Dá-se geralmente esta denominação á beira-mar, e com especialidade ás cercanias de *Aveiro*, á villa da *Murtosa* e suas vizinhanças. Ha uma pov. assim chamada no conc. de Gaia, a 2 leg. do Porto, com 1,310 hab.; outra, com fôro de villa, perto de Cea, com 940; e *Marinha Grande*, sit. 2 leg. a O. de Leiria, freg. que contém 1,930 hab., e uma consideravel fabrica de vidros muito estimados. Os seus arredores são amenos, abundantes de caça, grão e vinho.

Marnel, pantano e combate de, veja-se *Moroiços.*

Martha de Penaguião (Santa), villa do distr. de Villa-Real, donde dista para o S. 2 leg., perto de Lobrigos, e ao N. do Douro: contém 2,000 hab., e o seu termo 11,500; possue boas caldas sulphureas.

Martim-Longo, freg. do Algarve no conc. de Tavira, a 8 leg. de Faro, e com 1,400 hab.

Martinho d'Anta (S.), pov. do distr. de Villa-Real, sit. n'uma planicie junto de serrania, 950 hab.—*S. Martinho do Bispo*, perto de Coimbra, freg. com 3,792 hab. —*S. Martinho do Campo*, outra perto de Penafiel, 1,150 hab. —*S. Martinho de Mouros*, villa e freg. a 2 leg. de Lamego, perto da esquerda do Douro, 1,600 hab., e todo o conc. 5,620.—*S. Martinho do Porto*, villa e freg. na costa do mar, distr. de Leiria, e nos outr'ora *coutos* d'Alcobaça, 16 leg. ao N. de Lisboa, contém 1,000 hab. O seu porto, no seculo passado, ainda admittia navios de alto bordo, e nelle se construirão alguns de 60 peças, com as excellentes madeiras do vizinho pinhal de Leiria: porém as continuadas alluviões de arêa o tem muito aterrado, bem que alguns trabalhos hydraulicos se tenhão praticado para o seu desentulho.

Marvão, villa e praça d'armas do distr. de Portalegre, donde dista 2 leg. ao N. E., e 1 de Castello de Vide, sobre a escarpada montanha do seu nome, que se julga ser o *Herminius minor* dos antigos: está a 1,600 pés de altura ácima do nivel do mar, e não se póde a ella subir senão por duas ingremes e tortuosas calçadas. N'uma quinta do seu territorio, pertencente ao marquez de Tancos, se tem encontrado muitos vasos de barro, medalhas, inscripções e outras antiguidades, bem como restos de grandes edificios meio soterrados. Estes indicios induzem a crer que seja a antiga *Medobriga* dos Romanos. As montanhas sobre que está edificada esta praça, e que realmente a tornão mais forte por natureza que por arte,

ainda que as suas fortificações se achem em bom estado, encerrão minas de ouro, prata e chumbo. Conta 1,200 hab., e o seu conc. 4,578; é muito abundante em hortaliças, grão e caça. A praça possue 2 cisternas, uma das quaes póde conter agua para supprir 6 mezes os habitantes e a guarnição.

Mascarenhas, pov. abundante de seda, castanha e milho, sit. 1 leg. ao N. de Mirandella, perto do rio Tua com 860 hab.; seus arredores são pouco salutiferos.

Mata de Lobos, freg. do conc. de Castello-Rodrigo, contigua ao riacho Aguiar, e 3 leg. ao N. d'Almeida: 800 hab.; abunda em centeio.

Mata Mourisca, pov. do distr. de Leiria, donde dista 6 leg. ao N. e outras tantas ao S. de Coimbra, perto de Louriçal; é muito fertil em grão e frutas e tem 1,380 h.

Matheus (**S.**), freg. do conc. de Villa-Real, donde pouco dista, encerra 626 hab., e um grande palacio de architectura gothica pertencente ao conde de Villa-Real, o qual é o seu solar.

Mato, pov. de 750 hab., sit. a 3 leg. d'Evora.

Matosinhos (Senhor de), a pouco mais de 1 leg. ao N. O. do Porto, na foz do rio Leça, aldêa de 2,050 hab., quasi todos maritimos: nella se encontra um sanctuario enriquecido pelas esmolas dos devotos que o visitão annualmente; excede de 30,000 o numero de romeiros das provincias do Norte. Contém algumas salinas, um bom cáes moderno e fornece muito peixe ao Porto.

Mayorga. Veja-se *Maiorca*.

Means. Ha duas villas deste nome: a 1.ª a 3 leg. de Coimbra, com 1,100 hab.; e a 2.ª a 1 leg. de Lamego, com 1,030, e o seu conc. com 2,430.

Melgaço, villa e praça do distr. de Vianna, tem uma boa fortaleza, e é cercada de muros e rodeada de penhascos e quebradas; está sit. n'uma altura á esquerda

do Minho e em frente do territorio hespanhol. É a villa mais septentrional de todo o reino; dista 12 leg. de Braga e 72 de Lisboa: sua pop. é de 1,200 hab., e a de todo o seu conc. de 4,758. Exporta muito bons presuntos, paios, carne ensacada, &c. Veja-se *Villa-Nova da Cerveira*. Foi mandada fortificar e povoar por D. Affonso Henriques.

Melides, pov. do conc. d'Ourique e do distr. de Beja, com um pequeno porto na barra do mesmo nome, em lat. 38° 2'; contém 1,570 hab., e abunda em grão e peixe.

Melres, villa a 4 leg. do Porto, cujo conc. contém 1,276 hab.

Mertola, villa do Alemtejo, no distr. de Beja, donde dista 9 leg. a S. E., sit. no cume de um monte á direita do Guadiana, que dahi começa a ser navegavel até ao mar (12 leg.): consta de 2,400 hab., e o seu conc. de 10,200. Produzem os seus arredores grande quantidade de cera e mel. A sua favoravel posição e altos muros que a rodeavão fazião della outr'ora uma praça d'armas importante. Do lado do S. é banhada pelo rio Oeiras, que ahi desemboca no Guadiana com um curso de 10 leg.

Merufe, freg. do conc. de Monção, sit. ao Sul junto á serra da Estrica e a 9 leg. de Braga: 1,500 hab.

Mesquitella, villa e freg. sit. 4 leg. a O. da Guarda, em terreno alcantilado e de 1,150 hab. Ha uma freg. do mesmo nome, sit. a 3 leg. de Vizeu, com 700, e outra no conc. de Castello-Branco com 300.

Messejana, villa sit. 4 leg. ao S. d'Evora, em campina elevada e fertil em grão; encerra 1,500 hab.

Messines (S. Bartholomeu de), pov. da serra de Monchique no Algarve, proxima e pertencente ao conc. de Silves, a 7 leg. de Faro, com 2,700 hab.

Mexilhoeira, freg. do conc. de Monchique e de 850 h.

Mezãofrio, villa e freg. do distr. de Villa-Real, donde dista 3 leg. a O., perto do Tamega e 10 leg. a E. do

Porto, 1,480 hab., e o seu conc. 3,618. A sua posição no alto de uma chapada torna-lhe o accesso ingreme e difficultoso, ainda que em cima seja plana; e como por ahi passa a estrada construida pela companhia dos vinhos do Alto Douro, faz-se supportavel o caminho, e ao mesmo tempo é divertido, porque corre entre vinhas e pomares de que se acha plantado o seu termo. Ha uma freg. do mesmo nome, a 3 leg. de Braga, com 350 hab.

Midões, villa e freg. sit. perto de Cea, a 9 leg. de Coimbra, e no distr. da Guarda, tem 1,647 hab. e o conc. 2,332.

Miguel (S.), alto pincaro granitico, isolado, sito quasi a 1 leg. a O. de Tavira e igual distancia do mar, donde sendo avistado, se assemelha a um pão de assucar.

Miguel (S.) Ha no reino diversas pov. deste nome; as mais notaveis são: — 1.ª, villa a 6 leg. da Guarda, com 940 hab.; — 2.ª, *S. Miguel do Mato*, a 5 leg. do Porto e conc. de Fermedo, 550 hab.; — 3.ª, *S. Miguel dos Matos*, a 2 leg. de Viseu, 1,780 hab.; — 4.º, *S. Miguel do Outeiro*, perto de Tondella, 2-1/2 leg. ao S. de Vizeu, villa com 1,470 hab.; — 5.ª, *S. Miguel de Poyares*, no distr. de Villa-Real, perto da esquerda e foz do Corgo, pov. de 2,352 almas. Ha tambem uma aldêa de *S. Miguel de Poyares*, a 3 leg. de Coimbra, com 420 hab.

Minde, pequena cordilheira de Trás-os Montes, sita entre Freixo d'Espada á Cinta e Torre de Moncorvo, entesta de N. a S. com o Douro, e tem 2,060 pés na sua maior altura: é inculta e desabrida.

Minde, aldêa vizinha de Porto de Moz, a 4 leg. ao S. de Leiria, com 1,500 hab.; está sit. ao pé da serra tambem denominada de *Minde* ou de *Olhos d'agua*: tem alguns cumes com 2,200 pés de elevação.

Mindello, freg. do conc. da Maia, sit. 3 leg. ao N. do Porto, com 550 hab. Veja-se *Lavra*.

Minho, rio que nasce na Gallisa, da qual separa Portugal por espaço de 10 leg., desde uma acima de Melgaço a quem banha, assim como a Monção, Valença, Villa Nova de Cerveira e Caminha, além de outras pov. na Hespanha, e desagua no Oceano com 60 leg. de curso, das quaes é só navegavel 6 para pequenas barcas. É piscoso em salmão, lampreias e trutas; é bastante caudaloso, de margens apertadas e penhascosas, mui rapido desde que entra em Portugal, e, ao desembocar no Oceano, fórma a ilhota chamada *Insua.* Além de muitos caudalosos affluentes no reino vizinho, recebe no territorio portuguez, á esquerda, o Coura, o Ancora, o Lapela ou Córtes e mais 2 riachos.

Minho e **Entre-Douro e Minho**, veja-se esta ultima denominação.

Mira. Veja-se *Odemira*, rio e villa do Alemtejo.

Mira, villa e freg., 3 leg. ao S. de Aveiro, com 5,700 hab., quasi todos pescadores, sit. junto á lagôa do mesmo nome, que tem 1/4 de leg. de comprimento e quasi o mesmo de largura, alimentada por algumas correntes que nella desaguão e correm depois para a ria de Aveiro, que lhe communica as especies de peixe em que abunda, e no seu ambito se reune durante o inverno extraordinaria quantidade de aves aquaticas. — *Mira*, aldêa do conc. de Porto de Moz, a 5 leg. de Leiria, com 425 hab.

Miranda, aldêa do conc. d'Arcos de Val-de-Vez, 650 h.

Miranda do Corvo, villa e freg. 3 leg. a S. E. de Coimbra, sit. sobre o riacho Dueça: a villa contém 3,350 hab., e o seu conc. 6,500.

Miranda do Douro, cidade sit. na margem direita do mesmo rio, que a separa da Hespanha, no declive de um morro, sobre o cume do qual se vêm ainda as ruinas de seu antigo castello: a praça é pouco susceptivel de ser fortificada, o castello o é, fica porém sempre dominado

por alturas do lado opposto. Pertence ao distr. de Bragança, donde dista 5 leg. e 78 de Lisboa: conta apenas 460 hab., e o seu conc. 7,029. Esta cidade era cabeça do bispado, que em 1545 foi desmembrado do arcebispado de Braga; porém já ha muito que se extinguio e a residencia do prelado é em Bragança. Chamou-se antigamente *Contium*, *Paramica* e *Sepontia*. D. Affonso Henriques a reedificou, e ainda conserva algumas arruinadas fortificações, mas não merece a categoria de cidade. Os seus arredores são pouco salutiferos. Parece que o *cochicho*, especie de grande cotovia que arremeda o canto de muitas aves, é indigena dos seus arredores, os quaes produzem muita cera, de que em 1845 se exportou o valor de 16:000$, bem como chitas e pannos de sua manufactura no importe de mais de 10:000$000.

Mirandella, notavel villa do distr. de Villa-Real, donde dista 5 leg. para N. E., sobre o rio Tua, onde está vistosamente situada, com uma bella ponte de pedra de 19 arcos que a reune á *Golfeira*: o seu aspecto geral assemelha-se ao de Coimbra. O paiz dos seus arredores é muito quente, pantanoso e doentio, porém de extrema fertilidade em cereaes, vinho, hortaliças, seda e fruta. Encerra 1,320 hab., e o seu conc. 5,640.

Moçambique. Este governo, outr'ora capitania-general, estende-se no seguimento da costa oriental da Africa, desde 10 até 26 gráos de latitude austral, e do mar, denominado *canal* de *Moçambique* até os montes occidentaes de Lupata, sit. a umas 100 leg. da costa e a 30 gráos de long. oriental de Paris, correspondendo pouco mais ou menos á região do Brasil que medeia desde as Alagôas até ao N. de Santa Catharina pelo litoral, e a serra das Araras, rio de S. Francisco e Paraná pelo interior. Naquelle espaço se comprehende o governo geral de *Moçambique* e os seus subordinados de *Rios de Sena*, *Sofala*, *Inhambane*, *Quili-*

mane, *Bahia de Lourenço Marques*, e as ilhas de *Cabo-Delgado*. O governo geral compõe-se de dous distr., o da ilha do qual tomou nome a cidade capital e o fronteiro da terra firme ou *Moçaril*. Moçambique ilha não chega a ter 1 leg. de superficie, e dista 2 milhas da costa, em cujo intervallo contém um amplo e excellente fundeadouro para navios de todo lote. A cidade está sit. em 15 gráos de lat. S., contém uns 7,000 hab., a fortaleza de S. Sebastião de fórma octogona, com 80 peças de grosso calibre, porém em máo estado, uma boa alfandega, palacio do governo e alguns soffriveis edificios particulares. A ilha é doentia, e nada produz, nem tem agua senão de cisterna ou trazida do continente do rio Quitangonha a 5 leg. A sua guarnição compõe-se quasi sempre de 2 batalhões de infantaria e 2 companhias de artilharia: cerca de metade é de gente européa, pela maior parte degradados. O seu commercio com a terra firme e as praças portuguezas da India é assaz lucrativo e consideravel: acha-se quasi todo em poder dos Banianos, Mouros e Mascates. É a residencia do governador e do bispo; foi descoberta em 1498 por Vasco da Gama, porém só em 1508 é que os Portuguezes nella se estabelecêrão.

O districto da terra firme ou *Moçaril* contém uma villa do mesmo nome, e goza de ares sadios; por isso ahi residem ordinariamente as autoridades e a gente grada da capital durante o verão: é vivenda muito mais agradavel, e excede-a em população, que alguns elevão a 10,000. Guarnece-a um forte com 2 ou 3 companhias de crioulos e degradados. Ha mais algumas povoações neste districto, taes como *Cabaceira grande*, *Cabaceira pequena*, *Macuama*, *Sancul*, *Quitangonha*, &c., e para o S. a bahia de *Mocambo*, onde desagua o rio do mesmo nome. O paiz é regido por diversos *xeques* e *sovas* que obedecem pela maior parte ao governador portuguez. Produz bastante

ouro, mandioca, arroz, feijão, e é proprio para a cultura do café, assucar e algodão: os seus habitantes são um amalgama de Arabes, Banianos, Cafres e alguns de raça européa atravessada, muito indolentes e ignorantes.

O districto de *Quilimane*, com uma villa capital do mesmo nome a 6 leg. da foz do rio que lhe dá o nome: é esta doentia por causa das inundações delle. Todo o commercio do interior se faz por via do *Zambeze*, e Quilimane villa é o seu deposito e mercado. Contém uma guarnição de um cento de soldados; o seu clima é pessimo para os Europeus assim como toda esta região aurifera.

A capital do distr. de *Rios de Sena*, tambem chamada *Zambezina*, é *Tette*, villa sit. a perto de 100 leg. da foz do Zambeze; goza de um clima sadio por se achar collocada nas abas de uma alcantilada serra, e as suas casas são de pedra; outr'ora era Sena a capital. O rio julga-se ter mais de 300 leg. de comprimento, e lhe affluem outros tambem consideraveis e navegaveis. Nelle ha a grande cataracta de *Cabrabaça*, onde as aguas se precipitão com notavel altura e ruido. Pouco acima está *Chicova*, e dahi a poucas leguas o presidio de *Zumbo*. Contém infinitos jacarés e fórma grandes inundações, que são causa da fertilidade do paiz e de muitas molestias. Faz grande commercio no interior, tem perto de 5,000 hab., uma fortaleza (S. Jorge), guarnição forte e autoridades portuguezas. É este o mais extenso estabelecimento do governo de Moçambique. Produz o seu districto, ouro, prata e ferro em abundancia. O anil e a canna d'assucar são de superior qualidade: o tabaco, café e outros generos dos tropicos prosperão espontaneamente; tambem abunda em trigo e marfim.

A superficie da *Zambezina* excede a de Portugal, que tambem possue neste mesmo rio os presidios de *Chicova* com minas de prata; *Massapa* onde as de ouro são abun-

dantes, o de *Zumbo* situado n'uma ilha do Zambere a 124 leg. da sua foz, onde os Banianos manipulão perfeitamente obras de ouro e panno de algodão. *Manica* e outras aldêas ou *portos* destinados a favorecerem a mineração e vassallagem portuguezas, ainda que cada tribu de negros tenha o seu *fumo* ou chefe. O territorio é geralmente dividido em morgados e prazos da corôa, alguns dos quaes tem 20 leg. de superficie; seus possuidores são feudatarios, e nelles podem succeder as mulheres, comtanto que casem com Portuguezes, afim de augmentar a raça branca, a qual todavia é rara ahi. Os negros andão nús, á excepção de uma tanga *(langotim)* de algodão ou de palha sobre as partes, e acreditão em feitiços, quebrantos e nigromancia.

O districto de *Sofala* tem um extenso litoral com perto de 60 leg. de interior, e nelle antigamente se encontrava tanto ouro, que alguns suspeitárão ser ahi a decantada terra de *Ophir* de que falla Salomão; é de suppôr comtudo que este metal viesse do interior. A cidade de *Sofala* é a sua capital, e já outr'ora o foi das possessões portuguezas nestas paragens; está situada na foz do rio do mesmo nome; hoje acha-se em completa decadencia, porque as arêas que o vento faz continuamente mudar de posição a vão sepultando e obstruindo o porto. Das arêas do rio se tira ainda algum ouro, porém muito mais abundantemente das ricas minas de *Quiteve*, que dahi distão 4 dias de jornada, e cujo paiz bem povoado e poderoso pertence a um regulo cafre, que não é tributario. Ao S. desta região estanceião os *Landins* e outras tribus de cafres, e pelo sertão se encontrão alguns regulos com os quaes os Portuguezes tem trato mercantil, trocando espiritos, utencilios e fazendas grosseiras por escravos, ouro, marfim e cera; são destes principalmente os de *Quiteve*, raça hottentote misturada com moura,

cujos costumes bastante se assemelhão aos dos Arabes; distinguem-se por sua brandura e hospitalidade. Os de *Quissanga* são muito negros, mal figurados e desabridos; ambos os sexos golpeião a cara, o corpo e os untão com oleos, fazendo nisso consistir a belleza; são laboriosos e cação muitos elephantes, de que o paiz abunda, e lhe comem a carne; os de *Madanda* grosseiros e piratas, cujas mulheres chafurdão a cabeça com almagre amassado com azeite de mamona ou de côco; os *Landins*, que expulsos do seu paiz ahi se estabelecêrão, usão da circumcisão, não por crença, mas por costume, pois geralmente os povos desta região são idolatras; estes muito ha que sacudirão o jugo portuguez. Como sejão animosos e fortes, vivem de rapinas, e exercem toda a sorte de crueldades contra os *Botangas*, antigos habitantes do paiz, menos bellicosos do que elles, &c. O principal producto do districto de Sofala é arroz, de superior qualidade, ouro em pó, dentes de elephante e de rhinoceronte. A sua guarnição nunca excede uma companhia de caçadores ou d'artilharia; o seu forte, que já no tempo do jesuita padre A. Vieira era respeitavel, hoje se acha arruinado.

Seguindo a costa para o S., encontra-se o districto de *Inhambane*, que se estende desde a bahia da *Lagôa* até o cabo *Correntes*, com um litoral de 40 leg., e pouco menos de sertão. O seu solo é proprio para a cultura das mesmas producções que a Zambezina. O seu marfim, o melhor de toda a costa: é o principal artigo de exportação, assim como escravos, que no Brasil são muito estimados por sua docilidade e forte compleição. O paiz geralmente abunda de pastos, mas tem falta de madeiras. A sua capital é a villa do mesmo nome, com 4,000 ou 5,000 hab., na lat. meridional 23°, 37'; tem bom porto e uma guarnição de 80 a 100 praças.

O districto da *Bahia-de-Lourenço-Marques* ou da *Lagôa*,

chega até a lat. S. de 26 gráos, e é o estabelecimento portuguez mais meridional nesta costa; nelle desaguão alguns rios navegaveis, e na foz de um delles está o presidio que é a capital do distr., com povoação diminuta, e uns 50 soldados de guarnição. O clima deste paiz é do mais saudavel de toda a Africa. Abunda em pastagens que alimentão muito gado e rebanhos de elephantes e rhinocerontes, cujas pontas, assim como as de cavallo marinho, exporta em quantidade, e bem assim ouro, cobre e ferro; na costa se pescão muitas baleias. As povoações indigenas e independentes limitrophes com este distr. são muito crueis e algumas anthropophagas. Em 1823 os *Vatúas* da *Terra de Natal* invadirão o distr. portuguez, causando grandes estragos, e fazendo escravos que vendião aos Francezes afim de serem transportados para as suas colonias de Bourbon e da India.

O districto de *Cabo Delgado* em lat. 10° a 12° se compõe das ilhas *Querimbas*, n'uma das quaes, *Ibó*, ha a villa do mesmo nome e um forte. Este grupo, outr'ora abundante em arroz, café, milho e feijão, acha-se reduzido a um deserto pelas continuas invasões de cafres do continente e de Madagascar. No seu mar se pesca a melhor tartaruga que se conhece, perolas e aljofar; nellas ha vestigios de grandes povoações, e dahi até Moçambique se encontrão igualmente, ao longo de toda a costa, ruinas de muitos fortes. As principaes destas ilhas que são: *Querimba*, *Malembo*, *Passcran*, &c., obedecem a um xeque arabe, vassallo dos Portuguezes, que pouco a pouco as forão perdendo no seculo passado, e neste ponto acabão os limites septentrionaes das suas possessões na Africa oriental.

Os 7 districtos ou provincias que constituem o governo geral de Moçambique ou Africa oriental portugueza encerrão, segundo os dados estatisticos mais provaveis

400,000 hab., conforme a opinião de E. A. Monteverde (*Man. Encycl.* 1843, *pag.* 509), em grande parte governados por seus chefes, mas tributarios. A superficie do terreno pertencente á corôa portugueza é de 24,000 leg. (*Almanak de Gotha de* 1849, *a pag.* 550). O seu comprimento desde a bahia de Lourenço Marques até o cabo Delgado anda por 400 leg., e a largura do sertão varía de 30 a 100. A população total do paiz excede 3,500,000 hab. independentes de Portugal, e dobrada superficie dest'outra. O clima é geralmente pernicioso para os Europeos, excepto na Zambezina e bahia de L. Marques, e os degradados que para ahi vão raramente voltão a seus lares. As plantas e os animaes da terra são pela maior parte semelhantes aos de Angola. O seu solo, em partes, é de uma espantosa fertilidade, porém mui pouco cultivado. A população rural vegeta no estado mais lastimoso; a cultura do algodão, anil, assucar e tabaco, acha-se em abandono, e apenas se cultiva arroz, milho, mandioca, trigo e algum gado para o sustento dos habitantes. O seu commercio tem sensivelmente diminuido desde a extincção do trafico de escravos, porém ainda não acabou, e pela maior parte são da nação *Mojores*, *Mujojos* ou *Mojolos*, e *Inhambanes*, trazidos do centro, de 40 e 45 dias de jornada, e transportados para o Brasil, Arabia e India.

O rendimento do Estado, no qual entra a urzella e marfim, nunca excede 200 contos de réis fortes; a despeza é pouco menor, e a força de linha e sipaes da terra, disseminada nos presidios e villas, andará por 3,100 soldados.

Em 1845 os objectos importados com despacho na prov. prefizerão 928:558$357 réis moeda fraca, e o total dos direitos 104:555$148. Á simples vista se nota a insignificancia do commercio de um paiz que tem perto de 300 leg. de litoral, mas isto não é para admirar quando

se souber que esse commercio será apenas a 4.ª parte daquelle que se faz na costa por contrabando. Contão-se pouco mais ou menos 120 *pangaios* (embarcações mouras costeiras) da lotação de um brigue pequeno que andão constantemente empregados no contrabando, fóra os navios de gavea que vão á escravatura e descarregão polvora, aguardente, fazendas de algodão inglezas, e dinheiro sem pagarem direitos, pois sendo estes de 25 por 100 podem-se considerar prohibitivos e excitão á fraude. Outra medida que tambem estorva o commercio, é a obrigação de todos os navios terem de despachar na alfandega da capital para depois descarregarem no lugar do seu destino com a competente licença, de modo que todos os que forem de cabos a dentro isto é, da Europa ou da America com destino, por exemplo, a Inhambane ou a Lourenço Marques em lat. austral de 26 gráos, tem de seguir até á altura de 15 em que fica a cidade de Moçambique, através de um perigoso canal de 200 leg., e de regressar pelo mesmo para poder descarregar licitamente. Acresce ainda outra mais poderosa causa que obsta á prosperidade desta colonia, e é a má qualidade de gente que de Portugal para ahi vai. O governo manda em todas as náos de viagem um grande numero de degradados, e nem um só colono. Com effeito esses sentenciados por mortes, roubos e outros crimes, fazem da provincia o despejo mais hediondo do crime e da desmoralisação. Esses homens que não souberão respeitar a vida dos seus semelhantes, armados agora e regularisados em companhias, são os soldados que velão pela prosperidade dos habitantes, que os devem proteger! Que mudança maravilhosa se fez nesses homens para se lhes confiar as vidas e as propriedades alheias? Estaráõ elles emendados ou derão provas de arrependimento? Não. Este novo estado pelas regalias que lhes confere, será um estimulo para se com-

portarem melhor? Tambem não. As causas que os tornarão nocivos á sociedade subsistem, crescem até pelo afastamento da mãi-patria, e pela fraqueza do estado em que se achão condemnados a viver, e acabão pela maior parte victimas do crime e do vicio n'um clima ardente e insalubre, cujos perniciosos effeitos se podem comtudo minorar por uma vida regular e um passadio sofrivel.

Terminaremos este artigo com as seguintes observações de Malte-Brun. «Seria um facto interessante, diz elle, a possibilidade para um viajante europeu, de atravessar o paiz desconhecido entre o Monomotapa e o Congo. Os negociantes de escravos, Portuguezes e Africanos, tem já por diversas vezes conduzido com bois, cafilas de escravos de Angola a Sena, e de Sena a Angola. Os dous portos de *Pedras Negras*, no interior do Congo, e *Chicova* na Zambezina, são os pontos de partida respectivos; a distancia é de 325 leg., e só se percorre n'uma estação inteira. Encontrão-se na passagem tribus errantes, e atravessão-se montes de grande altura, onde se colhe ouro em pó. A narração de alguns degradados portuguezes da Zambezina, e que nos foi transmittida pelos doutos Corrêa da Serra e Constancio, não deixão a menor duvida sobre esta materia, e a objecção que se póde deduzir de uma declaração do governador de Moçambique, o qual ignorava estas viagens, perde toda a força se considerarmos que não é em Moçambique, mas sim em Chicova ou em Sena, que se deveria indagar a verdade do facto, tanto mais que o governador a quem M. Salt consultou, pareceu ter apenas uma vaga idéa dos pontos geralmente conhecidos da geographia do Monomotapa.»

Mogadouro, villa e freg. do distr. de Villa Real, edificada n'uma altura, 4 leg. ao N. de Moncorvo, e 2-1/2 da raia hespanhola que lhe fica a E.: o seu conc. contém 6,030 hab. e a villa 660.

Moimenta da Beira, villa e freg. a 5 leg. de Lamego, com 1,250 hab. Ha mais meia duzia de *Moimentas*, pequenas povoações. Na *Moimenta da Serra*, a 1/2 leg. de Gouvêa, nasceu em 1702 o sabio engenheiro mecanico hydraulico Bento de Moura Portugal.

Molellos, freg. abastada do conc. de Tondella, a 3 leg. de Vizeu, 1,317 hab. Tem olarias de louça muito aperfeiçoada e é farta de milho.

Momil, serra de Tras-os-Montes que se estende desde 1-1/2 leg. ao N. de Villarelho e a O. de Castro Vicente até quasi á confluencia do Zacarias com o Sabor, acompanhando o curso destes dous rios, assim como o de Villariça: não é notavel pela sua altura, e nas vertentes e algares que fórma produz muita castanha.

Monção, villa e praça de guerra, cercada de antigos muros, sobre a esquerda do Minho, que ella domina, assim como Salvaterra do lado opposto: dista 9-1/2 leg. ao N. de Braga e 70 de Lisboa, encerra 1,200 hab., e pertence ao distr. de Vianna. Contém excellentes caldas para molestias nervosas e cutaneas. Foi esta praça rigorosamente sitiada em 1658 pelos Hespanhóes commandados pelo marquez de Vianna, achando-se ella muito mal fortificada, pouco abastecida de viveres, e com pouco mais de 2,000 homens de guarnição. Durante 4 mezes que durou o sitio, sustentou e repellio valorosamente muitos assaltos e um bombardeamento continuo; nelles se distinguirão diversas heroinas, e entre ellas uma Helena Peres. Depois de terem devorado os cavallos, e reduzidos seus defensores á ultima extremidade da fome, de privações e de falta de munições, rendêrão-se com as mais decorosas condições de guerra, entregando as ruinas da praça 236 homens ou cadaveres, pois já nem com as armas podião, tendo os dous mil e tantos ficado reduzidos a este numero. Pasmárão os Hespanhóes ao

verem tão poucos defensores e em tão lastimosa condição. Chamando então o seu chefe os seus officiaes, lhes disse que aprendessem naquelles valentes soldados o modo por que se devião defender as praças. É patria do historiador João Salgado de Araujo.

Meia leg. ao S. desta villa, na estrada de Braga e no sitio da *Berjoeira*, está situado o palacio assim denominado, que é solar de um morgado instituido em 1500, porém principiado em 1806 pelo commendador Luiz Pereira Velho de Moscoso, e por elle mesmo concluido 28 annos depois com enormes despezas, as quaes, attendendo á barateza da mão de obra na prov. do Minho, que por ventura se póde reputar pela terça parte da de Lisboa, á barateza dos materiaes de construcção e maior zelo no trabalho, talvez não orçassem em menos de 400 contos. É construido de granito; as ordens toscana e dorica decorão as duas fachadas, as torres e os pavilhões. O interior corresponde ao exterior se o não excede; e na realidade sorprende encontrar em tão humilde retiro tanta vastidão architectonica, tanto luxo e gosto. A sua sumptuosa capella ostenta grande profusão de ornatos; o seu parque e jardins são encantadores. Exceptuando os palacios reaes de primeira ordem, não ha em Portugal edificio algum deste genero que possa competir com este em gosto e sumptuosidade. Seu actual proprietario é Simão Pereira Velho de Moscoso, filho de seu finado fundador.

Moncarapacho, grande pov. do Algarve, a 3 leg. de Faro, com 2,400 hab.; abunda em vinho e amendoas.

Monchique, villa e freg. do Algarve nas abas da serra do mesmo nome, 4 leg. ao N. de Lagos e 12 de Faro, está sit. n'um estreito valle entre duas montanhas graniticas na distancia de 1 leg., que são a *Foia* a O., e a *Picota* a E. (veja-se), em sitio muito aprazivel, que é um conti-

nuado pomar de castanheiros, nogueiras, larangeiras, alfarrobeiras e amendoeiras, e regado por immensos regatos. A villa contém 2,810 hab., e todo o conc. 5,464. Nas suas immediações ha famosos banhos ou caldas conhecidas pelo mesmo nome, muito efficazes, e ás quaes concorrem muitos enfermos do reino e da Hespanha.

Monchique, antigamente *Monto Cico*, principal serra do Algarve, a qual se dirige de E. a O., e fórma com outras menores para este lado uma cadêa que separa o Algarve do Alemtejo, e, atravessando estas provincias continuada na do *Caldeirão*, se ramifica em alguns pontos e vai perder-se na *Serra Morena* em Hespanha. Veja-se *Foia*, *Picota*, *Caldeirão*, *Figo*, *Gordo* e o artigo *Serras.*

O achar-se esta cordilheira com o generico nome de *Monchique* (corrupção de *monte-secco*) e o brotarem na sua falda meridional nascentes de agua quente induz a acreditar que em tempos remotos houverão volcões nella, attendendo igualmente que a sua vertente para o Algarve se compõe de chisto ou ardosia, e que nos ramos que lança até o cabo de S. Vicente termina em pedra calcarea durissima. Quem sabe mesmo se a fertilidade desses terrenos se deve aos fogos subterraneos que, é provavel, encerra nas suas entranhas esta serra, e que com as aguas que della dimanão augmente e adiante a vegetação?

Moncorvo (ou **Torre de—**), villa fundada em 1216 por D. Sancho II ao N. e junto ao *Reboredo*, alto monte que lhe veda o sol grande parte do dia, e n'um outeiro perto dos rios Sabor e Douro, donde dista para o N. 1-1/4 leg., no distr. de Villa-Real. Tem um castello arruinado, grande igreja, bello chafariz, e extenso commercio de cordoaria, que ahi estabelecêra o marquez de Pombal, e no qual se empregava o canhamo dos campos de Villariça, cuja colheita annual com a do linho anda por 7 ou 8,000 arrobas, e muito maior seria se melhor aproveitada fosse

a agua do Sabor. Nos seus arredores colhe-se grande quantidade de seda, que é remettida mesmo em rama para o Porto e Lisboa. A villa só encerra 1,900 hab., porém o seu termo é extenso e povoado: está a 60 leg. de Lisboa e 12 a E. de Lamego e Villa-Real. Esta villa, bem que tire vantagens commerciaes da sua localidade e das suas producções, é comtudo uma das mais feias, mal edificadas e menos limpas do reino. Rodeia-a uma antiga muralha com alguns baluartes, redentes e 3 portas. O seu castello, de cantaria em figura quadrada, é acompanhado de quatro cortinas, dous baluartes e duas torres.

Mondego, cabo ao N. O. da foz do rio do mesmo nome: Lat. 40°, 5'; long. O. de Paris 11°, 15'.

Mondego, rio, o maior de quantos nascem em Portugal, sahe da serra da Estrella, nas vizinhanças da Guarda, com impetuoso curso. Suas margens, desde a foz do Dão até ao porto da Figueira, onde entra no Oceano, são não só as mais pittorescas do reino, como tambem das mais aprazíveis que é possivel encontrar. Corta os vastos e amenos campos de Coimbra e Montemor, que fertilisa nas suas cheias; recebe á direita o Frio e o Dão, até cuja confluencia, a 13 leg. do mar, é navegavel para barcos chatos; e á esquerda o Alva, Ceira e Anços. O seu curso total é de 32 leg. Em frente da Figueira fórma duas ilhotas; a principal chama-se *Murraceira*, e produz bastante sal. Em Coimbra corta-o uma extensa e antiga ponte de cantaria. Da serenidade e placidez do seu curso se lembrou Camões quando disse:

> Vão as serenas aguas
> Do Mondego deslisando
> E mansamente até o mar não parão.

Isto é durante o verão, porque no inverno se precipita furioso, causando estragos e ruinas, inundando

campos, derrocando casas e arvores, &c., como disse Vasco Mouzinho:

> Mondego, no verão, sereno e brando,
> Turvo no inverno, bravo e dissoluto,
> Té lá onde na foz que vai buscando
> Paga de suas aguas o tributo.

Mondim, villa a 2 leg. de Lamego, na direita do Tarouca, tem uma notavel igreja de tres naves; os seus arredores produzem muita seda, e a pov. do conc., que é de 1,482 hab., fabríca com ella meias e retroz.

Mondim de Basto, villa do distr. de Villa-Real, e a 9 leg. de Braga, perto da esquerda do Tamega, 1,500 hab. Tem boa ponte de pedra, e é abundante em todo o genero de fructos.

Monforte, villa do distr. de Portalegre, 4 leg. ao N. O. d'Elvas, com 809 hab., e seu conc. com 2,570. Está fundada n'um alto monte do qual tomou o nome. O seu termo tem 10 leg. de circuito, e abunda em vinhos excellentes, trigo, montados de gado suino, &c. Ha uma aldêa do mesmo nome no distr. de Castello-Branco donde dista 4-1/2 leg., e 1 ao N. do Tejo, com 1,147 hab.

Monforte de Rio Livre, villa sit. 1-1/2 leg. a E. de Chaves, entre os rios Tamega e Ragoa affluente do Tua, no distr. de Bragança, 540 hab., e o seu conc. 8,812. Ainda que as suas terras sejão fracas e frias, produzem muito gado vaccum, vinho, excellente manteiga, castanhas e muita seda. Esta villa está edificada no declive de um monte, com um castello rodeado de antiga muralha ainda bem conservada. Posto que dominada por uma altura do lado do Nascente, esta pequena praça merecia ser reedificada, pela importancia da sua posição para a defesa de Trás-os-Montes.

Mongota, riacho, veja-se *Maceira*.

Monsanto, villa do distr. de Castello-Branco, sit. perto

da raia hespanhola, sobre um aspero e elevado monte de custoso accesso, com antigo castello e muralhas, cuja demasiada elevação, principalmente do lado do castello, inutilisão quasi o jogo da sua artilharia. Entretanto, é considerada praça d'armas de segunda ordem. Encerra 1,300 hab. Tem esta pov. a particularidade de que, sendo sitiada desde onde se lhe deve deitar o cordão de cerco, póde para dentro lavrar pão, vinho e azeite, para se sustentar sem que lh'o possa impedir o inimigo; por isso já os Romanos a tiverão cercada por 7 annos, conforme diz J. de B. de Castro, Map. de P., 1.º vol., pag. 39. Tem a villa por armas uma aguia e uma espada.

Monsaraz, antiga villa do distr. d'Evora, 1/2 leg. a O. de Mourão e 8 ao S. d'Elvas, sit. n'um alcantilado outeiro na direita do Guadiana, com antigo castello e muralhas arruinadas: tem 1,250 hab., e o seu conc. 5,438. Foi pov. grande, abastada e forte, porém hoje está muito decahida. Abunda em grão, colmêas e azeite.

Montalegre, villa sit. n'uma altura plana e frigida, na esquerda do Cávado, ou antes do rio de Montalegre, pois é o nome que ahi lhe dão; dista 1-1/2 leg. ao S. da raia hespanhola, e domina a estrada que pelo val do Cávado conduz de Chaves a Braga: da primeira dista 5-1/2 leg. para o Poente. A villa é rodeada de muralhas, e contém um antigo castello e outras fortificações, as quaes, bem que dominadas por duas alturas do lado do Sul, não deixão de ser importantes pela sua posição, e merecerião ser augmentadas. A villa conta 850 hab., e o seu termo 18,500. Produz muito gado vaccum e cavallar, boa manteiga e frutas com abundancia.

Montalvão, villa do distr. de Portalegre, donde dista 6 leg. ao N. e 4 de Castello de Vide, sit. n'uma altura á esquerda do rio Sever, que ahi perto conflue com o Tejo; tem 1,250 hab. É muito abundante em caça, e tinha

uma boa tapada até á sua extincção em 1834. A villa conserva ainda suas antigas muralhas e fortificações, hoje de pouca monta. É patria do viajante historiador jesuita Manoel Godinho.

Montargil, villa do distr. de Santarem, donde dista 9-1/2 leg. para S. E.: contém 1,340 hab. Acha-se quasi na mesma distancia de Portalegre, Estremoz e Evora, e na margem direita do Sor ou Sorraia, sit. n'um outeiro que por entre dous barrancos baixa de um elevado monte donde provavelmente tomou o nome. Do lado do N. tem um valle plantado de vinhas e oliveiras que lhe amenisão os contornos, os quaes todavia são ingratos e pouco salutiferos: abundão em caça e colmêas.

Monte. Ha no reino diversas povoações cujo titulo inicial começa por este nome; a insignificancia da maior parte dellas não admitte cabimento neste resumo, e as mais notaveis são as seguintes:

Monte-Mor-Novo, villa do distr. d'Evora, donde dista 5 leg. para O., e 16 ao S. E. de Lisboa, sit. na direita do rio Canha ou Almansor, contém 2,748 hab., e o seu conc. 7,500. É patria do chronista mór do reino Francisco d'Andrade e do Santo portuguez S. João de Deos, fundador da ordem da *Caridade*, o qual ahi nasceu em 1495, morreu em 1550, e foi canonisado em 1690. Nas escarpas do outeiro de Monte-Mór ha um forte de construcção arabe que está cahindo em ruinas. As suas cercanias são arenosas, porém muito abundantes de grão e azeite.

Monte-Mor-Velho, villa antiquissima sit. na direita do Mondego, 4 leg. a O. de Coimbra e 3 a E. da Figueira; as suas muralhas, castello e outras antiguidades, achão-se em grande decadencia: encerra 3,300 hab., e todo o conc. 10,425. Os venerandos contornos do seu alcaçar se desenhão ao longe no horizonte como um espectro, e

fazem recordar as sanguinosas chacaras e hediondas tradições da antiga historia portugueza. Dahi partio em 1355 para Coimbra El-Rei D. Affonso IV com os tres ministros algozes para apunhalarem a formosa Ignez de Castro. Ahi residirão tambem, em mais remotos tempos, varios monarchas mouros e portuguezes. Essa habitação acha-se hoje desamparada e solitaria, e suas muralhas de priscas éras contemplão tristemente os valles subjacentes que durante seculos forão regados de tanto sangue, e em nossos dias são alagados durante as enchentes do Mondego, que muito os fertilisa, produzindo elles abundantemente todo o genero de legumes, caça, gado, laranjas e vinhos excellentes, e com immensas fontes que offerecem á vista uma perspectiva deliciosa. É patria do celebre poeta Jorge de *Montemayor* ou *Montemor*, autor da *Diana*, e de Fernão Mendes Pinto autor das celebres *Peregrinações*. No termo desta villa, lugar da *Azenha*, ha as caldas de *Nossa Senhora do Pranto*, cujas aguas são salitrosas e sulphureas e boas para frouxidão de nervos.

Monte de Muro, notavel montanha do distr. de Lamego, abundantissima em pastagens. Diz P. Fernandes Pereira que « os pastores da serra da Estrella, vendo-se obrigados no inverno a deixar o seu frio paiz, e pelo lucro que tirão de dous partos que as ovelhas tem annualmente, emigrão com seus gados, uns para *Monte de Muro* e outras vizinhanças do Douro, outros para o S. da Beira, Alemtejo, &c.; e não havendo emigração, as ovelhas só parem uma vez. » Ha outra serra com a mesma denominação, á qual tambem chamão *Monte-Mouro* e *Monte-Mauro*, sit. pouco mais de 1 leg. ao N. O. d'Evora; os seus cumes não attingem grande altura e tem excellentes pastos.

Monte-Gordo, pincaro de um ramo da serra do Caldeirão no Algarve; veja-se *Gordo*.

Montejunto, prolongada cordilheira do distr. de Leiria, composta das serras de *Albardós*, de *Minde* e de outras: esta ultima tem 2,150 pés ácima do nivel do mar, e o mais alto cume de *Montejunto* 2,180. Nella ha marmore fino de diversas côres, e o gado cavallar que produz é tido em grande apreço pela sua velocidade.

Montelavar, freg. do conc. de Cintra, distante 4 leg. de Lisboa, abunda em hortaliças e bom vinho, 2,100 h.

Montes-Claros, aldêa do Alemtejo, sit. 2 milhas a E. d'Estremoz, n'uma altura, celebre pela victoria que em 1665 ahi ganhárão os Portuguezes, commandados pelo marquez de Marialva e conde de Schomberg, sobre os Hespanhóes ao mando do marquez de Carracena. A força portugueza era de 15,000 infantes, 5,500 cavallos e 20 peças de artilharia, e a do inimigo de igual numero de infantes, 7,600 cavallos e 14 peças, o qual perdeu neste combate 4,000 mortos, 6,000 feridos e prisioneiros, 3,500 cavallos, toda a artilharia, e mais de 100 bandeiras. A perda dos Portuguezes foi de 700 mortos e perto de 2,000 feridos. Deu esta insigne victoria a ultima sentença na causa da patria independencia, e firmou perduravelmente a corôa na cabeça dos principes de Bragança.

Montesinho, consideravel serra granitica sit. junto á raia hespanhola ao N. de Bragança; é a mais alta da prov. de Trás-os-Montes: alguns de seus cumes excedem 7,000 pés e conservão neve durante quasi todo o anno.

Montijo, aldêa do Alemtejo a 1/2 leg. áquem do Guadiana, famosa pela memoravel victoria que em 1644 ahi ganhou Mathias de Albuquerque contra os Hespanhóes commandados pelo barão de Molinguem, e fortes de 2,600 cavallos e 6,000 infantes. Os Portuguezes erão menos numerosos, e no primeiro choque tiverão seus esquadrões abertos e perdida a artilharia; porém, recuperando-a e tornando a formar-se, carregárão com

tal furia o inimigo, que este, acossado e roto por todos os lados, teve de abandonar o campo, toda a sua artilharia e bagagens, e só em mortos perdeu 1,600 homens, prova de que seus contrarios se houverão com toda a galhardia.

Mora, villa de 980 hab., sit. 6 leg. ao N. d'Evora sobre o Odivor e 2 leg. ao S. do Ervedal.

Moreira, pov. do conc. da Maia, a 2 leg. do Porto, com 1,200 hab. No conc. de Monção ha uma freg. do mesmo nome com 680 hab.—*Moreira do Castello* pertence ao de Celorico de Basto, e dista 7-1/2 leg. de Braga; tem igual população.—*Moreira dos Conegos* pertence ao de Guimarães, e contém perto de 1,000 hab. Ha duas *Moreiras do Lima* no conc. de Ponte de Lima, a maior com 780 hab. Finalmente *Moreira d'El-Rei*, villa e freg. sit. nas cabeceiras do rio Tavora, 1 leg. ao N. de Celorico da Beira no distr. da Guarda, em terreno fragoso e frio: encerra 1,000 hab., e o seu conc. 3,000.

Moroiços (Cruz dos), pov. sit. 1/2 leg. ao S. de Coimbra, vizinha do Mondego e do Ceira. Em 1828 a 25 de Junho forão os constitucionaes em numero de 9 a 10,000 homens atacados neste sitio por uma força miguelista superior, rompendo differentes posições, donde todavia forão valentemente repellidos, ficando os liberaes senhores do campo depois de grandes esforços de valor praticados durante 10 horas de rija peleja. Divulgando-se porém no dia seguinte que a cavallaria inimiga tinha passado o Mondego, tal terror diffundio esta noticia, que a junta liberal mandou retirar precipitadamente sobre o Vouga, na maior desordem, abandonando-se piquetes, munições e todo um regimento de milicias, sem ao menos dar parte ás autoridades que lhe obedecião, sacrificando-as barbaramente. Este triste acontecimento acabou de desmoralisar o exercito, e em vez de se mandar com effeito fazer

alto nas margens do Vouga, só no meio de muita confusão é que ahi parárão os corpos, tomando posição onde bem lhes pareceu, ao passo que a junta, dominada de terror panico, foi estabelecer em Grijó o quartel-general. O desaire desta retirada foi quanto possivel remediado por alguns bravos militares, que, pezarosos de mostrar as costas ao inimigo sem experimentarem a sorte das armas, resolvêrão defender as fortes posições do Vouga, que sustentárão por meio de um renhido combate de retaguarda. Foi no dia 28 que elle teve lugar, sendo um dos mais violentos que se travou em toda a guerra civil de Portugal. Por mais de 9 horas a ponte de *Marnel* e as passagens deste pantano forão o theatro de repetidos ataques e o alvo do mais intenso fogo de artilharia e mosquetaria. Por muitas vezes tentárão os miguelistas atravessar a ponte e os atalhos do pantano, mas outras tantas forão rechaçados pelas baionetas constitucionaes, que afinal conservárão as suas posições. As subsequentes derrotas de Penafiel, Tobosa e Guimarães, obrigárão a junta a dissolver-se e embarcar-se os mais notaveis do partido liberal para Londres no vapor *Belfast*, juntamente com Saldanha, Villa-Flôr, Stubbs, Palmella e outros officiaes que acabavão de chegar no mesmo, porém já depois de derrotado o exercito que tão brilhante e esperançoso começára.

Mortagua, villa e freg. do distr. de Aveiro, 6 leg. ao N. de Coimbra, com 850 hab., e todo o conc. com 6,262.

Morteiro. Ha meia duzia de povoações deste nome em todo o reino, porém que não chegão a attingir 600 hab.; afóra estas, as mais notaveis são: — 1.ª, perto de Tondella e a 8 leg. de Coimbra, villa com 1,040 hab., e seu termo com 2,100; — 2.ª, bonita aldêa do conc. de Guimarães, com 1,324 hab.

Moura, fundada sobre as ruinas da antiga *Arucitana*

ou *Aru*, villa muito antiga do distr. de Beja, sit. 1/2 leg. a E. do Guadiana e 7 da sua capital. A sua posição elevada lhe proporciona uma temperaturá saudavel, branda e extensa vista, principalmente para o lado occidental. É cercada de antigos muros com castello que El-Rei D. Diniz lhe mandou construir em 1295; os Hespanhóes os fizerão saltar em 1707, e ainda se não achão reedificados. Faz consideravel commercio de contrabando com a Hespanha. Tinha 2 conventos de freiras e 3 de frades; o dos Carmelitas calçados era o mais antigo desta ordem em Portugal. O seu territorio abunda em cereaes, azeite, gado, caça, colmêas e enormes sobreiros com os quaes se crião muitos porcos. A sua população se eleva a 3,680 hab., e a do seu conc. a 9,260, o qual se estende por espaço de 4 leg. até á raia da Andaluzia, outras tantas até á serra de Mourão, e 2 até á de Serpa. Perto da villa ha 2 olivaes de mais de 1 leg. cada um, os quaes produzem tambem grãa kermes ou *ruiva*.

Mourão, villa e freg. do Alemtejo, no distr. d'Evora, donde dista 9 leg. e 6 ao N. E. de Moura, sit. na esquerda e a 1/2 leg. do Guadiana, com um castello e 1,480 hab.; o seu termo poderá conter 2,900 e produz algum azeite, gado, mel, cera, grão e bastante caça, por ser montuoso e arvorisado.

Moure, conc. a 1-1/2 leg. de Braga com 2,020 hab.

Mouriz, aldêa do conc. de Penafiel: 1,270 hab.

Mouro, rio que nasce perto de Parada do Monte e entra na esquerda do Minho, acima de Monção.

Mouronho, aldêa do conc. de Coja, perto de Cea, com 1,130 hab. e a 7 leg. de Coimbra.

Mouta ou **Moita**, villa sit. n'uma enseada da margem esquerda do Tejo, o qual neste sitio tem 3 leg. de largura, e a 3-1/2 de Lisboa, 1,900 hab. O seu termo, que conter uns 4,000 hab., produz delicados vinhos, fruta, gado,

lenha e pescado; porém não é proprio para cereaes, por ser demasiado areento.

Muge ou Mugem, pov. de Ribatejo á esquerda do Tejo perto do riacho Couto e Alpiaça, em todos os quaes se pescão muitos mugens que derão talvez o nome á pov., 2-1/2 leg. ao S. de Santarem e 13 de Lisboa, 1,232 hab. Produz gado cavallar e arroz, mas é insalubre.

Murça de Panoyas, villa do distr. de Villa-Real, donde dista 3-1/2 leg. para E., perto do rio Tinhela, que desagua no Tua, na raiz austral da serra de S. Thiago: a villa encerra 867 hab., e todo o conc. 4,460. Produz em abundancia os grãos e frutos da provincia, goza de ares mui saudaveis: os seus habitantes chegão frequentemente a grande longevidade, e nos seus montes se faz carvão que abastece uns poucos de concelhos circumvizinhos.

Murça, rio de 7 leg. de curso que nasce no conc. de Jales, 4-1/2 leg. a N. E. de Villa-Real em Trás-os-Montes: corre de N. a S. e se lança no Douro em Provozende, depois de ter passado pela villa de Murça, da qual toma o nome; porém o seu verdadeiro é *Carcedo* ou *Carrezedo*. As varzeas que banha são de extrema fertilidade e bem cultivadas, produzindo abundantemente vinhos superiores, muita castanha e azeite.

Murtosa, freg. sit. em terreno arenoso 7 leg. ao S. do Porto, dependente do conc. de Estarreja e distr. de Aveiro: encerra 6,354 hab., pela mór parte pescadores que abastecem de pescado fresco e salgado os mercados de Aveiro, Porto e Vizeu, servindo-se do Vouga para o transporte.

N

Nabão (antigamente *Nabancia* e *Navano*), rio da Beira Baixa, nasce nas serras d'Alvayazere e Alqueidão, e já

reunido a uns poucos de affluentes, passa pela cidade de Thomar, onde faz mover diversos machinismos de fabricas de fiação de algodão e de papel; daqui toma a direcção S. E. para desembocar no Zezere, e ambos reunidos vem confluir no Tejo, junto a Villa-Nova da Restauração. O curso do Nabão é rapido e caudaloso de inverno, e até se reunir ao Zezere tem 8 leg. Segundo os chronistas Antonio Brandão, Luiz dos Anjos, Baptista de Castro, &c., é neste rio que foi lançado o corpo da virgem martyr *Santa Iria* ou *Santa Irene*, o qual, transportado pelas suas aguas, pelas do Zezere e do Tejo, veio a ser achado no anno de 653 na margem direita deste, em frente de um cabeço, onde se lhe edificou templo da invocação de *Santa Irene*, que por corrupção ao depois se chamou *Santarem.*

Nariz, pov. de 830 hab., sit. em terreno areento, mas abundante em grão e hortaliças, no conc. da Esgueira, e a 1-1/2 leg. de Aveiro.

Nave de Ave, pov. do conc. de Villar-Maior, sit. junto da nascença do rio Tourão, 4 leg. ao S. d'Almeida, com 580 hab. — *Nave do Sabugal*, outra freg. do conc. de Sabugal, com 800 hab.

Nazareth, aldêa e sanctuario, veja-se *Pederneira.*

Negrellos, pov. do conc. de Refoios de Riba d'Ave a 4 leg. de Braga, com 550 hab. — *S. Thomé de Negrellos*, outra pov. do mesmo conc., a igual distancia e com 840 hab.

Negrillos, pov. do conc. d'Aljustrel, no distr de Beja: 800 hab.

Neiva, rio e pov., veja-se *Castello de Neiva.*

Nellas, freg. do conc. de Senhorim, a 3 leg. de Vizeu: 1,600 hab. Os seus campos são muito abundantes.

Nespereira. Entre as povoações que no reino ha com este nome, nota-se a de *S. Ericio da Nespereira*, no conc. de S. Fins, a 6 leg. de Lamego, com 720 hab.; e a de

Santa Maria da Nespereira, no mesmo conc. e a 7 leg. da mesma cidade, com 900 hab.

Nevogilde, aldêa do conc. de Aguiar de Souza, 725 h.

Nexe, freg. do conc., e 1 leg. ao N. E. de Faro, 2,200 hab. Produz muita alfarroba e vinho branco.

Nicolau (S.), ilha, veja-se *Cabo Verde*.

Niza, villa sit. 6 leg. ao N. O. de Portalegre, junto ao rio Figueira, em terreno montanhoso, mas muito abundante; contém 2,300 hab., e dista 2 leg. ao S. do Tejo. O rio Niza, que desemboca neste com um curso rapido, e despenhado de 7 leg., passa 1 leg. ao Nascente desta villa, cujo termo fertilisa.

Nogueira. Ha em todo o reino perto de 15 povoações ou freguezias deste nome, pouco populosas e de pouca importancia; a mais notavel dellas é *Nogueira do Cravo*, villa da Beira-Baixa, perto de Cea e a 10 leg. de Coimbra, com 960 hab., e com o conc. 1,500. —*Villa Nogueira*, villa, veja-se *Azeitão*.

Nogueira, serra e cume, veja-se *Rebordãos*.

Nordeste, villa, veja-se *Açores*, S. Miguel.

Nova-Bragança, cidade, veja-se *Aveiro*.

Novaes, freg. do conc. de Barcellos, a 3 leg. de Braga, com 1,000 hab.

Numão, a quem os antigos chamárão *Numancia*, é hoje uma mediana aldêa de 400 hab., da jurisdicção de Freixo de Numão, donde dista 1 leg. Está sit. 11 leg. ao N. da Guarda, a cujo distr. pertence, e 1 ao S. do Douro, junto ao riacho Teja, em posição alta e forte. Tem um grande e arruinado castello de pedra lavrada e quadrada com 15 torres. As suas vizinhanças, onde se encontrão antiguidades architectonicas romanas e anteriores, produzem abundantemente grão, vinho, azeite, muito gado e caça. Parece ter sido outr'ora grande povoação.

O

Obidos, antiga villa sit. 11-1/2 leg. ao N. de Lisboa e 1 das Caldas, sobre um aprazivel outeiro perto do rio Arnoia, que entra na lagôa d'Obidos, a qual tem 1 leg. de comprimento e 1/3 de largura, e onde abunda muito o peixe nas occasiões em que se communica com o mar: o seu litoral, bem que formoso e agradavel, é sezonatico. A villa é toda cercada de muros com uma citadella, obra d'El-Rei D. Diniz, e em fórma de triangulo em declive para o Nascente, donde apresenta um pittoresco amphitheatro. N'um arrabalde seu se encontra o templo do *Senhor da Pedra*, sumptuoso hexagono, porém incompleto, apezar de nelle se terem despendido mais de 220 mil cruzados, em grande parte dados por D. João V. Esta villa pertencia á casa das Rainhas, e por isso o immenso aqueducto sustentado por muitos centenares de arcos, que começa a 1/2 leg. da villa, foi mandado edificar por D. Catharina, mulher de D. João III, em troca de alguns maninhos do municipio. Contém alguns restos de antiguidades; é patria do poeta Malhão: acha-se em grande decadencia e pertence á administração de Leiria, donde dista 7-1/2 leg., com uma população de 3,600 hab., e todo o conc. com 12,243. É abundante em todo o genero de frutas, principalmente nas afamadas maçãas que provêem o mercado de Lisboa.

Nada se sabe de positivo ácerca da fundação e existencia de Obidos até ao anno de 1148, em que D. Affonso Henriques a conquistou aos Mouros. Por a ter achado muito arruinada, a reedificou e povoou de novo D. Sancho II. Durante as devastações do conde de Bolonha, que pouco

depois foi Rei com o titulo de Affonso III, pôz-lhe este principe estreito cerco para a obrigar a renunciar ao partido de seu irmão e Rei; vio porém mallograda a sua empreza, por se defenderem valorosamente os seus habitantes.

Ocreza, rio, o mesmo que *Lacca:* veja-se.

Odeleite, pov. do conc. de Castro-Marim, sit. sobre o rio do mesmo nome, 4 leg. antes de elle desembocar no Guadiana, e outras 4 ao N. de Tavira, contém 1,500 hab. O rio nasce na serra do Caldeirão; as suas margens, ao principio asperas e alcantiladas, se vão aplanando á proporção que se approximão da sua foz, de modo que é navegavel até á pov. do mesmo nome. Nesse espaço é muito agradavel, porém pouco piscoso. Tem de curso total 8 leg.

Odemira, villa do Baixo-Alemtejo no distr. de Beja, 5-1/2 leg. ao S. E. de Sines, 3 do mar e 2-1/2 ao N. da serra de Monchique, no Algarve; está sit. sobre o rio *Mira* ou *Odemira:* contém 2,348 hab., e todo o conc. 7,289. Tem bastante commercio, porque, sendo o seu rio navegavel até a ella e ainda mais ácima, serve de entreposto ao grão e outros artigos que baixão do Alemtejo. Os seus campos são ferteis, porém mal cultivados. —O rio do mesmo nome fórma-se ao principio de tres ramos, que são: *Odemira*, *Odemoura* e *Perna Secca;* nascem na serra de Almodavar e Monchique, e até á sua foz em Villa-Nova de Mil Fontes formão um canal de 5 leg. navegavel, que muito favorece a communicação das povoações fluviaes. A sua barra é difficil e perigosa de inverno.

Odesseixe, veja-se *Seixe.*

Odivellas (S. Dionysio de), aldêa a 1-1/2 leg. ao N. E. de Lisboa, com um antigo convento de freiras, em cuja igreja jaz sepultado El-Rei D. Diniz, seu fundador:

é de 1,400 hab. Ha um rio do mesmo nome, ao qual chamão tambem Alvito, e que nasce na serra de Portel e se lança no Charrama, pouco abaixo do Torrão, com mais de 6 leg. de brando curso: nelle ha outra aldêa de *Odivellas*, porém insignificante.

Odivor ou **Divor**, rio do Alemtejo, que nasce na serra d'Alpedreira, pouco mais de 1 leg. ao N. d'Evora, corre na direcção de S. O., passa pela villa de Mora, e, parallelo com o rio Ervedal, donde dista 2 leg. ao S., se lança no Zatas, quasi em frente da pov. dos Gamas, 1/2 leg. ao S. de Coruche, tendo percorrido uma distancia sinuosa de 9 leg.

Oeiras, notavel villa sit. 3 leg. a O. de Lisboa n'uma planicie sobranceira ao Tejo: encerra 3,600 hab., e todo o seu termo 7,000. El-Rei D. José I conferio ao seu grande ministro Sebastião José de Carvalho e Mello o titulo de *conde de Oeiras*, seu solar, antes de o crear *marquez de Pombal*. A sua herdade e quinta neste sitio são de notável grandeza, e o seu rendimento chegou a exceder 150 mil cruzados. Ainda ahi se vêm os trabalhos da canalisação do rio de Oeiras, ao qual tinhão de reunir-se outros, o que em parte facilitaria o transporte das producções do interior e até das vizinhanças de Cintra; porém o desvalimento e desterro do grande homem para Pombal não o deixárão completar tão util empreza. Tendo o mesmo monarcha ido habitar esta quinta em 1775, afim de tomar os banhos thermaes do Estouril, que ficão na vizinhança de Cascaes, aproveitou o marquez a occasião da feira que teve lugar na villa para ostentar aos olhos do monarcha os progressos que a industria nacional havia feito no seu reinado. As lojas e barracas estiverão ricamente sortidas durante esta extraordinaria exhibição, e pretende Balbi que fôra a primeira exposição de industria nacional que houve na Europa. Os contornos de Oeiras produzem

afamados vinhos, cereaes, frutos, e o pão de que abastece Lisboa passa pelo melhor de todo o reino.

A pequena distancia para o S. está a fortaleza de *S. Julião da Barra* ou *S. Gião*, que defende a entrada da foz do Tejo ao qual fica sobranceira; é obra de consideravel força e extensão, cujos fogos se cruzão com os do forte do *Bugio*. As suas escarpas são altas e, bem como os fossos, construidas em rocha viva; contém immensas casamatas e segredos, alguns dos quaes alagadiços e inferiores ao nivel do rio. Da parte de terra tem uma cortina flanqueada de dous baluartes com fosso e caminho coberto; mas infelizmente o monte *Algoirão* domina tudo. O geral da sua fortificação é irregular, porque segue a direcção e fórma da mesma rocha ao N. da entrada do Tejo, e foi começada a edificar na minoridade de D. Sebastião por seu tio o cardeal regente, depois Rei D. Henrique. Pelo lado de terra consta de 5 baluartes irregulares, 1 revelim com fosso e varias obras estrategicas, com baterias altas e baixas, guarnecidas de mais de 150 boccas de fogo de grosso calibre, sendo perto de metade de bronze. Foi depois completada esta grandiosa obra pelos Hespanhóes durante os 60 annos de usurpação, e do sitio da *gruta* forão por elles lançados ao mar mais de 2,000 Portuguezes, conspicuos por suas luzes e adhesão á casa de Bragança; e em nossos dias, no reinado de D. Miguel, servio esta fortaleza de rigoroso carcere a numerosas victimas do partido liberal, cruelmente torturadas pelo seu feroz governador Telles Jordão, que veio a pagar com usura suas atrocidades no cáes de Cacilhas, onde foi esquartejado pelo povo.

Em frente desta citadella, para a parte do S., na distancia de 980 passos geometricos, está a torre do *Bugio* ou fortaleza de *S. Lourenço da Barra*, com cujas baterias cruzão as suas. Por se achar situada n'uma restinga que

fica descoberta na vasante da maré, lhe chamão tambem *Cabeça secca*. A sua figura é circular, e, ainda que occupe pequeno recinto, tem boas baterias altas e baixas e artilharia de grosso calibre. Entre estas duas fortalezas está a barra de Lisboa dividida em duas entradas ou carreiras por um banco de rocha, o qual, começando a um tiro de espingarda da fortaleza de S. Julião, corre mais de 1 leg. a Sudoeste. A entrada do Sul entre o banco e o Bugio é mais larga, e chama-se *Carreira d'Alcaçova*. Consulte-se o artigo *Fronteiras, Litoral, &c., de Portugal.*

Oeiras, rio do Alemtejo, nasce na serra do Caldeirão perto de Santo Antonio do Marchial, passa por Almodovar e entra no Guadiana, junto de Mertola, com um curso de 10 leg. É geralmente de alveo estreito e alcantilado, e só perto da sua foz tem barca. — O riacho do mesmo nome que atravessa a villa de Oeiras nasce nos arredores de Cintra e os seus contornos são muito fructiferos.

Olaia, freg. do conc. e a 2 leg. de Thomar: 1,800 hab.

Oleiros, villa do distr. e 6 leg. a E. de Castello-Branco, perto da Certãa e margem esquerda do Pera, affluente do Zezere, em terreno montanhoso, com 1,690 hab.

Olhão, villa e porto de mar do Algarve, a 1 leg. de Faro e 40 de Lisboa, contém 6,000 hab. pela maior parte pescadores e maritimos, e nesse ramo são considerados os melhores de todo o reino e mui destros na pescaria do mar alto. Esta villa está sit. em solo arenoso e baixo, onde por vezes tem penetrado o mar; apparelha regularmente para a pesca perto de 120 embarcações por anno, além de uns 50 cahiques e outros tantos vasos costeiros latinos: em 1845 exportou para cima de 19 contos de réis de peixe salgado. Foi Olhão a primeira terra de Portugal, ao S. do Tejo, que sacudio o jugo francez e incitou os mais povos do Algarve a fazerem o mesmo, o que teve gloriosamente lugar em Junho de 1808.

Olival, aldêa a 4 leg. de Leiria, do conc. d'Ourem, com 2,280 hab. Ha outra no conc. de Villa-Nova de Gaia, 1-1/2 leg. para o S., com 950.

Olivaes, freg. de 2,660 hab. a pouca distancia de Lisboa, na margem direita do Tejo.

Oliveira. Com esta denominação existem no reino mais de 20 povoações ou villas; mas neste artigo viráõ sómente notadas as mais importantes, que são: — 1.ª, no distr. de Villa-Real e conc. de Mezãofrio, com 500 hab.; — 2.ª, a 1 leg. de Braga, no conc. do Prado, 450; — 3.ª, *Oliveira d'Azemeis*, villa sit. perto da direita do Antuãa, no distr. de Aveiro, e 6 leg. ao S. do Porto, com 2,000 hab. e o seu conc. com perto de 15,000. Esta abastada povoação, sit. em terreno fertil e forte posição militar, tornou-se conspicua nas duas ultimas guerras civis de Portugal por ter servido de quartel-general, primeiro em 1832 a D. Miguel, e ultimamente em 1847 ao marechal Saldanha, o qual ahi esperou que os soldados da patuléa se decidissem a passar do Porto para o Sul do reino, onde forão batidos em Torres-Vedras; — 4.ª, *Oliveira do Bairro*, villa e freg. do mesmo distr., donde dista 2 leg., contém 1,602 hab.; — 5.ª, *Oliveira do Conde*, villa sit. perto de Tondella e a 5 leg. de Viseu, a cujo distr. pertence, 2,900 hab., e com o distr. 5,138; — 6.ª, *Oliveira do Douro*, aldêa e freg. do conc. de Gaia, 1 leg. ao S. do Porto, 2,290 hab.; — 7.ª, outra villa do mesmo nome perto de Ferreiros de Tendaes, 4 leg. a O. de Lamego, com 1,700 hab.; — 8.ª, *Oliveira de Frades*, villa (S. Pelagio) a 4 leg. de Viseu e com 700 hab.; — 9.ª, *Oliveira do Hospital*, villa e freg. perto de Cea, a 10 leg. de Coimbra, ambas com 1,600 hab.

Olivença, notavel villa e importante territorio formando um triangulo quasi regular de 4 leg. em cada lado e sit. além do Guadiana em frente de Jerumenha, 4 leg. a E.

de Villa Viçosa, e encravado na Hespanha, a quem pertence desde 1801 em que foi conquistado, e pelo tratado dessa mesma época se convencionou que a corôa catholica restituiria todas as conquistas que tinha feito a Portugal, menos Olivença e seu territorio, que ficarião para sempre pertencendo á Hespanha. Todavia, pelo tratado da paz geral de 1815, estipulou-se que esta potencia a restituiria a Portugal; porém até hoje se tem illegalmente recusado a este acto de justiça, com flagrante quebra da boa fé. Já antes disso, mesmo antes da guerra peninsular, Napoleão consentia que se restituisse a Portugal esta conquista, comtanto que tambem da sua parte a Inglaterra cedesse aos Hespanhóes a ilha da Trindade; porém não annuio esta *antiga* e *fiel alliada* a fazer tal concessão em favor de Portugal, que só por ella se tinha exposto a tal guerra e aos odios dos gabinetes de França e Hespanha. Assim, pela primeira vez depois do estabelecimento da monarchia, se vio retalhado o territorio portuguez na Europa.

Este caso da usurpação de Olivença está acompanhado de uma circumstancia que o torna ainda muito mais aggravante, e vem a ser que, tendo já passado ao nosso poder essa mesma praça e seu territorio, voltára outra vez para as mãos dos Hespanhóes por influencia dos Inglezes, que então governavão completamente Portugal debaixo da direcção immediata de lord Beresford; logo, é evidente que esta perda é exclusivamente devida aos Inglezes, que não só aconselhárão á regencia de Lisboa para que fizesse a restituição, o que ella servilmente fez, mas ainda depois do tratado geral de Vienna deixárão este caso duvidoso e nunca mais se importárão com elle.

Segundo Minhano, a villa contém 10,447 hab., é rodeada de grossa muralha e bem fortificada por natureza e arte. O terreno adjacente produz muitos cereaes, hortaliças, afamada azeitona e vinho; seus bons pastos

nutrem muito gado suino e lanigero, e a sua pov. faz avultado commercio de contrabando com a raia portugueza, principalmente em tecidos de algodão e lãa em troco de sal.

Ossa, cordilheira de montanhas do Alemtejo que se estende de E. a O. pouco ao N. d'Evora, cuja altura mediana nunca excede 2,030 pés acima do nivel do mar, e as suas ramificações se vão perder no Guadiana, havendo percorrido os terrenos de Estremoz, Villa-Viçosa, Alandroal, Evora-Monte, &c. Tem de comprimento ramificado umas 10 leg., com excellentes pastos para gado vaccum e montados para o suino, do qual produz grande quantidade, e densos matos muito abundantes de caça e madeira de construcção. Das suas alturas se avista um extenso e variado panorama. A materia de que geralmente se compõe é marmore branco e de côres; porém nas vizinhanças de S. Gens reina o chisto foliaceo cuberto de matas de giesteiras. Nas cercanias do convento ha frondosas arvores de espinho, oliveiras e plantas proprias da região do Norte, e que prosperão com o clima desta serra. Tornou-se ella notavel por ahi se estabelecerem piedosos solitarios que em contemplação mystica passárão seus longos dias, uteis talvez á propria salvação, porém inuteis para o mundo. Estes anachoretas derão origem á ordem dos eremitas de S. Paulo, e nesse ermo formárão a sua *Thebaida*, fundando um vasto convento, cabeça de sua congregação neste reino; edificárão segundo no Val do Infante, que posteriormente se converteu em quinta rendosa e mais tres na mesma serra.

Ossella, aldêa do conc. de Oliveira d'Azemeis, a 12 leg. de Coimbra, contém alguns restos de antiguidades mouriscas, e cerca de 1,200 hab. Diz o escriptor P. Fernandes Pereira, que junto desta povoação, nas margens do rio Cambra, foi derrotado pelo Rei godo Froila, em 996, o exercito do califa arabe Almansor, e que dos immensos

corpos que ahi ambos deixárão se derivára o nome de *Ossella* (de ossos); deprehende-se porém do *Espejo de las Hist. Port.* de Faria e Souza, pag. 209, que já a povoação tinha este nome no anno 14 da éra christãa. Deixamos aos curiosos de etymologias classicas, que a tudo querem dar uma derivação, o elucidarem este ponto.

Otta, pequena pov. 1-1/2 leg. ao N. d'Alemquer e 10 de Lisboa, sit. nas faldas da serra do mesmo nome, ramo da de Montejunto, a qual abunda em toda a sorte de caça.

Ouguella, pequena praça d'armas do Alemtejo, sit. sobre o rio Xevora, que a separa da raia hespanhola, 1 leg. ao N. de Campo Maior e 4 d'Elvas. Por esta pov. passa a balisa limitrophe de Port. e Hespanha, a qual vai entestar com as cabeceiras do rio Sever, 1/2 leg. a E. de Marvão.

Ourem, antiga e notavel villa do distr. de Leiria, donde dista 3-1/2 leg. a S. E., e 21 em linha recta a N. E. de Lisboa, está sit. no cume de um alcantilado outeiro de custosa subida por todos os lados, cercada de muros, e com um antigo castello, obra de D. Affonso Henriques, o qual, depois de a ter tomado aos Mouros em 1148, a mandou povoar de christãos, e benzer as suas mesquitas. Encerra 3,840 hab., e o seu conc. mais de 10,000: este é muito saudavel, fertil em cereaes, fruta, vinho e azeite.

Ourique, villa e freg. do Alemtejo no distr. de Beja, donde dista 7-1/2 leg. a E. e 4 ao N. da serra do Caldeirão no Algarve, sit. sobre uma eminencia que domina o *Campo d'Ourique*, no qual o conde soberano D. Affonso Henriques, com 13,000 Portuguezes, derrotou 200,000 Mouros (segundo conta a historia), capitaneados por 5 Reis, a 25 de Julho de 1139, no que piamente se crê fôra animado por Christo, e logo ahi foi acclamado Rei pelos seus soldados, titulo que depois lhe confirmárão os tres Estados do reino nas côrtes de Lamego, em que estabelecêrão as leis fundamentaes da monarchia. Veja-se

Lamego. Em commemoração deste auxilio e victoria, adoptou o principe por armas do novo reino, em vez do escudo com cruz azul em campo de prata que lhe deixára seu pai, outro escudo com 5 besantes em honra das 5 chagas de Christo; pretendem outros que elle tomára os 5 escudetes de azul postos em cruz, e em cada um delles 5 besantes de prata, em memoria das 5 feridas que recebeu no combate, e dos 5 Reis mouros que nelle morrêrão (os 7 castellos são accrescentamento posterior). A batalha foi mortifera e pertinaz: diz-se que os regatos vizinhos levárão ondas de sangue ao Guadiana; os 5 chefes e innumeravel multidão de infieis ficárão cortados no campo, muitos mil prisioneiros, estandartes, despojos riquissimos, &c., cahirão em poder dos vencedores, que com tão maravilhoso successo firmárão os fundamentos da monarchia portugueza. Veja-se o artigo *Castro-Verde.* Dista 24 leg. ao S. E. de Lisboa, contém 2,600 hab., e todo o conc. 42,300.

Outeiro. Ha no reino algumas povoações deste nome, cujas principaes são:—1.ª, que é villa do distr. de Bragança, donde dista 3 leg. para o Sudoeste, contém 628 hab., e o seu conc. 4,200. Tambem se lhe chama *Castello de Outeiro*, e está edificada n'uma altura que domina todos os arredores entre os rios Fervença e Maçãas. Os Hespanhóes demolirão-lhe as muralhas em 1762. A sua vantajosa situação, que a constitue uma das chaves da provincia, reclama que as suas fortificações sejão restabelecidas e augmentadas;—2.ª, pov. do conc. de Refoyos de Basto, a 6 leg. de Braga, com 500 hab.;—3.ª, freg. do conc. de Vianna do Lima, com 850;—4.ª, denominada—*da Cortiçada*, no conc. de Santarem, com 350;—5.ª, outra pov. denominada—*Secco*, no conc. de Chaves, com 480;—e 6.ª, com a alcunha—*dos Gatos*, ao S. de Lamego e 460.

Ovar, villa e freg. sit. no canal do mesmo nome, affluente da ria de Aveiro e na margem septentrional da mesma, quasi toda rodeada de arêas e pinhaes. É formada quasi que de uma só rua que tem perto de 1/2 leg. de comprimento, e chega até á ria, ponto de embarque. Dista 5 leg. ao N. de Aveiro e outras tantas ao S. do Porto: contém para cima de 11,700 hab., pela maior parte pescadores: é pov. pobre e pouco saudavel.

Ovelha do Marão, villa do conc. de Amarante, 780 h.

Ovil, freg. do conc. de Bayão a 6 leg. do Porto, 900 hab.

Ovôa, villa do conc. de Tondella, sit. a 6 leg. de Viseu: contém 900 hab., e o seu conc. 1,500.

Oyãa, aldêa sit. a 1-1/2 leg. de Aveiro, com 2,600 hab.

Oys da Ribeira, villa e freg. a 2 leg. de Aveiro, sit. sobre o rio Agueda; é muitissimo abundante de milho e hortaliças: todo o conc. encerra 2,683 hab., e a villa 362. É sitio sezonatico.

P

Paço d'Arcos, importante pov. do conc. de Oeiras, donde dista 1/2 leg. a E., sit. na direita do Tejo 2-1/2 leg. a O. de Lisboa, em agradavel posição, e muito frequentada no tempo dos banhos; contém 1,500 hab., pela maior parte pescadores, e occupados no transporte e exportação dos vinhos e frutas que descem do interior para a capital. Contiguos estão dous fortes desguarnecidos cahindo em ruinas. É para lastimar que a *doca* ahi construida pelo marquez de Pombal, para servir de abrigo ás embarcações e facilitar a exportação dos generos do paiz, fosse tão abandonada pelo seu successor José de Seabra, talvez por inveja, a ponto que hoje apenas se descobre o cimo

dos seus parapeitos. Nos seus arredores ha a quinta real de *Cachias*, amena habitação adornada de jardins, tambem na beiramar, e onde a côrte costuma tomar os banhos. Por trás ficava a celebre cartuxa de *Nossa Senhora da Piedade do Val da Misericordia*, cujos austeros cenobitas observavão perpetuo silencio, mudez e jejum, menos tres ou quatro dias no anno, não se podendo alimentar de carne ou peixe, até nas mais graves molestias. Todo este passeio do litoral até Belem é muito aprazivel, e nelle se encontrão formosas quintas e viçosa vegetação.

Paço, Passô e Passos. Com estes tres titulos ha no reino perto de 20 povoações, todas insignificantes; citaremos apenas as seguintes: — *Paço de Vinhaes*, aldêa de 980 hab. a 10 leg. de Miranda; — *Paços*, freg. do conc. de Melgaço, com 700 hab.; — outra no de Villa Real, com 850; — *Paços de Brandão*, freg. do conc. da Feira, com 650; — *Paços de Ferreira*, no de Penafiel, com 600; — *Paços de Gaiolo*, no mesmo conc., com 900; — *Paços de Vilharigas*, a 3 leg. de Viseu, com 800; — *Passô*, villa sit. junto ao Tavora a 2 leg. de Lamego, com 500 hab.; — e *Passos da Serra*, freg. do conc. de Santa Marinha, perto de Cea, com 1,000; abunda em gado vaccum.

Paço de Souza, veja-se *Souza*.

Paderne, grande aldêa do conc. de Monção, 6 leg. ao N. E. de Vianna, a cujo distr. pertence, 2,000 hab.

Paderne, villa outr'ora muito consideravel, com castello e muros; tomou-a D. Affonso III aos Mouros, e D. Diniz a doou ao mestrado de Aviz: hoje é freg. muito decahida, pertence ao conc. d'Albufeira, e está a 5 leg. de Faro; encerra 1,000 hab. Os seus arredores, ainda que ferteis, são pouco cultivados.

Padrões, villa do distr. de Beja, sit. 3 leg. a S. E. de Castro-Verde sobre o rio Oeiras: o seu termo contém 2,000 hab.; produz cereaes e vinho inferior.

Paiva, rio da Beira-Alta, onde nasce nas serras do Carapito e da Lapa, passa por Fragoas, onde tem uma ponte de cantaria, assim como em Castro Daire, recebe á esquerda o Povoa e entra na esquerda do Douro, correndo sempre por entre penhascos com um curso de 10 leg. Nas suas margens e conc. da Feira fica a grande freg. de *Paiva*, que tem perto de 8,000 hab. e dista 6 leg. de Lamego; não é porém arruada. Nos nossos classicos, é este rio mais conhecido pelo nome de *Pavia.* Na sua confluencia em frente do Tamega ha um antigo castello ao qual dá o nome.

Paiz do Vinho, alcantilado, pittoresco e romantico tracto de terra que se estende sobre a direita do Douro desde o rio Corgo até acima do Tua, isto é, desde Villa-Real até perto d'Anciães, com uma superficie de perto de 28 leg. ao N. do Douro. Este distr. produz o melhor vinho de Portugal, denominado do *Alto-Douro.* Veja-se *Peso da Regoa*, e *Trás-os-Montes;* e, na parte geographico-politica desta obra, os artigos *Commercio*, *Industria* e *Producções* do reino vegetal.

Palhacana, pov. do conc. d'Alemquer, com 1,000 hab., produz bom vinho e trigo.

Palmeira, grande freg. vizinha de Braga, contém 2,524 hab. Ha outra do mesmo nome a 3 leg. com 300 hab., e outra a 4 com 700.

Palmella, villa celebre e muito antiga com 3,400 hab., sit. n'um dos mais elevados cumes da serra do mesmo nome, 875 pés acima do nivel e na esquerda do Tejo, 1 leg. aoN. de Setubal. Encerra um vasto mosteiro acastellado que é visivel em remotissima distancia, actualmente abandonado, o qual foi durante muitos seculos residencia do prior mór da ordem de S. Tiago. Da sua elevada situação se dilata a vista até á serra de Cintra, sobre a amphitheatrica Lisboa, e o verdejante e pomposo valle

de Setubal, sitio que encerra um tão grande numero de larangeiras como se não encontra em parte alguma da Europa, as quaes, dispostas em renques apertadas, enchem o valle inteiro como se fôra um só pomar. Veja-se *Setubal.* Os arredores de Palmella abundão em vinho, fruta, mel e gado. Pondo de parte o que a respeito da fundação desta villa pelos Celtas e de sua amplificação por Aulio Cornelio Palma nos conta o corographo Carvalho, o que a seu respeito se sabe com certeza é que D. Affonso Henriques a conquistou aos Mouros em 1147; e tornando ella a cahir em dominio dos mesmos, a recobrou em 1165 e a mandou povoar de novo, em cujo intento continuou seu filho D. Sancho pelos annos de 1205.

Pampilhosa, villa e freg. do distr. de Leiria, donde dista 14 leg. a N. E., e 1 ao N. do Zezere, 2,500 hab. Os seus campos são abundantissimos em grão e caça de todas as qualidades.

Pangim, cidade. Veja-se *Goa.*

Parada. Ha mais de 12 pov. deste nome em todo o reino, porém nenhuma contendo cousa notavel.

Paradella, freg. do distr. de Bragança, unicamente aqui mencionada por ser uma das duas pov. mais orientaes de todo o reino, pois está sit. ainda 2 leg. a N. E. de Miranda do Douro, sobre o riacho Fresno em long. O. de P. 8°, 48'; a outra é *Quitello.* As demais pov. do mesmo nome que ha no reino são pouco importantes.

Paranhos, aldêa vizinha do Porto, com 2,200 hab. Ha outra a 2 leg. de Braga, e outra no conc. de Cea, a 13 leg. de Coimbra, cada uma com 700 hab.

Pardilho', freg. do conc. d'Estarreja, 6 leg. ao S. do Porto, 2,200 hab.

Paredes. Algumas pov. ha deste nome no reino, entre outras uma no conc. de Monção, a 8 leg. de Braga, com

600 hab.; —2.ª, *Paredes da Beira*, villa vizinha de Trancoso, sit. n'uma eminencia, a 7 leg. de Lamego, 1,218 hab.; —3.ª, *Paredes Seccas*, villa a 2 leg. de Braga, 248 hab.; — 4.ª, *Paredes de Viadores*, aldêa do conc. de Penafiel, 900 hab. Dista 8 leg. a E. do Porto.

Passo, veja-se *Paço*, *Passô* e *Passos*.

Pataias, pov. sit. a 3 leg. de Leiria, 1,000 hab.

Pavia, rio e pov., veja-se *Paiva*.

Pavia, villa e freg. 6 leg. a N. O. d'Evora, 900 hab.

Payalvo, villa do distr. de Santarem, 1 leg. a O. de Thomar, 1,170 hab., em sitio abundante de azeite.

Payão, freg. pouco arruada do conc. da Figueira a 6 leg. de Coimbra, 3,230 hab.

Das 6 pov. de São *Payo* e não *Sampaio*, que se encontrão no reino, só merecem menção: — 1.ª, dependente do conc. de Melgaço, distr. de Vianna, a 11 leg. de Braga, com 830 hab.; — 2.ª, no conc. de Gouvêa, com 640.

Pecegueiro, ilhota pouco habitada sit. 1/2 leg. a O. da villa de Sines; é muito piscosa e saudavel: tem mais 5 ilhotes deshabitados em redor de si. Veja-se *Fronteira*, *Litoral*, &c. e *Sines*.

Pederneira, villa e freg. do distr. de Leiria, 18 leg. ao N. de Lisboa, sit. na bahia do mesmo nome onde se lança o Alcoa com 6 leg. de curso, contém 2,020 hab., e todo o conc. 2,800, pela maior parte pescadores. Começou-se esta villa a povoar pelos habitantes da antiga Paredes, abandonada por a terem invadido as arêas da costa vizinha no tempo d'El-Rei D. Manoel, e com tal violencia, que, contendo então para cima de 600 fogos, apenas escapou á invasão uma ermida sobranceira. Perto desta villa se encontra o mui devoto e frequentado sanctuario de *Nossa Senhora de Nazareth*, cuja alta torre serve de signal aos maritimos. Tratando destas duas povoações, não podemos deixar em silencio o muito que soffrêrão

durante a usurpação franceza; é extrahido da Historia da invasão por J. Accurcio das Neves, 4.° vol., pag. 85: « Entrárão pois, diz elle, estes Vandalos em 1808 na Nazareth, que entregárão ao saque e ao fogo; mas este só se ateou em 13 ou 14 casas. O seu famoso templo, um dos mais frequentados e ricos de Portugal, e que os nossos monarchas tem tomado debaixo de sua immediata protecção, foi roubado, profanado e despedaçadas suas imagens. Descêrão á praia e aqui foi a maior destruição. De 300 ou mais casas que comprehendia a povoação, sómente escapárão 4; as mais ficárão reduzidas a cinzas, e não achárão rede ou barco que não queimassem. Voltárão á Pederneira, saqueárão-a, e tirando das suas duas igrejas os santos, os espingardeárão.... Roubárão e reduzirão quasi tudo a cinzas. Avalia-se a perda em mais de 500 ou 600 mil cruzados, o que não admira, porque em mais de 200 mil se calculárão os diamantes e preciosidades do templo e sanctuario de Nazareth. »

Pedorido, freg. do conc. de Paiva, sit. a 7 leg. a O. de Lamego, 1,200 hab.

Pedro (S.). Entre as pov. desta invocação que se encontrão no reino, notão-se as seguintes: — 1.ª, *S. Pedro da Cadeira*, no conc. de Torres-Vedras, a 8 leg. de Lisboa, com 2,000 hab.; — 2.ª, *S. Pedro das Aguias*, a 5 leg. de Lamego, sit. na esquerda do Tavora, com 300; — 3.ª, *S. Pedro da Cova*, notavel pov. de 1,000 almas, sit. perto de Valongo a 2 leg. do Porto, com uma grande mina de carvão de pedra que produz annualmente perto de 70 contos de réis; — 4.ª, *S. Pedro de França*, a 2 leg. de Viseu, com 1,648; — 5.ª, *S. Pedro do Sul*, villa a 3 leg. da mesma cidade, sobre o Vouga, com 1,700: na sua vizinhança ha excellentes aguas sulphureas, boas para achaques nervosos.

Pedrogão. Com este prefixo ha no reino algumas

villas e aldêas, cujas principaes são: — 1.ª, aldêa do conc. de Cuba, 4 leg. ao S. d'Evora, 940 hab.; — 2.ª, *Pedrogão Grande*, villa importante sit. n'uma aba da serra da Estrella, em posição alcantilada e mui saudavel, regada por immensas fontes, junto da margem direita do Zezere, que ahi é rapido e profundo, 7-1/2 leg. a E. de Coimbra, com 2,640 hab., e todo o conc. com 8,430: é abundantissimo em grão, legumes, gado e caça. Possue importantes forjas de ferro. — 3.ª, *Pedrogão Pequeno*, a 1/2 leg. da esquerda do Zezere e 1-1/2 ao S. de *Pedrogão Grande*, é tambem villa e contém 1,244 hab.; dista 8 leg. a E. de Coimbra e pouco ao N. de Certãa.

Pedroso, villa e freg. a 2 leg. do Porto, com 3,570 h.

Pedrouços, bonito arrabalde de Belem, sit. em frente da celebre torre de S. Vicente, entre o mosteiro e templo de S. Jeronymo e a estrada que conduz a Paço d'Arcos; consta de duas ruas principaes, algumas travessas e largos. É muito frequentado no tempo dos banhos.

Pegões, pov. e palacio. Veja-se *Vendas-Novas*.

Penacova, villa com 3,030 hab., e o seu conc. com 9,332, sit. 3 leg. a E. de Coimbra, em frente da confluencia do Alva e na direita do Mondego. O seu termo abunda em milho e azeite, caça e gado. Já era pov. importante no tempo do conde D. Henrique. Ha uma aldêa do mesmo nome, sit. a 2 leg. de Braga, com 500 hab.

Penaferrim, pov. do conc. de Cintra, a 4 leg. de Lisboa, com 1,350 hab.; abunda em fructa de espinho.

Penafiel (tambem chamada *de Souza* ou *Arrifana de Souza)*, antiga cidade que foi episcopal, dista 6 leg. a E. do Porto e 56 de Lisboa; contém 2,500 hab., e o seu conc. 19,383, e, quando era cabeça de comarca, 96,000. Está sit. na base de um alcantilado outeiro destacado da serra de Santa Catharina, em amena e fertil planicie; encerra uma bella igreja de 3 naves sustentadas por ele-

gantes columnas ionicas. A feira que nesta cidade se celebra pelo S. Martinho é muito concorrida, e uma das principaes do reino. Limita o seu termo ao S. o Douro, no qual vão desembocar os rios Tamega, Souza e Ferreira, que em parte o regão. É paiz salutifero, aprazivel e fertilissimo, particularmente o extenso valle por onde se deslisão os dous rios Souza e Ferreira.

Penaguião. Veja-se Santa *Martha de Penaguião.*

Penalva d'Alva, villa sit. na vizinhança de Pombeiro, distr. de Coimbra, donde dista 6 leg. a E., na direita do Alva, e 1 ao S. do Mondego, 1,500 hab., e com o conc. 3,064. Abunda em milho e fruta.

Penalva do Castello. Veja-se *Castendo.*

Penamacor, villa do distr. da Guarda, donde dista 8 leg.; contém 1,836 hab. em 3 freg., e todo o conc. 4,600, o qual abunda em linho, canhamo e caça. Está edificada em sitio desabrido e eminente, tem fortificações antigas e um castello defensavel que domina a praça e terreno adjacente. É patria do celebre medico Antonio Ribeiro Sanches.

Penas-Roias, villa e freg. sit. perto de 5 leg. a O. de Miranda do Douro; o seu conc. contém 1,544 hab. e a villa um antigo castello, hoje totalmente arruinado.

Pendorada, villa vizinha de Penafiel com 1,050 hab.

Penella, villa a 4 leg. de Coimbra, contém 2,073 hab., e todo o seu conc. 5,522. Ha uma aldêa do mesmo nome *(Nossa Sra. do Pranto)* a 7 leg. de Lamego, com 712 hab.

Penhagarcia, antiga pov. do distr. de Castello-Branco, 1-1/2 leg. a E. d'Idanha a Velha, e sit. na raiz da serra deste nome: nos seus arredores se encontrão varias fontes d'agua tepida, com a prodigiosa virtude de sarar diversas enfermidades, bebida ou applicada em banhos. Dista a pov. 1 leg. a O. do rio Elgas, o qual por esse lado divide os dous reinos peninsulares. É cercada de muros com

forte castello elevado n'um penhasco. Os seus arredores abundão em colmêas e caça.

Peniche, villa e praça de guerra do distr. de Leiria, sit. n'uma peninsula fortificada perto do cabo Carvoeiro, fronteiro ás ilhas Berlengas. Esta *peninsula*, donde veio o nome alterado de *Peniche*, tem 1-1/2 leg. de circuito, é unida á terra por um isthmo de 400 braças, e nos altos e fragosos rochedos que a cercão apresenta uma forte defesa natural e abrigo seguro contra os 3 ventos Norte, Sul e Poente: para o 1.° e 3.° acharáõ as embarcações excellente ancoragem no porto ou no lado do Sul; e para o 2.°, tem a costa do Norte. A villa é risonha e saudavel, muito ventilada e regular; tem espaçosas ruas e algumas elegantes casas. Notão-se na sua igreja da Misericordia 55 quadros a oleo, de estimação, representando uma serie de factos do Novo Testamento. O resto da peninsula produz cereaes, umas mil pipas de vinho; porém a sua maior riqueza consiste na pesca, que ahi é muito abundante e variada.

A sua praça é uma das de primeira ordem do reino; consta de 6 baluartes, domina o isthmo e as costas do N. e S., e tem de extensão 600 braças, rodeada de fôsso para inundar. Além desta fortificação, denominada *Santa Barbara*, tem mais a citadella e o forte da *Luz*, que dominão a entrada do porto. Peniche, nos seculos XVI e XVII, chegou a ser rica e bem povoada; hoje só conta 832 fogos com 3,300 hab. O seu porto dá fundo a navios de 140 toneladas. Lat. N. 39°, 20'; long. O. de P., 11°, 43'. Está a 12 leg. ao N. de Lisboa e outras tantas ao S. O. de Leiria. É provavel que fosse esta a *ilha* para a qual se retirárão os Lusitanos fugindo ás victoriosas armas de Cesar, e onde não obstante forão submettidos pelo general romano com o auxilio das suas galeras: devia então esta peninsula ser ilha. É esta a noticia mais antiga que em

parte conserva a historia, e em parte a tradição dos naturaes do paiz.

Penna, freg. do conc. de Villa-Real, sit. no Marão, 00 hab. —*Penna Maior*, aldêa do conc. de Refoios, a leg. do Porto, 840 hab. —*Penna Verde*, villa e freg. leg. a E. de Viseu, ambas contém 2,048 hab.

Penude, aldêa sit. perto de Lamego, junto do alto monte do mesmo nome, ramo da serra de Muro, 1,100 h.

Pera, freg. do Algarve no conc. de Silves, donde dista leg., em sitio pouco salubre, 1,320 hab.

Pereira, villa e freg. a 2 leg. de Coimbra, com 1,600 ab. Ha outra do mesmo nome, perto da Feira, cujo onc. contém 4,450 hab.

Pernes, villa sit. 2 leg. ao N. de Santarem, junto ao io Alviella. O seu conc. conta 2,400 hab. Em Janeiro de 1833, teve lugar neste sitio um encarniçado combate entre as forças miguelistas e as liberaes commandadas pelo marechal Saldanha. Os primeiros perdêrão 486 mortos e feridos, 1,210 prisioneiros, 7 peças de campanha, e forão obrigados a entrar precipitadamente em Santarem. Deveu-se principalmente esta victoria ao regimento 10 de cavallaria e lanceiros da Rainha.

Peroviseu, freg. do conc. do Fundão, a 7 leg. da Guarda, com 1,100 hab.

Perozinho, aldêa do conc. de Gaia, a 2 leg. do Porto, em fertil e ameno valle, 1,240 hab.

Peso da Regoa, villa moderna sit. na direita do Douro, a pouco mais de 1 leg. a S. O. de Villa-Real, a cujo distr. pertence, e quasi na confluencia do rio Corgo com o Douro, 14 leg. a E. do Porto, contém 2,234 hab. Durante a administração do marquez de Pombal, a companhia dos vinhos do Alto-Douro fundou aqui o seu grande deposito de vinhos. Todos os annos, emquanto subsistio a mesma, no mez de Fevereiro se fazia nesta povoação

a mais celebre feira de todo o reino, em cuja época se separava o vinho chamado da *feitoria* do de *ramo;* este ultimo se vendia no paiz e o outro se exportava. O total das transacções regulava quasi sempre de 10 a 12 milhões de cruzados. Hoje é no Porto que se faz a sua venda, depois da extincção da companhia, cujos armazens principaes existem em Arnellas e Villa-Nova de Gaia. Consultem-se a este respeito os capitulos *Commercio* e *Producções* na 2.ª parte desta obra.

Pesqueira (S. João da), villa sit. perto da esquerda do Douro, 7 leg. a E. de Lamego, em uma alta planicie, com agradaveis vistas e dilatado horizonte; contém 1,750 hab., e todo o conc. 3,400. Este abunda em vinho, milho, azeite, gado e pesca do rio, donde veio o nome á pov. Dista 22 leg. do Porto e é navegavel 10 leg. mais acima.

Piães, freg. do conc. de S. Fins, a 6 leg. de Lamego, 1,600 hab.

Pias, villa e freg. sit. 2 leg. ao N. de Thomar, contém 3,000 hab. com todo o conc., o qual se acha rodeado de elevados montes donde se avistão o Tejo e os campos de Santarem a mais de 11 leg. O terreno da planicie é bem regado, fertil e produz duas colheitas de grão, abundando muitissimo em perdizes, lebres e coelhos. Ha mais 3 pov. do mesmo nome: — 1.ª, no conc. de Monção, com 900 hab.; — 2.ª, junto a Penafiel; — e 3.ª, no conc. de Moura, distr. de Beja, com 850 hab.

Pico, ilha, monte e volcão, veja-se *Açores.*

Pico de Regalados, villa pouco importante 2 leg. ao N. de Braga; o seu conc. encerra 7,500 hab., porém a villa só 600. — *Pico dos Reis*, freg. do mesmo conc., com 550 hab. São pov. bem cultivadas e amenas.

Picota, montanha, veja-se *Foia.*

Pindo, pov. a 2 leg. de Viseu, com 1,900 hab.

Pinhanços, freg. do conc. de Cea, 14 leg. a E. de Coimbra, 1,400 hab.

Pinhão, rio do distr. de Villa-Real, nasce perto d'Alfarela, na serra da Falperra, e desagua na direita do Douro 1-1/2 leg. a S. O. de Favaios, e em frente da foz do Tavora; tem 7 leg. de curso, e suas extensas e alcantiladas margens estão cobertas de vinhas que produzem grande porção e da melhor qualidade do denominado vinho do Alto-Douro. Veja-se *Commercio*, no 2.º vol.

Pinheiro. Com este nome ha perto de 20 pov. no reino; as principaes são:—1.ª, pov. do conc. de Penafiel, com 625 hab.;—2.ª, villa a 4 leg. de Lamego, com 534;—3.ª, freg. do conc. d'Ourique, com 900;—4.ª, *Pinheiro d'Azere*, villa a 6 leg. de Viseu, 700 hab.;—5.ª, *Pinheiro da Bemposta*, villa perto d'Estarreja e a 5 leg. de Aveiro, com 1,340 hab., e todo o conc. com 14,100: é muito abundante de fruta, cereaes, azeite e de pescado que lhe vai do Vouga e da ria de Aveiro;—6.ª, *Pinheiro Grande*, pov. de 1,600 hab. do conc. de Santarem;—7.ª, *Pinheiro de Lafões*, freg. do conc. de Lafões a 5 leg. de Viseu, com 1,040 hab.;—8.ª, *Pinheiro e Mução*, villa a 3 leg. de Lamego, com 1,300;—9.ª, *Pinheiro Novo*, e 10.ª, *Pinheiro Velho*, duas pov. do distr. de Braga que não excedem 300 hab. cada uma.

Pinhel, cidade outr'ora episcopal, sit. sobre o rio do mesmo nome, a 4 leg. da raia hespanhola, no distr. da Guarda, donde dista 5 leg. a N. E. e 2 d'Almeida, sobre um ameno outeiro; é muito antiga, e julga-se ter sido fundada pelos Turdulos 500 annos antes da éra christãa, e reedificada por D. Affonso Henriques. É muito sujeita a sezões por causa de suas más aguas, ainda que seja bem arejada e fresca. Fabríca muitos tecidos de lãa. A cidade conta perto de 2,000 hab. em 6 freg., e o conc. 8,800: este abunda em grão, vinho, azeite, gado e caça, e goza

de boa temperatura. O rio *Pinhel*, que o rega copiosamente, e tem origem n'uma serra sit. 1-1/2 leg. ao N. de Sortelha, corre de S. a N. e vai desaguar no Coa com um curso de 7 a 8 leg.

Pocariça, freg. do conc. de Cantanhede 4 leg. a O. de Coimbra, 1,020 hab.; contém alguns cortumes.

Pomares, aldêa do conc. d'Avô, com 1,100 hab.

Pombal, villa importante do distr. de Leiria, donde dista 5-1/2 leg. ao N. e 26 de Lisboa; contém 3,760 hab., e com o conc. 5,500, ainda que Minhano dá 5,000 só á villa: é bastante industriosa em tecidos; tem uma espaçosa e bem construida ponte sobre o rio Arunca que frequentemente trasborda de suas margens, um bello palacio pertencente ao marquez de Castello-Melhor, e restos de um antigo castello. Situada como está na estrada central de Lisboa a Coimbra, donde dista 7 leg., é por isso muito frequentada. O seu nome é bem conhecido por ter dado o titulo de marquez ao illustre ministro de D. José I, o qual, ahi exilado por intrigas palacianas, finalisou em 1782 sua longa e gloriosa existencia. O seu termo abunda em cereaes, azeite, vinho, frutas, &c., e é tal a sua fertilidade, que póde produzir duas colheitas de grão por anno.

O nome de *Pombal* goza de tal prestigio politico, que parecerá singular vê-lo vinculado a recordações historicas, legadas pela media-idade: esta povoação, que impôz o seu nome a esse grande ministro d'Estado, como fica dito, é igualmente fertil em tradições. Quando o barão Taylor por ahi passou, poucos annos ha, examinou os vestigios de ruinas que ainda se lhe notão, e fez patente o que de mais util e curioso encontrou para a archeologia nos dous bem distinctos estylos que apresenta a sua igreja dos Templarios, sem comtudo lhes classificar a data. «Esses capiteis, essas abobadas romanas,

diz elle, annuncião neste monumento uma remota antiguidade, onde facilmente se póde divisar o estylo dos Mouros que lavrárão e transformárão o arco massiço abobadado do seu vestibulo no gosto oriental, semelhante aos que hoje se conservão em Ourfa e Konieh. Esta igreja foi por vezes alternativamente mesquita e templo christão, e em todas recebendo reformas que ainda apresenta. Outro monumento do mesmo genero, e que naturalmente teve de participar de analogas modificações, se encontra no seu castello, fundado em priscos tempos. As suas ruinas apenas dão a conhecer onde existíra uma fortissima atalaia do almoxarife de Pombal, de um valente Mouro que della se apossou pelo direito da espada, e no decurso do tempo cahíra no dominio dos cavalleiros do Templo. Alternadamente praça d'armas musulmana e christãa, servirão seus torreões de harem e de claustro: presenciárão sem duvida esses aposentos mais de um Arabe no meio das suas odaliscas, e o cavalleiro templario portuguez fazendo preces pelo exterminio dos sectarios do *Alcorão*, e consagrando seu amor a uma unica mulher. »

Pombalinho (Senhora da Annunciação do), villa sit. a 4 leg. de Coimbra e com 2,000 hab. Ha outro *Pombalinho*, pov. de 520 hab., do distr. de Santarem, a 16 leg. de Lisboa.

Pombeiro, villa de 1,200 hab., e com o conc. 2,500, do distr. de Coimbra, donde dista 5 leg., perto de Cea. Ha outra villa de *Pombeiro* contendo 816 hab., a 5 leg. de Braga e 2 de Guimarães: outr'ora se chamava *Coute de—*.

Ponsel ou **Ponsul**, rio da Beira, que tem 3 nascentes principaes: a 1.ª na serra de Monsanto, a 2.ª perto de Penha-Garcia, ambas junto á raia, e a 3.ª em Alpedrinha; desagua na direita do Tejo 1 leg. a E. de Villa-Velha, e 3 ao S. de Castello-Branco. Tem 10 leg. de rapido curso,

sem navegação, e passa perto das duas Idanhas. Os Romanos lhe chamavão *Pesurus*.

Ponte da Barca (antigamente *Terra de Nobrega*, por ter um castello assim chamado), villa do distr. de Vianna sit. sobre o rio Lima, onde tem uma excellente ponte de pedra; dista 3 leg. ao N. de Braga e 64 de Lisboa: contém só 872 hab., porém o seu conc. encerra 10,500. Esta pov. foi principalmente augmentada por uma Maria Lopes da Costa, a qual chegou a ter de dous matrimonios 120 descendentes, dos quaes via 80 todos os dias: viveu 110 annos. O termo da villa abunda em vinho verde, milho, cera e gado. É patria do mavioso cantor do *Lima*, Diogo Bernardes.

Ponte-Ferreira, pov. de umas 1,400 almas arredada 3 leg. a E. do Porto, celebre pelo combate que ahi teve lugar a 23 de Julho de 1832 entre os liberaes e os miguelistas: os primeiros, em força de 6,000 homens e com 6 peças de campanha, derrotárão completamente os inimigos que tinhão dobrada força, além da cavallaria e igual artilharia, obrigando-os a retirar-se pela estrada de Penafiel, deixando no campo 500 homens. Foi este o primeiro combate do exercito libertador em Portugal, que nelle perdeu uns 250 homens.

Ponte do Lima, agradavel villa sit. na esquerda do rio Lima, onde tem uma extensa ponte de pedra de 24 arcos, 16 dos quaes são de construcção gothica. Julga-se ser neste lugar que existíra a pov. denominada *Forum Limicorum*, por ter sido fundada pelos povos *Limicos* que habitavão as margens do *Lima*. Havendo-a os Sarracenos assolado com suas frequentes correrias, D. Affonso Henriques, ou antes sua mãi, na minoridade delle, a repovoou pelo anno de 1125. Todavia, em 1360 se achava já tão arruinada, empobrecida e limitada a humildes habitações, que D. Pedro I a fez reedificar mais junto á ponte

e a cercou de muralhas torreadas, concertou e augmentou a ponte, construio um palacio, hoje dos marquezes do mesmo titulo, e póde-se dizer que foi elle o fundador da actual villa. Aqui nasceu, em 1766, o eminentissimo em saber, virtudes e hierarchia ecclesiastica, D. Frei Francisco de S. Luiz, cardeal Saraiva e patriacha de Lisboa, onde morreu em 1845. A sua população é de 2,350 hab., e a do seu conc. de 13,600. Os seus arredores são fertilissimos, tão agricultados e floridos, que parecem um continuado jardim, e o seu clima é mui benigno. Pertence ao distr. de Vianna, donde dista 3 leg. e 5 ao N. de Braga. O rio é navegavel até 2 leg. mais acima para barcos chatos.

Ponte de Sor, villa sit. sobre o rio Sor ou *Soro*, 7 leg. a O. de Portalegre e 4-1/2 ao S. de Abrantes, vizinha a uma lagôa; contém 1,540 hab. em 3 ruas. Seus campos nutrem grandes manadas de porcos, gado vaccum e caça de montaria; porém são insalubres. Tomou a pov. este nome de uma ponte ahi edificada pelos Romanos, pela qual passava a via militar que de Santarem conduzia a Merida, e em cujas ruinas se encontrão ainda algumas columnas e marcos milliares.

Pontevel, pov. de Riba-Tejo no conc. do Cartaxo e distr. de Santarem, a 12 leg. de Lisboa; abunda em trigo e azeite.

Portalegre, cidade episcopal, uma das tres administrações geraes do Alemtejo e das 17 do reino, edificada em alcantilado terreno, onde tem nascença os rios Ervedal, Niza, Figueiro e Caia. As ramificadas e escabrosas serranias dos seus contornos, tanto a da Azenha como as de S. Mamede, Portalegre, Arronches, &c., são todas braços de outras ainda mais altas da Estremadura hespanhola: a vizinha á cidade tem 2,000 pés de altura. N'uma das suas eminencias acha-se fundada a cidade, e

fortificada á moda antiga com muralhas guarnecidas de torres. Parte dos seus suburbios é fortificada com obras modernas exteriores e dous fortins. O seu castello acha-se arruinado. Portalegre era outr'ora considerada praça d'armas, bem que seja pouco defensavel por causa dessas alturas que a dominão. Acha-se assente entre dous outeiros pelos quaes correm regatos que a refrescão, e donde se goza de agradaveis vistas; não lhe succede porém o mesmo no lado do Nascente, onde a falda da serra só apresenta barrancos cobertos de oliveiras, carvalhos e sobreiros de aspecto melancolico, que se trocão no lado do Norte n'um continuo bosque de castanheiros, arvores fructiferas e vinhas, onde se encontrão excellentes quintas. A cathedral, o paço da camara e o do bispo, são seus melhores edificios; os demais da cidade são geralmente regulares. O contrario porém lhe acontece com as ruas, que geralmente são estreitas, tortuosas e ingremes. Encerra alguns chafarizes de excellente agua, como o é toda a desta serra. O seu terreno abunda em frutas e é proprio para a criação do gado suino: colhe tambem muita madeira de castanho e carvalho. Contém 5,712 hab. em 5 freg., e o seu conc. 9,200, e possue fabricas de pannos de lãa afamados em todo o reino, com perto de um cento de teares. Dista 30 leg. a E. de Lisboa, 11 ao S. de Castello-Branco, 13 ao N. d'Evora e 3 da raia hespanhola. Lat. N. 39°, 10'; long. O. de P. 9°, 39'. O seu distr. tem 211 leg. de superficie e 86,700 hab.; contribuio em 1847 com 94:682$388 réis, e produzio no mesmo anno 55,390 moios de cereaes.

Portel, villa edificada n'uma altura contigua ao rio Odegebe ou *Degebe*, com um antigo palacio outr'ora habitado pelos duques de Bragança, e sit. dentro dos muros do seu forte castello, partilha com Alter a posse das melhores coudelarias do reino. Contém 1,770 hab., e o

cc ac. 4,420, e dista 6 leg. a S. E. d'Evora, e quasi 2 a O. do Guadiana. Abunda em frutas e gado cavallar.

Portimão (Villa-Nova de), bonita e agradavel villa sit. a 1 milha da direita do rio do mesmo nome, no sitio da antiga *Portus Hannibalis*, no Algarve, 8 leg. a O. de Faro e 2-1/2 a E. de Lagos. O seu porto, que abrange uma ampla bahia, é o melhor do Algarve, e duas fortalezas o defendem: nelle desembarcárão os cruzados do Norte da Europa que ajudárão D. Sancho I a tomar Silves aos Mouros. Bem que admitta embarcações de alto bordo, as arêas que por vezes se amontoão na barra e no alveo do rio o difficultão, merecendo aliás ser melhorado para dar abrigo aos maritimos, pois assim o exigem a sua posição a 6 leg. do cabo de S. Vicente, e o muito commercio que faz na exportação de fruta e sal, cujos artigos carregão annualmente mais de 45 navios estrangeiros, e importão em mais de 100 contos de réis, além de muitos outros de cabotagem e pesca. Em 1845, só em cortiça exportou o valor de 49:000$, figos 68:000$, amendoa 6:500$, alfarroba, &c. Contém 3,340 hab., e dista 36 leg. de Lisboa. O seu termo é dos mais ferteis e aprazíveis do Algarve; abunda em todo o genero de frutas e cereaes do paiz, e a sua costa em variados peixes. É patria do historiador geographo Damião A. de Lemos Faria e Castro.

Porto, cidade episcopal, a segunda da monarchia em população, commercio, riqueza, industria, belleza de edificios e ruas e em civilisação; séde de um dos 17 districtos administrativos do reino, da 3.ª divisão militar e de um dos tribunaes de Relação do reino; está sit. na margem direita do rio Douro, cuja foz se acha distante della quasi 1 leg. Tem a sua maior largura de N. a S., desde a igreja da Lapa até á praça da Ribeira, vizinha de um dos extremos da antiga ponte de barcas; porém este espaço

não chega a 1/2 leg. O seu maior comprim., na extensão de 1 leg., estende-se ao longo da margem do rio, desde o Padrão de Campanhãa, que fica ao Nascente, até á praia do Bicalho; a sua circumferencia chega quasi a 2 leg., porém dentro deste recinto existem algumas terras lavradas, quintas e hortas, cuja superficie se póde reputar em metade da cidade. Durante o cerco, foi dividido em 3 bairros, que são: *Santo Ovidio*, *Cedofeita* e *Santa Catherina*; oito são actualmente as suas parochias suburbanas ou dos arrabaldes, a saber: *Cedofeita*, *Massarelos*, *Miragaia*, *Campanhãa*, *S. João da Foz*, *Lordello do Ouro*, *Paranhos* e *Bomfim*, e quatro as da cidade propriamente dita: *Sé*, *Santo Ildefonso*, *S. Nicolau* e *Victoria*, as quaes até o anno de 1583 formavão uma só, que era a Sé.

É grandiosa e encantadora a perspectiva que apresenta esta grande pov., olhada principalmente da margem opposta. Deve naturalmente aprazer-se o espectador com o magnifico panorama que lhe apresenta, elevando-se ora gigantescamente sobre collinas que n'algumas partes tornão as ruas ingremes e tortuosas, ora deslisando-se por valles e planicies de distante horizonte. Entre os montes em que se acha edificada, são principaes os da Victoria e da Sé, mediando entre ambos uma continuada planicie que se póde considerar dividida em 3 valles todos em socalcos ou taboleiros superiores uns aos outros, e que são: 1.° o que do de S. Bento vai ao largo de S. Domingos; 2.° o que daqui se dirige até á rua dos Inglezes e 3.° o que deste segue á ribeira, discorrendo pela margem do rio até á Porta Nobre. Quasi toda esta cidade parece ter sido conquistada aos numerosos rochedos sobre que está assente, quebrados á força de improbo trabalho, e empregados depois na construcção dos seus edificios, como se manifesta ainda n'alguns sitios nús e rasgados, na parte não edificada. A porção principal e mais frequentada do Porto tem espaçosas ruas,

calçadas com largas pedras, que nellas tornão superfluos os passeios lateraes que n'outras se encontrão; ahi se achão tambem algumas praças e templos de bastante magnificencia, avultando como o maior e mais notavel a *Sé*, reedificada pelo conde D. Henrique, pai do 1.º Rei portuguez. No lado do Norte tem uma arcada de pedra bem lavrada com varanda e balaustres que terminão ao Poente em elevado frontispicio, o qual campêa sobre a cidade com duas fortes torres de cantaria. O interior é de 3 navès com uma magestosa capella-mór que só foi acabada em 1609, e passa por uma das melhores que se conhecem. No numero dos altares deste formoso templo é notavel o do *Senhor d'Além*, cuja imagem se encontrou em 1139 no local do convento da Serra, e a da *Senhora da Silva*, imagem tambem encontrada entre silvados.

Junto á cathedral existe o palacio do bispo, que seria um magestoso edificio se estivesse acabado. É obra vasta e grandiosa, onde se nota uma das escadarias mais magnificas que ha no reino; soffreu bastante com o cerco de 1832. A casa da *Relação* é de fórma quadrada, de architectura regular posto que pesada; nella se achão igualmente as cadêas publicas. O edificio da *Casa-pia*, não sendo de apparencia magestosa, porém um dos mais vastos da cidade, onde residia o governo civil, ardeu na noite de 18 para 19 de Dezembro de 1847. Ainda que pequena, apparece como a mais notavel na ordem da antiguidade a igreja de *Cedofeita*, edificada por Theodomiro, Rei dos Suevos, que a acabou no anno de 559, e tanto elle como seu filho Ariamiro, ambos arianos, nella forão baptisados, o que consta de uma inscripção lapidar que existe sobre a sua porta principal. Os outros templos notaveis são: *Nossa Senhora da Lapa*, onde existe o coração de D. Pedro, que o doou a esta heroica cidade pela consideração que lhe merecêrão as calamidades que com singular resignação

e constancia soffreu pela causa da Rainha Fidelissima sua filha durante o apertado cerco de 1832 e 1833. — A igreja da *Misericordia* fundada em 1555. — A dos *Clerigos* sagrada em 1779, assim denominada por ter sido erigida pelo clero á sua custa, tem de notavel uma celebre torre que passa pela mais alta do reino depois das de Mafra, elevando-se 316 palmos até o assento da bola, acima do nivel do alto da calçada da Natividade, já de per si posição em extremo eminente, e que muito faz realçar o seu formoso prospecto, sendo toda construida de cantaria bem lavrada, e avistando-se do mar na distancia de 10 leguas. Póde entrar em parallelo com as mais perfeitas da Europa, principalmente em solidez. Em Maio de 1846 se estabeleceu nella uma util e muito engenhosa meridiana que ao meio dia em ponto (havendo sol) faz ouvir durante dous minutos um repique de diversos sinos e a detonação de um morteiro. É imperdoavel porém o desleixo que tem havido em a não premunir com um para-raios, accrescendo á razão de ser a torre muito elevada a não menor altura do assento que occupa: quanto mais que bastava ser uma flecha saliente entre as construcções vizinhas para estar sujeita aos golpes da centelha electrica, como já lhe succedeu.

Continha o Porto e seus arredores 15 conventos do sexo masculino antes da sua extincção, e 5 do feminino, além de alguns recolhimentos: entre os primeiros o de *S. Domingos* acabado em 1239, onde hoje existe a caixa filial do banco de Lisboa, foi victima de um grande incendio lançado por uma das bombas do inimigo. — O de *S. Francisco* soffreu igualmente durante o cerco um incendio que se julga haver sido lançado pelos religiosos delle com as vistas de sepultarem debaixo das suas ruinas o batalhão de caçadores 5.° que ahi se achava aquartellado a 25 de Julho de 1832, no qual se perdeu a rica bandeira bordada

pelas mãos da joven Rainha, e por ella mandada offerecer na Terceira a este brioso corpo como distinctivo de sua lealdade e bravura. — O mosteiro de *S. Agostinho da Serra*, de frades Cruzios, era notavel não só pela elegancia do seu templo em fórma de rotunda, mas tambem pela elevada posição que occupava em Villa Nova, sobre um alto monte, que, sobranceiro ao Douro, para onde cahe quasi em linha vertical, domina o Porto e a propria Gaia. Este edificio, memoravel em todo o tempo do cerco pela vigorosa resistencia que uma pequena guarnição de constitucionaes alli oppôz a grande parte do exercito miguelista, ficou arruinado pelo muito fogo do inimigo que soffreu, e destruidas ficárão tambem com elle as arvores, jardim e quinta que formavão a sua dependencia.

Uma das cousas que mais avultão nesta cidade são os seus diversos estabelecimentos de caridade, muitos dos quaes pertencentes a irmandades. Sobresahe a todos o *Hospital Real*, obra grandiosa, porém á qual, diz o geographo Urcullú, acontece o mesmo que a outros edificios do Porto, verificando-se que o melhor é o inimigo do bom, pois, quer seja por falta de meios, quer por outros motivos, depois de se empregar sommas enormes, ficão as obras em embryão. A fórma deste hospital é quadrangular: as principaes fronteiras ficão ao Nascente e Poente e se dilatão pelo comprimento de 783 palmos cada uma, e as outras duas de N. a S., cada uma com 807 de extensão, e toda a circumferencia exterior do edificio 3,180 palmos, com um grande pateo no meio. O que se acha construido se póde calcular na quinta parte do que deve ser, e se chegar a concluir-se conforme o seu plano, será depois da Ajuda e Mafra o mais grandioso edificio domiciliario de todo o reino. O terreno não foi bem escolhido: a sua desigualdade faz com que os alicerces sejão muito dispen-

diosos, pois as paredes fundamentaes chegão em partes a 50 palmos de grossura, e o espaço que medeia do fundo dos alicerces á superficie do chão n'outras não é menor de 100 palmos. Nelle se acha estabelecida a escola medico-cirurgica, frequentada por grande numero de estudantes.

Dos palacios e casas particulares torna-se mais notavel a de José Maria Brandão, pela sua torre solar e muros acastellados: foi nella que outr'ora habitou o riquissimo negociante Vicente Pedrossem, a quem o vulgo, no meio de suas legendas e tradições populares, chama *Pedro Cem* ou *Sem* (*J. da Luz Soriano. Cerco do Porto, 2.° vol.*, *pag.* 439). Merece igualmente ser mencionada a grandiosa casa do visconde de Balsemão, a da familia Guedes, a de Bandeirinha, e com particularidade, por ser a mais sumptuosa de todas, a de M. Mendes Moraes e Castro, conhecida pelo nome de *Torre da Marca* e de *Palacio dos Carrancas*, em relação ao sitio que seu dono habitou n'outro tempo; é nella que se costumão hospedar todas as pessoas de alta jerarchia que visitão o Porto, e onde morou D. Pedro, até que pela artilharia contra ella assestada e dirigida do acampamento inimigo, se vio obrigado a mudar de habitação para a rua de Cedofeita. Finalmente a casa da *Feitoria ingleza* entra tambem no numero das melhores: tem 110 palmos de comprido para o lado da rua dos Inglezes sobre 7 arcos de cantaria e engradamento de ferro, ao passo que para a de S. João conta 140 palmos, sendo a sua altura de 100, com 5 andares além do subterraneo.

Os largos ou praças mais notaveis desta cidade são: a *Praça Nova*, em roda da qual se levantão bellos edificios taes como a casa da camara ou *Paço municipal*, o antigo convento dos *Congregados* e o dos *Loyos*, hoje reduzido

a habitações particulares; é de todas a mais consideravel e central, e se ficou denominando *Praça de D. Pedro.* O largo da *Cordoaria* seria tão bello como é espaçoso se fôra nivellado e desobstruido das barracas de madeira que o pejão. O *Campo de S. Ovidio*, hoje da *Regeneração* por ser ahi que tiverão lugar as revoluções liberaes de 24 de Agosto de 1820 e 16 de Maio de 1828; um dos lados deste vasto campo é formado por um magnifico quartel militar capaz de acommodar 3,000 homens, e outr'ora pertencente ao historico regimento de infantaria 18.°—Segue-se depois o *Campo* de *S. Lasaro*, transformado presentemente em jardim publico; a *Praça da Alegria*, a da *Ribeira*, a da *Trindade*, a de *Santa Theresa*, e a dos *Voluntarios da Rainha*, d'antes chamada do *Carmo*: o largo das *Fontainhas* com uma lamêda e passeio publico, enxovalhado todavia por um matadouro que lhe fica contiguo. Os restantes são o largo de *S. Ildefonso*, *S. Eloy*, *S. Bento*, *Santa Clara*, dos *Ferradores*, do *Laranjal*, da *Boa Nova* e da *Torre da Marca*, onde existe um bom aquartellamento, e finalmente o da *Batalha*, assim denominado em memoria da sortida que os christãos fizerão por esta parte da cidade pelos annos de 820, quando, commandados por Hermenegildo, derrotárão os Mouros na acção desesperada que se travou no lugar de Campanhãa perseguindo Abderraman, um dos regulos de Cordova, que ahi commandava os infieis, até ao riacho que, pelo sangue de que se tingio, conserva ainda hoje o nome de *Rio-Tinto.* Esta derrota dos Mouros fez com que Almansor, outro regulo arabe, sahisse novamente de Cordova com um poderoso exercito espalhando terror e vingança por onde ia passando, e avistados que forão por elle os Mouros do Porto, immediatamente cahio sobre elles e os arrasou, não deixando em todo o ambito da cidade pedra sobre pedra. *(Como acima, a pag. 441.)* Assim erma e destruida se achava

esta cidade quando no anno de 999 * entrou pelo Douro acima uma numerosa armada de Gascões e Provençaes trazendo comsigo muitos e distinctos cavalleiros, os quaes desembarcárão na sua margem direita, onde existião as ruinas da outr'ora cidade, a qual começárão a reedificar mais ampla e bem defendida do que anteriormente o fôra, donde resultou ao chefe desta armada D. Moninho Viegas, filho de D. Gonçalo Moniz, que a tinha ido á França chamar e conduzido, ser reconhecido com o titulo de conde do Porto ou de *Portus-Gallorum*, como os Francezes ou *Gallos* o denominárão por ahi aportarem, titulo igualmente confirmado nos seus successores pelos Reis de Leão D. Affonso V e D. Fernando I. Consulte-se o Bosquejo Historico no 2.° vol. desta obra.

O Porto tem hoje alguns mercados publicos regulares ou praças construidas expressamente para esse fim, porém todos levantados depois do seu memoravel cerco; taes são a do *Bolhão* e a do *Anjo*, onde antes se achava o recolhimento do mesmo nome. Além dos passeios já mencionados das *Fontainhas* e *S. Lasaro*, existem tambem os da *Lapa* e das *Virtudes*, cada um delles com uma pequena lamêda. Contém um unico theatro regular, o de S. João, acabado em Maio de 1798, o qual é o 3.° da monarchia, e posto que despido de grande architectura externa, é moldado na do seu interior pela do de S. Carlos de Lisboa, ainda que mais pequeno; contém 80 largos camarotes em 4 ordens, além de uma tribuna Real no centro: tem outro que lhe é muito inferior. Os estabelecimentos litterarios desta cidade consistem, além das aulas que tem de instrucção primaria, de um *Lyceu* onde se ensina grego, latim, rhetorica, linguas vivas, &c.; uma *Escola*

* Pretendem alguns autores que fôra em 982 reinando em Leão e Asturias D. Ramiro III, seguindo a opinião do conde D. Pedro.

medico-cirurgica regulada pela de Lisboa; uma *Academia polytechnica* fundada em 1837, onde se frequentão as aulas de mathematica e as dos mais ramos das sciencias naturaes e philosophicas, que nada mais é do que um melhoramento e reforma de outra que anteriormente existia com o nome de Academia de marinha e commercio fundada em 1803. Ha igualmente no Porto um *Museu* de pinturas constituindo outra Academia de bellas-artes, fundado por D. Pedro em Abril de 1833 durante o rigor do cerco, onde se conserva a espada de D. Affonso Henriques, uma linda escrevaninha dada pelo Papa a S. Bartholomeu dos Martyres no concilio tridentino, assim como o chapéo e o oculo de que se servio D. Pedro durante a guerra da restauração. No mesmo edificio se acha a *Bibliotheca publica* estabelecida pelo mesmo a 9 de Julho de 1833, primeiro anniversario da sua entrada na invicta cidade. D. José Urcullu, que escrevia em 1839, diz que dos 65,000 volumes de que se virá a compôr, 25,000 já se achavão classificados; é de presumir que hoje esteja consideravelmente enriquecida. Possue manuscriptos e codices de grande merecimento, e o governo inglez lhe fez presente de uma importante collecção de documentos mui valiosos para a sciencia e estudo da diplomacia, historia e legislação, os quaes existião nos seus archivos. O *Museu* particular do negociante João Allen encerra uma excellente collecção de pinturas e quadros da escola italiana e portugueza.

Para a administração da justiça, regem-a actualmente tantos magistrados de 1.ª instancia quantos são os seus bairros, sendo igualmente a séde de uma *Relação* onde em 2.ª instancia se decidem desde 1583 as causas civeis e crimes das tres provincias do Norte, e a de um julgado commercial de 1.ª instancia, estabelecido depois da restauração. Quanto á parte militar, é esta cidade a séde da

3.ª divisão, das 8 em que se divide o reino. Os regimentos de infantaria 6 e 18 ahi tem seus respectivos quarteis, além de outro de artilharia que antes era o 4.°, e da guarda municipal constando de uma companhia de cavallaria e 5 de infantaria. A parte ecclesiastica é dirigida por um bispo diocesano com o respectivo cabido.

O rio Douro, que nasce nas montanhas da Cantabria não longe da cidade de Soria (veja-se a sua descripção a pag. 158), depois de ter atravessado Castella a Velha e Leão, entra em Portugal por Miranda, e banhando as praias do Porto, vai quasi 1 leg. mais abaixo desaguar no Oceano junto do lugar de S. João da Foz, onde apresenta uma barra bastantemente perigosa, por causa dos bancos de areia e de rocha que a obstruem. Em todo o seu curso neste reino apresenta-se geralmente tão caudaloso, fundo e com tão forte corrente, que em parte nenhuma permitte facil construcção de ponte de pedra. Todavia o Douro, para quem está acostumado a ver o Tejo das Lezirias para baixo, assemelha-se a um canal, tendo n'algumas partes pouco mais de 100 braças, não excedendo geralmente a 200, do que resulta ter fundo bastante para altas embarcações, as quaes podem amarrar junto ao cáes da cidade onde descarregão, passando-se livremente dellas para terra por meio de pranchões de madeira; o numero das que annualmente entrão no seu porto regula de 800 a 900 entre nacionaes e estrangeiras. Por meio de uma longa ponte de barcas, no centro da qual havia um alçapão para dar passagem ás embarcações miudas que subião ou descião o rio, era antigamente atravessado o Douro de Villa-Nova para o cáes da Ribeira; todavia, em 15 de Outubro de 1842 foi esta ponte substituida por outra pensil, de ferro, que pena foi não permittir o terreno que ficasse enfiando a rua nova de S. João, uma das principaes da cidade, onde morão e tratão os seus mais

opulentos negociantes. É esta nova ponte a melhor de todo o reino, e em solidez e elegancia uma das mais notaveis construidas modernamente na Europa. Como o rio Douro desde a sua entrada na raia portugueza corre despenhado entre elevadas margens e sobre leito de rocha, o seu curso, como fica dito, é rapido, e no inverno o seu aspecto inspira horror e até *melancolia*, como dizem os habitantes da sua região superior na Beira e Trás-os-Montes. Até o anno de 1785 não passava a sua navegação de 20 leg., isto é, até antes de S. João da Pesqueira, porque ahi se despenhava por entre cachopos e fragoas altas, com tanta violencia, que os barcos tinhão de fundear a alguma distancia para não serem submergidos pelo redemoinho; porém estendendo-se o cultivo das vinhas até muito mais acima desta cataracta, cedeu tal obstaculo á actividade e industria da companhia dos mesmos vinhos, a qual, desfazendo este e outros impedimentos, e obtendo uma ordem regia para que os barcos que nelle navegassem fossem só do lote de 60 em vez de 80 pipas que d'antes carregavão, se franqueou a navegação até além do concelho de Moncorvo, umas 10 leg. acima desse celebre *cachão*, e se diminuirão notavelmente os naufragios e perdas que d'antes succedião. Por outra parte, não só se abrirão caminhos que pelo interior da provincia dão communicação á cidade com o Alto Douro e Beira fluvial, senão que tambem pela margem do rio interrompida e abarrancada de penhascos, se franqueou o passo para E. até o lugar de Campanhãa, distante meia leg. O mesmo teve lugar para o lado do Poente até S. João da Foz, com solidos paredões e cáes que não só servem de agradavel passeio senão que contribuem a conter o rio nas grandes enchentes, obrigando-o a dirigir o seu curso para a parte opposta, e a que insensivelmente vá arrastando as arêas que obstruem a sua barra e difficultão a navegação.

Veja-se a este respeito as *Mem. da Acad. das Scienc.*, *tom.* 9.

O recenseamento apresentado pelo governo em 1834 classifica a população do Porto no seguinte modo:

Cedofeita	7,000	Cidade do Porto propriamente dita.	*S. Ildefonso*	25,000
Massarelos.	1,500		*S. Nicoláu*.	10,000
Miragaia	2,400		*Sé*	12,000
Villa Nova de Gaia. .	5,390		*Victoria*	8,100

Total 71,390, a qual hoje excede 75,000; e se se contar a das parochias suburbanas de *Campanhãa*, *S. João da Foz*, *Lordello*, *Paranhos* e *Bomfim*, elevar-se-ha a 90,000. O seu districto administrativo contém 84 leg. quadradas de superficie, 21 conc., 371 freg., 93,250 fogos, e 361,648 hab., o qual em 1847 produzio 72,141 moios de cereaes, e contribuio com a quota de 265:520$445 réis de imposto predial pessoal e de maneio. Actualmente encerra a cidade 10 hospitaes, 36 chafarizes, 156 ruas, 25 travessas, 10 praças ou largos maiores e 18 menores, 4 passeios, 1 jardim publico e 2 theatros. A sua alfandega rende annualmente perto de 1,800 contos de réis; em 1846 para 1847 foi modicamente orçada esta verba pelo ministro em 1,614 contos; porém tem ido em augmento á proporção ao da exportação de seus vinhos, outros artigos de producção e de manufactura nacional, tanto que realisou de rendimento nesse mesmo anno 2,063:620$755 réis, e exportou 31,517 pipas de vinho e alguma aguardente.

O Porto tem-se tornado celebre em todo o mundo por esse valioso commercio de vinhos generosos, sahindo pela sua barra aquelle que se produz nas vin[illegible]iras margens e cercanias do Douro, cuja exportação se po[illegible] calcular annualmente em 38,000 pipas, pois que est[illegible] tem ultimamente crescido para o Brasil e outros paizes; porém a sua grande maioria é consumida na Inglaterra. Para mais pormenores a este respeito consultem-se os artigos *Commercio*, *Industria* e *Producções*, na 2.ª part[illegible] desta obra. A industria desta cidade é proporcionalmen[illegible]

maior que a de Lisboa, consistindo principalmente em obras de ferreiro, cutileiro, tanoaria, fiações e tecidos de lãa, algodão, seda e linho, louça ordinaria e fina, vidros, chapéos, e notavelmente obras de prata e ouro. O primeiro mercado destes artigos era d'antes o Brasil, e posto que o commercio actual com este paiz seja ainda consideravel, comtudo, em relação ao que d'antes fôra, acha-se talvez reduzido a um terço.

Esta cidade é desprovida de fortificações permanentes, bem que antigamente fôra cercada de uma grossa e solida muralha de cantaria de 3,000 passos de extensão com 30 pés de altura, segundo em muitos lugares ainda hoje se vê, e guarnecida de ameias e torres. Esta obra, que consumio 40 annos na sua construcção, abrangendo os reinados de D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando, comprehendia o espaço mais importante da antiga cidade. Com o decurso do tempo vendo-se livre dessas muralhas, as quaes ia transpondo ou de per si se desmoronavão, foi-se a povoação largamente estendendo para todos os lados, formando-se longas e largas ruas, algumas bem alinhadas e guarnecidas de passeios e de casarias de boa apparencia. A de *S. João*, que desemboca na Praça da Ribeira fronteira ao rio, é a mais regular de todas. As de *Santo Antonio* e dos *Clerigos*, que se seguem uma a outra passando ao S. da Praça de D. Pedro, são largas, rectas, com commodos passeios e bellas casas; contém as mais elegantes lojas e armazens de objectos de modas, offerecem de qualquer de seus pontos um interessante pe de vista. Depois destas, as ruas de *Santa Catherina*, *Almada* e de *Cedofeita*, são as mais notaveis por sua ensão e airosa casaria : as da *Boa Vista*, *Rosario*, *For-**sa* e da *Alegria*, por sua extensão e excellente ar que frutão, e a das *Flôres* e dos *Inglezes*, por sua largura movimento commercial.

A fundação do Porto é por alguns attribuida aos Gallos-Celtas, pelo meiado do 3.° seculo da éra christãa; por outros ao Rei suevo *Reciario* em 486; porém o mais provavel é que o fosse por esse mesmo povo pelos annos de 417, isto é, a primitiva fundação anterior á reedificação de D. Moninho Viegas; ao passo que Villa Nova se julga ter por fundador o consul romano Caio Lelio, de cujo nome alguns derivão por corrupção *Gaia*. (Veja-se.) É comtudo hoje indubitavel que esse consul foi o edificador do castello de Gaia, destinado a rebater delle as forças de Viriato. Para prova de que a edificação do Porto é muito posterior á éra de Cesar, diz Simão da Luz Soriano no Cerco da mesma, 1.° vol., pag. 446, é o Itinerario attribuido ao Imperador Antonino, do anno de 160, onde apparecendo descripta a via militar de Lisboa a Braga, nella se vê mencionada Gaia, sem que se diga uma só palavra a respeito da fronteira cidade. Como quer que seja, os Romanos edificárão esse castello, não só pela razão já mencionada, como para se assegurarem tambem da passagem do Douro, e ao qual chamárão *castrum antiquum*, para se distinguir do *castrum novum*, com que os Suevos pelos annos de 569 appellidavão á que nós hoje chamamos cidade do Porto. É nos fragmentos do concilio de Lugo do mesmo anno que se faz menção dos dous *castrum* ou castellos com o nome de *Portu-Cale*, um novo ao N. do Douro, que é a cidade do Porto (*ad Portu-calencem sedem quæ est in Castrum-Novum*); e outro antigo ao S., pertencente á diocese de Coimbra (*ad Conimbricensem Portu-Cale castrum antiquum*), ou castello de Villa-Nova; veja-se *Gaia*.

A importancia do Porto é coeva, se é que não anterior á fundação da monarchia, sendo manifesto que do seu deriva o nome de Portugal, como se terá deduzido do que aqui fica dito, bem como a pag. 392. Nas anti[gas]

côrtes tinha assento no primeiro banco, e dos antigos Reis recebeu distinctas mercês e privilegios, igualando-a a Lisboa, e condecorando os seus moradores com o fôro e regalias de *infanções*. Em 1322 tomou o principe D. Affonso a El-Rei D. Diniz seu pai, entre outros castellos, o de Villa-Nova e a mesma cidade, terminando esta contenda com a paz que a instancias suas conseguio a Rainha Santa Isabel em 1323, ficando o principe com as cidades do Porto, Coimbra e a villa de Monte-Mór o Velho. A esta circumstancia se attribue a consideração que o mesmo D. Affonso, depois que subio ao throno, sendo o 4.º deste nome, mostrou sempre pelo Porto, beneficiando sempre seu municipio. Nas contendas entre este Rei e seu filho D. Pedro, quando abrasado em ira procurou vingar a morte dada a sua formosa esposa D. Ignez, a cidade resistio aos esforços do mesmo para a tomar, defendendo-se briosamente até que foi soccorrida pelas tropas do Rei, commandadas pelo arcebispo de Braga, o qual, achando o principe timorato, e não se atrevendo a dar o assalto, conseguio congraça-lo com o pai. Em 1628, reinando Philippe IV, houve nesta cidade um serio tumulto e levantamento das mulheres do povo, por occasião do tributo sobre o linho e lãa que se fiava, denominado das *maçarocas*, em cuja occasião desarmárão a tropa e apedrejárão o ministro de estado Francisco de Lucena, que a muito custo pôde escapar com a vida. — O tributo do papel sellado imposto por D. Affonso VI deu causa a um segundo tumulto em 4 de Maio de 1661. O povo enfurecido obrigou o thesoureiro da cidade a entregar-lhe o mesmo papel, o qual queimou, bem como os trastes e casas de alguns empregados publicos, commettendo outros semelhantes desatinos, até que afinal a força militar do Minho entrou na cidade e reconduzio tudo á ordem. — O terceiro e ultimo desses tumultos foi occasionado pelos privilegios dados á

companhia dos vinhos do Alto-Douro, creada em 1756, e particularmente por aquelle que lhe dava o exclusivo de vender na cidade e a 4 leg. em redondo, todo o vinho que houvesse de consumir o povo. Exacerbados os retalhistas com semelhante privilegio, aggregárão a si muita plebe, e dando morras á companhia, tocando os sinos a rebate, e forçando o juiz do povo a acompanha-los, invadirão a casa do regedor das justiças, obrigando-o a declarar livre a venda do vinho de ramo. Entretanto da casa do procurador da mesma companhia partirão dous tiros de bacamarte contra os amotinados, o que irritando muito essa gente, a levou a forçarem entrada nella, onde despedaçárão os moveis, papeis e tudo o mais que pertencia a essa corporação privilegiada. De tarde tinha já entrado o povo em completo socego, porém sobre elle se cuidou depois em descarregar um castigo que todavia foi mais rigoroso do que o caso merecia. Para o Porto enviou com effeito de Lisboa o marquez de Pombal uma alçada escoltada de consideravel numero de tropa, tendo finalmente lugar muitas sentenças de degredo e confiscação de bens, além das de pena de açoutes, imposta a 26 pessoas, e das de morte a que se condemnárão outras 26.

Desde o principio do seculo actual, tem esta cidade tido grande importancia politica nos destinos do paiz, já pela influencia de suas relações commerciaes sempre em augmento e em substituição das da capital, já pelo primeiro espontaneo movimento insurreccionario dos seus habitantes contra a tropa franceza em Junho de 1807, prendendo-lhe o commandante general Quesnel, o que fez despertar o resto do reino e sacudir o jugo estranho, formando-se nella uma junta provisoria em nome do principe regente,—já proclamando a regeneração politica de 1820, sustentando-se inabalavel em seus principios liberaes contra o partido apostolico, apezar das sangui-

narias alçadas que a esmagárão, e finalmente pelo renhido cerco que heroicamente sustentou contra quasi todo o resto da nação que reconhecia D. Miguel, atormentada ao mesmo tempo por quatro flagellos, peste, fome, guerra e divisões intestinas, porém que de tudo pôde triumphar, e ver coroados seus dolorosos sacrificios, assentando no throno de seus maiores a Rainha Fidelissima. Foi tambem no proseguimento das idéas liberaes de seus habitantes que em 1836, julgando remediarem os males do paiz, substituirão a constituição de 1820 á carta; em 1842 a carta á constituição, e finalmente em 1846 a constituição á carta, terminando desgraçadamente essa contenda com o derramamento de muito sangue e desaire no brio nacional. Estes factos porém pertencem ao dominio da historia, e delles se tratará na 2.ª parte desta obra, não convindo repeti-los ou anticipa-los neste artigo.

Notaremos que o principe regente em 1814 recompensou a todos os membros da junta que nesta cidade se estabeleceu em 1808, com o foro de fidalgo e uma commenda da Torre e Espada, e para eternizar de um modo condigno o valor e lealdade de que na causa da independencia nacional derão tão heroico exemplo seus moradores, mandou que ás armas da cidade se accrescentasse sobre cada uma das duas torres um braço armado empunhando uma bandeira com as armas do reino, e o outro uma espada enramada de louro. Por iguaes sentimentos e ainda muito maiores sacrificios e dedicação á causa liberal, lhe legou D. Pedro seu coração, o qual se acha depositado na igreja da Lapa, condecorando-a com o distinctivo de *invicta e sempre leal* e a *corôa ducal*.

O catalogo de seus illustres filhos, que tanto tem honrado a nação em todo o genero de talentos e virtudes é tão numeroso, que, não cabendo no limitado quadro deste artigo, pois injusto seria citar alguns nomes cele-

bres deixando innumeros outros no esquecimento, que reservámos, bem como aos de Lisboa, fazer menção delles no Bosquejo litterario e no historico que vem na 2.ª parte desta obra.

São os habitantes desta cidade em extremo laboriosos e dotados de aptidão para o commercio e industria, exactissimos nas suas transacções e promessas, e de uma ponctualidade e rigorismo tal em attender aos menores *itens* de qualquer conta ou ajuste, que por vezes assume um caracter de mesquinhez: é dessa exactidão portuense que nos veio o rifão de *fazer contas do Porto*, isto é: contribuir cada um sem discrepancia com a competente quota-parte. A sua boa fé commercial e moralidade na vida privada não são menos conspicuas que o seu acrisolado patriotismo, sempre prompto a responder ao reclamo da voz da liberdade, por vezes mal interpretada em demasia. É uma das cidades europeas onde reina menos ociosidade, e onde todos podem facilmente encontrar nas suas numerosas officinas proveitosa occupação: póde-se mesmo affirmar que, exceptuando meia duzia das principaes ruas onde se limita o trafego commercial estrangeiro, as restantes são quasi que exclusivamente occupadas por teares, forjas, tanoarias, ourives, chapelleiros e muitas outras lojas e fabricas das classes artisticas, onde a sua industriosa população se acha em continuo trabalho, e dos numerosos emigrados que annualmente sahem do seu porto para o Brasil e outras partes do reino, nem um decimo delles pertence á cidade, mas sim ao resto da provincia e á do Minho, cuja superabundancia de habitantes em tão limitado espaço exige tal emigração.

Não será fóra de proposito consagrar aqui duas linhas ácerca da palavra *tripeiros*, com que são alcunhados os Portuenses, e cuja origem, longe de lhes ser affrontosa,

pelo contrario é digna de louvor. Quando em 1415 D. João I mandou apromptar uma frota de 220 navios, e numerosa tropa de desembarque para tomar Ceuta aos Mouros, foi a cidade do Porto, assim como as de mais praças maritimas, fintada em certo numero de vasos, homens e mantimentos, que para a mesma expedição tinhão de fornecer. Fosse porém descuido ou fallencia de meios, quando ahi se apresentou o infante D. Henrique, filho do mesmo Rei, e natural desta cidade, afim de conduzir a Lisboa a divisão do Porto, havia uma grande escassez de carnes frescas para seu abastecimento em todas as terras circumvizinhas. Nesta perplexidade, o infante que era mui bemquisto dos seus conterraneos, vendo quanto carecia de prover do necessario a expedição a seu cargo, tantas diligencias e adequados empenhos usou para com o Senado e Casa dos Vinte e Quatro da cidade, por quem erão então administrados os açougues e providos de gado os municipios, que alcançou dessa corporação, não só todo o gado dos concelhos da sua jurisdicção destinado ao seu fornecimento, mas tambem a maior parte do que se empregava na lavoura e carriagem, o qual a mesma Camara se obrigou a indemnisar ao depois, « concedendo que se matassem as rezes para a salga na cidade, na qual porém ficarião todos os miudos e tripas para gastos dos habitantes, já que lhes não era dado aproveitar-se da carne. »

Porto-Carreiro, pov. do conc. de Penafiel, 1,400 h.

Porto do Moniz, villa. Veja-se *Madeira*.

Porto de Moz, antiquissima villa sit. 1 leg. ao S. da Batalha e 3 de Leiria, a cujo distr. pertence, e assentada n'uma encosta da serra de Minde: contém 3,100 hab. em 3 freg., e o conc. 11,054. A sua fundação se originou contigua a uma fortaleza que foi dos Mouros, tomada por D. Affonso Henriques em 1148: as guerras posteriores

a destruirão; porém D. Sancho I a reedificou em 1,200. Foi governador deste castello D. Fuas Roupinho, que se julga ter sido o primeiro almirante do reino; guerreou muito com feliz successo os Mouros, e lhes tomou cativo um Rei. Os seus arredores, onde ha bom marmore e pedra de afiar e de *mó*, donde lhe veio o nome, são ferteis em frutas, cereaes e caça, e gozão de saudaveis ares.

Porto Santo, ilha. Veja-se *Madeira*.

Povoa. Com este prefixo, que é synonymo de *povo*, ha muitas povoações em Portugal; as principaes são: — 1.ª, villa e freg. perto de Trancoso, com 700 hab.;—2.ª, *Povoa de Santo Adrião*, a 1-1/2 leg. de Lisboa, com 320; —3.ª, *Povoa de Santa Christina*, villa a 2-1/2 leg. de Coimbra, com 510; —4.ª, *Povoa de Lanhoso*, villa e freg. quasi 2 leg. a E. de Braga, contém 8,000 hab., irregularmente arruados, e produz muito milho, fruta e gado. Antigamente tinha um forte castello onde o principe D. Affonso Henriques mandou encerrar sua mãi em 1128, depois do combate de S. Mamede, que esta perdeu contra elle, porque, conhecendo-lhe o caracter violento e a ambição do conde de Transtamara, valido della, para atalhar novas desordens e conservar a paz, julgou conveniente conserva-la em prisão, onde viveu até á sua morte perto de dous annos depois. — 5.ª, *Povoa de Varzim*, villa e freg. sit. perto da costa, onde tem um pequeno porto, a 1/2 leg. de Villa-do-Conde e 6 de Braga, conta 6,200 hab. É pov. antiga, de que foi senhor D. Guterres, Francez de nação, companheiro do conde D. Henrique, que lh'a dera. É terra de muita pescaria.

Portugal. Origem desta palavra: veja-se *Gaia* e *Porto*.

Pousaflores, villa do distr. de Leiria a 7 leg. de Coimbra, e perto de Chão de Couce, 1,238 hab.

Povolide, villa a 2 leg. de Viseu, com 1,305 hab.

Poyares (Santo André de), pov. do conc. de Pena-

cova, a 3 leg. de Coimbra, com 3,000 hab. —*S. Miguel de Poyares*, veja-se *S. Miguel.*

Prado, villa e freg. a 1 leg. de Braga, com 1,500 hab. e o conc. com 6,800. Goza de uma das mais agradaveis posições da provincia; porém, por se achar em sitio baixo e rodeado de arvoredo, e pelas continuas neblinas que a cobrem, se torna pouco saudavel. Os seus montes abundão em caça, e o rio em lampreias e salmões. Nos seus contornos se fabríca telha e louça de barro de que fornece a prov. O celebre *João das Regras*, o Justiniano portuguez, parece que aqui nascêra. Nesta villa, ou antes no sitio da sua ponte sobre o Cávado, o conde de Villa-Flôr e o marquez d'Angeja derrotárão, em Fevereiro de 1826, os absolutistas commandados pelo marquez de Chaves, e os levárão de rojo até Ponte da Barca, fazendo-lhes 940 prisioneiros, além de outros tantos mortos e feridos que perdêrão e 10 peças de campanha.

Praia, villas diversas. Veja-se *Açores* e *Cabo-Verde.*

Prestimo, villa a 4 leg. de Aveiro: o seu conc., sit. n'uma planice pouco salubre, encerra 1,500 hab.

Príncipe, ilha. Veja-se *S. Thomé e Príncipe.*

Proença Nova, villa e freg. do distr. de Castello-Branco, donde dista 5 leg. a O. e 28 de Lisboa: é de 2,500 hab. —*Proença-Velha*, tambem villa e freg. do mesmo distr., não muito distante da outra, com 700 hab., e o conc. com 1,210.

Punhete (hoje *Villa-Nova da Restauração* ou *Constancia*), villa na confluencia do Zezere com o Tejo, 2 leg. a O. d'Abrantes na sua margem direita seguindo para Santarem, encerra 2,000 hab. É pov. antiga, abastada dos generos que produz a Alta Estremadura, taes como azeite, cereaes e vinho; abunda em peixe dos dous rios sobre os quaes domina, e pelo Tejo tem animado commercio com Lisboa, donde dista 22 leg. a NE.

Q

Quadrazaes, freg. do conc. do Sabugal no distr. da Guarda, com 1,200 hab., sit. em terreno fragoso, mas abundante de grão e caça.

Quarteira, rio do Algarve, nasce na serra do Caldeirão, passa perto de Loulé, e unido ao riacho Selir, lança-se quasi em frente da ilha de Santa Maria ou dos Cães, com 8 leg. de curso. Ha outro do mesmo nome 2 leg. a O., que passa por Santo Antonio da Quarteira.

Queimadella, freg. a 4-1/2 leg. de Braga, com 880 hab. Ha outra a 1 leg. de Lamego, com 400.

Queirãa, freg. sit. a 2 leg. de Vizeu, no conc. de Lafões, 1,706 hab.

Queluz, aldêa sit. 2 leg. ao N. de Lisboa, em lugar baixo, desolado e quasi deserto. Deve a sua celebridade aos magnificos paços que ahi fundou El-Rei D. Pedro III, marido de D. Maria I.ª e senhor da riquissima casa do Infantado; dispondo por conseguinte de abundantes meios, não se poupou a despezas para que a sua habitação fosse verdadeiramente Real. Como fôra construido por diversos architectos, e todos dissidentes, compõe-se de outros tantos corpos, e cada um tão differente dos outros no estylo, quasi todos tão carregados de decorações, adornados de estatuas, vasos, columnas e esculpturas, afóra a quinta e os jardins contiguos, os mais bellos que ha em todo o reino, que fôra mister um livro para tudo enumerar, principalmente em obras de cinzel. Na sua capella, que condiz em magnificencia com o resto do edificio, existe (pelo menos existia em 1842) uma formosa columna de agatha, presente que o papa Pio VII

enviou a D. João VI. Contém riquissimas pinturas, espelhos de gigantescas dimensões, salões vastissimos e magnificamente adornados. Esta quinta é toda cortada por mui compridas alamedas a que fazem toldo as corpulentas arvores que as guarnecem por ambos os lados: o jardim, cheio de tanques, repuxos, estátuas, &c., é modelado sobre o antigo Marly. Contigua a ella ha uma grande *tapada*, bastissima em caça e arvoredo. Pertencia esta regia habitação á casa do Infantado, como fica dito; porém na sua extincção em 1834 ficou reunida á corôa, bem como algumas outras mais no reino. Aqui nascêrão D. João VI e seu filho D. Pedro I, o qual tambem ahi veio a morrer a 24 de Setembro de 1834.

Querença, pov. do Algarve no conc. de Loulé, a 3 leg. de Faro, com 800 hab.

Quiaios (S. Mamede de), villa e freg. vizinha da Figueira e 7 leg. a O. de Coimbra, pouco arruada, e de 4,500 hab., em grande parte maritimos.

Quintãa, freg. do conc. de Cadima, 4 leg. a O. de Coimbra, 2,100 hab. Ha outra denominada de *Pedro Martins* no conc. de Castello-Rodrigo, com 450 hab.

Quintella, pov. sit. a 6 leg. de Lamego, no conc. da Lapa, com 400 hab. Ha outra denominada de *Azurara* no conc. de Mangoalde, e 3 leg. ao S. de Vizeu, 500 hab.

Quintino (S.), a 5 leg. de Lisboa, pov. de 2,750 hab.

Quitello, pov. insignificante, porém a mais oriental de todo o reino, sit. 2-1/2 leg. a N. E. de Miranda, proxima ao Douro no distr. de Bragança; a sua longitude oriental excede 2 minutos a de *Paradella*, veja-se esta.

R

Rabaça, riacho. Veja-se *Ragua.*

Rabaçal, conc. sit. a 4 leg. de Coimbra, 2,478 hab.

Ragua, rio do distr. de Bragança em Trás-os-Montes, nasce na Galliza perto de Vegas de Camba, recebe á esquerda o Rabaça, que tambem nasce no mesmo reino e se lhe vem unir perto de Brocaes, na Terra da Lomba, e ambos reunidos com o Tuela entrão na direita do Tua: este passa por Mirandella, &c. Veja-se *Tua.*

Raiva, freg. do conc. de Paiva na esquerda do Douro, 1,150 hab.; dista 8 leg. a O. de Lamego.

Ramalde, pov. do conc. de Bouças, com 2,100 hab.

Ramalhão, palacio real sit. a perto de 1/3 de legua de Cintra junto á estrada que ahi conduz de Lisboa n'uma planicie excellentemente arvorisada, era outr'ora propriedade particular da Rainha D. Carlota, e para onde foi mandada residir em Novembro de 1822, em razão de não ter querido prestar juramento ás bases da Constituição do mesmo anno, e ahi, em combinação com D. Miguel e Fernando VII, machinou a quéda da mesma. O pretendente D. Carlos de Hespanha tambem ahi habitou em 1832 depois de forçado a emigrar, e o protesto que fez contra o direito de sua sobrinha foi datado do Ramalhão. O palacio é de mui simples architectura, porém elegante, de gosto moderno e no modo dos palacios de campo de Inglaterra: entre as numerosas e bellas salas que contém com excellentes pinturas, é notavel a de jantar, de engraçado e original gosto, semelhando uma gruta. A frescura e amenidade desta Real habitação, causadas pelas suas crystallinas aguas, denso arvoredo e excellente locali-

dade, a tornão mais aprazivel que nenhuma outra do reino: foi comprada ao negociante Street.

Ramirão, freg. do conc. d'Algodres, 1,000 hab.

Ranhados, conc. de 1,657 hab. perto de Trancoso.

Rates (S. Pedro de), villa e freg. sit. 4 leg. a O. de Braga e 2 ao S. de Barcellos, na margem direita do Este ou Deste, que se reune ao Ave, parece que subião antigamente barcos pequenos: consta de 840 hab. Uma antiquissima tradição fez adoptar ao breviario de Braga a existencia de um seu 1.° arcebispo assim chamado, nos tempos primitivos da Igreja, consignando na legenda deste Santo muitos milagres, sendo afinal morto por ordem do proconsul (no reinado de Claudio), n'um lugarejo onde havia uma ermida, e ahi sepultado por seus partidarios. Decorrêrão seculos durante os quaes se transmittio de geração em geração a veneranda memoria de S. Pedro de Rates, até que o conde D. Henrique mandou edificar no mesmo sitio do seu martyrio a bella igreja de 3 naves e estylo gothico, que ainda hoje se vê, e de granito tão rijo, que, ha mais de 7 seculos, ainda o tempo não o pôde desunir ou estragar. Foi esta fundação feita pelos annos de 1,100, bem como a de um pequeno claustro contiguo para monges mendicantes. Diz Laplace que, em toda a peninsula, é este templo o mais puro modelo da singela architectura arabe-normanda.

Real, aldêa a 1-1/2 leg. de Braga, com 1,200 hab. Ha outra no conc. d'Amarante, com 900; outra no de Paiva, com 960; e outra a 3 leg. de Vizeu com 700.

Rebordãos, consideravel serrania de Trás-os-Montes, que começa 1/2 leg. ao S. de Bragança, estende-se parallela ao rio Fervença, 1 leg. a O. e torna a voltar para o N. descrevendo uma ferradura; o mais alto dos seus cumes

é o de *Nogueira*, com 3,500 pés de altura; chama-se tambem serra de *Nogueira*.

Rebordosa, freg. do conc. de Penafiel, com 1,200 h.

Reboredo, alta montanha selvosa que contém minas de ferro, junto a Moncorvo (Torre de). Veja-se *Moncorvo*.

Recardães, villa sit. 3 leg. a E. de Aveiro, junto ao rio Couto; o seu conc. tem 1,770 hab., e abunda em cereaes, azeite, vinho e caça.

Redinha, agradavel villa, sit. 5 leg. ao S. de Coimbra e 1 ao N. de Pombal, em sitio alegre e saudavel que domina uma extensa veiga, na falda de uma elevada serra ao N. da qual corre o riacho Rabaçal, que em breve se une ao Soure; contém 1,600 hab., e é o solar dos condes do mesmo nome, casa instituida pelo marquez de Pombal, vinculada n'um filho segundo.

Redonda, lagôa. Veja-se *Estrella*, serra.

Redondo, notavel villa do Alemtejo, sit. em terreno alcantilado e fertil, nas faldas da serra d'Ossa, 4 leg. a E. d'Evora, e pouco menos ao S. d'Estremoz, encerra 2,500 hab. Nella se fabricão bastantes tecidos de algodão e lãa, para o que possue para cima de 50 teares.

Redondos, pov. de 960 hab. no conc. da Figueira.

Refoyos d'Ave ou de **Riba-Ave**, villa distante 4 leg. ao N. do Porto, contém só 580 hab., mas o seu conc. encerra 7,300 e é muito fertil e abundante.

Refoyos de Basto, villa e freg. do distr. de Braga, donde dista 7 leg. a N. E., sit. perto da direita do Tamega, encerra 2,100 hab. e o seu conc. 4,218.

Refoyos de Lima, pov. do conc. de Ponte do Lima, em amenissima campina, contém 1,350 hab.

Regadas, aprazivel aldêa do conc. de Celorico de Basto, sit. 6 leg. a S. E. de Braga, em terreno fertil e abundante, 740 hab.

Rego, freg. do conc. de Celorico de Basto, a 6-1/2 leg.

de Braga, com 1,000 hab.—*Rego da Murta*, aldêa no conc. d'Alvaiazere, 700 hab.

Regoa. Veja-se *Peso da Regoa.*

Reguengo, pov. de 680 hab., vizinha de Portalegre, em cujo distr. ha outras menores do mesmo nome. Ha mais uma a 2 leg. de Leiria com 1,224 hab., e outra no conc. d'Obidos com 620.

Reguengos, freg. sit. 1-1/2 leg. a O. de Monsaraz, no distr. d'Evora, com 2,100 hab. Foi creada villa em 1840; vai prosperando em industria e população.

Rendufe, conc. sit. a 2-1/2 leg. de Braga, 1,670 hab.

Requeixo, pov. sit. a 2 leg. de Aveiro, no angulo inferior da confluencia do Sertema com o Agueda, 1,660 h.

Rezende, villa sit. 2 leg. a O. de Lamego, em terreno alto e montuoso, 2,800 hab. e o conc. 4,000. Todo o seu conc., sit. cerca de 1/2 leg. ao S. do Douro, é abundantissimo em milho, frutas e azeite, bem como em excellente vinho tinto, que pela maior parte é vendido á companhia dos vinhos do Alto Douro.

Ria (corrup. de rio). Veja-se *Aveiro* e *Sado.*

Riba. Denominação dada a muitas terras do reino que geralmente estão situadas na margem de rio ou do mar, para *riba* ou cima, em relação ao lugar donde se falla, v. g.: *ribatejo*, *ribamar*; ás ribas do Tejo acima, em Lisboa se chama ordinariamente *borda d'agua.* Dahi procede:—*Riba d'Ancora*, aldêa do conc. de Monção, com 500 hab.;—*Riba de Mouro*, pov. do conc. de Valladares, distr. de Vianna, com 1,860;—outra freg. do mesmo nome e do mesmo conc. com 1,900;—*Riba-Tua* ou S. Mamede, villa sit. 5 leg. a E. de Villa-Real, com igual numero de hab.;—*Riba d'Ul*, pov. do conc. de Oliveira d'Azemeis, 6 leg. ao S. do Porto, com 1,230 hab., e outras mais de diminuta importancia.

Ribafeita, freg. a 2 leg. de Vizeu, 1,734 hab.

Ribaldeira, conc. da Estremadura contiguo ao de Torres-Vedras, 7 leg. ao N. de Lisboa, 3,030 hab.

Ribas, freg. do conc. de Celorico de Basto, com 980 h.

Ribeira (S. João da), pov. vizinha de Santarem a 14 leg. de Lisboa, contendo 1,500 hab. Ha outra da mesma invocação proxima de Ponte do Lima, com 1,230 hab.—*Ribeira d'Alhariz*, no conc. de Chaves, 1,050 hab. —*Ribeira de Canha*, no de Benavente, 550 hab.—*Ribeira de Frades*, no de Coimbra, 600 hab. — *Ribeira de Fragoas*, no de Pinheiro da Bemposta, 700 hab.—*Ribeira de Litem*, a 3 leg. de Leiria, 1,300 hab. —*Ribeira de Niza*, a 2 leg. de Portalegre, 900 hab.—*Ribeira de Pena*, pov. de 2,700 hab. junto a Chaves, no distr. de Bragança. — *Ribeira de Soaz*, outra do conc. de Guimarães, com 3,000 hab. Ha mais algumas outras.

Ribeira-Grande, villa. Veja-se *Açores*.

Rio de Maçãas. Veja-se *Sabor*.

Rio Maior, villa do distr. de Santarem, donde dista 2 leg. para O., junto do rio do mesmo nome que desagua na direita do Tejo, quasi em frente de Salvaterra, com 10 leg. de curso: tem 3,800 hab. Está sit. na estrada real que conduz de Lisboa a Coimbra, na falda de uma cordilheira de montes bem arvorisados. Seus contornos são montuosos, porém abundantes de frutas, azeite e grandes pastos onde se cria muito gado.

Rio de Moinhos. Ha perto de uma duzia de povoações deste nome, cujas principaes são:—1.ª, no conc. d'Arcos de Val-de-Vez, com 500 hab.; — 2.ª, no de Penafiel, com 1,020; — 3.ª, no de Abrantes, com 1,275; — 4.ª, villa a 3 leg. de Vizeu, com 850.

Rios de Portugal. Poucos paizes ha tão abundantemente regados em todas as direcções como este reino; porém a natureza do seu solo geralmente montanhoso empece a canalisação e navegação dos seus numerosos

rios, á excepção do *Tejo*, *Douro*, *Guadiana*, *Minho* e *Sado*. Estes mesmos são navegaveis com custo até certas distancias das suas barras, não porque lhes falte caudaloso manancial de aguas, mas sim pelo despenhado e rapido de sua corrente, o que melhor se conhecerá consultando os seus artigos especiaes nesta obra, bem como os que abaixo transcrevemos. E como tenhamos ainda de fallar sobre esta materia no 2.° volume quando tratarmos do aspecto physico do paiz, mais cabalmente virá exposto o que sobre esse assumpto houver que accrescentar. Além dos 5 rios acima citados, são os seguintes os mais consideraveis do reino: — *Agueda*, *Almansor*, *Alpiaça*, *Alva*, *Alviella*, *Ave*, *Ancora*, *Azinhaga*, *Balsemão*, *Caia*, *Caima*, *Canha*, *Cavado*, *Coa*, *Chança*, *Charrama*, *Corbes*, *Corgo*, *Coura*, *Couto*, *Damin*, *Dão*, *Degebe*, *Elgas*, *Ervedal*, *Este*, *Fervença*, *Frio*, *Homem*, *Laca*, *Lamarosa*, *Lamegal*, *Leça*, *Lima*, *Limoas*, *Liz*, *Loures*, *Maceira* ou *Mongota*, *Mondego*, *Murça* ou *Carcedo*, *Nabão*, *Neiva*, *Niza*, *Odeleite*, *Odemira*, *Odivellas* ou *Alvito*, *Odivor*, *Paiva*, *Pinhão*, *Pinhel*, *Ponsul*, *Quarteira*, *Rabaça*, *Ragua*, *Rio de Maçans*, *Rio Maior*, *Rio Tinto*, *Sabor*, *Sacavem*, *Seixe*, *Sertema*, *Sever*, *Sizandro*, *Solho*, *Sor*, *Sorraia*, *Soure*, *Souza*, *Tamega*, *Tavora*, *Teja*, *Tinhela*, *Tourões*, *Trancão*, *Tua*, *Tuela*, *Val Formoso*, *Vascão*, *Vez* ou *Cabrão*, *Villariça*, *Vouga*, *Zacharias*, *Zatas* e *Zezere*. Consultem-se mais os artigos: *Alemtejo*, *Algarve*, *Beira*, *Entre Douro e Minho*, *Estremadura*, *Trás-os-Montes*, e para os que se mencionão nesta obra fóra do reino, os de *Angola*, *Bissau*, *Goa* e *Moçambique*.

Rios, pov. do conc. de Monção, com perto de 2,000 h.

Rio Tinto, riacho que desagua no Douro, 1 leg. a E. do Porto, e assim se chama porque, na tomada desta cidade aos Mouros, é fama que os christãos nesse sitio lhes fizerão tanta mortandade, que o sangue tingio as aguas do mesmo. Nelle ha sit. uma villa do mesmo nome,

mal arruada, porém em agradavel planicie, com boas quintas, e 3,300 hab.

Roca (antigamente *Promontorium magnum*), cabo onde termina a serra de Cintra, 1 leg. ao N. O. de Cascaes e da foz do Tejo: é o ponto mais occidental do continente da Europa. Perto tem o pharol da *Guia* para orientar os maritimos. Lat. N. 38°, 46'; long. O. de P. 11°, 51', e do meridiano de Coimbra 1°, 4' occid.

Roças, grande aldêa de 3,000 hab. no conc. de Guimarães. Ha uma pov. de 675 hab. assim chamada no conc. de Melgaço, e outra de 700 no da villa d'Arouca.

Rodão ou **Villa-Velha**, antiquissima villa com castello arruinado sit. n'uma altura á direita do Tejo, 2-1/2 leg. ao S. de Castello-Branco, a cujo distr. pertence, e a igual distancia a O. da raia hespanhola; o seu conc. contém 2,750 hab. Está a 34 leg. de Lisboa, e o Tejo é navegavel até ahi para barcos chatos.

Roliça, freg. do conc. d'Obidos, 9 leg. ao N. de Lisboa, contém 760 hab. Tornou-se este lugar celebre na guerra peninsular, por ser o primeiro onde os Francezes, commandados por Junot, forão batidos pelo exercito anglo-luso a 17 de Agosto de 1808, e a 21 no *Vimeiro* pelo mesmo exercito, o que os obrigou a capitularem pela convenção de Cintra.

Romão (S.), rio que nasce na serra de Monchique, percorre parte do Alemtejo de S. a N., e é um dos que dão principio ao Sado.

Romão (S.), villa e freg. do distr. de Coimbra, donde dista 12 leg. a E., perto de Cea, com 1,510 hab. Ha uma pov. do mesmo nome e de 1,200 hab. no conc. d'Alcacer do Sal, 6 leg. a O. d'Evora.

Romariz, aldêa de 1,130 hab. do conc. da Feira, 5 leg. ao S. do Porto.

Roncão, riacho que nasce nas serras sit. ao S. de

Murça de Panoyas, avizinha-se a Favaios e entra na direita do Douro. O vinho que nas suas margens se colhe é considerado dos melhores do *Paiz do Vinho*. Veja-se esta palavra.

Ronfe, villa e freg. a 1-1/2 leg. de Braga, 1,000 hab.

Rosmaninhal, villa do distr. de Castello Branco, donde dista 7 leg. a E., quasi 1 a O. da raia hespanhola, e igual distancia ao N. do Tejo, acha-se sit. n'um outeiro, o qual, com a muita espessura que o rodêa, a torna de difficil accesso. O seu montuoso termo produz algum centeio e abunda em caça e colmêas, bem como na odorifera planta *rosmaninho*, donde veio o nome á pov.: contém 1,300 hab.

Ruivães, pov. do Minho no conc. de Barcellos a 3 leg. de Braga, com 568 hab. —*Ruivães*, villa e freg. a 10 leg. de Braga e 8 ao N. de Villa-Real, a cujo distr. pertence; contém 1,000 hab. Nesta villa é que em Outubro de 1837 foi batida a divisão cartista commandada pelo barão de Leiria, antes de poder fazer a sua juncção com a força dos marechaes Saldanha e Terceira que se achavão junto do Douro, pela divisão setembrista ao mando do visconde das Antas, donde se seguio a convenção de Chaves, retirando-se os vencidos para a Galliza.

Ruivo (Pico do), monte. Veja-se *Madeira*.

Runa, aprazivel aldêa sit. a 1/2 leg. de Torres-Vedras e 7 ao N. de Lisboa: contém o celebre hospital denominado de *Runa*, destinado a militares velhos ou invalidos, edificado e ricamente dotado pela princeza D. Maria Francisca Benedicta, irmãa da rainha D. Maria I. Sem attender mesmo aos fins piedosos a que foi destinado, é este edificio um dos principaes do reino, tendo 450 palmos de frente com 25 janellas, 280 de fundo com 13 ditas, 4 faces regulares e 3 andares além das aguas-furtadas, e no total póde á vontade accommodar 1,300 pessoas. Foi come-

çado em 1792 e acabado em 1827, vindo a fundadora a morrer em 1829. As rendas que ella legou para a sua manutenção bastavão para alimentar mais de 100 individuos; porém, sendo pela maior parte provenientes de dizimos e commendas, cessárão com a abolição de ambos, e de todo acabarião a não ser o philanthropico concelho de administração que tanto zelo e esforços desenvolveu na sua sustentação. A imperatriz-viuva D. Amelia dotou-lhe 2 contos de réis annuaes.

S

Sabor, rio de Trás-os-Montes, no distr. de Bragança, perto de cuja cidade passa, porém ainda denominado *Fervença*, nome com que nasce nas serras de Gamoneda e Tejera ao S. da de Cabrera na prov. de Valladolid. Recebe um grande affluente que tem origem ao S. da villa de Sanabria, e mais 3 ou 4 na prov. de Trás-os-Montes antes de chegar ao conc. de Castro-Vicente, um dos quaes e o mais caudaloso é o *Rio de Maçãas*, que durante umas 5 leg. serve de limite á prov. do reino vizinho, á esquerda; á direita junto a Castro-Vicente recebe o Aziba, em frente de Moncorvo o *Zacharias*, e entre esta distancia ao N. e *Villariça*. Desagua finalmente na direita do Douro, 1-1/2 leg. ao S. de Moncorvo, com 23 a 25 leg. de rapido e caudaloso curso, mui pouco navegavel. Na sua baixa região caminha espraiado por fertilissimos campos que inunda no inverno, e que são mui abundantes em linho, canhamo e legumes de todas as qualidades.

Sabrosa, pov. de 700 hab. pouco arredada de Villa-Real. — *Ribeira de Sabrosa*, pov. e riacho do conc. de Penafiel, 8 leg. a E. do Porto, 600 hab.

Sabugal, villa sit. sobre o Coa, perto da nascença de uma das torrentes principaes do mesmo e das cabeceiras do Zezere, ou antes do *Maimoa*, em elevado e escabroso terreno; tem um antigo castello arruinado com torre muito alta. Dista 5 leg. a S. E. da Guarda, a cujo distr. pertence; o seu conc. consta de 8,060 hab.: abunda em castanhas, gado, linho e colmêas.

Sacavem, consideravel pov. sit. 1-1/2 leg. a N. E. de Lisboa, conta perto de 2,400 hab. A villa antiga, sit. n'um alto, é tortuosa e suja; a parte baixa, que está sobre o rio de Friellas, porém ahi denominado Sacavem, tem grandes armazens de deposito de vinho. O rio é composto de diversos riachos que tem sua origem a N. O., e aqui formão reunidos um grande esteiro que na sua confluencia com o Tejo é de tal profundidade, que póde receber navios de alto bordo; consta mesmo que, durante a regencia de D. João I, nelle se acolhêra a frota portugueza que se achava fundeada em frente de Lisboa, perseguida pela castelhana. Antigamente existio neste rio uma ponte de pedra que as enchentes derrubárão; seguio-se-lhe outra de barcas, que foi substituida por uma de elegante construcção e de abrir. Veja-se *Friellas*, que tambem assim se chama um dos affluentes do esteiro, comquanto o principal seja o Loures, e logo depois o Tranca ou Trancão. A nascença do primeiro approxima-se tanto ao de Alcantara, que não seria difficil, unindo-os por canaes, cercar Lisboa de agua por todos os lados. É navegavel esse esteiro até Mealhada, aldêa proxima a Loures, e o rio deste nome parece que em tempos antigos o foi muito mais acima, e o Trancão até perto de Bucellas. As margens de todos, ainda que elevadas, são de aprazivel aspecto por se acharem plantadas de oliveiras, vinhas e de todo o genero de frutas e hortaliças. Na parte inferior ha varias salinas que já não produzem tanto como n'outro

tempo, porque as inundações as tem invadido. Na estrada que daqui conduz a Lisboa, beira-Tejo, se encontra: *Beirollas*, onde ha um grande deposito de polvora; *Olivaes* e *Braço de Prata*, agradaveis pov. onde muito se espraia a maré, e que encerrão grandes depositos de vinhos; seguem-se *Marvilla*, *Santa Apollonia*, &c., lugares que já se considerão suburbios de Lisboa, pois que os palacios, conventos e casas se succedem sem interrupção até ás portas da cidade.

Sadão ou **Sado** (antigamente *Calipus*), rio que em muitas cartas geographicas vem erradamente chamado *Caldão* e *Cado*, nasce na serra de Monchique no Algarve; corre pelo Alemtejo ao N. até perto d'Alcacer, depois a O. vai formar a vasta e salifera ria de Setubal, onde se espraia e offerece um excellente porto, defendido por tres torres. Desde esta villa até Alcacer, as suas margens estão cobertas de salinas (8 leg.): recebe mais de 12 rios menores em todo o seu curso, que é de 30 leg., e é navegavel 14 até Porto d'El-Rei, onde se lhe reunem o Charrama, Damin e Arcão.

Sáfara, pov. do distr. de Beja, sit. 2 leg. a E. de Moura, perto do riacho S. Pedro, 980 hab.

Sagres, villa do Algarve, sit. perto do cabo de S. Vicente, bem fortificada, e que pela sua posição elevada podia tornar-se uma praça inconquistavel, dista 12 leg. de Faro, 38 ao S. de Lisboa, e encerra 310 hab. Esta pov., que chegou a ser forte em numero e por arte, foi edificada pelos annos de 1416 pelo sabio infante D. Henrique, filho de D. João I, o qual lhe deu o nome de *Terça Nabal*, e ao depois se chamou *Villa do Infante*. Estes dous nomes se perdêrão com a morte do seu fundador, e a villa ficou com o que hoje tem, derivado de *Sacrum promontorium* (cabo de S. Vicente) que lhe fica proximo. O infante tinha ahi estabelecido uma academia de navegação,

astronomia e commercio, e do seu porto mandou sahir diversas expedições que descobrirão a Madeira, os Açores e grande parte da Africa occidental, e assim abrirão caminho ás grandes descobertas posteriores. Ahi morreu o mesmo infante em 1460, donde foi trasladado para a Batalha. Da sua antiga grandeza, quasi mais nada existe senão umas casas que elle habitava, onde o governo mandou em 1839 collocar a inscripção, em Portuguez de um lado e Latim do outro, que abaixo vai transcripta. O almirante Drake a incendiou em 1587, e o terremoto de 1755 acabou de a destruir.

MONUMENTO CONSAGRADO Á ETERNIDADE.

O grande Infante D. Henrique, tendo emprehendido descobrir as regiões até então desconhecidas da Africa occidental, e abrir assim caminho para se chegar por meio da circumnavegação africana até ás partes mais remotas do Oriente, fundou neste lugar, á sua custa, no palacio da sua habitação, a famosa Escola de Cosmographia, o Observatorio astronomico e as Officinas de construcção naval, conservando, promovendo e augmentando tudo isto até o termo de sua vida com admiravel esforço e constancia, e grandissima utilidade do Reino e das Letras, da Religião e de todo o Genero humano. Falleceu este admiravel Principe depois de ter chegado com as suas navegações até o 8.° grdo de latitude septentrional e ter descoberto e povoado de gente portugueza muitas ilhas do Atlantico. D. Maria II, Rainha de Portugal e dos Algarves, mandou levantar este monumento á memoria do illustre Principe seu consanguineo aos 379 annos depois do seu fallecimento, sendo Ministro dos negocios da marinha e ultramar o Visconde de Sá da Bandeira.

Sal (Ilha do). Veja-se *Cabo-Verde*.

Salir. Veja-se *Selir*.

Salreu, freg. rica e abastada do conc. de Pinheiro da

Bemposta, a 3 leg. de Aveiro; tem uma bella matriz e 3,200 hab.

Salvada, pov. do distr. e conc. de Beja, a 13 leg. d'Evora, com 1,790 hab.

Salvador (S.), freg. de 2,380 hab. a 5 leg. de Braga, e pertencente ao conc. de Roças. Ha outra no de Ponte do Lima com 690 hab.

Salvaterra do Extremo, villa assim chamada por se achar na extrema raia de Portugal e do reino de Leão, sit. na direita do Elgas, contém um castello em boa posição, e dista 10 leg. a E. de Castello Branco, a cujo distr. pertence: sua população é de 900 hab. O seu conc. é muito arvorisado e alegre; abunda em cereaes e gado, e encerra as celebres aguas mineraes da *Fonte Santa*, applicadas com bom effeito na medicina.

Salvaterra de Magos, villa antiga do distr. de Santarem, donde dista 5-1/2 leg. para o S. e 9 a E. de Lisboa, sit. em dilatada planicie perto da esquerda do rio Tejo, com o qual se communica por um esteiro bastante largo para dar facil ingresso a barcos do maior lote, tendo sobre elle uma ponte de madeira; consta de 2,140 hab. O seu theatro e palacio Real, edificados pelo infante D. Luiz filho de D. João I, e renovados por D. Pedro II, onde a côrte costumava passar algumas temporadas annualmente com o motivo da caça de que muito abunda a sua tapada e uma lagôa que lhe dista 1 leg. ao S., vão cahindo em ruinas. Ha muito que não são visitados por seus Reaes possuidores. Aqui morreu o cardeal-Rei D. Henrique em 1579. O seu termo é fertilissimo em cereaes, melancias, caça e pesca. O rio Sorraia que atravessa a villa vai a pouca distancia reunir-se ao Tejo.

Salzedas, pov. de 1,260 hab. a 1-1/2 leg. de Lamego. O seu mosteiro da ordem de S. Bernardo, fundado por

D. Theresa Affonso, segunda mulher de Egas Moniz, era o maior edificio da Beira Alta.

Samora Corrêa (e não *Camora*), villa do distr. de Santarem, ao S. do Tejo, 1 leg. a S. O. de Benavente e 8 de Lisboa na carreira meridional do Tejo, perto do rio Almansor, 1,400 hab. Está assentada em terreno mui plano a E. da tapada Real do mesmo nome; tem, como Salvaterra, uma quinta onde os Monarchas se ião divertir á caça no verão. O seu termo abunda em cereaes, colmêas e veação.

Samuel e Urmar, aldêa do conc. da Figueira, a 5 leg. de Coimbra, 1,580 hab. Era um antigo reguengo.

Sandim, villa e freg. sit. perto da Feira e 3 leg. ao S. do Porto, em aprazivel e fertil planicie, 1,315 hab.

Sandomil, villa e freg. sit. perto de Cea, a 11 leg. de Coimbra, 1,400 hab.

Santa-Cruz, villa. Veja-se *Madeira* e *Açores*.

Santar, pov. do conc. de Senhorim, a 2 leg. de Viseu, 1,200 hab. Ha outra com 500 no conc. d'Arcos de V. de Vez.

Santarem (antiga *Scalabis* e depois *Præsidium Juliam* dos Romanos), antiquissima e importante villa sit. 14 leg. a N. E. de Lisboa, no centro da Estremadura, da qual é uma das 8 administrações civis e das 17 do reino; n'um terreno elevado sobre a margem direita do Tejo, porém mui plano para o N., e de uma amenidade e fertilidade proverbiaes, principalmente em azeite, cereaes e vinho, de cujos generos faz consideravel commercio com a capital pelo rio; os seus campos para o lado do S. são mais escalvados e arenosos, e por isso mais proprios para hortaliças, frutas e pastos de gado lanigero.

Das antigas muralhas que a circumdavão completamente, se conservão ainda os troços que correspondem ás suas 5 portas a que conduzem 9 calçadas que dão communicação ao paiz adjacente. No XVI° seculo reconhe-

ciāo-se ainda vestigios da ponte por onde a estrada militar atravessava o Tejo neste sitio: essa obra devia ser grandiosa, e sem duvida não pôde resistir á impetuosa corrente do rio nem á affluencia de arêas que a terá obstruido e occasionado a sua ruina. Hoje nada existe que annuncie a grandeza romana nem a existencia desta povoação no tempo dos Godos. Sobre seu antigo nome não ha discrepancia; todos convém que se chamava *Scalabis* durante o dominio romano, e antes disso *Esca Abidis*, por ter sido fundada por *Abidis*, Monarcha das Hespanhas, pelos annos de 1100 antes da éra christãa. O nome porém por que é hoje conhecida se deriva do de *Santa Irene* ou *Iria*, virgem martyr portugueza, de cujo assumpto Frei Luiz de Souza narra uma engenhosa legenda na sua florida chronica de S. Domingos. Veja-se o artigo *Nabão*.

Santarem foi por muito tempo côrte de regulos suevos, mouros, e finalmente de Reis portuguezes, os quaes, transpondo no XV° seculo a sua séde para Lisboa, lhe causárão grande decadencia de que se resentem visivelmente os seus principaes edificios que tem sobrevivido, e a sua população que muito escasseou, pois hoje apenas conta 8,000 hab. Avultão-lhe ainda alguns edificios nobres, e entre elles o extincto convento da Graça, de architectura gothica, onde tem seu fundador, o conde de Ourem, um sumptuoso mausoléo, e onde jaz Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil; o de S. Francisco, onde jaz El-Rei D. Fernando, e o de S. Domingos; a igreja dos Jesuitas cuja capella-mór é de rico mosaico com altar de finissimo marmore: no seu convento estava estabelecido o seminario patriarchal. De todos os edificios, porém, o mais singular é a torre do *Alcorão*, hoje igreja de S. João do Alporão, cujo nome, ainda que desfigurado, indica a sua origem mourisca, que aliás é confirmada pela architectura arabica do templo. Antes da extincção dos conventos em

1834, continha Santarem 15, e 13 freg. que hoje se achão reduzidas a 5. Tanto a villa como extra-muros contém antiguidades mui connexas com a historia do paiz: a sua posição como ponto militar é forte e importante. Em 1810, ahi tiverão seu quartel-general os Francezes, cobrindo a sua retirada para a Hespanha. Em 1833, nella se fortificárão os miguelistas e dahi não sahirão senão em consequencia da peste, da fome e de haverem sido batidos nas tres acções de Pernes, Almoster e Asseiceira; e em 1847 dahi proclamou o partido *patuleia* que vinha em peso com todos os habitantes das provincias do Norte a tomar Lisboa; porém é bem conhecido o desfecho do combate de Torres-Vedras.

Já em épocas antigas figurou Santarem na scena politica sustentando o partido do prior do Crato D. Antonio, o do infante D. Affonso, filho de D. Diniz, &c. — D. Affonso VI de Castella a tomou aos Mouros em 1093; sitiada pouco depois por estes e completamente balda de viveres, teve de se lhes entregar, de cujo poder a libertou de novo El-Rei D. Affonso Henriques em 1147, mandando povoa-la de christãos, e dando-lhe muitos privilegios, ao depois augmentados por seus successores. Então se foi tornando grande povoação e opulenta; nella residião os Reis durante muitos mezes do anno, e ahi estabelecêrão primitivamente o tribunal da *Relação*, que ao depois, a pedido das côrtes de Coimbra, fez D. João I trasladar para Lisboa. Em 1184, estando de posse della o infante D. Sancho, atacou-a Miramolim, Rei mouro, que vinha acompanhado dos exercitos de 13 regulos seus tributarios. Resistirão valorosamente os sitiados, reduzidos já aos ultimos apuros; vendo porém D. Sancho que chegava em auxilio da praça seu velho pai D. Affonso Henriques, fez uma sortida, e, unido aos seus esquadrões, cahirão denodadamente sobre o numeroso exercito sarraceno, que deixou os arredores

da villa juncados de cadaveres e o Tejo tinto de sangue. Foi esta a ultima proeza do fundador da monarchia. É patria de Duarte Pacheco Pereira, famoso capitão da India; dos illustres escriptores Frei Luiz de Souza, Fernão Lopes de Castanheda, do theologo D. Alvaro Paes, e de outros muitos homens illustres.

Sarafão, pov. sit. a 3 leg. de Braga, 1,000 hab.

Sardoal, villa do distr. de Santarem, donde dista 4-1/2 leg. a N. E., e 1/2 ao N. de Abrantes; é extensa e encerra 3,200 hab. O seu termo abunda muito em azeite, grão, vinho inferior, caça e gado.

Sarzedas, villa e freg. 2 leg. a O. de Castello-Branco, sit. em alto e fragoso terreno da serra da Guardunha, contém 2,540 hab. Produz muito mel, caça e gado lanigero nas immediações de Monte-Gordo.

Sebastião (S.), villa. Veja-se *Açores*.

Secca, lagôa. Veja-se *Estrella*.

Seda, pov. do conc. d'Alter do Chão, junto ao rio Ervedal, 4 leg. a O. de Portalegre; contém 1,200 hab. É rodeada de muros com antigo castello denominado *Arminho* em escarpado monte. Nos seus pastos abundão lebres, coelhos e caça de veação.

Segadães, villa cujo conc. conta 1,280 hab., sit. 2 leg. a E. de Aveiro, junto ao Vouga.

Segura, pov. do distr. de Castello-Branco, donde dista 7 leg. a E., sit. junto da raia hespanhola e do rio Elgas; encerra 620 hab., algumas fortificações insignificantes, e um antigo castello que descortina a estrada.

Seixal, villa aprazivelmente sit. no riacho do mesmo nome que desemboca na esquerda do Tejo, 2 leg. em frente de Lisboa; contém 2,400 hab., gente do mar principalmente. Faz frente a *Amora*, e dista 1/2 leg. d'Arrentela. Foi nesta pov. do Seixal que em 1832 começou a cholera-morbus em Portugal.

Seixes ou **Odesseiche**, riacho que separa o Algarve do Alemtejo e se lança no Oceano, onde forma uma soffrivel bahia funda e muito piscosa, em lat. N. 37°, 20'. Veja-se *Fronteiras*, *Litoral*, &c.

Seixo do Ervedal, villa e freg. sit. 1 leg. ao N. de Cea e 12 a E. de Coimbra, 1,720 hab.

Seixo de Gatões, villa cujo conc. consta de 1,600 hab., 4 leg. a O. de Coimbra.

Selir ou **Salir** (**S. Sebastião do**), grande aldêa do Algarve, sit. 4 leg. ao N. O. de Faro: foi villa forte no tempo dos Mouros, e contém 1,900 hab. —*Selir do Mato*, villa do distr. de Leiria, sit. pouco mais de 1/2 leg. ao N. d'Obidos em fertil planicie abundante em cereaes, vinho, azeite, frutas, &c., e que fazia parte dos *coutos* do mosteiro d'Alcobaça. Julga-se ser a antiga *Selium* notada no Itinerario de Antonino, e se lhe deu o sobrenome de *do Mato* para a differençar de outra *Selir do Porto*, aldêa sit. contigua a S. Martinho, do mesmo conc., e com 400 h.

Semide, villa e freg. sit. a 2-1/2 leg. de Coimbra no declive da serra do mesmo nome, contém 2,030 hab. e um grande convento de freiras bentas. No alto da serra acha-se o *Sanctuario do Senhor do Monte*, lugar de muita romaria e frequentado ha mais de tres seculos.

Senhorim (**Cannas de**), villa sit. 2-1/2 leg. ao S. de Viseu, perto da direita do Mondego, com 1,506 hab., e todo o conc. com 5,000; é paiz frio, mas saudavel.

Senhorinha (**Santa**), pov. do conc. de Cabeceiras de Basto, abundante em milho, 960 hab.

Sernache dos Alhos, villa e freg. de 1,300 hab., a 1-1/4 leg. ao S. de Coimbra. —*Sernache do Bom Jardim*, freg. do conc. da Certãa, 8 leg. a O. de Castello-Branco, com 1,820 hab.

Sernancelhe, villa sit. 6 leg. a S. E. de Lamego, perto de Tavora, e cujo conc. tem 2,700 hab.

Serpa, antiga villa do Alemtejo no distr. de Beja, donde dista 3 leg. e pouco a E. do Guadiana, sit. em elevado terreno, cercada de antigos muros com baluartes, porém a fortificação vai-se sensivelmente arruinando. As suas casas, em geral, são de soffrivel apparencia com alguns jardins e fructiferos quintaes; no seu termo, que se estende umas 7 leg. até á raía da Andaluzia, abundão muito a caça grossa e o gado lanigero e suino, o azeite e vinho inferior, e dahi se faz consideravel commercio de contrabando com a Hespanha. A villa contém 4,600 hab., e todo o seu conc. 7,900. É patria do sabio naturalista abbade José Corrêa da Serra.

Serpins, villa com 1,140 hab., 4 leg. a N. E. de Coimbra.

Serras e **Montes de Portugal.** Basta só considerar a situação deste reino relativamente ao resto da Peninsula Iberica, a qual é de Nordeste a Poente percorrida por diversas e elevadas cordilheiras em seguida direcção, e entre as quaes sobresahem as Cantabricas e Asturianas, as de Guadarrama e Carpetano, as de Toledo e de Guadalupe, as Morena e Constantina, &c., para conhecer-se que as serras que seguem em Portugal tambem a direcção de Nordeste a Poente não são mais que uma continuação das sobreditas, com mais ou menos ramificações para outros rumos. Assim das de Culebra, Segundera e S. Mamede, que são ramos das Asturianas, se introduzem varios galhos na região de Trás-os-Montes, Minho e Douro, e entre elles são notaveis as serras da *Estrica* entre o Minho e o Lima; as do *Gerez* e *Marão*, que separão as duas antigas provincias de N. a S. Da cordilheira Guadarrama e Gata, sit. no reino de Leão, se desprende na Beira a vasta e elevada serrania da *Estrella*; das de S. Mamede e Guadalupe, sitas na Estremadura hespanhola, é um ramo a de *Portalegre* e *Portel* no Alemtejo, e da de Constantina ou Aroche na Andaluzia, bem que

cortada pelo Guadiana, fazem-lhe seguimento entre o Alemtejo e Algarve as de *Caldeirão* e *Monchique.*

Da situação e mais pormenores a respeito das supracitadas serras, de suas ramificações e dos montes ou picos destacados que mais avultão neste reino e ilhas, consultem-se nesta obra, além dos artigos supra, os seguintes: *Abelheira, Açor, Albardós, Alcaçovas, Alcoba, Alvayazere, Arga, Arrabida, Ayró, Besteiros, Bussaco, Caldeirão, Canaris, Cantaro Gordo, Cantaro Magro, Caramulo, Castro Laboreiro, Santa Catharina, Cintra, Falperra, Figo, Foia, Gaviara, S. Gens, Gordo, Gralheira, Guarda, Guardunha, Labruge, Louzãa, S. Macario, Marvão, S. Miguel, Minde, Momil, Monchique, Monsanto, Monte-de-Muro, Montejunto, Nogueira, Ossa, Ota, Palmella, Penhagarcia, Pico, Picota, Rebordãos, Reboredo, Ruivo, Soajo, Teixeira, Villarelho* e *Villa Pouca d'Aguiar.* Consultem-se tambem para mais esclarecimentos os artigos: *Alemtejo, Algarve, Beira, Entre-Douro e Minho, Estremadura* e *Trás-os-Montes.*

Sertema, pequeno rio que nasce na serra d'Alcoba junto ao Bussaco no sitio das Lameiras; lança-se no Couto; este entra no Agueda, o qual vai desembocar no Vouga.

Sesmas de Ourem, territorio. Veja-se *Tejo* e *Alemtejo.*

Setubal ou **Setuval**, a mais importante villa de Portugal, tanto pela sua feliz situação como pelo seu commercio, importancia e população que é de 17,000 hab., edificada na direita do rio Sado, onde tem um excellente porto com mais de 3 leg. de comprimento e 1/3 de largura, proprio para navios de todo o lote, e cuja entrada é defendida por duas fortalezas, a do Outão e a d'Albarquel: a de S. Philippe, construida por Philippe III, domina a villa e o porto. As suas ruas são geralmente estreitas, pouco asseiadas e suas casas baixas; encerra todavia algumas elegantes e até apalaçadas. Entre os edificios publicos distingue-se a casa da Misericordia; e quanto a gosto e

architectura antiga, sobresahe o convento de freiras de Jesus: o portal e as columnas que lhe adornão a sua igreja são de formosa pedra lioz vermelha extrahida das pedreiras da vizinhança da villa. A sua alfandega é pequena, porém o seu cáes de cantaria é amplo, excellente e permitte aos hiates descarregarem facilmente atracando de costado. Além deste cáes, possue um bello passeio na praia, algumas praças dignas de menção, e entre ellas a do *Sapal* no centro, e o vasto campo do *Bomfim*, planicie arvorisada tres vezes maior que o Terreiro do Paço em Lisboa, com um bellissimo chafariz; a da *Fonte Nova* e a da *Annunciada*, todas com suas copiosas fontes, e finalmente arredores deliciosos, superiores aos de Lisboa, adornados de numerosas quintas, promiscuamente plantados de arvores de espinho e de caroço. Um talentoso viajante estrangeiro, que recentemente escreveu sobre Portugal, diz a este respeito:

« Creio que não ha porção alguma de terra no mundo que encerre maior numero de larangeiras, as quaes, dispostas em apertados renques, enchem o valle inteiro como se fôra um só pomar. Este valle, que se estende até Palmella, fornece a maior quantidade das mais saborosas laranjas de Portugal, cultivadas em grandes quintas ou terrenos fechados, cingidos de muros ou de sebes, e parallelamente plantados. Nestes arredores, o proprietario de 6,000 larangeiras póde considerar-se abastado, e os pomares são tão contiguos uns aos outros, que, observados da altura da Palmella, parecem um unico laranjal, onde se vêm apparecer de espaço a espaço romanticas casas de campo com alvejantes paredes, risonhas aldêas e igrejas formando grupos pittorescos encravados n'uma vasta extensão de folhagem verde-escura. Este valle inteiro tem impresso o cunho da prosperidade de uma cultura de longos annos e de uma pacifica

e verdadeira alegria, por modo tal que não é possivel observar-se o mesmo em outros pontos do reino. » O principe de Lichnowski, *Recordações de Portugal* em 1842; traduzido do Allemão.

Ao Nascente da villa, depara-se como em acintoso contraste com um terreno onduloso e esteril que se dilata pouco mais de 1-1/2 leg. pelas margens do rio, e vai fenecer na agreste planicie das salinas. Por este lado devia cortar-se o projectado canal de communicação do Tejo com o Sado, o qual, estabelecendo a navegação interior da capital com Setubal, produziria immensas vantagens. Suppõe-se que já existíra em remotas éras, sendo o principal indicio de alluvião pouco elevado acima das aguas de ambos os rios que entre elles medeia.

Esta povoação, como já fica dito, occupa o mais importante lugar entre as villas portuguezas (não tem o fôro e accessorios de cidade por estar mui vizinha da capital), não só pela sua grandeza e numero de seus habitantes, como tambem por causa do seu commercio, que é consideravel, principalmente com Lisboa, Porto e paizes estrangeiros. Só no fabrico do sal se empregão regularmente 2,500 homens. As marinhas de Setubal se estendem ao longo do mar e do rio Sado n'uma distancia de 9 leg.; a agua salgada é introduzida nesses receptaculos por meio de canaes ramificados que se fechão logo que estão cheios. Quando em virtude do ardor do sol a agua tem seccado inteiramente, retira-se o sal em Junho, empilha-se em barracas ou se amontôa ao ar livre, cobrindo-o com camadas de junco para o preservar da chuva, e o destas marinhas ou represas é considerado o melhor da Europa. Accresce além disso darem-lhe os negociantes desse ramo dos paizes do Norte a preferencia sobre o de qualquer outro paiz, porque no mercado de Setubal os seus preços são constantemente invariaveis. Pagas todas as despezas, o

moio é posto na praia por 1$000 réis, e o preço da conducção paga-o o comprador por uma tarifa geral. Actualmente entrão todos as annos no seu porto cerca de 500 navios a carregar este genero, do qual levaráõ perto de 1,300,000 quintaes; esses navios são principalmente suecos, dinamarquezes, francezes, inglezes e russos. Em 1829 sahirão do seu porto 125,660 moios em 575 embarcações. Depois deste artigo, cuja exportação é animada pelos modicos direitos que paga, vem a laranja, limão, frutas seccas, azeite, vinhos brancos, entre os quaes o afamado *muscatel*, cortiça e grão. A pesca era consideravel antigamente; hoje apenas basta para consumo. Só em laranja e cortiça embarca annualmente o valor de mais de 60 contos de réis. Veja-se o artigo *Commercio*.

Em frente de Setubal, no meio do golfo que fórma o porto, vêm-se sobre uma estreita lingua de terra as ruinas a que se deu o nome de *Troia*, e que, pelas antiguidades que ahi se tem desenterrado em diversas épocas, parecem justificar a hypothese de ter esta pov. sido antigamente uma colonia phenicia e depois romana, cujo nome *Sætobriga* ou *Cætobrix* significa paradeiro de balêas; ignora-se com que fundamento, pois hoje ahi não apparecem: o mesmo se póde dizer da denominação de *Saint-Ubes* que lhe dão os Inglezes. Alguns escriptores portuguezes affirmão ser a mais antiga povoação hispanica, e que fôra fundada por *Tubal*, 5.° neto de Noé, 2,170 annos antes da éra christãa. Hoje encontrão-se já raramente essas antiguidades; porém ainda em 1814 alguns pescadores achárão uma caixa de metal encerrando um cadaver que se desfez em pó ao primeiro contacto do ar; continha além disso uma ambula que ainda exhalava cheiro de azeite, uma taça e um candieiro, tudo de prata e lavrado, com figuras em relevo, e mais de 150 medalhas, o que tudo se entregou ao governador de então,

D. Rodrigo de Lencastre. Parte destes objectos e outros identicos parece que actualmente parão em poder do vigario geral da villa.

Em 1833, uma divisão constitucional de 2,500 homens, commandada pelo duque da Terceira, sahio do Porto, desembarcou no Algarve, atravessou milagrosamente o Alemtejo, entrou em Setubal, que os miguelistas abandonárão, e 3 dias depois entrava na capital do reino, havendo derrotado na Piedade o tigre Telles Jordão. Em 1847, outra divisão da mesma força, do partido insurgente setembrista, ao mando do visconde de Sá da Bandeira, fez o mesmo transito, apoderou-se da mesma villa, onde se lhe reunirão triplicadas forças; porém ahi estacárão, sitiados pelas forças do governo commandadas por El-Rei em pessoa; e na unica e inutil sortida que fizerão perdêrão 500 homens e a artilharia: o resultado da luta foi ou entregarem-se ou fugirem em debandada para o Alemtejo.

Setubal está sit. 6 leg. a S. E. de Lisboa, em lat. N. 38°, 28'; long. O. de P. 11°, 14', e de Lisboa 6' orient. Veja-se *Fronteiras*, *Fortificações*, &c. É patria dos dous distinctos poetas Bocage e Vasco Mousinho de Quevedo.

Sever, rio cujo ramo principal nasce perto de Alegrete na serra de S. Mamede no Alemtejo, e outro na Estremadura hespanhola, corre de S. a N., onde serve de raia a Portugal por espaço de 6 leg., passa pelas escabrosidades de S. Salvador de Aramenha, pov. conhecida dos antigos com o nome de *Meidubrigensis Plumbaria*, pelas abundantes minas de chumbo que ahi se exploravão, e das quaes se vêm ainda as covas (veja-se *Aramenha*), e desagua na esquerda do Tejo, 1 leg. ao N. de Montalvão, quasi em frente da foz do Ponsul, com 8 leg. de rapido curso.

Sever, villa sit. perto do Vouga no distr. de Viseu, donde dista 8 leg.: a villa contém 600 hab. e o conc. 3,900.

Ha mais duas pov. do mesmo nome, a 1.ª no conc. de Santa Martha de Penaguião, distr. de Villa-Real, com 800 hab., e a 2.ª a 2 leg. de Lamego, com 900.

Silgueiros, aldêa sit. a 1-1/2 leg. de Viseu, com 2,580 hab. e muita caça nas suas cercanias.

Silva. Deste nome ha meia duzia de pov. no reino, todas de diminuta importancia, sendo as mais povoadas, uma no conc. de Valença, com 900 hab., e outra no de Estarreja, com 1,000.

Silvares, freg. do conc. do Fundão, 1,300 hab. Ha outra no de Lousada, a 5 leg. do Porto, com 770 hab.

Silveiros, aldêa sit. a 2-1/2 leg. de Braga, 600 hab.

Silves, cidade do Algarve, antiga capital de Reis mouros, celebre então pela riqueza e numero de seus habitantes, e hoje digna de lastima pela ruina de seus edificios e de sua opulencia. Está sit. na esquerda do Portimão, onde tem uma bella ponte de pedra a 2-1/2 leg. da sua foz. D. Sancho I, auxiliado por uma armada de Cruzados, a tomou aos Mouros depois de renhido cerco em 1242 e a erigio em bispado. Perdida pouco depois, foi recuperada em 1266 no reinado de D. Affonso III por D. Paio Perez Corrêa, entregando-se os Mouros á discrição. Seu ultimo Rei Aben Afan, querendo salvar a vida fugindo, afogou-se no sitio do *Pulo*. Foi tida por muito tempo como capital do Algarve, e ainda em 1579 ahi residia a séde episcopal na pessoa do insigne D. Jeronymo Osorio, quando foi transferida para Faro. A sua Sé, de architectura gothica, hoje desfigurada com reconstrucções, foi mesquita por alguns seculos.

Foi esta cidade bastante extensa e muito afastada do seu actual recinto, o que bem comprova a grande quantidade de muros e edificios arruinados que se encontrão nos seus arredores. Pelo terremoto de 1755, desabou quasi toda, escapando sómente intactas 20 casas. Ainda

nella se encontrão os celleiros subterraneos onde os Mouros costumavão arrecadar seus fructos, conservando-se os antigos muros, o castello e a sua magnifica cisterna de 12 varas de lado, que póde conter agua para toda a cidade durante um anno de cerco. O seu commercio, outr'ora florescente, hoje pouco avulta, para o que tambem tem contribuido o aterro do seu rio, pelo qual recebia embarcações de alto bordo, e hoje só lanchas. As suas circumvizinhanças abundão em fruta de espinho, figo, cereaes, canna de assucar, amendoa e alfarroba. O espirito de associação que se vai desenvolvendo nos seus habitantes faz nascer a consoladora esperança de recuperar a sua antiga prosperidade. Em 1836, plantou-se uma grande alameda de amoreiras no largo do castello com o intuito da criação dos bichos de seda, o que não poderá deixar de prosperar em razão da amenidade do clima, trabalhando-se tambem com diligencia no asseio, aformoseamento e reedificação da cidade. Contém apenas 2,400 hab. e o conc. 10,572; dista 7-1/2 leg. a O. N. O. de Faro, 2 de Portimão e 36 a S. E. de Lisboa.

Silvestre, aldêa sit. a 1-1/2 leg. de Coimbra, 1,000 h.

Sindim, villa e freg. a 5 leg. de Lamego, com 1,200 h. Ha outra pov. do mesmo nome e de igual numero de hab. no distr. de Bragança e a 3 leg. de Miranda.

Sines, villa e freg. do Alemtejo no distr. de Beja, donde dista 18 leg. a O., e 20 ao S. de Lisboa, com um pequeno porto no Oceano, onde em 1834 foi mandado embarcar D. Miguel n'uma fragata ingleza para sahir do reino depois da convenção de *Evora-Monte* (veja-se). A villa encerra 1,700 hab., 6 ruas rectas e casas bastante regulares; abunda em peixe, fructos, bom vinho, cereaes e exporta todos os annos uns 15 contos de réis de cortiça, afóra alguma laranja e grão. « A sua bahia ou enseada, diz o illustre visconde de Villarinho de S. Romão (*Revista Lisb.*,

4.° vol., pag. 429), é importantissima, e se nella se fizessem as obras necessarias para abrigar os navios de commercio e barcos de pesca, toda essa grande extensão de litoral receberia o sopro da vida que lhe falta: immensas terras ferteis, quasi todas baldias, ou que só produzem arvoredos para carvão, serião utilisados, e todo o paiz cultivado desde Messejana até Beja, e dahi á serra de Monchique, acharia consumo para os seus productos agricolas no infallivel augmento de população devido ao commercio e ás pescarias que de repente se verião crescer e prosperar, pois virião pescadores de todo o litoral e do Algarve aproveitar-se do abrigo do seu porto e da vizinha praia de S. Torpes, continuamente visitada por immensos cardumes de peixe de emigração que ahi passão todos os annos nas suas arribações para o Mediterraneo, e no seu regresso para o mar do Norte. Alguns destes cardumes tem mais de 3 leguas de extensão e gastão 4 a 5 dias na sua passagem, &c.» E acaba indicando os meios de ajudar a natureza no que já fez, fechando ou abrigando a mesma enseada, e orçando a sua despeza total em 90 contos, e os meios de a suavisar, ou até de a tornar nulla ao governo. Aqui nasceu em 1450 o grande almirante D. Vasco da Gama, 1.° Conde da Vidigueira.

Sinfans, villa e freg. a 4 leg. de Lamego, 2,510 hab.

Sizandro, pequeno rio que nasce perto do lugar da Zibreira, passa por Torres-Vedras, e junto com outro menor desagua no mar 3/4 de leg. ao N. da Ericeira.

Soajo ou **Suajo**, villa e freg. do distr. de Vianna, sit. 9 leg. ao N. de Braga, em paiz desabrido na serra da Gavieira, 70 leg. ao N. de Lisboa. A população do conc., que excede 1,800 hab., é mui rude e selvatica, bem como a de Castro-Laboreiro (veja-se), remotamente sit. em escabrosos e ingratos terrenos. Pouco mais a N. E. fica a serrania de *Soajo*, cujo ponto culminante, tambem do

mesmo nome, é um dos mais altos cumes de todo o reino; julga-se ter 7,400 pés ácima do nivel do mar: encerra muitos lobos, assim como a da *Estrica*, tambem de consideravel altura, sit. para o Poente, e que se póde considerar um ramo da de Soajo. Veja-se *Serras e Montes de Portugal* e *Entre Douro e Minho*.

Soalhães, amena pov. de 2,000 hab. no conc. de Penafiel, a 9 leg. do Porto.

Soberbo, rio. Veja-se *Tavora*.

Sobrado, aldêa do conc. de Penafiel, a 4 leg. do Porto, com 1,000 hab.—*Sobrado de Paiva*, no conc. de Paiva, sobre o mesmo rio e a 1 leg. do Douro, com 700 hab.

Sobral, pov. do distr. de Coimbra, donde dista 7 leg., no conc. de Tondella, com 1,950 hab.—Ha outra do mesmo nome no conc. de Torres-Vedras, 6 leg. ao N. de Lisboa, com 900 hab.;—outra a 2 leg. de Thomar, denominada da *Igreja Nova*, com 1,000;—outra, villa e freg. proxima a Torres-Vedras, denominada do *Monte Agraço*, com 1,050; —e outra, pov., denominada da *Serra*, a 2 leg. da Guarda e 50 de Lisboa, com 600.

Sobralinho, amenissimo e aprazivel lugarejo sit. a meia hora do caminho de Alhandra, pouco arredado do Tejo. Aqui tem o duque da Terceira uma elegante quinta com o mesmo nome, no estylo dos *cottages* inglezes, adornada com todo o gosto.

Sobreira, pov. do conc. d'Aguiar, a 4 leg. do Porto, 1,000 hab.—*Sobreira Formosa*, villa e freg. do distr. de Castello-Branco, 2,492 hab. O seu conc. dista 9 leg. a E. de Thomar, é montuoso e produz castanha e gado.

Sobreiro de Baixo, pov. do conc. de Vinhaes; contém 680 hab., 6 leg. a O. de Bragança perto do Tucla.

Sobrosa, pov. de 1,990 hab. no conc. de Penafiel, e a 5 leg. a E. do Porto.

Solho, riacho do distr. de Braga, o qual nasce 1-1/2 leg.

a N. E. de Fafe, volteia para O., e seguindo depois para o S., desagua no Ave com 5 leg. de curso, perto de Landim. Erradamente lhe chamão tambem *Selho*.

Solor, Timor, Flores, &c. Veja-se *Macáo*.

Sor ou **Soro**, rio do Alemtejo, nasce perto de Tolosa e de Amieira, 3 leg. ao N. do Crato, e entra com 10 leg. de curso na direita do Zatas, que tambem ahi se chama Ervedal: limita ao N. as Sesmas de Ourem.

Sorraia, riacho do Alemtejo que banha os terrenos sit. ao N. da região inferior do rio Zatas, sahe de uma grande pateira sit. ao N. de Coruche, e se lança no Tejo em Salvaterra de Magos com 5-1/2 leg. de brando curso.

Sortelha, villa sit. 4 leg. ao S. O. da Guarda no meio da serra da Atalaia em alto penhasco, perto da origem do Coa: tem um castello e 900 hab., e o seu termo, que encerra 3,900, abunda em centeio, milho, gado e caça.

Soure, antiga villa fundada pelo conde D. Henrique, junto ao rio do mesmo nome, 1-1/2 leg. antes de desaguar na esquerda do Mondego; está sit. 4 leg. ao S. de Coimbra, porém pertence ao distr. de Leiria, donde dista 5-1/2 leg., e 31 de Lisboa: consta de 3,700 hab. Aqui nasceu em 1669 o grande marquez de Pombal. O rio, que tambem se denomina *Anços* e *Arunca*, nasce 1/2 leg. a E. de Leiria, e na sua confluencia com o Mondego tem 8 leg. de curso. O termo da villa é abundantissimo de grão, vinho, frutas, azeite, caça e colmêas; é um dos mais saudaveis e aprazi veis cantões de Portugal.

Sousa ou **Souza**, rio da prov. do Douro, o qual nasce na serra d'Alvo ou d'Alvão, entre Couto de Pombeiro e o priorato de Caramos, no conc. de Felgueiras; deslisa-se mansa e sinuosamente por espaço de 8 leg. até entrar no Douro, 6 leg. a E. do Porto. Desde a villa de Amarante até á cidade de Penafiel ou Arrifana, não se encontra outro rio mais notavel do que elle, divagando por um espaçoso e

frondoso valle, tendo a E. a mesma serra d'Alvo e galhos da de Santa Catharina. Na estrada real de Penafiel para o Porto tem uma ponte de pedra, e o riacho Ferreira, que lhe fica 2 leg. a O., tem duas tambem da mesma materia, uma no lugar a que dá o nome (Ponte Ferreira), e outra em Sangomil, por onde passa a estrada de Canavezes. Entre o Porto e o rio Ferreira só se encontra o pequeno rio Tinto a 1 leg. de ambos: veja-se o mesmo e *Porto*.

Sousa ou **Souza**, villa e freg. sit. 2 leg. ao S. de Aveiro, e 1 milha d'Esgueira, com 3,715 hab.

Sousa ou **Souza**, ou **Foz de Souza**, pov. sit. perto da foz do rio do mesmo nome, 6 leg. a E. do Porto, com 950 h. —*Passo de Souza*, antiga aldêa sit. tambem sobre o mesmo rio, mais acima, a 5-1/2 leg. do Porto, contém 1,900 hab. Foi aqui que nasceu e residio por muito tempo o celebre D. Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques, e pretendem que edificasse ou augmentasse este seu solar sobre um mosteiro edificado em 956, e onde tem o seu tumulo com data de 1182, peça curiosa e original. Veja-se o 1.° vol. do *Panorama* a pag. 101.

Soutello. Com esta denominação ha no reino perto de 12 pov., todas insignificantes; por isso não vem aqui notadas.

Souto. As principaes terras de Portugal que tem este prefixo são as seguintes: — 1.ª, aldêa sit. no conc. de Sabugal, 1,000 hab.; — 2.ª, no de Abrantes, 28 leg. a E. de Lisboa, 1,760 hab.; — 3.ª, freg. do conc. de Ponte do Lima, a 3 leg. de Braga, 500 hab.; — 4.ª, *Souto da Carpalhosa*, a 2 leg. de Leiria, 1,560 hab.; — 5.ª, *Souto da Casa*, no distr. de Castello-Branco, 900 hab.; — 6.ª, *Souto Maior*, no conc. e distr. de Villa-Real, 910 hab.; — finalmente, *Souto Redondo*, agradavel pov. sit. 4-1/2 leg. ao S. do Porto e quasi 1 da villa da Feira, a cujo conc. pertence; contém 1,300 hab., e é celebre pela derrota que nella soffreu o exercito libertador a 7 de Agosto de 1832. Havião

já os miguelistas perdido a primeira e segunda posição, e a victoria ia coroar como de costume a fronte do general Villa-Flôr, quando uma voz de terror pôz em debandada as suas tropas, que de vencedoras passárão a ser vencidas: « Estamos cortados pela cavallaria inimiga, salve-se quem puder, » bradou o capitão Rebocho de caçadores 12, e a este commando tudo foi confusão e desordem, começando por caçadores 12 compostos de recrutas; a retirada até ao Porto converteu-se em fuga, perdendo os liberaes uns 500 homens, e terião ficado anniquilados se o general Povoas os perseguisse como devêra.

Souzel, villa do distr. de Portalegre, 2 leg. a N. O. d'Estremoz, contém 1,630 hab., muita caça e colmêas.

Sovereira. Veja-se *Sobreira.*

T

Táboa, villa de 1,920 hab. perto de Cea e 8 leg. a E. de Coimbra: o conc. contém 2,600 hab.

Taboaças, aldêa de 800 hab. no conc. de Vieira.

Taboaço, villa a 4 leg. a E. de Lamego, com 950 hab.

Taipas, pov. do Minho que possue caldas afamadas.

Tamega, rio que nasce na Galliza, na serra de S. Mamede, perto de Serboy, corre para o S. e entra dahi a 9 leg. em Portugal, no distr. de Bragança, onde rega o fertil e delicioso valle de Chaves; tem nella uma grandiosa ponte de pedra feita pelos Romanos: deslisa-se pelos pedregosos campos da base do Marão obliquamente, penetra na prov. do Minho depois de ter recebido o Beça e outros, passa por Amarante e Canavezes, e desagua no rio Douro 7-1/2 leg. a E. do Porto, com um rapido e

sinuoso curso de 27 leg., quasi em frente da foz do Paiva; por isso se chama a este sitio *Entre ambos os Rios*. O sabio hydraulico-architecto visconde de Villarinho de S. Romão, no jornal *Revista Lisbonense*, n.° 3877, propõe um intelligente methodo para canalisar este rio desde o Douro até mais de 1 leg. acima de Amarante, pela modica quantia de 50 contos de réis, donde resultará immensa vantagem a todo o paiz cercanio, que duplicará ou triplicará de valor em razão da facilidade da extracção dos generos, até agora mui difficil, por estar situada aquella terra n'uma cova, e encerrando muitos productos agricolas para fornecer o mercado do Porto e exportar, a saber: vinhos verdes iguaes aos de Bordéos, lãas em bruto de todas as povoações do Marão, queijos, manteiga, madeiras de castanho, carvalho e nogueira, cereaes, carnes, &c. Poder-se-hia até esperar que esta navegação interna chegasse até Chaves, o que é mui possivel e muito vantajoso. Os fornecimentos desta praça serião então mais facilmente feitos, em vez de os levar á Regoa, bem como abriria um curto e facil caminho aos habitantes do alto de Trás-os-Montes para com o seu emporio e direita descarga que é a cid. do Porto. Passa este caudaloso rio pelas pontes de Cavez, Mondim, Amarante, Canavezes e outras: a 1.ª, 2.ª e 4.ª são de construcção antiga, e a 3.ª é moderna, com 3 arcos e das mais bem fabricadas de todo o reino pela sua firmeza e elegante architectura. Ainda que o Tamega corra um tanto estreitado por causa da altura de suas margens, amenisão-as comtudo alguns deliciosos e ferteis valles, e na sua baixa região abunda em saveis, lampreias e mugens que sobem do Douro.

Tamega, pov. Veja-se Santa *Cruz de Riba-Tamega.*

Tancos, villa do distr. de Santarem, donde dista 6 leg. ao N. E., e 3 ao S. de Thomar, sit. sobre a direita do

Tejo, 700 hab. É pov. antiga, e o seu termo da margem esquerda é muito abundante de frutas e hortaliças.

Tangil, freg. de 1,400 hab., do conc. de Valladares.

Tarouca, antiga villa sit. 2 leg. ao S. de Lamego, com 1,700 hab., e todo o seu conc. com 3,200. O extincto mosteiro que havia nesta villa foi o primeiro da ordem deCister que se fundou no reino, e para elle mandou S. Bernardo 8 monges em 1147. Forão estes que acompanhárão D. Affonso Henriques quando veio de Coimbra tomar Santarem aos Mouros, e este monarcha lhes prometteu que, se lograsse esta conquista, legaria ao mesmo Santo e aos seus monges *todas as terras que avistava daquelles montes* (Albardós), *aguas vertentes ao mar* (Coutos d'Alcobaça), como com effeito fez. Veja-se *Alcobaça.*

Tavares, grande conc. sit. a 4 leg. de Viseu, com 2,560 hab. — *Tavares*, rio. Veja-se *Tavora.*

Taveiro, pov. de 1,280 hab., sit. perto da esquerda do Mondego, a 1 leg. de Coimbra.

Tavira, antiga, aprazivel e importante cidade, que alguns pretendem ser a antiga *Balsa* dos Romanos. Foi tomada aos Mouros pelo famoso D. Paio Peres Corrêa em 11 de Junho de 1242. Quando o Rei de Castella abandonou as pretenções que tinha sobre o Algarve, fez entregar a D. Affonso III de Portugal as chaves desta então villa, em 1267. D. Diniz reparou as suas muralhas, augmentou seu recinto, e D. Manoel a creou cidade em 1520. Padeceu muito com o terremoto de 1755. Os governadores generaes do Algarve fizerão quasi sempre a sua residencia nesta cidade, e hoje mesmo é ella a séde da 8.ª divisão militar. Está sit. em terreno agradavel, cortado pelo rio *Tavira* ou *Asseca*, onde tem uma bella ponte de pedra de 7 arcos, o qual a divide em duas partes, e mais abaixo desagua nelle o riacho *Gilão.* As suas ruas são geralmente regulares, contendo alguns soffriveis edificios, o primeiro dos

quaes é o palacio do governo, e depois os quarteis; tem uma bonita praça rectangular com bons paços da Camara. Antes da extincção dos conventos continha 7, sendo 5 de frades. Entrando-se na cidade pelo lado do rio, offerece ella um lindo painel, avistando-se de ambas as partes fazendas bem cultivadas de vinhas, alfarroba, cereaes e laranjas, marinhas, amenos casaes, moinhos e preparos de pescadores; segue-se a cidade com suas branqueadas habitações, verdejantes quintaes, e no fundo a serra do Caldeirão desdobrando-se suavemente para a baixa região em varzeas e encostas de relva, searas e arvores fructiferas em continuo viço.

As suas pescarias forão de grande monta, porém hoje para pouco mais do que o seu consumo fornecem, exportando apenas entre peixe salgado e alfarroba uns 24 contos, occupando-se principalmente a gente do mar no transporte dos generos do paiz, na lavoura e na cabotagem do reino, Gibraltar, Cadiz, Laraxe, &c. O seu porto tambem admittia embarcações de alto bordo, das quaes chegou a possuir 70; hoje na baixa-mar apenas dá 8 palmos de sonda. Esta decadencia data principalmente do principio do reinado de D. João IV pelos annos de 1645, em que um contagio que durou mais de um anno affligio todo o Algarve, mas sobretudo esta cidade, cuja mortandade em seus arredores um autor de credito faz chegar a 40,000 pessoas. Tavira contém 8,640 hab. espalhados em duas unicas freg., Santa Maria, cuja igreja foi mesquita e onde está o jazigo de D. Paio Peres Corrêa, que a purificou, e a de S. Tiago, elegante templo moderno de uma só nave. Além dos muros que por terra a defendem, tem duas fortalezas maritimas. Acha-se sit. no Oceano meridional, 4 leg. a O. da foz do Guadiana, 5 a O. de Faro e 40 a S. E. de Lisboa. Lat. N. 37°, 7'; long. O. de P. 9°, 50'. Perto de 1-1/2 leg. a E. fica a praia e villa de *Cacella*, onde o duque

da Terceira desembarcou em 1833 a sua aventureira expedição. Veja-se a mesma *Cacella.*

Tavora, rio da Beira-Alta, nasce perto de Trancoso e desagua na esquerda do Douro com 11 leg. de curso, 1 leg. a E. de Lamego e 1/2 ao N. da villa do mesmo nome, que contém 450 hab.; recebe o Tavares á esquerda e o Dadens á direita. Depois do supplicio do marquez de Tavora como regicida, em 1758, este rio recebeu o nome de *Soberbo*, que hoje se acha esquecido.

Teixeira, pequena serra do conc. de Moncorvo, estende-se entre os rios Douro e Sabor, perde o seu nome e toma os dos sitios por onde vai passando até finalisar no Reboredo.

Teja, rapida e caudalosa ribeira da Beira-Alta, a qual passa por Freixo de Numão e desagua no Douro 1 leg. a S. O. do rio Sabor.

Tejo, o maior rio da peninsula Iberica, nasce na serra d'Albarracin no Aragão em lat. N. 40°, 38', e long. O. de Paris 3°, 39'. Ao principio segue a direcção de N. O., e depois a de O. até entrar na prov. de Soria; atravessa as de Guadalaxara, Madrid, Toledo, Estremadura hespanhola, parte da portugueza, havendo antes dividido a Bèira do Alemtejo, e finalmente entra no Oceano 2-1/2 leg. a S. O. de Lisboa em lat. N. 38°, 40', com 170 leg. de curso sendo em Portugal 56, contando as suas sinuosidades, e 43 em linha recta desde Cascaes até o termo de Rosmaninhal.

Depois de haver recebido diversas torrentes e ultrapassado o Salto de Bolarque, onde se lhe reune o Guadiela, seguindo-se-lhe algumas cachoeiras onde fórma profundas bacias, deslisa-se mansamente pelos campos de Zurita e Villamanrique até os deliciosos bosques de Aranjuez. Antes de chegar a este palacio Real, recebe o Jarama, que é um dos seus mais consideraveis affluentes

engrossado com o Tajuna, e cerca de 4 leg. mais abaixo de Toledo recebe o não menos caudaloso Guadarrama. O Alberche, muito mais consideravel que este, tambem é seu tributario perto de duas milhas antes de chegar a Talavera de la Reina, formando nesse sitio uma forte posição militar, onde foi dado o sanguinolento combate do mesmo nome entre o exercito alliado Hespano-Anglo contra os Francezes, no qual estes, commandados pelo proprio intruso Rei José Bonaparte, forão completamente destroçados, deixando no campo 6,000 mortos e feridos. Segue-se o Tietar, que na long. 8° 20' O. de P. faz a sua confluencia pela margem direita, depois de haver regado alguns ferteis e povoados valles ao N., porém depois atravessa outros ao S. tristes e solitarios, cobertos apenas de brejos e sobreiros com vivos signaes de recente despovoação. O tortuoso Alagon, que ora corre entre penhascos destroncados, ora por selvaticos montes ou fertilissimas campinas, vem desembocar 1/2 leg. a E. da cidade de Alcantara, a qual communica com a direita do Tejo por uma grandiosa ponte construida pelo Imperador Trajano; está em lat. N. 39° 44', e long. O. de Paris 9° 6', perto de 1 leg. da raia da provincia da Beira em Portugal, a qual separa o rio Elgas, sendo o primeiro que por esse lado afflue ao mesmo no seu territorio. Seguindo o curso do Tejo já áquem da fronteira, desembocão nelle o Aravil a 5 leg., junto á aldêa do Rodão; dahi a 4, o Ponsul assaz caudaloso, e o Laca ou Vereza em igual distancia mais abaixo; este é tambem consideravel, e formado dediversos affluentes: passa junto de Castello Branco e desemboca 2 leg. abaixo da Villa Velha de Rodão, em frente do riacho Figueira, que vem do Alemtejo.

Passadas mais 3 ou 4 torrentes de pouca importancia, encontra-se o Zezere, affluente de bastante consideração, que baixa da serra da Estrella com um curso de 26 leg.,

e conflue com o Tejo junto á villa de Constancia 2-1/2 leg. a S. O. d'Abrantes. Em seguida até chegar á barra de Lisboa encontrão-se os riachos Almonda, Alviella, Rio Maior, Alemquer, Sacavem e Oeiras.

O valle do Tejo é muito mais estreito pela parte do S. que pela do N., e os affluentes que recebe pela margem esquerda são geralmente de menos consideração que os acima mencionados; até em muitos sitios, como por exemplo entre Fontiduenha e Taracon, na estrada de Madrid a Valencia, apenas se percorre 2 leg. quando as aguas se dirigem já para o Guadiana, distante dahi a mais de 25. O principal braço do Guadiela, que já em Priego é consideravel pela reunião dos rios Corvo, Escabas e Trabaque, que descem das encostas dos mesmos serros onde nascem o Tejo e o Incar, é o primeiro e unico affluente de importancia que recebe pela margem esquerda e na parte superior do seu curso. Vem depois cortando um paiz desigual e alcantilado ao sahir do qual se encontrão as vastas planicies que nos confins das provincias de Cuenca e de Toledo se unem ás da Mancha em elevados montes. Em todo este longo tracto de terreno, os mais notaveis affluentes são: o Cedron, Guardacedroz, Algodon, Lusó, Ibor, Almonte, Salor ou Sabor, &c., e finalmente o Sever, que, correndo já em territorio portuguez, separa parte do alto Alemtejo da Estremadura hespanhola. Aqui começão as suas aguas a inclinar-se mais para S. O., recebendo em seguida os riachos de Niza, Figueira, Torto, Alpiaça, Sorraia, &c., e logo depois o Ervedal ou Zatas, que é o mais consideravel de todos os seus affluentes neste reino, augmentado pelo Erra, Odivor, Sor, Aviz, &c., e limita pelo S. os terrenos denominados *Cesmas* ou *Sesmas de Ourem*; atravessa as planicies de Benavente a Coruche, as quaes denotão terem sido lago ou alveo do mesmo rio em época remota, e entra no Tejo

com larga embocadura, desde onde se póde já este considerar um golfo, a não estreitar-se diante da capital, porquanto dahi até Lisboa medeia a sua largura de 2 a 3 leg. encerrando as extensas *Lesirias*.

O referido territorio das *Sesmas de Ourem* fórma uma peninsula sit. entre o Zatas unido ao Sor e o Tejo; deslisão por seus outeiros quasi desertos bastantes riachos, e por entre elles se depara com bons pastos. Nas partes mais elevadas deste cantão meio deserto, cujas faldas estão cobertas de bosques de medronheiros, sarças e carrasqueiros, se notão algumas desigualdades no terreno e nos seus barrancos differentes lagôas ou pateiras sem desaguadouro, formadas por aguas de chuva e dos seus riachos, a maior parte das quaes se conservão no mesmo nivel só pelo effeito da evaporação, outras estagnadas se resecção e produzem uma atmosphera sezonatica. Veja-se *Alemtejo*. Certa physionomia particular, que inspira a idéa de um volcão em tempos antigos, caracterisa esta especie de solidão pouco conhecida, a qual em seus productos naturaes apresenta os mesmos que o Algarve, os terrenos entre o Sado e o mar e as ilhas dos Açores. Do Zatas ou Ervedal, que desemboca em lat. 38° 58', até o mar, nenhum affluente digno de menção se encontra, á excepção do Almanzor ou Canha, que conflue pouco mais de 1 leg. a S. O.

Ainda que bastante caudaloso, não é o Tejo navegavel para cima de Villa-Velha, que dista de Abrantes 9 leg., e mesmo até ahi chegão os barcos com difficuldade, por se achar o seu leito muito obstruido e deteriorado, em razão de se não cumprirem os regimentos antigos para o desentulhar. Diversas tentativas se tem feito para o tornar navegavel: a primeira foi em 1581 executada pelo engenheiro Antonelli, o qual, embarcando-se no Jarama perto de Madrid, desembocou neste rio e navegou por elle abaixo

até Lisboa em perfeito commodo. Verificado este reconhecimento, mandou Philippe II construir 7 barcas adaptadas ao intento, em Toledo, no sitio que ainda hoje se chama *plazuela de las barcas*, e carregadas de trigo, descêrão até Lisboa, gastando no transito 15 dias sem o menor prejuizo. Repetio-se o mesmo em 1588 e 1589, conduzindo-se a esta capital grande porção de cereaes e outros generos, e no decurso de alguns annos foi em tanto augmento essa navegação, que os pannos e tecidos de Toledo e Talavera erão mui communs em Lisboa, transportados por agua, e as fazendas de manufactura portugueza e do norte da Europa, conduzidas pelo Tejo acima, achavão prompto consumo no centro da Hespanha.

Nada nos consta que motive o abandono desta empreza, que se extinguio no seguinte reinado. Em 1829 reproduzio-se a mesma tentativa. O engenheiro hespanhol Marco Artu veio n'um barco de Aranjuez a Lisboa, passando por Toledo em 10 de Abril, transportando-o ás vezes por terra para evitar as presas d'agua, e continuando-o a marcar nos sitios navegaveis. Fez segundo reconhecimento rio acima n'outro barco chamado *Tejo*, construido em Lisboa; não obstante, tudo tem ficado até hoje em projectos e ensaios por causas que ignoramos, sendo porém inquestionaveis as vantagens que para a agricultura e commercio de ambos os paizes resultarião da navegação desimpedida deste grande rio. Diversas propostas para esse fim tem sido ultimamente apresentadas ao governo por companhias; não nos consta porém haver sobre ellas definitiva resolução, e só tem vingado a parte da sua canalisação emprehendida pelo marquez do Fayal. Veja-se *Azambuja*.

Telões, pov. do conc. de Celorico de Basto, com 1,200 hab. Ha outra com 1,300 no de Villa Pouca de Aguiar, 2 leg. ao S. de Chaves.

Tendaes, villa sit. a 4 leg. de Lamego, 1,760 hab.

Tentugal, villa e freg. de 2,000 hab., sit. em ameno e fertilissimo campo, 2 leg. a N. O. de Coimbra e a 1 do Mondego. No seu conc. do lado de Cadima, ha uma fonte ou grande fôjo denominado da *Fervença*; que sorve tudo quanto lhe lanção dentro: parece ser aqueducto subterraneo natural, cuja particularidade já era conhecida no tempo de Plinio.

Terena, villa sit. 7 leg. a E. d'Evora e 2 a O. do Guadiana, contém 800 hab., e o seu conc. 1,600. Está em sitio alcantilado, abundante de grão, azeite e gado.

Terrugem, pov. do conc. de Cintra, a 4 leg. de Lisboa, 1,100 hab. Ha outra a 2 leg. d'Evora.

Theotonio (S.), freg. do Alemtejo no conc. de Sines, com 3,100 hab., em paiz pouco cultivado e arenoso.

Thirso (Santo), villa e freg. sit. 4-1/2 leg. a N. E. do Porto e 56 de Lisboa, contém 1,560 hab. Durante o cerco do Porto em 1832 e 1833, foi por algum tempo o quartel general dos miguelistas. Chama-se tambem *S. Thyrso de Riba d'Ave*, e tinha um grandioso e antiquissimo mosteiro benedictino, cuja fundação gothica data do anno de 713, e foi reedificado em 1094. Os seus religiosos se utilisavão das aguas do rio Leça, as quaes fizerão canalisar pelo espaço de quasi 2 leg. É um dos mais ferteis e deliciosos cantões de Portugal e patria do poeta Jeronymo Côrte-Real.

Thomar, creada cidade em 1846; havia mais de tres seculos que passava por uma das principaes povoações do reino. Está sit. perto das ruinas da antiga *Nabancia*, em fertil e deliciosa planicie, muito abundante de oliveiras, vinhas e pastos, na direita do rio Nabão, que desagua 2 leg. a S. E. no Zezere, e cujas aguas aproveitadas dão movimento a machinismos que poem em movimento mais de 10,000 fusos empregados em fiar algodão, cujos tecidos formão o primeiro estabelecimento deste genero em todo o reino. Tem igualmente fabricas

de seda e um vastissimo convento, que era o maior e mais rico de Portugal (exceptuando-se o de Alcobaça), principalmente em commendas e bens de mão-morta, que pertencia aos freires da ordem de Christo, e onde sempre habitava o D. Gran-Prior, gigantesco edificio e venerando monumento de gloriosas recordações nacionaes. Os cavalleiros templarios, já estabelecidos no reino em tempo do conde D. Henrique, herdárão varias doações deste, e de D. Theresa sua esposa, em recompensa da incessante guerra que fazião aos Mouros. Seu filho D. Affonso Henriques, escolhendo alguns delles e juntando-os com outros decididos filhos da victoria, assenhoreou-se de Santarem por sorpresa em 1147, havendo previamente feito voto de lhes conceder todos os direitos ecclesiasticos da villa e termo, se fosse feliz na empresa. Verificou-se isto; tomárão a devida posse; mas, em consequencia de contendas com o bispo de Lisboa D. Gilberto, para desistirem deu-lhes El-Rei outros terrenos não mui afastados, onde edificárão o castello de Thomar, perto do sitio onde soffrêra o martyrio Santa Iria, sendo seu gran-mestre D. Gualdim. Ficou pois este sendo cabeça da ordem, a qual foi ganhando grande incremento, tanto que D. Affonso Henriques, em 1169, a encarregou da defesa do Alemtejo, outorgando-lhe um terço de tudo quanto conquistasse aos Mouros.

Em 1190, reinando já D. Sancho, veio o califa Jacub, com um numeroso exercito de Mouros, pôr cerco ao castello de Thomar; porém, depois de porfiada resistencia da parte dos freires, não conseguindo vencê-los, assolárão todos os contornos e levantárão campo. Este prodigioso successo se acha esculpido ainda hoje n'uma lapide do castello, em latim barbaro que diz: « Em 1190, a 3 de Julho, veio o miramolim de Marrocos com 400,000 homens de cavallo e 500,000 de pé combater este cas-

tello; teve-o cercado 6 dias, destruindo tudo quanto se achava fóra de seus muros: foi Deos servido livrar o mestre D. Gualdim e seus freires, retirando-se o mesmo califa com os seus barbaros para a patria. » (Os curiosos de taes prodigios que tratem de verificar este.) Pertença o maravilhoso desta legenda a quem a inventou; mas quanto á honra da victoria, se a houve, foi devida indubitavelmente aos freires. Havendo porém durado esta ordem 214 annos, foi extincta pelo Papa em 1311. El-Rei D. Diniz instituio outra, a de Christo, em 1319, para a substituir no mesmo intuito dos distinctivos e bens e até habito, estabelecendo a sua séde em Castro-Marim, sendo um de seus primeiros gran-mestres o sabio infante D. Henrique, que a enriqueceu legando-lhe todos os rendimentos das terras que por sua ordem se descobrirão nos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Affonso V, e os do seu patrimonio que erão mui avultados. Tambem durante o seu governo, em 1449, começou o convento de Thomar a ser a casa mestral da ordem.

Esta vastissima edificação compõe-se de quatro partes distinctas: 1.ª, o antigo convento, a igreja, claustros, &c.; 2.ª, o castello com seus baluartes e cerca; 3.ª, a grande quinta murada e 4.ª, o elegante aqueducto feito pelos Philippes II e III, que servio de modelo para o das *Aguas Livres*. Além das obras mandadas construir por D. Gualdim e seus successores, D. Manoel lhe fez diversos augmentos, não só como Rei, senão como seu gran-mestre. O mesmo aconteceu com D. João III e com os intrusos Philippes, cuja construcção do claustro, obra verdadeiramente admiravel, de estylo novo, e que aqui seria longo descrever, conserva ainda hoje o nome dos *Philippes*. Ao todo são 8 claustros. A vasta fachada do edificio é grandiosa e elegante, e goza de admiravel vista; porém no total a sua architectura não é symetrica, resen-

tindo-se de haver sido construido por partes e em diversas épocas. Desta gigantesca fabrica mal se poderá fazer uma idéa sem a ver ou percorrer: é um labyrintho, ou antes agradavel grupo de variados edificios formando uma villa tão grande como a de Thomar. Durante a guerra peninsular, se aquartelárão ahi por tres vezes meia duzia de regimentos, sem embaraçarem os freires em seus alojamentos; quasi que desapparecião na vastidão do seu recinto, sem incommodo dos claustraes.

Thomé e **Principe (governo de S.)**. Denomina-se tambem este governo *Guiné Portugueza do Sul*, e comprehende as ilhas de *S. Thomé*, *do Principe*, das *Rolas* e de *Anno-Bom*, assim como algumas feitorias situadas na fronteira costa chamada da *Mina*. O clima de todas estas colonias é geralmente pernicioso para os Europeos; o mais soffrivel é o de Anno-Bom. A ilha de *S. Thomé* é de figura oval, com 8 leg. de comprido e 24 de circumferencia; os montes basalticos que a percorrem são altos e conicos; um delles tem de elevação mais de 900 braças, e distingue-se ás vezes a perto de 30 legoas ao mar. O seu terreno é mui fertil; a canna de assucar que produz é de superior qualidade, e o café comparado com o melhor de Moka. Abunda em boas madeiras de construcção naval, uvas e especiarias da India. Já nella e na do Principe houverão mais de 15 engenhos de assucar, dos quaes só existem ruinas, porque forão destruidos por ordem do governo, afim de fazer prosperar os do Brasil, quando este lhe pertencia, segundo é voz publica. A pov. é quasi toda de negros e mulatos; o proprio cabido do bispo é composto de conegos pretos. A sua capital é a cidade de *S. Thomé* (chamada tambem *Chaves*), que terá 4,000 hab. e 500 casas baixas, onde residem as autoridades; tem um porto pouco seguro. O lado do S. desta ilha jaz debaixo do equador. Os Francezes e Inglezes lhe chamão *S. Thomas*; Bouillet lhe dá 20,000 hab. em 1844: julgamos demasiados.

Ilha do *Principe*. Pelo espesso arvoredo que cobre a sua superficie, muita vegetação, frescura e abundancia de agua, é da maior belleza, accrescendo ser muito fertil. Tem de comprido 3 leg. e 1-1/2 de largo. A sua capital é a villa de *Santo Antonio*, sit. a N. E. no concavo de um excellente porto fortificado; contém perto de 200 casas de um andar. As suas ruas são limpas e em todas corre agua: os habitantes, quasi todos negros, são os mais polidos e asseiados de todas as terras africanas austraes. Os navios podem aqui refazer-se abundantemente de refrescos, carnes e aguada. Exporta marfim, casco de tartaruga e boas madeiras de construcção. A ilha é geralmente fertil, insalubre e contém 10,000 hab., segundo Bouillet e Malte-Brun. A pequena ilha das *Rolas* está separada de S. Thomé por um canal de 1/2 leg. de largura, o qual fórma um excellente ancoradouro; tem 2 leg. de circuito, fica debaixo do equador e contém apenas pescadores, pastores e algum gado bravio.

Na ilha de *Anno-Bom*, assim chamada por ter sido descoberta pelos Portuguezes no 1.° de Janeiro de 1473, não ha governador desta nação, porque foi cedida á Hespanha, assim como a de Fernando Pó, no seculo passado; sendo comtudo por ella abandonada, continuárão os seus habitantes, que chegarão a 1,000, a reconhecer vassallagem do governo de S. Thomé, donde dista para o S. O. 18 leg. Goza de clima sadio, é muito alcantilada e fertil, e produz sem cultura toda a sorte de frutas e farinaceos da zona torrida. Os navios achão ahi refrescos abundantes e baratos. Attribue-se os ares saudaveis desta ilha ao estar ella completamente cercada pela corrente equatorial, cujas aguas são alguns gráos mais frias que as mais do golfo de Guiné que rodeião as outras ilhas. Todas ellas poderião ser de grande proveito para si e para a mãi-patria uma vez que fossem cultivadas quanto são

susceptiveis pelo que toca á canna d'assucar, café, cacáo, madeiras de lei e outros generos coloniaes.

A parte continental pertencente a este governo, o qual depende directamente do de Lisboa, reduz-se a algumas feitorias em decadencia ou abandonadas, ou *pontos*, isto é, paragens onde os traficantes de escravatura fazem as suas transacções com os regulos e embarcão os escravos destinados para o Brasil, os quaes, denominados *Minas*, são os mais vigorosos, intelligentes e fieis de toda a Africa. O forte de *S. João de Ajudá*, em latitude N. 6°, 15', bem que já n'um estado de extrema decadencia, é ainda a mais consideravel feitoria dependente deste governo. O castello e pov. de *S. Jorge da Mina* em latitude N. 5°, 10', foi fundação de Diogo de Azambuja por mandado de D. João II, o qual depois de 1486 lhe deu o foro de cidade, paz e commercio com *Cazamansa*, regulo dessa costa, donde tomou o nome de *Mina*. Os Hollandezes em 1638 se apoderárão desta colonia; hoje contém 16,000 hab., e é a capital de todos os seus estabelecimentos nessa costa.

O governo de S. Thomé, Principe e dependencias póde conter 38,000 hab. e uma superficie de 44 leg.

Tiago (S.), ilha. Veja-se *Cabo Verde*.

Tiago (S.), freg. de 1,400 almas no conc. de Toudella, a 2 leg. de Viseu, sit. em terreno frigido e pouco productivo.—*S. Tiago de Cacem*, villa do Alemtejo no distr. de Beja, donde dista 11 leg. para O., no fundo de uma enseada, em lugar sobranceiro, descortinando o Oceano que lhe fica a O. Não é grande esta pov., mas sim regularmente edificada, com excellentes ares, muitas aguas e grande numero de pomares que produzem laranja tão boa como a de Setubal e os melhores pecegos do reino, aos quaes chamão *miraolhos*. Tem fortificações arruinadas antiquissimas, e outros restos architectonicos que provão

a remota data da sua existencia: julga-se ser a antiga *Merobriga*, pov. fundada pelos Cyprios. Contém a villa 2,400 hab., e o conc. 7,900. Contigua fica-lhe a celebre lagôa de *Cacem* ou de *S. Tiago*, a qual chega a ter 5 leg. de circumferencia no inverno; encerra delicioso peixe, já do que lhe entra do mar, com quem todos os annos se communica natural ou artificialmente, já do que nella mesma se cria. Além disso, contém muitas especies de aves, que, por assim dizer, cobrem a sua superficie, ao mesmo tempo que as suas margens são povoadas de grande quantidade de coelhos e lebres, offerecendo deste modo, principalmente de Novembro até Março, um triplice e simultaneo divertimento de pesca e caça na agua e na terra. É a mais bella lagôa do reino.

Tibães, conc. 1-1/2 leg. a O. de Braga, com 3,000 h.

Timor, Solor, Flores, &c. Veja-se *Macáo*.

Tinhela, rio de Trás-os-Montes que entra na direita do Tua perto d'Alva, com 7 leg. de curso; a pov. do mesmo nome por onde elle passa é do conc. de Monforte e contém 500 hab.

Tinto, riacho. Veja-se *Porto*.

Tojal e **Tojalinho**, são duas aldêas de ribatejo a pouco mais de 2 leg. de Lisboa: a 1.ª contém perto de 1,000 h. e a mais importante fabrica de papel de todo o reino, pertencente ao conde de Tojal (J. de Oliveira), e a 2.ª 800.

Tondella, villa sit. 3 leg. a S. E. de Viseu, no conc. denominado de *Besteiros*, encerra 1,450 hab., e o conc. 14,000. É abundante em centeio, milho e caça.

Torcato (S.), villa sit. a 3 leg. de Braga, com 1,100 h.

Torgueda, freg. de 1,500 hab. no conc. de Villa-Real.

Torrão, conc. sit. 7 leg. a S. O. d'Evora, com 1,380 hab. Ha outra pov. no de Penafiel e a 6 leg. do Porto, com 1,200 hab. É patria de Bernardim Ribeiro, um dos melhores poetas bucolicos portuguezes.

Torre. Com este prefixo ha no reino perto de 20 pov., pela maior parte insignificantes; as que comtudo merecem alguma menção são as seguintes: — 1.ª, no conc. de Monção, a 9 leg. de Braga, com 1,000 hab.; —2.ª, *Torre do Pinhão*, no de Villa-Real, com 720; —3.ª, *Torre de Moncorvo*, veja-se este ultimo nome; —4.ª, *Torre de Dona Chama*, villa de Trás-os-Montes, cujo conc. encerra 3,000 hab., sit. n'uma elevada campina ao S. do Rio Tuela, e 4 leg. ao N. de Mirandella, onde se encontrão ainda vestigios de um castello arruinado no qual parece residíra uma rica proprietaria do mesmo nome. O seu termo é pouco salubre e falto de aguas, produzindo só algum centeio, castanhas, caça e seda. Dista 10-1/2 leg. a N. E. de Villa-Real, a cujo distr. pertence.

Torredeita, aldêa sit. a 1-1/2 leg. de Viseu, com 1,500 hab. Corre-lhe junto o riacho do mesmo nome, o qual entra na direita do Dão.

Torres-Novas, villa importante de 4,600 hab. no distr. de Santarem, donde dista 5 leg. a N. E., e 2 ao N. do Tejo, junto ao rio Azinhaga e em lugar baixo; é cercada de muros e tem um forte castello com 11 torres. Contém fabricas de pannos de algodão estimados, e o seu termo, que é extenso, abunda muito em azeite, vinho, cereaes e frutas, e encerra 17,000 hab. D. Affonso Henriques conquistou esta villa aos Mouros em 1148; havendo-a porém sitiado em 1190 o miramolim Aben Josef com grande exercito, tomou-a e a arrasou completamente. Comtudo, no mesmo anno, D. Sancho I a retomou e mandou repovoar. Em Janeiro de 1834, anniquilou diante della o marquez de Saldanha a famosa cavallaria miguelista — dragões de Chaves —, unico corpo que não deu o menor contingente para o exercito constitucional. Os soldados de D. Pedro desejavão fortemente encontrar-se com elles, o que afinal lhes aconteceu, e com tal felicidade, que,

procurando esse corpo duas vezes formar-se, nunca o pôde, sendo perseguido sem descanso pelos liberaes por mais de 2 leg. Continha a villa 3 conventos em 1834.

Torres-Vedras, antiga e notavel villa do distr. de Lisboa, donde dista 7 leg. ao N. e a 2 da costa maritima, sit. sobre o rio Sizandro, n'um terreno abundante em cereaes e vinho, cujo termo colhe perto de 20,000 pipas annualmente, sendo o branco superior, contém 3,600 hab. Foi fundada pelos Romanos; as suas ruas são estreitas e tortuosas. Teve dous paços Reaes: os *velhos*, de que não ha indicio, e os *novos*, no sitio hoje dos açougues. O seu mourisco castello, sit. n'um morro, murado a meia montanha, domina a villa e as estradas convergentes. O aqueducto que abastece d'agua a villa tem quasi 1/2 leg. de comprimento, pela maior parte subterraneo. Tornou-se esta villa celebre durante a guerra peninsular, porque formava o centro das grandes linhas fortificadas que em 1810 defendia o exercito luso-anglo, commandado por Wellington, e que servirão como um dique á segunda invasão dos Francezes commandados pelo marechal Massena; do que resultou poucos mezes depois, e sem se ter dado acção alguma, a necessidade de evacuarem o territorio portuguez. Estas extensas linhas, que tinhão 7 leg. de comprimento desde o Tejo até ao mar, e para cuja edificação foi necessario destruirem-se os formosos passeios de arvores que amenisavão as estradas que conduzião á villa, começavão na Alhandra sobre o Tejo, a 6 leg. dahi, e continhão 123 reductos fortes, 302 peças de campanha e obuzes e 60,000 homens. A sua mão d'obra custou perto de 3 milhões de cruzados sem contar os materiaes do Estado e os jornaes forçados ou *rodas*. Em 1847, o marechal duque de Saldanha, commandante das forças do governo cartista, por uma habil manobra, conseguio isolar nesta villa uma das tres divisões setem-

bristas ao mando do conde do Bomfim, forte de mais de 2,600 homens, bateu-a completamente e a obrigou toda a capitular. Nesta renhida refrega, foi mortalmente ferido o sabio e benemerito brigadeiro de engenheiros Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, perda que todos os partidos lamentárão.

Torto, pequeno rio de Trás-os-Montes que entra na direita do Tua, 1/2 leg. acima de Mirandella. Ha outro na Beira-Alta que desagua no Douro, abaixo do Pinhão, com 9 leg. de curso; tambem se lhe chama *Coura*.

Tourões ou **Turon**, pequeno rio da Beira que corre de S. a N. e nasce no sitio de Pouso-Bello, termo d'Almeida; passa por Rio-Secco, serve de limite ao reino de Leão e a Portugal por 3 leg., e entra no Agueda 3-1/2 leg. a E. d'Almeida, o qual continúa a seguir para o N. até lançar-se no Douro em frente de Castrede ou Castello d'Alva.

Trafaria, aldêa de pescadores sit. na barra e margem esquerda do Tejo; tem um presidio e serve de lazareto ao porto de Lisboa: estende-se por uma dilatada praia areenta e desabrida.

Tranca ou **Trancão**, é o riacho mais consideravel dos que formão o grande esteiro de Friellas: nasce 2 leg. a E. de Torres-Vedras, passa por Bucellas, até onde parece fôra antigamente navegavel, com margens bem cultivadas. Veja-se *Sacavem*.

Trancoso, antiquissima villa sit. perto da nascente do rio Tavora em amena e vistosa planicie, rodeada de velhas muralhas com 15 torres e castello, quasi tudo em ruinas e incapaz de sustentar uma mediana defesa, 4-1/2 leg. a O. de Pinhel, 7 a E. de Viseu, e 5 ao N. da Guarda, a cujo distr. pertence: contém 1,300 hab. Sitiada esta villa, então importante praça militar, por Albucazan, Rei mouro de Badajoz, e por elle ganhada, a recuperou D. Affonso Henriques com grande valentia do seu exer-

cito. A victoria porém mais famosa que ahi houve foi em 1385, e bem que a gente do partido do Mestre d'Aviz fosse em numero inferior aos Castelhanos, os venceu gloriosamente, fazendo-lhes immenso estrago e descercando a praça. Esta acção entre forças portuguezas bisonhas e diminutas foi uma das mais gloriosas que jámais se conseguio dos seus rivaes. O grande termo desta villa é muito fructifero e abundante em grão inferior e caça; é bastante frio no inverno e fresco no verão, por constar de terrenos elevados e arvorisados. É esta villa patria de João de Lucena, jesuita, um dos mais classicos escriptores da lingua portugueza, e de Gonçalo Eanes Bandarra, sapateiro de profissão, e cujas *prophecias* e *trovas* tanto contribuirão para arraigar o Sebastianismo.

Trapa, pov. de 1,140 hab. no conc. de Lafões.

Trás ou **Traz-os-Montes**. Das antigas provincias em que se dividia o reino, formava a região deste nome uma das mais extensas: hoje se divide em 2 distr. administrativos, conforme o decreto de 1835; porém como neste artigo se pretende descrever essa distincta porção do paiz, de per si bem caracterisada, com traços geraes, o que é muito mais natural do que por districtos isolados, como fica ponderado na *nota* a pag. 39, fallaremos de Trás-os-Montes como *região*.

A circumstancia de ser ella separada da de Entre-Douro-e-Minho pelas altas serras do *Marão* e *Gerez*, que lhe servem de balisas naturaes de N. a S., lhe originou o nome de atraz ou *tras* dos — ou *os montes*, em relação a est'outra provincia para o lado do Poente; ao N. é limitada pela Galliza, e a Este e Sul pelo rio Douro. O seu maior comprimento desde Paradella ou Quitelo, que é a terra mais oriental do reino, sit. 2 leg. a N. E. de Miranda, até o termo de Portella do Homem perto de Montalegre, é de 30 leg., e desde o extremo Norte da Terra da Lomba

até Castro d'Alva junto ao Douro em frente da foz do río Agueda é de 24. Varía porém esta largura, pois que desde o mesmo Douro no Peso da Regua até o termo de Montalegre apenas distão 14, e o menor comprimento desde o angulo que fórma o Douro a S. E. junto á confluencia do rio Agueda até o termo de Mezanfrio só ha 19 em linha recta, sendo a sua superficie total 340 leg. de 20 ao gráo, e a sua população 305,314 hab., segundo o recenseamento de 1845 feito por Claudio Adriano da Costa (*Revista Lisb.*, 1846, *pag.* 75), população mui diminuta para uma tal area, vindo a caber perto de 898 almas a cada leg., ao passo que a de Entre-Douro e Minho é de 3,333.

Diversas cordilheiras de serras que pela maior parte são ramificações de outras mais elevadas que se dirigem da Hespanha percorrem Trás-os-Montes de N. a S., principalmente no lado occidental. São ahi notaveis o *Marão*, cujas cumiadas principaes regulão por 4,300 pés acima do nivel do mar, e entre outras a de *Ermello* com mais de 4,400: a serra de *Luções* ao S. do rio *Torto* algumas apresenta com 3,000; as de *Villarelho* e da *Falperra* ao N. de Villa-Real com pouco menos, &c. É porém superior a todas a de *Montesinho* ao N. de Bragança, cujo principal pincaro excede 7,000 pés, e está pela maior parte do anno coberto de neve. São de menor vulto, porém ainda consideraveis, as seguintes: a de *Momil* parallela com o rio Sabor, donde dimana o rio Vacariça ao S. de Castro Vicente; a de *Montajo* entre os rios Tua e Zacarias; a de *Reboredo* junto a Moncorvo, e logo a de *Minde*, que vem terminar na ponta meridional do angulo que fórma o Douro perto de Castro d'Alva. A de *Rebordãos* ou de *Nogueira* ao S. de Bragança, em fórma de semi-circulo, tem um cume com 3,500 pés, &c. Além destes espinhaços ou saliencias notaveis do solo, apre-

senta tambem esta região, que de todas as de Portugal é a unica que não é banhada pelo mar, algumas planicies altas e dilatadas, ou planos sobrepostos ao geral do terreno, taes como o de *Chaves* com 2,000 pés acima do nivel do mar, o de *Montalegre* com 2,800, o *septentrional* com 1,600 a 2,400, o central com pouco menos, &c.

Não são menos numerosos seus compridos rios que sem excepção correm todos de N. para o S., e achão desaguadouro geral no *Douro*. É este sem duvida o mais caudaloso e importante de todos, pois que lhe rega o limite meridional e oriental n'um curso de 45 leg. de margens sinuosas, em grande parte bem cultivadas, e nas suas cercanias se colhem annualmente para cima de 70,000 pipas de excellente vinho, do denominado *Porto* em paizes estrangeiros. Vem após este o caudaloso *Tua*, que, nascendo na serra de Cabrera, prov. de Valladolid, e engrossado pelo *Tuela*, *Baceiro*, *Rabaçal*, *Ragua*, *Mercê* e outros affluentes, passa por Mirandella, onde tem uma grande ponte, e entra no Douro com um curso de 25 leg. sempre rapido por entre terrenos abundantes em azeite, seda, vinho e castanhas, aos quaes fertilisa. Parallelo a este umas 8 leg. para o Nascente, e na mesma distancia e igual direcção do Douro, em seu primeiro curso de N. a S. com que entra neste reino se acha o *Sabor*, tambem de origem hespanhola, e que passando perto de Bragança ainda com o nome de *Fervença*, recebe pela margem esquerda o *Maçans* e o *Crazedo*, pela direita o *Aziba*, o *Zacarias* e o *Villariça*, cujo extenso e fertilissimo valle deste ultimo nome rega, e reunindo-se-lhe mais alguns affluentes, passa perto de Moncorvo, em cujo concelho desagua no Douro com um curso de 23 leg., rapido, caudaloso e pouco navegavel, mas abundante em peixe. O *Tamega*, que entra em Trás-os-Montes já com um curso de 9 leg. desde a serra de S. Mamede no vizinho reino, passa por

Chaves, onde é atravessado por uma grandiosa ponte de pedra de construcção romana; corre depois sinuosamente pela base da serra do Marão, onde fórma numerosas cachoeiras, e depois de ter recebido o *Beça* e outros affluentes, penetra em Entre-Douro e Minho, desembocando no Douro junto da pov. de Albuzalema, e em frente do rio Paiva ou Pavia, por cujo motivo, ou por se achar parallelo ao *Corgo*, se denomina a esse sitio *Entre ambos os Rios*. Este rio, que em Portugal só corre umas 19 leg., se poderia tornar muito importante pela sua navegação, como vem apontado a pag. 438, e ainda que quasi sempre estreitado pelo alcantilado de suas margens, alguns valles rega, amenos e de extrema fertilidade, principalmente no seu curso inferior, accrescendo o ser abundante de peixe que habita as confluencias d'agua doce com a salgada, taes como saveis, trutas, lampreias, mugens e até salmões. O *Corgo*, o *Pinhão* e o *Carcedo*, ao qual tambem chamão *Murça*, são rios de menor curso, todos sit. entre o Tua e Tamega no distr. de Villa-Real, e com a mesma confluencia no Douro; nas margens delles se colhem afamados vinhos ditos da *Companhia*, e os campos que fertilisão são muito abundantes tambem de azeite, grão e castanhas, o que melhor se poderá consultar nos artigos *Corgo*, *Pinhão*, *Murça*, *Tamega*, e nos de *Commercio*, *Agricultura* e *Producções*, na 2.ª parte desta obra.

O solo de Trás-os-Montes é geralmente montuoso e secco, apezar de ser banhado por tantos rios, pois estes quasi sempre se deslisão por leito apertado, á excepção do Tua, do Sabor e do Douro, cujas inundações fertilisando o terreno o tornão em muitos sitios doentio, como acontece em Mirandella, Bragança, Miranda, n'outros lugares e em Chaves quando o Tamega se espraia pelas campinas adjacentes, ao que chamão *enxurrada*. Bem que ahi se encontrem altas planicies como as de Chaves.

Bragança, Montalegre e mais algumas, tambem encerra outras mui baixas e inferiores até ao alveo dos seus rios, as quaes de certo se tornarião pantanos a não ser a direcção das suas serras de N. á S., na base das quaes se escoão as torrentes no Douro. Estes sitios baixos são em geral quentes, de pouca salubridade e ventilação, mas muito ferteis e proprios para todo o generó de cultura. O seu clima, ainda que frio no inverno, em gráo superior á sua latitude, principalmente na região alta, é muito quente no resto do periodo annual, achando-se o geral da provincia defendido dos ventos tempestuosos de Este e Sueste pelas numerosas serras que a recortão.

É sem duvida que, exorbitando estes dous extremos, os Minhotos alcunhão a Trás-os-Montes « Terra de 9 mezes de inverno e 3 de inferno; » é exagerada a comparação. Verdade é que a temperatura da sua mais frigida região muito differe da que gozão os lugares mais quentes, e essa domina na raia do Minho, ao comprido da fronteira septentrional desde perto de Castro Laboreiro na direcção de Montalegre, Chaves e Bragança. O frio que ahi prevalece é devido á sua distancia do mar, e principalmente á grande elevação do terreno acima do Oceano, e por isso desabrido, bem como á vizinhança das altas montanhas da Galliza cobertas de neve quasi todo o anno. A florescencia das arvores fructiferas e outras plantas geralmente ahi se atrasa perto de um mez, comparando-a com a das partes baixas da mesma provincia, e o rigor do inverno antecede-o igual espaço.

Os seus valles inferiores são mui adequados para o plantio de amoreiras, arvore que exige calor e abrigo do açoute dos ventos, e com cujas folhas se alimentão innumeraveis bichos de seda, cuja producção fórma sem duvida o segundo artigo da riqueza do paiz. Esta seda é remettida em rama pela maior parte para o Porto, onde é manufac-

turada, e para Bragança, donde passa para a Hespanha, bem como para Mirandella, Chaves, Moncorvo, &c., onde se achão teares para a preparar: o total da sua producção annual não é inferior a 2,600 arrobas. Nesses mesmos sitios baixos e quentes prospéra a oliveira, produzindo abundantemente azeite da melhor qualidade, e a amendoa n'alguns delles é tanta, que para ter consumo, se exporta para a Beira, Minho e Hespanha. A caça é geralmente abundante, e não são raros os lobos e outros animaes damninhos. As castanhas não tem valor pela sua abundancia, e são commummente o alimento do gado suino, do que resulta serem deliciosas as suas carnes, tendo o castanheiro a vantagem de prosperar tanto nos terrenos altos como nos baixos. De ordinario são-lhe escassas as hortaliças no inverno, cousa que não acontece na vizinha prov. ao Poente, que quasi todo o anno é abrilhantada por uma vegetação meridional; porém as de Mirandella, Villa-Real e campos da Villariça excedem todos os outros sitios na abundancia e qualidade, e os seus excellentes repolhos conservão-se muitos mezes depois de apanhados, sem indicio de corrupção. Não é igualmente pouco valiosa a sua producção de cera e mel da melhor qualidade: em toda a parte abundão espontaneamente as colmeias. Os queijos de Freixo-d'Espada-á-Cinta e de Villariça são dignos da fama que gozão. Quanto a cereaes, poucos produz á excepção do milho, centeio e feijão; porém a batata e toda a qualidade de fructas que ha no reino, e que ahi abundão, supprem essa falta. É todavia para notar que a fruta de espinho adjacente ao Douro é igual á de Lisboa, e a que delle se aparta é azeda e produz em menor quantidade. São afamados os melões de Villariça, e realmente os melhores que em Portugal se podem encontrar. O canhamo prospera em todos os seus terrenos alagadiços, bem com[o]

linho, principalmente no concelho de Moncorvo, e em toda a parte se tecem delle afamados pannos; de sumagre tem sufficiente para os seus curtimentos. As carnes do seu gado vaccum e lanigero são das melhores do reino, e de ambos possue mais quantidade do que para seu consumo, a qual passa para Entre-Douro e Minho e Beira, formando igualmente a lãa um consideravel artigo de riqueza. Os seus cavallos, á excepção de algumas raças do Alemtejo, são os melhores do reino, e em grande parte fornecem o exercito. Ainda que se não possa comparar geralmente Trás-os-Montes com o Minho quanto á fertilidade do terreno, benignidade do clima aprazivel e risonho aspecto geral que apresenta este, contém todavia, a primeira alguns valles deliciosos e muitos cantões fecundos em tudo quanto é necessario para consumo diario de seus habitantes á excepção do sal. Além do que fica apontado, consiste a sua principal riqueza nas *vinhas do Alto Douro*, que produzem o vinho chamado do *Porto*, o qual constitue o mais consideravel ramo de commercio de Portugal. É tal esta producção, que só o districto chamado da *Feitoria*, que é o superior, produz annualmente perto de 70,000 pipas, como fica dito; e nas margens e cercanias do Douro, tanto na Beira Alta como em Trás-os-Montes, a colheita annual não desce de 150,000 pipas. Este assumpto vai mais competentemente elucidado na 2.ª parte desta obra nos artigos *Commercio*, *Producções* e *Agricultura*.

São os Trasmontanos no geral uma raça de homens valentes, corpulentos, muito bem apessoados e de estatura superior aos do Minho e Beira. A sua boa fé é proverbial, e contrastão singularmente com os habitantes do Sul do reino por caracteristicos que notavelmente os distinguem pela sua honradez e devoção politica realista. É por certo a região de Portugal onde os costumes de

nossos bons avoengos se tem conservado mais pura e rigidamente observados, e por ventura mais atrasada a moderna civilisação, se é que a isso se deva chamar a corrupção e modernas utopias sobre nosso sensato antigo estado social, salvas as aberrações. Tem sempre sido a cavallaria transmontana considerada a melhor de Portugal em todos os tempos, não só no material, mas tambem nos manejadores da arma. Accrescentaremos que a sua infantaria pesada não merece menor nomeada, sendo na sua maioria formada de homens corpulentos e valorosos. Contrario ao habitante do Minho, o Transmontano raramente sahe da sua provincia a procurar fortuna n'outra parte, pois o seu riquissimo paiz, ainda mui pouco cultivado, lhe proporciona meios de prover á sua subsistencia, cousa que não póde ter lugar na vizinha provincia pela superabundancia de sua população, ao passo que Trás-os-Montes, sendo tão pouco povoada em relação á sua superficie e productora dos melhores vinhos do mundo, offerece maiores vantagens aos seus cultivadores, e gozaria de superiores vantagens a todo o reino se tivesse boas estradas, e se seus numerosos rios fossem navegaveis ou canalisados. Um autor francez, M. Chaudon, que no fim do seculo passado escreveu sobre esta provincia, diz em formaes termos (e somos da sua opinião) ser ella a mais importante de Portugal, pois, não fallando em outros artigos de consumo domestico, só em linho e seda produzia annualmente perto de um milhão de cruzados, e em vinho mais de 6 mil contos de réis annuaes: quanto a esta ultima verba, podemos asseverar que hoje se acha ella augmentada, o que mais competentemente se poderá consultar na 2.ª parte desta obra. Os seguintes mappas serviráõ de elucidar alguns quesitos relativos á sua estatistica.

Mappa geral da Divisão, Superficie, População e Contribuição Predial, Pessoal e de Maneio, de Trás-os-Montes no anno de 1847.

	Superficie em leg. quadradas de 20 ao grão.	Conc.	Freg.	Fogos.	População.	Imposto predial, etc. cobrado de 1846 a 1847.
Distr. de Bragança.	197	19	176	32,627	122,932	75:241 $ 009
» » Villa-Real.	143	25	259	44,650	182,382	90:383 $ 068
Total.	340	44	435	77,277	305,314	165:624 $ 077

Mappa geral da Colheita dos Cereaes abaixo designados em Trás-os-Montes no anno de 1847.

	Moios de trigo.	Moios de milho.	Moios de centeio.	Moios de cevada.
Distr. de Bragança.	5,918	353	34,290	1,165
» » Villa-Real.	1,261	19,712	21,632	712
Total.	7,179	20,065	55,922	1,877

Povoações principaes dos dous districtos que hoje compoem a antiga provincia de Trás-os-Montes.

	Habit.		Habit.
Villa Real, cap. de distr. . .	5,000	*Favaios*.	1,130
Chaves, praça d'armas. . .	4,782	*Villarinho de S. Romão*. . .	1,100
Bragança, cid. cap. de distr.	3,648	*Villa Flôr*.	1,100
Peso da Regua.	2,224	*Ruivães*.	1,000
Ermello.	2,000	*Vimioso*	1,000
Santa Martha de Penaguião .	2,000	*Felgar*.	1,000
Moncorvo	1,900	CONCELHOS MAIS POVOADOS.	
Godim	1,650		
Fontes	1,600	*Montalegre*, pov. 850 h. conc.	18,500
Mezãofrio	1,480	*Monforte*. . . 540 . . .	8,812
Faiões	1,430	*Miranda*, cid. . 460 . . .	7,029
Villa-Pouca d'Aguiar. . . .	1,400	*Mogadouro* . . 660 . . .	6,030
Mirandella.	1,320	*Vinhaes* . . . 600 . . .	5,900
Lobrigos	1,200	*Alfand. da Fé* . 600 . . .	4,680
S. Mamede.	1,220	*Murça*. . . . 867 . . .	4,460
Alijó.	1,230	*Outeiro* . . . 628 . . .	4,200
Freixo d'Espada á Cinta. . .	1,220	*Castro Vicente* . 620 . . .	3,300

Travanca, villa e freg. a 7 leg. de Braga e 2 d'Amarante, com 1,500 hab. Ha mais no reino perto de 10 pov. do mesmo nome; as principaes são: — 1.ª, no conc. de Pinheiro de Bemposta a 6 leg. de Aveiro, 700 hab.; — 2.ª, no da Feira, 5 leg. ao S. do Porto, 850 hab.; — 3.ª, denominada do *Douro*, a 6 leg. de Lamego, 580 hab.; — 4.ª, denominada de *Lagos*, no conc. de Lagos da Beira e a 10 leg. de Coimbra, 1,100 hab.

Trocifal ou Turcifal, pov. de 1,780 hab., sit. quasi 7 leg. ao N. de Lisboa e a 1/2 leg. de Torres-Vedras, em

campina fertil, porém sezonatica, regada pelo rio Sizandro e na estrada Real. A 1/3 de leg. se acha edificada a ermida de *Nossa Senhora do Bom Successo*, monumento antigo que recorda a luta entre Portuguezes e Mouros. A ponte de *Sangue*, que atravessa o mesmo rio, corrobora uma legenda de que nesse sitio tivera lugar um combate sanguinolento entre ambos. O tecto da igreja, de arco diagonal, indica uma reconstrucção, e a columnata que o sustenta pertence á architectura sarracena.

Troviscal, freg. do conc. de Recardaens, 1,000 hab. — Ha outra no da Certãa com 1,320, em fertil e abundante campina, regada de muitas fontes e regatos, rica em pastos, gado lanigero e vaccum.

Tua, rio que nasce na serra de Cabrera, prov. de Valladolid, e havendo recebido alguns affluentes, entra em Trás-os-Montes 2 leg. ao N. de Vinhaes, com o nome de *Tuela*; unem-se-lhe pela esquerda o Baceiro, e pela direita o caudaloso Rabaçal e o Ragua, que correm da Galliza, e reunidos pouco abaixo de Val-de-Telhas, tomão o nome de *Tua*, havendo antes, pelo seu curso parallelo, formado uma especie de peninsula que se denomina *Terra da Lomba*. Na direcção do S. passa por Mirandella já com extenso alveo, e ahi tem uma magnifica ponte de cantaria com 19 arcos, e se espraia bastante, o que no verão produz febres, e em todas as estações torna a villa pouco saudavel. Segue na direcção do S. a incorporar-se com o Douro, recebendo 4 leg. antes pela direita o Tinhela, e outras tantas ao N. o Mercê pela esquerda. Os diversos ramos de que se compõe este caudaloso rio, cujo curso é quasi parallelo ao do Sabor, atravessão ao principio terrenos mui fragosos; porém, desde que elle entra em Portugal, tornão-se estes mais planos e ferteis, principalmente em vinho, castanhas e seda, não fallando n'outros fructos que abundão em toda a provincia. As

suas aguas são piscosas em saveis e lampreias que sobem do Douro, e o seu curso não é menor de 25 leg.

Tuela, rio que nasce na Galliza e é o principal affluente do Tua. Veja-se *Tua* e *Ragua*.

Tuyas, villa e freg. vizinha de Penafiel, e a 8 leg. do Porto; o seu conc. contém 2,000 hab.

U

Ucanha, conc. de 2,400 hab. a 1/2 leg. de Lamego.

Ul, pov. do conc. de Pinheiro da Bemposta, sit. perto do pequeno rio do mesmo nome que desagua no Antuã; 1,100 hab. Os seus arredores são pouco salubres.

Ulme, villa do distr. de Santarem sit. ao S. do Tejo, donde dista quasi 1 leg. e perto do rio Alpiarça, com 800 hab.; abunda em grão e melancias.

Unhão, conc. do distr. de Braga, donde dista 6 leg., não longe de Amarante, com perto de 4,000 hab.

Uréa, freg. de 1,200 hab., do distr. de Villa-Real, conc. d'Alfarella. Ha outra do mesmo nome no conc. de Villa-Pouca d'Aguiar com 1,250 hab.

Urro, aldêa do conc. de Arouca sit. 7 leg. a S. E. do Porto, 800 hab. — *Urrô*, outra no conc. de Penafiel.

Urros, extensa freg. do conc. de Moncorvo, e perto da serra de Minde, com 800 hab.; nella está o mausoleo de um S. Apollinario, o qual, segundo a tradição, foi ahi martyrisado na invasão dos Mouros, sendo bispo de Caliabria, antiga pov. romana, da qual restão ainda algumas ruinas, sit. pouco ao N. de Villa-Nova de Foscoa, no lugar denominado *Calabre*.

V

Vacariça, villa muito abastada, sit. 4 leg. ao N. de Coimbra e 1/2 ao S. do Bussaco, contém 1,800 hab., e o seu termo o dobro: é abundantissima em gado vaccum, donde lhe veio a denominação, em azeite, milho, centeio e caça; fica em terreno baixo, porém salubre e bem regado pelo rio Couto e seus affluentes.

Vagos, villa e freg. a 2 leg. de Aveiro, sit. entre a ria e o mar: o seu conc. encerra 5,000 hab., e a villa 3,400, pela maior parte occupados na pesca e tripulações. Nas suas cercanias ha marinhas e abunda o peixe.

Val. Com este prefixo ha perto de 50 pov. em Portugal, pela maior parte insignificantes; as mais notaveis são: — 1.ª, *Val d'Azeres*, a 3 leg. da Guarda, com 762 hab.; —2.ª, *Val de Besteiros*, fertilissimo terreno outeirado e chão no conc. de Tondella, e 3 leg. a O. de Viseu, produz grande quantidade de cereaes e fruta de espinho, com 1,628 hab.; — 3.ª, *Val Bom*, 1 leg. a E. do Porto, com 1,800, quasi todos pescadores; —4.ª, *Val de Nogueira*, villa do distr. de Bragança, a 8 leg. de Miranda, 450 hab.; —5.ª, *Val de Nogueiras*, no conc. de V. Real, 1,000 hab.; —6.ª, *Val Passos*, no conc. de Chaves, abastada pov. de 1,700 hab., sit. em boa posição militar, e celebre pela derrota que ahi soffreu em Dezembro de 1846 o visconde de Sá da Bandeira, commandante da força da junta do Porto, occasionada pela deserção de dous corpos de linha seus, os regimentos 3 e 15 de infantaria, para o lado das forças do governo commandadas pelo conde do Casal, com quem fizerão causa commum.

Valadares, freg. de 1,050 hab. do conc. de Villa-Nova de Gaia, e a 1 leg. do Porto. Ha outra villa e freg. pouco arruada perto de Monção que contém 12,000 hab., sit. 11 leg. ao N. de Braga, e 1 freg. do mesmo nome a 4 leg. de Viseu, com 800, no conc. de Bayão e a 11 leg. do Porto.

Valdevez, Veja-se *Arcos de Valdevez.*

Valelhas, villa de 1,360 hab. sit. a 3 leg. da Guarda.

Valença do Douro, villa sit. 4-1/2 leg. a E. de Lamego, perto do rio Tavora: é pouco importante.

Valença do Minho, villa e praça d'armas sit. na esquerda do Minho, quasi em frente de Tuy na Galliza, em sitio dominante. Póde-se considerar a primeira praça forte do Norte do reino. Está em lat. N. 42°, 3', e long. O. de P. 10°, 51'; sua pop. é de 1,900 hab., sem contar a guarnição. Em 1837, o general barão de Leiria a defendeu valorosamente contra os setembristas, e em 1847, sustentou ella um cerco tambem renhido contra os mesmos, até que o general castelhano Concha a veio salvar (pelo convenio de *Gramido*). Esta praça, a terceira do reino por sua posição importante, está edificada n'um terreno elevado, domina todos os arredores e até a fronteira Tuy; acha-se em perfeito estado de fortificação, e dista 9-1/2 leg. ao N. de Braga e 71 de Lisboa. Pretendem alguns de nossos chronistas que fôra fundada pelos companheiros de Viriato quasi seculo e meio antes da éra christãa; outros, que pelos de Decio Junio Bruto, todavia sem probabilidade, accrescendo que, passando pelas suas immediações a via militar romana que de Braga conduzia a Astorga, e fazendo-se no seu roteiro menção de algumas pov. vizinhas, em Valença se não falla, o que sem duvida aconteceria se existisse nessa época. É pois de crer que Valença se fundára no periodo em que se separárão os dominios de Portugal dos de Leão, em que o soberano deste ultimo paiz se vio obrigado a oppôr-lh'a em defesa ás incur-

sões do lado da corôa da mãi-patria. Sabe-se apenas com veracidade que D. Affonso II lhe deu fôro de villa em 1217, que D. Affonso III a reedificou e lhe mudou em 1262 o nome de *Contrasta* pelo que hoje tem.

Valformoso, riacho do Algarve onde nasce na serra do Caldeirão, perto da aldêa de S. Estevão, corre para o Sul, banha Faro e Olhão, e se lança em frente da ilha dos Cães, com 8 leg. de curso muito espraiado na sua foz, ou antes com um largo esteiro ou lameirão formado pelo mar.

Vallada, pov. do distr. de Santarem e conc. do Cartaxo, sit. na direita do Tejo a 12 leg. de Lisboa, 1,400 h.

Valle. Algumas pov. ha no reino com esta denominação; as mais importantes são: —1.ª, no conc. d'Arcos de Val-de-Vez, com 1,000 hab.; —2.ª, a 2 leg. de Braga, com 858; —3.ª, no conc. da Feira, 4 leg. ao S. do Porto, com 1,000; —4.ª, *Valle de S. Martinho*, a 2 leg. de Braga, com 500.

Valle de Zebro, pov. sit. n'uma enseada da esquerda do Tejo, conc. do Barreiro. É aqui que aportão os vapores da companhia que conduzem passageiros para Setubal e Alemtejo. Possue uma ponte de estacaria de centenares de pés de comprido, que conduz do ancoradouro por cima de terrenos encharcados até junto a uma padaria Real que outr'ora fornecia todo o exercito. Um moinho que faz parte deste vasto edificio põe em movimento oito pares de mós colossaes que trabalhão com agua do Tejo canalisada. Um grande celleiro, cuja abobada é sustentada por 48 pilares, póde recolher simultaneamente 70,000 saccos de trigo e 32,000 barricas de farinha. Durante a guerra peninsular, apromptavão-se ahi diariamente em 27 fornos 100,000 rações de bolacha e pão de munição. A aldêa é pouco povoada e sezonatica; os terrenos fluviaes adjacentes são alagadiços, e os do interior de triste apparencia: um solo coberto de arêa

fina amarellada prolonga-se até á serra da Arrabida. Pinheiraes e matos de alecrim e de zimbro cobrem esta superficie arenosa, cujo transito é summamente penoso: o mesmo succede quasi geralmente na margem esquerda do rio desde Salvaterra até á Trafaria, o que prova que as suas aguas já a cobrirão em grande parte.

Vallongo, pov. do conc. do Maia 2 leg. ao N. do Porto, sit. junto á serra do seu nome que encerra minas de prata pouco exploradas, e já conhecidas pelos Romanos, quasi que fornece exclusivamente de pão e biscouto a cidade juntamente com Avintes. Contém hoje 3,166 hab. —*Vallongo do Vouga*, extensa freg. de 2,160 hab., sit. perto da esquerda do mesmo rio e a 3 leg. a E. de Aveiro.

Varão ou **Barão,** villa e freg. sit. perto de 2 milhas acima de Monte-Mór o Velho na esquerda do Mondego ea 2-1/2 leg. de Coimbra, 1,300 hab.

Varzea. Ha no reino uma duzia de pov. deste nome; as que mais avultão são:—1.ª, no conc. de Santarem, com 700 hab.;—2.ª, no de Tavares, 4-1/2 leg. a E. de Viseu, com 650;—3.ª, no da Certãa, com 1,100;—4.ª, no de Amarante, com 800;—5.ª, denominada *de Abrunhaes*, perto de Lamego, com 680; —6.ª, *Varzea do Douro*, no conc. de Penafiel, com 700;—7.ª, *Varzea de Goes*, no de Goes, com 1,000.

Vascão, pequeno rio do Algarve, nasce ao N. da serra do Caldeirão, e entra na direita do Guadiana, unido ao Careiras e Lampas que corre do Alemtejo: tem de curso 9 leg.; é rapido e pouco piscoso.

Veiros, freg. de 1,650 almas no conc. d'Estarreja, 7 leg. ao S. do Porto. Ha outra villa e freg. do mesmo nome no distr. d'Evora, sit. 1-3/4 leg. de Extremoz, com 1,400 hab. No seu antigo castello nasceu, em 1370, o 1.º duque de Bragança D. Affonso, filho natural de

D. João I, o qual, casando com D. Brites, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, deu origem ás casas reinantes de Portugal e do Brasil.

Vendas-Novas, aldêa do distr. d'Evora sit. na estrada central do Alemtejo, 4 leg. a O. de Montemor e a 11 de Lisboa. Bem que o seu sitio seja arido e areento, mandou ahi D. João V edificar faustosamente um palacio para ser alojada a familia Real n'uma só noite, pela occasião das *passagens*, isto é, do casamento da infanta D. Barbara com o Rei Fernando VI de Hespanha, e da infanta D. Marianna Victoria com o principe de Portugal D. José, que ao depois foi Rei. Dado que um tanto estranho ao assumpto deste artigo, mas por ser de utilidade historica, transcrevemos o seguinte trecho da util obra de Jacome Ratton—*Recordações*—pag. 177: « Era tal a magnificencia deste Monarcha..... (D. João V, fallando do dito palacio, &c.) que pela mesma occasião se fez um chafariz no sitio dos Pegões, encanando-se-lhe a agua de bastante distancia, o qual, sendo de grande utilidade no dito sitio, se acha totalmente arruinado por descuido dos ministros territoriaes. Foi tal o esplendor destas passagens, que todos á porfia caprichárão qual teria maior fausto, do que resultou empenharem-se tanto as casas dos grandes, que nunca mais, depois daquelle tempo, se puderão sustentar sem continuadas graças do soberano; o que os reduzio a uma extrema dependencia delle, até que por fim se vio na necessidade de promulgar a pragmatica de 1748 que regulava o fausto que devia ter cada jerarchia ou ordem do Estado, &c. » Contiguo ha uma tapada Real muito abundante de caça, onde elle e seus successores ião passar temporadas; hoje porém está deshabitado o palacio, e a aldêa apenas contará 400 hab. O mesmo tem acontecido aos *Pegões*, outra pov. 4 leg. a O. de Vendas-Novas, onde o mesmo Rei edificou outra quinta Real, além

da obra do chafariz acima mencionada; tudo vai em decadencia.

Vereza, rio. Veja-se *Laca*.

Vermuil, pov. sit. a 3 leg. de Leiria, 1,400 hab.

Verride, villa e freg. de 1,100 hab., sit. 5 leg. a O. de Coimbra.

Vez, pequeno rio que rega o fertil valle do mesmo nome, e com mais 3 affluentes entra na direita do Lima, quasi em frente de Ponte da Barca; pertence ao distr. de Vianna. Chama-se tambem rio *Cabrão*: um dos seus ramos nasce na serra da Estrica e outro na de Soajo.

Via-Longa, amena e agradavel pov. do termo de Lisboa, donde dista 3 leg. a N. E., e 1 d'Alverca para o centro: contém 1,350 hab., e uma bella quinta pertencente ao marquez de Loulé.

Vianna, denominada do *Alemtéjo*, villa do distr. d'Evora, donde dista 5 leg. a S. O., sit. sobre o rio Charrama, affluente do Sado, em deliciosa campina por se achar rodeada de arvoredo, vinhas e terras mui fructiferas, dominando extensas varzeas n'uma encosta da serra do seu nome. A sua planta é regular, com ruas rectas e bem alinhadas. Encerra um mosteiro de freiras da ordem de S. Jeronymo, o unico que jámais existio e existe em Portugal; contém 1,500 hab.

Vianna, denominada do *Minho* ou do *Lima*, antiga, rica e uma das mais notaveis povoações do reino, capital de um dos seus 17 districtos administrativos, e ha pouco (Março de 1848) elevada á categoria de cidade pela lealdade que mostrou e soffrimentos que padeceu durante a ultima revolta dos setembristas. Está edificada em amena planicie, na falda de um outeiro que a domina do lado do N., e na foz do rio Lima do lado direito, onde tem um soffrivel porto, outr'ora muito frequentado, porém que vai soffrendo aterros de arêa: possuia

então bom numero de navios empregados no commercio e na pesca do bacalháo da Terra-Nova. O castello de S. Tiago lhe domina a entrada : é fortificação consideravel, e em 1847 sustentou uma brilhante defesa por parte dos cartistas contra as sitiantes tropas da junta do Porto. Consta de 5 baluartes, 2 revelins e fossos cortados em rocha viva, nos quaes entra agua; defende-lhe a entrada do rio juntamente com outro chamado Cão. Ambos são obra mandada edificar por Philippe II. Veja-se o artigo *Fronteira*, *Litoral*, &c. É digna de ser commemorada uma extensa e solida ponte de madeira que tem sobre o mesmo rio.

Esta cidade está geralmente bem situada, é sadia e limpa; tem um consideravel commercio, principalmente de vinho, cereaes, sal e frutas, e antigamente possuia avultados estabelecimentos de pescaria, em cujo ramo ainda hoje se occupão bastantes de seus habitantes, cujo total passa de 9,000. É rodeada de muros com 5 portas; tem alguns soffriveis edificios e um extenso cáes que a defende das inundações do rio, o qual, ainda que caudaloso nesse sitio, póde apenas receber navios de 150 toneladas, porque no canal do Sul, que é o mais fundeavel dos tres em que o dividem os bancos de arêa, só ha 15 a 16 palmos d'agua. Vianna dista 11 leg. ao N. do Porto e 63 de Lisboa; está em lat. N. 41°, 42', e long. O. de P. 11°, 4'. Attribue-se a sua fundação aos Gallos-Celtas 300 annos antes da éra christãa: chamou-se ao principio *Nemetanobriga*, dos *Nemetos*, povo da Gallia que a habitou, depois *Velobriga* por corrupção, e finalmente *Diana*, por ahi ter essa Deosa um famoso templo, e hoje *Vianna* por alteração. Antes da extincção das ordens regulares, continha 6 conventos de frades e 3 de freiras. O seu distr. administrativo é o mais pequeno do reino, porém proporcionalmente o mais povoado, pois conta 182,015 hab. n'uma superficie

de 73 leg. quadradas. Em 1847 produzio 1,685 moios de trigo, 27 de cevada, 46,852 de milho, 21,632 de centeio, 16,000 pipas de *vinho verde*, e contribuio com 96:523$166 réis de imposto predial pessoal e de maneio. Do seu porto sahirão 12,950 moios de cereaes em 1848, e entrárão 193 navios de todo lote.

Vicente (**Cabo de S.**), outr'ora *Promontorio Sacro*, é a ponta de terra mais occidental do continente da Europa e de Portugal (depois do cabo da Roca), sit. na lat. N. 37° 3', e long. O. de P. 11°, 19', quasi 1 leg. a N. O. da villa de Sagres. Forma uma pequena peninsula de 80 braças de comprido, variando na largura de 18 a 30, cujas ribas de rochedo a pique tem por vezes mais de 300 pés de altura. Na sua summidade tem um convento, bateria desmantelada e hospicio para os navegantes, e bem que em grande altura, quando o mar bate encapellado no fraguedo, salta por cima dos telhados de um ao outro lado. No litoral ha grandes furnas onde se tem achado pedras preciosas. O mar ahi é de espantosa braveza e de difficil mareação; muitas embarcações tem vindo á costa, e rara é aquella cuja tripulação se salva; por isso mandou o governo edificar ahi um pharol em 1835. Eis a legenda que a respeito de *S. Vicente* é materia de fé acreditar em Portugal: —Havendo este Santo soffrido o martyrio em Valença (Hespanha), os christãos transportárão seu corpo para este promontorio, onde lhe derão sepultura, e dahi *Promontorium Sacrum*, o convento e o hospicio para os romeiros. Tendo D. Affonso Henriques conquistado Lisboa aos Mouros, tomou o Santo por padroeiro da cidade; dessa trasladação, effectuada por sua ordem, se conserva a memoria nas armas della, que são um navio com dous corvos, alludindo ao vaso que o transportou e os carnivoros bichos que se abstiverão de tocar no cadaver depois do martyrio. As suas reliquias se conservão ainda na Sé de Lisboa. —O Inglez Drake saqueou e incendiou

esta povoação em 1587, já duas vezes antes assolada pelos Mouros; por isso Philippe II em 1606 a mandou fortificar. Tem-se tornado celebre esta paragem por tres combates navaes memoraveis: o almirante francez Tourville ahi bateu a esquadra anglo-hollandeza em 1693; o vice-almirante Jervis, ós Hespanhóes em 1797 (donde lhe veio o nome de *Lord S. Vincent*), e em nossos dias, o almirante Napier, com a esquadra da Rainha de Portugal, em 1833 derrotou e tomou a de D. Miguel. Veja-se *Sagres*.

Vicente da Beira (S.), villa e freg. do distr. de Castello-Branco, donde dista 4 leg. ao N., sit. em terreno montanhoso e pouco fertil; encerra 1,710 hab., e o seu termo 3,800.

Victorias e **Derrotas**, ou **Combates** e **Convenios**. Com este titulo vem unicamente abaixo indicados os sitios e nomes das povoações do reino de Portugal continental que tem sido theatro das principaes victorias ou derrotas dos Portuguezes desde o começo da monarchia até o fim da ultima contenda em 1847. Para seu conhecimento, consultem-se os seus artigos alphabeticamente descriptos neste Diccionario, e são os seguintes: *Alandroal*, *Alcacer do Sal*, *Alfarrobeira*, *Aljubarrota*, *Almada*, *Almeida*, *Amarante*, *Ameixial*, *Arcos de Val-de-Vez*, *Asseiceira*, *Atoleiros*, *Beja*, *Bussaco*, *Campo-Maior*, *Cartaxo*, *Castello-Rodrigo*, *Castro-Verde*, *Chaves*, *Cezimbra*, *Cintra*, *Elvas*, *Estremoz*, *Evora*, *Evora-Monte*, *Feira* (Campo da), *Gaia*, *Gramido*, *Leiria*, *Lisboa*, *Marnel*, *Marvão*, *Monção*, *Montes-Claros*, *Moroiços*, *Montijo*, *Ourique*, *Pederneira*, *Peniche*, *Pernes*, *Ponte-Ferreira*, *Porto*, *Prado*, *Rio-Tinto*, *Roliça*, *Ruivães*, *Santarem*, *Setubal*, *Silves*, *Souto-Redondo*, *Tamega*, *Thomar*, *Torres-Novas*, *Torres-Vedras*, *Trancoso*, *Valença*, *Val-Passos*, *Vianna*, *S. Vicente* (cabo), *Vimeiro*.

Vide, villa e freg. de 2,200 hab. no distr. da Guarda, situada perto da villa de Cea, em sitio montanhoso e frio.

Vidigueira, villa sit. 7 leg. ao S. d'Evora, em aprazivel e fertil campina: o seu termo contém 2,400 hab. El-Rei D. Manoel condecorou ao celebre almirante D. Vasco da Gama com o 1.º titulo de conde da Vidigueira. Vindo este a fallecer em Cochim em 1524, forão seus restos trazidos para esta villa, e ahi jazêrão por mais de 3 seculos, até serem profanados em 1840 por alguns malvados com a cubiça de lhe roubarem objectos de valor que suppunhão no jazigo. Por ulterior portaria do governo, determinou-se que fossem trasladados seus venerandos ossos para a igreja de Santa Maria de Belem, junto a Lisboa. É patria do celebre escriptor Achilles Estaço.

Vieira, conc. distante 2-1/2 leg. a E. de Braga, com 4,000 hab. Ha uma freg. do mesmo nome 3 leg. a O. de Leiria e do seu conc., com 580.

Villa. Com este prefixo existem no reino para cima de 60 povoações, quasi todas com subsequentes appellidos e invocações; porém pela maior parte não correspondem ao titulo, pois não são *villas:* resumiremos a descripção das principaes segundo a ordem alphabetica.

Villa do Bispo, no Algarve, 1-1/2 leg. a E. do cabo de S. Vicente e 9 de Faro. Foi villa importante e bem povoada; pelo terremoto de 1755 escapou-lhe uma só casa, e hoje conta apenas 750 hab.

Villa-Boa, freg. do distr. de Viseu, donde dista 3 leg., 1,030 hab.—*Villa Boa do Bispo*, no conc. de Penafiel, 7 leg. a N. E. do Porto, 1,380 hab.—*Villa Boa de Roda*, pov. de 1,108 hab. do conc. de Guimarães.

Villa-Boim, a 1 leg. d'Elvas, villa de 900 hab.

Villa-Chãa. Só no Minho e em Trás-os-Montes ha 16 pov. com esta denominação, porém todas escassamente povoadas e pouco importantes.

Villa do Conde, no distr. do Porto, donde dista 4 leg.

ao N., sit. na margem direita e junto á foz do rio Ave, em frente de Azurara. É inverosimil que D. Sancho fundasse esta villa em 1200, como pretendem alguns de nossos chronistas, pois já ahi havia um castello chamado *Castro*, obra dos Romanos. Veio-lhe o nome de *Villa do Conde*, por ter sido senhor della o 1.° conde de Barcellos. O seu mosteiro de Claristas é riquissimo em alfaias, ornatos, formoso templo, e possuia crescidas rendas, as quaes, sendo em grande parte provenientes de dizimos, caducárão. Foi outr'ora habitado por 120 freiras, as mais dellas fidalgas, bem como por muito tempo foi elle donatario da villa e de outras da mesma provincia: a abbadessa, com o seu ouvidor, sentenciava as appellações das sentenças do juiz, possuindo absolutamente todos os direitos Reaes, anomalia que acabou em 1537, reinando D. João III, que deu a donataria da villa a seu irmão D. Duarte. Tem um soffrivel porto, exposto porém á travessia do Poente, que é sempre rija e contraría o seu trafico de pescaria do alto e da costa em que se occupão os seus habitantes, que excedem 3,200. Possue um extenso e bello aqueducto que corre parallelamente á costa, e, passando pelo vasto mosteiro acima dito, abastece a villa de excellente agua. Na sua enseada aportou a 7 de Julho de 1832 a expedição liberal vinda da Terceira; porém, havendo o governador José Cardoso intimado a D. Pedro que resistiria a qualquer tentativa, teve a mesma de desembarcar mais ao Sul, na praia do Mindelo. Veja-se *Lavra*.

Villa-Cova, denominada da *Coelheira*, villa e freg. de 1,520 almas a 4 leg. de Lamego.—*Villa-Cova da Lixa*, freg. do conc. de Felgueiras e a 7 leg. de Braga, com 1,200 hab. Ha mais no Minho 6 *Villas-Covas*, todas pov. medianas.

Villa-Facaia, freg. de 1,170 hab. no conc. de Pedrogão-Grande, em sitio montuoso e de bons pastos.

Villa-Fernando, a 2 leg. da Guarda, com 1,080 hab.

Villa-Flôr, outr'ora *Povoa d'além-Sabor*, conc. sit. 3-1/2 leg. a N. O. de Moncorvo, nas faldas da serra de Val-freixoso, contendo 3,400 hab. em diversas freg. Abunda em vinho, azeite e frutas. Ha outra pequena villa do mesmo nome sit. 7 leg. a N. O. de Portalegre, junto á esquerda do Tejo, a qual é o solar do duque da Terceira.

Villa de Frades (S. Cucufate), conc. do distr. de Beja, sit. 5 leg. ao N., com 1,340 hab.

Villa Franca do Campo. Veja-se *Açores*.

Villa Franca de Xira, no distr. de Lisboa, donde dista 5-1/2 leg. a N. E., sit. na direita do Tejo, importante villa de 5,000 hab., e a 2.ª pov. de Ribatejo; possue algumas casas nobres e faz consideravel commercio com Lisboa e Santarem: os seus arredores são amenos e fertilissimos. Uma milha a S. O. e contigua ao rio, encontra-se uma bella quinta, e outra meia leg. a O. da mesma villa um palacio no sitio denominado do *Farrobo*, ambas pertencentes ao rico conde do mesmo nome. A 2.ª que é palacio foi completada em 1838 e contém um bello theatrinho e uma tapada, porém é feio o seu local. Foi nesta villa que em 1823 o infante D. Miguel proclamou a reacção absolutista contra o governo constitucional. A sua proximidade de Lisboa na margem de um grande rio faz com que sejão frequentes as suas communicações, auxiliadas por um barco de vapor de carreira diaria. O movimento de passageiros nesta carreira foi em 1848 de 43,600. Foi Villa-Franca fundada por uma colonia de Francezes ou *Francos*, donde lhe veio o nome, em tempo de D. Affonso Henriques, e no decurso do tempo muito tem contribuido para se opulentar, a proximidade das fertilissimas *Lezerias*. Veja-se este nome.

Villa d'Igreja, villa e freg. com 1,260 hab. a 3 leg. de Viseu, proxima á direita do riacho Satão, que desagua

na direita do Dão: o seu conc., denominado Satão, consta de 3,000 hab.: abunda em gado, milho e centeio.

Villa-Nova da Cerveira, praça d'armas e villa fronteira da prov. do Minho e do distr. de Vianna, sit. na margem esquerda do rio Minho, a 2-1/2 leg. da sua desembocadura, e 9 a N. O. de Braga, em frente do forte hespanhol de Goyan, que a domina: a villa conta perto de 1,200 hab., e o conc. 7,660, sendo uma das mais antigas do reino. O máo estado das suas fortificações, junto á desvantagem da sua posição, torna impossivel a sua defesa. O mesmo se póde dizer de *Melgaço*, tambem fluvial.

Villa-Nova de Famalicão, veja-se *Famalicão*.

Villa-Nova de Foz-Coa, villa de 2,900 hab. sit. perto da esquerda e foz do Coa com o Douro, e 1/2 leg. ao S. de Moncorvo. É uma das mais ricas pov. da Beira-Alta, pelo muito commercio que ahi se faz tanto em sedas como em artigos coloniaes e mantimentos de que serve de deposito e intermedio para as terras comarcans de Hespanha e Portugal. Offerece-lhe estas vantagens o Douro, que é navegavel até ás suas vizinhanças. Nella se achão estabelecidos desde tempo immemorial judeos e *christãos-novos*, nos quaes houve em Julho de 1808 uma horrorosa carniceria e saque por parte da plebe, em razão de se julgar que favorecião a usurpação franceza. —*Villa Nova de Gaia*, veja-se *Gaia*. —*Villa-Nova de Mil Fontes*, conc. de 1,830 almas do distr. de Beja, donde dista 14 leg. a S. O., sit. na direita da foz do rio Odemira, onde tem um pequeno porto. —*Villa-Nova de Portimão*, veja-se *Portimão*. —*Villa-Nova da Rainha*, freg. do conc. d'Alemquer, sit. junto ao rio deste nome e a 1/4 de leg. da direita do Tejo, dista 9-1/2 leg. a N. E. de Lisboa: é nesse sitio que está o cáes dos vapores de Ribatejo e onde cessa a sua navegação de barcos de quilha. Os seus arredores produzem vinhos excellentes e a aldêa encerra perto de 1,400 hab.

Villa-Pouca d'Aguiar, villa e freg. do distr. de Villa-Real, donde dista 5 leg. ao N., e sit. perto do rio Corgo. A villa contém 1,400 hab., e o conc. 8,700. Pouco ao Poente fica-lhe a serra do mesmo nome, a qual se prolonga com o Tamega e o Pinhão para o S.; não é mais que um ramo do Marão.

Villa da Praia da Victoria. Veja-se *Açores.*

Villa-Real, rica, industriosa e importante villa, a mais consideravel povoação de Trás-os-Montes, de quem é uma das suas capitaes (a outra é Bragança), sendo do numero das 17 administrações geraes do reino. Está sit. sobre o rio Corgo, onde tem uma grande ponte, 2 leg. ao N. do Douro, 3 de Lamego e 60 de Lisboa. Foi fundada por El-Rei D. Diniz pelos annos de 1283; está collocada n'um delicioso e fertilissimo valle que produz em abundancia muita fruta, milho e vinho maduro: exporta obras de ferro, linho e seda. Possue excellentes passeios, chafarizes, boas casas e perto de 5,000 hab. O seu distr. administrativo civil contém 143 leg. de superficie, 25 conc., 259 freg., 44,650 fogos e 182,382 hab.; no anno de 1847 contribuio com 90:383$068 réis de contribuição predial, pessoal e de maneio, e produzio 43,317 moios de cereaes, sendo 19,712 de milho e 21,632 de centeio. Quasi todo o excellente vinho denominado do Alto-Douro é produzido no seu districto. Consultem-se os artigos *Tras-os-Montes*, *Producções*, *Commercio* e *Agricultura.*

Villa-Real de Santo Antonio de Arenilha, pov. do Algarve fundada pelo marquez de Pombal, que a fez edificar em 5 mezes no anno de 1744 com grande dispendio publico e dos particulares, muitos dos quaes forão obrigados a mandar ahi construir casas. A edificação é magnifica: ruas largas e alinhadas, em angulos rectos, boa praça com formoso obelisco de marmore, bella matriz,

paços do concelho e outros edificios que a aformoseão, grandiosa frontaria para a frente do Guadiana, de cuja foz dista 1/4 de leg. e fronteira a Ayamonte. Não se concluio porém o primitivo projecto, e ficou a villa em menos de metade. Neste ponto falhou a politica ao sabio Pombal, o que arruinou a grande pescaria que se fazia nesse sitio. Era ella já tão consideravel em 1724, que nesta praia havia para cima de 5,000 homens, afóra muitas mulheres, que em differentes ruas de cabanas occupavão mais de 1 leg., e contavão-se não menos de 100 barcos de arrastar. Com a edificação da villa e obrigação de a ella se ir vender o peixe em lotes, afim de unicamente lucrarem os Portuguezes, levantárão-se dahi os moradores das cabanas, e as que restárão mandou o governo incendiar afim de habitarem a villa. Forão porém os pescadores acolher-se a Higuerita, porto da Hespanha, onde encontrárão mais vantagens e garantias, e a nova villa não póde progredir. O seu porto, que fica na direita do Guadiana, póde receber navios de alto bordo; assim mesmo a sua exportação de peixe salgado anda annualmente por perto de 50 contos de réis. Em 1845, não passou de 46 contos, além do do consumo. Contém o conc. 2,800 hab., e dista 8 leg. a E. de Faro e 46 a S. E. de Lisboa. Julga-se que o verdadeiro motivo da edificação desta villa, a qual devia conter fortes baterias, era o assenhorear-se a corôa portugueza da entrada do Guadiana e sua exclusiva navegação.

Villa de Rei, villa de Santarem 5-1/2 leg. a N. E. de Thomar, 2,300 hab. e com o conc. 3,400.

Villa do Sul, a 4 leg. de Viseu, villa e freg. de 1,635 hab. sit. perto do riacho Sul, que se lança na direita do Vouga em S. Pedro do Sul.

Villa-Velha de Rodão. Veja-se *Rodão*.

Villa-Verde. Ha 5 pov. deste nome, todas insignifi-

cantes; a mais notavel é a denominada dos *Francos*, sit. 2-1/2 leg. a N. E. de Torres-Vedras, nas faldas da serra de Montejunto. Adquirio o epitheto de *Verde* pela frescura e viço de seus campos abundantes de cereaes e frutas, e o dos *Francos* por a ter povoado com seus nacionaes um cavalleiro francez chamado Alard, que se achára na tomada de Lisboa e a quem D. Affonso Henriques a dera em premio de seus serviços.

Villa-Viçosa, notavel villa sit. n'uma planicie tão fertil e viçosa, que lhe veio a dar nome; pertence ao distr. d'Evora, donde dista 7 leg. a N. E. e 2-1/2 d'Estremoz. É bem edificada, com ruas largas, alinhadas e limpas, e no centro tem uma bella praça regular, da qual occupa dous lados o palacio dos duques de Bragança, por muitas vezes habitado pela côrte, de grandiosa architectura, adornado de numerosas columnas doricas, ionicas e corinthias, porém no geral com proporções architectonicas pouco elegantes. Nelle ha um salão que contém 25 quadros, de tamanho natural, dos possuidores da casa de Bragança. Contiguo ao palacio está o seu vasto jardim excellentemente arvorisado. Pelo lado da Hespanha, de cuja raia dista 3-1/2 leg., é esta villa defendida por uma fortaleza antiga, cercada de muros e de profundo fosso. Entre outros edificios que a adornão, é notavel o magestoso templo da Conceição, de 3 naves com grandes ornatos, e sito dentro do castello, obra do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Continha 7 conventos, 3 dos quaes erão de frades. A 3 leg. de distancia se encontra a famosa tapada ducal ou *coutada*, que tem 5 leg. de circuito, abundantissima em toda a qualidade de caça, e que sempre passou pela melhor do reino: é tambem murada, e encerra um palacio. É esta nobre villa a séde ou côrte da ordem militar de *Nossa Senhora da Conceição*, denominada mesmo de *Villa-Viçosa*, instituida pelo principe regente

em 1818. Contém 3,600 hab., e foi a primeira pov. do Alemtejo que ousou quebrar o jugo francez em Junho de 1808, como se o ter sido assento da casa de Bragança, donde em 1640 foi tirado um João para cingir a corôa, a constituisse agora na obrigação de preceder ás outras da provincia no alçar o braço para arrancar essa mesma corôa a outro estranho jugo, e restitui-la a outro João. Em 1470, foi erigida em marquezado e doada a D. Fernando II, filho do 1.° duque de Bragança, e successor nos seus grandes estados, o qual nella teve a sua côrte e os seus primogenitos, até passa-la para Lisboa, subindo ao throno um delles, D. João IV, e andando sempre annexa á casa de Bragança: pertence ao herdeiro da corôa, outr'ora principe do Brasil.

Villar. Ha em todo o reino perto de duas duzias de pov. deste nome, ou com mais alguma denominação, como sejão: *Villar do Paraiso*, —*de Perdizes*, —*do Pinheiro*, —*Torpin*, &c., porém quasi todas freg. ou aldêas derramadas, insignificantes em riqueza e população. Note-se entretanto que *Villar Secco da Lomba* ou *Terra da Lomba*, na prov. de Trás-os-Montes, se chama ao terreno outeirado que medêa entre os rios Rabaçal e Ragua, formando como uma especie de *lombo* ou combro pela sua disposição telhada, e uma perfeita peninsula na direcção de S. a N., desde Brocaes até ao limite da Galliza, com 4 leg. de comprimento e 2 de largura. Começa 4-1/2 leg. ao N. de Mirandella, e outras tantas a E. de Chaves. Poderá conter 2,600 hab. derramados em pequenas aldêas.

Villarelho, cordilheira de montes graniticos que com diversas denominações se estendem desde o rio Tua até S. Fins do Douro, no distr. de Villa-Real. Nas suas raizes estão as pov. de Favaios, Alijó, &c. Esta ultima é regada por um grande manancial que nasce n'uma alta planicie

ou *plató* que existe no cume da serra. Do pincaro do cabeço da *Senhora da Cunha*, que está proxima ao Amieiro, se goza da optica de uma vasta extensão.

Villariça, fertilissimo valle de 3 leg. de comprimento e de 1/4 a 1/2 de largura, regado pelo riacho do mesmo nome que o concentra com o rio Sabor, 2 leg. ao N. de Moncorvo no distr. de Villa-Real. Este tracto de fertil terreno produz abundantemente azeite, cereaes, fruta, seda, e para cima de 1,500 quintaes de linho e canhamo. Veja-se *Moncorvo*. Sua laboriosa população, que excede 8,000 almas, não está arruada em aldêas.

Villarinho. Com este nome encontrão-se perto de 15 pov. só nas prov. do Minho e Trás-os-Montes, quasi todas pouco importantes; as mais notaveis são: —1.ª, no conc. da Louzãa a 4 leg. de Coimbra, com 1,200 hab.; 2.ª, *Villarinho do Bairro*, villa e freg. do distr. de Aveiro, com 1,600; —3.ª, *Villarinho da Castanheira*, tambem villa de 900 e o seu conc. de 3,700, sit. 2 leg. a N. O. de Moncorvo, n'um outeiro, com ruinas de antigo castello: abunda em castanha, sumagre, seda, gado e caça; — 4.ª, *Villarinho de S. Romão*, no conc. de Villa-Real, com 1,100 hab.; — 5.ª, *Villarinho de Samardãa*, aldêa do mesmo conc., com 900.

Villela. Ha 7 aldêas ou freg. deste nome na prov. do Minho e 2 na de Trás-os-Montes; nenhuma excede 700 h.

Vimeiro, freg. de 480 hab., do distr. de Leiria, sit. n'um valle regado pelo riacho Maceira, 18 leg. ao N. de Lisboa. O exercito alliado portuguez e inglez, commandado por lord Wellington, derrotou aqui o francez, ao mando do marechal Junot, a 21 de Agosto de 1808, em virtude do que se seguio a convenção de Cintra, pela qual os Francezes evacuárão Portugal. —*Vimeiro*, aldêa do conc. da Lourinhãa 10 leg. a N. O. de Lisboa, 300 hab.

Vimieiro, villa e freg. do distr. de Braga, 1,570 hab.

Ha outra villa e termo que contém 1,700 hab., sit. 5 leg. a N. E. d'Evora e 2-1/2 d'Estremoz. Ha outra aldêa no conc. de Tordella, a 1-1/2 leg. de Viseu, 420 hab.

Vimioso, villa e freg. do distr. de Bragança, sit. perto da esquerda do rio de Maçãas, o qual fórma em parte o limite da fronteira e 3 leg. a O. de Miranda do Douro, contém 1,000 hab., e o seu conc. outros 2,000.

Vinhaes, grande conc. do distr. de Bragança, donde dista 4 leg. a O., sit. perto da direita do rio Tuela, affluente do Tua; encerra antiguidades no seu territorio. A villa tem castello e muros construidos por El-Rei D. Diniz para a defender dos vizinhos fronteiros, dos quaes dista 2 leg., e é de 600 hab.; o conc. contém 5,900; nelle se colhe muita seda que é remettida em rama para o Porto, manufactura-se bello panno de linho do qual se exporta annualmente perto de 28 contos de réis e bastante vinho para a Hespanha.

Viseu, cidade episcopal, antiquissima, uma das 17 divisões administrativas do reino, e quartel da 2.ª divisão militar, sit. na região da Beira-Alta, em aprazivel campina sobreposta ao vasto plató do mesmo nome que tem 1,300 pés de altura acima do nivel do mar, fertil em vinho, castanha, laranja e linho, porém exposta no inverno a rigoroso frio e no verão a intenso calor, em razão de sua alta e montanhosa posição. A sua antiga cathedral está collocada no sitio mais alto da cidade, e contigua a dous torreões, obra dos Romanos. Nella ha de curioso a denominada *cava de Viriato*, onde pretendem alguns historiadores se acoutava este valente chefe lusitano (a quem tambem dão Viseu por patria), para evitar as pesquisas dos Romanos, e onde finalmente foi morto á traição por dous de seus officiaes subornados pelo chefe inimigo. Este illustre guerreiro, de simples pastor que era, tornou-se o mais temivel inimigo da republica

romana, só inferior a Hannibal, havendo, por combates parciaes nos terrenos da Lusitania que conhecia a palmo, exterminado tres exercitos romanos. Ha mais de notavel em Viseu a escada do seu *Seminario*, por ser construida em arco tão disfarçado, que parecem os degráos perfilados em linha recta, e irem desabando para os lados, em razão de se acharem desamparados. Attribue-se a fundação desta cidade aos Turdulos, 500 annos antes da éra christãa, á qual chamárão *Verurium* ou *Vicus Aquarius*, talvez por ser situada entre o Mondego e o Vouga (*Vacuus* ou *Vacua*). Antigamente havia ricas minas de estanho nos seus arredores; hoje nem vestigios. Alguns principes da casa Real portugueza tem gozado do titulo de duques de Viseu, e entre elles o sabio infante D. Henrique o *Descobridor*, 4.° filho de D. João I; o infeliz infante D. Diogo, filho de D. Duarte, assassinado pelo proprio Rei D. João II em 1484, e o grande Rei D. Manoel. Todos os annos ha nesta cidade uma feira no mez de Setembro, talvez a mais importante de todo o reino. Contém a unica freg. da cidade 6,800 hab.: dista 15 leg. a S. E. do Porto e 45 de Lisboa. O seu distr. encerra 148 leg. de superficie, e 289,038 hab., e em 1847 contribuio com a quota de 126:396$830 réis de imposto predial, pessoal e de maneio. Entre os muitos litteratos que tem produzido esta cidade, podem-se citár El-Rei D. Duarte I, autor do *Leal Conselheiro* e outras obras classicas, o celebre historiador e grammatico João de Barros, autor das *Decadas* da Asia, obra traduzida em quasi todas as linguas vivas, e Gaspar Barreiros, tambem celebre polygrapho.

Vizella, pequeno rio do Minho que entra na esquerda do Ave ou Dave. Nas suas margens, onde ha caldas frequentadas desde o tempo dos Romanos, porém hoje de inferior estima, ha duas povoações. Veja-se. *Caldas*.

Vouga, caudaloso rio, nasce perto da villa da Trapa

na serra de Currellos, 6 leg. a N. E. de Viseu, corre 3 leg. ao N. desta cidade, rega as villas do Eixo, S. Pedro do Sul e Vouga, e desagua na ria de Aveiro, 1 leg. ao N. desta cidade, com um curso de 20 leg., e só 4 de navegação. Seus affluentes são: á direita, os ribeiros Sul e Caima; á esquerda, o riacho Brazella, o Agueda e Couto. No conc. de Serêm começa a ser orlado de amenos e fructiferos campos que continuão até á sua foz na ria, 3-1/2 leg. descendo. As inundações do Vouga tornão estes campos fertilissimos em milho, feijão, hortaliça e linho, porém insalubres no verão. Veja-se *Aveiro*.

Vouga, abastada pov. sit. sobre o mesmo rio, perto de 3 leg. da sua foz, e pouco mais a N. E. de Aveiro: 3,000 hab. Seus arredores são muito ferteis em hortaliças.

Vouzella. Veja-se *Lafões*.

X

Xarrama, rio, veja-se *Charrama*.

Xevora, caudaloso rio do Alemtejo, formado por quatro braços; o mais comprido que nasce em Portugal, tambem chamado *Abrilongo*, sahe da serra de Alegrete e passa junto de Codiceira; o outro nasce na de Arronches. Quanto aos dous restantes, nascem na Estremadura hespanhola. Este rio corre quasi de N. N. O. a S. umas 10 leg. parallelo e na mesma direcção do Caia, passa pela praça de Ouguela, servindo por perto de 4 leg. de limite á fronteira portugueza, e se lança no Guadiana já em territorio hespanhol junto a Badajoz.

Z

Zacharias ou **Zacarias**, ribeira caudalosa de Trás-os-Montes, nasce na serra de Montajo ou de Montemel, 2 leg. ao Nascente de Mirandella, e se lança no Sabor 1/2 leg. ao Poente de Moncorvo, com 6-1/2 leg. de curso. Tem uma forte ponte de 4 arcos.

Zambujal, pov. de 790 hab. a 3 leg. de Coimbra. Ha outra inferior no conc. de Redondo, a 5 leg. d'Evora.

Zatas ou **Zetas**, rio do Alemtejo, nasce perto de 2 leg. ao S. de Veiros, recebe á direita o Soro, o Erra e o Aviz unido com o Ervedal, nome que toma em alguns sitios, e á esquerda o Odivor, os dous Terras e outros affluentes menores. Segue um curso muito sinuoso de Nascente a Poente; suas aguas são geralmente barrentas e alagão a miudo com as cheias os campos que fertilisão; e depois de um curso tortuoso de 26 leg., desemboca no Tejo abaixo de Salvaterra, a 8 leg. de Lisboa. É o mais caudaloso affluente que este rio recebe em Portugal. Ao principio fórma-se de uma multidão de torrentes que descem umas das faldas meridionaes da serra d'Arronches e outras das que se achão a O. de Barbacena, e ao N. de Villa-Viçosa, seguindo as primeiras a direcção de O., e as segundas a de N. O. até á sua juncção nos campos de Benavilla no termo de Fronteira, e então prosegue no rumo de E. a O. uma meia duzia de leg. até verificar a sua confluencia com o Ervedal, recebendo outros riachos e o caudaloso Odivor.

Zebro ou **Val de Zebro**, pequena pov. junto a Coina na esquerda do Tejo, a 3 leg. de Lisboa: é onde desem-

barcão os vapores da carreira Sul do Tejo. Veja-se *Val de Zebro.*

Zezere, antigo *Osecarius*, o mais rapido rio de todo o reino, dos de primeira classe, nasce nos geleiros da serra da Estrella, no sitio de Val da Loba perto d'Alfaiates, passa entre os dous Pedrogãos e desagua na direita do Tejo, pouco abaixo de Villa-Nova da Restauração (Punhete), recebendo pouco antes pela direita o Nabão, seu affluente principal. Tem de curso 26 leg., e nelle se pescão magnificas trutas. Veja-se *Estrella* (serra da).

Zezere, freg. do conc. de Penafiel, com 1,700 hab.

Zibreira, villa do distr. de Castello-Branco, perto da raia, com 1,080 hab. Ha uma aldêa do mesmo nome no distr. de Santarem e conc. de Torres-Vedras. 560 hab.

POVOAÇÕES QUE EXISTIRÃO EM PORTUGAL

E QUE OU MUDÁRÃO DE NOME OU SE EXTINGUIRÃO.

AGUAS CELENAS, CILINAS OU CELANAS. Era pov. do Minho, da qual falla Ptolomeu e Antonino no seu Itinerario, parece ser hoje a freg. de *Fão:* outros a constituem no sitio de *Barcellos*, induzidos pelo vocabulo do rio *Celano*, que por ahi passa, e hoje se chama Cávado: a primeira supposição é mais provavel.

AGUAS FLAVIAS, é hoje a villa de Chaves em Trás-os-Montes; assim chamada do nome do Imperador *Flavio* Vespasiano e dos banhos que nella havia. Foi colonia romana das mais importantes.

AGUAS LAYAS OU LEENAS. Querem alguns que fosse pov. sit. entre a villa de Monção e o conc. de Valladares; é mais provavel porém que fosse a cidade de *Lais*, capital dos povos Turolicos, e existira no sitio de Lanhoso, termo de Caminha.

AMOEA OU PORTUS ALACER, hoje *Portalegre.*

ARADUCA, julga-se ser o antigo nome da pov. que a notavel *Guimarães* supplantou, da qual fallando Manoel de Faria e Souza diz:

> N'aldêa d'Araduca celebrada
> Pela rara belleza das pastoras, &c.

Pretendem outros com menos probabilidade ser *Amarante.*

ARADUCTA, é hoje a antiga villa d'*Arouca.*

ARITIUM PRÆTORIUM, hoje *Benavente.*

Aroche ou Arucitana, hoje *Moura.*

Balsa. São os antiquarios geralmente de opinião que fosse pov. sit. onde hoje está *Tavira;* porém, segundo Ptolomeu e Ortelio, parece ser *Castro-Marim* no Guadiana; e outros, talvez pela semelhança do nome, julgão *Baleisão*, villa a 2 leg. de Beja.

Bracara Augusta, hoje a cidade de *Braga.*

Beselga. Foi pov. com titulo e grandeza de cidade; julga-se ser *Agueda*, a 1 leg. de Thomar ou *Chão de Maçãas.* Na primeira se tem encontrado ruinas que attestão a sua antiga existencia.

Britonia. Foi pov. florentissima em tempo dos Suevos e Godos, e séde episcopal; é incerta a sua sit. Pretendem alguns que existira no lugar de *Britiandos*, conc. de Ponte do Lima, e outros no de *Birtello*, perto de Ponte da Barca.

Brœtoleum, existio no sitio onde está *Vianna do Minho.*

Budua, hoje *Ouguella*, 4 leg. ao N. d'Elvas.

Calantia ou Calantica, hoje *Arrayolos.*

Cale, Calem ou Portus Gallus, cidade do *Porto.*

Caliabria, foi grande pov. romana, sit. n'um monte, ao N. de Villa-Nova-de-Foscôa, no sitio ainda chamado *Calabre.*

Ceciliana ou Castra Ceciliana, nome talvez deduzido de *Cicilio* Metelo, foi consideravel pov. sit. entre Alcacer e Setubal; julga-se ser *Aguas de Moura* ou *Palma.*

Celiobriga, hoje *Celorico de Basto*, a 3 leg. da Guarda.

Cellium, hoje *Ceiça*, perto de Thomar.

Centocellas, era pov. sit. perto de *Belmonte.*

Cetobriga, é hoje a importante villa de *Setuval.*

Cinania. Foi grande pov. romana e afamada pelo valor de seus hab., porém de incerta situação: alguns a collocão na serra do Marão, outros sobre o rio Ave a 1-1/2 leg. de Guimarães, e outros entre Lanhoso e Pedralva.

Collipo. Foi um importante municipio romano, e nas suas ruinas se levantou *Leiria.*

Comboetum Luboenorum ou Concia, corresponde-lhe hoje *Miranda do Douro*, no mesmo rio em Trás-os-Montes. Chegou a ser importante municipio romano.

Concordia, cidade que teve seu assento 1 leg. ao Poente de Thomar, onde se encontrão ainda restos d'alvenaria. Houve outra, tambem denominada *Bertobriga*, junto ao Guadiana.

Contraleucos ou Catraleucus, foi populosa colonia romana, em cujas ruinas se erigio a villa do *Crato:* querem outros que seja *Castello-Branco.*

Conimbrica, hoje *Condeixa a Velha*, 2 leg. ao S. de Coimbra.

Ebora ou Liberalitas Julia, hoje *Evora*, cidade.

Eburobritium, hoje *Evora*, d'Alcobaça.

Egitania. Foi nobilissima cidade romana, no sitio onde hoje está *Idanha a Velha* ou arredores.

Elteri, em suas ruinas está hoje *Alter do Chão.*

Eminio ou Eminium, hoje *Agueda* no distr. d'Aveiro.

Equabona, hoje *Coina*, no Tejo, 3 leg. ao S. de Lisboa.

Evandria, hoje *Olivença*, que já não pertence a Port.

Felicitas Julia ou Olisipo, hoje *Lisboa.*

Flaviobriga. Pretende João de Barros seja *Favayos.*

Forum Limicorum, hoje *Ponte do Lima.*

Fraxinum, julga-se ser hoje *Alpalhão* ou *Gavião.*

Gerabrica ou Jerabrica, hoje *Povos*, junto a Villa-Franca segundo alguns: pretendem outros que seja *Alemquer;* porém já muito antes dos Romanos se dava a esta ultima pov. o dito nome, e ao depois se chamou *Allan kirk* (igreja dos Allanos). A edificação de *Povos* é pouco anterior á de Villa Franca: veja-se.

Helvii, é hoje a forte praça d'*Elvas.*

Igoedita. Julgão uns ser *Idanha*, outros a *Guarda.*

Lacobriga. Foi cidade famosa dos Romanos, sobre cujas ruinas se edificou *Lagos*, no Algarve, bem que erradamente se pretenda ser *Alvor*, fundada por Hannibal, e a outros *Santiago de Cacem.*

Lama, Lameca ou Lamacoenorum, hoje *Lamego.*

Lancobriga ou Langobrica, hoje *Feira.*

Liberalitas Julia, hoje *Evora*, cidade.

Matusaro, occupa hoje as suas ruinas *Ponte do Sôr.*

Merobriga. Houve duas consideraveis pov. deste nome na Lusitania; a 1.ª no sitio onde está hoje *Monte-Mór o Velho*, e a 2.ª no de *S. Tiago de Cacem*, ambas no Alemtejo.

Myrtilis Julia. Existio este famoso municipio romano no sitio de *Mertola*, hoje villa do Alemtejo, na direita do Guadiana.

Moro. Foi antiga praça d'armas, já anterior ao dominio dos Romanos, e sit. na direita do Tejo. As mais provaveis opiniões julgão existisse onde ora vemos *Tancos*, *Pays de Pelle* ou *Villa da Restauração*: parece que com as ruinas da sua alvenaria se construira o castello d'*Almourol.*

Nabancia. Esta pov. ficava ao Nascente de Thomar, e nella nasceu a virgem martyr Santa Iria. Veja-se *Santarem.*

Noebia, hoje *Neiva* ou Castello de—.

Olysipo, Olisipo ou Felicitas Julia, hoje *Lisboa.*

Ossonoba, hoje supplanta-a *Estoy* no Algarve, a 1 leg. de Faro. Foi cidade importante e episcopal. Os Mouros a arruinárão e lhe mudárão o seu nome no de *Exubona.*

Panonias. Grande colonia romana sit. nos arredores de Villa-Real, hoje freg. de *Val de Nogueiras.*

Pax-Julia, é hoje a cidade de *Beja.*

Pesurus, é o rio *Ponsul* de hoje.

Pineto. Foi cidade romana existente no lugar que hoje se chama *Val de Telhas*, 5 leg. distante de Chaves.

Portus Hannibalis, hoje *Villa Nova de Portimão.*

Salacia. De duas cidades com este mesmo nome se achão memorias: uma a 5 leg. de Braga, no sitio de *Salamonde*, na esquerda do Cávado, e a outra esteve onde hoje se vê *Alcacer do Sal*, e foi tão notavel pov. que os Romanos a chamárão imperial, *urbs imperatoria*, honra que lhe concedeu Augusto Cesar, fazendo-a tambem municipio romano.

Saurium, hoje *Soure*, villa 4 leg. ao S. de Coimbra.

Scalabis ou Juliam Præsidium, hoje *Santarem.*

Talabrica, hoje cidade de *Aveiro.*

Tuntobriga. Foi cidade romana pertencente á chancellaria de Braga, e da qual se não sabe mais que o nome, provavelmente sit. na Cantabria (Asturias).

Tubuci ou Tuvuci, hoje *Abrantes*, no Tejo.

Vacca. Querem alguns autores que esta colonia, fundada pelos Turdulos 500 annos antes da éra christãa, estivesse sit. no lugar que hoje occupa *Viseu*, outros no da villa do *Vouga*: a primeira opinião é mais verosimil.

Verurum ou Viccus Aquarius, pretendem igualmente alguns que fosse a mesma *Vacca* ou *Viseu.*

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.